
XVII

Encontro da

ABPMC

28 a 31 de Agosto, 2008

Quinta-Feira	02 à 23
Sexta-Feira	24 à 210
Sábado	211 à 366
Domingo	367 à 449

Conteúdo dos trabalhos apresentados no
Encontro de 2008 em Campinas – São Paulo

Curso: “O Desenvolvimento Infantil sob a Perspectiva da Análise do Comportamento: elementos para a compreensão do trabalho com autistas”

Cintia Guilhardi - Grupo Gradual, Paula Gioia - PUC-SP, Leila Bagaiolo - Grupo Gradual, Claudia Romano - Grupo Gradual

O curso tem como proposta destacar relações comportamentais da primeira infância e enfatizar a construção do ambiente social da criança com desenvolvimento típico. Faz parte dessa proposta, também, indicar aspectos fundamentais do desenvolvimento infantil que permitam, comparativamente, a identificação precoce de problemas de desenvolvimento. Para tanto, foram planejadas discussões a respeito da construção de relações importantes entre o bebê e seu mundo que tornam possível a sua “transformação” em um indivíduo social e a possibilidade do trabalho com crianças que não apresentam a mesma sensibilidade. Essas discussões terão como conteúdo os seguintes tópicos:

- o repertório inicial do bebê;
- a construção do comportamento operante;
- a construção de reforçadores condicionados, generalizados;
- a construção do ambiente;
- o aprender com o outro;
- o autismo e as falhas do responder frente a determinados estímulos ;
- as possibilidades de identificação precoce de “falhas” nas relações comportamentais discriminativas;
- a construção e ampliação do repertório de crianças e jovens autistas;
- a generalização e a preparação do ambiente “externo”.

Curso: “Análise do Comportamento em Instituições de Saúde: teoria e aplicação”

Vera Lucia Adami Raposo do Amaral - PUC-Campinas / SOBRAPAR

A Análise do Comportamento para a Saúde baseia-se no behaviorismo radical, filosofia da ciência que define o comportamento dos organismos como seu objeto de estudo. Ao se buscar as “causas” do comportamento busca-se a contribuição de fatores do ambiente externo e interno do organismo aos eventos comportamentais. Esta perspectiva é distinta tanto do mentalismo como do ambientalismo radical (Moore, 2002). Uma parte do comportamento é eliciada por estímulos de importância primariamente biológica e foi selecionada através da evolução em virtude de seu valor de sobrevivência para as espécies. Outra forma de análise do comportamento enfatiza as contingências ambientais que afetam o comportamento de um indivíduo durante sua vida. Eventos dentro da pele do indivíduo e não estão diretamente acessíveis aos outros não podem ser vistos como tendo qualquer propriedade especial. Devem ser analisados não apenas como eventos fisiológicos, mas como contribuição ao controle discriminativo sobre a resposta em questão. A Análise do

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Comportamento para a Saúde enfoca comportamentos que produzem doença, promovem a saúde e facilitem ou dificultem o tratamento. Para que haja esta seleção é necessário que o indivíduo se comporte, sendo ele único e em constante construção de sua história. É possível que o indivíduo se comporte de modo a promover saúde ou aumentar a probabilidade de contrair doenças ou agravar condições geneticamente determinadas. Portanto o objetivo da Análise do Comportamento para a Saúde é construir repertórios que levam à promoção da saúde e prevenção de doença e reduzir repertórios problemáticos como comportamentos de risco e não adesão a tratamentos médicos e hábitos saudáveis. Adesão são classes de comportamentos que facilitam o tratamento, amenizam condições adversas da doença, melhoram o prognóstico de cura e controle da doença e aumentam a expectativa de vida. As condições ameaçadoras e aversivas presentes durante os tratamentos médicos e inerentes aos contextos hospitalares geram respostas de fuga e esquiva e eliciam sentimentos de medo e ansiedade, que interferem nas respostas de adesão. O presente curso enfocará a análise de contingências de comportamentos de adesão a tratamento em Instituições de Saúde particularmente no hospital. O desenvolvimento destes comportamentos tem grande vantagem, pois diminuem o risco de abandono do tratamento, com conseqüente agravamento da doença, diminuem os problemas de comportamento associados à doença, incluindo os emocionais. Em geral, classes de comportamento de não adesão aparecem em função de história de aversão acarretada pelo próprio tratamento e na inter-relação com a equipe médica; resultados positivos em longo prazo não têm força de controle sobre o comportamento; o custo de resposta de adesão é alto ocorrendo a extinção; baixa “motivação” para o tratamento (condições estabelecedoras não alteram o valor da conseqüência); e outras contingências da vida têm maior força de controle sobre o comportamento do indivíduo. Serão apresentadas, no curso, análises e tratamentos funcionais para redução de comportamentos problemas e instalação de comportamentos de cooperação em procedimentos médicos invasivos usando DRA (reforço diferencial de respostas alternativas), DRO (reforço diferencial de outro comportamento), mudança de controle de estímulo, uso de fantasia e brinquedo como reforço condicional e utilização de controle instrucional. Será enfocada, também, neste curso, uma análise funcional do comportamento da equipe interdisciplinar de saúde e os repertórios necessários para que o analista de comportamento possa intermediar possíveis conflitos e desajustes entre as equipes e o paciente e familiares.

Curso: “Psicofarmacoterapia”

Felipe Corchs - Núcleo Paradigma/AMBAN-IPq-HCFMUSP

O curso de psicofarmacoterapia tem como principais objetivos expor de forma clara e objetiva os conceitos fundamentais acerca da terapia farmacológica dos problemas comportamentais. Visando uma demanda aparente dos psicólogos clínicos, o curso abordará o tema enfatizando aspectos práticos como os principais tratamentos indicados para cada caso, critérios de escolha medicamentosa, efeitos colaterais e seu manejo, entre outros. Seguindo a idéia de que a análise

funcional enriquece a visão dos problemas comportamentais e que as visões clássicas tendem a desconsiderá-la, tais conceitos serão considerados por uma perspectiva behaviorista radical, na qual cada “transtorno psiquiátrico” é visto como produto de seleção ambiental e cada droga utilizada em seu tratamento um novo componente inserido na contingência em questão de forma a modificá-la. Baseando-se em evidências experimentais sólidas, será demonstrado que além de seu efeito farmacológico incondicionado, os fármacos passam a participar da dinâmica da contingência em que foi inserido, adquirindo funções diversas como, por exemplo, a de estímulo e operação estabelecadora. Este fato trás implicações críticas para a prática clínica, mas que são simplesmente ignorados na esmagadora maioria dos casos. Aproveitando ainda a situação, espera-se expor filosófica e cientificamente onde se encaixa o fisiológico em uma ciência como a análise do comportamento e o porquê e como o que está embaixo da pele (inclusive o cérebro) pode e deve ser visto como produto de seleção e não como variável independente para o comportamento. Partindo-se desse princípio será discutida a importância de seu estudo e debater a separação entre a fisiologia e a análise de contingências como um artifício meramente didático e arbitrário.

Curso: “Terapia Comportamental em Grupo”

Alice Maria de Carvalho Delitti - PUC-SP/CeAC e Priscila Derdyk – CeAC

Curso: “Terapia Cognitivo-Comportamental de Transtornos da Ansiedade”

Bernard Rangé – UFRJ

Este curso examina o estado atual do conhecimento em terapia cognitivo-comportamental na formulação e tratamento de transtornos da ansiedade, mais especificamente os transtornos de pânico e agorafobia e o transtorno obsessivo-compulsivo.

Curso: “Supervisão de Atendimento Clínico em Tempo Real: procedimento para desenvolver habilidades psicoterapêuticas”

Hélio José Guilhardi - ITCR-Campinas

Os supervisores clínicos têm uma preocupação fundamental com a adoção de procedimentos mais eficientes para instalar e desenvolver repertórios psicoterapêuticos nos psicólogos clínicos e estagiários de psicologia clínica. O supervisionando, na estratégia mais comum, relata durante a supervisão aquilo que, supostamente, ocorreu na sessão. O supervisor conduz a supervisão e a discussão do caso a partir das descrições – previsivelmente suspeitas – das interações que teriam ocorrido durante o atendimento clínico. Um avanço em relação à estratégia citada consiste em conduzir a supervisão com base na transcrição da gravação das interações verbais ocorridas na

sessão. Nesta condição, a maior parte dos eventos que ocorreram durante o atendimento foram registrados no momento em que aconteceram, o que permite uma avaliação mais confiável do processo psicoterapêutico. Nas duas estratégias apontadas, quaisquer orientações do supervisor são atrasadas e só podem ser implementadas pelo psicoterapeuta em sessões futuras. O presente Curso apresenta uma estratégia na qual o psicoterapeuta e o cliente autorizam a gravação em vídeo da sessão, em tempo real, e o supervisor apresenta as orientações, através de um ponto de escuta colocado no ouvido do psicoterapeuta, no exato momento em que se fazem necessárias. Sessões, assim gravadas em vídeo, serão apresentadas e analisadas durante o Curso. Serão comentadas ainda as implicações da adoção de tal modelo de supervisão para o desenvolvimento de repertório de psicoterapeuta.

Curso: “Vivenciando a Terapia de Aceitação e Compromisso”

Fatima Cristina Souza Conte - PsiC, M.Zilah Brandão – PsiC

O objetivo deste curso é criar condições para aprendizagem de habilidades terapêuticas necessárias para o atendimento clínico nesta modalidade. Como é um curso teórico prático pretende-se que a aprendizagem ocorra pela discussão teórica e pela observação e ensaio de comportamento. A situação grupal pode funcionar como um laboratório no qual se experimenta novos comportamentos e se desenvolvem novas formas de relacionamento.

Curso: “Psicologia do Esporte: atuação do analista do comportamento em modalidades coletivas”

Eduardo Neves Pedrosa de Cillo - USP/PUC-Minas

Da aplicação de técnicas com indivíduos, em paralelo, ao trabalho com contingências entrelaçadas em um grupo. Coesão, cooperação e a noção de metacontingência: desempenho e vitória como produto agregado. Mediação de conflitos, competição intra grupo e foco na tarefa. O uso de instrumentos de registro de desempenho (scouts). A influência de contingências institucionais nos níveis de cooperação e desempenho.

Curso: “A contribuição da Análise de Práticas Culturais Familiares para o Fortalecimento da Identidade da Terapia Analítico-Comportamental Infantil”

Laércia Abreu Vasconcelos - UnB, Ana Rita Coutinho Xavier Naves, Raquel Ramos Ávila – UnB

O curso apresentará os pressupostos e os objetivos gerais da Terapia analítico-comportamental infantil (TACI), diferenciando-a da modificação do comportamento e do treinamento de pais. Entre os principais aspectos a serem considerados estão: (1) a necessidade de complementar a abordagem funcional e construcional com a análise de práticas culturais familiares; (2) as possíveis contribuições da aplicação dos conceitos de metacontingências e macrocontingências ao contexto familiar; e (3) a

relevância de investigar e intervir sobre uma ampla matriz de contingências, o que poderá conduzir a mudanças tanto em nível comportamental (e.g., individual, considerando a criança), como em nível cultural (e.g., interações familiares). A partir da discussão desses aspectos, defende-se que a identidade da TACI pode ser fortalecida com a introdução de análises sistemáticas de práticas culturais familiares, pois possibilitam uma ampla interpretação e maior conhecimento das variáveis contextuais presentes no cotidiano da criança.

Curso: “Análises de Generalização e Possibilidades de Geração de Comportamentos Novos”

Deisy das Graças de Sousa - UFSCar e Lídia Postalli – UFSCar

O curso pretende abordar dois tópicos, um conceitual e outro metodológico, com derivação de procedimentos para favorecer a ocorrência de generalização. No primeiro tópico será feita uma distinção entre generalização por similaridade física e generalização a partir de abstração e recombinação de unidades. No segundo tópico serão apresentados estudos experimentais com destaque para os aspectos de procedimento, especialmente o uso de matrizes de treino para programar treinos e testes de repertórios recombinativos. A literatura tem mostrado consistentemente que quando são ensinados comportamentos (de diferentes tipos, incluindo comportamento verbal) que contém unidades sobrepostas, desempenhos novos podem derivar de diferentes combinações dessas mesmas unidades. Um recurso extraordinariamente importante para o planejamento de ensino e de testes de combinações são matrizes nas quais todas as unidades ensinadas são dispostas em tabelas de dupla entrada e as caselas da tabela indicam o produto resultante no cruzamento de cada linha com cada coluna. Existem diferentes possibilidades de arranjos em matrizes. Cada matriz pode funcionar como uma importante fonte de controle de estímulos para o comportamento de tomar decisões por parte do programador de ensino, uma vez que a escolha das combinações a serem ensinadas é determinante na geração dos resultados em termos de generalização, isto é, há um contínuo ao longo do qual o ensino pode gerar de pouca ou nenhuma recombinação, até graus máximos de recombinação. Exercícios de construção de matriz serão conduzidos como uma pequena atividade prática para dar aos participantes a oportunidade de apreciar as implicações do planejamento de ensino com vistas à maximização da recombinação na geração de comportamentos novos.

Curso: “Análise Comportamental da Mentira”

Julio Cesar Coelho de Rose - UFSCar, Camila Domeniconi - UFSCar, Mariéle de Cassia Diniz Cortez – UFSCar

O presente curso abordará a mentira a partir da análise skinneriana de comportamento verbal. De acordo com esta perspectiva, a mentira, muitas vezes apontada como característica do indivíduo, passa a ser concebida como produto de contingências de reforçamento, que levam um indivíduo a emitir, diante de uma audiência alvo, um comportamento verbal oposto àquele que emitiria diante de

outra audiência, que poderia ser o falante “mentiroso” como seu próprio ouvinte. Em termos da linguagem comum, o falante engana a audiência alvo dizendo algo que não é o que ele “pensa” (ou seja, que diria para si mesmo). Serão apresentados aspectos teóricos relacionados ao tema e em seguida serão apresentados alguns estudos experimentais em que contingências específicas foram manipuladas de modo a produzir relatos mentirosos em pombos e humanos, tanto crianças quanto adultos. Serão discutidas estratégias para promover relatos verídicos através da correspondência entre eventos e relatos e particularmente entre comportamentos do indivíduo e seus relatos a respeito do próprio comportamento.

Curso: “Persuasão e Comportamento Verbal”

Maria Martha C Hübner – USP

As relações entre operantes verbais e não verbais, bem como as relações entre os próprios operantes verbais foram exaustivamente analisados no livro “ Verbal Behavior” de Skinner, 1957. Uma das implicações dessa análise é possibilidade da realização de pesquisas (por inúmeras décadas), isolando as variáveis de controle dos inúmeros exemplos de operantes verbais propostos pelo autor. No tocante aos operantes autoclíticos, Skinner apresenta-o como um operante secundário, que ocorre como parte de outros e que pode ter inúmeras funções, aumentando, em geral, a precisão do controle sobre o ouvinte. Nos casos em que o autoclítico é qualificador e nos casos em que esta qualificação é positiva, um dos possíveis efeitos é o aumento da probabilidade de ocorrência do operante não verbal descrito e avaliado positivamente, por um anúncio do valor reforçador da ação descrita.. Se o falante é o próprio ouvinte, o autoclítico qualificador pode aumentar a probabilidade de emissão do comportamento não verbal descrito e valorizado pelo próprio falante, configurando-se como um auto-mando. Se o falante é outra pessoa, o autoclítico pode ter o mesmo efeito e pode-se descrever o operante em questão como um mando. Mandos com autoclíticos qualificadores positivos que têm o efeito aqui descrito podem ser compreendidos como persuasivos, no sentido de que levam o outro a fazer algo, mesmo que uma única vez. Condições em que mandos ou auto-mandos com estas características têm maior ou menor poder de persuasão serão descritos, com base em pesquisas experimentais realizadas.

Curso: “Terapia Comportamental de Casais: especificidades do atendimento de alguns parceiros”

Vera Regina Lignelli Otero - Clínica ORTEC/PSICOLOG - Ribeirão Preto-SP, Yara Ingberman - IEPAC/UNICENP/FEPAR

A terapia comportamental de casais sofreu profundas modificações na sua maneira de atuar nas últimas duas décadas. A principal alteração se deu na formulação de casos e nas estratégias de intervenção oriundas da análise do comportamento e conhecido como Terapia Integrativa de Casais. Este modelo, fundamentado em pesquisas, propõe formas mais abrangentes para identificar e intervir nas dificuldades de parceiros. Tais propostas de intervenção no relacionamento de casais estão

baseadas nos conceitos de tolerância e aceitação. Este curso tem como objetivo apresentar e discutir as especificidades do atendimento de alguns parceiros tais como: casais homossexuais, casais que vivem situações de violência, casam com portador (es) de doença grave, casais muito jovens, casais idosos, casais em processo de separação e/ou recasamento, casais de diferentes idades, dentro outras duplas de parceiros que requerem atenção e considerações específicas. Como avaliar as queixas destas pessoas e formular um plano de atendimento que contemple as necessidades inerentes a cada tipo de caso? Serão apresentados aspectos gerais da literatura e da prática clínica que têm sido adotadas por estas profissionais no atendimento de alguns casos, enfatizando-se os procedimentos que podem ser desenvolvidos. Cada casal é único em sua história e as estratégias são elaboradas a partir de micro e macro análises funcionais que guiam as intervenções a serem realizadas.

Curso: “Behavioral Activation (BA) – um tratamento ABA empiricamente validado para a depressão”

Roosevelt R. Starling - UFMG/USP

A Behavioral Activation - ativação comportamental - como um tratamento ABA para a depressão teve a sua origem numa análise de componentes (multitratamento) da terapia comportamental-cognitiva (TCC) para a depressão (nos moldes – atualizados - propostos por Beck e cols. em 1979) conduzida por Jacobson e colegas (1996). Este estudo envolveu o tratamento de 150 pacientes ambulatoriais com diagnóstico de depressão maior distribuídos aleatoriamente entre (1) um tratamento baseado exclusivamente nos componentes comportamentais (BA) do modelo da TCC, (2) BA mais intervenções para mudança dos “pensamentos automáticos” e (3) o pacote completo da TCC. As intervenções foram conduzidas por terapeutas cognitivos experientes. Os resultados demonstraram que, tanto nos resultados finais quanto num follow-up após seis meses, os componentes comportamentais da TCC, isoladamente (1), mostraram-se tão eficazes quanto o tratamento (2) e (3), o pacote completo da TCC. Estudos posteriores (Kanter e cols., 2004; 2005) corroboraram estes achados. A BA foi sistematizada como um tratamento empiricamente validado para a depressão por Martell e Addis (2001; 2004) na sua forma atual. Organizado em três blocos (Compreendendo a depressão, Resolvendo a depressão e, um terceiro bloco, com finalidades profiláticas e de prevenção da recaída, BA como um estilo de vida diária) este tratamento mantém-se fiel ao caráter idiossincrático das intervenções analítico-comportamentais ao mesmo tempo em que oferece uma base sistematizada e empiricamente validada para a conceituação e para a orientação da ação clínica eficaz no tratamento deste transtorno. Reduzindo a ênfase acadêmica, o curso apresentará o modelo na sua vertente prática, percorrendo os passos de cada bloco de acordo com o modelo sistematizado e com a experiência clínica do ministrante na sua aplicação, focado na condução do trabalho junto ao cliente.

Curso: “Depressão e Ansiedade: dos modelos animais à prática clínica”

Juliana Setem - PSICOLOG – Instituto de Estudos do Comportamento (Ribeirão Preto/SP), Heloísa Helena Ferreira da Rosa

O modelo científico é uma representação que permite operacionalizar as variáveis envolvidas na geração de um fenômeno qualquer. Além de ser composto por um número menor de variáveis, um modelo permite maior controle das mesmas. Isto torna possível investigar configurações que de outra forma seriam impossíveis. Há ainda mais uma vantagem associada ao uso de modelos científicos: a síntese. A formulação de modelos é, em geral sintética (por vezes, matemática) o que lhe confere um alto poder preditivo. Existem diversos tipos de modelo em ciência. Os modelos experimentais correspondem às configurações e recursos utilizados para promover a ocorrência e/ou mensuração de um fenômeno em uma instância reduzida gerada pelo experimentador em condições controladas de laboratório. A validade de modelos animais tem sido freqüentemente discutida em função de um conjunto de critérios estabelecidos por vários autores. Pode-se considerar, por exemplo, a semelhança com a condição humana em etiologia, sintomatologia, neurobiologia e tratamento. Ou ainda, um modelo animal deve atender a critérios básicos como a correlação (valida o modelo apenas quanto aos aspectos farmacológicos), o isomorfismo (forma com que o comportamento apresentado se assemelha à condição humana) e a homologia (similaridades aparentes entre os processos ou causas subjacentes à condição humana e a resposta animal). As pesquisas que utilizam modelos apóiam-se na continuidade biológica entre espécies e esperam descobrir substratos comuns na geração de fenômenos comportamentais em humanos e animais. Além disso, buscam descobrir novas drogas e avaliar seu uso clínico potencial, bem como compreender a neurobiologia dos comportamentos estudados. Diversos modelos para o estudo de psicopatologias já foram propostos. Neste curso além de discutir os critérios para validação de um modelo, apresentaremos alguns modelos animais e humanos de ansiedade e depressão. O foco de discussão estará centrado na importância do conhecimento destes modelos pelo analista de comportamento como ferramenta para realização de análises funcionais dos comportamentos do cliente. Esta ponte será feita através da apresentação de trechos de atendimentos clínicos.

Curso: “Etapas do Raciocínio Clínico: da queixa à mudança”

João Vicente de Sousa Marçal - UniCEUB/IBAC, Gilberto Hazaña de Godoy – IBAC

Estabelecer um curso de ação a partir da queixa é uma tarefa básica, e nem sempre simples, do trabalho clínico. As possibilidades de intervenção podem variar de aspectos diretamente relacionados a uma queixa específica a muitos outros aspectos da vida do cliente. No modelo analítico-comportamental, a Análise Funcional do Comportamento assume um papel determinante na compreensão dos fenômenos comportamentais e no estabelecimento de estratégias de intervenção. Entender os princípios da Análise do Comportamento constitui-se assim, uma condição fundamental

para um bom trabalho clínico. Ao mesmo tempo em que permite um diagnóstico apurado das variáveis que controlam processos comportamentais, a análise funcional abre inúmeras possibilidades de interpretação e intervenção, gerando dúvidas sobre o curso de ação. Quais contingências são mais relevantes, que processos comportamentais devem ser priorizados, como interferir nas contingências, são indagações comuns com as quais o clínico comportamental se depara. O surgimento recente de modelos de atuação na clínica comportamental, como a FAP e a ACT, são exemplos de tentativas bem sucedidas para orientar o trabalho clínico. No entanto, o modelo histórico funcionalista dificulta a criação de pacotes de intervenção, ficando sempre a cargo do profissional a identificação de contingências relevantes na aquisição, manutenção e modificação do comportamento. O surgimento de modelos terapêuticos nos últimos anos, tanto no exterior como no Brasil, revela a demanda existente por sistematizações na prática clínica. O presente curso tem por objetivo apresentar um modelo de raciocínio clínico analítico-comportamental com fins de contribuir para a prática terapêutica. O modelo apresentado, enfatiza a importância de uma análise molar de contingências quando comparada à análise de contingências específicas. Isto implica em conhecer não apenas aspectos diretamente relacionados à queixa, mas o indivíduo como um todo, nas inúmeras relações funcionais presentes hoje e, principalmente, ao longo de sua história. Entre as estratégias estão a identificação de padrões comportamentais direta ou indiretamente relacionados às queixas, acompanhada de um indispensável processo de autoconhecimento, que inclui avaliações motivacionais. O curso apresenta um roteiro de raciocínio clínico, da queixa inicial às estratégias de mudanças, ilustrado com casos de Depressão, Transtorno Obsessivo-Compulsivo, Transtornos de Ansiedade em geral, Problemas conjugais e familiares, além de outras queixas comuns na clínica.

Curso: “Políticas Públicas: contribuições da Análise do Comportamento”

Márcio Moreira - IESB/UnB, Diogo Ferreira - IESB/UnB

O diagnóstico e enfrentamento de problemas sociais levam-nos, necessariamente, ao seguinte questionamento: Qual seriam as contingências, macrocontingências e metacontingências que deveriam ser criadas, mantidas/incrementadas e/ou extintas para que pudéssemos alcançar alto índice de desenvolvimento humano? O papel da agência governamental parece de fundamental importância quando o assunto é planejamento de práticas culturais. É por intermédio de políticas públicas que o Estado interfere no grupo social, podendo transformar radicalmente comportamentos. Nosso objetivo é discutir a possibilidade de planejarmos, implementarmos e avaliarmos políticas públicas utilizando nosso conhecimento a respeito do comportamento humano.

Curso: “Biofeedback – o corpo em terapia”

Armando Ribeiro das Neves – UNIFESP

Expressões como: “o corpo fala”, “reeducação corporal”, “leitura corporal”, e etc. geralmente não são baseadas nas teorias da aprendizagem ou do processamento da informação, ou mesmo possibilitam

uma compreensão objetiva e fundamentada na metodologia científica atual, carecendo de embasamento científico e de estudos sobre sua eficácia e segurança. O condicionamento operante visceral descoberto pelo psicólogo norte-americano Neal Miller possibilitou o aparecimento do campo de aplicação do biofeedback e mais tarde da Medicina Comportamental, ou seja, biofeedback (biorretroalimentação) consiste na utilização de modernos equipamentos eletrônicos capazes de monitorar, amplificar e apresentar de forma compreensível à informação biológica, para que os sujeitos aprendam a modificar ou regular esses processos, mediados pelo sistema nervoso central, autônomo e/ou muscular. O recurso de biofeedback poderá ser utilizado na clínica, na pesquisa e também como recurso complementar à psicoterapia, reabilitação e treinamento de performances específicas. Princípios básicos sobre a utilização do biofeedback: (a) educação sobre sinais fisiológicos; (b) treinamento de relaxamento; (c) gerenciamento do estresse; (d) reestruturação cognitiva; (e) modificação do comportamento; (f) monitoramento fisiológico durante a sessão de psicoterapia verbal (Wickramasekera, 1998; Moss, 2003). O objetivo deste mini-curso é apresentar sucintamente às novas tecnologias de biofeedback para o treinamento e monitoramento de autoregulação mente-corpo. Segundo revisão da literatura promovida pela força tarefa da “Association for Applied Psychophysiology and Biofeedback” (AAPB) e da “International Society for Neuronal Regulation” (ISNR), em 2004, o biofeedback é um recurso terapêutico eficaz e seguro para diversas condições clínicas, entre elas: ansiedade, estresse, transtornos somatoformes, disfunções psicofisiológicas, asma, incontinência urinária, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), cefaléia, hipertensão arterial, entre outras. O recurso de biofeedback se torna mais uma estratégia terapêutica educacional, importante para a psicoterapia e principalmente para a abordagem da Terapia Cognitivo-Comportamental. O ministrante deste mini-curso vem dedicando alguns anos de estudo e ensino da terapia assistida pelo recurso de biofeedback, em alguns dos mais importantes centros de estudo, pesquisa e formação em Terapia Cognitivo-Comportamental do Brasil, entre eles: AMBAN-IPQ-HCFMUSP, CEMCO-UNIFESP, Setor de Psicologia da Saúde do INESP do Hospital Beneficência Portuguesa, entre outros. Além de ser convidado, com outros colegas, a apresentar no II Congresso Brasileiro de Psicologia (2006), através da Associação Brasileira de Neuropsicologia (ABRANEP) os temas: “Bio/neurofeedback especificidade da área do psicólogo: política de desenvolvimento da profissão” e “Campo de aplicação do bio/neurofeedback na reabilitação psicológica, psicoterapia e treinamento de performances específicas”.

Curso: “Terapia Comportamental Cognitiva das Fobias”

Francisco Lotufo Neto – USP

Descrição clínica e tratamento das principais fobias: Agorafobia, Fobia Social, Fobias Específicas (animais, alimentos, espaços, sangue e ferimentos, recusa escolar, avião).

Curso: “Doença Crônica: análise de contingências”

Diana Tosello Laloni - NAPSÍ / PUC – Campinas

Na introdução pretende-se analisar as contingências presentes na relação saúde-doença através da Análise de Contingências. O estudo das relações entre o estado biológico do organismo, o comportamento e o ambiente serão focalizados considerando-se que o comportamento não é independente do organismo biológico, isto é, as funções biológicas são afetadas pelo comportamento. O homem é um sistema unitário, não há dicotomia entre corpo e comportamento. Comportamentos promovem saúde como comportamentos promovem doenças. As contingências modelam o estado biológico do organismo da mesma forma que modelam os comportamentos. As condições biológicas do organismo podem ser afetadas diferentemente conforme o organismo responde às contingências. Na segunda parte o conceito de saúde e doença será abordado. A saúde é compreendida como um estado de bem estar físico, mental e social. As doenças podem ter vários padrões de manifestação, acometimento e evolução. A doença crônica é toda aquela condição clínica cuja evolução se processa em longo prazo, com ou sem tratamento. Existem muitas doenças crônicas e elas têm enorme importância na atualidade, muitas estão relacionadas ao estilo de vida, e crescem em progressão vertiginosa, atingindo quase um terço da população brasileira. A expansão das doenças crônicas relaciona-se aos processos de industrialização, a falta de planejamento urbano, ao desenvolvimento econômico. De acordo com a OMS, as doenças crônicas são as principais causas de morte e incapacidade no mundo, mas elas podem ser prevenidas e mantidas sobre controle. A terceira parte do curso os temas abordados serão: o conhecimento sobre doenças crônicas e sua relação com comportamentos, o desenvolvimento de programas de prevenção, tratamentos e adesão a tratamentos. A análise das contingências em portadores de doenças crônicas exige o conhecimento de epidemiologia, conceitos de fatores de risco, comportamentos de adesão. As doenças crônicas abordadas nesse curso serão: diabetes mellitus, câncer, doenças cardiovasculares, HIV, alergias, artrites.

Curso: “Análise de Contingências em Programação de Ensino”

Adélia Maria dos Santos Teixeira – UFMG

SKINNER, na década de 50, fez sua inserção definitiva no campo da educação. O ensino constituiu-se na área de aplicação da Análise Experimental do Comportamento mais contemplada com artigos e capítulos em livros produzidos pelo famoso cientista – cerca de 30 trabalhos, além da publicação, em 1968, de sua obra clássica TECNOLOGIA DE ENSINO. Suas proposições sugeriam que uma revolução ocorreria na educação por meio da Instrução Programada. Apesar do sucesso alcançado nos anos 60, a esperada revolução não aconteceu. Uma variante de sua proposta, também muito bem sucedida nos anos 70, o conhecido PSI do Professor KELLER, reproduziu a mesma trajetória de desencanto. Muitos fatores externos, por demais citados pelos proponentes, sem dúvida, concorreram para esse malogro. No entanto, a literatura registra que, desde seu início, essas práticas se desvincularam da ciência que lhes deu origem – a ANÁLISE EXPERIMENTAL DO COMPORTAMENTO. É sobre essa

questão interna das propostas que esse curso versará apresentando um procedimento de programação de ensino que vincula o comportamento de programar aos princípios desta promissora abordagem psicológica. Isto se tornou possível a partir dos trabalhos realizados pela Dra. CAROLINA MARTUSCELLI BORI e seus alunos. A conhecida Professora da Universidade de São Paulo, participante ativa da criação do PSI, foi pouco a pouco direcionando sua produção numa vertente nova que contemplava o comportamento do programador ao planejar condições de ensino. Vislumbrou e registrou, em 1974, um procedimento ou instrumental que associava programação e análise de contingências. O programador tinha de identificar e programar as contingências de interesse para produzir o objetivo pretendido de ensino. Essa proposição muda todo o procedimento de programação utilizado, até então, cujo foco era o programa em si. Como sua aluna, tive a oportunidade de praticar extensivamente essa proposta e, com o passar do tempo, pude compreender o que estava embutido nela, detalhando-a, elaborando-a e esclarecendo-a. Pude constatar que ao se submeter a esse instrumental, o programador submete-se ao mesmo tempo aos princípios da Análise Experimental do Comportamento. Pretendo descrever neste curso alguns programas de contingências de ensino que desenvolvi demonstrando a inevitável vinculação entre o meu comportamento de programar e os princípios da Análise Experimental do Comportamento. Pretendo também apontar outros campos de aplicação do instrumental de BORI, especialmente – Psicologia Social, Planejamento Ambiental, Planejamento Cultural.

Curso: “Comportamento do Consumidor e Padrões de Escolha entre Produtos e Marcas”

Cristiano Coelho - Universidade Católica de Goiás

O presente curso tem como objetivo apresentar em termos conceituais e metodológicos o modelo de análise do comportamento do consumidor e sua aplicação na compreensão de escolha entre produtos ou marcas. A análise do comportamento do consumidor na perspectiva comportamental (Behavioural Perspective Model - BPM) é um amplo programa de pesquisa derivado do modelo desenvolvido por Foxall. De acordo com o modelo em sua forma atual, o comportamento do consumidor é controlado pela abertura do cenário e pelos níveis de punição e reforço diretamente advindos do consumo (utilitários) e obtidos através do feedback social (informativos), à luz de uma história de aprendizagem específica. A vantagem da aplicação da contingência tríplice consiste em incorporar o efeito diferencial do contexto, bem como dos efeitos da conseqüenciação do comportamento sobre a probabilidade futura de consumo. Tomando como premissa que a situação de consumo pode ser vista como uma situação de escolha, uma análise do comportamento do consumidor incorpora ainda a noção de que a probabilidade de compra de um produto ou serviço é influenciada não apenas pelas conseqüências do produto ou serviço adquirido, mas também pelas conseqüências associadas à obtenção de produtos ou serviços alternativos. Além disso, marcas podem ser analisadas como estímulos discriminativos que sinalizam probabilidade de reforço e punição, tanto utilitários quanto informativos. Uma análise do comportamento do consumidor pode

ser realizada a partir de dados obtidos em laboratório, bem como em ambiente real de consumo. Os dados obtidos nestes dois campos podem ser vistos como complementares para a compreensão de diversas variáveis no controle do comportamento do consumidor.

Curso: “Esquizofrenia: desafio para a ciência do comportamento”

Ilma A. Goulart de Souza Britto – UCG

Os comportamentos de uma pessoa diagnosticada como esquizofrênica podem assumir diferentes topografias: falar de modo inapropriado, repetir desnecessariamente as mesmas palavras, recusar participar das atividades, permanecerem períodos de tempo com a mesma postura, não trabalhar, negligenciar higiene, afastar-se do convívio social, não assumir responsabilidades, etc. Os indivíduos que apresentam tais padrões comportamentais têm sido rotulados como psicóticos, loucos, alienados, severamente perturbados ou doentes mentais. Apesar das similaridades entre as classes comportamentais, observam-se variações de indivíduo para indivíduo dentro deste grupo diagnóstico, em termos de suas necessidades de apoio e de suas habilidades em se comunicar em seu próprio proveito comportamental. Ainda não foi possível evidenciar o que é ou o que causa a esquizofrenia. Operantes verbais como delirar e alucinar são elementos constitutivos para o diagnóstico psiquiátrico de esquizofrenia. O problema seria então o que o esquizofrênico fala: falas falsas com elementos irrealis entre as palavras de ligação, falas com estímulos inexistentes as quais são consideradas inapropriadas quando comparadas às práticas convencionadas de uma comunidade verbal. Esse tipo de comportamento verbal oral não é uma propriedade ou um atributo do esquizofrênico; não é algo que ele possua. Deve-se falar sobre os comportamentos que estão ocorrendo em contextos, não em organismos. Esses comportamentos devem ser entendidos como parte da relação entre o esquizofrênico e o seu ambiente. Se for considerado que os comportamentos inapropriados ocorrem em esquizofrênicos, é lógico tentar mudar o esquizofrênico. Ao considerar que os comportamentos verbais inapropriados ocorrem em contextos, torna-se lógico mudar o contexto. A mudança de comportamento ocorre pela mudança de ambiente e não tentando mudar os organismos. Dados da literatura demonstram o controle operante para esses tipos de verbalizações alcançados funcionalmente através das manipulações experimentais. No entanto, permanecem as divergências fundamentais entre os analistas de comportamento os quais se referem ao controle operante desta classe comportamental e outros pesquisadores os quais postulam explicações organicistas para explicar o comportamento do esquizofrênico. Conseqüentemente, observa-se hoje que uma análise das variáveis envolvidas nos quadros psiquiátricos como transtornos de ansiedade ou depressão são freqüentes, o que pouco ocorre com os transtornos psicóticos como a esquizofrenia. O objetivo do presente curso é apresentar dados de pesquisas sobre a esquizofrenia sob o enfoque comportamental via delineamentos de caso único de intervenções realizadas em nosso contexto. Os dados obtidos permitem afirmar que o comportamento incomum do esquizofrênico mostrou-se modificável de acordo com as contingências programadas.

Curso: “Análise Funcional de Problemas Psicopatológicos”

Roberto Alves Banaco - PUC-SP / Paradigma

A análise funcional tem sido reconhecida como a principal ferramenta de avaliação e intervenção sobre o comportamento. No entanto, como nem sempre há consenso sobre o que a constitui, parte deste mini-curso abordará a discussão acerca das definições e das práticas que constituiriam uma análise funcional. Além disso, a disciplina abordará as contingências que comumente produzem comportamentos classificados culturalmente como problemáticos ou psicopatológicos e como a análise funcional pode auxiliar a descrever e solucionar tais problemas. Aplicações de conceitos básicos da análise do comportamento em discussão com os sistemas classificatórios de doenças mentais procurarão analisar a produção de contingências que resultam nesses tipos de comportamentos.

Curso: “Psicoterapia Infantil: o manejo de estratégias lúdicas auxiliando no desenvolvimento de novos padrões de comportamentos e sentimentos”

Patrícia Piazzon Queiroz - IAAC-Campinas

Há um grande arsenal de técnicas que nós empregamos nas sessões de psicoterapia com crianças. Em geral, as técnicas adotadas pelo psicoterapeuta têm a ver com a faixa etária da criança ou com peculiaridades da queixa. Assim, com crianças menores usam-se brinquedos (em geral nomeada de ludoterapia, termo que merece alguns comentários críticos), com crianças mais velhas e verbais empregam-se técnicas de comunicação e assim por diante. O psicoterapeuta deve ficar sob controle do repertório de comportamento da criança e dos eventos que são reforçadores positivos ou aversivos para seu cliente e proporcionar e implementar contingências de reforçamento compatíveis com a análise dos dois itens apontados. As técnicas que venha a empregar e o material a ser introduzido nas sessões devem ser escolhidos estritamente em consonância com as contingências de reforçamento que procura introduzir durante o processo psicoterapêutico. Por exemplo, a introdução de um brinquedo específico só pode ser qualificada se com ele se pretende instalar comportamentos que a criança não possui; ou com o papel específico que o brinquedo desempenha nas contingências de reforçamento, os quais o psicoterapeuta está manejando. O psicoterapeuta, ao adotar qualquer estratégia determinada, deve estar apto a responder a seguinte questão: qual o papel funcional do instrumento que estou usando (seja um brinquedo, lápis-papel, conversa, etc.) nas contingências de reforçamento que estou empregando com meu cliente? O Curso apresentará diversas estratégias de manejo das interações entre psicoterapeuta e crianças, inseridos de modo funcional, nas contingências de reforçamento em operação na sessão.

Curso: “Automonitoramento”

Lincoln Gimenes - Universidade de Brasília, Carlos Henrique Bohm - Universidade de Brasília

O auto-monitoramento é um procedimento utilizado para a observação, avaliação e intervenção comportamental. Essa técnica fornece dados para se conduzir análises funcionais, delimitar objetivos de intervenção, planejá-la e avaliar os seus resultados. Devido ao seu efeito de reatividade, também se configura como técnica terapêutica que é generalizável a diferentes respostas, populações e contextos. Neste curso, serão descritos os procedimentos e resultados de experiências clínicas e de pesquisa sobre o uso dessa técnica na análise do comportamento. Diferentes tipos de registros serão apresentados e exercícios de registros serão realizados pelos alunos. Serão também discutidas variáveis que podem contribuir para aumentar a precisão dos registros e formas de treinamento para utilização dos mesmos pelos clientes.

Curso: “Terapia Comportamental-Cognitiva de Compulsões por Compras e Coleccionismo Patológico”

Regina Christina Wielenska - Consultório Particular, Mónica Ferreira Gomes Aires Oliveira - Consultório Particular

O comportamento de colecionismo patológico (no original em inglês, compulsive hoarding) caracteriza-se pela ausência de controle sobre a aquisição, armazenamento e descarte de objetos, acompanhada por significativo sofrimento e prejuízo social. Para propiciar o entendimento do fenômeno e sua terapêutica, será inicialmente apresentado e discutido o caso de uma cliente cujas queixas se relacionavam à extrema dificuldade de guardar, organizar e livrar-se de uma grande quantidade de objetos em sua casa. Na medida em que as sessões regulares no consultório não se mostraram suficientes, decidiu-se implantar um programa de intervenção no ambiente natural, com acompanhamento terapêutico realizado por uma terapeuta ocupacional com formação comportamental. Estratégias terapêuticas serão extensivamente discutidas, sempre à luz de casos clínicos, como o resumido aqui, e dos dados de pesquisa. A intervenção tem como foco a definição de objetivos mínimos e tangíveis a cada sessão, intenso apoio terapêutico durante as atividades de organização, limpeza e descarte, escolha de itens que eliciem a menos ativação emocional possível, redução das autocríticas, uma relação terapêutica baseada na confiança, e acordos recíprocos, ausência de juízos de valor, algum humor e aceitação experiencial. Sobre o comprar compulsivo, entre outras estratégias de intervenção, serão discutidos a exposição a situações de consumo, o desenvolvimento de auto-falas compatíveis com a aquisição e manutenção do novo repertório, o levantamento de pros e contras no momento de cada aquisição, o adiamento de compras, restrição ao uso de facilitadores do crédito, etc. Serão discutidas, ainda, as características do contexto social presente que incentivam o comportamento consumista e as práticas educativas que favoreceriam a formação de consumidores conscientes, socialmente responsáveis e capazes de exercer controle sobre o próprio comportamento.

Curso: “O Terapeuta é um Cientista? Revisitando um Clássico uma Década Depois”

Denis Roberto Zamignani - USP/Paradigma/ Faculdade São Judas, Sérgio Vasconcelos de Luna - PUC-SP

O texto “O terapeuta é um cientista?” foi publicado em 1997 por Sérgio Vasconcelos de Luna no primeiro volume da coleção “Sobre Comportamento e Cognição”. A coleção inaugurou um período de grandes avanços na produção bibliográfica brasileira em análise do comportamento e demarcou algumas das características que viriam a constituir a prática e a pesquisa do analista do comportamento na década seguinte. No capítulo de Luna, destacou-se a operacionalização da atividade do pesquisador e do prestador de serviços e a delimitação dos papéis e responsabilidades de cada um deles. A publicação para a comunidade do conhecimento produzido foi apresentada como um compromisso ético do terapeuta analítico-comportamental. A produção desse conhecimento, entretanto, deveria respeitar os limites impostos pela sua condição de prestador de serviços. O texto de Luna estabelecia a partir dessas delimitações alguns parâmetros para que se tornasse possível a intersecção de ambas as funções – o pesquisador e o prestador de serviços. Uma década depois, uma análise dos avanços metodológicos desenvolvidos por pesquisadores analítico-comportamentais para o estudo da interação terapêutica permite uma revisão da questão: o terapeuta analítico-comportamental possui hoje ferramentas para tornar a sua prática acessível à avaliação pela comunidade científica? Ele pode, com os métodos desenvolvidos até então, produzir conhecimento a partir de sua prática, respondendo ao seu compromisso ético de transparência para com a comunidade científica e a comunidade de consumidores de psicoterapia? Uma linha de pesquisa que vem sendo desenvolvida por pesquisadores brasileiros nos últimos anos envolve a análise dos processos que ocorrem na interação terapêutica a partir do registro em áudio ou vídeo de sessões terapêuticas e da categorização ponto a ponto dos eventos registrados. Tal linha de pesquisa ganhou um aliado metodológico no trabalho recente de Zamignani (2007) que, a partir de uma análise crítica ao que vinha sendo produzido, estabelece premissas para o desenvolvimento de estudos de processo em psicoterapia e oferece um instrumento para a pesquisa. Essas são as questões que o presente mini-curso pretende abordar, partindo especialmente da produção científica desenvolvida no Brasil nos últimos anos.

Curso: “A Aplicação da Terapia Comportamental Cognitivo na Vida Moderna”

Maria Fernanda Urbano Giglio - Centro Psicológico de Controle do Stress, Campinas, Maria Angélica Sadir - Centro Psicológico de Controle do Stress, Campinas

As mudanças ocorridas na sociedade, a competição excessiva, o desejo de "possuir", a pressa, a pressão diária afetam a qualidade de vida e geram conflitos internos de desespero, incertezas e medos, provocando o stress. O stress causa um desequilíbrio, pois a pessoa necessita responder a alguma demanda que ultrapassa sua capacidade adaptativa. Com isso, surgem sérios problemas de

relacionamento consigo próprio e com os que se encontram ao redor, como família, amigos e colegas de trabalho. A pessoa estressada fica irritada, sem paciência, agressiva e menos interessada em assuntos que não a afetam diretamente. Algumas pessoas parecem ter uma tendência crônica para se estressarem, produto da contribuição genética e da falta de estratégias de enfrentamento. Este repertório é aprendido principalmente na infância, mas pode também ser adquirido durante a história de vida do ser humano. A sobrecarga de trabalho e na família, lidar com a chefia, auto-cobrança, falta de união e cooperação na equipe, salário insuficiente, falta expectativa de melhoria profissional e também o meio social podem ser causadores de stress. Atualmente o processo de trabalho baseia-se na qualidade das relações interpessoais e exigem, além das competências técnicas, a competência social nas interações profissionais. Algumas ferramentas para melhorar a competência interpessoal serão fornecidas a fim de diminuir o stress e aumentar a satisfação no âmbito profissional e pessoal e a produtividade. No que se refere à família, o stress pode relacionar-se a aspectos do próprio ambiente, ou ser decorrente de um stress oriundo de outra área, mas que tem repercussões na família. Considerando os estressores deste contexto, podem-se citar relacionamentos conturbados, filhos com dificuldades, problemas de saúde, pressões e exigências excessivas, entre outros. Quando uma família é adequada, isto é, que tem afinidades fortes, pensamentos funcionais, que aceita a peculiaridade dos seus membros com naturalidade e oferece apoio, compreensão e aceitação, o stress gerado pelo mundo externo ou mesmo pelas dificuldades emocionais do ser humano, é gerenciado de modo satisfatório, sendo assim reduzido. Sabe-se que as distorções cognitivas interferem na harmonia de uma família, podendo desequilibrar um indivíduo, gerando conseqüências que contaminarão outros contextos de sua vida. Portanto, reestruturar crenças irracionais e desenvolver estratégias comportamentais para minimizar o stress familiar, serão aspectos a serem discutidos. O presente curso visa repassar e discutir conhecimentos atualizados sobre o stress e suas conseqüências no mundo corporativo e familiar, assim como fornecer estratégias cognitivo comportamentais para seu melhor enfrentamento.

Curso: “Comportamento e Sensibilidade: vida, prazer e ética”

José Antônio Damásio Abib – UFSCar

Difícilmente o conceito de comportamento poderia adquirir alguma inteligibilidade no silêncio de seu exame filosófico. Parte-se, aqui, de uma filosofia do comportamento que o concebe como uma unidade constituída pela sensibilidade, pelo movimento e por suas conseqüências. Essa unidade é uma relação orgânica, um ciclo; não é mecânica, não é linear; e inspira-se no filósofo pragmatista norte-americano John Dewey (1859-1952). Parte-se, portanto, aqui, de uma filosofia organicista do comportamento que pode contribuir para resolver uma dificuldade, aparentemente muito significativa, mas que, dessa perspectiva, resume-se a uma pseudoquestão, a saber, a polêmica que consiste em perguntar, ‘o que vem primeiro, o estímulo ou a resposta’? Com essa indagação, mergulha-se no delírio metafísico que busca inícios em absolutos inexistentes. Nem a sensibilidade

nem o movimento estão no início, o que está no início não é um absoluto, mas uma relação: a unidade orgânica cujo nome é ‘comportamento’. Essa unidade se transforma à medida que as conseqüências e a sensibilidade se diferenciam. Um dos grandes méritos da obra de Skinner consiste na diferenciação das conseqüências naturais, reforçadoras e culturais. Aqui, essas conseqüências são colocadas em relação, respectivamente, com as sensibilidades vital, hedônica e cultural. As evidências para tal relação e diferenciação da sensibilidade provêm de três contextos. Inicialmente, com base nos biólogos Maturana e Varela, mostra-se que existe sensibilidade vital quando o comportamento é fortalecido por conseqüências naturais. Em seguida, trava-se um debate envolvendo Hull, Thorndike e Skinner e argumenta-se que existe sensibilidade hedônica quando o comportamento é fortalecido por conseqüências reforçadoras: reforço é prazer. Até esse ponto a transformação da unidade orgânica ‘comportamento’ é completamente natural. Viver ou sobreviver e sentir prazer são fenômenos da natureza. A sensibilidade cultural não é uma produção da natureza e é na sua formação que se dá a transição para a cultura. Por essa razão, tenta-se, finalmente, esclarecer a trama conceitual que envolve os conceitos de conseqüência cultural, ética e educação da sensibilidade. A construção do futuro depende da formação de sensibilidade. Isso significa dizer que, sem negar o valor da sobrevivência e do prazer, o cuidado com o outro, desde uma criança até uma obra de arte, é o lume da educação da sensibilidade.

Curso: “Para Compreender Curso: Superstições, Crenças e Ilusões: contribuições do analista do comportamento”

Marcelo Frota Lobato Benvenuti - PUC-SP/UnB

O curso pretende funcionar como um exercício de extensão de princípios básicos para a análise do comportamento humano. Para tal exercício, uma das principais questões abordadas será a diferença entre superstições, crenças e ilusões e o comportamento “supersticioso”. Superstições são práticas culturais em que estão envolvidos muitos comportamentos humanos complexos. Crenças e ilusões são termos utilizados pelas pessoas no dia-a-dia e por alguns teóricos de abordagens cognitivas para descrever ou explicar o comportamento. Para discutir as possibilidades da análise do comportamento de compreender superstições, crenças e ilusões serão levantadas determinações que estão na história da espécie, na história de constituição de relações organismo/ambiente e na manutenção de práticas culturais. O curso irá abordar: a) a sensibilidade dos organismos a eventos subseqüentes ao responder e seu papel para a construção de relações comportamentais; b) a aquisição e manutenção de comportamento por relação acidental com reforço (comportamento “supersticioso”); c) o papel de descrições de contingências que sugerem erroneamente relações de dependência entre resposta e ambiente; d) auto-relatos sob controle de comportamentos “supersticioso”; e) o valor adaptativo de práticas culturais que, à primeira vista, podem ser descritas como “irracionais” ou “supersticiosas”. Como modelo alternativo a abordagens estruturalistas, o curso irá possibilitar a reflexão sobre superstições, crenças e ilusões a partir de um ponto de vista selecionista.

Curso: “Psicologia Forense: uma abordagem analítico-comportamental da transgressão”

Paula Inez Cunha Gomide - UFPR e Faculdade Evangélica do Paraná, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - UFSCar/LAPREV, Maria da Graça Saldanha Padilha - Faculdade Evangélica do Paraná e Universidade Tuiuti do Paraná

Histórico e Definição da Psicologia Forense. Psicologia Forense no âmbito mundial. Psicologia Jurídica no Brasil. Psicologia Forense com abordagem comportamental. Áreas de Atuação da Psicologia Forense: Adoção, Destituição do Poder Familiar; Mediação de Conflito, Avaliação e Tratamento de vítimas de Abuso Sexual; avaliação e tratamento de abusadores e/ou agressores; Avaliação e tratamento de adolescentes em Conflito com a lei; Instrumentos apropriados para avaliação de pessoas envolvidas com questões judiciais.

Curso: “Terapia Cognitiva: teoria e prática”

Helene Shinohara - PUC-RJ

A terapia cognitiva tem sido aplicada, desde finais da década de 60, para uma variedade de casos, em diversos contextos, em diferentes populações. Se a proeminência de determinada abordagem for definida pelo grau de atenção dada em publicações, dissertações e referências aos produtos científicos dela, podemos afirmar que a terapia cognitiva tem sustentado uma trajetória ascendente nos últimos anos. Através da análise do número de publicações, citações e referências encontradas na literatura psicológica, observa-se um aumento considerável de informações científicas veiculadas sobre a terapia cognitiva. Outros estudos de meta-análise mostram, por exemplo, que a terapia cognitiva é muito eficaz para depressão, transtorno do pânico, ansiedade generalizada, bulimia, fobia social e transtorno obsessivo-compulsivo. Mais recentemente, resultados positivos têm sido relatados para transtornos de personalidade, stress pós-traumático e psicoses. É o campo da psicologia aplicada que acredita que os processos de pensamento ou estruturas de conhecimento desempenham papel central na explicação e na mudança do comportamento humano. A cognição contribui também como influência sobre as emoções. A forma de pensar, avaliar e dar significado aos eventos interfere nos processos emocionais, desativando modos de reação automáticos, primários, e fortalecendo processos reflexivos, construtivos. Portanto, a terapia cognitiva levará sempre em conta a interação entre a biologia, o ambiente (incluindo a história de vida), o pensamento, a emoção e o comportamento na compreensão do ser humano, em sua personalidade e psicopatologia. Na terapia cognitiva, a escolha das técnicas depende essencialmente da formulação do caso, levando-se em consideração também tanto os objetivos terapêuticos quanto as características pessoais e habilidades do cliente e do terapeuta. Dispõe-se, atualmente, de um vasto conjunto de técnicas validadas empiricamente que facilitam o processo de mudança. No entanto, mesmo poderosas, elas não funcionam se empregadas sem consistência ou fora de um contexto terapêutico de confiança e genuinidade. Os objetivos das técnicas, de modo geral, são eliciar, examinar, testar e modificar pensamentos e emoções. As técnicas cognitivas, essencialmente, visam criar pontos de entrada para a

organização cognitiva do cliente e entender seu modo de construção da realidade. Através principalmente de questionamento, o terapeuta se propõe a obter informações adequadas para aprender sobre a visão de mundo do cliente e entender sua maneira de funcionar. Identificar, avaliar e reformular pensamentos e crenças são atividades fundamentais para as mudanças desejadas.

Curso: “Terapia do Esquema: ampliando os limites da terapia cognitiva”

Eliane Mary de Oliveira Falcone - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

As dificuldades em lidar com pacientes com transtorno de personalidade têm levado vários terapeutas cognitivos a explorar aspectos da relação terapêutica, assim como a buscar uma aproximação entre a terapia cognitiva e outras tradições terapêuticas. Paralelamente, tem ocorrido uma crescente tendência por parte de terapeutas cognitivos a usar os princípios da psicologia cognitiva e experimental como uma base metateórica coerente para a prática da terapia cognitiva. Assim, a formulação de princípios de mudança, realizada por diversas tradições terapêuticas, é utilizada através de conceitos derivados da psicologia cognitiva como linguagem comum. Coerente com essa tendência surge a terapia do esquema, desenvolvida por Jeffrey Young, que foi construída para atender às demandas de pacientes difíceis (indivíduos com problemas crônicos ou com transtorno de personalidade), os quais não tem sido plenamente beneficiados pela terapia cognitiva padrão. Diferencia-se desta última pelas seguintes características: a) ênfase nos problemas de infância e adolescência, em técnicas emotivas, na relação terapêutica e nos estilos de enfrentamento mal adaptados; b) foco nos aspectos caracterológicos crônicos dos transtornos, em vez dos sintomas agudos; c) combinação de modelos de intervenção cognitivo-comportamentais, de apego, psicodinâmicos e focados na emoção, articulados em uma estrutura teórica integrada. Parte do princípio de que os indivíduos com esse transtorno possuem esquemas iniciais desadaptativos extremamente rígidos e resistentes à mudança, construídos na infância e fortalecidos no desenvolvimento. Tais esquemas, que tinham uma função adaptativa no início da vida, são mantidos na idade adulta de forma desadaptativa. Para enfrentá-los, o indivíduo manifesta três padrões de comportamentos perpetuadores dos esquemas, quais sejam: submissão, evitação e supercompensação. Essas estratégias de enfrentamento perpetuam o esquema e mantêm os padrões autoderrotistas do indivíduo. Os 18 esquemas até o momento identificados estão agrupados em cinco domínios: 1) desconexão e rejeição; 2) autonomia e desempenho prejudicados; 3) limites prejudicados; 4) orientação para o outro e 5) supervigilância e inibição. Pretende-se apresentar, neste curso, os principais fundamentos teóricos da terapia do esquema, intercalados com exemplos práticos das técnicas cognitivas, experienciais e comportamentais.

Curso: “Como se Aprende a Ser um Bom Terapeuta? Sobre o Ensino de Comportamentos Complexos Envolvidos na Construção de uma Boa Relação Terapêutica”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Joana Singer Vermes - Paradigma (Núcleo de Análise do Comportamento), Roberta Kovac - Paradigma (Núcleo de Análise do Comportamento), Yara Nico - Paradigma (Núcleo de Análise do Comportamento)

A terapia bem-sucedida vem sendo associada a diversos fatores. Alguns deles referem-se a variáveis do cliente, tais como tipos de queixas, tratamentos anteriores, existência de reforçadores no ambiente natural para repertórios saudáveis do cliente, entre outras. Outra parte do sucesso terapêutico refere-se a um conjunto de práticas do profissional que inclui formação teórica e técnica, conhecimento sobre as queixas clínicas, postura ética e uma ampla gama de comportamentos que são comumente atribuídos à construção da relação terapêutica. Algumas dessas habilidades são denominadas, pela literatura, como ‘habilidades sociais’ do terapeuta em relação ao contexto específico do atendimento clínico. Portanto, quando se discute o ensino do ofício de terapeuta é fundamental pensar num conjunto de estratégias que desenvolvam domínio teórico-conceitual mas, também, em contingências específicas para desenvolver um repertório complexo e refinado responsável pela promoção de uma boa relação terapêutica. Nota-se a dificuldade de ensino desse repertório uma vez que este requer contingências específicas, para além daquelas tradicionalmente dispostas em aulas expositivas. Como podemos ensinar terapeutas a emitir comportamentos que produzam uma boa relação terapêutica? O presente curso pretende: a) descrever os comportamentos complexos do terapeuta essenciais para o estabelecimento e manutenção de uma relação terapêutica reforçadora e eficaz e b) discutir algumas estratégias para o desenvolvimento de tais comportamentos a terapeutas iniciantes. Como materiais didáticos serão utilizados vídeos de sessões e um programa desenvolvido por Zamignani (2008).

Curso: “Análise do Comportamento e Cultura”

Maria Amália Andery - PUC-SP

Curso: “Delineamentos Experimentais de Pesquisa sem Estatística: o sujeito como seu próprio controle”

Angela Maria Menezes Duarte - Universidade Católica de Goiás, Erik Rôso Huber - Universidade Católica de Goiás

O curso ensinará como usar delineamentos experimentais de pesquisa quando os dados são coletados com apenas um sujeito/participante ou com um pequeno grupo de sujeitos/participantes como é comum em estudos da área de Psicologia. Os delineamentos experimentais incluem: Delineamento de Linha de Base Múltipla entre Participantes, Delineamento de Linha de Base Múltipla entre Ambientes, Delineamento de Linha de Base Múltipla entre Comportamentos; Delineamento de Reversão e Delineamento de Múltiplos Elementos. Esses delineamentos permitem demonstrar controle experimental sem a utilização de tratamento estatístico. São amplamente usados em periódicos internacionais como o respeitado Journal of Applied Behavior Analysis, dos Estados

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Unidos, mas ainda são pouco utilizados no Brasil. Os objetivos do curso são: (a) ressaltar a importância de controle experimental nas pesquisas; (b) ensinar delineamentos experimentais simples e elegantes; e (c) incentivar a publicação de estudos baseados em dados obtidos em delineamentos experimentais que permitam demonstrar que as mudanças obtidas realmente se devem às variáveis manipuladas.

Curso: “A contribuição da Neuroanatomofisiologia para o Estudo do Comportamento”

Daisy Hernandez - Médica Psiquiatra AMBAN -IPQ- HC- FMUSP

'Amígdala , hipotálamo , córtex pré frontal..... noradrenalina , dopamina, serotonina O que são estas estruturas e substâncias ? Onde se situam no nosso Sistema Nervoso Central ? Hoje , pesquisas buscam as correlações entre comportamento e alterações neuroanatomofisiológicas, alcançando neste nível a compreensão de fenômenos já há muito estudados pela Ciência do Comportamento . Deparamo - nos então com afirmações do tipo ...O condicionamento aversivo presente nas fobias simples corresponde a uma memória , ié , um fortalecimento de conexões sinápticas ocorrido na amígdala ...ou ... O reforço positivo está associado a mecanismos dopaminérgicos, onde a estimulação de receptores D2 no núcleo accumbens determinaria um aumento da frequência do comportamento que desencadeou esta estimulação...Em 1982 , Skinner já previa ..." Novos instrumentos e novos métodos continuarão a ser ideados e eventualmente chegaremos a saber mais acerca das espécies de processos fisiológicos , químicos ou elétricos que ocorrem quando uma pessoa age . O fisiólogo do futuro nos dirá tudo quanto pode ser conhecido acerca do que está ocorrendo no interior do organismo em ação . Sua descrição constituirá um progresso importante em relação a uma análise comportamental, porque esta é necessariamente histórica quer dizer , está limitada às relações funcionais que revelam lacunas temporais . Faz se hoje algo que virá a afetar amanhã o cpto de um organismo . Não importa quão claramente se possa estabelecer este fato , falta uma etapa , e devemos esperar que o fisiólogo a estabeleça . Ele será capaz de mostrar como um organismo se modifica qdo é exposto às contingências de reforço e por que então o organismo modificado se comporta de forma diferente , em data possivelmente muito posterior. O que ele descobrir não pode invalidar as leis de uma ciência do cpto,mas tornará o quadro da ação humana mais completo ". (Skinner ,1982) Este curso tem como proposta apresentar ,com slides ilustrativos , a neuroanatomia e neurofisiologia humanas básicas para dar ao estudante da análise do comportamento instrumentos para compreensão de trabalhos científicos que, como dito por Skinner, contribuirão para um quadro da ação humana mais completo.

Palestra “Para uma História da Análise do Comportamento no Brasil”

Maria do Carmo Guedes - PUC-SP

Como gênero, uma narrativa. Como fonte, a história de um movimento pesquisado ao longo de quatro anos, parte de uma disciplina (Pesquisa Supervisionada) no Curso de Mestrado do Programa

de Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, da PUC-SP (Linha de Pesquisa: “História e Fundamentos epistemológicos, metodológicos e conceituais da análise do comportamento”). Como foco, personagens e alguns lances de suas histórias pessoais que permitem destacar momentos especiais de uma história que, mesmo individual, é, sempre, coletiva. Como objetivo, a oportunidade de confrontar a “história fria” propiciada pela análise de documentos secundários (teses e dissertações, artigos em periódicos gerais ou específicos à área, programas de cursos, bibliografias, entre outros) à “memória quente” dos participantes deste evento nacional na área.

Trata-se de apresentar resultados de pesquisa, mas num texto que privilegia análise de documentos primários (como relatórios a agências financiadoras, correspondências, diários, dedicatórias e apresentações em teses e livros, fotos, convites, certificados), enquanto tabelas, gráficos, mapas, linhas de tempo acompanham a narrativa como eventuais ilustrações. Em contrapartida, estes resultados são apresentados paralelamente em uma "Exposição interativa" na qual os visitantes (personagens que são dessa história) terão oportunidade de corrigir, acrescentar, sugerir, reclamar dos dados e análises até agora produzidos.

Os resultados mostram uma área em discreta (se comparada à psicologia como um todo) mas constante expansão, marcada por momentos peculiares: (a) a oportunidade do convite a Carolina Bori para responder pela Psicologia na então recém-criada Universidade de Brasília (1962); (b) a aceitação de Fred Keller em assessorá-la nessa tarefa; (c) a diáspora de Brasília depois de alguns meses da implantação do Departamento dirigido por Bori na UnB (conseqüência da demissão coletiva do grupo), e cuja principal implicação foi a disseminação rápida da Análise do Comportamento pelo país; (d) a criação da Associação Brasileira de Medicina e Terapia Comportamental, que contribuiu não só para consolidação da área, mas também tem sido palco de projetos inovadores, como a aproximação com outras subáreas da psicologia ou áreas afins, os cursos chamados “primeiros passos” e as “palestras para a comunidade”, além dos usuais compromissos de uma associação científica: encontros regulares (no caso, anuais) e publicação das contribuições trazidas aos encontros (a coleção "Sobre comportamento e cognição") e de um periódico científico (a "Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva").

Mesa Redonda - “Terapia Cognitivo-Comportamental com Crianças: mutismo seletivo, transtornos invasivos do desenvolvimento e orientação de pais”

Ana Cláudia de Azevedo Peixoto - UFRJ, Angela Alfano Campos - UFRJ, Nívea Maria Machado de Melo - UFRJ, Bernard Pimentel Rangé - UFRJ, Angela Alfano Campos – UFRJ

Coordenador: Ana Cláudia de Azevedo Peixoto – UFRJ

Apresentação 1:

Esta apresentação refere-se a um estudo de caso sobre o tratamento de um menino, chamado R. com cinco anos de idade, portador do transtorno chamado Mutismo Seletivo (MS). R. já manifestava os

sintomas do transtorno desde os três anos de idade, período que iniciou as atividades escolares. O tratamento cognitivo-comportamental teve a duração de 22 sessões, incluindo a avaliação inicial realizada com os pais e professora, o tratamento, a prevenção de recaídas e avaliação pós-tratamento. As técnicas utilizadas foram: exposição gradual, modelação, desvanecimento do estímulo, THS, relaxamento e respiração controlada, além das biblioterapias. O local de tratamento foi à casa da criança e a escola. A participação dos pais ocorreu no modelo chamado de co-terapeutas, tendo em vista a participação ativa que estimulava e reforçava o uso de algumas habilidades por parte da criança em vários ambientes. O MS refere-se a um transtorno raro, intrigante e ainda pouco conhecido e tem sido associado a uma variedade de sintomas psiquiátricos infantis. Só recentemente, estudos controlados têm trazido uma maior compreensão sobre o termo. O MS se caracteriza pela recusa da criança em falar em determinados locais fora de casa, principalmente na escola, e na presença de pessoas estranhas, embora se comunique e fale normalmente com pessoas que ele(a) elege. Este trabalho pretende esclarecer, a partir de uma revisão sobre o tema, os seguintes aspectos: 1) Os critérios diagnósticos para uma melhor avaliação do transtorno; 2) A relação entre a fobia social e o MS. As pesquisas na última década indicam uma relação existente entre o MS a uma condição de ansiedade. Em sua grande maioria, as crianças que manifestam o MS apresentam os critérios diagnósticos para fobia social, tal observação tem levado os pesquisadores da área a relacionar o MS a um subtipo de fobia social; 3) Os transtornos comórbidos e as prevalências do transtorno MS; 4) E as características de crianças, pais e familiares das crianças que manifestam o MS. A partir dos resultados deste trabalho fica evidenciado que a TCC pode ser eficiente e eficaz no tratamento de crianças com MS. Evidenciaremos a importância da técnica do desvanecimento do estímulo que pode ter influenciado diretamente a mudança do comportamento verbal deste paciente a partir da nona sessão, período em que começou a falar com a professora e no ambiente escolar.

Apresentação 2:

Diversos estudos têm enfatizado a heterogeneidade clínica dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TIDs), criando o conceito de espectro do autismo. Os Transtornos do espectro do autismo (TEAs) são entendidos como fazendo parte de uma rede de transtornos do neurodesenvolvimento heterogêneos, que envolvem diversos processos cerebrais, mas pouco de sua complexidade foi desvendada. Medidas neuropsicológicas são habitualmente utilizadas na avaliação destes processos. No Brasil, não existem estudos neuropsicológicos que avaliem o perfil cognitivo dessa população como os já publicados internacionalmente. O devastador comprometimento que engloba a comunicação, a cognição, o comportamento e as relações sociais, gera dificuldades para todos que lidam diretamente com o portador de transtornos do espectro do autismo, especialmente a família. O grau da disfunção e o sofrimento gerado por ela torna eminente a necessidade de acompanhamento contínuo baseado em intervenção comportamental. O objetivo do presente trabalho é apresentar os resultados de pesquisa realizada com amostra brasileira que avaliou através

da escala Wechsler de Inteligência para crianças (WISC-III) e o Teste de Atenção Visual (Tavis – 3) o perfil cognitivo de portadores de Autismo e Síndrome de Asperger. Os resultados encontrados evidenciam áreas de maior e menor habilidade, corroborando os dados de literatura sobre aspectos particularmente difíceis e potencialidades cognitivas dessa população. Foi feita uma análise retrospectiva do banco de dados de uma clínica particular do Rio de Janeiro especializada em neuropsicologia. Fazem parte da amostra estudada setenta e oito crianças e adolescentes entre 6 e 16 anos, encaminhados para avaliação neuropsicológica de 2002 a 2007, que foram submetidos a uma extensa avaliação clínica e neuropsicológica que incluía: 1) avaliação clínica com psiquiatra com título de especialista 2) anamnese incluindo história patológica pregressa e marcos do desenvolvimento; 3) avaliação de comorbidades e / ou outros sintomas de transtornos psiquiátricos através da versão em português da entrevista semi - estruturada Children's Interview for Psychiatric Syndromes - Parent version (P-Chips) 4) avaliação neuropsicológica realizada em três ou mais sessões com neuropsicólogo extensivamente treinado. Por fim, serão feitas considerações sobre os achados e suas implicações para o tratamento psicoterápico. Estudos amplamente fundamentados na biologia e neuropsicologia dos TEAs no sentido de uma intervenção não simplista, são necessários. Também são importantes estudos brasileiros que estruturam a intervenção a partir dos achados neuropsicológicos e a tornem abrangente (dirigida a todos os contextos sociais nos quais o paciente está inserido) e acessível financeiramente.

Apresentação 3:

As relações familiares têm influência importante sobre o bem estar físico, psicológico, social e econômico das crianças. Estudos epidemiológicos atuais indicam que fatores de risco familiares influem significativamente no desenvolvimento infantil. Não há preparação dos responsáveis para a adoção de práticas educativas adequadas na criação dos filhos. Estes pais acabam por usar a modelação social e o ensaio e erro durante a experiência de criar os próprios filhos. Neste contexto, os pais experimentam muitas vezes intensos sentimentos de culpa e inadequação. A punição física é amplamente utilizada, por falta de conhecimento de outras técnicas disciplinares aliada à falta de diálogo familiar. A grande procura por atendimento psicológico para problemas de crianças e jovens torna relevantes intervenções visando diminuir o sofrimento destes, além de prevenir e atenuar prejuízos posteriores, pois também é grande a procura de atendimento psicológico por adultos que claramente iniciaram seus problemas na infância e tiveram manutenção e/ou piora posterior. As intervenções familiares possíveis, sejam preventivas ou terapêuticas, podem ser as mais diversas. Envolve desde a simples orientação aos pais sobre o manejo da criança, baseadas em propostas psicoeducacionais com uso de biblioterapia, por exemplo, quanto, para famílias com fatores de risco adicionais, terapia presencial através de técnicas como a reestruturação cognitiva, treino de habilidades sociais, manipulação dos estados de humor, habilidades de enfrentamento de estresse, assertividade, manejo da raiva, além de outras estratégias para lidar com as cognições, sentimentos e comportamentos dos cuidadores e/ou da criança. A Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC)

pressupõe que a forma como a pessoa interpreta as situações (pensamentos, cognições) irá influenciar o modo como se sente (sentimentos, emoções) e como age no mundo (comportamentos). O presente trabalho objetiva apresentar algumas estratégias da TCC para orientação de pais, tais como: a) utilização constante de reforço dos comportamentos adequados, b) escuta espelhada para ajudar a criança a lidar com os próprios sentimentos, c) técnicas para melhorar a comunicação entre os membros da família, d) trabalho com assertividade, e) contratos, f) sistema de pontos, g) direitos, deveres e regras para toda a família e outras. A TCC também trabalha com a orientação sobre a utilização de punições brandas quando necessário, em lugar da punição física e gritos, tais quais: time-out (castigo), repreensão, ignorar ativamente, retirada de privilégios e outras. Serão apresentados exemplos de casos clínicos atendidos na Divisão de Psicologia Aplicada Prof.^a Isabel Adrados do Instituto de Psicologia da UFRJ, sob supervisão do prof. Bernard Rangé.

Mesa Redonda - “Investigações sobre Relações Simbólicas, Categorização e Linguagem: implicações para o ensino”

José Medeiros - Universidade Federal de Santa Catarina, Melania Moroz - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Celso Goyos - Universidade Federal de São Carlos

Coordenador: José Medeiros - Universidade Federal de Santa Catarina

O que fazer quando a escola, enquanto instituição, não dá conta de atender com qualidade as necessidades da população que procura por atendimento? Responder a esta pergunta com o chavão de que depende de vontade política, pouco ou nada se esclarece sobre a natureza do problema. Há soluções sim, ainda que parciais, enclausuradas em dissertações e teses produzidas nos últimos anos. O problema reside no acesso a este conhecimento e na sua derivação para estratégias de intervenção e comportamentos significativos. Parte desses estudos refere-se a conhecimento sobre relações entre professor e aluno, mais especificamente sobre estratégias utilizadas por professores para instalar repertórios profissionais nos alunos.

Desde o estudo seminal de Sidman (1971), a análise do comportamento estabeleceu um novo campo de pesquisas: o da equivalência de estímulos. No Brasil, os primeiros trabalhos foram produzidos na década de 80, sendo tal produção intensificada a partir dos anos 90, o que pode ser notado pelo aumento no número de trabalhos publicados, pela diversificação do tipo de repertório ensinado, por sua aplicação em contextos extra-laboratoriais e, ainda, pela derivação de recursos tecnológicos, como é o caso do software educativo Mestre@. A maior parte do conhecimento produzido tem sido obtida trabalhando-se com sujeitos em situação individual e em contextos experimentais específicos, portanto, sem avaliação sistemática da extensão da aplicabilidade em contextos pedagógicos. Como estabelecer a passagem de situações de maior controle de variáveis (pesquisa básica) para situações de menor controle de variáveis (pesquisa básica em situação de aplicação)?

Nesta mesa-redonda são apresentadas e discutidas as produções, no campo da equivalência de estímulos, de três grupos de pesquisa que utilizam como recurso o software Mestre@. A análise de tais produções está direcionada para questões, dentre outras, A) Que problemas de pesquisa tem sido

estudados? B) Com que objetivos? C) Quais as características dos participantes e dos contextos experimentais? D) Quais as especificidades metodológicas, tais como, desenho experimental, tipos de estímulos, natureza das respostas? E) Quais os resultados obtidos e quais os esperados? F) Qual foi a faixa de amplitude de variação? G) Houve generalização para novas classes de estímulos com manutenção do repertório ensinado?) H) Qual a extensão do período em que o repertório ensinado foi mantido? Essas questões oferecem uma visão do que foi priorizado pelos grupos, possibilitando não apenas evidenciar pontos em comum, divergências e lacunas no conhecimento existente, mas também indicar alternativas possíveis de serem implementadas em estudos futuros.

Apresentação 1:

As máquinas de ensinar de Skinner foram apenas o começo de uma revolução tecnológica que começa a produzir resultados promissores. Não pelas máquinas de ensinar, mas pela concepção por ele formulada sobre educação e sobre como ensinar. E o computador com seus aplicativos podem vir a se constituir no grande “salto para o futuro”. A questão que se coloca é “Como colocar esses recursos a serviço da educação?” Quem lida com um mínimo de competência com o computador sabe o que isso significa em termos de mudança de paradigma e Sidman, em 1971, deu início a esse processo. E sem os recursos do computador que temos hoje disponíveis. Essas reflexões têm sua origem em resultados de projetos em que se ensina leitura e escrita com compreensão por meio de um software educativo a crianças das séries iniciais de escolas públicas. Este aplicativo, denominado Mestre@, tem se constituído num importante aliado para programar e apresentar contingências para se ensinar essas crianças a ler o mundo por meio de palavras, cujo significado está presente nas relações ensinadas. A característica fundamental deste software reside na facilidade dos recursos de programação, pois se constitui num programa aberto, onde o professor pode inserir conteúdos de qualquer natureza, podendo ser acompanhados de figuras e sons. É bastante amigável na chamada linguagem computacional pela facilidade de manipulação e pela presença de um menu interativo bem elaborado. Esse aplicativo e, com certeza, alguns outros desenvolvidos a partir dos mesmos princípios, está contribuindo para o que se denomina de aprendizagem sem erros estabelecida por meio de procedimentos de discriminação condicional. Em outros termos: a criança aprende a ler através de determinadas configurações de estímulos e consegue, a partir dessas relações aprendidas, responder a novas relações, agora denominadas relações derivadas. Dito de outra forma, ela consegue lidar com novas situações às quais nunca antes tinha sido exposta, facilitando sua criatividade e, com menos custo de resposta, aumentando sua produtividade. Assim, o objetivo do presente trabalho é descrever e discutir procedimentos de pesquisas que, com base neste referencial teórico e, com o auxílio deste software, têm sido desenvolvidos e sistematizados. O conteúdo mais freqüente tem sido o ensino de palavras substantivadas. Mais recentemente iniciou-se o ensino de frases a partir do ensino isolado dos componentes dessas frases.

Apresentação 2:

O pleno exercício da cidadania exige o domínio de conhecimentos e habilidades, dentre os quais os de leitura e escrita. Avaliações sistemáticas, nacionais e internacionais, têm destacado o baixo desempenho dos alunos brasileiros, fato que demanda, dos pesquisadores, a elaboração de propostas que possam contribuir para a modificação do quadro de ineficiência do sistema escolar. Pesquisas, derivadas do paradigma da equivalência de estímulos, parte delas desenvolvida com auxílio do software educativo Mestre@, caminham nesta direção, pois atuam junto a alunos que apresentam desempenho deficitário em leitura e escrita. No presente trabalho, analisam-se estudos que foram desenvolvidos com alunos que freqüentam o ensino fundamental em escolas públicas e na educação de jovens e adultos. Tais estudos apresentam duas ramificações: de um lado, há elaboração de instrumentos de avaliação do repertório prévio dos alunos, bem como sua aplicação, de forma a identificar especificidades individuais; de outro, há aplicação de programações de ensino, visando ao aperfeiçoamento do repertório dos alunos que, segundo a avaliação da própria instituição de ensino, apresentam repertórios deficitários. Dentre os aspectos focalizados, faz-se referência a especificidades do contexto escolar que devem ser levadas em consideração, a resultados que indicam serem promissoras as derivações do paradigma da equivalência de estímulos para problemáticas escolares e a lacunas e problemas que deveriam merecer a atenção dos pesquisadores que defendem a aplicação da análise do comportamento para o contexto natural.

Apresentação 3:

Categorização e formação de conceitos são questões que despertam grande interesse, e de maneira semelhante, em psicólogos comportamentais e cognitivos. O paradigma de equivalência de estímulos, derivado da Psicologia Comportamental tem se mostrado uma estratégia promissora para se estudar essas questões. O objetivo da presente apresentação é inicialmente apresentar alguns recursos de software considerados importantes para estudos de pesquisa na área. A maneira que se pretende fazer isso é através da apresentação de pesquisas aplicadas, nas quais o software foi utilizado para ensino de habilidades complexas envolvendo leitura, matemática, comportamento de ouvinte, sintaxe, tatos e mandos, linguagem de sinais. Os resultados dos estudos mostram a relevância da interface do recurso informatizado e a produção de conhecimento na área e como o desenvolvimento dessa relação pode ser mais bem explorado para a continuidade das investigações sobre equivalência de estímulos e suas aplicações práticas.

Mesa Redonda - “Análise dos Efeitos das Propriedades Formais da Regra Sobre os Comportamentos Verbal e Não-Verbal”

Gislaine Tupinambá - Universidade Federal do Pará, Mariana Paz - Universidade Federal do Pará, Carla Paracampo - Universidade Federal do Pará, Andréa Farias - Universidade Federal do Pará

Coordenador: Gislaine Tupinambá - Universidade Federal do Pará

A maior parte dos autores, na linha de pesquisa que investiga o controle por regras, concorda com a proposição skinneriana de que regras são seguidas devido a uma história em que o seguimento de regras similares foi reforçado e o não-seguimento de regras foi punido por membros da comunidade verbal. Contudo, poucos estudos, nessa linha de pesquisa, têm procurado investigar se a probabilidade do seguimento de regras vir a ocorrer no futuro também depende das propriedades formais da própria regra, ou seja, de sua natureza formal. E ainda, estes poucos estudos encontrados na área têm investigado, em sua maioria, o efeito de perguntas sobre o comportamento de seguir regras. Deste modo, os presentes estudos são uma tentativa de avaliar o efeito das propriedades formais das regras em forma de pergunta, sugestão, instrução e justificativa sobre o comportamento não-verbal. Especificamente, o estudo de Paz procurou avaliar os efeitos de perguntas feitas durante a situação experimental tanto sobre o comportamento verbal quanto sobre o comportamento não-verbal de adultos. O estudo de Tupinambá procurou avaliar se a probabilidade do seguimento de regras vir a ocorrer no futuro também pode depender das conseqüências atrasadas relatadas na regra que atuariam como justificativas para a ocorrência desse comportamento em adultos. O estudo de Paracampo procurará investigar os efeitos de instruções, perguntas e sugestões sobre o comportamento não-verbal de crianças.

Apresentação 1:

O presente estudo procurou testar duas das proposições acerca da relação entre o papel das conseqüências atrasadas e o papel de regras na determinação do comportamento. A que sugere que regras que relatam conseqüências remotas seriam seguidas devido a uma história de reforço do seguimento de regras semelhantes e a que sugere que a probabilidade do seguimento de regras vir a ocorrer no futuro também pode depender das conseqüências atrasadas relatadas na regra que atuariam como justificativas para a ocorrência desse comportamento. Dezesesseis estudantes universitários foram expostos a um procedimento de escolha de acordo com o modelo. A tarefa consistia em apontar para os estímulos de comparação em relação ao estímulo modelo. Os participantes foram distribuídos em quatro condições. Na Condição 1, eram expostos às Regras RI, RIRA, RI e RIRA nas Sessões 1, 2, 3 e 4, respectivamente. Na Condição 2, eram expostos às Regras RIRA, RI e RIRA nas Sessões 1, 2 e 3, respectivamente. Na Condição 3, eram expostos às Regras RA, RARI, RA e RARI, nas Sessões 1, 2, 3 e 4, respectivamente. Na Condição 4, eram expostos às Regras RARI / RA / RARI, nas Sessões 1, 2 e 3, respectivamente. A Regra RI especificava que a emissão da seqüência CEF seria conseqüenciada com pontos em CRF e que o participante poderia obter 80 pontos na sessão (conseqüência imediata e de menor magnitude). A Regra RA especificava que a emissão da seqüência EFC seria conseqüenciada com 160 pontos apenas no final da sessão (conseqüência atrasada e de maior magnitude). A Regra concorrente RIRA justificava o seguimento de RA e a Regra concorrente RARI justificava o seguimento de RI. Nas sessões em que as regras concorrentes foram apresentadas pela primeira vez, pode-se dizer que o seguimento de regra

ocorreu, em parte, devido à justificativa relatada na regra, em 13 de 24 sessões em que a regra pôde ser seguida por essa razão. E o seguimento de regra ocorreu, em parte, devido às histórias experimentais de reforço para o seguimento de regras semelhantes, em 15 de 36 sessões em que a regra pôde ser seguida por essa razão. Os resultados sugerem que o seguimento de regras pôde ocorrer, não exclusivamente devido à história de reforço para o seguimento de regras semelhantes, mas também, em parte, às justificativas relatadas na regra. Portanto, tais justificativas deveriam ser consideradas como um dos fatores que pode interferir no seguimento de regras.

Apresentação 2:

Para avaliar os efeitos, tanto sobre o comportamento verbal quanto sobre o comportamento não-verbal dos participantes, de perguntas feitas durante a situação experimental, 12 estudantes universitários foram expostos a um procedimento de escolha de acordo com o modelo. A tarefa era apontar para três estímulos de comparação, em seqüência, na presença de um estímulo contextual. Os participantes foram distribuídos em quatro condições experimentais, cada uma composta por quatro sessões. A Sessão 1 era a linha de base. As contingências programadas na Sessão 2 eram alteradas na Sessão 3 e mantidas inalteradas na Sessão 4. Nas Condições 1 e 2, o comportamento não-verbal era estabelecido por reforço diferencial e nas Condições 3 e 4 era estabelecido por regra. Dois tipos de perguntas eram feitos: a pergunta Tipo 1 consistia em solicitar ao participante que descrevesse o comportamento que produz reforço; e a pergunta Tipo 2 consistia em pedir ao participante para avaliar a possibilidade de haver ou não mais de um comportamento que produz reforço na situação experimental. A pergunta Tipo 1 era apresentada a cada três tentativas ao longo das Sessões 2, 3 e 4 de todas as condições; enquanto que a pergunta Tipo 2 era apresentada no início da Sessão 3 das Condições 1 e 3 e no início da Sessão 4 das Condições 2 e 4. Os resultados mostraram que dois de três participantes da Condição 1 e todos da Condição 2 modificaram seus desempenhos verbais e não-verbais quando houve mudança nas contingências. Na Condição 3, todos mudaram seus desempenhos quando houve mudança nas contingências e dois de três apresentaram mudança de desempenho com a alteração das contingências na Condição 4. Os resultados indicam que a pergunta Tipo 2, em conjunção com a pergunta Tipo 1, contribuiu para a apresentação de comportamentos verbais e não-verbais sensíveis à mudança nas contingências quando o comportamento não-verbal foi estabelecido por regra. Os resultados têm implicações para o esclarecimento do papel de perguntas na sensibilidade dos comportamentos verbal e não-verbal às mudanças nas contingências.

Apresentação 3:

Estudos realizados na área do comportamento governado por regras têm demonstrado que regras apresentadas na forma de instruções são eficazes no estabelecimento de novos comportamentos. Entretanto, poucos estudos têm investigado os efeitos de outras formas de regras, como perguntas e sugestões, na aprendizagem de novos desempenhos. O presente estudo objetivará investigar os

efeitos de perguntas, instruções e sugestões sobre o comportamento não-verbal de crianças. Para tanto, 16 crianças serão expostas a um procedimento de escolha segundo o modelo. A tarefa consistirá em tocar um de dois estímulos de comparação na presença de um estímulo contextual. Os participantes serão distribuídos em 4 condições experimentais, que irão diferir apenas quanto ao tipo de regra que serão apresentadas nas Fases 1 e 3. Na Condição 1, a Fase 1 será iniciada com instruções correspondentes. As Fases 2 e 4 serão marcadas pela mudança não sinalizada das contingências de reforço. A Fase 3 será iniciada com perguntas que descrevem as contingências programadas para esta fase. A Condição 2 será idêntica a Condição 1, exceto por uma diferença. Na Fase 1, desta condição será apresentada a pergunta, e na Fase 3 será apresentada a instrução. A Condição 3 será idêntica a Condição 1, exceto na Fase 3, pois esta fase será iniciada com sugestões que descrevem as contingências. A Condição 4, diferir-se-á da Condição 1, apenas por uma alteração. Na Fase 1, desta condição será apresentada a sugestão, e na Fase 3 será apresentada a instrução. As respostas corretas, em todas as condições serão reforçadas em CRF. Os resultados mostraram que quatro de oito participantes tiveram seus comportamentos estabelecidos por perguntas e que sete de oito participantes tiveram seus comportamentos instalados por sugestões. Desta forma, os resultados de onze dos dezesseis participantes sugerem que estímulos antecedentes verbais que especificam o comportamento que produz reforço podem funcionar como regras, independentemente se esses estímulos são apresentados na forma de instrução, de pergunta ou sugestão.

Palestra - "Habilidades Sociais de Universitários: procedimentos de avaliação e intervenção na perspectiva da análise do comportamento" Alessandra Turini Bolsoni Silva - UNESP-Bauru

Muitos estudos apontam que sucesso acadêmico e prevenção de evasão escolar e de transtornos de depressão, ansiedade estão diretamente relacionados com aquisição das habilidades sociais. Estudos de caracterização têm encontrado queixas que envolvem falar em público, sobretudo apresentar seminários, conviver com colegas de república, morar em cidade diferente da dos pais e de namorado(a) o que exige diferentes habilidades para obter reforçadores positivos e negativos. Diante desta demanda e com intenção de prevenir transtornos e conseqüente evasão da universidade vêm-se desenvolvendo desde 2003, no Centro de Psicologia Aplicada da Unesp-Bauru, intervenções em grupo junto a esta população. Para tanto foi desenvolvido procedimentos de avaliação e de intervenção para garantir o atendimento das demandas individuais, além das de grupo. O trabalho utiliza-se de autores da Análise do Comportamento e do Treinamento das Habilidades Sociais (THS). Pretende-se, nesta palestra, apresentar:

- a) conceitos que subsidiam a sua elaboração, tais como, Modelo Operante de Skinner, Modelo Construcional de Goldiamond, Modelo Colaborativo de Webster-Stratton e Hebert, Habilidades Sociais e Competência Social;
- b) procedimentos de avaliação:

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

- a. questionário de habilidades sociais para universitários: comportamentos e contextos. Elaborado para investigar queixas que comumente são motivo de procura pelo atendimento, bem como antecedentes e conseqüentes. Encontra-se em processo de validação psicométrica;
- b. além do questionário é realizada uma entrevista semi-estruturada, também elaborada para este estudo, bem como aplicado o IHS-Del Prette;
- c. as informações colhidas permitem identificar queixas e reservas comportamentais, que auxiliam na formulação de hipóteses funcionais e de objetivos individuais;
- c) procedimentos de intervenção:
 - a. foram testados três procedimentos de intervenção. O primeiro ocorreu em 22 sessões, o segundo em 20 sessões e o último em 12 sessões, todos uma vez por semana com duração de 2 horas. São discutidas vantagens de cada intervenção de forma a superar as queixas que motivaram a busca pelo atendimento, bem como da redução de abandono;
 - b. os temas trabalhados são: comunicação, expressividade, falar em público, fazer amizades, relacionamento familiar, relacionamento amoroso, lidar com autoridade. O procedimento prevê o acréscimo de temas conforme a necessidade do grupo;
 - c. cada sessão é organizada em: discussão de tarefas de casa (a partir de registro de observação semanal), momento em que são realizadas análises funcionais; discussão de forma dialogada e a partir do conhecimento/dificuldade do grupo do tema da sessão; treino de repertório especialmente pelo uso de role-playing; avaliação da sessão; instrução sobre a próxima tarefa de casa.

Palestra - “Terapias Complementares em Psicoterapia e Psicologia Hospitalar – Acupuntura, Biofeedback e Meditação”

Armando Ribeiro das Neves Neto – UNIFESP

Pesquisas recentes apontam para o crescimento da utilização das Terapias Complementares em países desenvolvidos, no caso dos EUA chega a cerca de 62% da população adulta, com um investimento da ordem de 47 bilhões de dólares nestas terapias (BMJ, 2000; CDC, 2004; NCCAM, 2004). Outros estudos apontam para o crescimento da utilização de terapias complementares pelos clientes usuários da psicoterapia, em que 44% dos sujeitos utilizavam terapias complementares, sendo o dado mais impressionante é que apenas 34% dos sujeitos discutiram o uso destas terapias com os seus psicoterapeutas (Dittman, 2004; Elkins et al., 2005). Segundo o NCCAM (2004) terapias complementares consistem no uso de sistemas e modalidades terapêuticas, associados aos tratamentos convencionais (ex. alopatia, cirurgia, psicoterapia), para melhorar a eficácia destas terapias. Atualmente, diversas terapias complementares vêm sendo estudadas e aplicadas nos centros de saúde convencionais, tais como: acupuntura para depressão (Allen et al, 1998), ansiedade (Eich et al., 2000), auriculoterapia para ansiedade pré-cirúrgica (Shu-Ming et al., 2001); biofeedback para incontinência urinária em mulheres, ansiedade, TDAH (Baskin et al., 2004); hipnose para redução da ansiedade pré-cirurgia (Lang et al., 2006); meditação para redução da ansiedade (Kozasa, 2002), entre outros. É importante salientar que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) já regulamentou

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

algumas práticas complementares, entre elas: acupuntura (005/2002) e hipnose (013/2000). O CFP também orienta com relação à pesquisa de novas práticas terapêuticas, através do Fórum de Práticas Alternativas (011/1997). No Brasil, destacamos o pioneirismo da Unidade de Medicina Comportamental do departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob coordenação do psicólogo Dr. José Roberto Leite. No Setor de Psicologia da Saúde do Inesp do Hospital Beneficência Portuguesa, em 2002, o psicólogo Prof. Armando Ribeiro das Neves Neto implantou um atendimento baseado em Terapia Cognitivo-Comportamental e terapias complementares, sendo estas: acupuntura, biofeedback, hipnose e meditação, para os principais quadros psicológicos, psiquiátricos e doenças psicossomáticas. O Ministério da Saúde cria a Portaria 971 (03/05/2006) sobre a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS) que legitima o papel das Terapias Complementares no tratamento da saúde, baseando-se principalmente em relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a importância destas práticas nos países membros. Em São Paulo a Lei Municipal 13.717 (08/01/2004) dispõe sobre a implantação das Terapias Naturais na Secretaria Municipal de Saúde.

Palestra - “Dependência de Internet: conceitualização e tratamento”

Cristiano Nabuco de Abreu – FMUSP

Com a inclusão das novas tecnologias contemporâneas, a Internet tornou-se uma ferramenta de uso amplo e irrestrito, transformando-se em um dos maiores fenômenos mundiais da última década. Diversas pesquisas atestam os benefícios desses recursos, mas seu uso sadio e adaptativo progressivamente deu lugar ao abuso e à falta de controle, e veio à criar severos impactos na vida cotidiana de milhões de usuários criando o novo diagnóstico "dependência de Internet". Estudos realizados em diferentes países apontam para prevalências ainda muito diversas, o que provavelmente se deve à falta de consenso e ao uso de diferentes denominações, dando margem à adoção de distintos critérios/diagnósticos. Muitos pacientes que relatam o uso abusivo e dependência passam a apresentar prejuízos significativos na vida profissional, acadêmica (escolar), social e familiar. São necessárias novas investigações para determinar se esse uso abusivo de Internet e de jogos eletrônicos pode ser compreendido como uma das mais novas classificações psiquiátricas do século XXI ou apenas substratos de outros transtornos. Essas e outras questões objeto de discussão.

Comunicação Oral: “Análise de Eventos Privados do Tipo Sentir sob Controle de Contingências Programadas em um Software”

Luciano de Sousa Cunha - Universidade Federal do Espírito Santo, Elizeu Borloti - Universidade Federal do Espírito Santo

Analistas de Comportamento têm apontado relações entre contingências de reforçamento, estados corporais (eventos privados) e eventos públicos. O presente experimento teve por objetivo investigar

o controle de contingências programadas sobre eventos privados do tipo sentir, empregando um procedimento que eliciou tais eventos e evocou o tacto dos mesmos (sentimentos). Participaram 20 estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 11 e 14 anos, que cursavam o ensino fundamental em uma escola privada de Vitória-ES, que executaram as tarefas do software PsychoTacto 2.0. Diante de uma tela disposta de quatro estímulos (cards), um localizado na parte superior central (estímulo-modelo) e três alinhados na parte inferior central da tela (estímulos-comparação), os participantes respondiam clicando com um mouse em um dos estímulo-comparação – a consequência era programada de acordo com a contingência básica de reforçamento em operação – e, ao término de cada procedimento, relatavam o que sentiram. A frequência cardíaca e a latência das respostas foram medidas; comportamentos motores e verbais foram registrados por observadores treinados; dos verbais foi inferido controle instrucional sobre o desempenho. Resultados: na fase Reforçamento Positivo predominaram relatos de contentamento (30%), ansiedade (30%), satisfação (20%) e alegria (20%). Na fase Punição Negativa, predominaram relatos de frustração (50%), desapontamento (20%), tristeza (20%) e apreensão (10%). Na fase Punição Positiva, predominaram relatos de raiva (30%), aborrecimento (20%), ansiedade (20%), apreensão (20%) e medo (10%). E na fase Reforçamento Negativo, relatos de ansiedade (40%), apreensão (30%) e alívio (30%). Em todas as fases as respostas apresentaram um tempo médio de latência diferente, sendo a maior para o Reforçamento Positivo (3 min e 17 seg) e a menor para o Reforçamento Negativo (1 min e 23 seg). As regras formuladas indicaram a não discriminação do desempenho como variável controlada. Os dados motores, verbais e cardíacos combinados mostram que a exposição a contingências pode eliciar eventos privados do tipo sentir e produzir tactos dos mesmos. Não foram registradas discrepâncias entre os dados obtidos entre meninos e meninas,

Comunicação Oral: "A manutenção de Crenças Errôneas Sobre Métodos Contraceptivos: um estudo sobre a função dos reforçadores sociais a partir do software Belief"

Renan Grilo de Almeida, Filipe Moreira Vasconcelos, Luiza Geaquinto Machado, Priscila de Assis Nogueira, Rosalina Barros Gomes, Luciano de Sousa Cunha - Afiliação do Grupo: Centro Universitário Vila Velha

O presente estudo é uma replicação sistemática de um procedimento que permite identificar algumas variáveis que possam determinar a manutenção do aspecto "crença" do comportamento verbal. Desta maneira, o objetivo foi verificar experimentalmente a função do reforçador (consequência) social na manutenção de crenças errôneas sobre a eficácia de métodos contraceptivos. Participantes: 06 estudantes de uma instituição particular de ensino superior da Grande Vitória - ES. Procedimento: Foi utilizado o software Belief 1.0 (Cunha & Borloti, 2005). O procedimento possuía 3 fases (delineamento ABA): Linha de Base, Fase de Reforçamento e Questionário Pós-Experimental. Foram selecionadas dez questões em que os participantes deveriam classificar se os métodos contraceptivos eram eficazes ou não, dos quais, quatro foram reforçadas erroneamente. Os métodos contraceptivos reforçados erroneamente foram: "ducha vaginal", "urinar após o coito", "pílula do dia seguinte" e

“espermicida”. Nestes itens foi possível verificar que, na linha de base, 100% das respostas classificavam estes métodos como ineficazes, sendo registrada uma mudança na frequência de emissão dessas respostas para 40% após serem reforçados erroneamente pelo software. Os dados permitem afirmar que crenças são comportamentos sujeitos as mesmas leis e princípios que outros comportamentos e que os reforçadores sociais aumentaram a frequência de respostas de crenças errôneas, mesmo com uma história de reforçamento anteriormente pela comunidade verbal. Novas replicações, com participantes, locais e temas diferentes podem ser feitas para aumentar a generalidade dos dados.

Comunicação Oral: “Educação Sexual: utilização do software Belief para o ensino da eficácia de métodos contraceptivos pelo modelo de seleção por conseqüências”

Wagner Petri Travesani, Filipe Moreira Vasconcelos, Renan Grilo de Almeida, Paola Porto Câmara de Freitas, Paula Nunes Lima, Luciano de Sousa Cunha - Afiliação do Grupo: Centro Universitário Vila Velha

O presente estudo é uma replicação sistemática de um procedimento que permite identificar algumas variáveis que possam determinar a manutenção do aspecto “crença” do comportamento verbal. O objetivo foi verificar experimentalmente a função do reforçador (conseqüência) social na manutenção de crenças em programa de educação sexual sobre métodos contraceptivos. Participantes: 10 estudantes de uma instituição particular de ensino superior da Grande Vitória - ES. Procedimento: Foi utilizado o software Belief 1.0 (Cunha & Borloti, 2005). O procedimento possuía 3 fases (delineamento ABA): Linha de Base, Fase de Reforçamento e Questionário Pós-Experimental. Foram selecionadas dez questões em que os participantes deveriam classificar se os métodos contraceptivos eram eficazes ou não, em que todos eram reforçados pela emissão da resposta correta. Foi possível verificar, na linha de base, um índice de acerto de 80% para as questões “Ducha vaginal” e “Diafragma”; 90% para as questões “Diu”, “Pílula do dia seguinte e “Vasectomia” e; para a questão “Espermicida”, apenas 20% o classificaram como eficaz. Após serem expostos ao treinamento pelo software foi registrada uma mudança na frequência de emissão dessas respostas para 100%. Os dados permitem afirmar que crenças são comportamentos sujeitos as mesmas leis e princípios que outros comportamentos e que os reforçadores sociais aumentaram a frequência de respostas de crenças certas, mesmo com uma história de reforçamento anteriormente pela comunidade verbal, se configurando com um modelo alternativo para educação sexual baseado no modelo de seleção por conseqüências de reforçamento, proposto por Skinner. Novas replicações, com participantes, locais e temas diferentes podem ser feitas para aumentar a generalidade dos dados.

Simpósio: “Programa Comportamental para Cessar o Comportamento de Fumar Cigarros: componentes e resultados de pesquisa”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Juliana Accioly Gavazzoni , Maria Luiza Marinho-Casanova , Ana Carolina S. Felipe , Maria Rita ZoégaSoares , Juliana Tramontini Marcatto , Juliane Cristhine Natalin - Afiliação do Grupo: UEL

Coordenador: Maria Luiza Marinho – UEL

Debatedor: Maria Rita Zóega Soares – UEL

Em função do número alarmante de mortes causadas pelo uso do tabaco no mundo, o tabagismo vem sendo considerado pelos órgãos de saúde uma doença crônica e o seu tratamento uma necessidade de saúde pública. Por esta razão, a área da Psicologia da Saúde vem contribuindo com estudos para elaborar e avaliar programas para cessar o comportamento de fumar cigarros. O presente simpósio tem por objetivo apresentar os componentes de um programa comportamental para cessar o comportamento de fumar cigarros, extensamente avaliado na Espanha. Além disto, serão apresentados dados de pesquisa referentes à aplicação do referido programa com fumantes brasileiros, em três grupos de intervenção. Espera-se discutir propostas de implementação de estratégias para otimização dos resultados em clínicas e hospitais públicos no Brasil.

Recebeu apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil

Apresentação 1:

Atualmente, no Brasil, a saúde pública dispõe de um programa de tratamento padrão para parar de fumar, o qual foi elaborado pelo Instituto Nacional de Câncer (INCA) e constitui-se de intervenção psicoterápica associada ao uso de medicação. No mundo, diversos outros tratamentos foram elaborados e vêm sendo avaliados quanto a sua eficácia. Um destes tratamentos se refere a um programa para parar de fumar, elaborado na Espanha em 1993 por Elisardo Becoña. Após extensa avaliação na população espanhola, este programa tem apresentado resultados satisfatórios, visto que entre 58% e 85% dos fumantes têm alcançado a abstinência ao final do tratamento. Além disso, este programa não utiliza medicação, sendo constituído apenas de intervenções baseadas em técnicas comportamentais. O fato de este programa apresentar resultados satisfatórios, sem a utilização de medicação, torna relevante a sua avaliação na população brasileira, uma vez que pode proporcionar uma redução significativa de custos, além de não produzir efeitos colaterais próprios dos fármacos utilizados. O Programa tem a duração de seis sessões. As principais estratégias adotadas para o controle do comportamento de fumar cigarros são: informação sobre o tabaco; automonitoramento; controle de estímulos; redução gradual do consumo do tabaco; estratégias para aliviar os sintomas da síndrome de abstinência; prevenção da recaída e feedback fisiológico. Diante disso, O objetivo deste trabalho é apresentar o detalhamento do programa, com as adaptações feitas para aplicação no Brasil, assim como os pontos que se mostraram relevantes e as principais dificuldades encontradas.

Recebeu apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil

Apresentação 2:

O presente trabalho visa apresentar os resultados da aplicação em três grupos de um programa para cessar o comportamento de fumar. A intervenção foi realizada junto a três grupos: G-I e G-II com 15 participantes cada e G-III com 11 participantes. Todos os grupos tiveram a duração de seis sessões, conduzidas semanalmente. Foi realizada a aplicação do Teste de Fagerström ao início dos atendimentos para verificação do nível de dependência à nicotina. Também foi avaliado o nível de monóxido de carbono de cada participante em cada uma das sessões, para verificar a abstinência. Dos 41 participantes, 61% apresentou nível de dependência da nicotina elevado ou muito elevado. Dos 41 participantes, 19 abandonaram o programa. Destes, 15 participantes foram entrevistados após o abandono. 60% relataram haver abandonado o Programa por problemas pessoais e 30% alegaram que o abandono ocorreu devido a dificuldades em parar de fumar. 40% relataram dificuldades em acompanhar o Programa, em especial mudar de marca de cigarros ou registrar semanalmente a frequência do comportamento de fumar e as situações relacionadas. Dos 22 participantes que concluíram o Programa, 41% (nove participantes) demonstraram estar abstinentes na última sessão, com base na avaliação do nível de monóxido de carbono. Dos participantes abstinentes, nenhum era solteiro, 66,6% do sexo feminino e 77,7% com idade acima de 35 anos; todos tinham contato com fumantes em casa e 66,6% contato com fumantes no trabalho e tinham tempo como fumante variável: de menos de 10 anos a mais de 30 anos fumando. 77,7% consumiam diariamente mais do que 16 cigarros. Discutem-se problemas relacionados com o abandono do tratamento e faltas durante a sessão, observados nos três grupos de intervenção. São propostas estratégias para sanar tais dificuldades.

Recebeu apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil

Simpósio: “Bases Cognitivas, Comportamentais e Afetivas da Origem das Crenças e a Implicação nos Tratamentos Cognitivo-Comportamentais”

Renata Ferrarez Fernandes Lopes - Universidade Federal de Uberlândia, Maura Ribeiro Alves - Universidade Federal de Uberlândia

Coordenador: Claudia Borges Furtado - Universidade Federal de Uberlândia

Debatedor: Alexandre Vianna Montagnero – USP

O objetivo deste simpósio é apontar os mecanismos cognitivos (assimilação e acomodação) e comportamentais/afetivos (contingências aversivas e punitivas) subjacentes ao tratamento cognitivo-comportamental. Em toda a extensa literatura sobre a abordagem cognitivo-comportamental, há poucas referências sobre o processo de construção das crenças, especialmente no que tange às influências de fatores comportamentais e emocionais na elaboração e modificação delas. Em um nível mais geral, as teorias cognitivo-comportamentais pressupõem que as crenças originam-se dos processos de regulação adaptativa, caracterizada por processos de assimilação e acomodação de

estímulos externos e de mecanismos afetivo-comportamentais, produtos das contingências reforçadoras ou aversivas. Esta teoria pressupõe que estados afetivos positivos permeiam processos de assimilação e estados afetivos negativos, por sua vez, permeiam processos de acomodação. Desta forma, a discriminação de estímulos, na condição em que a categoria afetiva é positiva, ou seja, caracterizada por contingências reforçadoras, ativa processos de assimilação, o que significa que o organismo assimila estímulos do mundo externo a partir de processos cognitivos de alto nível (sistema de categorização construído a partir de tatos e mandos e de aprendizagem social), de tal forma que o conhecimento e as expectativas prévias influenciam a percepção do estímulo (processos top-down). Por outro lado, na condição em que a categoria afetiva é negativa, ou seja, quando o organismo está sob contingências aversivas, o organismo tende a acomodar, ou seja, tende a focalizar o estímulo propriamente dito e deixar-se dirigir pelos dados (processos bottom-up). Os dois simpósios propostos procurarão esclarecer o fenômeno de elaboração de crenças (conceito central da abordagem cognitivo-comportamental) do ponto de vista teórico (processos comportamentais, cognitivos e afetivos) e das evidências empíricas subjacentes a este processo, enfatizando a contribuição das teorias comportamentais como as idéias de Tolman e Bandura acerca deste conceito. Além disso, do ponto de vista prático, relacionará as técnicas comportamentais e cognitivas comuns à prática clínica na abordagem aos mecanismos de assimilação e acomodação inerentes à formação das crenças, bem como os mecanismos comportamentais ligados às contingências de reforçamento e de punição subjacentes à modificação e elaboração de novas crenças.

Simpósio: “Análises de correspondência de relatos e comportamentos não verbais na obesidade infanto-juvenil”

Juliana Dias - Universidade Católica de Goiás, Sônia Neves - Universidade Católica de Goiás, Suzan Santos - Universidade Católica de Goiás, Sônia Neves - Universidade Católica de Goiás, Doralice Pires - Universidade Católica de Goiás

Coordenador: Sônia Neves - Universidade Católica de Goiás

Debatedor: Nicolau Kuckartz Pergher - Universidade Presbiteriana Mackenzie/Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento

A perspectiva Behaviorista Radical em sua visão sobre a causalidade apresenta o comportamento como multideterminado por fatores constitutivos do evento comportamental (ambientais intrínsecos ao organismo e sócio-culturais), fazendo a análise das múltiplas causas a partir da interação do organismo visto como um todo com o seu meio ambiente. Desse modo, comportamento é determinado e selecionado sob estes três níveis de interação, um nível do organismo enquanto espécie, outro enquanto organismo individual, e o organismo enquanto grupo. Nesse último nível de interação (social), tem-se o comportamento verbal que coloca o homem como um ser social porque permite a produção de conhecimentos que é de interesse do grupo, como também transmitir e trocar experiências. Os relatos verbais, comportamento verbal emitido sob controle de um estado de coisas, têm sido usados para obterem informações acerca de comportamentos manifestados (públicos), e

comportamentos encobertos em situações em que há impossibilidade de observação direta. Assim, muitas ciências que lidam com o homem, utilizam o relato verbal como base de entrevistas clínicas, levantamentos, avaliações padronizadas, entrevistas pré-experimentais e outros. Porém, resultados de varias pesquisas que utilizaram diferentes técnicas de inquérito alimentar demonstraram a subestimação nos relatos de consumo. Alguns estudos demonstraram que o relato verbal está sob controle de outras variáveis que não a quantidade e o tipo de alimento consumindo. Sendo assim, apesar das conclusões mencionadas sobre o relatar, ele é uma fonte metodológica que auxilia o pesquisador a verificar se existe ou não a correspondência entre o comportamento verbal e o comportamento não verbal. Esse simpósio irá discutir questões de correspondência sobre relatos de causalidade da obesidade e se esse tem a ver com relatos de intervenções, autoconhecimento e sobre a correspondência fazer-dizer.

Apresentação 1:

Pesquisas sobre correspondência entre comer e relatar podem ser esclarecedoras em relação à inconsistência observada em estudos que usam relatos como fonte de dados sobre o comportamento de comer. Objetivando identificar o efeito do reforçamento das verbalizações sobre a acurácia do relato de comer foram abordadas oito crianças com IMC acima e adequado para a idade. Todos participantes apresentaram correspondência fazer-dizer já na linha de base e mantiveram esse padrão após as intervenções. Contudo o consumo, durante o decorrer do experimento aumentou em ambos os grupos sendo esse maior no grupo de crianças acima do peso e a diferença entre os grupos foi significativa. Estudos que implementam contingências reforçadoras do comportamento de não correspondência se fazem necessários na investigação em crianças.

Apresentação 2:

Este estudo objetivou identificar através de questionário a correspondência entre relatos das causas, tratamentos necessários e já praticados em vinte e um adolescentes obesos. Resultados demonstraram que 66,6% da população indicou fatores nutricionais e comportamentais como causa da obesidade sendo que mais de 70% relataram causas múltiplas incluindo sedentarismo e/ou causas endócrinas. Quanto às intervenções necessárias, 85,7% elegeram a categoria nutrição, mas, mais de 70% entenderam ser necessário dois ou mais tipos de intervenção. A categoria nutrição foi apontada por 81% como intervenção já praticada sendo que mais de 70% intervieram em três ou mais níveis. Dados de correspondência mostram que a conscientização da multicausação não leva a uma prática correspondente de tratamento. Programas sócio-educacionais e tratamentos multidisciplinares são necessários

Mesa Redonda: “O Tratamento do Paciente Psiquiátrico: o modelo biopsicossocial aplicado à pratica clínica”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Euthymia Brandão de Almeida Prado - USP, Lizandra de Campos Brandani - PUC-SP/Uniban, Maria Eliza Pupo Finazzi - USP/UNIFESP

Coordenador: Maria das Graças de Oliveira - USP/UNIFESP/UnB

O estudo das causas das doenças psiquiátricas tem suas bases alicerçadas no modelo biopsicossocial, segundo o qual o transtorno mental resultaria da interação entre variáveis biológicas, psicológicas e sociais. Não obstante o crescente avanço nas pesquisas epidemiológicas em Psiquiatria, a determinação das causas dos processos psicopatológicos permanece ainda como um grande ponto de interrogação. A busca do homem pela cura de seus males físicos e mentais remonta à antiguidade e demonstra, ao longo da história, ser tanto mais eficaz quanto mais dirigida às causas que lhes deram origem. No cuidado aos pacientes psiquiátricos, na impossibilidade de intervenções etiologicamente orientadas, verifica-se a aplicação de técnicas terapêuticas testadas empiricamente, principalmente nos campos da medicina e psicologia, cujas diferenças de paradigmas epistemológicos e conceituais vêm, em grande parte, favorecendo a histórica dificuldade no diálogo entre psiquiatras e psicólogos. Nesta mesa, propõe-se um modelo de assistência integrada que possibilita a efetiva contribuição dos profissionais destas áreas do conhecimento, partindo da premissa de que a qualidade do trabalho terapêutico depende da aplicação de diferentes técnicas, desenvolvidas e implementadas graças à diversidade na formação de médicos e psicólogos. Desta forma, o trabalho harmônico e integrado entre os membros da equipe pressupõe o respeito às suas identidades profissionais e constitui condição indispensável para a aplicação do modelo. Será discutida a operacionalização do trabalho, tendo-se em conta o estabelecimento de objetivos e estratégias terapêuticas, considerando-se as contribuições da psiquiatria e psicologia clínicas, da neuropsicologia e psiquiatria social.

Palestra: “Princípios da Análise do Comportamento no Treinamento de Habilidades Sociais”

Almir Del Prette - UFSCAR, Zilda Del Prette – UFSCAR

O campo teórico prático do Treinamento de Habilidades Sociais (THS) teve sua origem e seu desenvolvimento apoiados em três abordagens principais: a cognitivista, a de aprendizagem social e a analítico-comportamental. No caso da abordagem analítico-comportamental (AAC), a contribuição mais divulgada, e geralmente mais visível, está associada ao uso de técnicas e procedimentos derivados dos princípios da análise do comportamento e característicos da Terapia Comportamental. Percebe-se menor ênfase, inclusive nas publicações da área do THS, nas questões conceituais que este campo compartilha com a AAC. Nesta apresentação, serão abordadas algumas dessas questões, entre as quais: (a) critérios de funcionalidade para a definição de comportamentos sociais enquanto classes de habilidades sociais aprendidas; (b) papel da seleção natural, filogenética e cultural, na definição de padrões de comportamento social, culturalmente valorizados; (c) princípios da aprendizagem envolvidos na aquisição e manutenção, ao longo do desenvolvimento ontogenético, de um repertório de habilidades sociais, especialmente a aprendizagem sob controle de regras e

conseqüências; (d) a importância dos aspectos topográficos na definição funcional de habilidades sociais. Considerando-se a contribuição da AAC ao campo do THS, discute-se as possibilidades de ampliação dessa interface na construção de novos conhecimentos e na sua aplicação a diferentes setores de atuação profissional, especialmente à Terapia Comportamental.

Mesa Redonda: “Transtornos Alimentares em Diferentes Contextos”

Denise Cerqueira Leite Heller - UTP/CETECC, Talita Lopes Marques - UTP/CETECC, Patricia Guillon Ribeiro - PUC-PR/FEPAR, Maria da Graça Saldanha Padilha - UTP/CETECC

Coordenador: Denise Cerqueira Leite Heller - UTP/CETECC

Apresentação 1:

Com o aumento da incidência de anorexia nervosa e bulimia nervosa nas últimas décadas, além da maior exploração destas patologias por parte da mídia, tem-se prestado mais atenção no comportamento alimentar dos adolescentes e também das crianças, aumentando-se a preocupação com possíveis indícios destas doenças. Quando o quadro de disfunção do comportamento alimentar inicia-se antes dos 14 anos, é denominado transtorno alimentar com início na infância ou transtorno alimentar de início precoce. Alguns autores precisam esta idade entre 7 e 14 anos. A classificação de tais transtornos ainda não consta nas classificações diagnósticas oficiais (DSM-IV e CID-10), e não é recomendável a utilização destes para o diagnóstico infantil, pois as crianças ainda não têm maturidade cognitiva para preencher tais critérios, que são baseados nas ocorrências com adolescentes e adultos. A tarefa de estabelecer critérios diagnósticos gera muita discussão. Além da questão da fase de desenvolvimento físico, emocional e cognitivo que a criança se encontra, elas podem apresentar uma grande variedade de alterações do comportamento alimentar, que ocorrem num continuum desde o nascimento até a puberdade. Estas alterações podem ser um quadro passageiro, que faz parte do desenvolvimento normal infantil, ou mais grave e duradouro, gerando prejuízo ao desenvolvimento da criança. Como o seu repertório comportamental está sendo formado, o comportamento alimentar serve também como via de expressão de suas experiências. Desta forma, o comportamento alimentar infantil é muito flexível, adquire outras funções além de garantir o aporte calórico, e isto torna o limiar entre normal e patológico muito tênue, de difícil distinção. Nas crianças, além da anorexia nervosa e bulimia nervosa, podem acontecer restrições alimentares que não estejam ligadas a preocupações com o corpo, bem como quadros de compulsão alimentar, principalmente em crianças propensas à obesidade. Sugere-se que a designação “transtorno alimentar” seja aplicada apenas aos casos de anorexia e bulimia de início precoce. Chamam-se então de transtornos da alimentação as patologias: recusa alimentar da primeira infância, seletividade alimentar, fobias alimentares e disfagia funcional, que geralmente apresentam-se antes dos 7 anos. É objetivo deste trabalho expor as diferenças entre estes quadros alimentares para que se esclareça o que é normal e o que é patológico, o que necessita de tratamento especializado e o que implica orientação aos pais.

Apresentação 2:

A incidência do Diabetes entre a população mundial vem crescendo de forma alarmante. Além disso, muitos estudos identificam que o paciente diabético apresenta pré-disposição importante para o desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, principalmente os Transtornos Alimentares. A necessidade de um controle alimentar rígido para manter os índices glicêmicos dentro dos padrões considerados seguros, pode ser uma das variáveis que interferem na prevalência de doenças como a Bulimia e a Compulsão Alimentar Periódica entre a população de pacientes diabéticos. O presente trabalho tem por objetivo discutir essa perigosa relação que se estabelece entre essas duas doenças crônicas, além de propor formas de intervenção conforme os princípios do Behaviorismo Radical.

Apresentação 3:

O abuso sexual é qualquer ato ou contato sexual de adultos com crianças ou adolescentes, com ou sem o uso de violência, que pode ocorrer em um único ou em vários episódios, de curta ou longa duração, e que resulta em danos para a saúde, a sobrevivência ou a dignidade da vítima (Eisenstein, 2004). As estimativas mais pessimistas para ocorrência do abuso sexual são de que uma entre três meninas e um entre sete meninos sofreram abuso sexual antes da idade de 18 anos (Tobin e Kessner, 2002). Os Transtornos alimentares são caracterizados por uma relação patológica do indivíduo com a comida (p.ex. superalimentação) e um transtorno de imagem corporal. Podem ser associados a fatores familiares, que parecem ser: negligência da mãe, comunicação familiar deficiente, altas expectativas a respeito de sucesso e corpo, autonomia pobre, alcoolismo, ambiente familiar caótico. Há poucos estudos que indicam a relação entre transtornos alimentares e abuso sexual, porém, de acordo com Connors (2001), abuso sexual é um fator de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, particularmente considerando-se o apoio social após a revelação do abuso sexual. A presente pesquisa objetivou verificar a ocorrência de abuso sexual na história de vida de 19 mulheres com idades entre 18 e 32 anos, diagnosticadas com transtornos alimentares (uma com anorexia e 18 com bulimia), pacientes de clínicas médicas especializadas. Foram utilizados dois instrumentos: o Bulimic Investigatory Test Edinburgh (BITE), e um questionário sobre abuso sexual (desenvolvido pelos autores). Os resultados obtidos foram: 58% das participantes relataram sentirem-se gordas; 40% tomavam anorexígenos; 12% usavam diuréticos e 13% usavam laxativos diariamente; 33% consideravam que seu comportamento alimentar era uma influência negativa sem suas vidas; 18% provocavam vômitos diariamente; 42% relataram abuso sexual antes da idade de 18 anos, como toques de adultos nos seus genitais, exposição à pornografia e tentativas de penetração; 50% das participantes vítimas de abuso relataram mais de um episódio de abuso; 44% delas foram abusadas por algum parente; 23% sentiam-se culpadas pela ocorrência do abuso e 23% sentiram-se enojadas. 13% consideraram que seu transtorno alimentar era uma consequência do abuso que sofreram na infância. Os dados acima indicam que pode haver uma relação entre abuso sexual e transtornos

alimentares, embora a natureza de tal relação precise ainda ser investigada. Uma hipótese poderia relacionar o comportamento negligente da mãe, fator associado a transtornos alimentares e a abuso sexual, e as dificuldades de contracontrole da pessoa sobre um ambiente organizado de tal forma que não possibilite tal contracontrole. Implicações para terapia são de vítimas de abuso sexual portadoras de transtornos alimentares serão discutidas.

Mesa Redonda: “A Diversidade da Atuação do Profissional de Psicologia em Classes Complexas de Comportamentos”

Iran Johnathan S. Oliveira - UCG, Gina Noleto Bueno - UCG, Ana Terra A. Rodrigues - UCG, Helia S. C. Fleury - Universidade Católica de Goiás

Coordenador: Gina Noleto Bueno - Universidade Católica de Goiás

Esta mesa redonda tem por objetivo demonstrar a forte instrumentalização de que dispõe a psicologia para a intervenção de classes complexas de comportamentos: (a) bulimia nervosa, (b) ver e ouvir na ausência dos respectivos estímulos, assim como em (c) quadros de enfermidades crônicas, com coma induzido, submetidos a tratamento intensivo em UTI. Objetiva, também, demonstrar os procedimentos utilizados por estes estudos (análise do comportamento e terapia comportamental cognitiva), assim como a influência dos mesmos sobre o processo de restabelecimento da qualidade de vida das pessoas que deles participaram. Nos três estudos ficou evidente a relevância das contingências inadvertidas como variáveis estabeledoras e mantenedoras dos padrões comportamentais intervencionados pelos respectivos estudos. O desafio da intervenção comportamental cognitiva para o controle do comportamento alimentar, bem como a extinção dos repertórios compensatórios, purgativos ou não, apresentados pela participante de 18 anos foi o padrão perfeccionista quanto à forma e ao peso corporal estabelecido pelo ambiente familiar dela. Já a intervenção feita com a análise do comportamento trabalhou dois importantes obstáculos – desmistificar os comportamentos de ver e ouvir na ausência dos respectivos estímulos e intervir em um participante com quadro de coma induzido, motivado pela gravidade clínica apresentada. Os dados obtidos pelos estudos apontam que as contingências estabeledoras e mantenedoras encontravam-se no ambiente passado e presente dos participantes, inclusive nas pessoas envolvidas no próprio restabelecimento deles. As terapêuticas utilizadas favoreceram o retorno à qualidade de vida dos três participantes, evidenciando a possibilidade real da atuação da psicologia independente do comprometimento do estado de consciência ou não das pessoas a ela submetida.

Apresentação 1:

Este trabalho objetivou investigar as variáveis estabeledoras e mantenedoras desta classe de comportamento-problema, bem como intervir no comportamento bulímico, com a finalidade de favorecer o esvanecimento das compulsões alimentares e dos comportamentos compensatórios purgativos e não-purgativos. A participante deste estudo tinha 18 anos de idade, à época dele,

solteira, estudante, de classe média baixa. Caçula de uma prole de quatro filhos, residindo em uma capital, com pais e irmãos. A participante iniciou dietas e regimes aos 9 anos de idade, com a finalidade de obter o corpo perfeito com a perda de peso. Com 14 anos passou a usar laxantes de forma intensiva, chegando a ingerir até doze comprimidos de uma só vez. Aos 15 anos começou a perder peso por meio de dietas rigorosas. Porém, passou a apresentar comportamentos compulsivos de ingestão alimentar e guloseimas, com enorme arrependimento posterior. Passou, então, a ter crises estomacais intensas; queda de cabelos; dentes tornaram-se amarelados; ciclo menstrual irregular e doloroso; ansiedade exacerbada; auto-estima baixa; perfeccionismo com o corpo; dentre outros. Esse complexo padrão alimentar foi descoberto pela mãe da participante quando ela tinha 16 anos. O primeiro tratamento buscado foi o médico psiquiátrico, quando recebeu o diagnóstico de Bulimia Nervosa e tratada com Fluoxetina, 40mg, uma vez ao dia e Rivotril, 0,5mg. Seis meses depois essa farmacoterapia foi aumentada para 60mg, 10mg, respectivamente. Motivado pela pouca melhoria da participante, o médico a encaminhou ao tratamento psicológico. O processo terapêutico comportamental cognitivo compreendeu-se de 27 sessões e abrangeu as seguintes fases: Linha de Base (9 sessões); Intervenção I (9 sessões); Avaliação Pós-Férias (3 sessões); Intervenção II (4 sessões); e Avaliação Final (2 sessões). Os resultados obtidos apontam para a aquisição de comportamentos adequados em relação à topografia dos repertórios apresentados inicialmente; extinção de padrões suicidas; aprendizagem e adesão ao programa de reeducação alimentar, proporcionando-lhe melhoria na qualidade de vida.

Apresentação 2:

Este estudo objetivou analisar funcionalmente as classes de comportamento do ver e do ouvir na ausência dos estímulos; sua instauração e manutenção em uma participante diagnosticada como esquizofrênica. Dele participou Lara, 29 anos, ensino médio; tratamento: 4 mg ao dia de Risperidona. Pretendeu, ainda, investigar se as técnicas de intervenção, oferecidas pela Análise do Comportamento favoreceriam o controle dos operantes verbais, assim como a aprendizagem de novas habilidades adequadas ao contexto. Pessoas que encontram-se em contingências ambientais inapropriadas apresentam, todavia, posturas fora do comum (murmúrios, gritos, imobilidade, etc.) ou inadequação do pensamento, que parecem tipificar comportamentos inapropriados e totalmente perturbados, como os de uma pessoa nomeada como portadora do Transtorno de Esquizofrenia. Estudiosos do Comportamento salientam que na literatura tradicional a Esquizofrenia é definida como uma doença mental subjacente, inferida por meio de repertório comportamental que foge aos padrões estabelecidos pelas contingências sociais. No entanto, para explicar a Esquizofrenia não é necessário inventar causas mentalistas e organicistas. É imprescindível analisar as variáveis das quais o comportamento é função, especialidade dos analistas do comportamento. Assim, intervenções pautadas no princípio da Análise do Comportamento são eficazes para controlar o curso do Transtorno de Esquizofrenia. A metodologia desse estudo foi o clínico experimental. As queixas relatadas à participante foram: ouvir vozes, ver imagens, sentir dores de cabeça e choro contínuo. O

processo terapêutico compreendeu-se de 21 sessões totais, constituído de três fases, e realizado em duas sessões semanais, com duração de 50 minutos cada. Na Linha de Base foram utilizados materiais didáticos e pedagógicos, testes e inventários para ser possível identificar os comportamentos-problema da participante. Técnicas com procedimentos de reforçamento diferencial, modelagem e extinção também foram utilizadas. A Avaliação Final constituiu-se da reaplicação dos testes e inventários com o propósito de verificar se o programa de tratamento traçado teria sido eficaz e eficiente. Os resultados evidenciam que a intervenção nos comportamentos-problema próprios do Transtorno de Esquizofrenia está no princípio da construção de um novo repertório comportamental advertido. As técnicas de intervenção oferecidas pela Análise do Comportamento sugerem terem sido, até aqui, instrumentos que têm favorecido à Lara a aprendizagem de novas habilidades adequadas ao contexto. Desenvolvida toda esta análise, este estudo pretendeu ser uma reflexão para os indivíduos que tiverem acesso aos dados e não uma solução acabada.

Apresentação 3:

O presente estudo objetivou relatar a experiência das autoras em um contexto de unidade de terapia intensiva - UTI, sendo a primeira na perspectiva de interna e a segunda na perspectiva de terapeuta. Objetivou, também, pesquisar se a inobservância das variáveis psicológicas em uma UTI dificultaria a terapêutica médica para o controle de enfermidades de grave risco de morte em uma participante/paciente renal, de 45 anos, com quadro de Sepsis e posterior quadro de SARA que a levaram a um quadro clínico gravíssimo, tendo sido hospitalizada por 7 dias em uma UTI, de uma unidade hospitalar de grande porte, em estado de coma induzido, utilizando antibióticos injetáveis de amplo espectro e medicação para manter a pressão arterial. Posteriormente, foi transferida para um apartamento, no qual permaneceu por 7 dias, com proibição de visitas, para a continuidade de tratamento farmacoterápico de amplo espectro e intervenção psicológica, desenvolvidos pela equipe multiprofissional de saúde. Recebeu alta hospitalar, porém o tratamento focal, com farmacoterapia já descrita continuou em casa por 12 dias, visando sua recuperação, bem como o tratamento psicológico. Assim, este estudo buscou avaliar a possibilidade da relação entre medicina e psicologia e se a qualidade desta integração favoreceria o controle dos quadros de enfermidades e psicológicos apresentados pela participante deste estudo. A terapêutica psicológica utilizada ao longo de 34 sessões foi a Análise do Comportamento. Os resultados apontam que a relação integrada das terapêuticas médica e psicológica em qualquer estágio que o paciente esteja é muito importante para o controle dos quadros de enfermidades e psicológicos por ele apresentados. Sugere, também, que a intervenção psicológica dentro da UTI, mesmo em quadros de não-lucidez dos internos é terapêutica possível e importante para o restabelecimento da saúde global daqueles que carecem da intervenção intensiva.

Mesa Redonda: “Desamparo Aprendido (DA) e Chronic Mild Stress (CMS) no Estudo Experimental da Depressão: variáveis críticas para a análise da generalidade desses efeitos e de sua adequação como modelo de psicopatologia”

Ana Carolina Trousdell Franceschini - USP, Maria Helena Leite Hunziker - USP, Emileane Costa Assis Oliveira - USP/Centro Universitário Padre Anchieta, Katilaine Cristina Horácio da Silva Erbetta - Centro Universitario Padre Anchieta/UNIP-SP

Coordenador: Maria Cristina Zago Castelli - Centro Universitario Padre Anchieta

Essa Mesa Redonda agrega três trabalhos experimentais que têm em comum o fato de investigarem dois modelos animais de depressão, o desamparo aprendido e o CMS (chronic mild stress). Esse conjunto de experimentos, realizados por pesquisadores de três diferentes instituições, explora variáveis críticas para análise da replicabilidade e/ou generalidade desses efeitos, bem como da sua adequação como modelos dessa psicopatologia. No que diz respeito ao desamparo aprendido, será discutida a eficácia de procedimentos “terapêuticos” que visam impedir ou reverter esse efeito, através da utilização do reforçamento positivo. A sua generalidade será analisada sobre aprendizagens controladas por reforçamento positivo e negativo. Em relação ao CMS, será analisada a comorbidade entre as variáveis que controlam os efeitos da anedonia (CMS) e do déficit de aprendizagem de fuga (DA).

Apresentação 1:

A depressão humana é diagnosticada clinicamente a partir de um conjunto amplo de comportamentos, geralmente em situação de comorbidade. Apesar da complexidade desta psicopatologia, os modelos animais que a mimetizam permitem a análise de apenas uma classe de comportamentos. O objetivo do presente estudo foi comparar dois modelos animais de depressão – o desamparo aprendido (DA) e o estresse moderado e crônico (chronic mild stress - CMS), combinando tratamentos e testes utilizados em ambos. Foram utilizados 25 ratos Wistar, expostos, no tratamento, a 60 choques elétricos incontroláveis, de 1,0mA e 10 s de duração ou a estímulos aversivos moderados crônicos (CMS). No teste, primeiro grupo foi exposto a quatro sessões de acesso à uma solução de 2% sacarose e o segundo, a uma sessão de aprendizagem de fuga (resposta de focinhar). Os dados foram comparados aos de igual número de ratos expostos apenas aos testes (de ingestão de sacarose ou aprendizagem de fuga). Os resultados mostraram que o tratamento com choques não produziu anedonia e que o CMS não produziu déficits de aprendizado de fuga. Estes resultados indicam que não há comorbidade entre as variáveis que controlam cada um desses efeitos, sugerindo que os dois modelos animais de depressão possivelmente abarcam aspectos diferentes dessa psicopatologia. Mais análises são necessárias para que se identifiquem com maior precisão as variáveis necessárias e suficientes para a produção da anedonia e do déficit de aprendizagem de fuga, efeitos característicos do CMS e DA, respectivamente, para que se possa otimizar a contribuição de ambos os modelos experimentais animais de depressão.

Apresentação 2:

O objetivo deste trabalho é discutir a generalidade do desamparo entre contextos aversivos e apetitivos, fazendo uma análise crítica à generalidade do modelo proposto por Seligman. Privilegiar-se-á uma análise teórico-conceitual, pautando-se, no entanto, em dados experimentais de um estudo conduzido pela primeira autora, cujo objetivo foi verificar (a) se animais que apresentaram desamparo em teste de fuga também apresentam dificuldade de aprendizagem reforçada positivamente, (b) se a exposição ao reforço positivo elimina o desamparo e (c) se o desamparo interfere na resistência à mudança, medida sobre uma segunda aprendizagem discriminativa, reforçada positivamente, que envolve inversão do controle de estímulos. Ratos foram expostos a choques controláveis (C), incontroláveis (I) ou nenhum choque (N), e posteriormente submetidos ao teste de fuga. Foram selecionados três grupos (n=4) de animais que apresentaram desamparo (grupo I) ou aprendizagem de fuga no teste (grupos C e N). Em seguida, todos foram submetidos a (1) reforçamento positivo da resposta de pressão à barra (modelagem, CRF e 10 sessões de treino discriminativo FR/extinção), (2) re-teste de fuga, (3) 10 sessões de treino discriminativo com inversão dos estímulos sinalizadores. Outros quatro animais receberam apenas as sessões de reforçamento positivo. Obteve-se que todos os sujeitos aprenderam igualmente a discriminação e sua reversão, e que 3/4 dos animais do grupo I mantiveram o desamparo no segundo teste de fuga. Esses resultados indicam que o desamparo não se generalizou para a aprendizagem reforçada positivamente, e que a exposição ao reforçamento positivo não aboliu o desamparo para a maioria dos sujeitos. Os resultados são discutidos considerando-se o efeito seletivo do desamparo, que ocorre apenas frente a algumas contingências, mas não a todas. Essa ausência do efeito do desamparo em contextos que não envolvem choques gera uma restrição da generalidade do processo de aprendizagem em estudo pois aponta que essa não abrange todos os estímulos do ambiente de forma generalizada, mas apenas a uma (ou algumas) determinada classe de estímulos. Aponta também em sentido contrário à sua proposição como modelo animal de depressão. Serão discutidos, ainda, o efeito “terapêutico” do reforçamento positivo.

Apresentação 3:

Sujeitos expostos à incontrolabilidade de estímulos aprendem que suas respostas (R) e os estímulos (S) são independentes. Esta aprendizagem de independência entre R-S se generaliza para novas situações, dificultando aprendizagens futuras, o que caracterizaria o efeito de desamparo aprendido. Na literatura, o desamparo aprendido é proposto como um modelo animal de depressão, sendo, portanto, bastante estudado. Este trabalho visa apresentar uma pesquisa realizada, cujo objetivo foi verificar se seria possível prevenir o desamparo, submetendo sujeitos ao reforçamento positivo, após exposição a estímulos aversivos incontroláveis, porém antes do teste de fuga. Para isso, 72 ratos passaram por quatro fases experimentais: pré-treino, treino 1, treino 2 e teste de fuga. O pré-treino

consistiu na modelagem e fortalecimento da resposta de pressão à barra (reforçada com água) de todos os animais. No treino 1, 24 ratos foram expostos a 60 choques controláveis pela resposta de focinhar (grupo C), outros 24 sujeitos receberam 60 choques incontroláveis (grupo I) e os demais 24 animais não receberam choques (grupo N). Na fase de treino 2, cada grupo de 24 ratos foi subdividido em três (n=8), cada qual exposto a cinco sessões de um dos tratamentos propostos: permanência no biotério (b), exposição à caixa experimental (c) ou reforçamento da resposta de pressão à barra com água em esquemas FR2, FR4 e FR5 (r+). Na fase seguinte, todos os animais foram submetidos a um teste de fuga (60 choques controláveis pela resposta de saltar na shuttlebox). Observou-se, como resultado, que todos os grupos N e todos os grupos C aprenderam a resposta de fuga no teste, independente do tratamento ao qual foram submetidos no treino 2. Os grupos Ib e Ic não apresentaram curvas de aprendizagem no teste de fuga, demonstrando, portanto, desamparo. O grupo Ir+ aprendeu a resposta de fuga no teste. E o grupo Nr+ também aprendeu fuga no teste, embora apresentando latências maiores, em comparação com os demais grupos N. Estes dados sugerem que a exposição ao controle de estímulos apetitivos, após a experiência com incontrolabilidade dos choques, impediu o aparecimento do efeito de desamparo aprendido. A mera permanência no biotério e/ou a exposição à caixa experimental, após a experiência com a incontrolabilidade dos choques, não interferiram no desempenho posterior dos sujeitos no teste de fuga. Porém, para os animais sem experiência prévia em contexto aversivo, o treino com reforçamento positivo interferiu negativamente na aprendizagem futura em contexto aversivo (grupo Nr+).

Mesa Redonda: “Pragmatismo, Pluralismo e Análise do Comportamento”

José Antônio Damásio Abib - UFSCar, Carolina Laurenti - UFSCar, Carlos Eduardo Lopes – UFSCar

Coordenador: José Antônio Damásio Abib – UFSCar

Stephen Pepper aproxima o contextualismo (uma visão-de-mundo que tem como metáfora raiz o evento histórico e como teoria da verdade a efetividade) do pragmatismo; e vários analistas do comportamento afirmam que o contextualismo é a visão-de-mundo da análise do comportamento. No entanto, Pepper discorre sobre outras visões-de-mundo (o formismo, o mecanicismo e o organicismo) e considera que todas são “relativamente adequadas”: nenhuma delas é mais verdadeira do que as outras, podendo coexistir em uma mesma época. Aparentemente, Pepper defende o monismo neutro, a tese de que, do ponto de vista ontológico, a realidade é neutra. Sendo assim, resta à visão-de-mundo formista, mecanicista, contextualista, organicista definir a natureza da realidade. Pode-se, então, perguntar, ‘a análise do comportamento ao adotar a visão de mundo contextualista estaria também assumindo o monismo neutro’? Se for esse o caso, ‘o que há de melhor no contextualismo com relação às outras visões de mundo’? William James mostrou que do pragmatismo, uma filosofia da criação, pode-se derivar uma concepção de mundo pluralista. O pluralismo pragmatista inverte o ponto de vista do monismo racionalista. Diz: não há uma edição de luxo (a Realidade) e várias edições baratas do mundo (as aparências). Não há Um mundo, Um

universo. Há vários mundos, vários universos ou multiversos. Se houver Um mundo, não existe no Início, não é o Absoluto; existe no Fim, é o Derradeiro. Telos inacabável, todavia. Será visto que a trama conceitual do pluralismo envolve noções como ação prática, verdade e humanismo, e que, aparentemente, a análise do comportamento é solidária com a versão do pluralismo pragmatista de William James. No modelo de seleção pelas conseqüências estão envolvidas a variação (criatividade) e seleção (regularidades) como processos responsáveis pela evolução do comportamento. A evolução do comportamento envolve, portanto, uma tensão criativa entre regularidade e variação (ordem e desordem) em que a variação parece predominar sobre a regularidade, pois sem variação não há o que ordenar, e sem ulteriores variações não há como evoluir. A análise do comportamento depende de regularidades, mas só evolui com variações. No contexto dessa discussão, cabe perguntar, ‘como a análise do comportamento tem evoluído’? E, ‘qual é o estatuto da variação na análise do comportamento’?

Apresentação 1:

A filosofia do empirismo radical de William James apresentada em sua obra Ensaio sobre empirismo radical e no seu livro Um universo pluralístico são expressões amadurecidas de sua concepção de mundo pluralista. No entanto, a defesa dessa concepção de mundo já se encontra em seu livro Pragmatismo (capítulo Singular e plural) e até mesmo no seu Princípios de psicologia (capítulo A consciência do self). James declarou em Pragmatismo que a doutrina do pluralismo consiste na hipótese de um mundo imperfeitamente unificado que talvez esteja destinado a permanecer assim para sempre. William James argumentou que o pragmatismo envolve uma concepção de mundo pluralista em que predominam relações disjuntivas, descontinuidades e variações. Nessa concepção parte-se da pluralidade do mundo e investigam-se relações conjuntivas e continuidades com vistas a alcançar a unidade do mundo, que, se houver, será ao fim (inacabável, todavia). A hipótese de um mundo perfeitamente unificado, de um universo singular, de uma realidade, de uma verdade, é frágil na exata medida em que ignora ou desqualifica a existência de descontinuidades, de “aparências”, de “falsas realidades”, que James quer precisamente considerar, e até mesmo celebrar; quer ele, enfim, partir de um universo plural e criar o suspense de uma unidade inacabável. A trama conceitual do pluralismo envolve noções como ação prática, verdade e humanismo, que se referem, respectivamente, à ação que produz uma diferença que faz uma diferença; à ação que cria um futuro mais fecundo; e à ação que fabrica a realidade. O pluralismo refere-se, então, à idéia de que o mundo existe como realidade que está sendo feita, como edição inacabada que espera ad infinitum possibilidades do futuro. Skinner disse em Reflexões sobre comportamentalismo e sociedade que o humanista é aquele que está preocupado com o futuro do gênero humano e que esse futuro precisa ser realizado já, imediatamente. Disse ainda em Sobre comportamentalismo que o conceito de verdade refere-se à ação mais efetiva possível e que não existe verdade absoluta. A ação mais efetiva possível é a ação prática que cria o futuro mais fecundo: a fabricação da realidade mais humana.

Consideradas essas analogias sugere-se que a análise do comportamento é solidária com a concepção de mundo pluralista de James.

Apresentação 2:

Skinner declara que a análise do comportamento é uma ciência do comportamento. Uma das características marcantes dessa ciência é a busca por relações ordenadas entre organismo e ambiente. Essas regularidades, por sua vez, devem ser descritas na forma de leis, que, no limite, permitem previsão e controle do comportamento. Por outro lado, Skinner também se mostra preocupado com a criatividade, que parece estar no horizonte de suas políticas educacionais. Essas duas facetas da ciência do comportamento (regularidade e criatividade) têm a sua contrapartida no modelo de seleção pelas conseqüências, no qual estão envolvidas a variação (criatividade) e a seleção (regularidade) como processos responsáveis pela evolução do comportamento. Todavia, esses dois aspectos parecem instalar um paradoxo no interior da ciência skinneriana: a busca por regularidade não seria incompatível com uma demanda por criatividade? Como a análise do comportamento lida com essa “tensão”? O objetivo deste trabalho é examinar essa questão à luz do pragmatismo filosófico. Uma das características do pragmatismo é a dissolução de dicotomias presentes no discurso científico e filosófico, como a díade essência versus aparência. No pensamento essencialista ou tipológico, a regularidade é interpretada como a essência (eidos), e a variação é considerada mero acidente dessa essência imutável. De acordo com essa concepção, a verdade está para o regular, ao passo que a falsidade remete para o que muda ou varia. Nesse caso, se a ciência pretende constituir conhecimento verdadeiro deve buscar a regularidade e eliminar a variação. O pensamento pragmatista subverte essa lógica: as variações são legítimas e não são consideradas meras falhas ou acidentes que devem ser extirpados no processo de produção de conhecimento científico. Assim, uma das condições necessárias para a evolução de uma teoria científica é justamente a produção de variações. Por conseguinte, o suposto antagonismo entre regularidade e criatividade pode ser visto agora como um processo construtivo. A evolução da ciência se dá por meio da elaboração de novas conjecturas (variações) que serão “selecionadas” pelas conseqüências úteis que produzirem para a prática científica. Nota-se, contudo, que esse processo é dinâmico, pois as teorias “selecionadas” permanecerão até serem substituídas por outras. Isso sugere que a verdade de uma teoria é provisória, contingente à sua capacidade de produzir conseqüências úteis. No contexto dessa discussão, cabe a pergunta: como a análise do comportamento tem evoluído? Essa questão remete a outra: qual o estatuto da variação na análise do comportamento?

Apresentação 3:

Contextualismo, pelo menos em sua versão pepperiana, é uma visão-de-mundo (ou hipótese de mundo) que busca sistematizar teorias e conceitos empregados por cientistas, filósofos e leigos. Além do contextualismo, Pepper propõe outras três visões-de-mundo: o formismo, o organicismo e o

mecanicismo. Cada uma dessas quatro hipóteses de mundo é composta por uma metáfora raiz e uma teoria de verdade. No caso do contextualismo, por exemplo, a metáfora raiz é o evento histórico e o critério de verdade adotado é a efetividade. Tais características parecem justificar uma aproximação entre contextualismo e pragmatismo (defendida, aliás, pelo próprio Pepper). Partindo dessa afinidade, alguns autores consideram o contextualismo como a visão-de-mundo da Análise do Comportamento. No entanto, há um outro aspecto da proposta pepperiana que precisa ser mencionado: Pepper considera que as quatro hipóteses de mundo (formismo, organiscismo, mecanicismo e contextualismo) são “relativamente adequadas”. Ou seja, nenhuma delas é completamente correta, ou mais verdadeira que as outras. Como conseqüência diferentes visões-de-mundo podem coexistir em uma mesma época. Uma possível explicação para esse fato pode ser encontrada no monismo neutro, que parece subjazer à proposta pepperiana. De acordo com essa doutrina, a realidade é neutra do ponto de vista ontológico, e as teorias que empregamos para nos relacionarmos com essa realidade estabelecem sua natureza. Voltando a Pepper, se, por exemplo, adotarmos o mecanicismo como visão-de-mundo, a realidade converte-se em relações mecânicas entre elementos. Da mesma forma, se adotarmos o contextualismo, a realidade torna-se historicamente contextualizada. Conseqüentemente, a escolha por uma visão-de-mundo não pode ser orientada pela existência de uma realidade imutável, cuja natureza é espelhada pela visão-de-mundo. Além disso, como as diferentes visões-de-mundo contam com teorias de verdade próprias, também não parece ser possível empregar como critério de escolha a verdade. Isso porque uma definição de verdade só faz sentido no interior de uma visão-de-mundo específica. Em outras palavras, não é possível avaliar a veracidade do mecanicismo, por exemplo, com um critério de efetividade (adotado pelo contextualismo) ou vice-versa. Nesse sentido, cabe a pergunta: ao adotar o contextualismo como visão-de-mundo a Análise do Comportamento também estaria disposta a aceitar o monismo neutro? Em caso afirmativo, como se posicionar em relação a outras visões-de-mundo? Em outras palavras, se não há uma realidade imutável para ser espelhada, nem um critério de verdade que perpasse todas as visões-de-mundo, o que há de melhor no contextualismo?

Mesa Redonda: “Análise do Comportamento Verbal Complexo na Prática Clínica Analítico-Comportamental”

Roberta Kovac - Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento, Denis Roberto Zamignani - Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento, Alessandra Lopes Avanzi - Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento.

Coordenador: Roberta Kovac - Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento

Desde que B. F. Skinner publicou sua obra *Comportamento Verbal*, muitos avanços foram feitos a respeito do entendimento das interações verbais, o que inclui contribuições de autores tais como C. Catania, M. Sidman e S. Hayes. Na prática clínica contemporânea, o entendimento das relações complexas envolvidas nas interações verbais e nos processos simbólicos tem sido de fundamental

importância para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes. O objetivo desta mesa é apresentar algumas propostas teóricas contemporâneas para a compreensão do comportamento verbal complexo e suas repercussões sobre a atuação do clínico analítico-comportamental.

Mesa Redonda: “Regras e Auto-Regras: pesquisa básica, aplicada e intervenções clínicas”

Elisa Tavares Sanabio Heck - Universidade Católica de Goiás, Josele Abreu-Rodrigues - Universidade de Brasília, Flávio da Silva Borges - Universidade Católica de Goiás, Ilma A. Goulart de Souza Britto - Universidade Católica de Goiás.

Coordenador: Elisa Tavares Sanabio Heck - Universidade Católica de Goiás

Uma importante distinção foi feita por Skinner (1969) entre comportamento modelado por contingências e comportamento governado por regras. O primeiro é observado quando um organismo se comporta porque seu comportamento foi seguido por um determinado tipo de conseqüência. O segundo ocorre quando as pessoas aprendem a descrever seus comportamentos, as condições em que eles ocorrem e suas conseqüências e são, de alguma forma, afetadas por essas descrições. Essas descrições podem ser geradas por outras pessoas (nesse caso, são denominadas de regras) ou pelo próprio indivíduo (auto-regras). Regras e auto-regras são estímulos verbais e, assim, podem participar do controle do comportamento não verbal (e vice-versa). Contudo, tal controle não deve ser considerado a priori, uma vez que processos verbais não são condições necessárias para a ocorrência de desempenhos não verbais. Além disso, quando o controle por regras/auto-regras for observado, faz-se necessário identificar as contingências ambientais responsáveis por essa relação comportamento-comportamento. O objetivo do presente trabalho é apontar alguns resultados de pesquisa básica e aplicada sobre controle verbal e suas respectivas implicações para o contexto clínico, além de sugerir possíveis intervenções terapêuticas para o comportamento governado por regras. O primeiro trabalho, O que a pesquisa sobre regras e auto-regras tem a dizer ao terapeuta analítico comportamental?(Elisa Tavares Sanabio-Heck, UCG) teve como objetivo apresentar alguns resultados experimentais da literatura de regras e auto-regras e possíveis implicações que tais resultados teriam em uma prática clínica. O segundo estudo, Análise funcional do seguimento de regras (Flávio da Silva Borges, UCG), teve como objetivo apresentar uma análise funcional do seguimento de regras com ênfase nas variáveis controladoras que podem ser favoráveis ou não na aquisição e manutenção do seguimento de regras durante o processo terapêutico, além de discutir por que regras são seguidas e procedimentos utilizados para investigar o controle por regras. O terceiro trabalho, Análise funcional das verbalizações inapropriadas de um esquizofrênico (Ilma A. Goulart de Souza Britto, UCG), descreve o uso de uma metodologia operante para avaliar o comportamento verbal de um participante adulto que havia sido diagnosticado como esquizofrênico. Os comportamentos verbais inapropriados foram observados durante breves períodos de tempo expostos em uma série de condições num delineamento de múltiplos elementos. Os resultados

indicaram que as condições afetaram os comportamentos verbais inapropriados diferentemente. Esses efeitos foram discutidos em termos das implicações para uma avaliação funcional de comportamentos verbais de esquizofrênicos.

Apresentação 1:

O primeiro trabalho, O que a pesquisa sobre regras e auto-regras tem a dizer ao terapeuta analítico comportamental?(Elisa Tavares Sanabio-Heck, UCG) teve como objetivo apresentar alguns resultados experimentais da literatura de regras e auto-regras e possíveis implicações que tais resultados teriam em uma prática clínica.

Apresentação 2:

O segundo estudo, Análise funcional do seguimento de regras (Flávio da Silva Borges, UCG), teve como objetivo apresentar uma análise funcional do seguimento de regras com ênfase nas variáveis controladoras que podem ser favoráveis ou não na aquisição e manutenção do seguimento de regras durante o processo terapêutico, além de discutir por que regras são seguidas e procedimentos utilizados para investigar o controle por regras.

Apresentação 3:

O terceiro trabalho, Análise funcional das verbalizações inapropriadas de um esquizofrênico (Ilma A. Goulart de Souza Britto, UCG), descreve o uso de uma metodologia operante para avaliar o comportamento verbal de um participante adulto que havia sido diagnosticado como esquizofrênico. Os comportamentos verbais inapropriados foram observados durante breves períodos de tempo expostos em uma série de condições num delineamento de múltiplos elementos. Os resultados indicaram que as condições afetaram os comportamentos verbais inapropriados diferentemente. Esses efeitos foram discutidos em termos das implicações para uma avaliação funcional de comportamentos verbais de esquizofrênicos.

Simpósio: “Inserção e Manutenção da Análise do Comportamento no Nordeste: o papel das Ligas Acadêmicas”

Elayne Nogueira - Universidade Federal do Ceará, Ariela Holanda - Universidade Federal do Ceará, Natália Marques - Universidade Federal do Ceará, , Izabel Vale - Universidade Estadual do Piauí, Louise Torres - Universidade Estadual do Piauí

Coordenador: Lincoln Gimenes - Universidade de Brasília e Ministério da Ciência e Tecnologia

Debatedor: Sergio Luna - PUC-SP.

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

De forma geral, com exceção da Bahia, o Nordeste permaneceu por muito tempo às margens do desenvolvimento da Análise do Comportamento no Brasil. Parte dessa realidade se deve ao restrito número de analistas do comportamento desenvolvendo suas atividades na região, quer seja em instituições de ensino ou em outras atividades profissionais. Uma forma encontrada por alguns grupos de estudantes para suprir as informações e formação na área, foi a criação de ligas acadêmicas. A partir dessas ligas se iniciou um processo de integração entre os interessados em aprofundar conhecimentos na área, bem como de interação com profissionais de diferentes regiões do país, por meio da promoção de eventos científicos e intercâmbios. O presente simpósio tem como objetivo apresentar duas dessas ligas, dos Estados do Ceará e do Piauí, suas histórias e suas atividades, e discutir apoios e estratégias como forma de contribuição para o fortalecimento da Análise do Comportamento na Região Nordeste.

Apresentação 1:

A Liga do Comportamento surgiu no início de 2005, a partir da necessidade dos estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) aprofundar seus conhecimentos acerca da Análise do Comportamento e promover sua divulgação no Ceará. A Liga foi criada por estudantes que em 2004 faziam parte de um grupo de estudos sobre o tema. Com a formatura e viagem para realização de curso de Mestrado do monitor desse grupo, os participantes do mesmo resolveram se unir em uma Liga Acadêmica, pois, além da saída desse monitor, a UFC estava sem professor efetivo da área de Análise do Comportamento. Essa situação foi modificada com a volta de um professor do doutorado em 2006.

Nesse mesmo ano de 2005, a Liga, juntamente com alunos e professores da Universidade de Fortaleza (Unifor), organizou o X Encontro Cearense de Análise do Comportamento. No segundo semestre de 2006 a Liga foi cadastrada como projeto de extensão na UFC, permanecendo como tal até o final de 2007. Ainda em 2006, participamos da organização do XI Encontro Cearense de Análise do Comportamento. Já em outubro de 2007 a Liga deu continuidade à expansão da Análise do comportamento, realizando o Encontro Nordestino de Análise do Comportamento, novamente em conjunto com os alunos e professores da UNIFOR. No primeiro semestre de 2007, a Liga atuou junto aos Professores de psicologia da UFC na conquista de mais um professor da área para a vaga destinada ao Departamento de Psicologia.

Atualmente, a Liga passa por um momento de reestruturação. Não temos mais um vínculo formal com a UFC. Contudo, ela permanece como um grupo formado por alunos interessados em dar continuidade aos seus objetivos iniciais: estudar Análise do Comportamento e expandi-la no âmbito acadêmico. Temos reuniões semanais, bem como uma capacitação interna. Desenvolvemos ainda atividades de grupo de estudos básicos para os alunos dos primeiros semestres e estamos novamente na organização do XIII Encontro Cearense de Análise do Comportamento. A partir da nossa capacitação interna, nesse ano, temos como meta a produção de trabalhos acadêmicos.

Apresentação 2:

No Estado do Piauí, os cursos de Psicologia, ofertados por três IES, possuem grades curriculares deficitárias referentes ao estudo da Análise do Comportamento, não contemplando de maneira democrática e coerente disciplinas de AEC, como também de epistemologia. No Estado existe um número restrito de mestres nesta área, com apenas uma professora com formação em Análise do Comportamento ministrando disciplinas em duas IES. A falta de profissionais qualificados dificulta um maior aprofundamento e variabilidade no estudo dessa área. Quanto aos laboratórios, apesar de bem equipados são subutilizados, chegando a alguns momentos, dois destes serem coordenados por profissionais não pertencentes à área.

Diante de uma formação acadêmica comprometida, um grupo de alunos direcionou-se por um automonitoramento, cujo planejamento e execuções deveriam seguir os próprios conceitos pregados pela Análise do Comportamento, discutindo materiais relacionados tanto a filosofia behaviorista como a abrangência da aplicação desta ciência nos âmbitos da pesquisa, educação, organização e práticas culturais. Este grupo autodenominou-se “GEAC”, grupo de estudo de Análise do Comportamento. O crescimento do GEAC e o interesse de novos alunos pela Análise do Comportamento desencadeou na fundação da LiAAC – Liga Acadêmica de Análise do Comportamento, em 07 de Maio de 2006.

A LiAAC tem como uma de suas atividades a formação e manutenção de grupos de estudos que visam criar uma prática cultural que propicie discussões acadêmicas acerca da filosofia e prática da Análise do Comportamento, assim como proporcionar contingências que visam diminuir a privação de conhecimentos desta área. Parcerias com outras instituições de caráter científico, como a Sociedade Piauiense de Psicologia Cognitiva e Comportamental (SPPC), resultaram na realização do I Congresso Piauiense de Psicologia Cognitiva e Comportamental (CPPC), em 2007, e o II CPPC e III Encontro Nordeste de Análise do Comportamento (ENEAC), em 2008.

Palestra: “Tratamento em Grupo na Terapia-Cognitivo-Comportamental: uma avaliação dos resultados”

Bernard Rangé – UFRJ

Desde 1997, a equipe de terapia cognitivo-comportamental (TCC) da Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) começou a trabalhar com grupos. A primeira incursão em trabalhos em grupo ocorreu em 1997 com um tratamento de pacientes com histórico de abuso de álcool encaminhados para o Centro de Pesquisa e Reabilitação do Alcoolismo [hoje Centro de Ensino, Pesquisa e Referência de Alcoologia e Adictologia (CEPRAL)] pela Divisão de Vigilância à Saúde do Trabalhador (DVST), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Quase ao mesmo tempo, levando em conta os dados da literatura, a mesma equipe iniciou também um trabalho com grupos de fóbicos sociais (FS) na DPA. Alguns anos depois, em decorrência do trabalho de uma comissão constituída pela diretora do Instituto de Psicologia na

época, foi decidido que todo o trabalho da DPA passaria a ser feito em grupos: grupo de sala de espera, tratamentos de grupo nas diversas linhas de atendimento etc. Apesar das outras equipes não terem seguido essa orientação, e dado o volume de pacientes encaminhados especificamente para a equipe de TCC, esta começou então a fazer, a partir de então, tratamentos em grupo para transtorno depressivo maior (TDM), para transtorno de pânico e agorafobia (TPAGO), para transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), para transtorno da ansiedade generalizada (TAG) e para transtorno bipolar (TB). Cada um destes atendimentos seguia o seu próprio *modus faciendi*: o tratamento do grupo de alcoolismo consistiu em esforços para treinar habilidades de enfrentamento que consistiam de habilidades interpessoais e de habilidades intrapessoais, em que as habilidades interpessoais envolviam habilidades sociais e as habilidades intrapessoais envolviam manejo de raiva, de ansiedade e de estados de humor negativos. O tratamento da FS consistia de treino de habilidades sociais, reestruturação cognitiva e exposição imaginária e ao vivo. O tratamento em grupo do TPAGO envolviam: informação, Estratégia ACALME-SE, habituação interoceptiva, treinamento de assertividade e reestruturação existencial. O tratamento do TOC envolvia exposição e prevenção de respostas em grupo. O objetivo desta conferência é fazer uma revisão do conhecimento sobre o trabalho da TCC com grupos e sobre o atendimento produzido nos atendimentos em grupo da equipe de TCC na DPA. Serão comparados os atendimentos individuais e em grupo nos diversos transtornos e os resultados indicam uma boa efetividade nos atendimentos em grupo. Como conclusões, podemos afirmar que os atendimentos individuais mostraram maior efetividade, mas uma maior quantidade de pacientes se beneficiaram dos atendimentos em grupo.

Mesa Redonda: “A Investigação de Processos Ocorridos na Terapia Analítico-Comportamental”

Roberto Alves Banaco - PUC-SP / Paradigma, Simone Neno - UFPA, Sonia Meyer – USP

Coordenador: Emmanuel Zagury Tourinho – UFPA

A terapia analítico-comportamental tem sido estudada por vários enfoques, buscando demonstrações dos resultados observados de suas intervenções. Esta mesa-redonda procurará:

1. Avaliar as medidas utilizadas pela literatura de psicoterapia em geral para determinar um bom ou um mal resultado das psicoterapias. Esta análise será feita por Simone Neno.
2. Os métodos de mensuração possíveis que têm sido utilizados em pesquisa para descrever e avaliar a terapia analítico-comportamental. Este trabalho será apresentado por Sonia Meyer
3. A busca por controlar as variáveis de intervenção durante a condução de uma terapia analítico-comportamental. Trabalho realizado por Roberto Banaco.

Ao final, propõe-se um debate entre os apresentadores, coordenador e platéia com o propósito de avaliar o caminho percorrido até o momento, e as estratégias necessárias para que se obtenham novas estratégias de intervenção durante esse tipo de terapia.

Mesa Redonda: “Ditadura da Beleza: transtorno dismórfico corporal e transtornos alimentares sob a ótica da análise do comportamento”

Kátia Perez Ramos - PUC-Campinas/SOBRAPAR/Consultório Particular, Daniela Casteleti - SOBRAPAR/Consultório Particular, Tatiana Lussari - Consultório Particular

Coordenador: Kátia Perez Ramos - PUC-Campinas/SOBRAPAR/Consultório Particular

O comportamento humano é produto de três tipos de variação e seleção: a seleção natural, o condicionamento operante e a cultura. O comportamento individual selecionado pelas conseqüências no decorrer da história de vida do indivíduo constitui grande parte do repertório humano e, depende em grande parte das práticas do grupo a que pertence. O comportamento dos indivíduos tende a estar em conformidade com os padrões de uma dada comunidade porque certas respostas são reforçadas, outras não reforçadas, outras são punidas e assim por diante. Tais contingências geram hábitos, costumes e regras que vêm a se constituir em um “estilo” de se comportar típico de um determinado grupo social. O comportamento verbal permite a ocorrência de processos por meio dos quais os indivíduos aproveitam o comportamento já adquirido pelos outros. Somos capazes de dar instruções e de seguir regras, que em geral têm função de prover estímulos discriminativos. As regras funcionam como autogovernos para os grupos. Dar modelos, dizer e ensinar são outras das funções da cultura. Pode-se dizer que os “ditames da moda” sejam um conjunto de regras que governam certos comportamentos de um grupo social. A aparência física em conformidade com certos padrões estabelecidos de contorno corporal, de cabelo e face passou a ser extremamente valorizada na nossa cultura. Indivíduos que apresentam este padrão são mostrados extensivamente pela mídia como detentores de fortuna, poder e felicidade, que se constituem reforçadores condicionados com alta probabilidade de exercer controle sobre o comportamento do indivíduo. Também, possuir a aparência física de acordo com os padrões estéticos vigentes passou a ser fator preditivo do sucesso ou fracasso do indivíduo na carreira profissional, e na vida pessoal e social. Esta mesa redonda apresentará exemplos de casos, em que serão analisadas a história de contingências e as variáveis mantenedoras de comportamentos apresentados por indivíduos que poderiam ser classificados como tendo TDC, bulimia e anorexia. Além dos comportamentos relacionados às preocupações com a aparência, os indivíduos apresentam outros comportamentos comuns como obsessões, compulsões, baixa auto-estima, alto nível de ansiedade, etc. Alguns processos funcionais históricos, como a educação relacionada à coerção e à falta de reforçamento positivo, e alguns processos funcionais atuais, como a predominância de reforçamento negativo, o funcionamento por esquiva e, conseqüentemente, a baixa variabilidade comportamental, podem ter contribuído no desenvolvimento e manutenção dos comportamentos apresentados por esses indivíduos. A discussão sobre estes temas em comum nos transtornos relacionados à aparência física será foco desta mesa.

Apresentação 1:

Esta apresentação tem como objetivo analisar e descrever, com base na Análise do Comportamento, a história de reforçamento a as contingências atuais que instalam e mantêm comportamentos relacionados ao Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) por meio de um caso clínico. O TDC, para a Análise do Comportamento, são classes de comportamentos associadas à imagem corporal, instaladas e aprendidas na história de vida do indivíduo, ou seja, em sua história de reforçamento e que são mantidas pelas contingências em vigência na vida do paciente. Em geral, o indivíduo com TDC discrimina uma parte de seu corpo como deformada e apresenta uma alta frequência de comportamentos tais como examinar seu defeito, olhar-se no espelho, utilizar estratégias para camuflar o defeito (maquiagem, vestimentas especiais, etc), esquivar-se de situações sociais, esquivar-se do contato com pessoas do sexo oposto, entre outros. Esses comportamentos têm, como uma das funções, a diminuição da ansiedade do indivíduo, por isso se mantêm por reforçamento negativo. A busca por cirurgia plástica é outro comportamento emitido dentro da classe de comportamentos de camuflagem do defeito. Esses comportamentos, assim como outros relacionados ao transtorno são resultado de uma série de variáveis que envolvem sua seleção pelas conseqüências, e a cultura em forma de regras. Nesta apresentação serão enfatizadas as contingências atuais e aquelas referentes a história de vida de um indivíduo com TDC, ou seja, quais as contingências que selecionaram e reforçaram os comportamentos relacionados ao transtorno e quais as que os mantêm. A terapia tem como procedimentos: exposição e prevenção de resposta do cliente; modelagem e fading in em relação a exposição pública; instalação de comportamentos que sejam incompatíveis com respostas relacionadas ao transtorno como forma de prevenir que ele se engaje em suas compulsões; aumento da frequência de comportamentos incompatíveis com as respostas de fuga-esquiva e que tenham alta probabilidade de serem reforçados. Outro fator importante é a análise do histórico de vida do cliente, como forma de se eliminar regras implícitas nas mensagens culturais acerca da aparência física e do modelo de beleza reforçado em nossa cultura.

Apresentação 2:

De acordo com o DSM-IV, a Anorexia Nervosa é um transtorno alimentar que pode ocorrer em pessoas de ambos os sexos e das mais variadas idades, sobretudo em jovens adolescentes do sexo feminino. A característica mais comum é a perda de peso intencional. A perda de peso é conseguida através dos mais diferentes comportamentos: redução da alimentação, especialmente com relação aos alimentos que contém um maior número de calorias; exercícios físicos intensos; utilização de medicamentos anorexígenos (redutores do apetite) e/ou laxantes, e/ou diuréticos; vômitos provocados, etc. Além disso, as mudanças de comportamento envolvem um medo intenso de ganhar peso, recusa em manter o peso corporal dentro do limite considerado adequado para sua estatura e sua idade e alteração na percepção da imagem corporal. A Anorexia tem sido tradicionalmente interpretada como doença psiquiátrica, resultante de estados mentais perturbados. Tais estados são inferidos a partir da observação de respostas topográficas específicas que definem os critérios diagnósticos atualmente utilizados para classificação destes casos, sem considerar a ocasião de sua

apresentação ou as conseqüências que usualmente seguem o responder. A simples descrição topográfica das alterações comportamentais apresentadas impede o reconhecimento de variáveis ambientais importantes no controle do comportamento, limitando a identificação de relações funcionais entre eventos e impedindo um modelo de intervenção mais consistente e eficaz. A Análise do comportamento propõe a superação das explicações para o comportamento a partir de uma visão mentalista, rejeitando assim a interpretação da anorexia como doença mental, entretanto, o termo “transtorno alimentar” foi mantido para facilitar a leitura e compreensão. Esta apresentação tem como objetivo relatar um caso clínico com base na Análise do Comportamento, cujas queixas da cliente referiam-se a preocupação com a aparência física, além de apresentar sentimentos de inutilidade (comportamentos encobertos relacionados à falta de atividade diária), sintomatologia depressiva, ansiedade, esquiva e fuga, e déficit em habilidade social (dependência em relação a outras pessoas para realizar atividades diárias, principalmente da mãe). Os princípios da análise do comportamento podem ser utilizados nas intervenções à pessoas com anorexia, possibilitando mudanças nas contingências, promovendo uma mudança na discriminação em relação ao seu corpo e a forma de lidar com situações que lhe são aversivas.

Apresentação 3:

A partir de um caso com diagnóstico múltiplo que apresenta sintomas de Bulimia Nervosa e Transtorno Obsessivo Compulsivo, este trabalho visa demonstrar as relações funcionais envolvidas na instalação e manutenção de comportamentos resultantes de especificidades da história de vida do indivíduo que produzem prejuízos físicos e emocionais típicos dos distúrbios citados. O enfoque será no quadro bulímico caracterizado por sentimentos predominantes de ansiedade, insatisfação com a própria imagem e baixa auto-estima e por comportamentos de preocupação excessiva com controle do peso corporal, episódios freqüentes de hiperfagia (binge eating) seguidos de períodos de privação, purgação, vômitos entre outros métodos para evitar o ganho de peso pelo excesso de ingestão alimentar. É importante destacar a função de fuga-esquiva adquirida por estes comportamentos nas circunstâncias em que foram selecionados e seu fortalecimento intenso por Reforçamento Negativo especialmente em situações de ansiedade. Os Transtornos Alimentares, em geral, colocam em risco a vida do indivíduo graças às complicações fisiológicas decorrentes dos padrões alimentares extremamente inadequados e possuem os mais altos índices de mortalidade dentre os distúrbios psiquiátricos e baixos índices de recuperação mediante tratamento (Johnson, Sansone & Chewing, 1992), implicando num grande prejuízo social para as comunidades atingidas. Isto torna mais relevante a investigação destes transtornos cujas causas envolvem fatores dos três níveis de seleção: biológicos, de aprendizagem e sócio-culturais. A análise destes fatores e a correlação com outros transtornos como o Dismórfico Corporal e o Obsessivo Compulsivo mostram-se muito promissoras no planejamento de procedimentos mais eficazes para tratamento e também num possível processo de prevenção da incidência crescente destes problemas em nosso âmbito social.

Mesa Redonda: “Terapia Comportamental em Instituições”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Fabiana Saffi - FMUSP, Gabriela Gorenstein - Caritas Arquidiocesana, Rodrigo Fernando Pereira - USP, Carolina Ribeiro Bezerra Souza – USP

Coordenador: Francisco Lotufo Neto – USP

É de grande importancia a intervenção do Modelo Cognitivo Comportamental nas organizações com intuito preventivo e também de tratamento, para isso pode ser utilizado de várias formas para atingir crenças particulares no ambiente de trabalho. As intervenções através deste modelo podem colaborar com eficacia na produtividade, satisfação pessoal, prevenção de doenças, e melhor performance na equipe, dentre outros ganhos.

Mesa Redonda: “Violência Infanto-Juvenil: pesquisa, prevenção e intervenção”

Tássia Nogueira Eid Mendes - UFSCar, Rachel de Faria Brino - UFSCar/LAPREV, Ana Carina Stelko Pereira - UFSCar, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - UFSCar, Ricardo Costa Padovanni – LAPREV

Coordenador: Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - UFSCar / LAPREV

Mesa Redonda: “Educação em Saúde: conceitos e métodos para a pesquisa comportamental da avaliação e difusão de programas”

João Bosco Jardim - Instituto de Pesquisas René Rachou / Fundação Oswaldo Cruz – MINAS, Héilton da Silva Barros - Instituto de Pesquisas René Rachou / Fundação Oswaldo Cruz – MINAS , Ana Carolina Dias Bocewicz - Instituto de Pesquisas René Rachou / Fundação Oswaldo Cruz – MINAS

Coordenador: André Luís Freitas Dias - Instituto de Pesquisas René Rachou / Fundação Oswaldo Cruz – MINAS; UFMG

Entende-se por educação em saúde um processo de promoção da saúde e prevenção de doenças, marcado por uma polissemia teórico-prática e pela carência de estudos de caráter experimental que demonstrem sua aplicabilidade e os efeitos produzidos programas e projetos conduzidos. A presente proposta visa a apresentação integrada de uma abordagem conceitual e metodológica para a pesquisa comportamental nas áreas de avaliação e difusão de programas de Educação em Saúde. Dados experimentais de intervenções educativas visando a adoção de recursos preventivos da dengue numa abordagem comportamental serão expostos e discutidos, por fim havendo a identificação de alguns desafios desta abordagem na consideração de questões de avaliação e difusão geralmente pouco consideradas pela Análise do Comportamento.

Apresentação 1:

O controle do uso domiciliar de recipientes de água constitui um problema comportamental pouco estudado e ainda carente de demonstração científica, a despeito de sua importância na epidemiologia

da dengue. O *Aedes aegypti*, principal vetor do vírus da doença, é um mosquito domiciliado que se reproduz pela ovipostura no interior ou à beira de água parada em recipientes domésticos industrializados, como caixas d'água, calhas, tambores, latões, garrafas, bebedouros de animais e pratos de vasos de planta. Quando usados sem controle nos domicílios, estes recipientes se tornam criadouros potenciais de larvas e pupas do mosquito. Diferentemente do controle vetorial pela atuação direta de agentes públicos contra o *Ae. aegypti*, o controle do uso domiciliar de recipientes de água diz respeito ao morador. Nos anos recentes, a atuação do morador tem sido reivindicada como um complemento às formas tradicionais de controle vetorial por meios químicos e biológicos, cuja efetividade é reconhecidamente limitada nos domicílios. Contudo, os comportamentos requeridos do morador neste sentido são infreqüentes nos domicílios. O controle do uso domiciliar de recipientes de água requer a ocorrência de comportamentos para atender a especificações predeterminadas de um objetivo entomológico, como impedir que o recipiente se torne criadouro do mosquito, ou reduzir e/ou eliminar criadouros existentes. Entre outras possibilidades, uma classe de comportamentos-chave para essas especificações é aquela que resulta na adoção, pelo morador, de algum recurso material de comprovada eficácia para vedar o acesso de fêmeas do *Ae. aegypti* ao recipiente e, assim, minimizar a probabilidade de ovipostura do mosquito na água ou em superfícies próximas. Embora a ocorrência de tais comportamentos não dependa necessariamente do morador nem de um locus específico, a adoção do recurso, quando verificada no domicílio, constitui um indicador comportamental de que o morador usa o recipiente em condições compatíveis com parâmetros entomológicos, ainda que indiretos, de controle do vetor. Na presente mesa serão apresentados dados preliminares de intervenções educativas em que o protótipo de uma tecnologia de envoltórios de tela de poliéster (capa evidengue®), desenvolvido como modelo experimental de vedação do acesso de fêmeas do mosquito a pratos de vasos de planta, é entregue a alunos de uma escola de área endêmica da dengue. Tais estudos derivam de uma abordagem conceitual e metodológica que visa desenvolver uma tecnologia de adoção de recursos preventivos de maior generalidade na área da saúde.

Simpósio: “O Conceito de Cultura e as Relações entre Análise do Comportamento e Ciências Sociais”

Hélder Lima Gusso - UFSC/IBES/SOCIESC, Olga Mitsue Kubo - UFSC, Angelo Sampaio - PUC-SP, Maria Amália Andery - PUC-SP

Coordenador: Olga Mitsue Kubo – UFSC

Debatedor: Maria Amália Andery - PUC-SP

Neste simpósio serão examinadas algumas contribuições das Ciências Sociais para o estudo e intervenção sobre o fenômeno "cultura", importantes de serem conhecidas e avaliadas pelos analistas do comportamento interessados em trabalhar com esse fenômeno. Na primeira apresentação serão enfatizadas contribuições de diferentes perspectivas antropológicas no que se referem à caracterização desse objeto de estudo. Na segunda apresentação serão examinadas

algumas contribuições do antropólogo M. Harris e do biogeógrafo J. Diamond, relevantes para a análise da complexidade e da evolução das culturas. O exame das contribuições de outras Áreas do Conhecimento acerca dos fenômenos culturais parece ser importante para o avanço das análises desses fenômenos no âmbito da Análise do Comportamento.

Apresentação 1:

Os primeiros estudos sobre fenômenos culturais no âmbito da Análise do Comportamento foram iniciados por volta da década de 1950. Nessa época, Skinner relatou ao antropólogo norte-americano Clyde Kuckhohn (1905-1960) que decidira focar parte de suas pesquisas no tema 'cultura'. Kluckhohn respondeu sarcasticamente à Skinner: "Você já tirou sua licença de caça?", questionando se este tinha conhecimento dos estudos em Antropologia para que pudesse afirmar que estudava o mesmo fenômeno ao se referir à cultura. Na ocasião, Skinner confessou não saber quase nada sobre Antropologia, mas afirmou ter convicção de que a ciência do comportamento poderia contribuir para o avanço de estudos sobre 'cultura' para além do que estava sendo feito. Apesar de Skinner ter acertado ou não em sua previsão, é importante enfatizar que o exame do conhecimento científico já disponível sobre fenômenos de interesse é etapa importante para o avanço de qualquer área. Desde a década de 1980 muitos novos estudos sobre 'cultura' têm sido produzidos em Análise do Comportamento, mas poucos são os que avaliam as contribuições de outras Áreas de Conhecimento. A definição de cultura é uma questão central na Antropologia e há intensos debates acerca dessa noção. Na Análise do Comportamento, porém, o conceito 'cultura' tem sido usado largamente, sem o devido questionamento acerca das várias definições apresentadas e suas implicações para as análises de processos comportamentais e culturais que são realizadas. Uma das implicações da pouca problematização sobre a definição de 'cultura' na Análise do Comportamento é a pouca visibilidade sobre o que constitui esse fenômeno que possibilite avaliar com mais precisão se os conceitos e instrumentos utilizados pelos analistas do comportamento contribuem para o exame e a intervenção sobre esse tipo de fenômeno. Neste trabalho são apresentadas definições de cultura de expoentes da Antropologia Cultural, destacando as relações entre os fenômenos a que essas definições se referem com os fenômenos 'comportamento' e 'contingência de reforçamento'. Foram utilizados livros de Antropologia que apresentam o debate sobre esse conceito (Cuche, 1996; Kuper, 2002) como fontes de informações. O exame possibilitou explicitar que o núcleo das definições de 'cultura' apresentadas pelos antropólogos enfatiza aspectos relacionados a comportamentos ou a contingências de reforçamento característicos de um ambiente social. As distinções entre resposta, comportamento, contingência e contingência de reforçamento se mostraram fundamentais para lidar com a diversidade e terminológica existente sobre o fenômeno 'cultura' e tornar mais precisa sua intervenção sobre ele.

Apresentação 2:

Uma prática cultural pode ser definida como comportamentos funcionalmente similares de mais de uma pessoa propagados através de sucessivos indivíduos por meio de processos de aprendizagem. Estudar cultura envolve analisar práticas culturais individuais, mas também compreender conjuntos

complexos de práticas culturais inter-relacionadas mantidas por um grupo (culturas). O diálogo com as Ciências Sociais pode contribuir para a análise de culturas. Dois aspectos do Materialismo Cultural do antropólogo M. Harris têm sido apontados como profícuos para analisar a complexidade e a evolução das culturas: sua ênfase na análise de conjuntos integrados de práticas culturais e seu princípio do determinismo infra-estrutural. Determinismo infra-estrutural é a afirmação de que a infra-estrutura (práticas de produção e de reprodução) determina probabilisticamente a estrutura (práticas voltadas para as relações entre subgrupos de uma sociedade e desta com outras sociedades) que, por sua vez, determina probabilisticamente a superestrutura (práticas estéticas, esportivas, religiosas e intelectuais). A obra do biogeógrafo J. Diamond também mostra-se relevante para o estudo da cultura pela Análise do Comportamento. As análises culturais de Diamond são coerentes com as de Harris: ambos focam-se nas ações concretas dos indivíduos e dão primazia causal às práticas culturais relacionadas à sobrevivência. Sua sugestão de que cinco conjuntos de fatores (dano ambiental, mudança climática, soci edades vizinhas hostis, diminuição do apoio de parceiros comerciais e "a resposta da sociedade aos seus problemas") são relevantes para o destino das sociedades sugere aspectos a serem analisados em colapsos do passado e a serem cuidados para evitar colapsos futuros. Sua distinção entre causas mediatas e imediatas também indica uma separação entre variáveis relevantes para a análise de culturas passadas ou presentes. Ao lidar com a complexidade das culturas, Diamond também destaca aspectos não ressaltados por Harris: a importância da história da cultura e do planejamento cultural para o modo como ela irá reagir seus a problemas. Esses aspectos parecem enriquecer a abordagem do Materialismo Cultural e devem ser considerados pelos analistas do comportamento no exame de qualquer cultura.

Simpósio: "Psicologia do Rsporte: o trabalho com modalidades individuais e coletivas a partir de relatos de atletas"

Cristiana Tieppo Scala - UniFIEO, Eduardo Neves Pedrosa de Cillo - USP/PUC-Minas

Coordenador: Eduardo Neves Pedrosa de Cillo - USP/PUC-Minas

Debatedor: Marisa Markunas - Finasa Esportes/Unisantanna

Apresentação 1:

Os atletas buscam a psicologia do esporte para melhorar seu rendimento. Ao analisar relatos de diferentes atletas, sejam infanto-juvenis ou profissionais, o que se encontra, como uma das principais queixas é "o medo de perder". Em geral, perder numa competição, não traz conseqüências que exijam mudanças na vida, de maneira ampla, simplesmente ajuste nos treinos, com maior empenho e compromisso. No entanto, há sofrimento na perda. E é este aversivo que os atletas querem evitar, como cada um de nós, na vida. A questão é que a perda se torna aversiva, porque eles não são capazes de fazer boas análises sobre seu desempenho esportivo e criam expectativas além de sua capacidade real. Nos relatos, as dúvidas sobre continuar ou não a carreira aparecem, em geral, após as derrotas, sem qualquer análise sobre o desempenho. No esporte, jogar bem, nem sempre significa

ganhar e, jogar mal, não significa perder. É preciso entender as variáveis envolvidas nos processos de treinos e competições. Os relatos parecidos nos fornecem um caminho de reflexão. Para a ação, porém, é preciso entender as diferenças de cada modalidade e junto com os atletas, construir repertórios adequados, nas situações esportivas, de maneira que eles possam prever e controlar melhor seu comportamento, e assim, obter mais reforços.

Apresentação 2:

Uma revisão de literatura dirigida ao trabalho do analista do comportamento com modalidades esportivas coletivas produz escassos resultados. Grande parte da literatura disponível refere-se a pesquisas e trabalhos aplicados com atletas de modalidades individuais ou, no máximo, trabalhos isolados com atletas de modalidades coletivas. Tal escassez de relatos acerca de trabalhos coletivos deve-se a complexidade de dados em um grupo ou a aplicação a modalidades individuais pode ser derivada para as modalidades coletivas? Relatos de psicólogos e de outros profissionais do esporte referem-se às diferenças entre “grupos” e “equipes” no sentido de sua organização interna e foco na tarefa. Geralmente entende-se o termo “equipe” como um grupo altamente organizado e direcionado para seus objetivos. Outro termo que aparece frequentemente relacionado é a cooperação. Como o analista do comportamento atua no sentido de contribuir para a organização dos atletas em um grupo esportivo? A atuação é eminentemente diferente do analista que trabalha com atletas de modalidades individuais?

Comunicação Oral: “Análise de Interações Verbais em um Blog Jornalístico: possíveis relações de controle entre jornalista e leitores e leitores entre si”

Maria Wang - PUC-SP

Em sua análise do comportamento verbal, Skinner destaca a importância de se considerar o comportamento do ouvinte para uma adequada compreensão do comportamento do falante e vice-versa. Neste trabalho, analisaram-se interações verbais em um blog jornalístico, em busca de possíveis controles mútuos entre os participantes desse blog: do jornalista sobre os leitores e vice-versa e de leitores entre si. Foram analisados 37 textos publicados pelo jornalista no blog durante três dias e meio, em período imediatamente posterior ao acidente do avião da TAM, ocorrido dia 17 de julho de 2007, em São Paulo, bem como 1.673 comentários a esses textos. Os comentários foram classificados quanto à direção – se foram dirigidos ao jornalista, a outros leitores ou se não tiveram direção específica – e foram classificados em categorias como concordância, discordância, contribuição, entre outras. Os resultados sugerem: 1) a existência de controle mútuo entre jornalista e leitores e leitores entre si; 2) forte controle de assuntos relativos ao acidente sobre a escrita dos participantes do blog; 3) existência de controle diferencial do jornalista sobre os leitores em comparação com o controle entre leitores; 4) forte influência de variáveis emocionais sobre a escrita dos participantes do blog. Concluiu-se, porém, a esse respeito que, embora os dados permitam supor

a existência dessas relações de controle, outros estudos são necessários para esclarecer essas relações. O atraso médio entre a publicação de um texto e a publicação do 1º comentário a esse texto foi de 2 horas e 37 minutos, sendo que em 22 textos o atraso foi menor que uma hora. Esse dado mostra que novas tecnologias como a Internet e seus subprodutos, como os blogs, podem reduzir sobremaneira o atraso do efeito do comportamento verbal, ao mesmo tempo em que podem aumentar extraordinariamente a abrangência do produto desse comportamento. Assim, devem ser consideradas no planejamento de contingências de ensino e de estudo do comportamento verbal. Além disso, os blogs, ao permitir a inclusão de novos personagens no processo de produção de notícia, poderão aumentar as possibilidades de contracontrole do leitor sobre a imprensa e tornar a relação imprensa-leitor mais eqüidistante.

Comunicação Oral: “Aumenta o Som! Autoclíticos em uma Canção de Estúdio de uma Banda de Rock Progressivo”

Alex Machado - Universidade Federal do Espírito Santo, Elizeu Borloti - Universidade Federal do Espírito Santo

A publicação do livro Verbal Behavior por Skinner, em 1957, foi um grande salto para a análise de operantes verbais de variados níveis de complexidade. Atualmente, o processo autoclítico tem sido apontado como o mais complexo. Skinner deixou claro que os operantes verbais não seriam exclusivamente emitidos por meio da fala ou da escrita, e assim sinalizou para estudos de repertórios que, sob os critérios da definição de comportamento verbal, utilizam outros meios, tais como movimentos do corpo ou manipulação de instrumentos que produzem sons. Seguindo esta sinalização, o objetivo deste estudo foi analisar funcionalmente as estratégias de composição melódica/harmônica/letra de uma canção de acordo com a categoria operante denominada autoclítico. Serviu de dado a canção “Finally Free” tocada pela banda de Rock Progressivo Dream Theater. A canção compõe um álbum organizado como capítulos de uma história. Propriedades autoclíticas da canção – melodia, harmonia e letra – tiveram sua função inferida dos seus efeitos no repertório do primeiro autor, como músico-ouvinte da banda, de acordo com o método da hermenêutica comportamental: 1) escutas repetidas para discriminação das propriedades de interesse e dos seus efeitos autoclíticos, 2) reescutas para confirmar exemplos que ratifiquem as relações funcionais discriminadas, 3) agrupamento das propriedades que compartilham funções comuns e 4) descrição do porque cada propriedade foi descrita como foi. Os resultados mostram o amplo repertório autoclítico do grupo (vocalista, baterista, tecladista, baixista e guitarrista), que impõe diferentes “climas” envolvendo os vários personagens da história em alterações de andamento, modo e dinâmica. Os instrumentos utilizados e conteúdo das letras complementam a função do conjunto autoclítico. A conclusão aponta que, embora esta análise seja uma aproximação à música como comportamento verbal, inicia uma discussão teórico-metodológica para o estudo da interpretação musical como comportamento complexo, principalmente quando esta complexidade é o efeito único do repertório de várias pessoas.

Comunicação Oral: “A Performance Artística Musical Enquanto Operantes Verbais Autoclíticos”

Jones Vergna - Faculdade Pitágoras, Lorena Capucho - Faculdade Pitágoras, Pauliane Sepulcro - Faculdade Pitágoras, Layara Gerhardt - Faculdade Pitágoras, Alex Machado - Faculdade Pitágoras

“Desta vez ele incluiu tocar guitarra com o pé e tirar harmônicos com a língua. Coisas de Steve Vai”. O trecho acima pertence a um artigo de revista especializada e comenta sobre a performance de um dos mais influentes guitarristas contemporâneos, num show realizado em São Paulo recentemente. Ele (trecho) é representativo do recorte de análise que evocou interesse de pesquisa para os autores. Músicos autodidatas de formação, interessaram-se em aproximar a análise funcional de operantes verbais, proposta por Skinner, do repertório descrito comumente como “Performance Artística”. Diferente das análises verbais encontradas na literatura, que dão maior ênfase à construção das frases pelo falante (palavras utilizadas, seguimento ou não das normas gramaticais e sintáticas, etc., como o próprio Skinner realizou no livro Verbal Behavior), este trabalho focalizou-se nas diferentes nuances da topografia da classe de respostas do tipo “tocar uma música na guitarra”. Assim, o objetivo aqui proposto foi analisar algumas das mais comuns técnicas utilizadas na execução de peças musicais enquanto operantes verbais autoclíticos. Para tal, foi analisado o trecho de um show do artista supracitado, em que ele extrai sons exóticos de sua guitarra, tais como “gritos”, “gemidos”, “gorjeios de pássaros”, entre outros (além disso, os autores prepararam algumas performances a serem demonstradas ao vivo, durante a comunicação oral deste trabalho). O efeito do uso destes autoclíticos sobre a platéia também foi observado no vídeo, e sugere que os ouvintes reforçaram positivamente (aplausos, gritos, etc.) a classe de respostas do falante. A análise proposta representa uma primeira aproximação dos autores na análise de operantes verbais não-vocais do tipo autoclíticos, e visa contribuir com a ampliação do conhecimento nesta área, ainda com poucas publicações entre a bibliografia consultada.

Palestra: “Comportamento Humano e Religião: revisitando Schoenfeld”

Roosevelt R. Starling - UFMG/USP

William N. Schoenfeld (1915-1996), um dos pioneiros no desenvolvimento de um modelo comportamentalista e naturalista para o estudo e entendimento do comportamento humano, escreveu em 1971 um livro intitulado “Religion and Human Behavior”. Perguntando-se porque a psicologia científica ignoraria por tanto tempo o comportamento religioso, quando bilhões de seres humanos praticam e praticaram, ao longo dos tempos, alguma forma de religião, o autor busca “abstrair características comuns a todas as religiões, descrever o comportamento que deveria ser observado a fim de identificar estas características e explorar os princípios que subjazem a gênese e a manutenção deste comportamento”. Judeu praticante, este livro somente foi publicado em 1993, portanto 22 anos após sua produção e já próximo ao fim dos seus anos. O autor deixa claro que tal lapso entre a concepção e a publicação do seu trabalho se deveu aos seus receios e inseguranças no

tratamento de assunto tão delicado de um ponto de vista humano e tão difícil e controverso de um ponto de vista acadêmico. Entretanto, dificilmente se encontraria tema mais presente e relevante nos assuntos humanos do que o comportamento religioso; este, por excelência, um comportamento definitivamente humano, tanto quanto sabemos. Reconhecendo esta importância e este caráter único, Schoenfeld declara que seu principal propósito, ao finalmente consentir na publicação daquele seu esforço, era “a esperança de que pudesse atrair estudantes mais bem dotados do que eu para a perquirição deste tema”. É com receio e insegurança semelhantes e também com igual propósito que este palestrante se propõe a revisitar Schoenfeld, apresentando os principais traços da análise produzida por aquele notável professor e estudioso, ao mesmo tempo acrescentando suas próprias reflexões, à luz de seu próprio percurso como estudante e como sujeito inevitável – quer na afirmação, na dúvida ou na negação - do comportamento religioso. Possa amenizar a pretensão de ambos a observação do próprio autor, ora revisitado: “Nosso objetivo foi examinar o lado humano da religião, olhar o comportamento religioso de uma perspectiva humana, não da divina”.

Palestra: “Análise Comportamental do Discurso: estudos empíricos de registros verbais escritos e verbais vocais transcritos”

Elizeu Borloti - Universidade Federal do Espírito Santo, Felipe de Carvalho Pimentel - Orientando – UFES

Discurso é um conjunto de operantes verbais com certas propriedades, controlado por contingências contextuais (e, necessariamente, históricas). Uma análise comportamental do discurso (ACD) é uma análise funcional desse conjunto operante (mandos, tatos, intraverbais e autoclíticos). Enfatizando o controle da audiência sobre os discursos, a ACD abarca de uma vez todos os processos verbais enfatizados separadamente pelas vertentes teóricas da análise do discurso tradicional: atos de fala, pragmática e retórica. O objetivo deste trabalho é apresentar os fundamentos e o método da ACD e mostrar exemplos empíricos da sua utilização na análise de registros verbais escritos e verbais vocais transcritos. Na análise dos registros, o método da ACD seguiu as seguintes etapas: 1) discriminação de emissão de conjuntos de operantes de interesse; 2) registro de episódios de emissão desses conjuntos e dos eventos antecedentes que parecem estar funcionalmente relacionados ao episódio; 3) análise da função do registrar tais eventos antecedentes, refinando as discriminações feitas; 4) seleção das relações verbais discriminadas e agrupamento das mesmas em classes funcionais; e 5) descrição da experiência de ser controlado pelo registro verbal, descrevendo o que e porquê foi selecionado. O primeiro registro analisado é de episódios da auto-edição do discurso contra-argumentativo de Skinner ao escrever o Verbal Behavior. O autor comparou as diferenças funcionais nos processos autoclíticos do texto de Skinner em 1948 (no manuscrito para as William James Lectures) e em 1957 (na publicação final). O segundo registro analisado é de episódios verbais emitidos durante uma discussão entre estudantes sobre o tema polêmico “adoção de crianças por casais homossexuais”, evocados por um mediador treinado em consequenciar argumentos centrais à discussão do tema. O terceiro registro analisado é de redações de adolescentes sobre o tema

“virgindade”, auto-editadas para serem publicadas em uma revista voltada para o público teen. O quarto estudo – “A função da audiência discordante na auto-edição de argumentos” – mostra dados parciais do discurso de falantes e ouvintes que possuem atributos sociais que geram “preconceito”. Os alvos da análise são os operantes emitidos ao se falar sobre um tópico acerca do qual os participantes têm opiniões discordantes, de modo a descrever a função dos comportamentos verbais escritos liberados e não liberados após a auto-edição do discurso “preconceituoso”. Em conclusão, os estudos apresentados mostram o importante papel dos processos operantes verbais secundários (autoclíticos) na coerência do conjunto de operantes verbais básicos do discurso e indicam uma promissora linha de pesquisa no campo do comportamento verbal.

Mesa Redonda: “Estudos de Caso em Terapia Analítico-Comportamental: a variabilidade nos casos e a consistência no método”

Caroline Guisantes de Salvo Toni - IEPAC, Gabriela Mello Sabbag - IEPAC, Taísa Borges Grün – IEPAC

Coordenador: Yara K.Ingberman - IEPAC/FEPAR/Universidade Positivo

O terapeuta analítico-comportamental, a partir da análise funcional, descreve as contingências de reforço que mantêm as mais diversas queixas. Discriminando a função de determinadas classes de comportamento é possível planejar uma variedade de estratégias para modificar as contingências em vigor, utilizando-se, em primeiro momento, do ambiente terapêutico e em seguida propiciando sua generalização para o ambiente natural. Nesse enfoque diferentes temas são abordados com metodologia consistente. Partindo dessa idéia serão apresentados três casos atendidos no Instituto de Estudos e Psicoterapia Analítico-Comportamental (IEPAC). Primeiramente será relatado atendimento em terapia de família, no qual ocorreram atendimentos individuais, de casal e do grupo familiar com o objetivo de promover mudanças no contexto que favorecessem a alteração nas contingências presentes no dia-a-dia da família. Num segundo momento, será apresentado um caso de psicoterapia infantil, caracterizado por ansiedade generalizada e fobias específicas. A interação operante-respondente, neste caso, era mantida pela esquiva e reforçada pela mãe. A intervenção partiu do contexto da clínica para o ambiente natural, concomitante a orientações realizadas com a mãe. O terceiro caso apresentará o atendimento psicológico de uma criança, que se encontrava sob a tutela do pai por ter sofrido abuso físico e psicológico por parte de sua mãe biológica. A cliente veio para psicoterapia com a queixa de apresentar déficits de habilidades de comunicação e expressão de sentimentos o que acarretava dificuldades em suas interações com pares e familiares. A psicoterapia, a partir de estratégias lúdicas individuais e com os integrantes de sua família, irmãos, pai e madrasta, buscou modelar e apresentar modelos de comportamentos que proporcionassem maiores oportunidades de reforço para a criança e para a família.

Mesa Redonda: “Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade: uma abordagem integrada para a análise comportamental”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Marcos Romano - Clínica de Distúrbios da Atenção e do Humor/UNIFESP, Iria Ap. Stahl Merlin - Clínica de Distúrbios da Atenção e do Humor/UEL, Marina Stahl Merlin - Clínica de Distúrbios da Atenção e do Humor/UNIFESP/UNIARARAS

Coordenador: Karine Giorgetti Romano - Clínica de Distúrbios da Atenção e do Humor/UNIFESP/HC-FMUSP

Esta mesa visa demonstrar e discutir informações a respeito do TDAH de acordo com diferentes áreas de conhecimento científico, evidenciando a necessidade da análise dos diversos aspectos biológicos e ambientais que contribuem na manutenção dos sintomas deste transtorno. O TDAH deixou de ser um quadro clínico específico da criança, sendo atualmente reconhecido no adulto. Neste sentido, novas estratégias de tratamento vêm sendo requeridas. O conhecimento das disfunções neurobiológicas referentes ao TDAH vem sendo melhor compreendido através de estudos de neuroimagem e é uma variável importante na compreensão da manifestação dos sintomas. O tratamento medicamentoso tem objetivos específicos, necessitando do respaldo de abordagens que visam modificar os comportamentos inadequados de seus portadores. Dentro das possibilidades de atuação para a modificação de comportamento, a Terapia Cognitivo-Comportamental vem sendo citada em estudos de eficácia. Abordagens diretivas, como o Coaching, visam análises mais específicas dos comportamentos disfuncionais e sugere a utilização do reforçamento diferencial em substituição da punição, controle de estímulos, exposição entre outros treinamento de habilidades para a diminuição do comportamento-queixa. O treino das habilidades dos educadores visa diminuir a atribuição da responsabilidade pelo não-aprender ao portador de TDAH e às causas unicamente biológicas ou “emocionais”. A integração das abordagens médica, educacional e comportamental parece favorecer o prognóstico dos portadores de TDAH, sendo, portanto, uma nova demanda aos profissionais interessados no assunto.

Apresentação 1:

O TDAH é “um transtorno extremamente bem pesquisado e com validade superior à da maioria dos transtornos mentais e superior inclusive a de muitas condições médicas” (AMA Council for Scientific Affairs, 1998). Caracteriza-se por dificuldade em prestar atenção a estímulos internos e externos, prejuízos na capacidade de organizar e completar tarefas, e problemas em controlar comportamentos, emoções e impulsos (Shaffer, 1994). Para o diagnóstico, de acordo com os critérios do DSM-IV, são necessários estar presentes 6 entre 9 sintomas de desatenção e/ou 6 de 9 para hiperatividade/impulsividade, tendo-se então, os subtipos: predominantemente desatento, predominantemente hiperativo/impulsivo e o subtipo combinado. A prevalência é de 2-4% em adultos (persistência de 50-70%), acometendo indivíduos de qualquer estrato sócio-econômico e de todos os níveis de QI. Quanto à genética, tem proporções nos sexos variáveis de acordo com a faixa etária: 6:1; 3:1; 1:1 (?/?), respectivamente na infância, adolescência e vida adulta; seu coeficiente de herdabilidade é de 0,80, não sendo específica de um subtipo. O tratamento do TDAH deve abranger a

psico-educação, tratamento medicamentoso, reestruturação do ambiente e coaching/psicoterapia. Resultados do MTA Study Group revelam o tamanho do efeito de diversas abordagens terapêuticas em crianças com TDAH: terapia comportamental, farmacoterapia, terapia comportamental + farmacoterapia, tratamento comunitário (farmacoterapia com pediatra/médico da família). O MTA Study é o maior estudo multicêntrico já realizado sobre tratamento do TDAH e envolveu o acompanhamento de quase 600 crianças por 14 meses. Em relação aos modelos neurobiológicos do TDAH serão abordados a disfunção noradrenérgica e a disfunção dopaminérgica que dão origem aos sintomas nucleares da síndrome: dificuldades na esfera da atenção (sustentação da atenção, atenção dividida, atenção seletiva, etc.), na sustentação do esforço para as tarefas, organização e planejamento, controle inibitório, etc. Os achados dos principais estudos de neuroimagem do TDAH e a relação entre esses achados e a clínica do TDAH, além da disfunção executiva que caracteriza o TDAH e o seu impacto na vida de um portador, serão abordados através de dados da literatura e casos clínicos ilustrativos.

Apresentação 2:

As dificuldades de aprendizagem exigem procedimentos de análise do maior número possível de informações sobre o ambiente escolar da criança. O enfoque no processo de escolarização e não exclusivamente nos problemas/distúrbios de aprendizagem pretende modificar a tradicional atribuição da responsabilidade pelo não-aprender à criança e as causas unicamente biológica, psicológica ou emocional. A intervenção do psicólogo deve favorecer a reflexão, junto ao professor na busca do como “aprender a ensinar a criança” planejando uma boa relação com o conteúdo. O aprender e o fazer da criança em relação aos conhecimentos básicos da aprendizagem escolar é o objetivo primeiro de um processo de intervenção psico-educativa, diminuindo dessa forma, o risco dos julgamentos estereotipados, responsáveis pela repetência, evasão, exclusão e rotulação.

Apresentação 3:

Terapias para o portador de TDAH precisam ser pragmáticas e focadas nos comportamentos disfuncionais. Apesar de a abordagem comportamental apresentar tais características, há dez anos, novos delineamentos terapêuticos vêm sendo esboçado com o intuito de auxiliar na criação de estratégias práticas que sejam efetivas no dia-a-dia do portador de TDAH. Coaching é um serviço limitado, individualizado e que, apesar de não ser reconhecidamente um método comportamental, utiliza métodos reforçadores para o fortalecimento de classes de respostas de realização de tarefas e focalização da atenção, assim como outras estratégias de manipulação do ambiente. Apesar do Coaching ser um trabalho desvinculado do trabalho terapêutico, na prática clínica é possível reconhecer que para este acompanhamento ser bem sucedido é essencial que o “coach” seja capaz de realizar análises funcionais dos comportamentos-queixa do paciente, e a partir de então, utilizar as estratégias de manejo comportamental adequada. Neste sentido, sugere-se uma nova área de estudo

e pesquisa, com o intuito de otimizar este modelo terapêutico denominado Coaching, através das contribuições da abordagem comportamental.

Mesa Redonda: “Relações Agressivas na Infância: entendimento e intervenção sob o ponto de vista analítico-comportamental”

Joana Singer Vermes - PUC-SP, Giovana Del Prette - UFSCAR, Jaíde Regra - USP/Clínica Particular

Coordenador: Joana Singer Vermes - PUC-SP

Palestra: “Jovens Terapeutas de Qualquer Idade: estratégias para superação de repertórios insuficientes”

Regina Christina Wielecka - Consultório Particular

Uma das profissões nas quais envelhecer pode ser útil é a de psicoterapeuta. Não se trata, obviamente, dos efeitos da mera passagem do tempo sobre o repertório profissional e sobre a possibilidade de atuar com maior índice de acertos clínicos, seja para diagnosticar ou intervir sobre o problema de algum cliente. Na realidade, pressupomos que ao longo de uma determinada unidade de tempo o terapeuta, de qualquer idade e com qualquer nível de conhecimento, esteja ativamente engajado na emissão de respostas que beneficiem seu repertório profissional. A conferência visa, de início, sinalizar as áreas da formação acadêmica e pessoal sobre as quais deveriam incidir os esforços do terapeuta inexperiente ou de quem responsavelmente se propõe a investir na própria formação continuada. Um segundo objetivo será o de propor estratégias práticas para enriquecimento de repertório. Supervisão, estudo individual e em grupo, cursos qualificados, terapia individual (com fins de autoconhecimento e transformação), habilidades interpessoais, acesso e contato regular com bens culturais, estes são apenas alguns dos tópicos a considerar. Um interesse especial por histórias de vida, acessadas pela media, observação indireta e contato direto com testemunhos de vida é uma poderosa ferramenta de aprendizagem, especialmente para os mais jovens. Por fim será discutido em que medida o professor, supervisor e terapeuta podem auxiliar no processo de formação do terapeuta inexperiente.

Mesa Redonda: “História Comportamental com Humanos e Não-Humanos: história de privação, de aquisição e controle de estímulos”

Julia Guedes da Rocha - PUC-SP, Tatiany Honório Porto - Universidade Estadual de Londrina, Carlos Eduardo Costa - Universidade Estadual de Londrina, Murilo Nogueira Ramos - Universidade Estadual de Londrina, Paulo Guerra Soares - Universidade Estadual de Londrina / Faculdade Pitágoras (Campus Metropolitana)

Coordenador: Carlos Eduardo Costa - Universidade Estadual de Londrina

Serão apresentados três experimentos que, direta ou indiretamente, estão interessados em lançar luz sobre a questão de como a exposição a determinadas condições afeta o comportamento de um organismo em uma condição subsequente. No estudo de Guedes, com ratos, os objetivos foram (a) verificar os possíveis efeitos produzidos por diferentes histórias de privação de alimento no desempenho operante, no peso e no consumo de água e alimento e (b) avaliar os efeitos de sessões experimentais na caixa operante no peso e no consumo de água e alimento dos sujeitos com diferentes privações. A autora discutirá como a programação da privação (i.e., diferentes seqüências de alternância entre condições de privação e ad lib) pode afetar não apenas a perda de peso em ratos, mas também o desempenho operante nas sessões experimentais. O estudo de Porto e Costa, com humanos, teve por objetivo descrever os efeitos de quatro histórias de aquisição em um múltiplo FR 60-DRL 20s. Os autores discutirão se alguma dessas histórias foi mais eficaz em colocar o comportamento dos participantes sob controle do programa de reforço vigente. Finalmente, no estudo de Soares e Costa, com humanos, os autores procuraram observar o efeito de uma exposição a um mult FR-DRL sobre o comportamento subsequente em um mult FI-FI, quando os mesmos controles de estímulo eram mantidos. Serão discutidas a transitoriedade dos efeitos da história comportamental e o papel do controle de estímulos nesses efeitos

Bolsa de mestrado concedida pela Fundação Araucária ao primeiro autor.

Apresentação 1:

O presente estudo teve por objetivos (a) verificar os possíveis efeitos produzidos por diferentes histórias de privação de alimento no desempenho operante, no peso e no consumo de água e alimento em ratos e (b) avaliar os efeitos de sessões experimentais na caixa operante no peso e no consumo de água e alimento dos sujeitos com diferentes privações. Para tanto, 12 ratos foram distribuídos em 4 grupos e cada um destes passou por diferentes histórias de alternância entre as condições de privação (alimento disponível 1 hora/dia) e ad lib (alimento disponível 24 hora/dia). Todos os ratos passaram pela mesma fase de preparação, que foi dividida em duas condições. Na Condição 1, os ratos recebiam alimento ad lib e na Condição 2 os ratos eram privados de alimento. Após a fase de preparação, teve início a fase de história, na qual cada grupo passou por diferentes alternâncias entre condições ad lib e privação. Dois dos três sujeitos de cada grupo passaram por sessões de VI60 s, com duração de 25 minutos, que tiveram início na Condição 2 da fase de preparação e foram realizadas até o final do experimento. O terceiro sujeito não foi submetido às sessões experimentais a fim de verificar os efeitos das mesmas no peso e no consumo. Pelotas de comida foram utilizadas com reforçador nas sessões experimentais. Os resultados sugerem que: (1) os sujeitos tiveram um ganho maior de peso no início da primeira vez que retornaram à condição ad lib do que segunda vez que retornaram a esta condição. Com a continuidade da alternância entre as condições a perda de peso na condição de privação tendeu a diminuir (2) as sessões na caixa operante pareceram uma variável importante na manutenção e recuperação do peso de alguns sujeitos; (3) em geral, o consumo de água diminuiu durante a privação de alimento; (4) a ingestão calórica aumentou, quando os sujeitos retornaram à condição ad lib para valores além dos obtidos na primeira condição

ad lib, diminuindo logo depois; e (5) a condição imediatamente anterior – quer fosse ad lib, quer fosse privação – parece ter efeitos nas primeiras sessões experimentais de cada nova condição.

Apresentação 2:

O objetivo foi descrever os efeitos de quatro histórias de aquisição em um múltiplo FR-DRL. Participaram 21 universitários distribuídos em quatro grupos. Para todos os grupos foram programadas três sessões, nas quais os parâmetros de FR e DRL eram aumentados até que se atingisse um múltiplo FR 60-DRL 20 s. Para o Grupo 1 a razão era mantida constante nas duas primeiras sessões, enquanto o intervalo do DRL era aumentado em 2 s a cada 10 pontos obtidos. Na terceira sessão a razão era aumentada em 10 até FR 60 a cada 10 pontos e o intervalo do DRL era mantido em 20 s. Para o Grupo 2 o incremento era realizado tanto para o FR quanto para o DRL, a cada 10 pontos obtidos. Para os Grupos 3 e 4 os incrementos nos parâmetros de FR e DRL eram realizados entre sessões. A diferença era que a mudança dos componentes no múltiplo era feita a cada 10 pontos para o Grupo 3 e a cada 3 minutos para o Grupo 4. Caso algum participante dos Grupos 1, 2 e 3 não terminasse a sessão em 60 minutos, a sessão era interrompida e, na sessão seguinte, o procedimento era iniciado com base no ponto em que havia parado. O Grupo 4 deveria obter pelo menos 65% dos pontos do DRL ou a sessão seria repetida. Caso uma mesma sessão fosse repetida por três vezes o participante era eliminado da pesquisa. Os resultados sugerem que o procedimento para aquisição do múltiplo do Grupo 3 produziu menor variabilidade entre participantes, requereu apenas as 3 sessões planejadas e, no geral, levou o menor tempo para ser atingido. O procedimento do Grupo 4 foi o que mais precisou de sessões adicionais (para 3 dos 5 participantes) e, conseqüentemente, gerou o maior número de pontos obtidos por participante (uma vez que a mudança de componentes e o término da sessão não foram programados pelo número de reforços, como nos demais grupos). Os resultados dos Grupos 1 e 2 não diferiram substancialmente. Um participante de cada grupo precisou mais do que as três sessões planejadas para a aquisição. Todavia, o participante do Grupo 1 foi eliminado da pesquisa por não atingir o critério após sete sessões, enquanto que o participante do Grupo 2 terminou a fase de aquisição após cinco sessões. Excetuando esses dois participantes, o desempenho dos demais participantes foi semelhante entre os dois grupos.

Apresentação 3:

O objetivo foi observar o efeito de uma exposição a um mult FR-DRL sobre o comportamento subsequente em um mult FI-FI, quando os mesmos controles de estímulo foram mantidos. Participaram quatro universitários, cuja tarefa experimental consistia em pressionar o botão esquerdo do mouse com o cursor sobre um botão (botão de resposta) que aparecia no monitor do computador. Ao ser cumprida a contingência de reforço programada, um smile aparecia no canto superior direito do monitor e, para que um ponto fosse creditado em um visor acima do botão de respostas, o participante deveria clicar com em um botão localizado acima do smile (botão de resposta de consumação). Os participantes foram expostos a um programa mult FR-DRL até que fosse obtida

estabilidade na taxa de respostas em ambos os componentes. A cor do botão de resposta era diferente para cada componente do programa múltiplo (verde para FR e vermelha para DRL). Em uma fase seguinte, os participantes foram expostos a um programa mult FI-FI. Cada componente deste múltiplo era correlacionado a uma das cores do botão de resposta apresentadas anteriormente. Nas duas fases, um timeout de 5 segundos ocorria entre os componentes do programa múltiplo. De maneira geral, os resultados replicaram aqueles obtidos por Freeman e Lattal. Observou-se que três dos quatro participantes apresentaram efeitos da história de exposição ao mult FR-DRL somente por algumas sessões. Com a exposição continuada ao mult FI-FI, o comportamento destes participantes tendeu a ficar sob controle da contingência presente. O comportamento de um dos participantes apresentou efeitos da história de exposição ao mult FR-DRL durante toda a fase de teste (mult FI-FI). Este participante foi exposto, então, a mais dez sessões de um mult FI-FI, mas as cores dos botões de resposta foram trocadas para preto e branco. Observou-se que o comportamento deste participante mudou, ficando semelhante ao dos outros três quando foram expostos ao mult FI-FI. Os resultados do presente estudo sugerem que o comportamento de humanos tende a ficar sob controle da nova contingência de reforço com a exposição continuada a esta contingência e, portanto, os efeitos da história são transitórios. Quando a resistência à mudança pareceu maior, a substituição dos estímulos – cuja função havia sido selecionada durante a fase de construção da história (i.e., a mudança na cor do botão de respostas) – foi suficiente para produzir uma mudança comportamental e produzir um padrão que parecia sob controle da contingência presente.

Mesa Redonda: “Terapia por Contingências de Reforçamento com Crianças: dificuldades de aprendizagem, ampliação de repertório de relações sociais e afetivas”

Camila da Silva Magnet - ITCR – Campinas/IAC - Campinas, Lilian Medeiros - ITCR – Campinas/IAC - Campinas, Vivian Maria Stabile Fumo - ITCR-Campinas, Silvana Nucci - ITCR-CAMPINAS, Amanda Wechsler - ITCR-Campinas, Renata Cristina Gomes - ITCR-CAMPINAS

Coordenador: Camila da Silva Magnet - ITCR-Campinas

Apresentação 1:

O objetivo do presente trabalho foi tornar o cliente consciente dos déficits de repertório e mais sensível às contingências em operação do que das suas auto-regras. Carlos (46), solteiro, é sócio-proprietário de um restaurante e namora Fabiana desde 2006. Reside sozinho e não tem filhos. Apresentou como queixa sentimentos de depressão, frustração e insegurança: “Vim fazer terapia devido às frustrações, né, ao longo da vida. As frustrações ocorrem de um modo geral. Quero colocar as coisas em ordem. Busco um equilíbrio. (...) Afinal, já estou com 45 anos.”. Outras dificuldades identificadas foram principalmente: excesso de comportamentos de fuga-esquiva inadequados (inclusive em relação à psicoterapia) e déficit de comportamento com função afetiva, principalmente para estabelecer e manter vínculos afetivos. Sua história de contingências de reforçamento sugere uma relação familiar aversiva e pouco afetiva, além de relacionamentos pessoais insatisfatórios e frustrações na vida profissional. Dessa forma, o cliente foi exposto a contingências aversivas. Os

procedimentos psicoterapêuticos utilizados foram: punição amena e descrição de comportamentos de fuga-esquiva para que o cliente ficasse sob controle do processo terapêutico; descrição das contingências em operação e de como o cliente elaborou suas auto-regras e a função que elas assumiram na sua vida; apresentação de estímulos discriminativos, instrução, descrição das conseqüências de seus comportamentos e reforçamento diferencial para instalar comportamentos com função afetiva.

O estudo continua em processo e os resultados já alcançados foram: passou a ficar mais sob controle do processo terapêutico e das descrições de contingências; discriminou a dificuldade em estabelecer e manter vínculos afetivos, diminuindo comportamentos de fuga-esquiva disfuncionais; começou a discriminar a função dos comportamentos inadequados e as conseqüências produzidas por estes, principalmente nos relacionamento afetivos; começou a emitir comportamentos com função afetiva.

Apresentação 2:

O objetivo do presente trabalho foi desenvolver e ampliar, a partir da Terapia por Contingências de Reforçamento, o repertório de estudos e o repertório social de um adolescente em atendimento psicoterapêutico. O cliente tinha 12 anos, cursava a sexta série do Ensino Fundamental e morava com os pais. A queixa apresentada pelos pais era de que o filho se “dispersava facilmente” durante as atividades escolares e que suas notas eram ruins. O cliente apresentava dificuldade em ficar sobre controle de estímulos adequados para realização de tarefas acadêmicas, não tinha horário e local definido para realização das mesmas e apresentava estratégias pouco eficientes de estudo. Também apresentava dificuldades em interagir com os pais, professores e colegas da escola. Para desenvolvimento do repertório de estudos foram utilizadas instruções verbais que descreviam estratégias para escolher lugares e horários adequados para realizar as tarefas escolares e utilizar técnicas de leitura para estudar textos acadêmicos. Concomitantemente, a terapeuta utilizou os procedimentos de economia de fichas, controle de estímulos concorrentes com a tarefa, reforçamento diferencial e realizou sessões de orientação aos pais. Para ampliação do repertório social foram utilizados os procedimentos de reforçamento positivo, reforçamento diferencial de outras respostas, descrição das contingências de reforçamento possivelmente em operação, instrução, ensaio comportamental, modelagem e fading. Como forma de programar a generalização dos comportamentos sociais para o ambiente natural foram realizadas sessões de acompanhamento terapêutico e de orientações aos pais. O processo psicoterapêutico continua em andamento e como principais resultados alcançados até o momento destacam-se o desenvolvimento de uma rotina de estudo, melhora no desempenho acadêmico e mudanças qualitativas nas interações sociais.

Apresentação 3:

Trata-se de um relato de atendimento clínico segundo o modelo da Terapia por Contingências de Reforçamento. O cliente foi um menino (11), diagnosticado com dislexia por uma equipe multidisciplinar de um hospital-escola. Na primeira sessão com a mãe, ela queixou-se das dificuldades escolares e sociais de seu filho. Durante as sessões psicoterapêuticas, o cliente apresentou elevado

número de respostas de fuga-esquiva frente a estímulos discriminativos verbais fornecidos pela psicoterapeuta e excessivas respostas de queixar-se frente a contingências aversivas (como perda em jogos, ou dificuldade de realizar tarefas escolares). A mãe do cliente se esquivava de ajudá-lo nas tarefas escolares, atribuindo o mau desempenho do cliente nestas atividades a causas orgânicas (dislexia). Quando o cliente relatava para a mãe suas dificuldades sociais, ela atribuía essas dificuldades às condições sócio-econômicas dos colegas com quem ele se relacionava e frequentemente punia o cliente por relatar tais coisas a ela, ficando pouco sensível às dificuldades do filho e mais sob controle do que era aversivo para ela. Os objetivos principais do atendimento psicoterapêutico foram: desenvolver e ampliar repertório escolar, instalar e desenvolver repertório social e instruir a mãe a reforçar o cliente. A intervenção terapêutica contou com procedimentos de modelagem, instrução, reforçamento diferencial e fornecer modelos. Os resultados foram: melhora qualitativa e quantitativa na leitura e escrita e aumento de frequência de respostas de sensibilidade ao outro, mantendo-se inalteradas determinadas respostas como fuga-esquiva de estímulos discriminativos verbais fornecidos pela psicoterapeuta e alta frequência de respostas de queixar-se frente a frustrações. A mãe também não teve alteração em suas respostas de fuga-esquiva frente às dificuldades apresentadas pelo filho.

Primeiros Passos: “O Comportamento de Perceber na Perspectiva Behaviorista Radical”

João Henrique de Almeida, Heloísa Maria Cotta Pires de Carvalho, Maura Alves Nunes Gongora -
Afiliação do Grupo: Universidade Estadual de Londrina

A proposta deste trabalho é apresentar uma explicação comportamental da percepção, com base no Behaviorismo Radical. De acordo com esta filosofia, a percepção é entendida como o ato ou a atividade de perceber, isto é, como comportamento. Isto quer dizer que o perceber, assim como qualquer outro comportamento, pode ser entendido como produto de uma história de seleção determinada pelo ambiente. Nessa perspectiva, o estudo da percepção humana não pode ser reduzido nem ao estudo das estruturas dos órgãos dos sentidos, nem ao estudo da forma ou estrutura dos estímulos. Isto porque, todos esses aspectos, sejam isoladamente, sejam em seu conjunto, não dariam conta de explicar o fenômeno da percepção. O comportamento perceptual, tendo em conta qualquer um dos nossos sentidos (visão, tato, olfato, audição ou paladar), pode ser explicado por processos respondentes e operantes. Diversas variáveis controlam o comportamento de perceber, como a história pessoal de reforço e os estímulos presentes no momento em que o indivíduo se comporta. Como exemplo, pode-se citar as características físicas dos estímulos, a presença concomitante de estímulos e, ainda, estímulos com os quais o indivíduo tenha uma história particular. Além disso, outras condições podem afetar o perceber, aumentando a probabilidade de uma pessoa perceber certas coisas em detrimento de outras. Entre tais condições incluem-se: o nível de privação da pessoa, a apresentação de um estímulo de forma súbita e a apresentação de um estímulo novo. Outras condições podem confundir o que é percebido, como nas ocasiões em que o

estímulo é fraco ou vago. Por fim, serão pontuadas algumas das vantagens do modelo comportamental sobre os modelos mentalistas tradicionais, na explicação do perceber, levando-se em conta que o primeiro possibilita compreender este comportamento utilizando-se apenas de variáveis naturais.

Primeiros Passos: "Reflexões Sobre Seleção Cultural no Filme Tropa de Elite: uma análise da polícia carioca"

Gélson Luiz Graça Martins, Alexandre Vianna Montagnero, Leonardo Rosa Queiroz, Paulo Leandro Graça Martins - Afiliação do Grupo: Centro Universitário do Triângulo – Unitri

Desde o seu surgimento o cinema criou uma linguagem que possibilita uma impressão da realidade, buscando relações entre os acontecimentos, o contexto sociocultural e histórico no quais os filmes se desenrolam, com isso um filme pode ser usado como ferramenta para discriminar contingências que regem o comportamento humano podendo servir como estratégia funcional no ensino de Análise Experimental do Comportamento. O presente estudo preocupou-se em fazer, sob a ótica do behaviorismo radical, uma análise cultural da polícia carioca utilizando-se para tal o filme "Tropa de Elite", ganhador do Urso de Ouro de melhor filme, na 58ª edição da Berlinale. Filme este baseado no livro "Elite da Tropa", que narra cenas de violência e corrupção policial no Rio de Janeiro. Segundo B. F. Skinner a cultura é composta por um conjunto de agências de controle que refletem a tentativa de organizar os membros de um grupo a fim de se manipular um conjunto específico de variáveis. Tais variáveis podem ser vistas pela ótica do conceito de Metacontingências. Defini-se Metacontingências como relações entre contingências comportamentais entrelaçadas e seus ambientes selecionadores, apresentando três componentes: contingências comportamentais entrelaçadas, seu produto agregado e um sistema de recepção. O ambiente comum a todos os policiais seria os grupos de criminosos altamente armados dificultando a entrada dos policiais nos morros para fazer valer a lei e nessas circunstâncias a polícia tem os seguintes repertórios de escolha: se corromper, se omitir ou correr o risco de entrar na guerra. Dentro das contingências comportamentais entrelaçadas compostas por policiais corruptos e omissos, surge um produto agregado cuja consequência maior é o aumento da criminalidade. A possibilidade de corrupção ao mesmo tempo em que reforça negativamente os policiais, ao produzir ou adiar um confronto com os traficantes, também gera um esquema de reforço intermitente para a pequena parcela dos policiais que gerenciam tal contingência para obter lucros pessoais. A paz do Rio de Janeiro depende de um equilíbrio entre a munição dos bandidos e a corrupção dos policiais, com isso a honestidade não faz parte do jogo. Tal produto agregado gerou no Rio de Janeiro um caso de contra controle: o "BOPE", uma facção da polícia com treinamentos especiais, cujo repertório cria novos modos de interação social bem como contingências comportamentais entrelaçadas entre seus integrantes e a sociedade. Essa proposta de comunicação oral pretende demonstrar tais entrelaçamentos comportamentais geradores de um produto agregado que oscila entre a opressão e o heroísmo.

Primeiros Passos: “Das Formas de Conhecimento em B. F. Skinner”

Lázaro Almeida - iApex - Gestão do Conhecimento

Uma das formas de se definir o conhecimento conforme os preceitos de B. F. Skinner é tratá-lo como resolução de problemas. Na resolução de problemas o que se observa é que uma resposta altera a situação de maneira que o problema desaparece e a resposta fornecida tende a aumentar sua frequência. No entanto, a resolução de um problema não se mostra de forma homogênea. Na ciência é comum a distinção entre as resoluções de problemas baseados na lógica e a resolução de problemas baseados na intuição. Para a análise do comportamento essa distinção pode ser compreendida através dos comportamentos governados por regras e pelos comportamentos governados pelas contingências. Desse modo a proposta deste trabalho é apresentar as concordâncias e divergências entre estas duas formas de conhecimento para a análise do comportamento.

Primeiros Passos: “Envolvimento Familiar: ponto de vista de alunos brasileiros e espanhóis do ensino fundamental e médio em relação a disciplina de Matemática”

Leila Feio - Universidad de Oviedo, João Carmo - Universidade Federal de São Carlos, Júlio Gonzales-Pianda - Universidad de Oviedo, Carlos Nuñez - Universidad de Oviedo

Dada a relevância de múltiplos temas na área das Matemáticas, dentre eles, a questão cultural, gênero, série, fatores sócio-econômicos, apoio da família, etc., no contexto do processo de ensino e aprendizagem desta disciplina, objetiva-se apresentar dados recentes sobre como as variáveis gênero e série de estudantes, espanhóis e brasileiros, incide sobre a percepção que o estudante tem da participação de seus pais em relação ao trabalho acadêmico e resultados escolares. Participaram 656 estudantes brasileiros (395 mulheres, 60.2%; e 261 homens, 39.8%) de duas cidades do norte do país, Macapá e Belém com idades compreendidas entre 11 e 18 anos; e 311 estudantes espanhóis (128 mulheres, 41,2%; e 183 homens, 58,8%) da cidade de Oviedo, com idades similares da amostra de Brasil. Eram estudantes de escolas públicas de 6ª e 8ª série do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio que correspondia a 23%, 34.9%, e 42.1%, respectivamente (Brasil); e 32,8%, 43,7%, e 23,5%, respectivamente (Espanha). Utilizou-se como instrumento o Questionário de Implicação Familiar (QIF), validado tanto para a população do Brasil, como de Espanha. Utilizou-se Análises Multivariadas de Variância (MANOVAs) a fim de contrastar o possível efeito de variáveis gênero e série sobre as dimensões avaliadas na CIF. Utilizou-se o pacote estatístico SPSS 15.00. Os resultados mostraram que em relação ao gênero não houve diferenças estatisticamente significativas no que diz respeito à participação da família na vida acadêmica dos estudantes espanhóis; mas houve diferenças com os estudantes brasileiros. As estudantes de Brasil, comparadas com os homens, possuem um ponto de vista mais positivo do comportamento de seus pais para com elas, por exemplo, percebem que seus pais supervisionam suas tarefas, estão satisfeitos com seus resultados, além disso, percebem

que seus pais têm boas expectativas quanto ao seu rendimento. Quanto à série, os estudantes de 6ª série, comparados com os de 8ª e 2ª ano, dos dois países, percebem de maneira mais positiva a participação de seus pais em relação ao seu trabalho acadêmico. À medida que os estudantes avançam de série, o ponto de vista destes, quanto à participação de seus pais em seus estudos diminui. Por último, há evidências consistentes de que as variáveis do contexto escolar (por exemplo, expectativas dos pais, condutas de ajuda nas tarefas, interesse pelos progressos de seus filhos, etc.) estão significativamente relacionadas com o trabalho acadêmico dos estudantes, especialmente com a aprendizagem das Matemáticas. O estudo sugere que se os pais se envolvessem mais na vida acadêmica dos filhos, provavelmente os estudantes, especialmente os adolescentes, poderiam melhorar seus resultados acadêmicos e quiçá suas atitudes para esta disciplina seriam mais positivas.

Primeiros Passos: “Terapia Analítico-Comportamental: da teoria à prática clínica”

Nicodemos Batista Borges - PARADIGMA/UNISA/UNIP

Uma das práticas clínicas que mais tem se desenvolvido e expandido no Brasil, nos últimos anos, é a Terapia Analítico-Comportamental, abordagem esta que se baseia nos conhecimentos advindos da Análise do Comportamento e na filosofia behaviorista radical, proposta por Skinner. Sabendo do pouco espaço que é reservado, na maioria dos cursos de graduação, para estudá-la, esta apresentação tem como principal objetivo expor e discutir os conceitos centrais que norteiam a prática clínica, focada na abordagem analítico-comportamental. Durante a apresentação pretende-se abordar desde aspectos filosóficos como: visão de homem, de mundo, de comportamento; até aspectos práticos como: as principais ferramentas com que este profissional trabalha – principalmente a avaliação funcional -, as etapas do processo terapêutico, o uso de técnicas, as perspectivas molar e molecular do problema, o uso de sentimentos, a análise de resultados, entre outros aspectos. O método utilizado consistirá de uma apresentação, a qual contará, entre outras coisas, com utilização de exemplos clínicos e discussão com o grupo.

Primeiros Passos: “Modelos de Estresse Ocupacional”

Nancy Julieta Inocente - Universidade de Taubaté- Grupo de Pesquisa Avançada em Medicina do Sono - HCFMUSP, Janine Julieta Inocente - Universidade de Bordeaux 2 (França)- Grupo de Pesquisa Avançada em Medicina do Sono - HCFMUSP, Clara Odilia Inocente - Universidade de Paris13(França) - Grupo de Pesquisa Avançada em Medicina do Sono - HCFMUSP, Rubens Reimão - Grupo de Pesquisa Avançada em Medicina do Sono - HCFMUSP, Nicole Rasclé - Universidade de Bordeaux 2

Os Modelos de Estresse Ocupacional ocuparam o cenário mundial, avaliando os fatores psicossociais no contexto social do trabalho. Enfatiza-se dois principais modelos: o Modelo Demanda-Controle e o Modelo Desequilíbrio e Esforço Recompensa no Trabalho. O primeiro modelo, é bidimensional, contempla os fatores psicossociais do trabalho: a) demanda psicológica: refere-se às exigências

psicológicas na execução das tarefas; b) controle do trabalho: engloba os aspectos de operacionalização do trabalho referentes ao uso de habilidades. O Modelo Demanda-Controlle preconiza que da interação dessas duas variáveis, resultam de quatro tipos de situações laborais: trabalho de baixo desgaste, trabalho passivo, trabalho ativo e trabalho alto desgaste. O segundo, Modelo Desequilíbrio Esforço e Recompensa no Trabalho, enfatiza que as experiências distressantes provocam desequilíbrio devido as contingências aversivas no trabalho de alto esforço e baixa recompensas que provocam emoções negativas. A frustração que resulta desse reconhecimento inadequado é acompanhada de reações de ativação permanente do sistema nervoso autônomo, afetando a auto-regulação. Em longo-prazo, o desequilíbrio entre esforço e reconhecimento aumenta a vulnerabilidade a enfermidades. Os estudos desenvolvidos por meio do modelo, avaliam os efeitos psicossociais do trabalho sobre a saúde cardiovascular.

Primeiros Passos: “Análise do Comportamento e Música: letras e conceitos”

Daniel Santos, Cristiane Matos

A cultura brasileira tem uma produção musical muito rica, abrangendo vários estilos musicais. Além de proporcionar entretenimento, a música pode funcionar também como instrumento de aplicação dos conhecimentos adquiridos na vida acadêmica. Esse artigo se propõe a apresentar a aplicação dos conceitos da Análise do Comportamento na análise de músicas. Em uma ciência como a Psicologia, na qual predominam termos mentalistas na explicação do comportamento humano, tal atividade pode proporcionar aos estudantes da disciplina Análise Experimental do Comportamento a utilização desta unidade conceitual em situações do seu cotidiano. Neste artigo, são analisadas as seguintes músicas: “Cotidiano” e “Bastidores”, de Chico Buarque de Holanda; “Dezesseis”, “Eduardo e Mônica” e “Faroeste Caboclo”, da banda Legião Urbana. Dessa forma, realizou-se um trabalho descritivo de verificação destes conceitos, estabelecendo relações entre os comportamentos relatados nas músicas, seus antecedentes e seus conseqüentes, visualizando termos como: operante, reforço e punição (positiva e negativa), extinção, generalização, dentre outros; aplicando-se o modelo da tríplice contingência, que é base para uma análise funcional.

Primeiros Passos: “Diferentes Definições de Regras: uma breve introdução”

Ronaldo Rodrigues Teixeira Júnior - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Desde suas primeiras menções na década de 60, o termo ‘regras’ têm sido definido de diferentes formas. As propostas variam entre definições que salientam características formais das regras e outras que salientam suas características funcionais. A primeira delas foi fornecida pelo próprio Skinner que definiu regras como estímulos especificadores de contingências, ou seja, para ele regras seriam estímulos discriminativos que descreveriam contingências de reforçamento. Uma segunda proposta seria a de Zettle e Hayes que definiram regras como antecedentes verbais que permitem contato do comportamento de seguir regras com dois conjuntos de contingências, uma mantida pelo

reforçamento de outras pessoas e outra mantida diretamente pelo contato direto com o ambiente. Outras propostas têm salientado a semelhança entre funções de regras com as funções de estímulos alteradores de função e operações estabelecidas, dando margem para o surgimento de uma terceira proposta mais recente de Albuquerque que define regras como estímulos antecedentes que podem descrever contingências e exercer múltiplas funções. A proposta deste trabalho é introduzir as diferentes definições de regras que têm sido adotadas na área, apontando exemplos, seus alcances e limitações. Novas possibilidades de definição poderão ser pensadas visando integrar as diversas contribuições de cada proposta apresentada.

Primeiros Passos: “Treinamento de Habilidades Sociais sob o enfoque de técnicas comportamentais”

Daniele Carolina Lopes - UFSCar, Bárbara Carvalho Ferreira - UFSCar, Zilda Aparecida Pereira Del Prette – UFSCar

Treinamento de Habilidades Sociais pode ser definido como um conjunto de técnicas voltadas para o ensino de comportamentos sociais específicos e habilidades interpessoais. Engloba uma abordagem comportamental de aquisição de resposta por meio da aprendizagem de novo repertório social. A aprendizagem de habilidades sociais, enquanto classes de comportamentos sociais que favorecem a competência social em termos de relacionamentos sociais saudáveis, produtivos e reforçadores, em um ambiente programado de ensino (treinamento), devem envolver um pacote de técnicas comportamentais. Estudos empíricos indicaram a eficácia do uso de técnicas comportamentais em Treinamento de Habilidades Sociais em termos de promoção de competência social, e ainda apontaram a importância da combinação de técnicas de acordo com cada caso, idade e características da população. Outras pesquisas indicaram a existência de superioridade de algumas técnicas comportamentais isoladas ou resultante da combinação entre elas, chegando à conclusão que instruções são mais eficazes com escolares e ensaio comportamental com pré-adolescentes. Algumas das técnicas comportamentais mais significativas são: reforçamento, reforçamento diferencial, extinção, modelagem, modelação, feedback, ensaio comportamental e tarefas de casa. O reforçamento é uma técnica utilizada durante todo o processo de treinamento e consiste, basicamente, em qualquer consequência que segue um comportamento, fortalecendo-o. Esta técnica tem como função no Treinamento de Habilidades Sociais a instalação de novos comportamentos sociais. Já o reforçamento diferencial é uma técnica para suprimir comportamentos indesejáveis por meio do reforçamento de comportamentos incompatíveis com estes. Extinção envolve a remoção do reforçamento, diminuindo a probabilidade de ocorrência de um comportamento. Modelagem é uma técnica que envolve o uso de reforçamento diferencial de comportamentos cada vez mais próximos do final esperado. A modelação, derivada da teoria da aprendizagem social de Bandura, envolve a aprendizagem por observação, sendo uma técnica importante em Treinamento de Habilidades Sociais em grupo, visto que comportamentos adequados de um participante podem fornecer modelo de desempenho para outro. Ensaio comportamental é uma técnica que permite que treino de novos

comportamentos por meio de cenas curtas que simulam situações da vida real. Feedback é a descrição objetiva de um comportamento e não de uma pessoa que se comporta, e possibilita o desenvolvimento de melhora de uma habilidade. Tarefas de casa têm como função avaliar e fortalecer aquisições comportamentais, bem com promover a sua generalização para outros ambientes além das sessões de treinamento. Assim, observada a relevância das técnicas para a efetividade do Treinamento de Habilidades Sociais, a compreensão teórica e prática delas tornam-se imprescindível.

Primeiros Passos: “Análise do Comportamento, Publicidade e Propaganda: primeiros passos”

Luciano de Sousa Cunha - Centro Universitário Vila Velha, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha, Wagner Petri - Centro Universitário Vila Velha

Os comportamentos de uma pessoa ligada à publicidade e a propaganda podem ser classificados como uma tentativa deliberada de um certo emissor em conseguir um certo efeito sobre um determinado consumidor. A publicidade tem finalidade comercial, e apela para as necessidades. A propaganda tem finalidade ideológica, e apela para valores culturais e sentimentos. O presente trabalho tem por objetivo analisar as possíveis aplicações dos princípios da Análise do Comportamento no campo da Publicidade e Propaganda. Diferentes conceitos como Controle de Estímulos, Operações Estabelecedoras, Equivalência de Estímulos e Comportamento Governado por Regras funcionalmente são ferramentas importantes para o analista do comportamento nesta área. Para isso, serão exibidos vídeos de propagandas e campanhas publicitárias para demonstrar a aplicabilidade de cada conceito, abordando-os da seguinte maneira: Controle de Estímulos: estímulos específicos que sinalizam conseqüências para determinadas respostas do consumidor, aumentando assim, sua probabilidade de ocorrência futura; Operações Estabelecedoras: determinadas operações, criadas pela mídia, que alteram o valor reforçador de estímulos, alterando a freqüência de comportamentos previamente reforçados no repertório dos sujeitos; Equivalência de Estímulos: exposição a estímulos arbitrários com o objetivo de aprender discriminações condicionais para que os sujeitos emitam comportamentos novos (associações, relações arbitrárias entre eventos e pessoas) que emergem sem um treino específico e; Comportamento Governado por Regras, em que há uma descrição da contingência, realizada pelo conteúdo verbal dos anúncios, sinalizando reforçadores para a emissão de respostas específicas.

Primeiros Passos: “Aquisição de Repertório Verbal: algumas considerações”

Denise de Lima Oliveira Vilas Boas - UNIFOR/PARADIGMA/Consultório Particular

É comum a crença de que comportamento verbal se desenvolve de forma natural e automática no percurso de desenvolvimento da criança, como se não fosse necessário qualquer tipo de arranjo de contingências que favorecesse o seu desenvolvimento. No entanto, estudos demonstram que

crianças que se desenvolvem em ambientes que não possuem contingências favoráveis para o desenvolvimento desse repertório, apresentam atraso no desenvolvimento verbal. Demonstrando que a aquisição de um repertório verbal ocorre em função do arranjo de contingências de ensino (formal ou informal) por uma comunidade verbal. Isso levanta algumas questões, tais como, será que apenas um ambiente constituído por falantes é o suficiente para o desenvolvimento do repertório verbal de uma criança? A nomeação de objetos pelos membros da comunidade verbal (pareamento palavra-objeto) na presença da criança possibilita a aprendizagem dos comportamentos de apontar e nomear? O ensino da competência de repetir verbalmente é condição suficiente para emergência de nomeação? Qual é o repertório básico necessário para o desenvolvimento de um repertório verbal mais complexo? A proposta do curso é discutir essas questões, com base em dados experimentais e dados de intervenção.

Primeiros Passos: “Abuso Sexual Infantil, Pedofilia e Falsa Memória sob a Ótica da Análise do Comportamento”

Érik Melo - LAPREV/UFSCar/UFMS

Um importante preceito estabelecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, modifica a condição de crianças e adolescentes de objetos de direito para a condição de sujeitos de direito. Esta mudança é uma conceituação jurídica que alterou completamente a forma de intervenção da sociedade e do poder público na atuação que lhes cabe nessa área. Como está a comunidade de Analistas comportamentais e cognitivos a respeito daquela mudança? O que vem aparecendo nos últimos encontros a respeito? Qual é o diálogo entre a comunidade que apresenta trabalhos nas Reuniões anuais e a área da psicologia intitulada Psicologia Jurídica? Estas perguntas nortearam o exercício intelectual para a realização desta seção de Primeiros Passos. Uma revisão assistemática dos anais, em formato eletrônico, das reuniões da ABPMC a partir de 2004 permite afirmar que o tema Psicologia Jurídica, Psicólogo judicial, e alguns temas correlatos aparecem com baixa freqüência nos trabalhos apresentados, independente da modalidade. Um levantamento nos anos 2004, 2005, 2006 e 2007, usando palavras como categorias de busca apresenta os seguintes resultados: Psicologia Jurídica (0), Psicólogo Judiciário (1), Pedofilia (0), Abuso sexual (10), Maus tratos (4), Denúncia (2), Incesto (0), Alienação parental (0) e Falsa memória (0). Os dados aqui descritos apresentam uma imprecisão uma vez que alguns trabalhos – com o mesmo título – aparecem em dois anos consecutivos (2005 e 2006). Com maior ou menor rigor na busca e análise de trabalhos fica claro que o assunto ligado à área de Psicologia Jurídica aparece com baixa freqüência nos Encontros da Associação, dado que nestes, somadas as modalidades de trabalhos, a quantidade passa do valor das centenas. Esta apresentação pretende expor descritivamente os resultados da busca sobre o que vem sendo apresentado nas Reuniões da ABPMC no que diz respeito Psicologia Jurídica e termos correlatos e analisar conceitos clássicos na área da Psicologia Jurídica, como, Maus tratos, Abuso sexual infantil, Pedofilia, Alienação parental e Falsa memória sob uma ótica da Análise do Comportamento. Com este exercício entende-se que a apresentação do tema Psicologia Jurídica e

termos correlatos sejam mais expostos nas Reuniões, ora para inseri-los na agenda, ora na busca de interlocutores analítico-comportamentais.

Comunicação Oral: “Atendimento Psicoterapêutico Cognitivo-Comportamental em Grupo para Idosos com Depressão – um relato de intervenção”

Heloísa Ferreira - Universidade Federal de São Carlos, Daniela Xavier - Universidade Federal de São Carlos

No censo de 2002, a população idosa no Brasil representou 8,6% do total, o que significa aproximadamente 14,5 milhões de pessoas. Em relação às necessidades de tratamento na área de saúde deste segmento, a depressão se sobressai, em função de dificuldades para lidar com as perdas decorrentes do envelhecimento. O tratamento para a depressão no modelo cognitivo-comportamental em grupo é especialmente adequado para pessoas na terceira idade, uma vez que pode trazer várias vantagens a esta população. O objetivo principal da intervenção foi oferecer atendimento psicoterapêutico em grupo a idosos com sintomas depressivos, usuários da Unidade Saúde Escola da UFSCar, para que tais sintomas fossem amenizados ou remetidos. Foram realizadas entrevistas individuais com idosos para aplicação de inventários e escalas (Inventário de Depressão de Beck, Inventário de Ansiedade de Beck, Mini-Exame do Estado Mental, Escala de Depressão Geriátrica, Escala de Atividades Básicas de Vida Diária de Katz) para selecionar aqueles que se encaixavam no perfil do grupo. Foram selecionados seis participantes, sendo 4 mulheres e 2 homens. O atendimento em grupo foi estruturado em vinte sessões. As principais técnicas cognitivo-comportamentais utilizadas foram: tarefas de casa, registro de pensamentos automáticos, estabelecimento de objetivos, automonitoria do humor, treino de habilidades sociais e contestação de crenças irracionais. Ao final da intervenção em grupo foram realizadas sessões individuais com os participantes para verificar necessidade e interesse em dar continuidade ao acompanhamento psicológico e fazer um levantamento do aproveitamento do participante em relação ao grupo psicoterapêutico. Duas das participantes abandonaram o grupo após algumas sessões e uma participante abandonou o grupo na metade da intervenção. Todos os desistentes alegaram a dificuldade de transporte até a unidade de atendimento como o motivo da desistência. Na 14ª e na última sessão foram reaplicados o Inventário de Depressão de Beck (BDI) e o Inventário de Ansiedade de Beck (BAI). A média dos escores nas três aplicações do BDI foram 20 (depressão moderada), 16,75 (depressão leve) e 19 (depressão leve). A média dos escores nas três aplicações do BAI foram 18,5 (ansiedade moderada), 8,5 (ansiedade mínima) e 9,7 (ansiedade mínima). Os resultados das aplicações do BDI e BAI apontam para uma melhora dos sintomas depressivos e de ansiedade. Inicialmente os participantes apresentaram dificuldades em realizar tarefas escritas, compreender algumas normas do grupo pré-estabelecidas e interagir de acordo com elas. Ao longo da intervenção o grupo se mostrou bastante coeso e os participantes empáticos entre si. Houve um grande empenho em realizar as tarefas escritas, embora algumas dificuldades tenham persistido. Ao final da intervenção, todos os participantes relataram sentirem-se satisfeitos, sendo capazes de apontar e

delimitar mudanças que foram alcançadas com a ajuda do grupo, como por exemplo, a busca de atividades mais reforçadoras que envolvessem contato social. Observou-se que parte dos objetivos previamente estabelecidos pelos participantes foram atingidos.

Primeiros Passos: “Como definir ‘Preconceito’ em Análise do Comportamento?”

Ana Karina Curado Rangel de-Farias - Universidade de Brasília/Centro Universitário de Brasília

Preconceito é tradicionalmente definido como uma “atitude” negativa em relação a um grupo, envolvendo comportamentos tais como suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc. A Psicologia Social tem se baseado em conceitos cognitivistas/internalistas para explicar e intervir sobre este importante problema social. A Análise do Comportamento, com sua tradição monista, funcionalista e pragmática, defende a necessidade de melhor operacionalização dos termos envolvidos na definição acima, assim como uma análise mais global das contingências históricas e atuais envolvidas na multideterminação de todo e qualquer comportamento social. Nesta visão, não se pode falar em um só tipo de causalidade (tradicionalmente, interna) para toda a multiplicidade de respostas “preconceituosas” emitidas, situações em que ocorrem e efeitos que produzem em curto, médio e longo prazo. As variáveis de controle das diversas formas de preconceito têm que ser buscadas em contingências sociais e culturais (controle por modelos, regras e consequências liberadas por outros organismos); geográficas, econômicas e políticas (recursos naturais, alocação de recursos, determinação de leis e fiscalização), dentre outras, assim como na história de desenvolvimento de cada um destes contextos. Essa análise mais global permitiria intervenções mais amplas e efetivas, que partiriam do levantamento da Linha de Base, estabeleceriam objetivos claros, realizariam avaliações constantes, teriam procedimentos de autocorreção, e lidariam com diferentes contingências individuais que se cruzam e que podem produzir consequências importantes em curto, médio e longo prazo (entrelaçamento de contingências, ou metacontingências).

Primeiros Passos: “Qual a Contribuição do Trabalho do AT em uma Equipe Multidisciplinar?”

Flávia Hisatsugu - Núcleo Paradigma, Tânia Cristina Rocha - ULBRA – CANOAS

Na abordagem analítico-comportamental, segundo Guerrelhas (2007) o acompanhante terapêutico, pode ser visto como um profissional que trabalha no ambiente natural e que realiza intervenções no momento em que as contingências ocorrem. Conforme a autora, quando o AT é solicitado por um profissional o objetivo é coletar dados, aplicar técnicas e manejar as contingências, de acordo com o propósito do responsável do caso e/ou da equipe multidisciplinar. Portanto, nesse caso o AT tem como função “auxiliar ou complementar o trabalho de um terapeuta ou de uma equipe multidisciplinar” (Guerrelhas, pág.34, 2007). Zamignani (1997), afirma que o AT costuma ser solicitado em casos que envolvem algum transtorno psiquiátrico e quando o indivíduo apresenta déficits comportamentais graves e que o atendimento no consultório não é o suficiente para um tratamento

bem sucedido. O presente trabalho tem como objetivo fazer uma discussão do caso de um menino de 9 anos atendido por uma multidisciplinar e identificar qual a contribuição do trabalho do AT nesta equipe. V é um menino de 9 anos de idade com diagnóstico de TDAH (diagnóstico feito pela terapeuta e confirmado pela psiquiatra), que foi encaminhado pela terapeuta para fazer o Acompanhamento Terapêutico. O motivo do encaminhamento foi as constantes brigas com a mãe por não fazer as lições de casa ou fazer mal feito, destruição dos objetos escolares e da casa. V tinha a queixa de dificuldade de relacionamento, dificuldade na escola, dificuldade em seguir regras, atividades escolares são “aversivas”: escrever, desenhar, ler, etc. O trabalho da equipe se iniciou em Outubro de 2007, quando as ATs ao se inserirem no ambiente natural do cliente puderam observar diretamente as contingências que mantêm os comportamentos “inadequados” do cliente, possibilitando além da coleta de dados para a terapeuta, que se fizesse uma intervenção nas contingências quando elas estão ocorrendo. Para todas as intervenções e observações realizadas foram marcadas reuniões com a terapeuta para discussão do caso e se de fato tais intervenções eram apropriadas ou se havia necessidade de mudá-las. Toda semana as ATs e a terapeuta conversavam sobre como tinha sido o atendimento, tanto no consultório como no ambiente natural. As intervenções realizadas e os dados levantados nos possibilitaram concluir que, o trabalho em conjunto entre a terapeuta e as ATs contribuiu para que a relação mãe e filho apresentassem mudanças significativas, um dos aspectos que ficaram mais visíveis foi a diminuição da frequência de brigas, gritos, tapas e xingos.

Primeiros Paços: “Como um Analista do Comportamento pode Potencializar o Aprendizado Formal Dentro e Fora da Escola?”

Gleiton de Azevedo – UnB

Esta apresentação tem como objetivo demonstrar o como os princípios da Análise do Comportamento podem ser aplicados no desenvolvimento de contingências que potencializem o aprendizado adquirido pelo ensino formal fora do ambiente acadêmico. Como a modelagem, modelação, autocontrole podem ajudar pais, tutores e os próprios alunos no refinamento dos conteúdos aprendidos em sala de aula, aplicando-os ao cotidiano. Esclarecer a importância de supervisão, e de reforçamento diferencial a comportamentos relativos ao ensino, demonstrar quais tipos de treino devem ser realizados a alunos com dificuldades de concentração e realização de atividades de casa, e qual a importância do psicólogo neste processo de treinamento.

Comunicação Oral: “Extinção Operante como Procedimento Aversivo: avaliação de seus efeitos com o Labirinto em Cruz Elevado (LCE)”

André Bravin - UnB / UFG, Lincoln Gimenes - UnB, Antônio Pedro Cruz – UnB

O presente estudo avaliou os efeitos da extinção operante, como um procedimento aversivo, sobre o percentual do número de entradas e o tempo de permanência nos braços abertos de ratos submetidos ao Labirinto em Cruz Elevado (LCE). Três grupos de sujeitos foram inicialmente expostos a

diferentes condições (esquema de reforçamento em razão fixa – RFR; acoplado – RAC; e alimento maciço – RAM). Após sessões de extinção de diferentes durações (0, 13, 26 e 39 minutos), os sujeitos foram submetidos ao LCE. Os resultados mostraram que durante a linha de base (zero minutos, ou seja, sem extinção) os sujeitos RFR permaneceram menos tempo nos braços abertos do LCE, seguidos pelos sujeitos RAC e RAM, respectivamente. Após a sessão de 13 minutos de duração em extinção, os sujeitos RFR exploraram mais os braços abertos em relação à linha de base. Os efeitos da duração da sessão de extinção foram observados para os sujeitos RAC, para as durações de 26 e 39 minutos, tendo um aumento respectivo na exploração do braço aberto em relação à linha de base. Os sujeitos RAM não apresentaram diferenças em relação às durações das sessões, mas apresentaram uma diminuição gradual na permanência nos braços abertos nas sucessivas exposições ao LCE. Em conjunto, os resultados mostram diferentes efeitos da extinção (ou retirada do alimento) sobre o percentual do tempo de permanência nos braços abertos do LCE. Essas diferenças parecem estar relacionadas com a história de apresentação contingente, ou não, do alimento durante as sessões pré-extinção.

Primeiros Passos: “Terapia Analítico-Comportamental Infantil: noções básicas”

Patricia Cristina Novaki Aoyama – Unipar

A Terapia Analítico-Comportamental Infantil é uma atividade profissional clínica que trabalha com os pressupostos da filosofia do Behaviorismo Radical e da ciência da Análise do Comportamento aplicada a criança e a família. Essa prática terapêutica infantil valoriza a importância da relação terapêutica estabelecida entre o terapeuta e a criança e o terapeuta e os pais; trabalha também com os comportamentos encobertos, como pensamentos e sentimentos, realiza observação e utiliza-se da análise funcional para analisar e promover as estratégias de intervenções, incluindo os eventos privados e o contexto de vida da criança e da família. O Terapeuta Infantil busca dados, formula hipóteses, e intervém, testando suas hipóteses em parceria com a criança, mediado pela relação terapêutica. Entende que o comportamento da criança é função de múltiplos eventos ambientais e contextuais, e que tais eventos interagem com aquele ser único que é a criança, que tem todas as suas especificidades, a sua unicidade e peculiaridades como ser humano em processo de desenvolvimento. Desta forma, a intervenção realizada pelo terapeuta compreende as contingências de vida da criança e todas as variáveis contextuais presentes em sua vida. Assim, a investigação abrange a criança, em seu repertório e como indivíduo, os pais enquanto pais e suas interações com a criança e com as demais pessoas e condições de vida. Utiliza-se de recursos lúdicos como brinquedos, jogos, desenhos, pinturas, bonecas, atividades ao ar livre entre outras, as quais têm como objetivo: ajudar o terapeuta e a terapia a serem mais bem aceitos pela criança, valorizar o espaço e a atividade; identificar recursos potencialmente reforçadores, que poderiam ser usados para alterar a queixa e solucionar problemas de interação no ambiente “natural” da criança; avaliar o grau de desenvolvimento da criança; identificar as características das interações estabelecidas entre a criança e pessoas significativas de seu ambiente; identificar relações de contingências relacionadas com a

queixa e os sentimentos, sensações e pensamentos que a criança tem diante de determinadas situações e pessoas, entre outros objetivos. Assim, na prática o terapeuta infantil busca por meio de recursos lúdicos estar em contato com a criança para desenvolver um bom vínculo e desta forma propor as intervenções necessárias, tanto com ela como com a família.

Primeiros Passos: "Orientação Profissional na Abordagem Analítico-Comportamental"

Marcio Alleoni Marcos - Paradigma / PUC-SP, Giovana Del Prette - Paradigma/USP

A Orientação Profissional (OP) é um serviço, usualmente oferecido por psicólogos clínicos, que visa o atendimento a jovens no momento da escolha da profissão. De acordo com os pressupostos da análise do comportamento, as intervenções em OP são pautadas na instalação de comportamentos-chave, importantes não apenas neste processo, mas também para o repertório do indivíduo de forma geral, principalmente aqueles envolvidos na solução de problemas, tomada de decisão e comportamento de escolha. Pretende-se apresentar nos Primeiros Passos uma proposta de atendimento individual em Orientação Profissional, elaborada com base na abordagem analítico-comportamental. A apresentação descreve primeiramente o conceito e os objetivos da OP, seguindo-se a estrutura básica do programa: no início, os terapeutas realizam o levantamento de interesses, habilidades e objetivos pessoais do cliente. Os interesses podem ser traduzidos como os estímulos reforçadores vigentes no momento da escolha, cujo efeito pode ser estendido à situação profissional futura. Já a análise das habilidades corresponde ao levantamento do repertório atual do cliente, fazendo-se um exercício de previsão de quais destas podem ser aproveitadas nas profissões de interesse, e quais ainda precisam ser desenvolvidas. Em outra etapa do trabalho, aprofunda-se o conhecimento do cliente acerca das profissões existentes no mercado, relacionando-as com os aspectos do autoconhecimento já levantados e as expectativas do cliente a respeito de cada profissão de interesse. Confronta-se tais expectativas com a realidade profissional, incluindo a participação do cliente na descoberta de informações sobre a grade curricular do curso, o mercado de trabalho, salário, rotina de trabalho e atividades envolvidas no cotidiano do profissional. Ressalta-se que este trabalho tem, em geral, uma limitação a respeito do número de sessões (em média 10 a 15) e do foco das mesmas (direcionado à escolha da profissão). Por outro lado, esse limite não impede que o trabalho técnico seja orientado e adaptado a cada cliente de acordo com a análise de contingências, que é realizada durante todo o processo. Isso significa que há uma reavaliação constante quanto ao planejamento das sessões, incluindo ou excluindo variáveis de acordo com a necessidade de cada caso.

Comunicação Oral: "Operações Estabelecedoras"

Mateus Brasileiro Reis Pereira - PUC-SP, Tereza Maria de Azevedo Pires Sérgio - PUC-SP

As operações estabelecidas (OE's) são eventos ambientais definidas por dois de seus efeitos: elas estabelecem a eficácia reforçadora/punidora de uma consequência e alteram a frequência de qualquer resposta que, no passado, esteve relacionada a ela. As OE's são divididas em incondicionadas e condicionadas, sendo que as últimas são classificadas em três tipos diferentes: OEC substituta, OEC reflexiva, OEC transitiva. Muito se tem publicado recentemente sobre a importância das operações estabelecidas para a análise aplicada do comportamento. Entretanto, existe uma escassez de pesquisas básicas na área, especialmente sobre OEC substituta. Objetivou-se, com este trabalho, realizar uma demonstração empírica deste tipo de OE. Para tanto foram realizados experimentos com 8 ratos machos da raça Wistar, utilizando-se equipamento padrão (caixas-viveiro e caixa experimental) e um mecanismo com sete pontos luminosos que deveria, supostamente, funcionar como a OEC substituta. O delineamento experimental envolveu cinco fases: (1) determinação do peso ad lib dos sujeitos; (2) redução da quantidade diária de alimento até que os sujeitos tivessem atingido de 80% a 85% de seu peso ad lib, concomitantemente com o procedimento para estabelecer a OEC substituta; (3) modelagem da resposta de pressão à barra e implementação de esquema VI 60 s; (4) exposição dos sujeitos a três diferentes condições de privação (chamadas de mínima, moderada e máxima); (5) testes da OEC substituta com os seis sujeitos que terminaram a fase 4. Os principais resultados obtidos foram: a) com relação à exposição dos sujeitos às três diferentes condições de privação, verificou-se os efeitos produzidos por elas sobre o peso dos sujeitos e a taxa de respostas de pressão à barra em esquema VI 60s, taxa esta considerada como linha de base para os resultados dos testes da OEC substituta; b) com relação aos testes da OEC substituta, os dados sugerem que, para pelo menos quatro dos seis sujeitos, o mecanismo luminoso apresentou (em algumas das configurações de luzes utilizadas nas sessões experimentais) efeitos de uma operação estabelecida condicionada substituta, e que estes efeitos são mais visíveis em condições de privação mais amenas (condições mínima e moderada).

Comunicação Oral: “Comportamento Agressivo - variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais”

Dyego Costa - UnB, Virgínia Fava – UnB

Dados de pesquisas experimentais na análise do comportamento mostram que os três níveis de seleção pelas consequências, podem em algum momento ser responsáveis pela aprendizagem, manutenção e manifestação desse fenômeno. Dentre essas pesquisas encontram-se as de farmacologia comportamental, mostrando que alguns hormônios aumentam a frequência desse comportamento, assim como em alguns estudos biocomportamentais, foi demonstrado que esses comportamentos podem ser selecionados pela possibilidade de agressão, mostrando seu papel como reforçador. Pesquisas com comportamento adjuntivo também conseguiram dados de agressão com manipulação do IRI. Análises sociais de aquisição de comportamento agressivo, agressão simbólica, mostram que esse comportamento pode ser aprendido através de modelagem e modelação, e que sua aquisição está de acordo com uma cadeia de eventos, não necessariamente contíguos no tempo.

Não pode-se negar que esse tipo de comportamento é bastante difundido e muitas vezes altamente funcional e adaptado, dependendo da espécie e contexto em vigor. Análises através das matrizes de contingências e metacontingências, podem ser feitas sobre o fenômeno o que mostra o grau de complexidade do que Mattaini chama de classes de resposta e não classe apenas, por possuírem por vezes função e topografias bastante diversas que são comumente englobadas sobre o mesmo rótulo. Esse trabalho, tenta elucidar algumas dessas variáveis e problematizar outras para esse fenômeno.

Mesa Redonda: “Controle por Seleção e Rejeição em Tarefas de Discriminação Simples e Condicional”

Marcelo Silva - USP, William Perez - USP, Edson Huziwara - USP, Eliana Hamasaki - USP, Gerson Tomanari - USP

Coordenador: Gerson Tomanari – USP

Em toda situação de escolha, uma mesma resposta pode ocorrer em função de controles distintos. Por exemplo, um participante é solicitado a escolher um de dois estímulos, A ou B. Nessa situação, supondo que o participante tenha escolhido o estímulo A, é possível pressupor dois controles possíveis para a resposta de escolha: 1) o participante pode ter selecionado o estímulo A (escolhendo A) ou 2) pode ter rejeitado o estímulo B (escolhendo A). Em ambos os casos, embora a resposta de escolha seja a mesma (A), os controles são distintos (seleção vs. rejeição). Os autores dessa proposta pretendem apresentar e avaliar dados obtidos a partir dois procedimentos distintos que visaram fornecer medidas de controle por seleção e rejeição ao longo de tarefas de discriminação simples e condicional. O objetivo principal é discutir o uso do procedimento de “janelas” e do rastreamento dos movimentos dos olhos como possíveis fontes de medida de controle de estímulos. Serão apresentados três experimentos. Nos dois primeiros, serão apresentados dados dos movimentos dos olhos em tarefas de discriminação simples e condicional; no terceiro, por sua vez, serão apresentados dados obtidos a partir de uma tarefa de matching-to-sample na qual os estímulos foram cobertos por “janelas” que poderiam ser abertas pelo participante.

Apresentação 1:

Seis estudantes universitários foram expostos a procedimentos de discriminação visual simples simultânea, seguida de reversão. Apenas três destes seis participantes foram expostos a procedimentos de discriminação visual simples sucessiva, também seguida de reversão, logo antes da discriminação simultânea. Cada participante usou, durante todas as sessões experimentais, um equipamento para rastreamento do olhar, que permite gravar vídeos que mostram o campo de visão do participante com um cursor que aponta a fixação de seu olhar para cada sessão experimental. Isto permitiu calcular a duração dos intervalos de tempo de diversos eventos relacionados à fixação do olhar do participante, e verificar relações de controle na escolha dos estímulos: comparação, seleção e rejeição. Os resultados mostram que, de modo geral, todos os participantes passaram mais tempo

olhando para S+ do que para S- em cada bloco de tentativas, mesmo após a reversão das contingências, caracterizando uma preferência funcional na fixação do olhar. A duração total dos intervalos de fixação tende a cair com o decorrer das sessões; a reversão pode ter provocado pequenas oscilações nessa tendência em cinco dos seis participantes. Todos os participantes que aprenderam apenas a discriminação simultânea exibiram fortes indícios de controle por seleção, e dois dentre estes três também exibiram indícios de posterior controle por rejeição. Os participantes que aprenderam a discriminação simultânea após a sucessiva exibiram indícios de controle por rejeição desde o início. Todos os participantes apresentaram particularidades idiossincráticas na ocorrência de seleção e rejeição, sugerindo diversidade de estratégias de aprendizagem.

Apresentação 2:

A análise operante dos movimentos dos olhos tem se mostrado uma medida auxiliar no estudo de controle de estímulos. Pesquisas recentes têm apontado que diferentes topografias de controle de estímulo estão correlacionadas a diferentes padrões de movimento dos olhos. O presente estudo pretendeu utilizar um rastreador de movimentos oculares para monitorar o movimento dos olhos de dois participantes submetidos a treinos de discriminação condicional e testes de equivalência. Pretendeu-se verificar, ainda, para diferentes conjuntos de estímulos, o efeito de diferentes topografias de controle de estímulo (seleção vs. rejeição) sobre o padrão dos movimentos dos olhos e sobre o tempo de fixação dos estímulos. Figuras sem sentido e letras foram utilizadas como estímulos visuais. Durante a Fase I (Linha de Base) os participantes passaram por um treino AB BC e pelos testes AC, BA, CB, CA, AA, BB e CC, sem que nenhuma topografia de controle fosse modelada; na Fase II (Rejeição), por um treino DE EF no qual o controle por rejeição foi favorecido e pelos testes DF, ED, FE, FD, DD, EE e FF; e, na Fase III (Seleção), por um treino GH HI no qual o controle por seleção foi favorecido e pelos testes GI, HG, IH, IG, GG, HH e II. Todos os participantes atingiram os critérios estipulados para a finalização dos treinos de todas as fases, bem como apresentaram, nas fases I e III (Linha de Base e Seleção, respectivamente) desempenhos emergentes em acordo com as propriedades de reflexividade, simetria, transitividade e equivalência. Na Fase II (Rejeição) somente um dos participantes apresentou escores próximos de zero nos testes de transitividade, equivalência e reflexividade, atestando controle por rejeição. O movimento dos olhos ajudou a compreender os controles estabelecidos. Pesquisas posteriores devem replicar o procedimento bem como investigar condições necessárias e suficientes para que o controle por rejeição se estabeleça.

Apresentação 3:

Cinco estudantes participaram do Experimento 1 cujo foco principal foi investigar as relações condicionais sob diferentes tipos de controle (S+/S-). Três participantes foram submetidos à tarefa modificada de matching-to-sample (MTS), na qual os estímulos modelo e de comparação apresentavam-se inicialmente cobertos por “janelas”. Quanto ao desempenho, os resultados

apresentaram-se bastante semelhantes no treino e no teste para os participantes submetidos ao MTS convencional (Grupo A) e ao MTS modificado (Grupo B), com o mínimo de 90% de acertos entre os participantes, com exceção de um do Grupo B. Verificou-se, tanto no treino como no teste, uma frequência 50% maior de respostas de descobrir o S+ em relação ao S- para os acertos dos participantes do Grupo B. Quanto ao intervalo entre a exibição dos estímulos e a resposta emitida subsequentemente, verificou-se, tanto no treino como no teste, um intervalo maior para os estímulos modelo. Os intervalos entre os estímulos S+ e S- foram bastante semelhantes, com ligeira diferença para um maior intervalo para o S+ apenas durante o teste. Finalmente, quanto aos tipos de controle, verificou-se um maior controle por S+ ou, no mínimo, um controle misto. Discute-se que, por meio da integração de duas áreas de pesquisa, a de controle complexo de estímulos e a de respostas de observação, aqui entendidas como as respostas de descoberta dos estímulos na tarefa, é possível uma descrição precisa das relações de controle no desempenho em MTS tanto nos treinos como nos testes. Para uma descrição complementar das topografias de controle, no Experimento 2, as condições de teste e de treino serão configuradas de forma que seis participantes serão impedidos de observar alguns dos estímulos de comparação. Na primeira fase, a possibilidade ou impedimento de abertura das “janelas” deverão produzir um desempenho acurado sob controle de rejeição. Na seqüência, testes de formação de classes de estímulos equivalentes serão conduzidos. Na segunda fase, o procedimento irá se repetir, porém de modo a produzir um desempenho acurado por controle de seleção. Na seqüência, serão re-testados quanto à formação de equivalência. Esse experimento permitirá analisar o desempenho individual de cada participante e identificar as topografias de controle vigentes no momento do treino em que ocorrem. A partir dessa análise, topografias que dificultem ou impeçam a emergência das classes de estímulos equivalentes previstas poderão ser alteradas por meio da manipulação controlada das contingências de observação dos estímulos.

Mesa Redonda: “Dificuldades Interpessoais da Vida Moderna: estudos de caso sob o enfoque da terapia por contingências de reforçamento (TCR)”

Carolina Mello Nascimento - Unianhanguera-Campinas/ IAAC/ ITCR, Patrícia Piazzon Queiroz - IAAC, Ana Carolina Guerios - Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, Hélio José Guilhardi - ITCR-Campinas, Diana Canavarros - ITCR-Campinas

Coordenador: Diana Canavarros - ITCR-Campinas

Apresentação 1:

Identificando e Alterando o Repertório Comportamental de Desamparo Aprendido e Desamor de uma Esposa na Relação com o Marido

Apresentação 2:

Vanessa (32), superior completo em Matemática, estava desempregada há três meses. Era casada com Gustavo (36), funcionário de uma multinacional, com quem teve um filho, Gabriel (2). Tinha dois irmãos mais velhos que moravam próximos aos pais. Ela procurou terapia queixando-se de Síndrome do Pânico, cujos episódios haviam se intensificado desde que perdera o emprego. Ela também estava infeliz em seu relacionamento com Gustavo, afirmando que ele passava muito tempo trabalhando e, no tempo livre, brincava com o filho, não lhe dando a atenção que desejava. Por fim, afirmou que estava descontente com a vida que vinha levando na cidade para onde havia se mudado há um ano, pois não tinha nenhuma amizade e estava muito distante dos parentes. A partir dos relatos da cliente, a terapeuta identificou as dificuldades comportamentais de Vanessa: não tinha repertório de comportamentos capaz de produzir reforçadores na área profissional, como novas oportunidades de trabalho; ficava sob controle de auto-regras alienantes e não de seus déficits comportamentais; não ficava sob controle do que seus comportamentos produziam no outro; não sabia como conseqüenciar diferencialmente os comportamentos adequados e inadequados do outro. A terapeuta investigou a história de contingências que instalou o repertório deficitário: Vanessa relatou que seus pais nunca a deixavam sair de casa até o término da faculdade e provinham financeiramente tudo o que ela desejava. Ela não podia namorar os rapazes por quem se interessava, sendo Gustavo (universitário de instituição renomada) o único aprovado por seu pai, embora ela não estivesse contente com o namoro desde o início, visto que ele só voltava para encontrá-la nos finais de semana. Quando se formou, foi convidada por uma colega para dar aulas em outra cidade. Nessa época rompeu o namoro com Gustavo e começou a namorar um rapaz da cidade. Porém, três anos depois ele a deixou e, sozinha, Vanessa acabou retomando o namoro com Gustavo, que poderia lhe prover uma vida estável financeiramente. Dois anos depois se casaram. A terapeuta também investigou as contingências que instalaram e que vinham mantendo os episódios de Pânico: desde o casamento, quando a cliente precisou seguir o marido em virtude do emprego dele, em detrimento do seu, os episódios se iniciaram e, no início da terapia, a cliente não conseguia arranjar emprego. Dessa forma, a terapeuta passou a adotar os seguintes procedimentos: instrução verbal para que Vanessa procurasse a Secretaria de Educação de sua cidade, as escolas públicas e particulares e deixasse seu currículo, além de buscar notícias sobre concursos; verbalizações com possível função reforçadora caso a cliente emitisse comportamentos que a aproximassem de um possível emprego; descrição dos comportamentos (baixa emissão de respostas) e das conseqüências profissionais que estes produziam; descrição conceitual dos comportamentos que ela emitia em relação ao marido (extinção e, principalmente, punição), descrição dos comportamentos adequados do marido que ela deixava de reforçar, como modelos alternativos para conseqüenciá-los. Como resultado, Vanessa passou a dar aulas em várias escolas da cidade num total de 15 horas semanais em média. Fez novas amizades com vizinhas e esposas de colegas de trabalho do marido, com as quais começou a fazer atividade física. Tornou-se mais afetiva com o marido e menos punitiva quando ele passava bastante tempo trabalhando, pois compreendeu os benefícios que sua família tinha em decorrência do serviço do marido.

Apresentação 3:

Helena, 27 anos, solteira, é a segunda de quatro filhos. Após concluir o 2º grau, foi para um convento de freiras. Faltando um ano para ser freira, desistiu. Helena se questionava se devia voltar ao noviciado e se tornar freira ou buscar novos objetivos na vida: estudar, trabalhar, casar e ter filhos. “Tenho dificuldade de tomar decisões; me sinto insegura e confusa”; “eu gostava das irmãs do convento, mas eu não aceitava mais receber ordens sobre coisas que eu não concordava!”. A terapeuta identificou: a) déficit de repertório social; b) déficit para estabelecer vínculos afetivos; c) excesso de comportamentos governados por auto-regras; d) excesso de responsabilidade; e) excesso de comportamentos de fuga-esquiva inadequados. Helena viveu em um ambiente de devoção a Deus. Aos 18 anos, foi estagiar em uma escola religiosa e dois anos depois foi estimulada a se integrar ao noviciado. Helena teve poucos modelos de interação social e foi continuamente exposta a procedimento de extinção e a contingências coercitivas. Desenvolveu um amplo repertório de comportamentos acadêmicos e religiosos com função de fuga-esquiva: tais comportamentos a protegiam de críticas e castigos. Helena fica privada de acesso a reforçadores próprios em situações de lazer, afetivas e culturais. Os objetivos terapêuticos foram: a) observar o próprio comportamento (levá-la a ficar sob controle dos comportamentos que emite); b) observar as conseqüências que seus comportamentos produzem (ficar sob controle da relação entre comportamento emitido e conseqüências sociais que ele produz); c) emitir novos comportamentos (apresentar variabilidade comportamental) que tenham maior probabilidade de produzir conseqüências sociais com função reforçadora positiva para ela, provindas do outro; d) emitir novos comportamentos que tenham função de Sd ou Sr+ para o outro. A intervenção constituiu: a) descrever para a cliente as contingências de reforçamento em operação na vida cotidiana; b) uso de instruções e modelos verbais, com função de Sd para emissão de comportamentos com maior probabilidade de produzir conseqüências sociais positivas naturais. Os resultados foram: a) Helena tirou carteira de habilitação de moto; b) namorou brevemente um rapaz; c) passou a interagir melhor com os irmãos; d) fez alguns concursos na prefeitura; e) participou como monitora da ABPMC em 2005; f) passou a cuidar melhor da aparência: fez cirurgia corretiva para deixar de usar óculos.

Mesa Redonda: “Descrição de um Caso de Transtorno de Personalidade Borderline Fundamentado na Psicoterapia Analítico-Funcional (FAP)”

Marcela Umeno Koeke - ITCR-Campinas, Kellen Martins Escaraboto - UEL/Universidade do Norte do Paraná, Josy de Souza Moriyama - PUC-Campinas /UEL

Coordenador: Marcela Umeno Koeke - ITCR-Campinas

O Transtorno de Personalidade Borderline geralmente é descrito como um padrão invasivo de instabilidade nos relacionamentos interpessoais, auto-imagem e afetos, assim como, uma acentuada impulsividade e agressividade (DSM-IV, 1995). Sob a perspectiva da Análise do Comportamento é

possível compreender o desenvolvimento do self (sentido de eu) como produto de uma comunidade sócio-verbal. Quando a comunidade sócio-verbal, responsável pela formação da criança, não promoveu as contingências necessárias para este desenvolvimento, poderá surgir como produto um self instável. Será descrito o atendimento de uma jovem de 22 anos de idade, que apresentava comportamentos típicos do Transtorno de Personalidade Borderline, entre eles, uma grande dificuldade em estabelecer vínculos, inclusive com a terapeuta, agressividade e baixo autoconhecimento. A terapia fundamentou-se na Psicoterapia Analítico-Funcional (FAP), visando modelar comportamentos sociais a partir da relação terapêutica. Vários comportamentos puderam ser desenvolvidos e foram generalizados para o ambiente familiar da cliente, vindo a ser reforçados naturalmente. Serão descritas as árduas tentativas de aproximação da terapeuta em relação à cliente e o processo de modelagem de comportamentos sociais mais adequados. Quando a terapia estava caminhando para um processo de generalização dos comportamentos para o ambiente social mais geral, a terapeuta mudou-se de cidade. O modo como terapeuta e cliente lideram com este rompimento será descrito, assim como, o encaminhamento para a nova terapeuta e asseguramento de que o processo teria continuidade. Este novo processo e os novos problemas abordados, serão descrito pela nova terapeuta nesta mesma mesa redonda.

Apresentação 1:

A partir de um estudo de caso, inicialmente caracterizado como um Transtorno de Personalidade Borderline, apresentado anteriormente nesta mesma mesa redonda, será demonstrada a continuidade do processo psicoterapêutico por uma outra psicoterapeuta. O objetivo do trabalho será descrever os ganhos advindos no processo anterior e as mudanças nas dificuldades apresentadas pela cliente. Os comportamentos típicos do Transtorno de Personalidade Borderline, por terem sua frequência diminuída, não foram enfocados. O objetivo da atual psicoterapia passou a ser ampliar o repertório social com a função de aumentar a probabilidade da cliente obter reforçadores positivos em seu ambiente social. No atual processo psicoterapêutico, a cliente apresentou as seguintes queixas: problemas de relacionamento com colegas de trabalho, dificuldades em manter amizades; dificuldade em fazer planos a médio e a longo prazos; e sentimento de baixa autoconfiança por não ter concluído a faculdade. Os procedimentos psicoterapêuticos utilizados foram: instruções verbais, fornecer modelos e descrever as contingências vigentes, visando produzir discriminações das contingências em operação de maneira mais acurada. Alguns resultados obtidos até o presente momento: a cliente está conseguindo de forma reforçadora positiva os comportamentos dos colegas do trabalho; e voltou a fazer a faculdade para concluir o curso.

Apresentação 2:

Falar em personalidade significa apontar uma tendência a se comportar de uma dada maneira em função de uma história passada de reforçamento, que é individual. (Souza & Vandenberghe, 2005).

Desta forma, padrões consistentes são resultantes de um ambiente com contingências consistentes ao longo do tempo, fazendo com que o indivíduo aprenda diferentes formas de se comportar. Existem, entretanto, pessoas que adquiriram padrões que não são adequados do ponto de vista da cultura, sendo consideradas como apresentando um transtorno de personalidade (Parker, Bolling, & Kohlenberg, 1998 apud Souza e Vandenbergue, 2005). A prática clínica e a estatística apontam que a procura pelo tratamento tem aumentado nos últimos anos, uma vez que os indivíduos que apresentam comportamentos desviantes das normas sociais são, na maioria das vezes, estigmatizados e sofrem ao experienciarem, constantemente, as conseqüências produzidas pelos seus comportamentos. O presente trabalho tem como objetivo principal analisar um caso de uma paciente que apresentava comportamentos típicos aos relacionados ao Transtorno de Personalidade Borderline, atendida em uma clínica particular da cidade de Londrina/PR, tendo como foco a análise dos contextos interpessoais e socioculturais. Também tem como objetivo promover reflexões práticas acerca de processos interventivos, os quais apontam diferentes aspectos da relação terapeuta-cliente, enfatizando as implicações diretas dos aspectos interpessoais do contexto terapêutico para a eficácia da terapia.

Apresentação 3:

O Transtorno de Personalidade Borderline geralmente é descrito como um padrão invasivo de instabilidade nos relacionamentos interpessoais, auto-imagem e afetos, assim como, uma acentuada impulsividade e agressividade (DSM-IV, 1995). Sob a perspectiva da Análise do Comportamento é possível compreender o desenvolvimento do self (sentido de eu) como produto de uma comunidade sócio-verbal. Quando a comunidade sócio-verbal, responsável pela formação da criança, não promoveu as contingências necessárias para este desenvolvimento, poderá surgir como produto um self instável. Será descrito o atendimento de uma jovem de 22 anos de idade, que apresentava comportamentos típicos do Transtorno de Personalidade Borderline, entre eles, uma grande dificuldade em estabelecer vínculos, inclusive com a terapeuta, agressividade e baixo autoconhecimento. A terapia fundamentou-se na Psicoterapia Analítico-Funcional (FAP), visando modelar comportamentos sociais a partir da relação terapêutica. Vários comportamentos puderam ser desenvolvidos e foram generalizados para o ambiente familiar da cliente, vindo a ser reforçados naturalmente. Serão descritas as árduas tentativas de aproximação da terapeuta em relação à cliente e o processo de modelagem de comportamentos sociais mais adequados. Quando a terapia estava caminhando para um processo de generalização dos comportamentos para o ambiente social mais geral, a terapeuta mudou-se de cidade. O modo como terapeuta e cliente lideram com este rompimento será descrito, assim como, o encaminhamento para a nova terapeuta e asseguramento de que o processo teria continuidade. Este novo processo e os novos problemas abordados, serão descrito pela nova terapeuta nesta mesma mesa redonda.

Simpósio: “Investigando Ansiedade e Burnout no Campo Educacional: estudos aplicados”

Nancy Inocente - Universidade de Taubaté, Janine Inocente - Universidade de Bordeaux(França), Rubens Reimão - Universidade de São Paulo, João Carmo - Universidade Federal de São Carlos, Lívia Cunha - Universidade da Amazônia, Rosana Éleres - Universidade Federal do Maranhão

Coordenador: Leila Feio - Universidad de Oviedo

Debatedor: Roberto Banaco - Núcleo Paradigma

O simpósio busca apresentar dados de pesquisa em torno de respostas emocionais em contexto educacional, enfocando estudantes e professores. Em relação aos professores será apresentado estudo acerca da síndrome de burnout. Quanto aos estudantes são apresentados os dados de pesquisa acerca de ansiedade à matemática. Os estudos serão debatidos quanto às contribuições específicas, bem como às possibilidades de junção de áreas (educação, clínica e medicina comportamental). Também será gerada uma discussão em torno dos aspectos conceituais trazidos pelo estudo e suas contribuições à Análise do Comportamento. Espera-se, a partir do debate, traçar rumos novos à continuação dos estudos.

Apresentação 1:

O objetivo do presente estudo foi verificar a influência que os níveis de esforço-recompensa e de supercomprometimento no trabalho exercem na saúde mental de professores universitários com relação à vulnerabilidade ao desenvolvimento de Burnout, depressão e distúrbios do sono. O tipo de pesquisa foi descritiva, de corte transversal e correlacional. A amostra foi composta de 510 professores universitários, de ambos os sexos, que estavam em exercício profissional e pertenciam as instituições de ensino superior, localizadas nas cidades paulistas do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo. Na coleta de dados foram utilizados cinco instrumentos: Questionário de Dados de Identificação da Amostra; Inventário BECK de Depressão; Questionário de Desequilíbrio Esforço-Recompensa no Trabalho; Questionário de Sono do Adulto; Inventário de Burnout de MALASCH. OS resultados obtidos foram através de técnicas de análise de regressão múltipla e modelo linear generalizado com função de ligação logarítmica seguindo-se de análise de variância e teste post hoc de SCHEFFÉ. Os principais resultados foram: os níveis de esforço e recompensa e supercomprometimento exerceram influências nos distúrbios do Burnout, da depressão e do sono. No ambiente de trabalho onde há uma equilíbrio entre os níveis de esforço e recompensa e supercomprometimento sugerem que haverá menos distúrbios da Síndrome de Burnout, depressão e sono.

Apresentação 2:

A ansiedade matemática é descrita como um conjunto específico de reações apresentado por indivíduos diante de estímulos simples (por exemplo, a palavra matemática, escrita ou falada) ou de

situações complexas relacionados (provas, exames ou qualquer atividade em que seja necessário o uso de alguma habilidade matemática). A literatura aponta três componentes gerais da ansiedade matemática: respostas de fuga e esquiva; alterações fisiológicas relatadas como desagradáveis (sudorese; taquicardia; hipertensão; alterações gástricas etc); produção de auto-regras (auto-atribuições negativas). Estudos conduzidos no Brasil têm sugerido que estímulos dessemelhantes relacionados à matemática escolar (a palavra matemática, o professor de matemática, o livro de matemática etc) podem tornar-se equivalentes a partir de experiências educacionais a que o aluno estaria exposto. Se tais experiências geram fracasso na aprendizagem e geram respostas emocionais aversivas, é possível prever que o estudante poderá apresentar uma série de reações que se enquadrariam na definição de ansiedade matemática. Além disso, situações específicas como a prova de matemática podem ser analisadas a partir do modelo de supressão condicionada. O objetivo do presente trabalho é relatar os achados recentes a partir de estudos conduzidos pelo grupo Análise do Comportamento e Ensino-Aprendizagem da Matemática, e discutir o potencial de uma escala de ansiedade matemática como instrumento de auxílio a professores e educadores matemáticos. Desenvolveu-se uma Escala de Ansiedade Matemática contendo 24 itens. Cada item contém a descrição sucinta de uma situação cotidiana relacionada ao ensino da matemática. No final de cada item o aluno é requisitado a declarar o quanto de ansiedade a situação descrita gera. As opções para cada item são: nenhuma ansiedade, pouca ansiedade, ansiedade mediana, muita ansiedade, alta ansiedade, extrema ansiedade. Os dados, tanto de escola pública quanto de escola particular, foram coletados com 400 estudantes de ambos os sexos e apontam para uma predominância de ansiedade mediana e alta ansiedade na 6ª série, sendo os índices da escola pública proporcionalmente mais altos que os da escola particular. Dada a simplicidade da escala e sua facilidade de aplicação, discute-se que tal instrumento poderá ser amplamente utilizado por professores e educadores matemáticos a fim de mapear o grau de ansiedade predominante em grupos de alunos, e também individualmente, o que permitirá identificar quais situações cotidianas são mais aversivas no cotidiano de sala de aula. Discute-se também a possibilidade de sistematização de uma definição operacional de ansiedade matemática a ser utilizada por profissionais da educação.

Mesa Redonda: “Controvérsias Sobre o Controle Aversivo”

Maria Helena Leite Hunziker - USP, Marcus Bentes de Carvalho Neto - UFPA, Tereza Maria de Azevedo Pires Sérico - PUC-SP

Coordenador: Maria Helena Leite Hunziker – USP

O controle aversivo do comportamento tem sido alvo de interpretações e análises controversas, havendo posições conflitantes entre pesquisadores de renome na área. A presente mesa-redonda tem por objetivo expor e debater essas controvérsias com base em análises teóricas e conceituais, além de dados experimentais. Com isso, buscam-se pontos de convergência entre as diferentes posições e uma ampliação da análise possível sobre o tema.

Apresentação 1:

Os conceitos de coerção e contra-controle são geralmente apontados como exclusivos do controle aversivo. O objetivo desse trabalho é discutir a imprecisão dessa abordagem, propondo que ambos os conceitos estão intrinsecamente relacionados a contingências que envolvem “escolha”, independente se a resposta é reforçada positiva ou negativamente. Sugere-se que a dissociação desses conceitos do controle aversivo será benéfica para a análise do comportamento.

Apresentação 2:

Skinner e Sidman defenderam a assimetria entre reforçamento positivo e punição e descreveram o uso de contingências aversivas como inerentemente problemático e ineficaz a longo prazo. O objetivo do presente trabalho é descrever os principais resultados experimentais nos quais Skinner e Sidman se apoiaram, discutindo sua sustentabilidade interna e externa.

Apresentação 3:

A compreensão da noção de comportamento operante envolve a identificação dos elementos componentes desse tipo de comportamento e das múltiplas relações que podem ser estabelecidas entre eles. Tal identificação exigirá a inclusão de mais elementos do que os são tradicionalmente apresentados como compondo uma tríplice contingência e pode conduzir a um refinamento da noção de controle aplicada ao comportamento operante, possibilitando uma explicitação mais clara do que está envolvido quando o controle é nomeado de controle aversivo.

Mesa Redonda: “Achados Recentes em Pesquisas Sobre Ansiedade”

Felipe Corchs - AMBAN/Ipq/HC/FMUSP, Thiago Sampaio - AMBAN/Ipq/HC- FMUSP, Silvia Scemes - AMBAN/Ipq/HC/FMUSP

Coordenador: Márcio Bernik - AMBAN /Ipq/HC/FMUSP

Apresentação 1:

Serão apresentados achados recentes de estudos que manipulam níveis sanguíneos do precursor da serotonina (triptofano) como variável independente para as respostas evocadas/eliciadas por estímulos que participam da mesma classe que o trauma vivenciado pelo sujeito de pesquisa. Estudos semelhantes que avaliam a função da serotonina em outros tipos de contingências aversivas, como o desamparo aprendido, falar em público e estimulação farmacológica de crises de pânico serão abordados.

Apresentação 2:

Entre os tratamentos existentes para o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) os mais eficazes descritos na literatura são o farmacológico, com inibidores de recaptura de serotonina (IRS; inibidores seletivos de recaptura de serotonina [ISRS] e clomipramina), e o comportamental, baseado na técnica de exposição com prevenção de resposta (EPR). Ambas apresentam eficácia semelhante para os sintomas obsessivo-compulsivos e estudos demonstram que a EPR produz modificações neurobiológicas semelhantes às provocadas pelo tratamento com ISRS. Essas evidências sugerem que a resposta clínica à EPR está diretamente relacionada a um aumento da biodisponibilidade de serotonina (5-HT) no cérebro. A concentração de 5-HT no sangue periférico é uma medida representativa do sistema serotoninérgico central, e é utilizada como um marcador biológico indireto. O objetivo deste estudo foi comparar a concentração serotoninérgica (basal e variação em oito semanas) e a resposta à terapia comportamental baseada em EPR. MÉTODOS: Foram incluídos 30 pacientes com diagnóstico operacional de TOC. Destes, 29 iniciaram o tratamento, 27 chegaram até a quarta semana e 24 completaram o protocolo padronizado com 16 sessões (8 semanas) de terapia. As dosagens de 5-HT foram feitas nas semanas 0 e 8 e as avaliações clínicas pelas escalas Y-BOCS e CGI, bem como medidas de sintomas secundários (depressão, ansiedade e incapacidade) nas semanas 0, 4 e 8. RESULTADOS: Encontrou-se correlação positiva entre a concentração basal de 5-HT e a resposta clínica em quatro semanas de EPR ($p < 0,05$). Observou-se maior concentração basal e maior redução em 8 semanas nos níveis de 5-HT em pacientes respondedores comparados aos não respondedores. Entretanto não houve significância estatística. CONCLUSÃO: Na amostra estudada os dados sugerem que a alta concentração basal de 5-HT é um marcador biológico preditor de boa resposta clínica a quatro semanas de EPR. Amostras maiores talvez mostrassem a concentração de 5-HT no plasma rico em plaquetas como um preditor de resposta a 8 semanas de EPR. Protocolos com amostras maiores e com grupos controle são necessários para confirmar esses achados.

Apresentação 3:

A fobia de deglutição é um transtorno psiquiátrico caracterizado por medo excessivo de engasgar e esquivar de ingerir alimentos, líquidos e comprimidos, é classificada como fobia específica, uma forma de Transtorno de Ansiedade. Diferencia-se de Transtornos da Alimentação como bulimia ou anorexia pelo fato do portador não apresentar distorções da imagem corporal, não ter interesse em restringir sua alimentação para controlar o próprio peso (embora possa até perder peso e se incomodar com isso) e pelo fato do alimento evitado manter suas propriedades reforçadoras. Com o surgimento dos sintomas físicos de ansiedade, aparecem comportamentos de esquivar, mantidos numa contingência de reforçamento negativo, com função de proteger contra os temidos engasgos. As respostas mais frequentes de fuga e esquivar: restrição dos tipos de alimentos ingeridos, além de preocupações com textura, tamanho da porção levada à boca e alterações da topografia da resposta de mastigar.

Problemas sociais tornam-se conseqüência comum do transtorno, pois o paciente tende a evitar situações nas quais teria que se engajar no comportamento alimentar. Um desafio encontrado, ao examinar a literatura, é a inexistência de um protocolo sistematicamente validado de tratamento farmacológico e/ou psicoterápico para a fobia de deglutição. Até o presente momento, há descrições esparsas de terapia medicamentosa, com aparentemente menos sucesso, e algumas descrições de procedimentos comportamentais-cognitivos: a psicoeducação, acompanhada de análise funcional de parte das variáveis de controle, reestruturação cognitiva, relaxamento, e, por fim, a dessensibilização sistemática e sua sucessora, a terapia de exposição a estímulos ansiogênicos. O AMBAN do IPqHCFMUSP, no período dos últimos 7 anos, atendeu, para avaliação e/ou tratamento, nove casos de fobia de deglutição. Surgiu o interesse em avaliar a eficácia da terapia comportamental oferecida sem associação com medicamentos. Este caso encaixa-se neste perfil por referir-se ao uso isolado da terapia comportamental para tratamento da fobia de deglutição. Ele foi sistematicamente documentado e conduzido com maior controle das variáveis, ao longo do processo terapêutico, com um delineamento de linha de base múltipla. Os respectivos resultados serão discutidos à luz da teoria comportamental, com ênfase na análise dos efeitos do condicionamento aversivo sobre o desenvolvimento do déficit de repertório da paciente e de suas manifestações fóbicas.

Palestra: “O que a ACT e a FAP tem a Acrescentar ao Trabalho Clínico Analítico Comportamental”

Fátima Cristina Souza Conte - PsiC, M. Zilah Brandão – PsiC

Mesa Redonda: “Procedimentos para Identificar Comportamentos a Analisar e a Verificar Experimentalmente em Terapia e Ensino”

Gabriel Gomes de Luca - Universidade Federal de Santa Catarina, Murilo Pereira Garcia - Universidade Federal de Santa Catarina, Olga Mitsue Kubo - Universidade Federal de Santa Catarina

Coordenador: Silvio Paulo Botomé – UFSCAR

Apresentação 1:

Como descobrir os comportamentos constituintes uma classe geral de comportamentos? Uma classe que abrange vários comportamentos é um sistema comportamental. A identificação dos comportamentos menos abrangentes constituintes da classe geral aumenta, além da visibilidade acerca dessa classe geral, a probabilidade do psicólogo ensinar, observar, identificar e intervir sobre essa classe geral. Um dos problemas em relação à identificação dos comportamentos menos abrangentes constituintes de uma classe geral é: como realizar tal identificação? Quando já há literatura existente sobre essa classe geral (de qualquer área ou tipo de conhecimento em Psicologia), é possível identificar os comportamentos constituintes de uma classe geral examinando essa literatura, por meio de um método de observação indireta dos comportamentos a que ela possa se

referir, constituído por 11 etapas: (1) selecionar trechos das obras utilizadas como fontes de informação, que apresentem características dos componentes dos comportamentos constituintes da classe geral; (2) identificar e destacar, nos trechos selecionados, partes que contenham informações acerca das características dos componentes dos comportamentos constituintes da classe geral; (3) identificar e registrar componentes dos comportamentos constituintes da classe geral; (4) derivar componentes dos comportamentos constituintes da classe geral; (5) avaliar a linguagem dos componentes dos comportamentos constituintes da classe geral e propor linguagem apropriada; (6) nomear comportamentos a partir dos componentes dos comportamentos constituintes da classe geral; (7) avaliar a nomenclatura dos comportamentos constituintes da classe geral e aperfeiçoar a nomenclatura quando necessário; (8) avaliar trechos selecionados das obras que serão utilizadas como fontes de informação; (9) identificar problemas (gramaticais, ambigüidades, de concordância etc.) nos trechos selecionados das obras utilizadas como fontes de informação; (10) redigir uma versão mais precisa, correta e concisa para os trechos selecionados das obras que serão utilizadas como fontes de informação e avaliar as diferenças com a versão original; (11) refazer as etapas realizadas para nomear comportamentos, considerando essa avaliação e conferir se houve falhas no processo. Esse método possibilita identificar os comportamentos constituintes de uma classe geral, os componentes de cada um desses comportamentos e, pelo menos em uma primeira etapa, a relação (de diferentes tipos) entre os comportamentos constituintes da classe geral. A probabilidade de observação, de identificação, de avaliação e de verificação experimental, tanto quanto de ensino e de intervenção direta (construção de sínteses comportamentais) em relação à classe geral cujos comportamentos menos abrangentes foram identificados aumenta muito. Há, porém, ainda outras etapas de sistematização e organização dos comportamentos identificados (cadeias comportamentais, alternativas comportamentais, pré-requisitos de aprendizagem de unidades comportamentais etc.) que constituem fases subseqüentes de trabalho às etapas indicadas na listagem acima e que não estão em exame neste trabalho.

Apresentação 2:

O que é psicoterapia com o apoio de cães? O que constitui esse sub-campo de atuação profissional? Quais os comportamentos que um psicólogo precisa apresentar para poder fazer psicoterapia com apoio de cães? Já existe uma quantidade considerável de literatura internacional a respeito desse tipo de trabalho. No Brasil os estudos, principalmente as pesquisas científicas, a respeito desse sub-campo de atuação profissional ainda são escassos. Ao contrário da produção científica, a intervenção profissional em psicoterapia com o apoio de cães cresce anualmente no país, mesmo com pouco conhecimento verificado e demonstrado, profissionais de diversos campos de atuação arriscam realizar esse tipo de trabalho. Isso indica a necessidade de produzir conhecimento básico que possibilite a percepção mais clara dos processos comportamentais que constituem tal trabalho e aumente a possibilidade de verificação e demonstração de sua eficácia como recurso terapêutico. A identificação do que está sendo feito e dos resultados que estão sendo obtidos pode ser feita por

meio de uma análise dos processos comportamentais para poder verificar que tipos de contingências estão ocorrendo e qual sua relação com resultados de interesse de processos terapêuticos. Um exame da literatura existente para identificar componentes dos comportamentos e das contingências de reforçamento a que os autores fazem referência quando relatam seus trabalhos psicoterapêuticos com o auxílio de cães evidenciou uma grande quantidade de comportamentos que estão sendo apresentados por psicólogos ou outros profissionais ao realizarem esse tipo de procedimento Ou a comunicarem o que obtiveram por meio dela. O exame dessa literatura foi feito de forma a explicitar cada um dos componentes dos processos comportamentais envolvidos no que os autores afirmavam a respeito de suas intervenções terapêuticas com o apoio de cães. Mais de uma centena de comportamentos importantes para configurar esse tipo de trabalho foi explicitada, criando um conjunto de comportamentos profissionais que podem ser testados experimentalmente sob controle de procedimentos que, efetivamente, possam demonstrar quais variáveis nos processos “cinoterápicos” são responsáveis pelos resultados obtidos pelos terapeutas que utilizam cães como recurso terapêutico. Tão importante quanto a descoberta e sistematização das classes de comportamentos apresentados por profissionais na realização de intervenções com uso de cães é avaliar a contribuição do método utilizado para derivar comportamentos profissionais de literatura não comportamental a respeito desse tipo de trabalho. A maior visibilidade sobre os alegados comportamentos que possibilitam “eficácia” de tais procedimentos de psicoterapia auxilia na investigação e avaliação desses processos comportamentais e de sua relação com as contingências de reforçamento efetivamente responsáveis por resultados de interesse psicoterapêutico. Isso possibilita a verificação e demonstração experimental de tais procedimentos.

Apresentação 3:

Trocando os substantivos inveja, ciúme e cobiça pelos verbos correspondentes a eles (invejar, enciumar-se e cobiçar) há uma aproximação para perceber esses fenômenos como processos, mais do que entidades que determinam comportamentos. O que falta para considerá-los processos comportamentais? A explicitação dos prováveis componentes (análise) desses três fenômenos evidencia os processos comportamentais a que eles se referem e viabiliza a intervenção profissional, seja como construção de aprendizagem (síntese comportamental), seja como mudança de uma síntese comportamental para outra melhor (terapia), seja como construção de condições em organizações. Também, com essa explicitação, fica mais fácil construir simulações para estudo (análise experimental) em laboratório de forma a configurar melhor a análise de tais comportamentos e demonstrá-la por meio de um recurso nobre da Ciência: a experimentação. Definido o comportamento como um sistema de relações entre três tipos de componentes (classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos conseqüentes), impõe-se a tarefa de identificar em qualquer classe de comportamento, quais são os três tipos desses componentes que o constituem e que configuram a identidade que o nome dado a esse comportamento explicita. Fenômenos usualmente considerados sentimentos (como inveja, cobiça e ciúme) também podem ser

examinados como processos comportamentais, embora seus componentes precisem ser explicitados e a relação entre eles demonstrada para configurar o processo a que o nome de tais processos se refere. A própria distinção entre diferentes sentimentos (por exemplo, entre inveja, cobiça e ciúme) depende de uma clareza muito grande sobre os componentes desses três processos, além de tal distinção ser uma importante discriminação de estímulos a orientar o comportamento profissional de investigadores, terapeutas ou qualquer outra modalidade de trabalho do analista de comportamento.

Palestra: “Doença de Alzheimer: uma marcante vivência”

Lorna A. Gomes de Castro Petrilli - Associação Maior Apoio ao Doente de Alzheimer, Maria Carmen de Luca Menezes - Associação Maior Apoio ao Doente de Alzheimer

A Doença de Alzheimer é uma doença neurológica, progressiva e degenerativa que se caracteriza por uma perda acentuada de neurônios. Compromete a memória, o pensamento e o raciocínio, observados pelas alterações de comportamento. Impede novas aprendizagens. Manifesta-se a partir dos 40 anos, mas é muito comum após os 55 anos. Pode evoluir lenta ou rapidamente levando em média de 5 a 20 anos para se desenvolver completamente. Todos da família sentem o impacto da doença gerando muitas vezes conflitos desgastantes. Foi descrita em 1907 pelo neuropatologista alemão Alois Alzheimer. Apesar dos grandes avanços científicos a cura da Doença de Alzheimer ainda é uma incógnita, mesmo que medicações e hipóteses sobre as suas causas surjam freqüentemente. Já foram descritas alterações nos cromossomos 1,14,19 e 21. As estimativas mundiais informam que um novo caso de demência surja a cada 7 segundos. Nos EUA são 5 milhões de portadores e no Brasil somam-se mais de 1 milhão de pessoas diagnosticadas com a doença. As principais manifestações da Doença de Alzheimer são: prejuízo da memória, dificuldade em tarefas rotineiras, dificuldade para lidar com dinheiro e cálculos. Desorientação temporal e espacial, alterações do comportamento e da linguagem, dificuldade motora como andar, cuidar-se, engolir, incontinência urinária e fecal evoluindo para perda da consciência. Quem presta cuidados ao paciente é o cuidador, pessoa que está diretamente ligada ao paciente. As associações e os grupos de apoio são fundamentalmente importantes para que haja alívio do cuidador. Os grupos são responsáveis pelo apoio incondicional ao familiar ou quem cuida de um paciente com Doença de Alzheimer. Troca de experiências, informações recentes e científicas sobre a doença, orientações gerais sobre como proceder são alguns dos objetivos deste tipo de entidade. Em Campinas há 17 anos existe a AMADA – Associação Maior Apoio ao Doente de Alzheimer, que se reúne duas vezes ao mês com o intuito de reunir e ajudar a comunidade que de alguma maneira enfrenta a dura realidade de ter a sua volta um paciente (ou parente) portador da Doença de Alzheimer.

Mesa Redonda: “É Possível uma Prática Clínica Analítico-Comportamental entre as Quatro Paredes do Consultório: o verbal é suficiente?”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Cassia Thomaz - USP/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Yara Nico - Paradigma/Universidade São Judas Tadeu, Aldaysa Vidigal de Marmo - Paradigma/UNINOVE

Coordenador: Yara Nico - Paradigma-Núcleo de Análise do Comportamento/ Universidade São Judas Tadeu

Esta mesa-redonda tem por objetivo discutir aspectos atuais da prática clínica analítico-comportamental, especificamente no que se refere a processos verbais. A primeira fala abordará: 1) a história da prática clínica do analista do comportamento, enfatizando a mudança de locus de atendimento para dentro do consultório e, portanto, priorizando as relações verbais entre cliente e terapeuta como instrumento de intervenção; 2) o controle verbal do comportamento e 3) possibilidades e limites da intervenção dentro e fora do consultório. A segunda fala tem como proposta discutir modelos de intervenção presentes na clínica analítico-comportamental, seus objetivos terapêuticos e estratégias para alcançá-los. Parte-se do modelo de análise da complexidade de eventos privados de Tourinho (p.ex.2006a) para compreender as relações comportamentais como instâncias de um continuum de complexidade. Neste continuum, temos como extremo hipotético, fenômenos comportamentais que seriam produto apenas de variáveis filogenéticas. No outro extremo, encontramos fenômenos de complexidade máxima uma vez que resultam do entrelaçamento de variáveis filogenéticas, ontogenéticas e culturais. Na maioria das vezes, os fenômenos comportamentais que constituem a demanda do trabalho do clínico são exatamente esses com grau máximo de complexidade. Contingências verbais atuam de modo fundamental na constituição desses fenômenos complexos, possibilitando, inclusive, a constituição de novas relações entrelaçadas. Diferentes graus de complexidade exigem maneiras distintas de intervenção clínica. A promoção de mudança apenas nas contingências responsáveis pelo padrão operante e respondente relacionado à queixa clínica é uma intervenção limitada e insuficiente. Esta modalidade de terapia pode, no máximo, alterar um conjunto de repertórios comportamentais. Defende-se que a terapia verbal é fundamental para intervir em relações comportamentais complexas, das quais participam processos eminentemente verbais e que são responsáveis pela constituição do “eu”. A terceira fala tem como objetivo discutir a noção do “eu” para o behaviorista radical. Partiremos da proposta de Skinner para então apresentar a de Pérez Alvarez (1996) que propõe uma “reconsideração do eu” com base em novos aspectos em comparação a análise skinneriana. Além disso, serão apresentadas análises de Norbert Elias acerca da construção da noção de indivíduo e de “eu” nas sociedades ocidentais contemporâneas. Com base nesse conjunto de análises, pretende-se discutir o papel do terapeuta analítico-comportamental e da terapia verbal como modalidade fundamental para a reconstrução da noção de “eu”.

Simpósio: “Do Laboratório para a Escola: viabilidade de um programa informatizado para ensino individualizado de leitura”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Renato Bortoloti - Universidade Federal de São Carlos, Deisy de Souza - Universidade Federal de São Carlos, Julio de Rose - Universidade Federal de São Carlos, , Thaize Reis - Universidade Federal de São Carlos, Julia Rocca - Universidade Federal de São Carlos, Janaina Rizzo - Prefeitura Municipal de São Carlos.

Coordenador: Deisy de Souza - Universidade Federal de São Carlos

Debatedor: Maria Martha Hübner - Universidade de São Paulo

O Laboratório de Estudos do Comportamento Humano da UFSCar vem desenvolvendo, há vários anos, um currículo para ensino individualizado de leitura e escrita. Os estudos iniciais foram conduzidos com material convencional e posteriormente adaptados para aplicação por meio de microcomputador. O currículo é organizado em módulos. O primeiro módulo, objeto deste simpósio, ensina discriminações condicionais entre figuras e palavras ditadas e entre palavras impressas e as mesmas palavras ditadas; ensina, também, discriminações condicionais entre sílabas impressas e ditadas (note-se que leitura e ditado não são ensinados diretamente). O módulo é organizado em passos de ensino e passos de avaliação; Em cada um dos 17 passos de ensino são ensinadas as relações relativas a três palavras; as sílabas são as mesmas das palavras empregadas em cada passo. Os 10 passos de avaliação medem periodicamente o desempenho em leitura e escrita, começando pelo pré-teste, progredindo em testes sucessivos e terminando pelo pós-teste. Esse módulo teve sua eficácia avaliada em experimentos de laboratório conduzidos com pequenos grupos de alunos, que aprenderam a ler as palavras diretamente ensinadas em tarefas de discriminação condicional (a leitura é um desempenho emergente); a mediana foi de 98,0% e a menor porcentagem de acertos, apresentada por dois entre 20 participantes, foi de 90,2%. Portanto, nas situações controladas de laboratório, o procedimento é bastante seguro para promover a leitura de palavras. Os participantes também apresentaram elevadas porcentagens de acerto em ditado (outro desempenho emergente) com duas modalidades de resposta. Um outro resultado bastante significativo é que os alunos passam a apresentar bons desempenhos na leitura e escrita de palavras novas, formadas pela recombinação de sílabas e ou letras das palavras diretamente ensinadas nas discriminações condicionais. Em que pese esses resultados, o programa ainda estava restrito ao laboratório e à aplicação por parte de experimentadores treinados. Aplicações em escala mais ampla requeriam um teste mais robusto, realizado na escola, por membros da própria comunidade escolar. Tivemos oportunidade de conduzir esses testes em dois municípios de pequeno porte, que mostraram interesse no programa (enquanto o laboratório estava interessado na pesquisa de viabilidade). Os municípios forneceram os equipamentos e os recursos humanos para aplicação dos procedimentos; o laboratório ofereceu supervisão para a aplicação dos procedimentos e o registro e análise dos dados. Esse simpósio apresentará os resultados obtidos em cada município e a discussão da eficácia do programa, apesar de diferenças nas condições de aplicação.

Apresentação 1:

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Em 2006, um programa de ensino de leitura fundamentado no modelo de equivalência de estímulos foi introduzido em escolas públicas de um município de pequeno porte no estado de Minas Gerais para atender alunos com dificuldades acadêmicas. O programa constrói gradativamente um repertório de linguagem escrita que se expande ao longo de uma série de unidades de ensino. Ao final de cada unidade, é testado o domínio das palavras ensinadas e de palavras novas, geradas pela recombinação de sílabas das palavras ensinadas. Cerca de duzentos alunos que apresentavam dificuldades em atividades de leitura e escrita foram atendidos desde que o programa foi introduzido nas escolas. Os alunos participantes são submetidos a testes para avaliação do repertório de leitura e escrita antes de serem submetidos aos procedimentos do programa e após a conclusão de todas as unidades de ensino. Em 2007, um grupo controle foi submetido às mesmas avaliações, mas recebeu um programa de aumento de vocabulário e estimulação da linguagem oral que não ensina leitura. Os estudantes que concluíram o programa de ensino apresentaram progressos bastante significativos em habilidades de leitura e escrita: todos foram capazes de ler e escrever as palavras ensinadas diretamente e tiveram excelente desempenho na recombinação de sílabas, avaliado por respostas apropriadas diante de palavras novas. Os participantes do grupo controle não apresentaram desempenhos melhores em leitura e escrita depois de encerrada a aplicação do programa de aumento de vocabulário. Eles foram, então, submetidos ao programa regular e passaram a ler e escrever de maneira significativamente melhor. Embora preliminares, os resultados obtidos nesse município são consistentes e muito promissores. Revelam que iniciativas pouco custosas e de fácil aplicação podem contribuir para a superação de uma realidade inaceitável há muito tempo instalada em nosso país.

Apresentação 2:

O objetivo desse estudo foi avaliar a eficácia de um programa para ensino de leitura e escrita quando aplicado em escolas por professores dedicados à supervisão individualizada dos alunos. O estudo foi conduzido nas três escolas públicas municipais de uma cidade de pequeno porte no interior de São Paulo, com a participação de 64 crianças de 1ª, 2ª e 3ª série do Ensino Fundamental que apresentaram 0% de acertos em uma avaliação de leitura de palavras. Os participantes foram distribuídos em dois grupos. Os alunos do Grupo Experimental (N = 38) foram expostos a um programa de ensino para aplicação individualizada, informatizado, previamente avaliado em situação de laboratório, que visa ensinar discriminações condicionais auditivo-visuais entre figuras e palavras ditadas, entre palavras impressas e as mesmas palavras ditadas e entre sílabas impressas e sílabas ditadas. Os alunos do Grupo Controle (N = 26) foram expostos a um programa para ensino de relações condicionais entre figuras e palavras ditadas; as palavras eram diferentes das empregadas no programa de ensino de leitura e o número de relações ensinadas era maior (51 para o GE e 270 para o GC). Ambos os programas eram aplicados por meio de microcomputador e os alunos eram supervisionados por professoras contratadas pela secretaria de educação do município com dedicação exclusiva a esse trabalho. O desempenho inicial de ambos os grupos nas tarefas de leitura e escrita era bastante baixo e equivalente, de acordo com análises estatísticas realizadas. Após a

aplicação do programa de ensino, o Grupo Experimental leu 96,8% das palavras ensinadas e os acertos em ditado (não ensinado) foi de aproximadamente 78%. Este grupo apresentou também leitura e escrita de palavras novas (94,2% e 73,0%, respectivamente). O Grupo Controle, submetido aos mesmos testes, apresentou 35% de acertos em leitura e 17% em ditado. As diferenças encontradas entre os dois grupos foram estatisticamente significativas. Estes dados replicam os dados sobre a eficácia do programa de ensino obtidos em pesquisas com números menores de participantes e apresentam indícios sobre a efetividade do programa quando aplicado por professores em ambiente escolar.

Palestra: “Treino de Habilidades Terapêuticas Via Modelagem e Modelação: Maly Delliti em ‘Dona Maria’ ”

Alice Maly Delliti - PUC-SP/CeAC

Comunicação Oral: “Evasão da Terapia e Comportamento de Fuga/Esquiva: um estudo de caso”

Bruna Carvalló - Universidade Federal do Pará, Silvia Canaan - Universidade Federal do Pará

O processo terapêutico pode, muitas vezes, chegar ao fim sem sucesso ou com sucesso apenas parcial. O insucesso do processo terapêutico pode se manifestar por meio da evasão da terapia por parte do cliente, a qual pode ser concebida como uma resposta de fuga/esquiva. Este trabalho teve como objetivo descrever o atendimento de um caso clínico realizado com uma cliente adulta que evadiu da terapia após 10 sessões. Ela procurou atendimento para a sua filha de 15 anos na Clínica de Psicologia da UFPA, porém logo foi verificada a necessidade de atendimento para a cliente que apresentava como queixa dificuldades de relacionamento com a sua filha. A análise funcional dos problemas da cliente demonstrou que ela apresentava um repertório comportamental de fuga/esquiva bem estabelecido, produto de uma história de vida coercitiva. Os principais objetivos terapêuticos incluíram ajudar a cliente: (1) a discriminar sua parcela de responsabilidade na manutenção das dificuldades de relacionamento com sua filha; (2) aumentar seu repertório comportamental de habilidades parentais e de respostas alternativas às respostas de violência em relação à filha, e (3) aumentar repertório de discriminação de seus eventos privados. O modelo clínico de Terapia Comportamental adotado no presente trabalho incluiu a valorização do que ocorre na sessão terapêutica (FAP) e a construção de repertórios saudáveis (Abordagem Construcional). A cliente obteve alguns progressos ao longo do processo terapêutico como: (1) discriminação da sua rigidez comportamental e emissão comportamentos flexíveis e não controladores; (2) discriminação de comportamentos adequados da filha e tentativas em promover contingências de interação com a sua filha, e (3) dicriminação de seus eventos privados. Apesar dos progressos verificados a cliente acabou desistindo da terapia. Verificou-se que a resposta de evasão pode estar correlacionada com falta de motivação da própria cliente para fazer terapia, dificuldade de assumir responsabilidades pela

sua própria vida, incluindo o processo terapêutico, assim como dificuldades em discriminar a sua contribuição para as dificuldades de relacionamento com a sua filha, fuga/esquiva de entrar em contato com seus eventos privados e a própria evasão da terapia por parte da sua filha. Os resultados deste estudo são discutidos à luz da literatura sobre o comportamento de evasão da terapia destacando algumas variáveis relacionadas tais como história de vida coercitiva (punição e privação), demanda não espontânea para a terapia, e não adesão ao processo terapêutico.

Comunicação Oral: “Análise e Evolução de um Paciente com Transtorno Depressivo numa Abordagem Cognitiva Comportamental”

Vanessa Silva - Famerp

Este é um estudo de caso, que tem como objetivo demonstrar o impacto da intervenção cognitivo-comportamental na redução das queixas características da Depressão. Os dados resultante foram frutos de atendimentos na Clínica a um paciente com depressão. O sujeito da pesquisa, foi um paciente, do sexo masculino, 42 anos, filho mais novo de uma família de classe média, divorciado, e pai de duas filhas, uma de doze anos, e outra de nove anos. Tal atendimento foi baseado nas teorias cognitivo-comportamental, utilizando entrevistas, critérios diagnósticos para depressão, como Inventário de Beck, Inventário de ansiedade, e para intervenção, estratégias e técnicas cognitivo-comportamentais. Foram abordadas queixas específicas e prioritárias, histórico de vida e familiar, plano de tratamento, discussão de crenças disfuncionais acerca do diagnóstico, aquisição de estratégias de enfrentamento, treino de habilidade social, entre outras técnicas. Nos primeiros atendimentos foram realizadas sessões educativas de depressão, quanto do modelo terapêutico. O Objetivo do atendimento foi reduzir os sintomas alvo e favorecer o aprendizado de estratégias para lidar com a depressão e a ansiedade. Houve extrema colaboração do paciente durante todo o processo terapêutico, aderindo bem às orientações e tarefas solicitadas. Por intermédio deste trabalho, pode-se concluir que o paciente teve uma melhora significativa, pois ao longo das sessões foi possível perceber uma diminuição dos sintomas depressivos, e dos pensamentos automáticos, e aquisição de repertório comportamental e cognitivo para um melhor funcionamento biopsicossocial, tendo aderência ao tratamento psicoterápico, melhorando assim sua qualidade de vida.

Comunicação Oral: “Um Relato de Análise Funcional em Empresas”

Juliana Germano Canavese - UniFil, Celso Aparecido Athayde Neto - UniFil, Elen Gongora Moreira – UniFil

A queixa inicial da proprietária era o déficit de comunicação interna, compreendido como a baixa frequência de troca de informações relacionadas ao trabalho entre as colaboradoras e a proprietária. O objetivo inicial foi identificar a funcionalidade da baixa frequência de comportamentos que poderiam ser enquadrados na classe funcional denominada de “omissão de dúvidas e informações para a proprietária”. Para coleta de dados utilizou-se de: 1) roteiro de entrevista estruturada e; 2) um

protocolo de observação. A coleta de dados foi realizada em 6 etapas: Etapa 1 - Entrevista não estruturada com a proprietária da empresa. Etapa 2 - Reunião com todas as colaboradoras com o objetivo de informá-las sobre o objetivo e procedimentos do trabalho a ser realizado. Etapas 3 – Entrevistas individuais com as costureiras. Etapa 4 – Categorização das entrevistas gerando dados qualitativos e quantitativos de acordo com as perguntas realizadas. Etapa 5 – Realização das observações. Etapa 6 – Análise dos resultados. A análise dos resultados apontou que a proprietária conseqüenciava a classe de comportamentos de comunicação das colaboradoras de maneira coercitiva, principalmente os comportamentos de comunicar problemas ou dúvidas na linha de produção. A análise funcional possibilitou identificar que a esquivas das colaboradoras contribuía para a queixa da proprietária (déficit de comunicação) e o comportamento coercitivo da mesma era mantido pelos problemas na produção ocasionados, pela falta de habilidade comportamental da supervisora de produção. Nas observações verificou-se o cargo da supervisora de produção exigia que ela se comportasse de maneira a controlar estoque de matéria prima, administrar metas e resultados da produção, distribuir e fiscalizar o trabalho para as costureiras de maneira a otimizar a velocidade na produção, no entanto, a supervisora não cumpria com tais funções. Identificou-se, a partir das observações que as respostas verbais da supervisora de produção eram de magnitude baixa, tornando suas falas e orientações não claras, e que essas respostas eram controladas pela esquivas de punições ao invés de serem fatos de situações ou eventos. Com as observações foi possível também que a supervisora de produção esquivasse de avaliar as atividades das costureiras o que gerava problemas no controle sobre as atividades que as mesmas desenvolviam. Essa situação era ocasião para a emissão de comportamentos “agressivos” da proprietária. Esses comportamentos contribuía por sua vez para a ocorrência de problemas na linha de produção, conseqüentemente os problemas da produção controlava os comportamentos coercitivos da proprietária que aumentava a probabilidade de ocorrência de comportamentos de esquivas da supervisora de produção que como já citado contribuía para os problemas ocorridos na produção.

Palestra: “Cooperação Interprofissional Bem Sucedida na Área da Saúde: análise de variáveis envolvidas”

Ricardo Gorayeb - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto(USP)

Na área de saúde, as ações adequadas de equipes interdisciplinares ou multiprofissionais são importantes para o sucesso dos tratamentos propostos, para aumento dos níveis de adesão dos pacientes e para a própria satisfação e saúde mental dos profissionais. Diversos fatores são apontados na literatura internacional como facilitadores ou impeditivos de uma boa interação entre os profissionais, para que pudessem produzir os conseqüentes resultados favoráveis ou desfavoráveis aos pacientes e à própria equipe. Dentre os fatores facilitadores de uma boa interação interdisciplinar na equipe de saúde destacam-se, entre outros, a comunicação adequada, a existência de uma filosofia comum de atuação da equipe, a existência de um clima ou atmosfera apropriado de trabalho e o compromisso comum dos profissionais envolvidos. Dentre os fatores impeditivos a um bom

trabalho interdisciplinar na equipe de saúde destacam-se, entre outros, os conflitos de tarefas, a ambigüidade de metas ou procedimentos e conflitos de relacionamento. A análise do comportamento pode permitir uma melhor compreensão do significado de cada um destes fatores, bem como estabelecer metas progressivas para se implementar mais facilmente os fatores facilitadores e reduzir os fatores impeditivos a um bom funcionamento de uma equipe interdisciplinar. O objetivo desta palestra é, através de uma revisão da literatura nacional e internacional e utilizando experiências próprias do autor e do Serviço de Psicologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, apontar os fatores facilitadores e impeditivos a uma boa interação profissional em equipes de saúde, bem como, usando os recursos da análise comportamental, propor forma ideal de atuação e sugerir os melhores caminhos para atingi-la.

Palestra: “ ‘Solicitação de Informação’ em Estudos Brasileiros de Terapias Analítico-Comportamentais”

Sonia Beatriz Meyer – USP

Um banco de dados de dissertações e teses brasileiras que categorizaram comportamentos de terapeutas analítico-comportamentais já contém 13 estudos. O comportamento mais freqüente, a solicitação de informações, teve ocorrência porcentual média de 30%, nas 363 sessões analisadas. Nas duas primeiras sessões a porcentagem de perguntas foi mais alta (acima de 40% das falas do terapeuta) e foi diminuindo até se estabilizar, a partir da oitava sessão, em torno de 20%. Terapeutas com mais de oito anos de experiência perguntaram significativamente menos que terapeutas com menor experiência e em formação tanto nas sessões iniciais quanto nas subseqüentes. Análise dos dados de cada estudo sugere: 1) Diferentes tipos de pergunta produzem uma variedade de respostas do cliente, evidenciando que a forma da pergunta não parece ser forte determinante do relato de um tipo de informação. 2) Nem todas perguntas são solicitação de informação, perguntas podem ter função de recomendação, de discordância ou de empatia. Empatia ocorre, por exemplo, quando o terapeuta infantil faz perguntas sobre temas triviais, com o objetivo de manter a interação por meio do diálogo, ou permitindo que a criança demonstre seus conhecimentos, mantendo-a envolvida na atividade. É provável que a categoria solicitação de informação seja inflacionada com perguntas que deveriam pertencer à empatia e que, portanto, esta esteja sub-representada, cabendo ao leitor de estudos de análise de sessões de psicoterapia aventar a possibilidade de perguntas com funções de outras categorias estarem inflacionando o valor obtido. 3) O terapeuta pergunta diferencialmente de acordo com o tema da interação, os sentimentos abordados e, no caso da terapia infantil, a atividade desenvolvida. 4) Terapeutas analítico-comportamentais evocam sentimentos e emoções de seus clientes durante as sessões, seja de forma direta (perguntando o que o cliente sentiu, pedindo para o cliente descrever o sentimento, nomeando, etc.) ou de forma indireta. 5) O repertório do cliente pode ser um determinante da maior quantidade de perguntas feitas, como no caso de um adolescente com baixo repertório social que não se comunicava espontaneamente e que usava poucas palavras. Por

fim, sistemas para formação de terapeutas analítico-comportamentais detalham quais os desempenhos esperados para a tarefa de coleta de dados.

Mesa Redonda: "Terapia por Contingências de Reforçamento com crianças: aprendendo a sentir e a descrever, TCR Infantil"

Silvana Nucci - IAC-Campinas e ITCR-Campinas, Cláucia da Motta Bueno - ITCR-Campinas, , Simone K. Fernandes Vilas-Bôas - ITCR-Campinas, Maurício Tauil Martins - ITCR-Campinas, , Thais Saglietti Meira Barros - ITCR-Campinas
Coordenador: Cláucia da Motta Bueno - ITCR-Campinas

Simpósio: "A Verdade como Efetividade: questões conceituais e implicações para a prática clínica"

Camila Muchon de Melo - UFSCar, Julio de Rose – UFSCar, Juliana Cristina Donadone - USP, Sonia Beatriz Meyer – USP

Coordenador: Thaiz Porlan de Oliveira - UFSCar/UFMG

Debatedor: Carmem Silvia Bandini – UFSCAR

O conceito de verdade é importante tanto para o entendimento da ciência skinneriana quanto no contexto da prática clínica. Contudo, análises que tentem relacionar esses dois contextos parecem escassas. Este simpósio tem como objetivo elucidar o conceito verdade na teoria skinneriana e discutir como o analista do comportamento trabalha com a efetividade (verdade) na psicoterapia. Uma análise deste tipo parte do pressuposto de que o Behaviorismo Radical de B. F. Skinner fundamenta a Análise do Comportamento em seus aspectos científicos e tecnológicos. Dessa forma, o sistema científico skinneriano tem como objetivo capacitar-nos a manejar um assunto de modo mais eficiente. Deste modo, influenciado por uma teoria pragmática da verdade, Skinner definiria verdade como efetividade. Neste contexto, leis e hipóteses científicas são "verdadeiras" na medida em que a ação delas derivadas aumenta a probabilidade de reforço do comportamento. Partindo dos pressupostos dessa filosofia, na prática experimental podemos afirmar que um procedimento é efetivo quando ao selecionarmos uma variável independente e isolarmos as outras múltiplas variáveis, observamos os efeitos desta manipulação. Se a manipulação da variável independente produzir mudanças na variável dependente, podemos afirmar que a mudança encontrada demonstrou que as variáveis se relacionam, e esta relação é verdadeira. Na prática clínica o terapeuta analítico-comportamental percorre um caminho diferente para identificar as relações funcionais e afirmar que suas análises são efetivas. O terapeuta deve formular perguntas e conduzir observações durante as sessões, sobre as ocasiões em que a resposta ocorre, sobre a própria resposta e sobre as conseqüências mantenedoras da resposta. Quando ele identifica que as relações são, possivelmente, de dependência entre eventos, ele produz análises comportamentais hipotéticas. Estas hipóteses funcionais ganham força se as intervenções nelas baseadas produzem mudanças comportamentais efetivas. Por ter que se basear maciçamente em relatos verbais para conduzir tal tarefa, o terapeuta

deve levar em consideração que nenhuma análise comportamental pode ser considerada correta ou incorreta, apenas mais ou menos completa. Portanto, o critério de acerto entre diferentes análises comportamentais é apenas pragmático: a análise mais verdadeira seria aquela que gera procedimentos que produzem os melhores resultados, ou seja, mais efetivos. Baseado nestes estudos, os trabalhos a serem apresentados neste simpósio discutirão o conceito de verdade na teoria skinneriana e suas implicações para a prática clínica. Discussões deste tipo podem trazer contribuições tanto no campo conceitual quanto tecnológico.

Apresentação 1:

O Behaviorismo Radical de B. F. Skinner fundamenta a Análise do Comportamento em seus aspectos científicos e tecnológicos. Para esse autor, um sistema científico tem como objetivo capacitar-nos a manejar um assunto de modo mais eficiente. As regras científicas produzidas pela ciência especificam contingências de reforço que vigoram na relação do cientista com seu objeto de estudo. Segundo Skinner, quando o cientista formula “leis” sobre os fenômenos que estuda o faz porque assim tende a agir mais eficazmente no presente ou em um futuro no qual o comportamento modelado pelas contingências tenha enfraquecido, e neste sentido, o conceito de lei científica é visto como regras que descrevem contingências para uma ação efetiva. Deste modo, quando a ação do cientista é efetiva dizemos que a regra que governa esta ação é verdadeira. Para uma parte da filosofia, a verdade é concebida como o “acordo” com a “realidade” e, em um sentido inverso, a falsidade seria o “desacordo” com essa mesma “realidade”. Contudo, um problema se coloca quando pensamos em idéias que não podem copiar seu objeto, neste caso qual seria a concordância com este objeto? De acordo com alguns autores, a posição skinneriana apresenta um compromisso com uma versão do pragmatismo filosófico, que pode ser interpretado como uma filosofia da ciência e como um método e uma teoria da verdade. Influenciado por uma teoria pragmática da verdade, Skinner definiria verdade como efetividade. Willian James, uns dos principais representantes do pragmatismo filosófico, defende uma definição de verdade não como uma adequação entre uma idéia e a realidade, mas como uma idéia que produz diferenças práticas no mundo. Assim, uma proposição é considerada verdadeira na medida em que possa orientar o homem na realidade e conduzi-lo de uma experiência à outra. Deste modo, baseado em alguns dos pressupostos do pragmatismo de James, Skinner defenderia verdade como efetividade. Neste sentido, as leis e hipóteses científicas são “verdadeiras” na medida em que a ação delas derivadas aumenta a probabilidade de reforço do comportamento. Esse trabalho teve como objetivo elucidar o conceito verdade na teoria skinneriana e, neste sentido, pode trazer contribuições para a prática do analista do comportamento quando este, ao fazer tecnologia, depara-se com questões referentes à verdade e à efetividade de suas hipóteses e dos procedimentos empregados. Este trabalho teve o apoio da FAPESP.

Apresentação 2:

Na análise experimental do comportamento, podemos afirmar que um procedimento é efetivo quando ao selecionarmos uma variável independente e isolarmos as outras múltiplas variáveis, observamos os efeitos da manipulação da variável independente sobre a variável dependente. Se a manipulação da variável independente produzir mudanças na variável dependente, podemos afirmar que a mudança encontrada foi decorrente desta manipulação, ou seja, estas variáveis se relacionam, e esta relação é verdadeira. No caso do trabalho clínico esta lógica é diferente. Para o terapeuta analítico-comportamental afirmar que uma análise é efetiva, ou seja, para que se possa estabelecer relações funcionais, o terapeuta deve formular perguntas e conduzir observações durante as sessões, sobre as ocasiões em que a resposta ocorre, sobre a própria resposta e sobre as conseqüências mantenedoras da resposta. Quando ele identifica que as relações são, possivelmente, de dependência entre eventos, ele produz análises comportamentais hipotéticas. Estas hipóteses funcionais ganham força se as intervenções nelas baseadas produzem as mudanças comportamentais efetivas. Por ter que se basear maciçamente em relatos verbais para conduzir tal tarefa, o terapeuta deve levar em consideração que nenhuma análise comportamental pode ser considerada correta ou incorreta, apenas mais ou menos completa. Diferentes analistas do comportamento ou o mesmo analista em diferentes momentos podem identificar diferentes contingências num mesmo caso clínico e todas as contingências poderiam, eventualmente, ser demonstradas. Não seria possível, então, afirmar que um determinado terapeuta, por ser, por exemplo, inexperiente, produziu uma análise de comportamento incorreta; mas poder-se-ia dizer que uma análise foi mais efetiva que outras baseando-se nos resultados alcançados. O critério de acerto entre diferentes análises comportamentais é apenas pragmático, ou seja, a análise mais verdadeira seria aquela que gera procedimentos que produzem os melhores resultados, ou seja, mais efetivos. Possivelmente análises mais abrangentes produzem resultados melhores e mais duradouros, e neste sentido mais efetivo. O presente trabalho, pretende, partindo do pressuposto que para Skinner, verdade é definida como efetividade, discutir como analista do comportamento trabalha com a efetividade (verdade) na prática clínica e ilustrar tal apresentação com exemplos clínicos. Este trabalho teve o apoio do CNPq.

Mesa Redonda: “Psicoterapia com Crianças: diferentes estratégias lúdicas para o favorecimento de mudanças de comportamentos e sentimentos”

Laércia de Abreu Vasconcelos - UNB, Raquel de Ramos Ávila - UNB, , Marisa Isabel dos Santos de Brito - IAAC-Campinas, Patrícia Piazzon Queiroz - IAAC-Campinas

Coordenador: Marisa Isabel dos Santos de Brito - IAAC-Campinas

Apresentação 1:

A utilização de histórias infantis e de histórias envolvendo a criança e a família possibilitam a programação de contingências no cenário da clínica infantil, as quais podem evocar a abordagem de diferentes temas e comportamentos clinicamente relevantes. O filme O ano em que meus pais saíram

de férias de Cao Hamburger ilustra uma ampla matriz de contingências atuando sobre uma criança - no cenário político, as ditaduras militares na América do Sul, no cenário do esporte, o Brasil tricampeão de futebol e a inserção de uma criança em um bairro formado por diferentes culturas, abrigando judeus, italianos entre outros.

Apresentação 2:

Na psicoterapia com crianças, o terapeuta precisa identificar as atividades com função reforçadora para o cliente, e a partir daí, criar diversos procedimentos psicoterapêuticos para alterar os padrões de comportamentos inadequados identificados. Isso porque ao utilizar eventos com função reforçadora para a criança o psicoterapeuta favorece o vínculo e aumenta a probabilidade do cliente se engajar nas atividades propostas, atender as solicitações e regras do psicoterapeuta, emitir menos comportamentos da classe de fuga-esquiva etc. Além disso, no atendimento com crianças o psicoterapeuta maneja contingências na sessão para evocar os comportamentos desejados e os conseqüência diferencialmente (tais conseqüências deverão aumentar a freqüência dos comportamentos adequados e diminuir os inadequados). Nesse trabalho, serão apresentados os procedimentos elaborados pela psicoterapeuta usando o jogo de futebol para desenvolver e/ou alterar repertórios de comportamentos de seguir regras, se expor as regras distintas das oferecidas pelos pais (estas inadequadas), desenvolver a capacidade de ser sensível ao outro, persistência (emitir repertórios de comportamento em razão variável alta) e ter sentimentos de resistência a frustração, coragem, ousadia etc. Também serão apresentados os resultados atingidos.

Apresentação 3:

O desenho é amplamente usado na prática da psicoterapia com crianças. No entanto, na psicoterapia baseada na Análise do Comportamento e Ciência do Comportamento, o psicoterapeuta deve, primeiramente, analisar as contingências em operação na vida da criança. A partir daí avaliar os repertórios de comportamentos, os sentimentos a serem alterados e/ou instalados e elaborar os procedimentos a serem utilizados no aqui-agora da sessão para produzir tais mudanças. A atividade lúdica pode viabilizar o estabelecimento do vínculo psicoterapêutico caso esta estratégia tenha função reforçadora para a criança. O uso do desenho não deve ser usado indiscriminadamente e sim pela função deste para a alteração dos padrões comportamentais da criança. Em outras abordagens o desenho é analisado como a expressão de conteúdos velados, misteriosos, inconscientes, etc. Na nossa abordagem, o desenho é um comportamento como outro qualquer, no qual a criança está respondendo as variáveis do seu ambiente e representando no desenho as situações as quais está exposta e aos modelos observados no seu dia a dia. Mesmo realizando a atividade, não necessariamente a criança é capaz de descrever a quais contingências está respondendo, estando assim inconsciente segundo a visão skinneriana. Para Skinner, todo comportamento é inconsciente; ele se torna consciente quando a comunidade verbal cria contingências através de perguntas para a

conscientização. Ao utilizar o desenho, o psicoterapeuta identifica diversas contingências em operação na vida da criança e pode através de perguntas ensiná-la a descrever as situações e seus sentimentos tornando-se, assim, consciente. O presente trabalho apresentará alguns estudos de caso no qual o desenho foi utilizado para identificar as contingências em operação, e manejar as contingências para alteração de padrões comportamentais, de sentimentos, entre outros.

Palestra: "A Empatia como uma Habilidade Moderadora da Raiva"

Eliane Mary de Oliveira Falcone - Universidade Estadual do Rio de Janeiro

A empatia tem sido referida como uma habilidade de comunicação, identificada pela capacidade de perceber, de forma acurada, os pensamentos e emoções de outra pessoa. Tal capacidade é também referida na literatura como tomada de perspectiva ou leitura da mente. Conceitos como flexibilidade, compaixão e altruísmo têm sido também relacionados á empatia. Existem fortes evidências, a partir de diferentes níveis da escala filogenética, de que todos os animais são preparados biologicamente para desenvolver empatia. Entretanto, a capacidade de tomar a perspectiva do outro tem sido reconhecida como uma característica que diferencia os humanos dos outros animais. Tal capacidade permite ao indivíduo aceitar pontos de vistas muito diferentes, facilitando a escuta empática, a qual provoca efeitos positivos, tanto para o que ouve quando para a outra pessoa, principalmente em situações de conflito, reduzindo a querela e a probabilidade de rompimento. Assim, a empatia pode funcionar como um moderador da raiva, através da tomada de perspectiva, que facilita a compreensão do estado do outro, promovendo o perdão. A raiva, por sua vez, corresponde a uma emoção primária, que evoluiu para aumentar a sobrevivência das espécies. Seu caráter adaptativo inclui a autodefesa e a mestria, assim como a regulação de comportamentos sociais e interpessoais. É também regulada pela socialização e pela aprendizagem precoce de regras que determinam a quem e como expressa-la de um modo culturalmente aceitável. Problemas na modulação e na expressão da raiva podem aumentar a propensão a reações hostis e/ou agressivas, trazendo prejuízos para a saúde, além de rejeição social, homicídio, suicídio e até à guerra e ao genocídio. A raiva, como todas as outras emoções, inclui padrões de pensamento, sentimento e ação, que foram influenciados pela história evolutiva. Assim, programas cognitivo-afetivo-motivacionais muito antigos influenciam os processos automáticos (de pensamento, sentimento e comportamento), que podem ter evoluído com o propósito de garantir a sobrevivência da espécie. Entretanto, esses processos automáticos de autoproteção podem ser tão exagerados que provocam desavenças e angústia desnecessárias na vida contemporânea. Assim, em situações que envolvem frustração, um indivíduo pode manter a sua mente aprisionada por um raciocínio primário, que o impede de tomar a perspectiva da outra pessoa. A freqüência desse tipo de raciocínio promove conflito e desgaste emocional. O objetivo desta apresentação será o de apontar dados teóricos e empíricos que sugerem ser a empatia uma habilidade moderadora da raiva. Serão discutidas as implicações da relação empatia-raiva na intervenção clínica.

Mesa Redonda: “Aplicação da Análise do Comportamento a Diferentes Classes de Comportamentos-Problema: Autismo, Depressão e TOC”

Gina Nolêto Bueno - Universidade Católica de Goiás, Renata Reis Rezende - Universidade Católica de Goiás, Paula Virgínia Oliveira Elias - Universidade Católica de Goiás, Kaliane Gomes Pio Rosa - Universidade Católica de Goiás/APAE-Anápolis, Ilma Goulart de Souza Britto - Universidade Católica de Goiás

Coordenador: Ilma Goulart de Souza Britto - Universidade Católica de Goiás

Esta mesa tem como objetivo apresentar a eficácia das estratégias da análise do comportamento em diferentes contextos: (a) consultório; (b) residência; e (c) teste de generalização em uma escola. Os estudos que a compõem demonstram, de forma inequívoca, a eficácia dos procedimentos utilizados tanto na classificação quanto na intervenção corretas dos comportamentos-problema (autismo, depressão e obsessão-compulsão), bem como no controle dos mesmos. Nunca é demais enfatizar que o rigor metodológico utilizado pela análise do comportamento a fortalece como uma ciência a ser utilizada com pessoas que apresentam os mais diferentes diagnósticos psicopatológicos. A literatura aponta, corroborada pelos dados destes estudos, que o emprego de metodologia forte e idiográfica deve ser continuamente utilizado nas intervenções em contextos clínicos. Na atualidade, a comunidade que registra uma alta incidência de problemas de ordem comportamental, requer dos profissionais de saúde respostas imediatas aos sofrimentos emocionais que a aflige. Nesta perspectiva, os resultados, ora apresentados, atendem esta demanda.

Apresentação 1:

Este estudo teve por objetivo pesquisar a função do comportamento obsessivo-compulsivo, em uma universitária de 20 anos, paralisada pelo medo intenso que a levava a rituais intermináveis de qualquer que fosse a atividade por ela realizada. Em tratamento médico-psiquiátrico, há 2 anos, com antipsicóticos, ansiolíticos e antidepressivos, 10 quilos mais magra que seu peso normal, já havia buscado até mesmo outras formas alternativas de controle do seu problema: simpatias, tratamentos religiosos, etc.. Rebeca já praticamente não dispunha de tempo físico para dormir, pois todos os movimentos públicos ou privados que fazia a levavam a obsessões descontroladas, com conseqüentes compulsões, especialmente de preces e orações buscando a interrupção dos pensamentos invasivos de morte de entes queridos; traições entre os casais da família; e doenças. A análise do comportamento foi o procedimento aplicado por este estudo, que investigou a função dos comportamentos de medo e de evitação do medo intenso que sentia e que interromperam todas as suas atividades. Nascida em um lar perfeccionista, de moral conservadora, Rebeca sofreu abuso sexual aos 4 anos de idade, praticado por 2 adultos, fato que só revelou pela primeira vez 1 ano após o início do tratamento psicológico. A partir do abuso sexual tornou-se extremamente perfeccionista,

especialmente no que tangia à sua higiene e ao trancamento de postas, gavetas e janelas. Aos 20 anos engravidou-se de seu namorado, quando os rituais obsessivo-compulsivos tornaram-se intermináveis. Ao longo de 3 anos, com sessões semanais, Rebeca pode compreender a relação funcional destas classes de comportamentos. Adquiriu, também, o controle das obsessões e compulsões, o que motivou a suspensão da terapêutica medicamentosa, 1 ano e 6 meses posteriores ao início do tratamento psicológico. Rebeca, após 28 meses do início deste estudo, com sessões semanais ininterruptas, retornou às suas atividades laborativas e sociais, que ficaram interrompidas por 5 anos.

Apresentação 2:

A Depressão é um transtorno grave e altamente prevalente na população geral. Tal incidência desperta o interesse pelo desenvolvimento de estudos que apontem a eficácia de procedimentos terapêuticos. A identificação das variáveis que controlam o comportamento permite que sejam levantadas hipóteses acerca da aquisição e manutenção dos repertórios considerados desadaptados e, portanto, possibilita o planejamento de novos padrões comportamentais. Pesquisas demonstram que a exposição a eventos aversivos incontroláveis no passado pode levar o indivíduo a apresentar dificuldades para ficar sob controle de contingências reforçadoras presentes. Considerando tais fatores, este estudo objetivou investigar, em um caso clínico, variáveis envolvidas no desenvolvimento e manutenção do Transtorno Depressivo, considerando as fontes estressoras como fatores contribuidores para o desencadeamento dos comportamentos característicos. A participante foi uma pessoa do sexo feminino, com 52 anos, solteira, aposentada, com curso técnico em contabilidade, residia sozinha e é a segunda filha de uma prole de oito. Durante a avaliação inicial, relatou dados sobre sua história de vida, tais como, contingências familiares envolvendo atritos constantes, desde a sua infância; não conseguiu se estabelecer na área de sua formação profissional; foi vítima de tentativa de estupro e sofreu ferimentos; perdeu entes queridos; o marido a abandonou após envolvimento com outra pessoa. O processo terapêutico foi dividido em três fases: linha de base, intervenção e follow-up. Foram utilizadas folhas de registro como forma de monitoração dos comportamentos da cliente fora do ambiente do consultório. A utilização sistemática do estabelecimento de relações funcionais entre eventos contribuiu para a discriminação, por parte da cliente, e emissão de comportamentos adaptativos, antes não emitidos. Os resultados demonstram que a terapia alcançou as metas estabelecidas inicialmente, contribuindo para a qualidade de vida da cliente a partir da modificação de comportamentos e conquista de novas conseqüências.

Apresentação 3:

Este estudo investigou três classes comportamentais de uma criança diagnosticada como autista, com 9 anos de idade. Os comportamentos selecionados para sofrerem intervenção foram: contato ocular; pronúncia correta; e seguir instruções. Tendo como meta a aquisição e generalização dos

comportamentos, foram utilizadas estratégias da análise do comportamento, como: modelagem, reforço positivo e esmaecimento. Para o controle dos procedimentos foi utilizado o delineamento de linha de base múltipla entre comportamentos, seguido pelo teste de generalização na escola do participante. As intervenções ocorreram em três condições: pela pesquisadora; pela mãe pesquisadora; e somente pela mãe. Os resultados demonstraram que os procedimentos foram efetivos para a aquisição e generalização dos comportamentos treinados com o participante. Apontam, também, os efeitos de uma metodologia aplicada, corroborando com os dados da teoria. Concluída a fase de pesquisa, pode-se afirmar que a aquisição das respostas pelo participante foi efetiva, constituindo resultados dos procedimentos a que o mesmo foi submetido.

Mesa Redonda: “Caracterização das Diferentes Faces do Bullying”

Gislaine Cristhiane Berri de Sousa - UFPR/UNIASSELVI-SC/IBES/SOCIESC-SC/FURB, Patrícia Guillon Ribeiro - UFPR/PUC-PR/FEBAR, Josafá Moreira da Cunha - UFPR, Rosana Angst, Chrystiano Nogueira, Rafaela Roman de Faria

Coordenador: Gislaine Cristhiane Berri de Sousa – UFPR

A agressão entre pares, que é frequentemente denominada bullying, tem recebido crescente atenção de pesquisadores internacionalmente (Espelage, 2001). A despeito das décadas de pesquisas sobre o tema em muitos países, ainda há poucos estudos disponíveis identificando as características deste comportamento na realidade brasileira. Embora esteja sendo tratado com maior ênfase nos dias de hoje, o bullying não é um fenômeno recente. O termo bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia e executadas dentro de uma relação desigual de poder que freqüentemente intimida a vítima. Estudo realizado na cidade de Curitiba indica relação significativa e positiva entre o problema da vitimização e o pertencimento a grupos minoritários. Tendo em vista que a desigualdade de força é uma das características principais do bullying (Olweus, 1993), participantes (n = 95) completaram um questionário que incluía medidas de agressão e vitimização (Cunha, Weber, 2007), e uma versão adaptada do questionário utilizado no estudo Preventing School Harassment (O'Shaughnessy, Russell, Heck, Calhoun, Laub, 2004) e medidas sócio-demográficas. A análise dos dados sugere a importância da discussão de eixos de desigualdade (ex: brancos e não-brancos, heterossexuais e LGBT) como uma abordagem promissora na prevenção da agressão entre pares. Tendo em vista que o bullying feminino ocorre causando danos tão determinantes para a auto-estima quanto aquele que se observa em meninos, realizou-se uma pesquisa com universitárias do curso de Psicologia de uma faculdade particular de Curitiba. Os resultados indicam que foram poucas as meninas que não sofreram ou não foram autoras de Bullying no período de 5a a 8a série, mesmo que não soubessem o significado do termo que hoje caracteriza a prática de agredir física ou emocionalmente outras pessoas com a intenção de fazer mal. O conhecimento das contingências envolvidas no bullying permite delimitar fatores envolvidos no processo de instalação e manutenção

do mesmo, o que possibilita a elaboração de propostas no sentido de minimizar tal problemática. A revisão de literatura e as pesquisas realizadas no Brasil indicam a urgência na realização de propostas de prevenção e intervenção sobre o fenômeno, visto que as conseqüências são prejudiciais tanto para autores, quanto para espectadores e vítimas de bullying.

Apresentação 1:

A Análise do Comportamento pode contribuir de forma significativa com a área da Educação. O estudo das relações interpessoais estabelecidas em sala de aula constitui um exemplo neste sentido. Este trabalho apresenta análises e reflexões sobre um fenômeno freqüente nas escolas denominado bullying. O bullying é um fenômeno complexo e envolve controle coercitivo e compromete a aprendizagem de todos os envolvidos. O termo bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia e executadas dentro de uma relação desigual de poder que freqüentemente intimida a vítima. Segundo dados de um levantamento realizado em 2002 nas escolas do município do Rio de Janeiro pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência), 40,5% dos estudantes de 5ª a 8ª série admitiram envolvimento direto em atos de bullying naquele ano, sendo 16,9% alvos, 10,9% alvos/autores e 12,7% autores de bullying. A referida pesquisa revelou que o fenômeno se faz presente em nossas escolas com índices superiores aos apresentados em países europeus. A análise funcional da classe de comportamentos envolvidas no bullying permite delimitar fatores envolvidos no processo de instalação e manutenção do mesmo, o que possibilita a elaboração de propostas no sentido de minimizar tal problemática. Nesse trabalho serão apresentadas pesquisas nacionais e evidências literárias estrangeiras e nacionais sobre a complexidade do tema, o conceito e compreensão do mesmo, as conseqüências à médio e longo prazo e as possibilidades de intervenção e prevenção do bullying à luz da perspectiva da Análise do Comportamento.

Apresentação 2:

O Bullying embora esteja sendo tratado com maior ênfase nos dias de hoje, não é um fenômeno recente. Ações caracterizadas como fazendo parte desse padrão comportamental, habitualmente, são relacionadas a práticas agressivas de meninos. Entretanto, pouco se tem estudado a respeito do Bullying em meninas que ocorre de maneira mais sutil, mas seus danos são tão determinantes para a auto-estima quanto aquele que se observa em meninos. O presente trabalho teve por objetivo identificar a incidência do Bullying feminino e seu impacto em universitárias na faixa etária de 19 a 22 anos, do curso de Psicologia de uma faculdade particular de Curitiba. Os dados foram coletados através de um questionário com questões abertas, aplicado em 25 participantes. A análise preliminar dos resultados indica que poucas foram as meninas que não sofreram ou não foram autoras de Bullying no período de 5ª a 8ª série, mesmo que não soubessem o significado do termo que hoje

caracteriza a prática de agredir física ou emocionalmente outras pessoas com a intenção de fazer mal. Os dados sugerem que a ocorrência do bullying no período escolar tem impactos significativos sobre a auto-estima das mulheres.

Apresentação 3:

A agressão entre pares, que é frequentemente denominada bullying, tem recebido crescente atenção de pesquisadores internacionalmente (Espelage, 2001). Apesar das décadas de pesquisas sobre o tema em muitos países, ainda há poucos estudos disponíveis identificando as características deste comportamento em escolas brasileiras. Este trabalho trata do problema da agressão entre pares, com ênfase na vitimização de minorias, a relação deste com o clima escolar. Os participantes (n = 95) completaram um questionário que incluía medidas de agressão e vitimização (Cunha, Weber, 2007), e uma versão adaptada do questionário utilizado no estudo Preventing School Harassment (O'Shaughnessy, Russell, Heck, Calhoun, Laub, 2004), e medidas sócio-demográficas. Os dados indicam uma relação significativa e positiva entre o problema da vitimização e o pertencimento a grupos minoritários. Tendo em vista que a desigualdade de força é uma das características principais do bullying (Olweus, 1993), estes dados sugerem a importância da discussão de eixos de desigualdade (ex: brancos e não-brancos, heterossexuais e LGBT) como uma abordagem promissora na prevenção da agressão entre pares.

Mesa Redonda: “Contribuições do Analista do Comportamento em Diferentes Contextos”

Vera Lúcia Menezes Silva - UEL/PiscC, Solange Maria Beggiatto Mezzaroba - Pitágoras/PsicC, Simone Oliani - Pitágoras/PsicC

Coordenador: Simone Oliani - Pitágoras/PsiC

A Análise do Comportamento tem produzido um grande volume de conhecimentos que possibilita a inserção do Psicólogo, com esta formação, em diferentes contextos. Sua metodologia permite analisar o comportamento humano onde quer que ele ocorra. Assim, esta mesa tem por objetivo apresentar experiências de inserção do analista do comportamento na formação de profissionais de diferentes áreas, bem como propostas de atuação na implementação das Políticas Públicas da Assistência Social.

Mesa Redonda: “As Diversas Fases do Abuso”

Maria da Graça Saldanha Padilha - Universidade Tuiuti do Paraná/Faculdade Evangélica do Paraná, Paula Inez Cunha Gomide - UFPR e Faculdade Evangélica do Paraná, Giovana Munhoz da Rocha - FEPAR / USP

Coordenador: Paula Inez Cunha Gomide - UFPR e Faculdade Evangélica do Paraná

Apresentação 1:

Serão apresentados conceitos analítico-comportamentais que definem abuso sexual e as implicações deste para a vítima. Casos clínicos ilustrarão os procedimentos empregados na intervenção individual e familiar, e possíveis estratégias de prevenção e proteção contra o abuso sexual na infância.

Apresentação 2:

Serão apresentados conceitos analítico-comportamentais que definem abuso psicológico e as implicações deste para a vítima em seus relacionamentos futuros. Casos clínicos ilustrarão os procedimentos empregados desde o diagnóstico até a intervenção possível estratégias de prevenção e proteção da mulher abusada.

Apresentação 3:

Serão apresentados conceitos analítico-comportamentais que definem o comportamento do agressor e serão expostos casos clínicos que exemplificam os procedimentos adotados na psicoterapia do transgressor.

Mesa Redonda: "Comportamentos Profissionais dos Psicólogos e Diretrizes Curriculares: contribuições análise do comportamento "

Silvio Paulo Botomé - UFSC, Nádia Kienen - Universidade do Sul de Santa Catarina, Juliane Viecili - Universidade do Sul de Santa Catarina

Coordenador: Olga Mitsue Kubo – UFSC

Apresentação 1:

As Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Psicologia como um documento normativo para o desenvolvimento do ensino de Psicologia no País exigem uma grande quantidade de pré-requisitos conceituais, pelo menos como exame, para entender e realizar as proposições que constituem direções para o ensino de graduação nesse campo de atuação profissional. Mais do que uma troca de conceitos (ou de definições deles), parece ser importante configurar os processos que os constituem como comportamentos dos agentes que fazem acontecer o que as diretrizes curriculares orientam como desejável para o ensino de graduação em Psicologia. Explicitar que componentes constituem a classe de comportamentos denominada "ensinar" é uma exigência complementar à mesma explicitação dos comportamentos que são reunidos pelo verbo "aprender". Assim como o próprio conceito de comportamento (ou classe de) exige ir muito além do conceito de

resposta (ou classe de) e exige a noção de classes de comportamentos como uma condição para entender as várias abrangências com que se pode lidar com tais classes, acarretando clareza sobre o processo de “decompor classes amplas de comportamentos” em classes mais específicas assim como sobre a diferença entre “decomposição de classes de comportamentos em classes mais específicas” e “analisar um comportamento em qualquer grau de abrangência em que seja nomeado”. Com procedimentos coerentes com a conceituação (caracterização) comportamental desses processos é possível mais uma etapa de desenvolvimento do trabalho de projetar e programar condições de ensino para o desenvolvimento de novos profissionais: o seqüenciamento de comportamentos identificados como componentes de qualquer processo que constitua parte do trabalho de um profissional de Psicologia. Tudo isso, tem uma exigência preliminar: o conceito de objetivo de ensino e as alternativas que podem constituir uma “falsificação” do conceito no trabalho de planejar, projetar ou programar condições de ensino superior. Com as contribuições da Análise Experimental do Comportamento na formulação desses conceitos por meio da caracterização dos processos comportamentais a que eles se referem parece possível a superação de várias concepções (e até “modelos”) de ensino: ensino por “conteúdos”, ensino por atividades, projetos ou problemas (meio de ensino) e esclarecer o papel do conceito “competência” (ou do ensino de competências) a partir das contribuições da Análise do Comportamento. Tal contribuição possibilita uma redefinição deste último conceito e, parece, um forte esclarecimento do que pode ser o “ensino de competências” como uma etapa de desenvolvimento do ensino superior, principalmente por sua relação com o conhecimento que deixa de ser o “alvo” do ensino para ser um “insumo” (sem dúvida, importante) para decidir o que precisa ser ensinado nos cursos de graduação.

Apresentação 2:

Planejar uma formação profissional exige caracterizar necessidades sociais da população e possibilidades de atuação derivadas dessas necessidades. A projeção da intervenção de qualquer profissional de nível superior depende do ensino de graduação, tendo em vista que é a partir desse tipo de ensino que ocorre grande parte da formação dos profissionais que atuarão na sociedade. O ensino de graduação em Psicologia tem como base norteadora da formação profissional as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia (DCN-P). Nessas diretrizes, há ênfase em classes de comportamentos profissionais ou competências a serem desenvolvidas pelos psicólogos e não mais em “conteúdos” ou informações, tal como ocorria no Currículo Mínimo. Isso exige uma mudança de foco do ensino: de “conteúdos” ou informações para classes de comportamentos que precisam ser desenvolvidas pelos futuros profissionais e que configurem uma efetiva “competência profissional”. A atuação do psicólogo sobre fenômenos e processos psicológicos pode ser compreendida a partir de três modalidades de intervenção: intervenção direta, intervenção indireta por meio de pesquisa e intervenção indireta por meio de ensino. A descoberta das classes de comportamentos componentes de cada uma dessas modalidades de intervenção é imprescindível para o planejamento da formação desse profissional. Para orientar um exame das proposições para

formação do psicólogo como profissional que intervém, por meio de ensino, sobre fenômenos e processos psicológicos, é importante investigar: “quais classes de comportamentos compõem a formação do psicólogo para intervir, por meio de ensino, sobre fenômenos e processos psicológicos?”. Para respondê-la é possível usar um procedimento de avaliação de informações existentes em diferentes tipos de literatura que integre e utilize o conhecimento existente, mesmo que não necessariamente tenha sido produzido para evidenciar competências ou classes de comportamentos nesse sub-campo de atuação do psicólogo: a intervenção por meio da capacitação de outros agentes sociais para lidar com fenômenos e processos psicológicos. Com base na noção de comportamento como um complexo conjunto de relações entre classes de respostas do sujeito e as classes de estímulos antecedentes e conseqüentes a essa classe de respostas, é possível identificar, a partir de sentenças gramaticais, as classes de comportamentos que necessitam ser aprendidas pelos alunos para atuarem profissionalmente como psicólogos. Essas classes de comportamentos podem ser sistematizadas num diagrama de decomposição de acordo com seus graus de abrangência. Esse procedimento tem como base 05 categorias e 10 subcategorias de classes de comportamentos relacionadas aos graus de abrangência e das funções que essas classes podem conter em processos comportamentais. Com base nos comportamentos identificados e organizados nessas funções gerais, é possível perceber quanto a distribuição das classes de comportamentos identificadas nos diferentes documentos é precisa e homogênea, sendo a avaliação do sistema comportamental derivado a partir delas uma condição para nortear o que fazer para realizar a formação do psicólogo para intervenção por meio de ensino sobre fenômenos psicológicos. Esse procedimento constitui uma espécie de “mapeamento” das classes de comportamentos componentes de uma profissão ou função social, a partir do procedimento de decomposição de classes de comportamentos complexas.

Apresentação 3:

A formação profissional de psicólogos no Brasil é discutida desde a regulamentação da profissão em 1962. Em 1963 foram estabelecidos os primeiros direcionamentos da formação em Psicologia no País, descritos no Currículo Mínimo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996, possibilita avanços nas propostas de educação para o País, inclusive no ensino de graduação. As proposições constituintes da LDB propiciam discussões sobre a formação do psicólogo e sobre a reestruturação da formação desses profissionais na superação de uma formação predominante no ensino de técnicas e na intervenção clínica, ampliando a capacitação para atender a uma maior amplitude das necessidades sociais. Diante da proposição da formação para produção de conhecimentos sobre processos psicológicos e sobre os próprios procedimentos de intervenção sobre tais processos, como uma possibilidade de ampliação da atuação profissional de psicólogos no Brasil, surge a necessidade de produzir conhecimento sobre quais classes de comportamentos profissionais compõem a formação do psicólogo para intervir por meio de pesquisa? O exame do que está proposto nas diretrizes curriculares e do que está constituindo projetos de cursos de Psicologia ou “formação” de psicólogos em pesquisa científica possibilitaram identificar mais de 17 centenas de

classes de comportamentos constituintes do repertório de um “pesquisador científico em Psicologia”. O processo para obter essa identificação envolveu, além da identificação de informações nucleares de cada classe de comportamento, uma organização dos comportamentos identificados em um sistema de categorias que possibilita sistematizá-los em graus de abrangência que indicam mais facilmente as relações existentes entre tais classes de comportamentos componentes do “sistema de comportamentos reunidos sob o nome pesquisar”. O procedimento organizador das unidades de comportamento identificadas a partir das informações obtidas nos documentos examinados é basicamente um procedimento semelhante ao que é conhecido por “análise de tarefas” ou de “funções” acrescido de detalhes relativos ao trabalho com o conceito de comportamento operante (como um sistema de relações entre classes de estímulos componentes do meio antecedente, classes de respostas e classes de estímulos componentes do meio conseqüente). A visibilidade obtida pelas 17 centenas de comportamentos identificados e sistematizados constitui uma primeira etapa para avaliar quais desses comportamentos devem constituir a formação científica do profissional de Psicologia, no âmbito do ensino de graduação, para capacitá-lo a produzir conhecimento no próprio exercício da profissão e quais devem constituir a capacitação profissional de cientistas da Psicologia, no âmbito dos mestrados e doutorados, para torná-los aptos ao exercício profissional do trabalho de cientistas da Psicologia. As próximas etapas deverão possibilitar uma aproximação da proposição organizada de objetivos para os projetos de ensino em Psicologia no âmbito da “formação” científica do Psicólogo e da “formação” profissional do cientista em Psicologia.

Mesa Redonda: “Metacontingências, THS e Estratégias de Inclusão: dimensões e instrumentos compatíveis com o tema transversal da ética?”

Kester Carrara - Depto. de Psicologia - UNESP - Bauru, Alessandra Turini Bolsoni-Silva - Depto. de Psicologia - UNESP - Bauru, Ana Cláudia Moreira Almeida-Verdu - Depto. de Psicologia - UNESP - Bauru, Cibele Zanirato Cabral - Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem

Coordenador: Kester Carrara - Depto. de Psicologia - UNESP – Bauru

A dimensão ético-moral está consolidada no contexto dos PCNs como tema transversal privilegiado pelo Estado democrático voltado para o reconhecimento de direitos e deveres dos cidadãos e interessado em fazer avançar uma sociedade livre, justa e solidária. A dimensão ética da educação escolar, aí assegurada, já dispõe de conteúdos prioritários e estratégias de educação formal descritas a partir das propostas oficiais. Todavia, a educação ético-moral, que prioriza a consolidação da cidadania ao garantir direitos civis e políticos, também acontece fora da escola. Naturalmente, o conceito ampliado de cidadania vai muito além desses direitos e implica interações sociais complexas. Por certo, constitui papel fundamental da Psicologia ocupar-se com tais interações. Estas, sob a mediação teórico-epistemológica do Behaviorismo Radical, implicam relações do organismo com o contexto antecedente e conseqüente via comportamento, cabendo particularmente à Análise do

Comportamento descrever as contingências que permeiam os chamados comportamentos pró-sociais e/ou pró-éticos. Tal incumbência já vem sendo assumida pela AC e a literatura mostra algumas iniciativas recentes a respeito. No entanto, para além das incumbências prescritas pelo MEC para as intervenções em sala de aula, existem possibilidades de atuação de grande alcance, representadas pelas interações sociais fora da escola. A ocupação desse segmento fundamental de atuação tem requerido o desenvolvimento de estratégias de amplo espectro, incluindo mais componentes que as intervenções individuais nos clássicos “problemas de comportamento” e “problemas escolares”. Tal atuação exige estratégias dirigidas ao redimensionamento de práticas culturais via políticas públicas. Nessa perspectiva, alguns instrumentos, estratégias e conceitos, conforme registra a literatura da área, parecem convergir para, aos poucos, constituírem instrumental consistente de atuação do analista do comportamento no campo dos temas transversais, especialmente nas questões ético-morais, cujo processo educacional dá-se, sem dúvida, desde antes da idade escolar. Nesse contexto, as três intervenções desta mesa-redonda pretendem dirigir-se a questões e temas que parecem justificar-se automaticamente por seus interesses e estratégias (através da AC) que buscam encaminhar respostas para a questão sobre se será útil: 1) a unidade conceitual das metacontingências (proposta por Sigrid Glenn) enquanto instrumento para a descrição de interações sociais complexas, 2) um conjunto de adaptações à estratégia típica do Treino de Habilidades Sociais, dirigidas à formação ética para a cidadania e 3) uma abordagem comportamentalista à inclusão social no contexto de uma sociedade democrática – para, articulados, constituírem aporte significativo para uma contribuição possível e sistemática da Análise do Comportamento ao tema transversal da ética, com dimensões externas à instituição escolar?

Apresentação 1:

Se por um lado a literatura recente parece tornar muito otimista a idéia de que o desenvolvimento estratégico-metodológico e o campo de aplicação da Análise do Comportamento às práticas culturais está se ampliando para situações até recentemente pouco imaginadas, por outro a questão das prescrições ético-morais nos delineamentos continua mantendo um fórum aberto de análises e argumentos que buscam esclarecer a possibilidade de um acordo para regras aceitáveis para a atuação do analista enquanto cidadão-cientista. Nessa perspectiva, o enfrentamento das escolhas ético-morais para as intervenções sociais constitui questão inevitável para o analista do comportamento, tanto quanto para o psicólogo em geral, por conta de seu caráter imanente à atuação desses profissionais no âmbito individual ou social das interações: trata-se, sempre, de um campo aberto e complexo de valores em discussão. Todavia, essa preocupação inevitável e relevante tem estado associada, cada vez mais, a uma tendência recente de ampliação e diversificação da tecnologia comportamental, sobretudo, através da incorporação de estratégias nem sempre oriundas do corpo teórico behaviorista radical, embora freqüentemente com ele compatível. Nessa perspectiva, alguns instrumentos, estratégias e metas anteriores à consolidação dos delineamentos culturais como campo de atuação do analista (que a literatura mostra ser recente, embora Skinner já

tivesse previsto desde Walden Two) começam a ser abordadas como parcerias compatíveis com a análise comportamental aplicada à cultura. Nesta mesa, mediante a apresentação de um conjunto de dados e de avaliam-se dois aspectos desses cenários: 1) o da auspiciosa possibilidade de análise de um conjunto de regras associadas a um projeto de Estatuto da Pessoa com Deficiência, onde comportamentos pertencentes à dimensão ético-moral em que se insere o conceito de inclusão são passíveis de avaliação através da unidade conceitual das metacontingências; trata-se de uma possibilidade interessante para refletir sobre a intersecção das técnicas de análise e do conteúdo ético-moral ali presente; 2) o da possibilidade de avaliar em que medida e como um instrumento útil para a instalação, consolidação e/ou mudança de repertórios via de regra designados como “habilidades sociais” (ou seja, o Treino de Habilidades Sociais), quando realizado a partir de um enfoque behaviorista radical, se defronta e lida com a questão dos valores culturais em jogo.

Apresentação 2:

Problema de comportamento surge, para a Psicologia do Desenvolvimento, a partir de variáveis combinadas e/ou acumuladas, o que é concordante com o Behaviorismo Radical, que entende todo comportamento como fruto de três níveis de seleção. Uma destas seleções ocorre no âmbito das práticas culturais, já que o que diferencia o homem das demais espécies são costumes compartilhados e transmitidos por um grupo através do comportamento verbal. Para Baum, cultura seria comportamento verbal e não-verbal adquirido na interação com determinado grupo. Este trabalho tem por foco a interação entre pais e filhos no que se refere às práticas parentais. O comportamento operante está na origem de práticas que produzem conseqüências de sobrevivência cultural; assim, entender como é estabelecida a interação pais e filhos, enquanto conjunto de operantes emitidos e conseqüências produzidas, é relevante para o entendimento dessa prática cultural. Skinner utilizou conceitos da Análise Experimental do Comportamento para interpretar diversas áreas aplicadas, além do contexto de laboratório, como educação, clínica, política e religião, inclusive indicando o comportamento verbal como passível de descrição e de análise em Verbal Behavior. Por outro lado, não anunciou claramente metodologias específicas para o estudo de tais fenômenos. É complexa a descrição de funções de comportamentos na clínica, uma vez que o analista do comportamento enfrenta muitos problemas quanto à identificação da unidade de análise, à definição de classes de respostas e de eventos antecedentes e eventos conseqüentes. Goldiamond, ao criticar os trabalhos de modificação de comportamento de 1960, que para ele desconsideravam o diagnóstico individualizado e deixavam de aplicar os conceitos propostos por Skinner, defende a avaliação de comportamentos múltiplos de uma pessoa, por meio de táticas construcionais. Conseqüentemente, a implicação dessa definição é a de não tratar apenas o comportamento alvo diretamente, mas também dar suporte e aumentar comportamentos alternativos funcionalmente equivalentes e, no caso de problemas de comportamento, é comprovada a necessidade de alterar as práticas parentais, através de ampliação de repertórios na interação estabelecida entre pais e filhos. Nesse caso, estudos prévios têm indicado que comportamentos habilidosos, no caso habilidades

sociais educativas parentais, previnem o surgimento e/ou a manutenção destes problemas e poderiam, portanto, ser objetivos de intervenção. Diante destes enunciados, a apresentação visa descrever Habilidades Sociais Educativas Parentais, bem como variáveis antecedentes e conseqüentes que, em estudos empíricos de caracterização e de intervenção, têm se mostrado úteis na avaliação, na prevenção e no tratamento de problemas de comportamento em crianças e adolescentes.

Apresentação 3:

Políticas públicas devem estabelecer diretrizes para garantia de igualdade de oportunidade de acesso aos diversos contextos, independentemente das diferenças individuais. Na prática, tais diretrizes requerem que o foco das ações seja deslocado da diferença individual para a adaptação do ambiente físico e social. Caracterizada como decorrência de diferentes ações de intervenção, a inclusão resulta de interações complexas estabelecidas e mantidas por diferentes agentes e agências, tais como governo, instituições formadoras de educadores, escolas, pessoas com necessidades educativas especiais, suas famílias e a mídia. Uma das práticas que pode oferecer um conjunto de condições para que a inclusão ocorra é o estabelecimento de leis. Leis, no âmbito deste trabalho, são compreendidas enquanto formulações verbais que descrevem comportamentos e que, para melhor compreensão e controle do que indivíduos de um grupo fazem, deve especificar as ações a serem realizadas, sob quais circunstâncias e prever conseqüências para seu cumprimento ou não. Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo analisar o PLS 06/2003, projeto de lei que institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência, sob análise de uma Comissão de Assuntos Especiais em processo de reformulação. Um objetivo foi identificar e descrever enunciados de contingências e caracterizá-las: se completas ou incompletas; se contêm prescrição de conseqüências governamentais; se as formulações são cerimoniais ou tecnológicas; se suas formulações são afirmativas. Outro objetivo foi verificar se as contingências se entrelaçavam sob diferentes aspectos: se artigos classificados como antecedentes se repetiam em contingências diferentes; se diferentes artigos funcionariam como antecedentes para o mesmo comportamento e se comportamentos descritos em um artigo funcionariam como ambiente social para outro comportamento descrito em outro artigo. O método de trabalho adotado foi semelhante ao estudo realizado por Todorov, Moreira, Prudêncio e Pereira (2004) na análise do Estatuto da Criança e do Adolescente, em que foi gerada uma metodologia de análise do entrelaçamento de contingências presente em códigos de lei. Foram identificadas 74 contingências, sendo que 35% são completas e 65% incompletas. Das contingências completas 62% descrevem formulações positivas e 38% negativas; 42% foram classificadas como cerimoniais e 58% como tecnológicas. Em relação às possibilidades de entrelaçamento de contingências observou-se que o texto descreve formulações de contingências com as características de um ambiente social. Discutem-se questões relacionadas ao planejamento de uma cultura baseada na relação com a diversidade e questões relativas à ética e ao papel do analista do comportamento frente ao seu planejamento.

Simpósio: “Manejo de Casos Difíceis de Pessoas com Transtorno Obsessivo Compulsivo”

Antonio Bento Alves de Moraes - UNICAMP, Vera Lignelli Otero - Clínica ORTEC e PSICOLOG Instituto de Análise do Comportamento de Ribeirão Preto

Coordenador: Felipe Corch - Paradigma: Núcleo de Análise do Comportamento

Debatedor: Denis Roberto Zamignani - Paradigma/Faculdade São Judas

Obsessões são pensamentos, indesejáveis e intrusivos. São geralmente percebidas pelos indivíduos que as vivenciam como repugnantes, sem sentido, inaceitáveis e difíceis de evitar. Um vasto leque de estímulos desencadeadores pode provocar as obsessões. Uma vez instaurada, a obsessão é acompanhada por sensações de desconforto ou ansiedade, e pelo anseio de “neutralizá-la”. A “neutralização” freqüentemente toma a forma de um comportamento compulsivo (ritualísticas como lavagens, verificação, etc.) Às vezes esse padrão de respostas é acompanhado por uma percepção de resistência a desempenhar o comportamento. A resistência pode ser aversiva ao próprio indivíduo e a emissão das respostas compulsivas é muitas vezes aversiva para a própria família que tende a punir o indivíduo. Uma compreensão comportamental do distúrbio obsessivo compulsivo requer a análise das relações familiares e do envolvimento do indivíduo em ambientes sociais mais amplos. Eventualmente pode-se inferir que a família não entende seu papel como apoio; desencadeador ou mantenedor do comportamento compulsivo. Alguns casos de transtorno obsessivo compulsivo representam um desafio para a intervenção clínica psicológica dado ao padrão comportamental refratário dessas pessoas às intervenções comportamentais realizadas. Neste simpósio serão apresentados e debatidos dois casos considerados difíceis tomando como ponto de referência as contribuições da análise funcional do comportamento e da psiquiatria clínica.

Palestra: “Terapia Cognitiva e Sonhos: mais um recurso terapêutico”

Helene Shinohara - PUC-Rio

A perspectiva cognitivista tem incorporado ao trabalho terapêutico uma compreensão de temas clínicos relevantes, antes não priorizados. O trabalho com os sonhos tem sido um desafio importante para os terapeutas cognitivos. Pesquisas sugerem que o conteúdo de alguns sonhos têm relação com a personalidade do sonhador, que contém temas e expectativas de desfechos semelhantes com os pensamentos dele enquanto acordado, e que as mesmas preocupações conscientes são expressas na experiência do sonho. Portanto pode-se considerar alguns sonhos como rico material terapêutico, onde padrões cognitivos e afetivos podem ser expressos e esquemas podem estar exercendo sua máxima influência. Assim sendo, o terapeuta cognitivo tem condições de enriquecer seu arsenal de possibilidades terapêuticas ao incluir os sonhos como mais um meio para o entendimento da perspectiva particular de seu cliente sobre si, sobre o mundo e sobre seu futuro. Como qualquer procedimento, é essencial que o terapeuta esteja seguro de seu conhecimento teórico e técnico sobre o assunto, e que realize o trabalho em clima colaborativo e afetivamente significativo.

Mesa Redonda: “Análise do Comportamento e Distúrbios do Desenvolvimento”

Fábio Leyser Gonçalves - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Nicolau Kuckartz Pergher - Universidade Presbiteriana Mackenzie/Paradigma

Coordenador: Fábio Leyser Gonçalves - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Apresentação 1:

O autismo é um dos mais conhecidos distúrbios de desenvolvimento. Tradicionalmente o estudo do autismo tem incluído relatos de caso, estudos de análise aplicada do comportamento, além de uma série de estudos neurobiológicos e genéticos. Recentemente, alguns modelos animais têm sido desenvolvidos a fim de esclarecer aspectos neurobiológicos, terapêuticos e comportamentais do autismo. Dentre os modelos animais de autismo destacam-se o de infecção pelo vírus da doença de Borna, estudos com lesões precoces da amígdala e do hipocampo, o hipotireoidismo neonatal, modelos genéticos e modelos teratogênicos. Entre os modelos teratogênicos os mais estudados têm sido os modelos de exposição pré-natal à talidomida e ao ácido valpróico, conhecido pela sigla em inglês VPA, um anticonvulsivante cujo uso durante a gestação está relacionado com o surgimento de sintomas de autismo em crianças. O presente trabalho pretende avaliar a utilidade desses modelos para a compreensão de fenômenos comportamentais ligados ao autismo e outros distúrbios do desenvolvimento. Apoio Mackpesquisa.

Apresentação 2:

A síndrome de Prader Willi (SPW) apresenta duas fases clínicas diferentes. No primeiro ano de vida o indivíduo apresenta hipotonia neonatal, dificuldade de alimentação e ganho de peso. A segunda fase se caracteriza pela melhora da hipotonia e desenvolvimento de hiperfagia e obesidade. A diminuição de neurônios de oxitocina no núcleo hipotalâmico paraventricular (um centro presumível de controle da saciedade) pode estar associada à hiperfagia e à falta de controle inibitório frente o estímulo alimentar. Várias modalidades de intervenção têm sido usadas para o controle do comportamento alimentar, por exemplo, dietas, modelagem comportamental, punição e, fármacos com efeito endocrinológico. Muitos desses tipos de intervenção focam-se na diminuição da compulsão alimentar (CA). Salienta-se que a CA é um comportamento alimentar que envolve ingestão de grande quantidade de comida em um período curto de tempo (até duas horas) e se acompanha da sensação de perda de controle sobre o que ou o quanto se come. No caso especial da SPW, os episódios de compulsão alimentar, necessariamente não se acompanham desse tipo de sensação de perda de controle. A curva de saciação não desacelera após a ingestão calórica. A saciação deve agir como resposta discriminativa para reduzir o comportamento alimentar. Entretanto, uma falha na discriminação de estímulos orgânicos não permite à pessoa com SPW perceber o estado de saciação. Há mecanismos cerebrais subjacentes à hiperfagia na SPW. No caso, se hipotetiza um

aumento da atividade cerebral no cortex prefrontal dorsolateral. Baseado na evidência que comportamentos hiperfágicos podem estar associados com uma disfunção cerebral, a apresentação propõe mostrar resultados decorrentes da aplicação de uma técnica de modulação cortical Estimulação Transcraniana por Corrente Continua (ETCC) em um caso adulto com SPW quando submetido à exposição visual de estímulos alimentares. Atualmente o estudo encontra-se em fase de coleta de dados. A finalidade do trabalho é testar o efeito da ETCC sobre o controle inibitório alimentar e ingestão calórica do paciente.

Apresentação 3:

A prática do atendimento extra-consultório (acompanhamento terapêutico) tem sido cada vez mais freqüente entre os terapeutas analítico-comportamentais. Esse tipo de atendimento tem sido indicado especialmente para casos considerados difíceis, com grande déficit de repertório e/ou pouco efeito das intervenções verbais características da terapia tradicional. Esta apresentação exporá o acompanhamento terapêutico como uma possibilidade de intervenção coerente com os princípios da análise do comportamento. Serão apontados diferentes casos clínicos para os quais o acompanhamento terapêutico é desejável. Para ilustrar, será apresentado o caso clínico de um adolescente portador da Síndrome de Prader Willi. Serão descritas as estratégias adotadas para controle do impulso, desenvolvimento de repertórios sociais e orientação profissional realizada em ambiente extra-consultório.

Mesa Redonda: “Uma Abordagem Analítico-Comportamental do Desenvolvimento Psicológico”

Laércia Abreu Vasconcelos - UnB, Fabíola Álvares Garcia-Serpa - UnB, Sonia Beatriz Meyer - UnB, Joana Singer Vermes - Núcleo Paradigma

Coordenador: Laércia Abreu Vasconcelos – UnB

O termo desenvolvimento tem sido amplamente utilizado com diferentes conotações por profissionais de diversas áreas do conhecimento. Entretanto, a especificação deste conceito é necessária para o psicólogo, especialmente em sua interação interdisciplinar com as áreas de saúde e de educação. Assim, propõe-se analisar: (1) o conceito de desenvolvimento psicológico a partir da Análise do Comportamento, considerando a potencial contribuição de uma discussão envolvendo os três níveis de seleção – filogenética, ontogenética e cultural; (2) os dados de pesquisa longitudinal sobre a manutenção e generalização de comportamentos empáticos, abordando variáveis contextuais nos diferentes grupos familiares, e (3) os dados tradicionais sobre desenvolvimento utilizando dois casos da clínica analítico-comportamental infantil.

Apresentação 1:

A ciência Análise do Comportamento propõe uma abordagem funcional e histórica do desenvolvimento psicológico sem, contudo, formular teorias específicas de desenvolvimento (e.g., desenvolvimento da linguagem, emocional e da percepção). O conceito de contingência é apresentado como base explicativa aplicado aos diferentes níveis de seleção (filogenia, ontogenia e cultura). Entretanto, as potenciais limitações do conceito devem ser consideradas, como ocorre em qualquer área da ciência, assim como a necessidade de interlocução com diferentes teorias dentro e fora da psicologia (como a antropologia, sociologia, biologia, economia e história). A análise do arranjo de contingências individuais, envolvendo o comportamento de diferentes membros da família, da escola e da mídia favorecem a construção de uma ampla matriz de contingências potencialmente útil na explicação do desenvolvimento humano.

Apresentação 2:

Investigar a manutenção de comportamentos adquiridos em ambiente natural representa um desafio para os psicólogos, especialmente da área de desenvolvimento. Dentre esses comportamentos, destaca-se o empático, que tem recebido muita atenção nos últimos anos e teria, segundo alguns autores, origens filogenéticas. Partindo desta perspectiva, dezessete meninos e seus pais, que há quatro anos fizeram parte de uma investigação a respeito de indicadores do comportamento empático e sua relação com ações educativas e empatia dos pais, submeteram-se a uma nova avaliação. O presente estudo envolveu ainda um programa de intervenção breve com os meninos, focalizando habilidades sociais, em que se buscou observar como ocorre a generalização de novos comportamentos para outros ambientes e manutenção após seis meses, considerando seus diferentes repertórios anteriores. As avaliações foram realizadas por pais, professores, colegas de classe e pela pesquisadora, através da observação das filmagens do programa. Os resultados indicaram tanto manutenção quanto mudança no período de quatro anos. Dos nove meninos empáticos no passado, três se tornaram pouco empáticos e dos oito pouco empáticos, quatro se tornaram empáticos. Serão apresentados os fatores que pareceram contribuir para a manutenção ou mudança dos comportamentos dos meninos. A generalização de comportamentos focalizados no programa de intervenção, para todos os grupos, foi observada no contexto escolar. Os meninos que eram pouco empáticos e foram novamente classificados assim, generalizaram aquisições em habilidades sociais de empatia e civilidade segundo os professores. A avaliação dos professores realizada após cinco meses do término do programa mostrou que os resultados mantiveram-se para todos os grupos, exceto para o grupo dos meninos muito empáticos no passado e reclassificados como pouco empáticos no presente. Concluiu-se que história de vida, circunstâncias atuais e aprendizagem exercem efeitos no repertório atual de habilidades sociais.

Apresentação 3:

O conhecimento sobre o desenvolvimento físico, motor, intelectual, verbal e social de crianças e adolescentes é essencial para a prática do terapeuta infantil. Isso porque, aspectos biológicos (filogenéticos) e culturais fornecidos justamente pela psicologia do desenvolvimento são de extrema importância para a compreensão de um indivíduo. Por outro lado, sob uma perspectiva analítico-comportamental, considera-se que aspectos ontogenéticos sejam fundamentais para entendimento do caso e intervenção, o que implica em uma análise idiossincrática que pode ser, em certa medida, incompatível com uma proposta desenvolvimentista. Dada essa reflexão, propõe-se, a partir da análise de casos clínicos, as maneiras pelas quais os dados tradicionais sobre desenvolvimento infantil podem e devem ser utilizados para a prática clínica.

Simpósio: "Investigação da Aquisição de Discriminações Simples e Condicionais em Bebês e Pré-Escolares: uma análise metodológica"

Daniela de Souza Canovas - UFSCar, Lidia Maria Marson Postalli - UFSCar, Deisy das Graças de Souza - UFSCar, , Naiara Minto de Sousa - UFSCar, Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil – UFSCar

Coordenador: Thais Porlan de Oliveira - UFSCar/UFMG

Debatedor: Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil – UFSCar

Numerosas pesquisas foram realizadas para esclarecer a aquisição de repertórios simbólicos com diferentes participantes, em sua maioria adulta e indivíduos com retardo mental. Entretanto, as investigações com a população de bebês (1 a 2 anos) e crianças pré-escolares (3 a 6 anos) têm sido mais escassas, principalmente devido às dificuldades metodológicas, a despeito de sua importância elucidativa de processos básicos de aprendizagem, como a aquisição de discriminações simples e condicionais. A adaptação para crianças entre três e seis anos de procedimentos de ensino computadorizados tem sido satisfatória, devido à compatibilidade entre o repertório comportamental destas crianças e a resposta de observação e escolha exigidas nestes procedimentos, assim como o nível de motivação para a realização da tarefa. Nos estudos com participantes bebês, a adaptação ao seu repertório também se faz necessária, sendo utilizados procedimentos de ensino com estímulos mais concretos (brinquedos) e mais próximos da situação natural de brincadeira entre bebês e adultos. O objetivo do presente simpósio é comparar três procedimentos de ensino de discriminações simples e condicionais a bebês e crianças pré-escolares, principalmente quanto aos seguintes aspectos: desempenho dos participantes; duração das sessões; duração total do procedimento; interrupção do procedimento pelos participantes. Além disso, são discutidos aspectos gerais, como viabilidade, problemas, replicações, entre outros. Com a população de bebês de 12 a 21 meses foram realizados dois procedimentos de ensino de discriminação simples e condicional: um em que brinquedos industrializados eram apresentados em um aparato de acrílico motorizado e outro em que eram apresentadas fotos de bichos em um livro confeccionado em papel cartão. Nos dois procedimentos os reforçadores consistiam na brincadeira com os estímulos e também no reforçamento social. No procedimento do livro foi possível ensinar tarefas mais complexas e com um reduzido número de tentativas e sessões para a aprendizagem de cada tarefa, além da maior

proximidade da situação de brincadeira natural e do menor custo das respostas de observação e escolha pelos bebês. No estudo com crianças de três a seis anos, foram ensinadas discriminações simples entre pares de estímulos abstratos. As sessões foram realizadas no computador e as conseqüências programadas, de acordo com o desempenho, eram brincadeira e reforçamento social. De forma geral, todas as crianças aprenderam discriminações para até cinco pares de estímulos. Foram aplicadas estratégias e procedimentos remediativos para proporcionar a aprendizagem e garantir a manutenção da realização das sessões.

Apresentação 1:

O interesse em estudar processos básicos de aprendizagem em crianças pequenas decorre do pressuposto de que processos simbólicos complexos são produto da história de aprendizagem do indivíduo especialmente da aprendizagem discriminativa e da formação de classes entre estímulos. Grande parte dos estudos dessa área emprega procedimentos de emparelhamento ao modelo, mas que em geral apresentam falhas em demonstrar os repertórios esperados em populações de repertório verbal mínimo, como bebês e crianças pequenas. Nessa perspectiva, procedimentos alternativos são importantes para a elucidação de questões empíricas e teóricas sobre processos de discriminação e formação de classes. Uma alternativa de procedimento para ensinar o desempenho discriminativo e relacional para crianças pequenas seria programar a aprendizagem de discriminações simples e reversões repetidas entre conjuntos de estímulos. Foram realizados dois estudos, com crianças pré-escolares em duas faixas etárias com o objetivo de investigar o processo de aprendizagem discriminativa e relacional (entre os estímulos) e verificar os efeitos dessa aprendizagem na aquisição de novas discriminações e na formação de classes entre os estímulos com crianças pré-escolares de duas faixas etárias. Participaram do estudo nove crianças com idade entre três e quatro anos e três crianças com idade próxima a seis anos. As sessões de ensino foram realizadas no computador com a apresentação de estímulos visuais abstratos. Estratégias lúdicas (uso de brincadeira) e reforçamento social foram utilizados como conseqüência para instalar e manter o comportamento das crianças durante as sessões. De modo geral, os resultados demonstraram que as crianças aprenderam as discriminações para até cinco pares de estímulos e ao longo do treino de reversões repetidas o desempenho tornou-se cada vez mais preciso. Entretanto, parte dos dados apresenta variabilidade intra e entre sujeitos no decorrer do procedimento: efeito deletério da ocorrência de erros e possível estabelecimento de topografias de controle de estímulos concorrentes em crianças mais novas e efeitos negativos no desempenho possivelmente relacionados a variáveis motivacionais nas duas faixas etárias. Ao longo do procedimento novas estratégias lúdicas e procedimentos remediativos foram implementados (tanto individualmente, quanto para todo o grupo de crianças) para proporcionar a aprendizagem e garantir a manutenção da realização das sessões. As estratégias e procedimentos adicionais implementados foram discutidos em termos metodológicos a partir dos resultados obtidos (aprendizagem das discriminações) e também, na perspectiva de

desenvolvimento de metodologias mais refinadas (que exijam menor custo de resposta dos participantes e possam ser realizadas em um menor número de sessões).

Apresentação 2:

A aquisição de repertórios de discriminação simples e condicional tem sido estudada em crianças pequenas principalmente através de procedimentos computadorizados da tarefa de pareamento ao modelo. Entretanto, poucos estudos têm sido conduzidos com bebês até 24 meses, devido à dificuldade de adaptação destes procedimentos ao repertório destes participantes. Este trabalho comparou dois procedimentos de ensino de discriminações simples e condicionais a bebês de 12 a 21 meses. Um procedimento consistia na exposição de brinquedos industrializados em um aparato experimental de acrílico motorizado com cinco janelas; a seqüência de tarefas treinadas foram três discriminações simples, seguidas pelo treino de pareamento de identidade; o estímulo-modelo era exposto na janela central do aparato; eram realizadas entre oito e dez tentativas, que duravam em média seis minutos no total. Outro procedimento consistia na exposição de fotos de bichos em um livro encadernado feito de papel cartão; a seqüência de tarefas treinadas foram três discriminações e reversões, seguidas do treino de pareamento arbitrário; o estímulo-modelo consistia em um brinquedo de plástico (carro ou casa) dentro do qual eram colocadas as fotos; eram realizadas seis tentativas, que duravam em média dois minutos no total. Os dois procedimentos previam brincadeiras livres: no procedimento do aparato no início, no meio e no final da sessão; no procedimento do livro somente no final da sessão. Os procedimentos foram comparados a partir da análise dos seguintes aspectos: desempenho dos participantes; duração das sessões; duração total do procedimento; interrupção do procedimento pelos participantes; número total de sessões; número de sessões/tentativas para atingir o critério de cada tarefa. Observou-se que no procedimento do livro, em que a tarefa assemelhava-se à situação natural de brincadeira entre adultos e crianças, não houve interrupção do procedimento pelos participantes. No procedimento do aparato, que exigia respostas de observação e escolha de alto custo para os participantes e que não estavam presentes naturalmente em seu repertório, houve desistências dos participantes, sob a forma de recusa em participar da sessão ou abandono da tarefa/sala. Outra vantagem do procedimento do livro foi o reduzido número de tentativas e sessões para a aprendizagem de cada tarefa e o ensino de tarefas mais complexas. Discutiram-se também aspectos gerais dos procedimentos em relação à acessibilidade por outros pesquisadores, para a replicação dos estudos, como o custo financeiro, a possibilidade/dificuldade de confecção, a flexibilidade de aplicação a diferentes participantes, os problemas e possíveis adaptações.

Mesa Redonda: “Terapia Cognitivo-Comportamental do Transtorno Obsessivo-Compulsivo, do Transtorno de Pânico e da Agorafobia e do Luto”

Leonardo F. Fontenelle - UFRJ, Bernard Rangé - UFRJ, Leonardo F. Fontenelle - UFRJ, Angélica Gurjão Borba - UFRJ, Adriana Cardoso de O Silva – UFF

Coordenador: Isabela Dias Soares - UFRJ

O colecionismo patológico é definido como aquisição e incapacidade de descartar posses de pouca utilidade ou valor para os outros. No colecionismo patológico, (1) os espaços livres tornam-se desordenados a ponto de impedir o uso e as atividades normais para os quais foram criados e (2) o estresse e a disfunção resultantes da acumulação são clinicamente significativos. Neste trabalho, nosso objetivo geral foi o de avaliar o colecionismo patológico do ponto de vista clínico e psicométrico em três estudos. No estudo 1, descrevemos os procedimentos envolvidos na validação da versão brasileira do Inventário de Colecionismo-Revisado (IC-R), um instrumento elaborado com o intuito de mensurar a gravidade do comportamento colecionador em diferentes populações, i.e. pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e indivíduos da comunidade. No estudo 2, avaliamos o impacto do colecionismo patológico e de outros sintomas obsessivo-compulsivos sobre diferentes aspectos da qualidade de vida de pacientes com TOC, segundo o Short-Form Health Survey-36 (SF-36). No estudo 3, descrevemos a relação entre a empatia, mensurada através do Índice de Reatividade Interpessoal (IRI), o colecionismo patológico e demais sintomas obsessivo-compulsivos em pacientes com TOC. Para alcançar estes objetivos, 65 pacientes com TOC e 70 indivíduos da comunidade foram avaliados com a Entrevista Clínica Estruturada para Diagnóstico DSM-IV (SCID), o IC-R, o SF-36, o IRI, o Inventário Obsessivo-Compulsivo-Revisado (OCI-R), o Inventário de Depressão de Beck (IDB) e o Inventário Ansiedade de Beck (IAB). De acordo com o estudo 1, a versão brasileira do IC-R demonstrou excelente consistência interna, fidedignidade teste reteste e validade convergente, especialmente em pacientes com TOC. Os escores do IC-R correlacionaram-se significativamente com a gravidade de sintomas depressivos e ansiosos comórbidos. No estudo 2, o colecionismo patológico associou-se a um prejuízo significativo dos aspectos sociais da qualidade de vida em pacientes com TOC. No entanto, os sintomas comórbidos, especialmente depressivos, foram os principais determinantes de reduções da qualidade de vida nestes indivíduos. Finalmente, no estudo 3, a gravidade do colecionismo correlacionou-se com a preocupação empática, com a fantasia e o desconforto pessoal em pacientes com TOC. No entanto, somente a fantasia não dependeu da gravidade dos sintomas depressivos e ansiosos comórbidos. Nossos achados sugerem que o colecionismo patológico é um constructo mensurável e que está associado a padrões diferenciados de qualidade de vida e reatividade interpessoal, mas também que a gravidade de sintomas psiquiátricos comórbidos afeta de maneira significativa as variáveis em tela.

Apresentação 1:

O colecionismo patológico é definido como aquisição e incapacidade de descartar posses de pouca utilidade ou valor para os outros. No colecionismo patológico, (1) os espaços livres tornam-se desordenados a ponto de impedir o uso e as atividades normais para os quais foram criados e (2) o estresse e a disfunção resultantes da acumulação são clinicamente significativos. Neste trabalho, nosso objetivo geral foi o de avaliar o colecionismo patológico do ponto de vista clínico e psicométrico

em três estudos. No estudo 1, descrevemos os procedimentos envolvidos na validação da versão brasileira do Inventário de Colecionismo-Revisado (IC-R), um instrumento elaborado com o intuito de mensurar a gravidade do comportamento colecionador em diferentes populações, i.e. pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e indivíduos da comunidade. No estudo 2, avaliamos o impacto do colecionismo patológico e de outros sintomas obsessivo-compulsivos sobre diferentes aspectos da qualidade de vida de pacientes com TOC, segundo o Short-Form Health Survey-36 (SF-36). No estudo 3, descrevemos a relação entre a empatia, mensurada através do Índice de Reatividade Interpessoal (IRI), o colecionismo patológico e demais sintomas obsessivo-compulsivos em pacientes com TOC. Para alcançar estes objetivos, 65 pacientes com TOC e 70 indivíduos da comunidade foram avaliados com a Entrevista Clínica Estruturada para Diagnóstico DSM-IV (SCID), o IC-R, o SF-36, o IRI, o Inventário Obsessivo-Compulsivo-Revisado (OCI-R), o Inventário de Depressão de Beck (IDB) e o Inventário Ansiedade de Beck (IAB). De acordo com o estudo 1, a versão brasileira do IC-R demonstrou excelente consistência interna, fidedignidade teste reteste e validade convergente, especialmente em pacientes com TOC. Os escores do IC-R correlacionaram-se significativamente com a gravidade de sintomas depressivos e ansiosos comórbidos. No estudo 2, o colecionismo patológico associou-se a um prejuízo significativo dos aspectos sociais da qualidade de vida em pacientes com TOC. No entanto, os sintomas comórbidos, especialmente depressivos, foram os principais determinantes de reduções da qualidade de vida nestes indivíduos. Finalmente, no estudo 3, a gravidade do colecionismo correlacionou-se com a preocupação empática, com a fantasia e o desconforto pessoal em pacientes com TOC. No entanto, somente a fantasia não dependeu da gravidade dos sintomas depressivos e ansiosos comórbidos. Nossos achados sugerem que o colecionismo patológico é um constructo mensurável e que está associado a padrões diferenciados de qualidade de vida e reatividade interpessoal, mas também que a gravidade de sintomas psiquiátricos comórbidos afeta de maneira significativa as variáveis em tela.

Apresentação 2:

Na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi desenvolvido, testado e validado um protocolo de Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) para o tratamento do Transtorno de Pânico e da Agorafobia. Este protocolo foi concebido em 1999 e aperfeiçoado até o início de 2008 quando se transformou num livro. Dele fazem parte um manual de orientação ao terapeuta sobre como tratar o seu cliente e um manual de orientação ao cliente sobre como este poderá superar seus quadros de ansiedade. Apresenta um modelo de tratamento estruturado para o alcance de 6 grandes metas terapêuticas distribuídas ao longo de 8 sessões, cada qual com seu conjunto de passos a serem trilhados seqüencialmente. Há cerca de 10 anos vem se revelando um material de fácil utilização por terapeutas pouco experientes, em sua grande maioria estagiários de psicologia recém chegados à equipe de TCC da DPA. Assim como, vem sendo aplicados a grupos de clientes com uma média de 7 participantes, chegando-se a resultados extremamente satisfatórios que comprovam a eficiência do método terapêutico. Atualmente, como parte de uma

pesquisa de doutorado, pretende-se tornar este material acessível para terapeutas e clientes de todo o país tanto através do livro em si quanto a partir de um treinamento a distância para psicólogos que desejem se aperfeiçoar neste método de tratamento. Objetiva-se que um número cada vez maior de pessoas possa se beneficiar deste conhecimento adquirido durante estes vários anos de pesquisa em andamento aplicando-o com fluidez no público de suas regiões. Afinal, o Transtorno de Pânico e a Agorafobia são bastante prevalentes na população (cerca de 2,5% e 12%, respectivamente) e causam muito sofrimento para quem os experimenta. Este trabalho pretende mencionar os dados epidemiológicos atuais destas psicopatologias, as estratégias cognitivas e comportamentais mais eficazes para tratá-las, os principais resultados de pesquisas realizadas na DPA e um breve roteiro do que se pretende fazer a distância.

Apresentação 3:

Apesar de a morte ser a única certeza que temos na vida, evitamos pensar sobre ela, seja a nossa própria, seja a dos que nos cercam e, quando somos atingidos pela perda definitiva de quem era parte importante de nossa existência, ficamos aturdidos, despreparados que somos para lidar com as questões relativas à finitude. Vivemos em uma sociedade que, por negar a morte, evita falar de assuntos relacionados a ela e, com isso, isola seus membros que passam por experiências de perdas, fazendo com que atravessem o processo de luto de forma solitária, sem compreender bem pelo que estão passando e, muitas vezes, chegando a acreditar que podem até mesmo estar “enlouquecendo” devido a eventos comuns a esse período como, por exemplo, as alucinações com referência ao ser perdido. Esse trabalho apresenta uma proposta de atendimento a pessoas enlutadas através do enfoque da Terapia Cognitivo-Comportamental. Foi elaborado protocolo de atendimento através do qual a vivência do luto é valorizada e o sujeito não apenas encontra um lugar onde pode se expressar sobre um assunto considerado tabu, como também recebe orientações quanto ao que está passando e a ajuda necessária para executar as tarefas do luto, com isso, facilitando sua readaptação à vida após a perda. Através da função psicoeducativa é feito o esclarecimento sobre alterações cognitivas, fisiológicas e comportamentais consideradas comuns durante esse período, reduzindo desse modo, os índices de ansiedade. É promovido o entendimento das diferentes fases do luto tidas como normais, com suas características específicas, sendo elas: alarme, torpor, procura, depressão e reorganização, segundo o modelo de Parkes. São utilizadas técnicas, tanto cognitivas quanto comportamentais, que sejam compatíveis com essas fases. Abordagem dos principais sentimentos envolvidos no processo do luto: tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, desamparo, choque, anseio pela presença do outro, alívio. Esclarecimento quanto às principais queixas somáticas presentes nesse momento e desenvolvimento de estratégias para lidar com elas: alterações gástricas, aperto no peito, hipersensibilidade ao barulho, sensação de despersonalização, dispnéia, fraqueza, falta de energia. Abordagem das alterações cognitivas: descrença, confusão, preocupação, sensação de presença e alucinações ligadas ao ser perdido. Busca-se a readaptação do sujeito à vida cotidiana e melhor funcionalidade. São também oferecidas orientações e treino de técnicas para manejo dos problemas

comportamentais como distúrbios do sono, alterações de apetite, comportamento “distante”, isolamento social, choro freqüente, sonhos/ pesadelos envolvendo o ser perdido e evitação ou busca de objetos e lugares que lembrem a pessoa morta.

Mesa Redonda: “Emoções e Cognições: múltiplas formas de abordagem clínica nas terapias comportamentais e cognitivas”

João Ilo Coelho Barbosa - UFC, Cristiano Nabuco de Abreu - Instituto de Psiquiatria da FMUSP, Aécio Borba Vasconcelos Neto – UFPA

Coordenador: João Ilo Coelho Barbosa – UFC

A presente mesa faz uma análise histórica e crítica do desenvolvimento dos estudos sobre eventos privados que procuraram responder a uma lacuna existente na teoria e prática da Análise do Comportamento, ocasionada pela esquivia em lidar com eventos relativos à privacidade. Nesse sentido, o primeiro trabalho da mesa volta-se para a discussão das possíveis repercussões do surgimento das terapias cognitivo-comportamentais na área da modificação do comportamento. Nesse processo, procura-se evidenciar como o modelo cognitivista nasce respondendo à demanda de intervenções sobre sentimentos e cognições e como seu sucesso proporciona uma reflexão dos analistas do comportamento sobre o próprio conceito de eventos privados. O segundo trabalho da mesa abordará questões ligadas à teoria e à prática das atuais terapias construtivistas que lidam com a questão de sentimentos, emoções e cognições de acordo com o modelo "focado nas emoções", a partir de conhecimentos advindos da neurociência. Por fim, o último trabalho retoma a reflexão sobre a importância do estudo de eventos privados para a clínica analítico-comportamental, mas realça as críticas possíveis à atenção exagerada a eventos privados e explora os limites de uma terapia voltada para sentimentos, emoções e cognições. Nesse sentido, considera que o estudo desses eventos não é um estudo de fenômenos internos, mas de relações estabelecidas entre o sujeito e o mundo. Assim, aponta a importância de não deixar de olhar para as contingências em operação, mesmo que esteja lidando com sentimentos e pensamentos.

Palestra: “Teoria do Sujeito na Análise do Comportamento”

José Antônio Damásio Abib – UFSCAR

O tema da morte do sujeito é um fantasma que ronda o presente. As vozes mais legítimas vêm da filosofia francesa: o homem morreu (Michel Foucault), o sujeito morreu (Jacques Derrida), o autor está morto (Roland Barthes). Na verdade, já faz certo tempo que a filosofia declara a morte do sujeito (Friedrich Nietzsche já havia feito isso e de certo modo foi o que fez também David Hume). Skinner disse que o sujeito não inicia a ação. Muitos acreditam que, com essa declaração, ele estaria defendendo uma psicologia sem sujeito, o que não seria muito diferente de afirmar que o sujeito está

morto. Estaria Skinner trilhando na contramão da psicologia científica moderna, focada por seus mentores, Wilhelm Wundt e William James, precisamente no tema da presença do sujeito? A resposta é negativa, pois o fato de que o sujeito não inicie a ação não significa de modo algum que ele esteja morto, ausente. A declaração da morte do sujeito é dirigida à concepção de sujeito derivada da filosofia substancialista e da filosofia individualista do sujeito, bem como tem como alvo a teoria do sujeito autônomo, a célebre herdeira dessa última filosofia. Elucidado o significado da declaração da morte do sujeito, elabora-se, aqui, uma teoria do sujeito na análise do comportamento, com base nestas quatro teses: o sujeito é o self; o sujeito é um ponto (um lócus) de chegada da evolução natural, pessoal e cultural; o sujeito é verbal: um produto das comunidades verbais; o sujeito é formado como sujeito psicológico e ético. Decorre do conjunto dessas teses que o sujeito consiste em um ciclo de transformações envolvendo o comportamento e o mundo e que a pergunta por inícios no sujeito ou no mundo pertence à metafísica que sonha com absolutos inexistentes. Dessa perspectiva, modifica-se a pergunta sobre o sujeito, que deixa de ser, ‘o sujeito inicia a ação’?, para ser, ‘o sujeito transforma o mundo’?

Comunicação Oral: “Análise do Comportamento e Acompanhamento Terapêutico na Escola: questionamentos a partir de estudos de caso.”

Julia Carneiro - Faculdade Santo Agostinho, Francisco Anderson Gonçalves Carneiro - UESPI, Natalie Araripe –UESPI

O acompanhamento terapêutico pode ser definido como um processo de intervenção em contexto de déficits importantes nos repertórios básicos de comportamentos (ZAMIGNANI, 2007), o que gera a necessidade de atenção realizada no ambiente natural do cliente, propiciando um maior contato com possibilidades de ampliação de repertórios-alvo a serem reforçados. Cabe ressaltar aqui, que este modelo de intervenção, no contexto escolar, ainda é pouco divulgado na literatura analítico-comportamental, o que acarreta na pouca acessibilidade às bibliografias para o embasamento de pesquisas acerca desta prática. Este trabalho visa explicar alguns questionamentos acerca do acompanhamento terapêutico no ambiente escolar, utilizando o enfoque analítico-comportamental, bem como possíveis respostas a estes. Como metodologia, foram utilizados relatos dos estudos de caso de acompanhamentos que estão sendo realizados em duas crianças com características de Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID), em uma escola da rede privada da cidade de Teresina – PI, iniciados em março de 2008. A partir destas práticas, algumas questões foram levantadas acerca da inserção do Acompanhante Terapêutico (AT) na escola. Dentre elas destacaram-se: É possível o acompanhamento terapêutico efetivo no ambiente de sala de aula? Como aplicar os princípios básicos da Análise Aplicada do Comportamento de modo a não interferir nos procedimentos usuais da rotina escolar, e não gerar incompreensões por parte do outros profissionais? É possível arranjar contingências reforçadoras, para a criança acompanhada, as quais envolvam os demais profissionais da escola? Como controlar as variáveis do ambiente escolar sem

modificar os princípios educacionais adotados pela escola? Apesar das dificuldades para responder a esses questionamentos, causadas pela insuficiência de dados bibliográficos específicos sobre os modelos de intervenção do A.T na escola, como primeiros resultados, pode-se constatar que é importante o envolvimento dos demais profissionais da escola e das outras crianças como possíveis agentes reforçadores e mantenedores dos novos repertórios desenvolvidos através da interação do A.T com a criança. Além disso, pôde-se identificar a relevância do A.T para a ampliação dos repertórios necessários ao desenvolvimento das atividades escolares da criança, através da diferença da taxa de respostas, referentes à habilidades no repertório supracitado, registradas na presença e ausência do A.T, além das observações dos professores sobre o desempenho da criança desde a inserção do Acompanhante Terapêutico no ambiente desta. Acreditamos que esse trabalho possa contribuir para a construção de um modelo de acompanhamento terapêutico em ambiente escolar, além de contribuir para a divulgação desse modelo no estado do Piauí.

Comunicação Oral: “Proposta de Atendimento Terapêutico em Grupo para Adolescentes de Risco”

Camila Menezes - PsicC, Fernanda Brandão - PsicC, Juliana Cardoso, Zilah Brandão - PsicC - Instituto de Psicoterapia e Análise do Comportamento

O atendimento psicológico a crianças e adolescentes de risco tem se mostrado eficaz na redução e prevenção de transtornos de condutas e da violência em muitas populações carentes. Fatores como relações impróprias entre os pais e filhos; relacionamento com pares pró-sociais insatisfatórios; percepção negativa da criança por pais e professores; pobreza atual e transgeracional; e relações coercitivas ajudam a definir uma criança ou adolescente em risco. Muitos destes fatores podem ser alterados através do tratamento psicológico. O grupo terapêutico pode favorecer o desenvolvimento pessoal dessas crianças e adolescentes, porque oportuniza o relacionamento com pessoas diferentes e promove habilidades como: lidar com diferenças e similaridades pessoais, oferecer ajuda, dar e receber feedback, liderar e ser liderado, receber indicativos sobre o impacto de seus comportamentos aos demais, bem como solucionar problemas e enfrentar situações estressantes. Os Objetivos deste trabalho são: apresentar uma proposta de atendimento terapêutico para crianças e adolescentes de risco; e avaliar os resultados da aplicação deste programa na produção de mudanças no comportamento dos adolescentes que participaram de um grupo terapêutico em uma creche de um bairro carente da cidade de Londrina – PR. Dentro desta proposta pretende-se definir algumas habilidades sociais importantes para serem treinadas com esta população, dentre elas a empatia, a expressão de sentimentos positivos, dar e receber feedback e resolver problemas. Isto porque o desenvolvimento de habilidades sociais possibilita ao adolescente lidar adequadamente com as demandas dos diferentes contextos de interação, e ajudam na manutenção de relacionamentos satisfatórios e duradouros, além de proporcionar bem-estar emocional e, assim, qualidade de vida. Utilizou-se do espaço oferecido pelo grupo para a realização de role playing, vivências, dinâmicas e debates, com a finalidade de treinar as habilidades sociais nos adolescentes. Em relação aos resultados encontrados, algumas habilidades importantes foram apresentadas pelo grupo, como falar

mais de si, expressar sentimentos em relação aos colegas de grupo, solucionar problemas sem apresentar comportamentos agressivos e seguir regras apenas com o auxílio do controle positivo. Nessas comunidades o uso do controle aversivo é muito comum, a proposta da análise do comportamento do uso de contingências de controle através do reforço positivo é difícil de ser instalado e mantido. No entanto, o trabalho nesta comunidade mostrou que um programa de intervenção em grupo consistente pode alterar padrões de comportamentos anteriormente aprendidos. Além de auxiliar o desenvolvimento pessoal de adolescentes em risco e ajudar a diminuir problemas sociais severos, como a violência cotidiana.

Comunicação Oral: “Adolescência: o que dizem terapeutas comportamentais”

Lívia Cunha - Universidade da Amazônia, Evelyn Costa - Universidade da Amazônia, João Carmo - Universidade Federal de São Carlos

Há diferentes perspectivas teóricas em torno do fenômeno social chamado de adolescência, algumas das quais têm maior penetração na mídia e nas declarações do senso comum. É freqüente declarações de que a adolescência é uma fase em que predominam comportamentos desadaptativos, rebeldes, o que remete a uma naturalização e patologização da adolescência. A Análise do Comportamento considera os aspectos biológicos envolvidos no comportamento (particularmente o nível filogenético), e outros fatores determinantes, como a ontogênese e a cultura, colocando-se contrária a posições que naturalizam as chamadas fases de desenvolvimento ou patologizam determinando fenômenos, como é o caso da adolescência. Sendo uma ciência histórica e entendendo o desenvolvimento como composto de processos filogenéticos, operantes e culturais, há necessidade de formalizar suas declarações em torno de categorias amplas de desenvolvimento, como infância e adolescência. O presente estudo objetivou investigar o posicionamento de terapeutas comportamentais sobre como a Análise do Comportamento define adolescência e a contribuição dessa para os estudos do desenvolvimento humano. Entrevistaram-se cinco terapeutas comportamentais, com tempo de atuação entre dois a vinte anos. As participantes apontaram que não há uma definição comum de adolescência, porém consideram aspectos filogenéticos e, principalmente, fatores individuais e culturais. Quanto à filogênese, reconheceram a influência biológica, como as modificações hormonais; contudo, deram pouca ênfase por não atribuírem importância a este aspecto em sua prática clínica. Dentre os fatores individuais, destacaram a história do indivíduo e as contingências disponibilizadas a ele. Enfatizaram a aquisição de novos repertórios, em geral julgados como inadequados pelos pais e outros indivíduos. Uma participante ressaltou questões referentes ao âmbito histórico e social, entendendo adolescência como uma criação cultural. Três terapeutas identificaram o termo “aborrescente” como um adjetivo que denigre e não contribui para o trabalho com os adolescentes. Quanto às contribuições dadas pela Análise do Comportamento, todas descrevem o trabalho com a família como imprescindível, pois em geral os pais, enquanto pessoas significativas para este adolescente, fornecem regras incompatíveis com as contingências em vigor. A expectativa permanece em manter o controle, na maioria das vezes

aversivo, sobre os filhos adolescentes, sem observar as mudanças que ocorrem com os mesmos. Logo, devem aprender a melhor governar regras compatíveis com as contingências. Três participantes enfatizam a aprendizagem da análise funcional para que o adolescente possa discriminar os seus comportamentos em determinados ambientes. Depreende-se que a referência de adolescência não está necessariamente ligada a uma fase, e sim como um organismo se comporta.

Mesa Redonda: “Experimentos e Quase-Experimentos Sobre Cultura: metodologia e resultados empíricos”

Daniele Ortu - UNT (University of North Texas), Thomas Woelz - UNT (University of North Texas), Sigrid Glenn - UNT (University of North Texas), João Mariano Pereira - PUC-SP, Maria Amalia Andery - PUC-SP, Angelo Sampaio - PUC-SP

Coordenador: Angelo Sampaio - PUC-SP

A análise do comportamento lida há décadas com o tema da cultura. A maioria dos esforços têm sido de caráter interpretativo ou conceitual. Recentemente, contudo, as preocupações metodológicas e empíricas têm ganhado força. A presente atividade busca apresentar e discutir os resultados de algumas tentativas de estudar empiricamente este fenômeno. Dois experimentos com diferentes delineamentos e quase-experimentos conduzidos por um cientista social serão apresentados e seus métodos e dados discutidos.

Apresentação 1:

Pesquisas anteriores sobre o Dilema do Prisioneiro Iterado sugerem que dois jogadores aprendem a maximizar ganhos individuais ao cooperar ao invés de defectar, mas ao aumentar o número de jogadores a cooperação torna-se crescentemente improvável. Uma versão modificada do Dilema do Prisioneiro Iterado com n-jogadores foi utilizado para analisar como um agente selecionador externo pode determinar a formação de padrões estáveis de cooperação ou defecção. Em jogos com 2 a 5 jogadores, os jogadores foram instruídos que seriam donos de uma empresa. Cada jogador, olhando o monitor de um computador, escolhia cooperar ou defectar em cada ciclo do jogo. Feedback do mercado relativo ao lucro ou a perdas da empresa foram recebidos por todos jogadores. Esse feedback do mercado foi utilizados como um agente selecionador externo. Lucros e perdas da empresa foram adicionados aos ganhos individuais por cooperar e defectar. Os lucros e perdas foram manipulados pelo experimentador para controlar o nível de cooperação/defecção e o feedback foi dado em um esquema de VR2-ciclos (arranjo de metacontingência). Um design A-B-A foi usado para verificar o efeito das metacontingências em mudanças na cooperação ou defecção entre jogadores. Os resultados sugerem que o nível de cooperação é fortemente influenciado pelo selecionador externo.

Apresentação 2:

O presente estudo teve como objetivo construir um análogo experimental de metacontingências. O experimento foi iniciado com um participante que trabalhava em um computador. . Em cada tentativa, 4 números eram apresentados na tela em uma fileira e o participante digitava outros 4 números em uma fileira imediatamente abaixo. Se a soma de cada coluna (número apresentado pelo computador + número digitado pelo participante) fosse um número ímpar, eram acrescentados pontos (trocáveis por dinheiro no final da sessão) a um contador na tela. Cada coluna que somasse um número par produzia a retroação de pontos. Estas somas não eram visíveis para o participante. Quando o comportamento de P1 se estabilizou, um segundo participante foi introduzido e as mesmas contingências mantiveram-se para os dois participantes, trabalhando lado a lado diante de uma mesma tela de computador, produzindo comportamentos independentes. Para responder às perguntas: (a) haveria seleção de contingências entrelaçadas e seu produto agregado, se tal produto produzisse consequências para ambos os participantes e (b) tal seleção teria efeitos sobre sucessivas gerações de participantes, as seguintes manipulações foram introduzidas: (a) quando a soma dos 4 números digitados por um participante era maior/ menor que a soma dos números digitados pelo outro, ambos os participantes recebiam bônus (trocados por dinheiro), independente dos pontos contingentes às colunas; (b) quando a dupla atingia critério de estabilidade um dos participantes era substituído por um participante ingênuo. Dois experimentos com estas características foram conduzidos. Os resultados do Experimento 1, do qual participaram 6 adultos (formando 6 gerações) sugeriram a ocorrência da seleção do produto agregado, uma vez que 3 duplas sistematicamente produziram bônus. No entanto, o exame das topografias de respostas (números digitados) mostrou que um participante sistematicamente escolheu apenas certos números, indicando a possibilidade de ausência de contingências entrelaçadas. No segundo experimento, do qual participaram 7 adultos (7 gerações) foram feitas pequenas mudanças no aparato para tornar a liberação de bônus mais saliente e aumentou-se a magnitude dos bônus. Os resultados mais uma vez sugeriram a seleção de contingências entrelaçadas e seu produto agregado, uma vez que as duplas de 3 gerações sistematicamente produziram bônus. O exame das topografias de respostas individuais fortaleceu esta interpretação. A discussão enfatiza que o modelo experimental utilizado parece útil para esse tipo de investigação e pesquisas futuras que utilizem variações dele podem produzir resultados experimentais sobre análogos de metacontingências.

Apresentação 3:

A dificuldade em se estabelecer um programa de pesquisa sobre práticas culturais, cultura e evolução cultural na Análise do Comportamento deve-se em parte a questões conceituais (sobre as unidades de análise pertinentes e a complexidade inerente às culturas) e metodológicas (ausência de procedimentos experimentais adequados e timidez na exploração de alternativas metodológicas pertinentes). As propostas de S. Glenn e M. Harris têm contribuído para a elucidação das questões

conceituais, mas ainda não dispomos de estudos empíricos que validem suas proposições. Um modo de lidar com as questões metodológicas pode ser o uso criterioso da quase-experimentação, uma busca sistemática pelo estabelecimento empírico de relações funcionais entre eventos com limites ao controle de variáveis, mas com dados sobre condições nas quais a variável independente está presente e condições em que ela está ausente. Com os objetivos de explorar as possibilidades da quase-experimentação no estudo específico da cultura e de discutir as propostas de Glenn e Harris a partir de dados empíricos, nos voltamos para a obra do geógrafo Jared Diamond, que tem advogado o uso de quase-experimentos no estudo da cultura e compartilha pressupostos metodológicos e filosóficos com a Análise do Comportamento. O foco da análise foi a interpretação de Diamond sobre os destinos das colônias vikings, para o que foram tomados como centrais os capítulos do livro Colapso que tratam das colônias vikings medievais no Atlântico Norte. Trechos dos capítulos foram categorizados e fontes de informação adicionais (textos citados em Colapso) foram consultadas. Buscou-se (1) identificar aspectos do texto que caracterizariam metodologicamente o trabalho de Diamond como a construção de quase-experimentos sobre os vikings e (2) indicar o que tais quase-experimentos sugerem a respeito (2.1) da unidade de análise de práticas culturais, (2.2) da pertinência dos conceitos de metacontingência e macrocontingência e (2.3) da posição de Diamond sobre a complexidade das culturas e sua relação com o princípio do determinismo infra-estrutural de Harris. Os resultados da análise de Colapso indicam que quase-experimentos sobre a cultura são possíveis e podem gerar resultados produtivos já que permitiriam inclusive afirmar relações funcionais entre eventos que seriam relevantes para a compreensão do fenômeno cultural – como indica a sugestão de Diamond de que cinco conjuntos de fatores (dano ambiental, mudança climática, sociedades vizinhas hostis, diminuição do apoio de parceiros comerciais e “a resposta da sociedade aos seus problemas”) são relevantes para o destino das sociedades. A distinção entre causas mediatas e imediatas também indica uma separação entre variáveis relevante para o estudo de culturas passadas ou presentes. Nossa análise ainda aponta aspectos metodológicos pertinentes à condução de estudos quase-experimentais sobre a cultura.

Mesa Redonda: “Transtornos de Imagem Corporal e Análise do Comportamento: descrição de intervenções em casos específicos”

Josy de Souza Moriyama - UEL, Kellen Martins Escaraboto - Universidade Norte do Paraná, Myrna Chagas Coelho - UEL/IACEP

Coordenador: Josy de Souza Moriyama – UEL

Apresentação 1:

O Transtorno Dismórfico Corporal (TDC) tem sido diagnosticado em indivíduos que apresentam uma preocupação exagerada com algum defeito mínimo ou imaginado em sua aparência física. Alguns comportamentos comumente apresentados são: checagem no espelho; tentativas de camuflar o

defeito; perguntas freqüentes sobre a parte do corpo de preocupação; comparações com outras pessoas; busca por tratamentos estéticos; isolamento social. O TDC tem sido considerado como um transtorno de difícil tratamento. A maioria dos estudos, que descrevem o tratamento, são psiquiátricos e consistem em comparações entre grupos. Estes estudos buscam avaliar a eficácia de medicamentos ou técnicas comportamentais e cognitivo-comportamentais. Pesquisas que englobam indivíduos em um mesmo grupo, a partir de classes de resposta similares, não representam uma escolha metodológica pautada na Análise do Comportamento, sendo incompatíveis com seu arcabouço teórico. O presente trabalho optou pela metodologia de caso único, ao descrever o tratamento de um adolescente que apresentava comportamentos típicos do TDC. Esta alternativa pode ser considerada útil tanto para pesquisadores, que têm buscado fatores específicos que causam mudanças em terapia, como para os clínicos. Além disso, está fundamentada nos pressupostos da Análise do Comportamento, de que cada indivíduo é único e tem seus comportamentos desenvolvidos e mantidos por contingências de reforçamento específicas. Inicialmente foram coletadas informações da história de contingências do participante, que provavelmente estivessem relacionadas ao desenvolvimento de seus comportamentos-problema. Também foram investigadas contingências atuais em operação. Com os dados coletados, foi feita uma análise funcional descritiva, que possibilitou a seleção dos comportamentos-alvo a serem enfocados nas intervenções subseqüentes. O objetivo terapêutico foi aumentar a freqüência de comportamentos incompatíveis a comportamentos indicativos de problemas no repertório social, escolhidos como alvo do tratamento. Como objetivo indireto buscou-se levar o participante a descrever relações funcionais cada vez mais elaboradas, entre seus comportamentos e as contingências ambientais. Comportamentos sociais também puderam ser observados e modelados na própria relação terapêutica, utilizando como estímulos reforçadores, o reforço social da terapeuta. Como resultado da intervenção, aumentaram comportamentos relacionados ao repertório social, assim como, verbalizações de descrições de relações entre contingências ambientais e comportamentos. Os comportamentos típicos do TDC diminuíram mesmo não tendo sido diretamente enfocados. Estes resultados indicam que contingências de reforçamento do repertório geral do paciente foram alteradas. Preconiza-se o sucesso da psicoterapia analítico-comportamental pautada na Análise Funcional individual, assim como a utilidade de pesquisas de efetividade dos processos terapêuticos.

Apresentação 2:

A Psicoterapia Comportamental vem se destacando, nos últimos anos, em relação aos transtornos ditos alimentares, uma vez que tem se apresentado como uma abordagem psicoterápica comprovadamente eficaz. Foco de crescente atenção, a anorexia nervosa é, de acordo com DSM IV, categorizada como um transtorno alimentar onde existe uma recusa da pessoa em comer por considerar-se gorda, associada a uma distorção da imagem corporal. Esta recusa esta associada a um medo intenso de ganhar peso, mesmo o indivíduo estando bem abaixo do peso considerado adequado à sua idade e altura (geralmente 15%). Dessa forma, o indivíduo anoréxico cria diferentes

tipos de estratégias para que possa atingir seus objetivos, sejam eles: não engordar, conseguir ter o corpo da forma como o idealiza ou de acordo com o padrão social de beleza vigente. Estes comportamentos podem então acarretar até mesmo riscos vitais, uma vez que ocorre uma debilitação do organismo. Neste caso, é tarefa do terapeuta verificar a função de tais comportamentos e promover estratégias interventivas que irão variar de acordo com as condições clínicas do cliente e da análise funcional do caso. Sendo assim, têm-se como proposta do presente trabalho discutir tais aspectos relacionados à anorexia nervosa e as estratégias utilizadas, principalmente no que se refere à questão do vínculo terapêutico e a distorção da imagem corporal, através da apresentação de um caso clínico, o qual tem sido atendido em clínica particular na cidade de Londrina/PR/Brasil. Também é objetivo propor questionamentos e discussões em relação a tal distúrbio, contribuindo assim para a ampliação do repertório de terapeutas comportamentais, bem como para a difusão da terapia comportamental na comunidade participante. Percebe-se portanto, que só fazer com que o paciente retome o comportamento de comer não basta. É preciso mais, é preciso fazê-lo entender, sentir, analisar e buscar por estratégias mais adequadas, experimentando novos padrões de comportamento, os quais possibilitem não só o enfrentamento do medo de ganhar peso, como também priorizem novas estratégias de qualidade de vida.

Apresentação 3:

Na bulimia as pessoas ingerem grandes quantidades de alimentos e depois utilizam de métodos compensatórios tais como vômitos auto-induzidos, uso de laxantes e/ou diuréticos e práticas de exercícios extenuantes como forma de evitar o ganho de peso. Como não há perda de peso, médicos e familiares têm dificuldades de detectar o problema, embora traga grande sofrimento emocional e físico para a pessoa. O presente trabalho optou pela metodologia de caso único, ao descrever o tratamento de R. sexo masculino, 21 anos, solteiro, classe média alta. Todo o trabalho realizado foi fundamentado nos pressupostos da Análise do Comportamento. Inicialmente realizou-se sessões de avaliação para descrever as classes comportamentais clinicamente relevantes e que seriam alvos de intervenção. Em seguida, iniciou-se o trabalho de intervenção envolvendo sessões de informações ao cliente a respeito da bulimia, uso de diários alimentares para se detectar horários e momentos onde aumentava a suscetibilidade do cliente aos ataques bulímicos e a identificação da relação destes ataques com contingências atuais em operação. A história de vida do cliente também foi investigada com o propósito de identificar as vivências prévias cujos efeitos poderiam estar sendo observados nos comportamentos atuais. Buscou-se, contudo, fazer análise funcional de classes comportamentais relevantes, e modelar a percepção do cliente de forma que o mesmo fosse capaz de identificar as contingências em operação e exercer um grau maior de controlabilidade sobre elas. Mudanças de hábitos e rotinas foram implementadas de forma que pudessem levar a uma exposição maior a reforçadores sociais e diminuísse o engajamento em episódios de comer compulsivo, vômitos e em atividades físicas exageradas compensatórias. Enfim, os objetivos do tratamento consistiram em melhorar o autoconhecimento, desenvolver autocontrole e aumentar repertório comportamental de

auto confiança, assertividade e valorização de atributos pessoais não ligados a aparência física. Os resultados obtidos foram significativos, houve redução total dos ataques bulímicos e da utilização dos métodos compensatórios, assim como, grande melhora no repertório social do cliente aumentando sua exposição a reforçadores sociais. Com isso observou-se o aumento de relatos sobre sentimentos de maior satisfação em relação a si próprio e em relação a vida.

Mesa Redonda: “Estudos de Casos Clínicos à Luz da Terapia Molar e de

Autoconhecimento”Fernando C. A. Rocha - IBAC, Jamile Coelho Bacellar Costa - IBAC, Marianna Braga de Oliveira Borges - IBAC**Coordenador:** João Vicente de S. Marçal - UniCEUB/IBAC

Os casos apresentados nesta Mesa Redonda foram desenvolvidos com base em uma sistematização behaviorista radical, que é a Terapia Molar e de Autoconhecimento. O objetivo de um enfoque molar de contingências é desenvolver uma análise mais ampla da vida do cliente, através da identificação de padrões comportamentais, das variáveis históricas envolvidas na sua aquisição, bem como as contingências atuais mantenedoras destes. Autoconhecimento, produto da discussão desta Análise com o cliente, além de ter função de facilitar o processo de mudança interferindo na motivação do cliente para engajar-se em situações terapêuticas, contribui para aquisição do comportamento de analisar funcionalmente suas contingências, aumentando assim sua autonomia.

Apresentação 1:

Aos 65 anos, Raul (nome fictício) passa pela “pior fase da vida”: há três anos com diagnóstico de Transtorno de Humor Bipolar (THB), sua esposa, também com 65 anos foi diagnosticada, há um ano e meio, com Esclerose Lateral Amiotrófica, uma doença neurodegenerativa, progressiva e fatal, que compromete os movimentos voluntários dos músculos, mas preserva as funções cognitivas, resultando numa espécie de prisão dentro do próprio corpo. Licenciado do trabalho; com a proximidade da aposentadoria, indesejada, mas demandada pela esposa, que resultará em significativa redução de remuneração; com sérios problemas financeiros e crescentes custos de manutenção da qualidade de vida, própria e da esposa; com relacionamentos difíceis com os filhos; cuidando da sogra diabética e com Alzheimer; com claro conhecimento da evolução do quadro da esposa; e lidando com as dificuldades decorrentes das medicações, o cliente chegou deprimido à terapia, procurando tornar-se mais eficiente para atender às demandas que a esposa passa a exigir e se entender melhor. Num caso de difícil manejo das contingências, tendo a análise molar de contingências como ferramenta na produção de autoconhecimento, com dificuldades originadas pela urgência por resultados práticos, cliente e terapeuta identificaram condições históricas e familiares e outras atuais que favoreceram o desenvolvimento e mantém comportamentos pouco funcionais e, a partir disso, procuraram traçar objetivos terapêuticos e estratégias para alcançá-los.

Apresentação 2:

R.D., 32 anos, procurou terapia com a queixa de dificuldade de habilidades assertivas e por sentir-se mal por ter uma vida dupla, em que as traições eram buscadas quando havia algum conflito com sua esposa. O cliente chegou à terapia contando, com facilidade, aspectos de sua história de vida, que o marcaram, repertório este adquirido em terapias anteriores. Utilizando a Análise Molar de Contingências foi possível identificar padrões comportamentais, as formas de aquisição destes, bem como suas conseqüências mantenedoras de modo completo e não episódico, que contribuíram eficazmente para ampliar a compreensão do caso em questão.

Apresentação 3:

P.J., 21 anos, inicia a terapia com um diagnóstico de TOC, tendo certeza de que é louco e com pouca esperança de mudar. Relata que seus contatos sociais são mínimos e que quase não sai de casa, por causa dos pensamentos intrusivos, principalmente de cunho sexual e de contaminação, que lhe atormentam constantemente. O cliente passa a maior parte do tempo engajado em comportamentos compulsivos que aliviam as recorrentes obsessões. Com o desenrolar da Terapia Molar e de Autoconhecimento, fica claro que o reforço negativo dos rituais tem uma função especial em sua vida, e a partir daí se instala a questão da falta de motivação para mudança. Um caso desafiador, em que a relação entre terapeuta e cliente tem se mostrado determinante no processo de mudança.

Simpósio: "Existem Relações Entre Depressão, Ansiedade e Compulsão e Obesidade?"

Camila Bittar - UCG, Elisa Sanábio - UCG, Camila Souza - UCG, Sônia Neves - UCG, Myriam Rodrigues - Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, Doralice Pires - Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia

Coordenador: Myriam Rodrigues - Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia

Debatedor: Mariangela Gentil Savóia - AMBAN – Ipq- HC- FMUSP

Pouco se conhece sobre a etiologia da obesidade; especula-se que essa seja proveniente de uma interação de fatores genéticos, psicológicos, socioeconômicos e culturais. Sabe-se que o peso e a saciedade dos adultos são mantidos sistemas complexos que envolvem processos químicos, hormonais e neurais. Sinais de apetite e saciedade são elaborados no hipotálamo; as atividades desse órgão são determinadas pelas interações entre neurotransmissores. Hábitos alimentares e estresse/ansiedade interferem diretamente no funcionamento desse sistema podendo promover desequilíbrio no controle da saciedade, através da redução de serotonina e aumento da liberação de cortisol. Baixos níveis de serotonina (neurotransmissor) têm influência direta no desenvolvimento de angústia, dificuldade na capacidade de controle de estresse, ansiedade e alterações do apetite. Níveis aumentados de cortisol, provenientes de estresse, geram maior depósito gordura do que sua

oxidação. A produção e inibição desses neurotransmissores dependem de hábitos alimentares saudáveis e promoção de qualidade de vida. Estudos demonstram que os obesos comem mais que não obesos quando estão deprimidos e ansiosos, sendo estes antecedentes principais de seus excessos alimentares; e mostram estreita relação com estados afetivos com crenças e pensamentos desadaptados e o comer em excesso. Pesquisas com o objetivo de aprofundar no estudo das relações entre aspectos psicológicos e obesidade são necessárias. Esse simpósio tem o intuito de debater o quanto esses aspectos interferem na causa, tratamento e consequência da obesidade.

Apresentação 1:

A paciente A foi encaminhada ao hospital escola da Universidade Católica de Goiás, onde infanto-juvenis obesos e suas famílias são atendidas por uma equipe composta por nutricionistas, médicos e psicólogos. A utilizava fluoxetina, apresentava queixas de nervosismo, brigas com a filha e dificuldade de perder peso, mesmo freqüentando o programa oferecido pela equipe. Após a identificação de dados relevantes relacionados à sua história de vida, definiu-se, como objetivo terapêutico, melhorar suas relações familiares visando melhora dos sintomas da depressão. Intervenções com base na terapia analítico comportamental, enfatizando a análise funcional das respostas problema, foram introduzidas. Observou-se diminuição na freqüência de brigas com a filha, mudanças na percepção da dependência do cônjuge e aumento da freqüência de comportamentos de auto-cuidado.

Apresentação 2:

Esse estudo objetivou verificar relações entre índices de depressão, ansiedade e compulsão com a obesidade em dez crianças e cinco adolescentes obesos e seus 15 cuidadores. Foram utilizados os inventários de depressão e ansiedade: BDI, CDI, BAI e MASC e a escala de compulsão alimentar periódica ECAP. Resultados mostraram que quatro dos cinco adolescentes obtiveram escores leve, mínimo ou ausente de depressão, ansiedade e compulsão. Apenas uma mãe apresentou nível de ansiedade grave e compulsão moderada. Um adolescente e sua mãe mostraram níveis moderado ou grave em todas as medidas. Dados das crianças apresentaram maior freqüência de ansiedade. As demais medidas tanto das crianças quanto das suas mães tendem a normalidade. A obesidade parece não apresentar relações com essas disfunções emocionais.

Mesa Redonda: “ Discussões em Terapia Analítico-Comportamental de Casos ‘Psiquiátricos’ Difíceis: como podemos produzir mudanças comportamentais?”

Nicodemos Borges - Paradigma/UNISA/UNIP, Denise Vilas Boas - UNIFOR, Maria Angela Gobbo – Paradigma

Coordenador: Nicodemos Borges - Paradigma/UNISA/UNIP

Sabe-se que comportamento, na perspectiva analítico-comportamental, é a relação entre organismo e ambiente, mais especificamente entre as respostas emitidas pelo organismo e pelas variáveis do ambiente que se relacionam com esta resposta. Esta compreensão permite ao analista do comportamento atuar, tanto sobre as respostas do organismo, como sobre as variáveis do ambiente para produzir mudanças comportamentais. Tem sido cada vez mais freqüente dizer que o analista do comportamento que atua na clínica intervém freqüentemente sobre o cliente (organismo que se comporta) e desta maneira produz mudanças na interação dele com seu meio. Diz-se ainda, que a intervenção é feita após uma avaliação funcional, ou seja, identificação das respostas-problema e das variáveis que a controlam. Apesar de saber tudo isto e de conseguirmos êxito em muitos casos, nem sempre é fácil alterar esta relação entre o nosso cliente e seu meio, deste modo o comportamento. Esta mesa visa promover a discussão de casos clínicos considerados “difíceis”, em que o terapeuta enfrenta dificuldades em intervir produzindo mudanças significativas, ou em outros casos na manutenção das mudanças produzidas e como estes casos têm sido encaminhados. Para isso apresentar-se-á três casos clínicos atendidos e/ou supervisionados pelos membros da mesa. O primeiro, rapaz com diagnóstico de transtorno obsessivo-compulsivo e suspeita de transtorno de personalidade anti-social, com episódios de agressividade e internações e a necessidade do envolvimento da família no processo terapêutico. O segundo, rapaz com hipótese diagnóstica de transtorno de personalidade borderline, que chegou para atendimento com queixa de fibromialgia, o que o impede de exercer algum tipo de atividade remunerada, além disso, apresenta compulsão sexual, podendo-se perceber que ele possui um repertório comportamental restrito e assim, produz poucos reforçadores em sua vida. O terceiro, rapaz que chegou com queixa de crises de ansiedade somado ao uso abusivo de álcool e traços de fobia social.

Apresentação 1:

Sabe-se que comportamento, na perspectiva analítico-comportamental, é a relação entre organismo e ambiente, mais especificamente entre as respostas emitidas pelo organismo e pelas variáveis do ambiente que se relacionam com esta resposta. Esta compreensão permite ao analista do comportamento atuar, tanto sobre as respostas do organismo, como sobre as variáveis do ambiente para produzir mudanças comportamentais. Tem sido cada vez mais freqüente dizer que o analista do comportamento que atua na clínica intervém freqüentemente sobre o cliente (organismo que se comporta) e desta maneira produz mudanças na interação dele com seu meio. Diz-se ainda, que a intervenção é feita após uma avaliação funcional, ou seja, identificação das respostas-problema e das variáveis que a controlam. Apesar de saber tudo isto e de conseguirmos êxito em muitos casos, nem sempre é fácil alterar esta relação entre o nosso cliente e seu meio, deste modo o comportamento. Esta mesa visa promover a discussão de casos clínicos considerados “difíceis”, em que o terapeuta enfrenta dificuldades em intervir produzindo mudanças significativas, ou em outros casos na manutenção das mudanças produzidas e como estes casos têm sido encaminhados. Para isso apresentar-se-á três casos clínicos atendidos e/ou supervisionados pelos membros da mesa. O

primeiro, rapaz com diagnóstico de transtorno obsessivo-compulsivo e suspeita de transtorno de personalidade anti-social, com episódios de agressividade e internações e a necessidade do envolvimento da família no processo terapêutico. O segundo, rapaz com hipótese diagnóstica de transtorno de personalidade borderline, que chegou para atendimento com queixa de fibromialgia, o que o impede de exercer algum tipo de atividade remunerada, além disso, apresenta compulsão sexual, podendo-se perceber que ele possui um repertório comportamental restrito e assim, produz poucos reforçadores em sua vida. O terceiro, rapaz que chegou com queixa de crises de ansiedade somado ao uso abusivo de álcool e traços de fobia social.

Apresentação 2:

Sabe-se que comportamento, na perspectiva analítico-comportamental, é a relação entre organismo e ambiente, mais especificamente entre as respostas emitidas pelo organismo e pelas variáveis do ambiente que se relacionam com esta resposta. Esta compreensão permite ao analista do comportamento atuar, tanto sobre as respostas do organismo, como sobre as variáveis do ambiente para produzir mudanças comportamentais. Tem sido cada vez mais freqüente dizer que o analista do comportamento que atua na clínica intervém freqüentemente sobre o cliente (organismo que se comporta) e desta maneira produz mudanças na interação dele com seu meio. Diz-se ainda, que a intervenção é feita após uma avaliação funcional, ou seja, identificação das respostas-problema e das variáveis que a controlam. Apesar de saber tudo isto e de conseguirmos êxito em muitos casos, nem sempre é fácil alterar esta relação entre o nosso cliente e seu meio, deste modo o comportamento. Esta mesa visa promover a discussão de casos clínicos considerados “difíceis”, em que o terapeuta enfrenta dificuldades em intervir produzindo mudanças significativas, ou em outros casos na manutenção das mudanças produzidas e como estes casos têm sido encaminhados. Para isso apresentar-se-á três casos clínicos atendidos e/ou supervisionados pelos membros da mesa. O primeiro, rapaz com diagnóstico de transtorno obsessivo-compulsivo e suspeita de transtorno de personalidade anti-social, com episódios de agressividade e internações e a necessidade do envolvimento da família no processo terapêutico. O segundo, rapaz com hipótese diagnóstica de transtorno de personalidade borderline, que chegou para atendimento com queixa de fibromialgia, o que o impede de exercer algum tipo de atividade remunerada, além disso, apresenta compulsão sexual, podendo-se perceber que ele possui um repertório comportamental restrito e assim, produz poucos reforçadores em sua vida. O terceiro, rapaz que chegou com queixa de crises de ansiedade somado ao uso abusivo de álcool e traços de fobia social.

Apresentação 3:

Sabe-se que comportamento, na perspectiva analítico-comportamental, é a relação entre organismo e ambiente, mais especificamente entre as respostas emitidas pelo organismo e pelas variáveis do ambiente que se relacionam com esta resposta. Esta compreensão permite ao analista do

comportamento atuar, tanto sobre as respostas do organismo, como sobre as variáveis do ambiente para produzir mudanças comportamentais. Tem sido cada vez mais freqüente dizer que o analista do comportamento que atua na clínica intervém freqüentemente sobre o cliente (organismo que se comporta) e desta maneira produz mudanças na interação dele com seu meio. Diz-se ainda, que a intervenção é feita após uma avaliação funcional, ou seja, identificação das respostas-problema e das variáveis que a controlam. Apesar de saber tudo isto e de conseguirmos êxito em muitos casos, nem sempre é fácil alterar esta relação entre o nosso cliente e seu meio, deste modo o comportamento. Esta mesa visa promover a discussão de casos clínicos considerados “difíceis”, em que o terapeuta enfrenta dificuldades em intervir produzindo mudanças significativas, ou em outros casos na manutenção das mudanças produzidas e como estes casos têm sido encaminhados. Para isso apresentar-se-á três casos clínicos atendidos e/ou supervisionados pelos membros da mesa. O primeiro, rapaz com diagnóstico de transtorno obsessivo-compulsivo e suspeita de transtorno de personalidade anti-social, com episódios de agressividade e internações e a necessidade do envolvimento da família no processo terapêutico. O segundo, rapaz com hipótese diagnóstica de transtorno de personalidade borderline, que chegou para atendimento com queixa de fibromialgia, o que o impede de exercer algum tipo de atividade remunerada, além disso, apresenta compulsão sexual, podendo-se perceber que ele possui um repertório comportamental restrito e assim, produz poucos reforçadores em sua vida. O terceiro, rapaz que chegou com queixa de crises de ansiedade somado ao uso abusivo de álcool e traços de fobia social.

Palestra: “A Hora e a Vez das Análises e das Sínteses Comportamentais”

Roberto Alves Banaco - Paradigma/PUC-SP

Os métodos da análise do comportamento, como seu próprio nome aponta, prioriza que os fenômenos a serem estudados sejam “partidos”, “quebrados” em pequenas unidades, com vistas à obtenção de descrições precisas sobre as variáveis relevantes que os controlam. No entanto, no momento da aplicação dos conhecimentos oriundos desse conhecimento, o controle experimental é bastante diminuído, e os elementos possíveis de serem levados em consideração para o entendimento do caso são muitos e diversos. Neste momento, poder focar os vários controles que operam sobre o fenômeno em questão parece ser a melhor conduta para o analista do comportamento, permitindo uma melhor intervenção sobre o caso. Este trabalho tem como objetivo apontar o momento do estudo experimental sobre um fenômeno (a análise) e o momento de aplicação do conhecimento sobre um problema de comportamento (síntese).

Mesa Redonda: “Terapia por Contingências de Reforçamento com adultos: déficits de comportamento para estabelecer vínculos afetivos, auto-estima e mudança nos atos verbais de um cliente homossexual”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Camila Magnet - IAC-Campinas e ITCR-Campinas, Emanuelle Corrêa - Faculdade Salesiana de Vitória, Nivia de Sousa Pereira - Faculdade Salesiana de Vitória, Aline Villaschi - Faculdade Salesiana de Vitória, Clovis Pereira do Nascimento - Faculdade Salesiana de Vitória, Cybelle Olivier de Araújo - Faculdade Salesiana de Vitória, Priscila Maria de Lima Ribeiro - ITCR-Campinas, Valéria B. Peres - ITCR-Campinas, Raquel Martins Sartori - UNIFEV/ITCR-Campinas

Coordenador: Renata Cristina Gomes - Faculdade Salesiana de Vitória

Mesa Redonda: “Psicologia da Saúde no Brasil: áreas de atuação”

Fani Eta Korn Malerbi - PUC-SP, Maria Cristina O.S. Miyazaki - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, Tânia Rudnicki - PUC-RS

Coordenador: Fani Eta Korn Malerbi - PUC-SP

Apresentação 1:

O objetivo desta apresentação é discutir a contribuição da Psicologia para o cuidado e tratamento do diabetes e apresentar os dados obtidos através de uma pesquisa, cujo objetivo foi traçar o perfil dos psicólogos brasileiros que trabalham nessa área. Para identificar esses profissionais, foram enviadas cartas a todos os psicólogos filiados à Sociedade Brasileira de Diabetes (SBD), foram feitas chamadas nos sites da SBD, da Associação de Diabetes Juvenil (ADJ) de São Paulo, do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e foram publicados anúncios no jornal do CFP. Em todos esses locais, era fornecido um email para o profissional retornasse. Para os profissionais que afirmaram exercer um trabalho com portadores de diabetes, foi enviado um questionário via email. O objetivo do questionário era obter vários dados incluindo formação do profissional, filiação teórica, local de atuação, atividades desenvolvidas, população com a qual trabalhava, participação em equipe, pesquisas realizadas e necessidade de treinamento específico. Trinta psicólogos (29 mulheres e um homem), com idades entre 26 a 61 anos (média 41,9 e DP 11,2) que trabalhavam com diabetes, em média, havia 6 anos (DP=5,7) preencheram os questionários e os enviaram via email.

Apresentação 2:

Considerando o acentuado crescimento da participação de psicólogos em serviços de saúde, é importante pensar nas habilidades e competências necessárias para estes profissionais. O objetivo desta apresentação é discutir a formação de psicólogos para atuar na saúde, a partir da experiência do Serviço de Psicologia do Hospital de Base / Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. O Serviço conta com um Curso de Aprimoramento em Psicologia da Saúde subsidiado pelo Governo do Estado de São Paulo desde 1990, credenciado como especialização pela ABEP. A estrutura do curso, bem como uma breve análise dos egressos será apresentada.

Apresentação 3:

O psicólogo, nos serviços de saúde tem que se integrar em programas de promoção da saúde, prevenção da doença e de educação para a saúde de indivíduos e grupos, supondo também intervenções comunitárias, além de suas funções assistenciais mais diretas. A Psicologia da Saúde tem desenvolvido vários modelos teóricos que buscam explicar os comportamentos relacionados com a saúde, mostrando que sua relação com o sujeito, é bastante complexa, sendo mediada por diferentes variáveis, entre as quais vários atributos psicológicos como a percepção de controle, a raiva, o otimismo, a auto-eficácia, os estilos de enfrentamento ao estresse, as crenças de saúde, os estados emocionais, além de atitudes relacionadas à doença e ao tratamento. Ao ser hospitalizada, a pessoa encontra um ambiente impessoal, ameaçador e na maioria das vezes, invasivo, tendo seu ritmo de vida interrompido sob um clima de medos e expectativas. Decorrente dessa experiência ameaçadora acaba por apresentar reações emocionais adversas e, frente a um manejo muitas vezes inadequado desses sintomas, pode evoluir para a não adesão ao tratamento médico indicado. O trabalho, no contexto da instituição hospitalar objetiva a assistência, o ensino e a pesquisa nos cuidados da saúde, e como contribuição busca conteúdos que proporcionem interrogações e discussão. Contudo, considera-se que não é demais enfatizar a importância de uma abordagem conjunta, pois, o resultado será um enriquecimento mútuo, através da qualificação de vários conceitos e aplicações práticas.

Mesa Redonda: “Determinismo, Probabilidade e Comportamento”

Carolina Laurenti - UFSCAR, Alexandre Dittrich - UFPR, Carlos Eduardo Lopes – UFMS

Coordenador: Carlos Eduardo Lopes – UFMS

Apresentação 1:

Na perspectiva skinneriana, o determinismo parece ser uma das condições necessárias para o tratamento científico do comportamento. Embora uma concepção determinista do comportamento possa satisfazer algumas concepções de ciência, ela abre o flanco para inúmeras críticas à proposta skinneriana. Uma delas afirma que o determinismo encoraja a busca por previsão e controle do comportamento, tratando o homem como um mero fantoche à mercê das determinações do ambiente natural e social. Em resposta a essa crítica, a análise do comportamento declara que não assume o determinismo absoluto, mas sim, o determinismo probabilístico – supostamente uma forma mais branda de determinismo. Isso porque o comportamento é um objeto de estudo complexo, participando de relações funcionais que envolvem uma multiplicidade de variáveis. Assim, mesmo assumindo que o comportamento é determinado, devemos admitir que nosso conhecimento sobre ele é bastante modesto. Por conseguinte, previsões certas e absolutas não são a regra. Nesse caso, seria mais adequado dizer que podemos apenas fazer enunciados sobre ocorrências prováveis do comportamento. Nesse contexto, a noção de determinismo probabilístico sugere que incertezas, imprevisibilidades, e probabilidades do comportamento seriam uma questão de limites

metodológicos, e não dizem respeito à natureza do objeto de estudo. Essas limitações, a depender o grau de ceticismo envolvido, poderão ou não ser definitivamente superadas com o avanço científico. Na filosofia da ciência, o determinismo absoluto usualmente remonta à versão laplaciana de determinismo. Segundo essa concepção, se tivéssemos conhecimento preciso das condições iniciais responsáveis pela ocorrência de um dado fenômeno poderíamos conhecer com absoluto grau de certeza não só o passado, mas também o futuro. Todavia, Laplace refere-se, aqui, a uma potência cognitiva imaginária, e era cético quanto às possibilidades de o homem atingir tamanho conhecimento. Não obstante, o homem poderia, por meio do aperfeiçoamento de suas teorias e métodos, aproximar-se cada vez mais das relações necessárias e inexoráveis responsáveis pela regularidade dos fenômenos da natureza. É justamente no contexto em que discute as limitações cognitivas humanas que Laplace recorre à noção de probabilidade. Esse conceito seria nada mais do que um paliativo à ignorância da totalidade dos fatores causais. Nessa linha de raciocínio, não parece haver incompatibilidade entre determinismo laplaciano e probabilidade. Na verdade, esse tipo de determinismo parece ser consistente com a conjunção entre determinismo ontológico e probabilismo epistemológico. Se essa análise estiver correta, o determinismo probabilístico não seria uma versão escamoteada do determinismo absoluto, ao invés de uma versão alternativa ou mitigada desse conceito?

Apresentação 2:

A afirmação de que o comportamento humano é completamente determinado é constante nos textos de Skinner. Não obstante, o próprio Skinner admite que é impossível provar tal afirmação – como também é impossível, por outro lado, provar que o comportamento humano é livre. Em momentos distintos, Skinner apresenta dois argumentos especialmente relevantes em defesa do determinismo. O primeiro deles é: a psicologia, enquanto disciplina dedicada à pesquisa, naturalmente “faz a balança pender” em favor do determinismo. Se estamos interessados em descobrir porque os seres humanos fazem o que fazem, pensam o que pensam, sentem o que sentem, etc., necessariamente, ao realizar tal investigação, apontamos mais e mais variáveis que influenciam tais ocorrências. Essa busca, porém, nunca chega a um termo. Sempre será possível, para o defensor do livre arbítrio, afirmar que certos comportamentos não são determinados, ou que a determinação do comportamento nunca é completa. O defensor do livre arbítrio escora-se no fato evidente de que a psicologia nunca esgotará as possibilidades de investigação de variáveis que influenciam o comportamento; seu trunfo é a incompletude inerente a qualquer investigação científica. Assim, por mais amplas que sejam as evidências de que muitas variáveis influenciam o comportamento, isso jamais servirá, logicamente, como “prova” do determinismo: trata-se do antigo “problema da indução”. O segundo argumento de Skinner parece mais apropriado a uma filosofia pragmatista: tomar o determinismo como pressuposto é útil para o cientista do comportamento, pois se ele supõe que o comportamento é determinado, caberá sempre investigar seus determinantes. Isso evita uma postura de fácil desleixo por parte do cientista, pois se ele assumisse que certos comportamentos são ou podem ser livres, não

caberia investigar as variáveis que os determinam. Torna-se evidente que essa postura é incongruente com a própria natureza da atividade científica, em especial se considerarmos a previsão e o controle de fenômenos como os objetivos primários desta atividade. Conclui-se, assim, que o determinismo deve ser assumido pelos behavioristas radicais como um pressuposto útil – porque produtivo – para a atividade científica. Essa postura evita as dificuldades decorrentes da defesa de um determinismo ontológico. Se por definição experimentos e argumentos pró ou contra o determinismo ontológico não podem “provar” sua correção ou incorreção, o determinismo epistemológico, por outro lado, não necessita de “provas” para além da demonstração de sua utilidade, dados os objetivos da atividade científica.

Apresentação 3:

O estatuto da probabilidade no Behaviorismo Radical é um assunto controverso. A probabilidade de responder é definida, por exemplo, como a variável dependente na explicação do comportamento. Isso cria um problema suplementar quando se admite que a probabilidade enquanto tal não pode ser diretamente observada ou mesmo aferida: o que, geralmente, se faz é inferir a probabilidade a partir da freqüência de uma resposta (que não se confunde com a probabilidade propriamente dita). Além disso, no conceito de comportamento operante a probabilidade parece desempenhar um papel crucial: a conseqüência reforçadora não age sobre a resposta que a produziu (afinal ela já não existe mais), mas altera a probabilidade de emissão de futuras respostas. No entanto, a despeito dessa importância do conceito de probabilidade no Behaviorismo Radical, ela parece não participar explicitamente da definição de comportamento. Em outras palavras, quando se pergunta pelo conceito de comportamento, geralmente, a probabilidade não é mencionada na resposta. Isso fica ainda mais intrigante quando a definição de comportamento é dada em termos da relação “Estímulo-Resposta-Conseqüência”. A questão que se coloca, então, é onde está a probabilidade, que perpassa os principais conceitos do Behaviorismo Radical e da Análise do Comportamento, sem aparecer no conceito de comportamento? Uma das maneiras de buscar uma solução para essa inconsistência é voltar-se para o conceito de comportamento. O objetivo deste trabalho é justamente este: apresentar uma proposta de definição de comportamento, na qual o conceito de probabilidade participa explicitamente. Para tanto, recorreremos às noções de evento, estado e processo. Nessa proposta encontramos a probabilidade como um estado comportamental constituído e mantido por processos comportamentais (contingências) e atualizado por eventos comportamentais (respostas). Por estado comportamental entende-se uma disposição ou tendência para agir de uma certa maneira. Seguindo essa definição, o estado qua estado não é observável e sua existência é constatada pela observação de um padrão de respostas recorrente no fluxo comportamental. Uma das vantagens dessa proposta é que a relação entre eventos e estados parece justificar a defesa da probabilidade como variável dependente: a Análise do Comportamento está voltada para estados (regularidades) e não para eventos (ocorrências). Além disso, a definição de comportamento operante parece também ser

colocada em boa ordem: o operante é um estado comportamental atualizado por respostas de uma mesma classe e constituído e mantido por contingências de reforçamento.

Mesa Redonda: “História Comportamental: identificando o fenômeno e refletindo sobre ele”

Sérgio Dias Cirino - UFMG, Maria Helena Leite Hunziker - USP, Carlos Eduardo Costa - Universidade Estadual de Londrina (UEL), Raquel Fernanda Ferreira Lacerda - UEL, Lucas Roberto Pedrão Paulino - UEL

Coordenador: Sérgio Dias Cirino – UFMG

Apresentação 1:

Um texto publicado em 1990 por Wanchisen apresentou uma instigante questão para a Análise do Comportamento, a história comportamental. Desde o título do artigo "Forgetting the lessons of history" até o final do mesmo, a autora convida o leitor a uma reflexão que pode ser resumida assim: "ao enfatizarmos o papel da consequência na manutenção do comportamento não estaremos correndo o risco de perdermos a dimensão histórica?". Quase vinte anos depois, o presente trabalho pretende recolocar a questão proposta por Wanchisen e verificar avanços teóricos da área que permitam novas reflexões sobre o tema. Apoio Financeiro: Fundação Araucária Raquel F. F. Lacerda foi bolsista CNPq (PIBIC/UEL)

Apresentação 2:

Resumo: Essa apresentação visa discutir que é inerente ao comportamento a sua determinação histórica, a qual está constantemente em interação com as contingências em vigor. Porém, deve ser evitada a suposição genérica da história como uma "caixa preta", buscando-se experimentalmente dados que evidenciem essa relação pretérita. Serão apresentados alguns resultados de pesquisas que demonstram a relevância do conhecimento da história comportamental para que se possa compreender, prever e/ou controlar comportamentos, em condições que envolvam contingências operantes e drogas.

Apresentação 3:

O presente projeto pretendeu avaliar o efeito da exposição ao FR sobre o comportamento subsequente em contingências que impõem pouca restrição (FI) e muita restrição sobre a taxa de respostas (DRL). Participaram da pesquisa quatro universitários. Eles foram submetidos a quatro fases experimentais. Cada fase era constituída por seis sessões de 30 minutos de duração cada, em um mesmo programa de reforço. Os seguintes programas de reforço foram empregados, nessa ordem, FR60 - FI15 s - FR 60 e DRL 3 s. Nenhuma mudança de estímulo foi correlacionada às mudanças nas

contingências de reforço em cada fase. Dois dos quatro participantes apresentaram um efeito de persistência comportamental quando a contingência mudou de FR para FI. Entretanto, nenhum apresentou efeito de persistência quando a contingência mudou de FR para DRL. Estes resultados sugerem que quanto mais restritiva é a contingência (em relação à taxa de respostas), menor a probabilidade da apresentação de efeitos de persistência comportamental.

Mesa Redonda: “Terapia por Contingências de Reforçamento com Adultos: depressão, déficit de repertório para produzir reforços positivos e de repertórios de fuga-esquiva adequados”

Luciana Simões Miraldi - ITCR-Campinas, Alfredo Manuel Saidneuy Junior - ITCR-Campinas, Ana Carolina Guerios Felício - ITCR-Campinas

Coordenador: Luciana Simões Miraldi - ITCR-Campinas

Apresentação 3:

O objetivo do presente trabalho foi instalar repertório de comportamentos para reduzir problemas relacionados ao trabalho, ao namoro e à família. Júlia tinha 35 anos, morava com os pais e uma tia idosa. Era advogada, tinha um escritório com uma sócia e namorava André, de 31 anos, há um ano e dois meses. Júlia chegou à terapia afirmando ser “uma grande profissional, mas uma pessoa pequena”. Queria morar sozinha, mas não conseguia deixar os pais, com medo de que algo acontecesse a eles na sua ausência, embora a convivência com a tia fosse muito ruim. O escritório estava crescendo em número de clientes, mas a relação profissional com a sócia era repleta de pequenos desentendimentos por falta de habilidade da cliente em minimizar tais conflitos. No relacionamento com André, a cliente tinha dificuldades para conseqüenciar diferencialmente os comportamentos dele que contribuía para a relação daqueles que prejudicavam o namoro. Os contatos sociais de Júlia se restringiam a André, à sócia e ao namorado desta. Tinha contatos esporádicos e superficiais com pessoas ligadas a uma instituição onde a mãe trabalhava. Júlia teve uma infância bastante solitária. Na adolescência, tinha um bom desempenho escolar, mas não tinha amigas no colégio, com as quais pudesse fazer atividades não relacionadas às disciplinas lá oferecidas. Dessa forma, a história de contingências da cliente demonstra a valorização de repertórios de estudo e desempenho no trabalho em detrimento do desenvolvimento de seu repertório social. Para reduzir esse déficit de habilidades sociais que dificultava sua vida pessoal e profissional, foram usados procedimentos de modelagem para instalar um repertório de aproximações sociais; instruções e modelos para a expressão de sentimentos em relação à família e ao namorado; ensaio comportamental para expressar desagrado no trabalho e modelos para conseqüenciar com eventos, com possível função reforçadora, os comportamentos adequados do namorado e da sócia. Como resultado, Júlia passou a ter uma melhor relação com os familiares e, seis meses depois, conseguiu se mudar para um apartamento próximo à residência destes, visitando-os três vezes durante a semana. Os conflitos com a sócia foram reduzidos e Júlia generalizou seu repertório comportamental na

relação com dois advogados que entraram para compor o quadro do escritório. Júlia continua em terapia e está aprendendo a lidar com os comportamentos do namorado, de forma que a relação está se tornando mais agradável para ambos. Após passar nove meses sozinha em seu apartamento, atualmente mora com André. Ampliou suas amizades, fazendo programas que lhe são reforçadores e que não podiam ser feitos na companhia de André, pois eram aversivos a ele.

Mesa Redonda: “Terapia Comportamental Infantil: procedimentos tradicionais e o lúdico no tratamento da obesidade”

Doralice Pires - UCG, Sônia Neves - UCG, Sônia Neves - UCG, Gabriela Lopes - Universidade Federal de Goiás, Nathália Mundim - UCG, Maria José Souza - UCG, Janine Mota - UCG

Coordenador: Myrian Rodrigues - Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia

A obesidade é uma doença crônica, de gênese multifatorial, que causa grande sofrimento (físico, comportamental), prejudicando, assim a qualidade de vida da pessoa acometida por esse problema. Atualmente a obesidade tem sido alvo de grande atenção, sendo considerada até mesmo uma epidemia mundial, afetando em todo o mundo 17,6 milhões de crianças com idade inferior a cinco anos. No Brasil, assim como nos Estados Unidos cerca de 25% das crianças e adolescentes brasileiros estão acima do peso considerado saudável de acordo com idade e sexo. Essas estatísticas refletem mudanças de estilo de vida ocorridas na sociedade pós-moderna, como sedentarismo consequenciado pela preferência por jogos eletrônicos e computadores deixando de lado brincadeiras mais ativas, facilidade que alimentos congelados e/ou de rápido preparo oferecem, advento dos fast foods e propagandas maciças em toda mídia com o objetivo de aumentar o consumo de certos tipos de alimentos. Por ser um preditor de obesidade na vida adulta, a obesidade infantil torna-se um alvo importante de tratamento e prevenção. Crianças e adolescentes também têm maior facilidade de sofrerem mudanças comportamentais, por isso tornam-se um público com maior aptidão a aprendizagens funcionais, o que implica em melhor prognóstico no tratamento da obesidade e a possibilidade ação preventiva. Métodos comumente utilizados para o tratamento da obesidade, geralmente têm por objetivo a perda de peso rápido, são vistos como árduos e têm se mostrado pouco eficazes no âmbito da manutenção do peso perdido. Diante disso, a terapia comportamental por se dedicar a construção de um repertório comportamental na criança, possibilita maior capacidade de modelar novos comportamentos que passam a concorrer com comportamentos desadaptativos que já pertencem ao repertório da criança. Contudo, percebe-se na terapia comportamental infantil escassez de estudos, pesquisas e tecnologia específica no tratamento da obesidade infantil; pois os procedimentos aplicados no tratamento dessa desordem como: economia de fichas, relaxamento, reestruturação cognitiva, treinamento de pais dentre outros, são adaptações de terapias de outras patologias. Faz-se necessário, então, desenvolvimento de um tratamento específico que também considere a importância dos eventos privados, e que utilize o lúdico como instrumento pelo qual a criança pode demonstrar comportamentos, seus determinantes e encontrar

formas alternativas de comportamento. Essa mesa abordará procedimentos comportamentais atualmente aplicados na da obesidade infantil, relatará um caso de tratamento multidisciplinar feito em um grupo de crianças e irá propor uma técnica de intervenção com uso do lúdico para abordar a problemática em questão.

Apresentação 1:

Fatores comportamentais mantêm estreitas relações com a obesidade infantil e por isso a terapia faz-se importante no tratamento. O presente estudo teve como objetivo identificar através de entrevistas procedimentos utilizados pelos terapeutas comportamentais no tratamento dessa desordem. Seis terapeutas relataram que o tratamento consiste no levantamento de informações inicial e na introdução de intervenções com a participação da família. As técnicas normalmente utilizadas envolvem registro alimentar, reforçamento positivo, autocontrole e reestruturação cognitiva dentre outras. Os dados sugerem que não há procedimentos específicos no tratamento da obesidade infantil e que os tradicionalmente utilizados na terapia comportamental são adaptados. O índice de eficácia desse tratamento indica a necessidade de desenvolvimento de tecnologia específica.

Apresentação 2:

Tratamentos multidisciplinares da obesidade, com intervenções nos níveis nutricional, atividade física, médica e psicológica têm sido sugeridos como mais eficazes na literatura. O projeto multidisciplinar da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia atende grupo de 10 crianças desenvolvendo trabalho psicoterapêutico com reuniões semanais de 2 horas. Este objetivou, primeiramente, desenvolver novos comportamentos que facilitarão a condução das sessões terapêuticas através do uso de reforçamento positivo de comportamentos adequados e perda de peso. Foram identificados esperanças e temores quanto ao tratamento. Verificou-se através dos relatos a existência de problemas relacionados a auto-imagem e auto-estima. Nas sessões seguintes foram desenvolvidas técnicas para melhoria de tais problemas. Os dados mostram maior adesão, manutenção e em alguns casos perda de peso.

Apresentação 3:

Eventos privados tornaram-se relevantes na análise comportamental infantil e recursos lúdicos importantes para o acesso aos comportamentos encobertos assim como recurso para intervenção. Na estória “As girafinhas que perderam a forma” os filhotes Gina e Gil foram perdendo a forma devido aos hábitos alimentares inadequados provenientes do contexto familiar do mundo contemporâneo onde crianças têm que se tornar precocemente autônomas. O ganho de peso levou-as a exclusão social e baixa auto-estima. Mãe, Giralda, leva-as a nutricionista e a fada Galáxia vem ajudar na reeducação alimentar. Mudanças resultam em um final feliz. Essa estória foi criada objetivando levar

a criança a entrar em contato com sua problemática de forma lúdica possibilitando-a entender seu problema e também auxiliar na análise das contingências.

Palestra: "Dislexia – o que há por trás do rótulo?"

Miriam Marinotti - Paradigma

Desde seus primórdios, a Análise do Comportamento vem mantendo uma posição bastante crítica em relação a rótulos diagnósticos, por várias razões, dentre as quais podemos destacar: a recusa em adotar o modelo médico para tratar problemas comportamentais; a análise organicista e internalista subjacente a estes rótulos; a ênfase conferida a aspectos orgânicos, em detrimento de condições sócio-ambientais etc. Em relação ao conceito de "dislexia", aplicam-se todas as restrições que fazemos aos demais rótulos diagnósticos, acrescidas de outras de cunho mais específico: a) inconsistência do próprio conceito: as estimativas referentes à população de disléxicos variam muito. Por exemplo, entre 5 a 17% da população total (segundo dados divulgados no site da ABD em 03/06/08). Obviamente, não sabemos direito do que estamos falando e/ou não dispomos de procedimentos eficazes para identificar a população à qual nos referimos); b) o conceito internalista é adotado e divulgado pelas principais associações da área, associações estas que têm bastante penetração junto a escolas, pais e professores; c) com frequência, esta postura serve de pretexto para que a investigação e intervenção sobre condições ambientais adversas (casa; escola; formação e atuação dos professores, sistema educacional vigente; problemas de natureza social mais ampla etc) sejam desencorajadas em prol de um atendimento centrado exclusivamente na criança. Por outro lado, reconhecer as limitações e desvantagens da rotulação, não equivale a negar a existência de uma população que efetivamente apresenta dificuldades bastante acentuadas na aquisição da leitura, escrita e manipulação de símbolos lingüísticos de forma generalizada, a despeito de condições ambientais "aparentemente" adequadas. Também é importante reconhecer que ainda não dispomos de procedimentos realmente satisfatórios para atender a esta população. Assim sendo, esta apresentação se propõe a analisar criticamente o conceito de dislexia conforme seu uso mais freqüente e a apontar direções para que a Análise do Comportamento possa avançar em seu estudo do assunto, visando a elaboração de alternativas de atuação junto a indivíduos que apresentem dificuldades de leitura e escrita significativas.

Mesa Redonda: "Sutilezas da Sessão de Psicoterapia"

Francisca Vasconcelos - Psic, Maly Delliti - PUC-SP, Maria Zilah Brandão – Psic

Coordenador: Maly Delliti - PUC-SP

Palestra: "O Psicólogo no Hospital Geral: trabalho em equipes interdisciplinares "

Maria Cristina O.S. Miyazaki – FAMERP

O trabalho do psicólogo no hospital geral requer conhecimentos específicos e habilidades para o trabalho em grupo com profissionais de diferentes áreas. Embora uma equipe possa obter resultados que seus membros, atuando isoladamente não conseguiriam, este tipo de trabalho pressupõe conhecimentos sobre o funcionamento de diferentes tipos de equipes (colaborativas, multi, interdisciplinares); ênfase no modelo biopsicossocial de saúde; coesão e habilidade de comunicação entre os membros; compromisso com o conceito de trabalho em grupo; organização da estrutura forma e informal de trabalho; percepção da própria importância no grupo; diferentes estilos de liderança; objetivos comuns; habilidades para o manejo de conflitos; filosofia de funcionamento compatível com a política nacional e institucional de saúde, entre outros. O número de psicólogos trabalhando em instituições de saúde aumentou consideravelmente nos últimos anos. Entretanto, uma sólida formação clínica e em saúde, uma atuação pautada em dados de pesquisas e a habilidade para avaliar de forma crítica as próprias intervenções, a preocupação em formar adequadamente futuros profissionais, bem como com a qualidade e eficiência do atendimento, são imprescindíveis para a solidificação e crescimento da área.

Mesa Redonda: “A Enurese Infantil e Adolescente e os Problemas de Comportamento”

Rodrigo Fernando Pereira - USP, Edwiges F.M. Silveiras - USP, , Marina Monzani da Rocha - USP, Carolina Ribeiro Bezerra de Sousa – USP

Coordenador: Edwiges F.M. Silveiras – USP

Enurese noturna (EN) é um problema comum na infância e adolescência que faz a criança e o jovem sofrer em segredo. O domínio do “estado da arte” para superar o problema deveria ser objeto de preocupação dos profissionais da saúde brasileiros. No entanto, ao invés de envidar seus maiores esforços para se atualizar sobre o tema muitas vezes o profissional o negligencia considerando a questão como um dos problemas infantis de menor monta a se superada com o tempo. O Laboratório de Terapia Comportamental (LTC) do Departamento de Psicologia Clínica da USP não endossa essa atitude e tem obtido controle do problema com centenas de clientes que vão até lá buscando ajuda. Para obter o controle da EN. Os profissionais do LTC desenvolveram um protocolo de tratamento padrão (semelhante no caso de crianças e adolescentes) que envolve a participação das respectivas famílias e implica o uso do aparelho de alarme de urina como um adjunto terapêutico. Há também uma rotina de avaliação comportamental pré e pós tratamento no LTC, em que se aplica o CBCL e YSR(quando apropriado) a Escala de Intolerância, a entrevista sobre enurese com a participação das crianças e seus pais). A mesa objetiva apresentar e discutir resultados obtidos com o tratamento de quase uma centena de clientes (taxas de sucesso, tempo de tratamento, etc) no período de 2002-2006 e também discutir a questão dos problemas de comportamento associados com a enurese. A ordem dos participantes e dos trabalhos a serem discutidos na mesa e seus respectivos autores está abaixo listada: 1) Rodrigo Fernando Pereira - Tratamento comportamental da enurese no Instituto de

Psicologia da USP 2) Marina Monzani da Rocha Os problemas de comportamento do adolescente enurético encaminhado para tratamento x do adolescente não encaminhado 3) Carolina Ribeiro Bezerra de Sousa Relação entre os problemas de comportamento e resultado do tratamento comportamental da enurese

Apresentação 1:

O tratamento comportamental da enurese noturna com uso de alarme é uma das opções de primeira linha para o atendimento de crianças e adolescentes que sofrem com esse problema, um dos mais comuns da infância. No período de 2002 a 2006, noventa e sete participantes passaram pelo programa de tratamento do Projeto Enurese, no Laboratório de Terapia Comportamental do Instituto de Psicologia da USP. Quatro terapeutas em nível de pós-graduação foram responsáveis pela maior parte dos atendimentos, que envolviam encontros semanais individuais ou em grupo, o seguimento de instruções comportamentais, o uso do alarme e o registro dos episódios de molhadas. Este trabalho tem como objetivo verificar o índice de sucesso do tratamento, bem como a existência de variações nos resultados de acordo com o tipo de atendimento, faixa etária e terapeuta. Para tanto, os casos foram divididos em grupos de acordo com a variável de análise e levado em consideração a obtenção ou não do critério de sucesso de 14 noites secas consecutivas. Os dados foram tratados estatisticamente a fim de identificar se o tratamento produzia resultados semelhantes ou significativamente diferentes de acordo com as variáveis citadas acima. O resultado global situou-se dentro do esperado de acordo com a literatura internacional, com índice de remissão em torno dos 75% dos casos.

Apresentação 2:

Partindo do princípio de que para se delinear uma boa intervenção é preciso, antes, fazer uma boa avaliação e de que o adolescente, por estar cognitivamente apto para tal, deve participar do processo de avaliação de seus problemas psicológicos, fornecendo informações sobre seus comportamentos, parece-nos ser muito importante conhecer o relato que o adolescente faz de seus próprios problemas de comportamento. No presente estudo, o relato que o adolescente faz sobre seus problemas de comportamento através do Inventário de Auto-Avaliação para Jovens (YSR) foi comparado entre dois grupos. O primeiro deles se constituiu de adolescentes da população geral da cidade de São Paulo, aqui chamados Não Encaminhados para Atendimento Psicológico. O segundo de adolescentes que buscaram o Projeto Enurese, um programa de atendimento psicológico específico para enurese noturna, localizado em uma clínica-escola de psicologia da cidade de São Paulo, aqui chamados Enuréticos. O YSR foi aplicado em ambos os grupos a adolescentes de 11 a 18 anos. No primeiro grupo em uma escola pública e uma escola particular da cidade de São Paulo durante uma aula do período escolar. No segundo a adolescentes Enuréticos (11 a 18 anos). O relato foi obtido pelo YSR antes do início do tratamento oferecido pelo Projeto Enurese, focado especificamente na enurese

noturna. Além analisar o perfil comportamental encontrado em cada um dos grupos em função das escalas empiricamente baseados do YSR: Competência Social; Ansiedade/Depressão; Isolamento/Depressão; Queixas Somáticas; Problemas Sociais; Problemas de Pensamento; Problemas de Atenção; Comportamento de Quebrar Regras; Comportamento Agressivo e Qualidade Positivas, pretende-se comparar os comportamentos em função do encaminhamento recebido. É esperado que o perfil comportamental dos adolescentes Enuréticos seja semelhante aos adolescentes da população geral, visto que os adolescentes enuréticos são comparados com adolescentes Não Encaminhados para atendimento psicológico na literatura internacional.

Apresentação 3:

A relação entre problemas de comportamento e resultado do tratamento de enurese é um tema que ainda não está suficientemente claro, embora a principal indicação seja a de que não trazem prejuízo ao tratamento e que ele pode ser empreendido independentemente da presença de tais problemas. Há certa indicação, ainda, de que após o tratamento os índices de problemas de comportamento diminuam, o que os colocam em condição de consequência do distúrbio. Nos vários estudos reportados pela literatura tais problemas avaliados pelo CBCL referem-se a índices clínicos nas escalas de Distúrbios Internalizantes, Distúrbios Externalizantes e Distúrbios Totais. A versão de 2001 do inventário passou a fornecer, além das oito escalas individuais que compõem essas três escalas citadas, mais seis escalas individuais orientadas pelo DSM que apesar de não diagnosticar distúrbios, pode ser usado como um preditor para tal. São elas: (1) problemas afetivos, (2) problemas de ansiedade, (3) problemas somáticos, (4) problemas de déficit de atenção/hiperatividade, (5) problemas de comportamento de oposição/desafiante e (6) problemas de conduta. A relação entre tais escalas e resultados do tratamento também é um campo ainda não suficientemente explorado e apresenta-se, assim, como objetivo deste trabalho. Um total de 70 crianças e adolescentes terão os escores dessas oito escalas cruzadas com o resultado do tratamento (sucesso, insucesso ou desistência) para se identificar quais fatores podem prever a eficácia do tratamento para enurese.

Mesa Redonda: "Discutindo o Levantamento de Dados Via Metodologia Observacional"

Felipe Rosa Epaminondas, Gabriela Rodrigues Felipe, Graziela Freire Vieira

Coordenador: Ilma Aparecida Goulart Souza Britto – UCG

A observação direta do comportamento do organismo é um método por excelência para levantamento de dados no contexto natural. Conhecer o repertório de comportamento antes de modificá-lo está sendo reconhecido como um fator essencial em pesquisas que utilizam esta metodologia. Com base nisso, a principal proposta desta mesa redonda será apresentar dados obtidos via metodologia observacional utilizada no contexto clínico. O primeiro estudo propõe-se em apresentar categorias funcionais de comportamento identificadas a partir de relatos verbais e não

verbais referentes a uma díade terapêutica. ‘Mandos’, ‘Tatos’, ‘Gestos’ e ‘Contato oculares’ são algumas das categorias de comportamento verbal e não verbais respectivamente, identificadas nas filmagens realizadas dentro do consultório. O principal objetivo deste estudo foi investigar e quantificar os comportamentos de uma terapeuta e de um cliente e levantar hipóteses que poderão ser experimentadas em outros estudos. O segundo estudo apresentará dados de uma participante que recebeu o diagnóstico de esquizofrenia há 28 anos. Os dados são referentes à observação e intervenção nos fatores que mantêm as falas inapropriadas utilizando o delineamento A-B-A-C-A-B-BC-C, sendo A=Linha de base; B=Análise funcional e treino de habilidades sociais com a participante; C= Treinamento de habilidade social com a família e DRA; e, BC o efeito desses dois tipos de tratamentos. O objetivo deste estudo foi, além de observar classes verbais inapropriadas, analisar e intervir nos fatores antecedentes e conseqüentes que mantêm esse tipo de fala em uma participante diagnosticada como esquizofrênica. O terceiro estudo que será apresentado é referente a um relato de atendimento clínico realizado em uma clínica escola de um paciente que apresentava queixas relacionadas ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Após a observação direta dos comportamentos realizada pelo terapeuta-estagiário no consultório, foram selecionadas as técnicas a serem utilizadas, que incluíram informações textuais sobre ansiedade, técnicas de relaxamento e dessensibilização sistemática dos eventos aversivos. O principal objetivo deste estudo foi avaliar o efeito da análise funcional sobre os comportamentos problemas do participante após terem sido observados e quantificados.

Apresentação 1:

O presente estudo consiste no relato de um atendimento clínico realizado em uma clínica-escola com um cliente que apresentava queixas relacionadas ao Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Após uma extensa coleta de dados através de entrevistas e folhas de registro foram construídas análises funcionais dos diferentes comportamentos problemas possibilitando a seleção das técnicas utilizadas no tratamento, que incluíram textos informativos sobre ansiedade, técnicas de relaxamento e dessensibilização sistemática dos eventos aversivos. As intervenções se mostraram eficazes na diminuição da intensidade dos comportamentos-problema, demonstrando a eficácia da terapia analítico-comportamental neste tipo de caso clínico.

Apresentação 2:

O presente trabalho foi realizado com uma participante de 51 anos de idade com o diagnóstico de esquizofrenia havia 28 anos e que fazia tratamento em um CAPS. Teve como objetivos analisar fatores que mantêm as falas inapropriadas, avaliar quais os fatores antecedentes e conseqüentes dessas falas, treinar as habilidades da família para com a pessoa diagnosticada como esquizofrênica e treinar as habilidades sociais do indivíduo diagnosticado como esquizofrênico entre outros. O delineamento utilizado foi o Delineamento Experimental para Testar o Efeito de dois Tratamentos do

tipo A-B-A-C-A-B-BC-C, sendo A=Linha de base; B=Análise funcional e treino de habilidades sociais com a participante; C= Treinamento de habilidade social com a família e DRA; e, BC o efeito desses dois tipos de tratamentos. O procedimento de treinamento da habilidade social teve como meta a promoção de habilidades sociais como: modo apropriado de se comportar, forma de tratar o outro e o comportamento verbal do participante que é caracterizado como apropriado pela comunidade verbal. A família do participante foi treinada a reforçar verbalmente os relatos adequados do participante através de “dicas”, por exemplo, prefiro que fale deste modo, muito bem, gostei quando você falou assim, etc. Por outro lado, foi solicitado a família ignorar os relatos delirantes e/ou alucinatórios do participante. Depois de realizar as análises funcionais dos comportamentos verbais, a participante deixou de emitir tais falas e realizava contato social. A família foi orientada a reforçar os comportamentos adequados e a ignorar os comportamentos inadequados.

Apresentação 3:

O presente trabalho teve como objetivo identificar categorias funcionais a partir da análise dos relatos verbais e não-verbais referentes à atuação de uma díade terapêutica. Participaram deste estudo, uma díade cliente e uma psicóloga cuja orientação teórica era a comportamental. Foi utilizado o método observacional que possibilitou o registro das sessões em vídeo e, posteriormente, a quantificação dos comportamentos selecionados. Algumas das categorias de comportamento verbal foram: ‘Mando’, ‘Tato’ e ‘Verbalizações mínimas. Algumas das categorias de comportamento não-verbal foram: ‘Manter contato ocular’, ‘Gesticular’ e ‘Balançar a cabeça afirmativamente’. Para garantir a fidedignidade dos dados, foi realizado um teste de concordância com a ajuda de uma terapeuta-estagiária da equipe.

Mesa Redonda: “Desenvolvimento de Repertórios Acadêmicos por Meio de Ensino Informatizado: contribuições do paradigma de equivalência de estímulos”

Giovana Zuliani - UFSCar, Celso Goyos - UFSCar, José Gonçalves Medeiros - Universidade Federal de Florianópolis, Larissa Antunes - Universidade Federal de Santa Catarina, Débora Pinheiro da Silva Montibeler - UFSCar, Marcelo de Abreu César - PUC-SP, Melania Moroz - PUC-SP

Coordenador: Giovana Zuliani - UFSCar

A Análise do Comportamento tem obtido progressos consideráveis em relação ao ensino de repertórios acadêmicos, principalmente através da aplicação de procedimentos e métodos de ensino baseados na aplicação dos procedimentos baseados no paradigma da equivalência de estímulos, realizados por meio de ensino informatizado. Os trabalhos relatam possibilidades de aquisição de repertórios acadêmicos, argumentando que o ensino destes deve ocorrer através de métodos de ensino sistematizados e apropriados, que contribuam para a prevenção do fracasso escolar, para o auxílio a alunos que apresentem baixo desempenho acadêmico, bem como para o ensino que garanta

um repertório comportamental compatível com as exigências da comunidade. Tais procedimentos poderiam favorecer o desenvolvimento e extensão de programas de ensino de repertórios acadêmicos a diversas populações, como pessoas com dificuldades de aprendizagem e deficiência mental, cumprindo o papel de uma ciência do comportamento comprometida com a transformação social.

Apresentação 1:

O trabalho aqui descrito está relacionado à aquisição de leitura com fluência, e é fundamentado no paradigma da equivalência de estímulos. O objetivo deste estudo foi investigar se uma contingência de velocidade de respostas, combinada ao procedimento de MTS, favoreceria o desenvolvimento da leitura com fluência de palavras treinadas e de generalização e, principalmente, se tal procedimento favoreceria também a generalização para a leitura de textos. Adicionalmente, o estudo propôs verificar se os repertórios seriam mantidos após 30, 60 e 90 dias. Participaram seis alunos com dificuldades de aprendizagem e deficiência mental. Foi utilizada uma versão do Mestre®, denominada MestreLibras. O treino foi apresentado através de tarefas de MTS de leitura receptiva. Nesta tarefa, diante da palavra ditada pelo computador, era exigida a repetição oral pelo participante, e em seguida eram apresentados os estímulos comparação, na forma de palavras impressas. Escolhas corretas produziam uma animação na tela e elogios, e escolhas incorretas produziam um intervalo entre tentativas de 1s. Um conjunto de três palavras era ensinado em uma condição de acurácia apenas. Após critério, as mesmas três palavras eram apresentadas em uma condição de acurácia e velocidade. Nesta condição, a latência de respostas era calculada automaticamente a cada tentativa. O participante deveria responder de acordo com o valor de latência da tentativa anterior ou abaixo deste. Tal procedimento favoreceu a modelagem de respostas rápidas, tentativa a tentativa. O critério era que as respostas fossem corretas e rápidas e, portanto, fluentes. Foi realizado um teste de leitura, no qual foram apresentados três textos com palavras de generalização e diferentes níveis de dificuldade, antes, durante e após os treinos, e nos testes de manutenção. Este teste foi realizado para verificar se o treino de palavras na condição de acurácia e velocidade favoreceria o desenvolvimento da leitura fluente de textos, o que foi avaliado através da mensuração do número de palavras lidas corretamente por minuto. O procedimento de MTS combinado a contingências de velocidade foi efetivo para desenvolver leitura com fluência de palavras simples e com segmentos textuais complexos, bem como de textos. Tais resultados foram observados apenas nos desempenhos dos participantes que possuíam porcentagens de acertos mais elevadas nos repertórios de entrada. Desta maneira, sugerem-se novas investigações sobre procedimentos que incorporem variáveis de repetição e velocidade para favorecer a aquisição e manutenção de leitura.

Apresentação 2:

O presente estudo está relacionado ao ensino de leitura e escrita, desenvolvido por meio de um programa informatizado. As relações numéricas são aspectos importantes do cotidiano escolar de crianças do ensino básico. Assim como os estudos de equivalência de estímulos têm mostrado possibilidades concretas de ensinar leitura de palavras, foi organizado num mesmo projeto o ensino de palavras, unidades numéricas e nomes de cores. Foram ensinadas separadamente estas três classes de estímulos, numa fase de teste, elas foram apresentadas juntas formando pequenas frases. Assim, os objetivos do presente estudo foram: a) ensinar separadamente palavras, números e nomes de cores e b) verificar, em situação de teste, a emergência da leitura de frases formadas por essas unidades ensinadas separadamente. Participaram desse estudo 14 crianças: 7 cursavam a pré-escola e 7 a primeira série de uma escola da rede pública estadual. Os sujeitos tinham idades entre 5 e 7 anos e foram denominados de participantes (P ou Ps), sendo selecionados a partir de um teste inicial de leitura. Para esse estudo foi utilizado um procedimento de discriminação condicional por exclusão das palavras, números e nomes de cores conhecidos. Os dados mostram que apenas duas crianças da pré-escola atingiram a etapa de agrupamento 1 (P1 e P2), sendo que P1 concluiu esta etapa com 100% de acerto e P2, com apenas duas sessões de agrupamento, apresenta índice em torno de 20 por cento de acerto. Em relação aos participantes da 1ª série, todos completaram a etapa de agrupamento 1, exceto um (P14) que entrou tardiamente na pesquisa. Cinco participantes (P8, P9, P10, P11 e P12) atingiram e realizaram o agrupamento 2 com índices de 100 por cento de acertos (com exceção de P12 que atingiu apenas 30%). Dentre esses cinco, três deles (P8, P9 e P10) concluíram o agrupamento 3, chegando ao fim do procedimento. Portanto, a pergunta de pesquisa foi respondida. Os resultados demonstram essa premissa em que o ler e escrever palavras, ensinados independentemente dos comportamentos de ler e escrever números/numerais e de ler e escrever nomes de cores foram lidos com compreensão, ainda que parcialmente, na situação de teste em que formavam pequenas frases por dois participantes do pré-primário e praticamente por todos os participantes da 1ª série. As relações ensinadas mostraram-se equivalentes entre si. Em relação às frases, testou-se também a equivalência entre elas, obtendo-se resultados altamente expressivos, indicando que a leitura ocorrera com compreensão.

Apresentação 3:

A aquisição do repertório de leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental do Ciclo – II vem se configurando como uma das principais dificuldades a serem sanadas na aprendizagem dos alunos. Indicadores internos e externos de avaliação - tais como SARESP, SAEB e os da própria escola - , apontam que uma boa parte das crianças que freqüentam os bancos escolares, principalmente as crianças de classes menos favorecidas, tem chegado nas 5ª e 6ª séries sem saber ler e escrever. Enfocando o comportamento de leitura como objeto de estudo, a avaliação do repertório prévio do aluno é condição necessária para o planejamento das propostas de ensino, assim o presente estudo teve por objetivo identificar o repertório de leitura de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental que freqüentam o reforço escolar. Com o auxílio do software Mestre® utilizou-se o Instrumento de

Avaliação de Leitura – Repertório Inicial. O IAL-I permite identificar: o conhecimento prévio que os alunos possuem das letras do alfabeto; a leitura e compreensão de palavras compostas por sílabas simples e complexas a partir das relações entre as diferentes modalidades de estímulos (som-texto-figura); a leitura e compreensão de textos (carta e anúncio); a reprodução de palavras (cópia) e a construção de palavras ditadas (ditado). Participaram dessa pesquisa 17 alunos do Ensino Fundamental do Ciclo II. O IAL-I foi aplicado em sessão individual, com duração de 30 a 45 minutos aproximadamente, ocorrida em um laboratório de informática. Os resultados indicaram variações do repertório de cada participante entre as diferentes modalidades de estímulos (som-texto-figura) que são subjacentes à habilidade de leitura; foi possível identificar as relações dominadas e aquelas em que o repertório apresenta algum déficit, evidenciando-se maior dificuldade nas relações CD (texto-palavra falada) e AE (construção de palavra ditada). Permitiram também identificar combinações de letras e sílabas em relação às quais os participantes apresentam maior dificuldade e aquelas que lhes são familiares. Tais identificações contribuem para direcionar o planejamento do ensino pelo professor, possibilitando-lhe planejar atividades individualizadas que facilitem a aprendizagem e o aperfeiçoamento do repertório de leitura do aluno.

Palestra: “Provérbios: algumas regras sobre a vida derivadas da experiência clínica analítico-comportamental”

João Vicente de Sousa Marçal - UniCEUB / IBAC

Mesa Redonda: “Terapia por Contingência de Reforçamento com Adultos: relatos distorcidos da cliente em relação ao marido”

Tatiana Lance Duarte - ITCR-Campinas, Patrícia Piazzon Queiroz - IAAC-Campinas, Rosemary Keiko Shiroma - ITCR-Campinas, Valéria B. Peres - ITCR-Campinas, , Célia Cristina Santos R. Rocha - ITCR-Campinas, Camila Magnet - IAC - Campinas /ITCR –Campinas

Coordenador: Tatiana Lance Duarte - ITCR-Campinas

Terapia por Contingência de Reforçamento com Adultos: déficit de repertório em interações sociais com sexo oposto, fortalecimento de repertório em contexto de crise conjugal, dificuldades de emitir comportamentos de autocontrole e aumentar a discriminação das contingências em operação - relatos distorcidos da cliente em relação ao marido.

Comunicação Oral: “A Prática do Plantão Psicológico Analítico-Comportamental em uma Clínica-Escola de Belo Horizonte”

Ghoeber Morales dos Santos - Centro Universitário Newton Paiva, Vivian Marchezini-Cunha - FIP-MOC

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento psicológico que tradicionalmente vem sendo realizada pela Abordagem Centrada na Pessoa. No entanto, seus preceitos não são incompatíveis com a Análise do Comportamento. O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência de um estágio supervisionado em Plantão Psicológico sob o enfoque da Análise do Comportamento, realizado há um ano na Clínica-escola de Psicologia do Centro Universitário Newton Paiva, em Belo Horizonte - MG. Os atendimentos realizados têm se mostrado úteis na minimização das dificuldades apresentadas pelos clientes. Com isso, acredita-se que tal modelo de atendimento pode ser inserido no repertório de práticas dos analistas do comportamento.

Comunicação Oral: “Plantão Psicológico sob Enfoque Analítico Comportamental”

Vívian Marchezini-Cunha - FIP-MOC, Ghoerber Morales dos Santos - Centro Universitário Newton Paiva

O Plantão Psicológico, enquanto uma modalidade de atendimento psicológico, foi inicialmente estudado e formalizado pela Abordagem Centrada na Pessoa. O presente trabalho tem como principal objetivo lançar questões acerca da possibilidade de um modelo de Plantão Psicológico sob o enfoque da Análise do Comportamento, abordando o funcionamento do modelo e sua adaptação às particularidades do enfoque analítico-comportamental. Aponta ainda a necessidade de se realizar estudos sistematizados que identifiquem variáveis específicas do Plantão Psicológico em Análise do Comportamento que atuem como determinantes de sua eficácia.

Comunicação Oral: “Efeitos de um Procedimento de Atraso Progressivo e da Manipulação de Dimensões do Reforço e da Resposta em um Treinamento de Autocontrole”

Amanda Ferreira - Universidade Federal do Pará, Emmanuel Tourinho - Universidade Federal do Pará

Este estudo teve como objetivo investigar a eficácia de um procedimento de atraso progressivo de 1 dia associado à manipulação de dimensões de reforço e da resposta, para o desenvolvimento do autocontrole em jovens com desenvolvimento típico. As dimensões do reforço e da resposta foram: qualidade do reforço, taxa de reforçamento, atraso, acesso ao reforço e custo da resposta. O estudo contou com 8 participantes entre 12 e 13 anos de idade. Os participantes foram expostos a dois esquemas de reforçamento concorrentes que diferiam com relação aos valores das dimensões do reforço e da resposta associados a cada problema de matemática concorrente a ser escolhido e resolvido. Quando uma dimensão foi manipulada por vez nos esquemas concorrentes, verificou-se que a maioria das respostas dos participantes foi controlada pelos valores favoráveis das dimensões. Isto é, alta qualidade do reforço, alta taxa de reforçamento, baixo custo da resposta e acesso imediato ao reforço. Quando, posteriormente, duas dimensões foram postas em competição nos esquemas (e.g. taxa x qualidade) observou-se que 1 participante teve a maior parte de suas respostas controladas pelo valor favorável da taxa, 1 pelo valor favorável do custo da resposta e 6 pelo valor favorável da qualidade do reforço. Um participante demonstrou autocontrole na linha de base e outros 7 participantes foram submetidos à primeira sessão do treinamento com valor máximo do

atraso (5 dias). Três participantes não foram submetidos à progressão do atraso do reforço, pois apresentaram estabilidade do repertório de autocontrole. Os 4 participantes que emitiram respostas impulsivas no começo do treinamento passaram a emitir respostas autocontroladas ao final do treinamento demonstrando eficácia do treinamento. Quando o atraso foi colocado em competição com as duas dimensões não manipuladas no treinamento, observou-se que os 4 participantes voltaram a apresentar impulsividade quando o custo foi colocado em competição com o atraso, e continuaram a apresentar autocontrole quando a qualidade foi manipulada, no caso de 1 participante, e quando a taxa foi manipulada, no caso de 3 participantes. A partir destes dados supõe-se que a estabilidade do repertório de autocontrole mostrou-se parcialmente condicionada por dimensões específicas do reforço e da resposta.

Mesa Redonda: “Multideterminação de Comportamentos Apresentados em Filmes”

Ana Karina de Farias - Universidade de Brasília/Centro Universitário de Brasília, Michela Ribeiro - Universidade Católica de Goiás, Maria Virgínia Carvalho, Juliana Vilela

Coordenador: Michela Ribeiro - Universidade Católica de Goiás

A análise do comportamento na clínica tem se interessado pela compreensão de comportamentos complexos que ocorrem diante de contingências entrelaçadas e, por conseguinte, sob controle de múltiplas variáveis. O ensino de análises comportamentais complexas, tanto aos clientes quanto aos alunos de psicologia, pode ser realizado a partir de recursos audiovisuais (como registros de sessões em vídeo, documentários e até mesmo filmes de ficção). O objetivo desse trabalho é apresentar situações complexas vivenciadas por personagens em três filmes: Laranja Mecânica, O Preço da Perfeição e Olga. Com base nessas histórias é possível analisar funcionalmente as contingências presentes na vida de um indivíduo exposto a um contracondicionamento respondente, de uma personagem com Bulimia Nervosa e da interação de comportamentos operantes e respondentes em padrões de comportamentos emocionais, respectivamente. Além disso, em todos os filmes podemos identificar comportamentos governados por regras e padrões de fuga/esquiva, considerando análises de contingências mais pontuais. As análises funcionais apresentadas permitem esclarecer que o comportamento humano não é produto de uma única variável em um contexto, mas é influenciado por um conjunto de variáveis históricas e atuais, privadas e públicas, biológicas e sociais. Um analista do comportamento na clínica, ao realizar análises funcionais, estará sempre atento a todas essas possibilidades de controle.

Apresentação 1:

As diferenças entre a Modificação do Comportamento e a Análise Clínica do Comportamento serão ilustradas a partir da análise do filme "Laranja Mecânica" (no original, A Clockwork Orange, dirigido por Stanley Kubrick). A apresentação visa discutir as limitações de análises que relacionam o

tratamento empregado para a mudança do comportamento criminoso da personagem principal às intervenções analítico-comportamentais. Serão apresentadas definições de comportamentos respondentes e operantes, assim como limitações do emprego de técnicas de modificação do comportamento como única estratégia de tratamento clínico. Por fim, algumas questões éticas do tratamento abordado no filme serão discutidas.

Apresentação 2:

Um caso de bulimia nervosa é apresentado no filme O Preço da Perfeição. Para a Análise do Comportamento a bulimia é um padrão comportamental que ocorre em função de variáveis situacionais. O objetivo do presente trabalho é apresentar os critérios diagnósticos da bulimia nervosa, bem como analisar funcionalmente as situações vividas pela personagem que podem ter contribuído para o desenvolvimento de seu problema. A partir desse caso, é possível discutir sobre seguimento de regras inadequadas, sobre habilidades sociais e sobre o aumento da ocorrência de transtornos alimentares na atualidade.

Apresentação 3:

O Behaviorismo Radical é freqüentemente acusado de negligenciar a influência das emoções sobre o comportamento humano. Tais acusações partem do pressuposto errôneo de que o ele não se interessa por comportamentos que só podem ser observados por um único indivíduo. Esse pressuposto pode ser atribuído ao Behaviorismo Metodológico, mas não ao Behaviorismo Radical. A proposta skinneriana abre mão do critério de verdade por consenso e se interessa por qualquer comportamento, independente do número de pessoas que possam ter acesso a ele. Conseqüentemente, as emoções são objeto de estudo da Análise do Comportamento. Entretanto, a definição do que é emoção e qual seu papel nas mudanças comportamentais difere de concepções amplamente difundidas. Esta apresentação busca, por meio da análise do filme "Olga", apresentar e clarificar a abordagem behaviorista radical das emoções. O termo emoção é conceitualizado como comportamento emocional e as conseqüências de tal conceitualização, tais como ausência de status causal e controle ambiental, são exploradas. A questão da interação entre comportamentos respondentes e operantes no comportamento emocional é abordada, bem como a expressão de sentimentos.

Mesa Redonda: “Contribuições de Pesquisas Básica, Aplicada e Conceitual para o Estabelecimento de Comportamentos Humanos Complexos”

William Perez - USP, Heloisa Campus - USP, Paula Debert - USP, Cassia Hora – USP

Coordenador: Paula Debert – USP

Serão apresentados estudos de pesquisa básica, aplicada e conceitual sobre o estabelecimento de relações condicionais emergentes em humanos com o procedimento go/no-go com estímulos compostos. Relações entre os estudos apresentados serão estabelecidas com o objetivo de analisar o procedimento mencionado como uma alternativa metodológica efetiva para o estabelecimento de comportamentos complexos.

Apresentação 1:

Estudos recentes têm demonstrado que relações condicionais emergentes podem ser estabelecidas através do procedimento go/no-go com estímulos compostos. O presente estudo pretendeu avaliar se relações condicionais emergentes poderiam ser estabelecidas utilizando-se um número menor de estímulos. Cinco estudantes universitários foram submetidos a uma tarefa no computador na qual estímulos compostos eram apresentados sucessivamente. Durante a fase de treino (AB e BC), respostas emitidas diante dos compostos A1B1, A2B2, B1C1 e B2C2 foram seguidas de reforço (pontos); respostas emitidas na presença dos compostos A1B2, A2B1, B1C2 e B2C1 não foram seguidas de conseqüências específicas. De forma similar ao que ocorre nos estudos tradicionais de equivalência de estímulos, foi testada a emergência de novas relações (BA, CB, AC e CA) através da apresentação de recombinações dos estímulos apresentados nos compostos utilizados no treino. Todos os cinco participantes apresentaram simetria (BA e CB) e transitividade (AC); apenas um deles não apresentou equivalência (CA). O presente estudo corrobora a possibilidade de produzir relações condicionais emergentes através de um procedimento go/no-go com estímulos compostos.

Apresentação 2:

Apesar do procedimento matching-to-sample ser amplamente utilizado para o estabelecimento de relações condicionais emergentes, alguns dos seus parâmetros podem prejudicar o estabelecimento dessas relações no caso de animais e pessoas com desenvolvimento atípico. Entre eles, há a o controle do responder pela localização em detrimento ao controle condicional já que o participante pode emitir respostas em diferentes localizações. O objetivo do estudo é verificar a possibilidade do procedimento go/no-go com estímulos compostos estabelecer relações condicionais emergentes em crianças diagnosticadas com “autismo” sem a produção de controle pela localização dos estímulos já que nesse procedimento os participantes emitem respostas em uma única localização. Até o presente momento, participou do estudo um menino “autista” de sete anos que demonstrou controle pela localização dos estímulos em uma avaliação de MTS arbitrário. O participante foi treinado para o estabelecimento de relações condicionais do tipo AB e BC através do procedimento go/no-go. Respostas emitidas na presença de certos estímulos compostos (A1B1, A2B2, B1C1, e B2C2) foram seguidas por conseqüências reforçadoras e respostas na presença de outros compostos (A1B2, A2B1, B1C2 e B2C1) foram seguidas por um período de 2s de escurecimento total da tela. Após atingir o critério de aprendizagem, o participante recebeu sessões de testes de relações condicionais

emergentes em extinção nas quais novas configurações foram apresentadas (B1A1, B2A2, C1B1, C2B2, B1A2, B2A1, C1B2, C2B1, A1C1, A2C2, C1A1, C2A2, A1C2, A2C1, C1A2 e C2A1). Os resultados indicaram que o participante exibiu desempenho que não indicava a emergência de relações que não foram diretamente treinadas. A análise dos erros indicou que o responder do participante estava sob controle de estímulos por apenas um dos elementos dos compostos.

Apresentação 3:

Inicialmente será apresentada uma breve revisão do desenvolvimento histórico de modelos conceituais sobre discriminação condicional até suas formulações mais recentes. Diferentes definições de discriminação condicional serão analisadas bem como alguns dos estudos que desencadearam tais definições. A necessidade de uma eventual reformulação deste conceito será apontada com base em considerações críticas a respeito da definição de discriminação mais recorrentemente empregada e com base nos resultados de estudos que envolveram alternativas metodológicas para o estabelecimento de relações condicionais emergentes.

Simpósio: “Relações Emergentes entre Estímulos Relacionados ao Comportamento Alimentar em Indivíduos com Diferentes Estados de Peso Corpóreo: duas investigações”

Renato Viana - PUC-SP, Roberto Banaco - PUC-SP, Juliana Cardoso - PUC-SP, Roberto Banaco - PUC-SP

Coordenador: Roberto Banaco - PUC-SP

Debatedor: Roberto Banaco - PUC-SP

Primeiramente se investigou a emergência de relações envolvendo fotos de alimentos e adjetivos indicativos de baixa e de alta palatabilidade em populações com diferença de peso. Três experimentos foram realizados. Dezesseis sujeitos – oito magros (IMC<25) e oito obesos (IMC>35) – foram submetidos a um mesmo procedimento, que incluiu o Treino Condicional para a relação AB(A1-Doces, A2-Carnes, A3-Saladas; B1-TUJ, B2-ZIM, B3-KAB); seguido do Treino Condicional da relação BC(B1-TUJ, B2-ZIM, B3-KAB; C1-Adjetivo indicativo de Alta Palatabilidade; C2-Segundo Adjetivo Indicativo de Alta Palatabilidade, C3-Adjetivo indicativo de Baixa Palatabilidade). Foram testadas as relações de Simetria (BA e CB), Transitividade (AC) e Simetria e Transitividade Combinadas (equivalência, CA). Outros dezesseis sujeitos divididos pelo mesmo critério de peso foram submetidos a novas etapas de Treino e Teste, que incluíram combinação diferente de estímulos do grupo C(C1-Adjetivo indicativo de alta palatabilidade, C2-Adjetivo indicativo de baixa palatabilidade, C3-Segundo adjetivo indicativo de alta palatabilidade). O terceiro procedimento utilizou, com uma nova amostra, outra combinação de estímulos do grupo C(C1-Adjetivo indicativo de baixa palatabilidade, C2-Adjetivo indicativo de alta palatabilidade, C3-Segundo adjetivo indicativo de alta palatabilidade). Os resultados sugeriram emergência de equivalência em todos os procedimentos e para a grande maioria das ocasiões testadas, sem diferenças consistentes entre a população obesa e magra, ou entre o tipo de

procedimento realizado. A população obesa necessitou de uma quantidade de treino superior nas relações AB. Esta diferença está correlacionada à variável idade e pode ser devida à familiaridade com o uso de equipamentos eletrônicos.

O segundo estudo investiga se o modelo de equivalência de estímulos poderia descrever parte do problema da obesidade relacionado ao controle externo de estímulos. Seis sujeitos, três com $IMC < 24,9 \text{ Kg/m}^2$ e três com $IMC > 24,9 \text{ Kg/m}^2$ foram submetidos a um procedimento de escolha de acordo com o modelo, que utilizou um conjunto de estímulos não-alimentares na primeira situação e estímulos alimentares na segunda. O procedimento incluiu Treino condicional AB e BC e teste de Simetria (BA e CB), Transitividade (AC) e Transitividade simétrica (CA). Nos treinos e teste com estímulos não-alimentares o conjunto de estímulos A foram: A1-casa, A2-bola, A3-igreja, A4-relógio; B: B1-TAC, B2-PIQ, B3-REZ, B4-LYT e C: C1-bonito, C2-velho, C3-vermelho e C4-brilhante. Nos treinos e testes com estímulos alimentares os estímulos foram indicados por cada sujeito da seguinte maneira: A1 e A2-alimentos preferidos enquanto A3 e A4-alimentos de pouca ou nenhuma ingestão. O conjunto B foi formado por: B1-WEX, B2-ZIM, B3-KAB, B4-TUJ. E o C foi formado por: C1-delicioso, C2-horrível, C3-saboroso e C4-detestável. Os resultados sugerem a emergência de equivalência na maioria das ocasiões testadas e com praticamente todos os sujeitos. O primeiro treino exigiu para a quase a totalidade dos sujeitos um número de tentativas maior para o atingimento do critério estabelecido para a mudança das fases. A conclusão discute com a literatura que aponta interferência de histórias prévias como estímulos utilizados no estabelecimento de relações arbitrárias apontando (na maioria dos casos) uma adaptação às novas condições do reforço para o estabelecimento de relações arbitrárias.

Apresentação 1:

O estudo da obesidade sofreu influências interdisciplinares nos campos da saúde, dentre os quais se localiza a Análise do Comportamento. A literatura em análise do comportamento indica uma gama de tratamentos e abordagens diferenciadas para intervenção tocante ao controle do comportamento alimentar, dentre os quais se situam procedimentos diversos de controle de estímulos e controles da resposta alimentar. No entanto, novos paradigmas de pesquisa se prestam ao estudo do comportamento complexo. Dentre estes, ressalta-se atualmente o paradigma da equivalência de estímulos, que se mostra promissor e de importância à compreensão do comportamento emergente. O objetivo deste estudo é investigar, por meio de um procedimento de equivalência de estímulos, a emergência de relações envolvendo fotos de alimentos e adjetivos indicativos de baixa e de alta palatabilidade em populações com diferença de peso. Três experimentos foram realizados. No primeiro, dezesseis sujeitos – oito magros ($IMC < 25$) e outros oito obesos ($IMC > 35$) – foram submetidos a um mesmo procedimento, que incluiu o Treino Condicional para a relação AB (A1-Doces, A2-Carnes, A3-Saladas; B1-TUJ, B2-ZIM, B3-KAB) por meio de um procedimento de escolha de acordo com o modelo; seguido do Treino Condicional para a relação BC (B1-TUJ, B2-ZIM, B3-KAB; C1-

Adjetivo indicativo de Alta Palatabilidade; C2-Segundo Adjetivo Indicativo de Alta Palatabilidade, C3-Adjetivo indicativo de Baixa Palatabilidade). Foram testadas as relações de Simetria (BA e CB), Transitividade (AC) e Simetria e Transitividade Combinadas (equivalência, CA). No segundo procedimento, outros dezesseis sujeitos divididos pelo mesmo critério de peso foram submetidos a novas etapas de Treino e Teste, que incluíram uma combinação diferente de estímulos do grupo C (C1-Adjetivo indicativo de alta palatabilidade, C2-Adjetivo indicativo de baixa palatabilidade, C3-Segundo adjetivo indicativo de alta palatabilidade). Uma nova amostra selecionada pelo mesmo critério anteriormente utilizado se submeteu ao um terceiro procedimento, que utilizou outra combinação de estímulos do grupo C (C1-Adjetivo indicativo de baixa palatabilidade, C2-Adjetivo indicativo de alta palatabilidade, C3- Segundo adjetivo indicativo de alta palatabilidade). Os resultados sugerem a emergência de equivalência em todos os procedimentos e para a grande maioria das ocasiões testadas, sem diferenças consistentes entre a população obesa e magra, ou entre o tipo de procedimento realizado. No entanto, a população obesa necessitou, em geral, de uma quantidade de treino superior nas relações AB, em relação à população magra. Esta diferença do treino está correlacionada à variável idade e pode ser devida à familiaridade com o uso de equipamentos eletrônicos.

Apresentação 2:

O objetivo deste trabalho foi averiguar se o modelo de Equivalência de estímulos poderia descrever parte do problema da obesidade relacionado ao controle externo de estímulos. Seis sujeitos, três com $IMC < 24,9 \text{ Kg/m}^2$ e três com $IMC > 24,9 \text{ Kg/m}^2$ foram submetidos duas vezes a um mesmo procedimento de escolha de acordo com o modelo, que utilizou um conjunto de estímulos não-alimentares na primeira situação e estímulos alimentares na segunda. O procedimento incluiu Treino condicional com reforçamento ora contínuo e ora intermitente para as relações AB e BC e teste para as relações de Simetria (BA e CB), Transitividade (AC) e Transitividade simétrica (CA). Nos treinos e teste com estímulos não-alimentares o conjunto de estímulos A foram: A1- casa, A2- bola, A3-igreja, A4-relógio; B: B1- TAC, B2- PIQ, B3- REZ, B4- LYT e C: C1- bonito, C2- velho, C3- vermelho e C4-brilhante. Nos treinos e testes com estímulos alimentares os estímulos foram indicados por cada sujeito da seguinte maneira: A1 e A2 - alimentos preferidos enquanto A3 e A4 alimentos de pouca ou nenhuma ingestão. O conjunto B foi formado por: B1-WEX, B2-ZIM, B3-KAB, B4-TUJ. E o C foi formado por: C1-delicioso, C2-horrível, C3- saboroso e C4- detestável. Os resultados sugerem a emergência de equivalência na maioria das ocasiões testadas e com praticamente todos os sujeitos, independente do IMC (exceto o sujeito 2, que não demonstrou a formação de classes de equivalência). Notou-se também que o primeiro treino exigiu para a quase a totalidade dos sujeitos um número de tentativas maior para o atingimento do critério estabelecido para a mudança das fases. A conclusão discute com a literatura que aponta interferência de histórias prévias como estímulos utilizados no estabelecimento de relações arbitrárias apontando (na maioria dos casos) uma adaptação às novas condições do reforço para o estabelecimento de relações arbitrárias.

Mesa Redonda: “Habilidades Sociais e Análise do Comportamento: diferentes formas de intervenção e considerações teórico-conceituais”

Myrna Coelho - UEL/IACEP, Maura Freitas - UEL, Margarette Rocha - UEL, Maura Gongora – UEL

Coordenador: Maura Gongora - UEL

Embora amplamente reconhecido o valor das técnicas comportamentais no treinamento de habilidades sociais, verifica-se, em geral, que o uso dessas técnicas não é acompanhado de explicações comportamentais que fundamentem seu uso nem da conceituação das habilidades sociais em termos comportamentais. Pretende-se, com esta mesa, mostrar um pouco das possibilidades oferecidas pela análise comportamental, tanto na variação de procedimentos de intervenção quanto na fundamentação teórico-conceitual dessa área da Psicologia denominada - “habilidades sociais”. No decorrer das três apresentações procura-se demonstrar que é possível compatibilizar, nessa área, diferentes procedimentos de intervenção comportamental com fundamentação teórica também comportamental. Procura-se demonstrar tal possibilidade através de duas diferentes formas de intervenção. Na primeira, apresenta-se um estudo com mães de crianças com necessidades educacionais especiais: após serem submetidas a um treino em habilidades sociais, com atividades individuais e em grupo, verificou-se que tanto as mães quanto seus filhos apresentaram significativas melhoras no repertório de habilidades sociais. Na segunda forma de intervenção, foi aplicado o método FAP (Psicoterapia Analítico Comportamental), com crianças que apresentavam sério comprometimento em seu repertório social. Os recortes de sessões apresentados mostram a eficácia desse método em modelar, de modo direto, comportamentos interpessoais socialmente apropriados. Ao relatar ambas as intervenções procura-se enfatizar a maneira comportamental de se analisar e explicar tanto os procedimentos utilizados quanto os comportamentos que se procura modelar. Além de ilustrar a análise comportamental com diferentes formas de intervenção, procura-se ainda, demonstrar que as habilidades sociais podem ser consideradas parte do objeto de estudo da Análise do Comportamento, e como tal, podem ser entendidas como parte do repertório operante, eficaz, de uma pessoa.

Apresentação 1:

O propósito desta apresentação é procurar demonstrar como a FAP (Psicoterapia Analítico Funcional) pode ser uma alternativa eficaz na intervenção clínica infantil, quando as metas terapêuticas incluem o desenvolvimento de habilidades sociais. Embora a FAP, com clientes adultos, já esteja bastante difundida no Brasil, não tem ocorrido o mesmo com a sua aplicação à psicoterapia infantil, motivo pelo qual considera-se pertinente incluir este tema, nesta mesa. Na seqüência, serão apresentados primeiro alguns fundamentos da FAP e aspectos gerais do seu método; depois serão apresentados relatos de recortes ilustrativos de seções terapêuticas com crianças que apresentavam dificuldades

em habilidades sociais. Sobre os fundamentos e os métodos, a FAP pressupõe que: a) o reforçamento, a especificação de comportamentos clinicamente relevantes e a generalização dos novos comportamentos para outros ambientes, podem ser obtidos com procedimentos conduzidos dentro das limitações de uma situação típica de tratamento em consultório; b) os ambientes devem ser comparados com base nos comportamentos que eles evocam, ou seja, na sua funcionalidade ao invés da comparação por suas características físicas e c) os comportamentos do terapeuta constituem a essência do método FAP, o qual inclui: evocar, observar, reforçar e analisar o comportamento do cliente. A proposta aqui apresentada, de aplicar o método FAP no desenvolvimento de repertórios de habilidades sociais, deriva-se diretamente dos pressupostos acima. Ou seja, considera-se que o contexto terapêutico é um ambiente propício para evocar comportamentos interpessoais problemáticos e criar condições para modelagem direta de comportamentos alternativos mais adequados às relações interpessoais e à vida social em geral. Serão apresentados exemplos de interações clínicas do terapeuta com as crianças, como forma de demonstrar como se dá a modelagem direta de comportamentos considerados clinicamente relevantes. Para tanto, serão feitos recortes de sessões, em diferentes momentos do processo terapêutico, destacando-se os diálogos demonstrativos das contingências verbais em operação. Os exemplos foram extraídos de uma intervenção realizada com um grupo de crianças de 07 a 11 anos que apresentavam comportamentos agressivos. O intuito de escolher este grupo de crianças foi o de demonstrar a utilização da (FAP), com crianças que apresentavam sério comprometimento no repertório social. As ilustrações mostram que elas puderam se beneficiar desse método, apresentando mudanças importantes no seu repertório interpessoal, obtendo com isso, uma maior exposição a reforçadores e uma melhora na qualidade de seu ambiente interpessoal.

Apresentação 2:

A literatura tem apontado que o sucesso ou não da socialização de crianças com necessidades educacionais especiais, no contexto escolar, parece depender do aprendizado prévio de comportamentos socialmente habilidosos proporcionado à criança, pela família. Relata-se aqui um estudo no qual pressupõe-se que essas crianças apresentam possibilidades reais de aprender variado repertório comportamental que lhes confira tanto formas mais eficazes de interagir socialmente, bem como mais autonomia de vida. E, ainda, pressupõe-se a possibilidade de que os pais dessas crianças possam aprender classes de respostas típicas de habilidades sociais educativas, para ajuda-las nesse processo. Este estudo teve como objetivo avaliar se um programa de ensino de habilidades sociais educativas, fundamentado em princípios comportamentais e dirigido aos pais, pode afetar significativamente o desempenho social tanto dos pais quanto de seus filhos. Participaram da pesquisa dois grupos de mães; um com mães de crianças deficientes visuais (cegueira total ou baixa visão) e outro com mães de crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). As crianças, com idade entre sete e doze anos, cursavam o ensino fundamental. As mães foram avaliadas por meio de medidas indiretas (inventário de habilidades sociais e entrevista) e diretas

(observação das classes de habilidades sociais educativas relevantes a pais de crianças com deficiência visual e com TDAH). O programa, conduzido com as mães, teve 80 horas de duração, constando de três fases: a) fase de sensibilização, com o uso de vivências seguidas de análise funcional para estabelecer contingências que favorecessem mudanças na explicação dos determinantes do comportamento do filho; b) treinamento de respostas alternativas na interação mãe-filho por meio de instrução verbal, ensaio comportamental, modelagem e modelação de novas respostas e de análise funcional destas respostas. Esse procedimento ocorreu a partir do relato das situações cotidianas vivenciadas pelas mães ou de situações previamente planejadas pelo terapeuta; c) fase de generalização, constituída de tarefas de casa com o objetivo de favorecer a emissão dos comportamentos modelados, em diferentes contextos e com diferentes interlocutores. As crianças não foram submetidas a nenhuma intervenção, passaram apenas por avaliação anterior e posterior à intervenção com suas mães. Os resultados indicaram aumento significativo na frequência de respostas socialmente habilidosas tanto das mães quanto de seus filhos. Esse modelo de programa mostrou-se efetivo para o atendimento das queixas apresentadas por professores e pais de crianças com necessidades educacionais especiais.

Apresentação 3:

Não é novidade que as habilidades sociais constituem um tema amplamente abordado no campo da Psicologia aplicada, particularmente nas áreas da Educação e da Psicoterapia. Elas têm sido o foco de intervenções conduzidas por psicólogos de diferentes tendências teóricas, entre os quais se incluem muitos analistas do comportamento. Contudo, examinando-se as publicações em Análise do Comportamento, verifica-se um descompasso entre publicações de caráter prático e teórico: encontram-se muitas referências à inclusão de intervenções para desenvolver habilidades sociais, mas quase nenhuma referência que trate do assunto em termos teóricos ou conceituais. Fazer algumas pontuações de natureza teórico-conceitual a respeito de habilidades sociais, na perspectiva analítico-comportamental é o objetivo desta apresentação. São muitos os tópicos que poderiam ser aqui abordados, mas escolhemos três que, em nossa opinião, representam bem a concepção comportamental de habilidades sociais. Os tópicos escolhidos são: 1) A noção de habilidades sociais enquanto comportamento operante, uma concepção que implica enfoca-las como parte do objeto de estudo da Análise do Comportamento. E, ainda mais, implica, a princípio, não trata-las como explicação de comportamentos. 2) A noção de repertório operante socialmente habilidoso e duas de suas implicações: facilitar a ocorrência de outros comportamentos relevantes para a pessoa e, ao mesmo tempo, produzir diversos subprodutos emocionais desejáveis. Esse tópico é especialmente importante para a prática clínica, pois o modelo operante de análise permite uma explicação consistente para um fato extremamente comum no contexto clínico. Trata-se da constatação freqüente de que, de um lado, clientes com distúrbios emocionais apresentam déficits em habilidades sociais e, de outro lado, a melhora nessas habilidades induzem melhoras nas respostas emocionais e nos sentimentos do cliente. 3) Critérios para se definir o que poderia ser uma habilidade social ou um

comportamento socialmente habilidoso. Aqui os critérios serão abordados de duas formas. Na primeira, serão enfocados os critérios de análise próprios do modelo skinneriano de variação e de seleção do comportamento pelas conseqüências. Na segunda, serão comentadas as possibilidades de abrangência dos critérios. Neste caso, inclui-se a possibilidade de se definir ou escolher habilidades comuns a certas práticas sociais relevantes e que sejam indicadas à intervenção em grupo, ou ainda, a possibilidade de se definir habilidades específicas a cada pessoa em situações particulares. Com o comentário desses três tópicos selecionados, espera-se demonstrar um pouco do alcance teórico que a análise comportamental pode oferecer à compreensão das habilidades sociais.

Mesa Redonda: “Hospital Geral: conflitos nas relações. Uma análise de contingências”

Rosana Righetto Dias - Uniararas, Queila Pierre Fernandes - PUC Campinas/HMCP/NAPSI, Diana Tosello Laloni - PUC Campinas/HMCP/NAPSI

Coordenador: Diana Tosello Laloni - PUC Campinas/HMCP/NAPSI

O objetivo desta mesa é discutir as dificuldades do psicólogo Analista de Comportamento intervir no Hospital Geral. Conflitos nas relações interdisciplinares, expectativas quanto a função do psicólogo clínico no hospital e formação insuficiente, são os ingredientes para essa mesa. O hospital geral é um campo de treinamento para graduandos em psicologia clínica e deverá oferecer oportunidade de aprendizagem através da interação supervisor-supervisionado. Comportamentos que favorecem interações interdisciplinares e multidisciplinares são desejáveis nos psicólogos que trabalham no hospital geral, qual deveria ser esse repertório? O que se espera que psicólogos clínicos façam na situação de hospitalização proporciona resultados aos pacientes?

Apresentação 1:

Conhecimentos e habilidades técnicas mostram-se imprescindíveis para o sucesso da trajetória profissional de profissionais na área da saúde. Além desses quesitos, faz-se importante também que o psicólogo discrimine as contingências do funcionamento da instituição hospitalar, assim como das especificidades de sua atuação nesse contexto. Neste sentido, a formação de profissionais na área envolve a análise de contingências nas relações comportamentais entre supervisor, aluno, e o todo do ambiente hospitalar. Ações comportamentais devem ser previstas no ensino da prática da Psicologia Hospitalar como a identificação e descrição de queixas comportamentais; o delineamento e manejo de intervenções com procedimentos apoiados em dados de pesquisa e avaliação permanente das intervenções implementadas, além do desenvolvimento de postura profissional como a prática ética com clareza de expressão, postura orientada para a intervenção imediata e habilidades para o trabalho interdisciplinar. Este processo de ensino envolve a modelagem do comportamento dos alunos, para a aquisição do repertório esperado. Por sua vez, os alunos contingenciam a prática do supervisor quanto à apresentação de modelos delineados de acordo com as necessidades dos alunos

e da instituição. Portanto, a aquisição de comportamentos para a prática psicológica na atenção à saúde envolve a discriminação de determinadas contingências pelos supervisores e alunos, para tornar a relação com profissionais da instituição, pacientes e familiares, uma interação favorável à saúde do paciente em foco.

Apresentação 2:

O trabalho psicológico em Hospital Geral envolve a interface com diversos profissionais de diferentes formações técnicas na área da saúde. Portanto, situações de conflitos tornam-se inevitáveis. A prática assistencial em Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) Neonatal é o modelo utilizado para discutir os conflitos dessa multidisciplinariedade em questão. A assistência em UTI Neonatal é compreendida como ações terciárias de âmbito remediativo, no qual deve fazer parte ações de diagnóstico e tratamento médicos dos bebês recém-nascidos (RN's) internados. No entanto, a prática psicológica clínica em contexto hospitalar amplia a abrangência das ações assistenciais para um âmbito preventivo, já que a sob a ótica da perspectiva comportamental, as intervenções de avaliação e modificação do comportamento recaem sobre a análise da tríplice contingência do padrão comportamental de cuidador de seus bebês recém-nascidos, pelos pais e/ou mães. Sendo assim, a presença do psicólogo clínico comportamental no contexto da UTI Neonatal faz perceber-se/identificar-se contingências psicossociais das famílias dos RN's que passam a ser a prioridade de análise e modificação a fim de que a criança ao receber a alta hospitalar não esteja sob risco psicológico. Contudo, a equipe de atenção em serviço de UTI Neonatal, assim como de outros contextos médico-hospitalares, não tendo formação técnica para avaliar tais contingências, não é capaz de perceber/identificar tais contingências como objeto de análise. Essa situação acaba por exigir do psicólogo clínico comportamental a competência de trabalhar em equipe, diante da diversidade, para não perder de vista as implicações preventivas de sua ação clínica.

Apresentação 3:

Medicina Comportamental definida como o campo relativo ao desenvolvimento do conhecimento e técnicas da ciência do comportamento relevantes à compreensão da saúde física e da doença e da aplicação destes conhecimentos e técnicas à prevenção, diagnóstico, tratamento e reabilitação. O comportamento é a dimensão funcional do corpo na sua interação com o ambiente, não é independente do organismo biológico e as funções biológicas são afetadas pelo comportamento. Espera-se que no Hospital Geral psicólogos atuem com esses pressupostos da ciência do comportamento, identificando contingências, e propondo soluções. O que realmente se faz são procedimentos de acolhimento, intervenções de apoio afetivo, aconselhamentos. Ações de intervenção com propostas objetivas de apresentação de novas contingências para mudanças comportamentais nas equipes, pacientes e familiares são poucas, em geral, e encontram muita resistência tanto das equipes quanto dos próprios profissionais. No ambiente hospitalar espera-se

que o psicólogo seja um bom ouvinte, suporte as dores dos familiares e intervenha pouco nas relações entre equipe e paciente. Quando comportamentos diferentes desses ocorrem os profissionais são punidos, quando se comportam como bons ouvintes e acolhedores são reforçados. Sugere-se que psicólogos analistas de comportamentos em ambiente hospitalar tenham uma sólida formação em análise do comportamento para que não estejam sob controle do que se espera mas das contingências da teoria.

Mesa Redonda: “Terapia por Contingências de Reforçamento com Adultos: falta de repertório social, falta de discriminação das contingências e dos próprios comportamentos”

Marcela Umeno Koeke - ITCR-Campinas, Noreen Campbell de Aguirre - ITCR-Campinas, Eliana Leite Bastos - ITCR-Campinas, Raquel Martins Sartori - ITCR-Campinas, Silvana Nucci - ITCR-Campinas, Thais Saglietti Meira Barros - ITCR-Campinas, Tatiana Lussari - ITCR-Campinas

Coordenador: Marcela Umeno Koeke - ITCR-Campinas

Apresentação 1:

O objetivo do presente trabalho foi desenvolver no cliente uma melhor discriminação do seu próprio repertório e das contingências em operação. Fred (22), solteiro, operador de telemarketing, ensino médio completo, morava com a companheira Luiza (29) e a filha Mariana (quatro). O cliente apresentou as seguintes queixas: sentimento de insegurança enquanto pai – “(...) eu tive a minha filha com 17 anos, tá, aí, assim, quando a Luiza ficou grávida, eu cheguei a ficar espantado, eu não sabia o que eu fazia (...). Minha vida era outra, eu ia pra escola, só, tinha responsabilidade só pra escola e trabalho (...)” – impulsividade: “(...) eu não sabia que eu era esse tipo de pessoa, que bate em uma mulher (...) e muita coisa assim, eu faço por impulso mesmo (...)” – não ficava sob controle das conseqüências a médio e a longo prazos, por exemplo, no envolvimento com drogas: “(...) já tentei diversas vezes (...) e eu cheguei num ponto assim que eu falo: ‘não tem como’ porque eu já tentei, já fiz de tudo, acho que não dá mais” – déficit de repertório social: “(...) às vezes eu vejo uma pessoa assim, eu tenho vontade de conhecer a pessoa, mas eu não sei como” - déficit de discriminação do próprio repertório e das contingências em operação, o que produzia sentimento de injustiça quando as conseqüências não eram as esperadas por ele: “(...) eu tenho dificuldade de manter um diálogo com as pessoas, acho que elas me acham metido e também eu acho que elas me invejam (...)”. Os procedimentos psicoterapêuticos utilizados foram fornecer instruções verbais, dar Sds para emissão de resposta, fornecer modelos, descrever as contingências em operação, visando a produzir discriminações, conseqüenciar com possível função de reforço positivo e de forma contingente os relatos verbais que descrevessem comportamentos adequados, seguimento de regras fornecidas pela psicoterapeuta e conseqüenciar de forma contingente os comportamentos inadequados do cliente. Alguns resultados obtidos durante o processo psicoterapêutico foram: conseqüenciar de forma reforçadora positiva alguns comportamentos de Luiza, seguir algumas orientações da psicoterapeuta,

descrever mais acuradamente as contingências que controlavam seu comportamento. A psicoterapeuta foi uma comunidade verbal diferenciada, ao colocar o cliente sob controle das conseqüências produzidas pelo próprio comportamento dele.

Apresentação 2:

O presente trabalho teve por objetivo alterar o valor reforçador dos relacionamentos afetivos, levando o cliente a ficar sob controle dos aspectos reforçadores de manter-se com um parceiro, bem como, colocar o comportamento do cliente sob controle das contingências e diminuir o controle por regras. Wilson, 40 anos, mantinha relações homossexuais desde a adolescência. O cliente queixava-se de sentir falta da mãe, falecida há 4 anos, de não conseguir encontrar um relacionamento amoroso estável, e de sofrer muito por esse motivo. Com a justificativa de procurar um relacionamento afetivo estável, Wilson mantinha freqüentes relações sexuais com desconhecidos, cujo relacionamento dificilmente passava do segundo encontro. Além disso, o cliente apresentava regras relativas aos relacionamentos amorosos que dificultavam a manutenção de vínculos, como por exemplo, de que um relacionamento afetivo verdadeiro não deveria exigir altos custos de respostas. Foram descritas para o cliente as contingências de reforçamento que vinham controlando seu comportamento: exagerado valor reforçador do sexo e esquiva de relacionamentos duradouros. Suas auto-regras relativas aos relacionamentos afetivos foram questionadas e contrapostas às contingências. A clareza do valor reforçador da alta freqüência das relações sexuais levou a procedimentos de extinção dos relatos verbais relativos a sentimentos de solidão e culpa por manter essas relações. Os relatos do cliente passaram a ficar sob controle do que ocorria nos encontros com os parceiros, com ênfase nos comportamentos sexuais das relações, ressaltando os reforçadores e diminuindo os relatos de culpa. Nesse momento encerrou o processo terapêutico, o que interrompeu os processos de generalização das intervenções.

Apresentação 3:

Anne (25) solteira, administradora de empresas, buscou psicoterapia porque estava se sentindo deprimida, não sabia como lidar com os problemas de seu relacionamento: “sinto tudo muito estranho em minha vida”. Estava namorando Renan há mais de um ano. Tinham planos de casamento, mas ela havia descoberto, há pouco tempo, que ele a tinha traído e engravidado uma ex-namorada. Terminou e reatou o namoro. Ao longo das primeiras sessões, foi ficando clara a dificuldade de Anne para expressar afeto, de ser afetiva com os outros. Ela tinha uma história de vida em que predominava uma alta cobrança por parte de seus pais por bons desempenhos, em detrimento de suas preferências pessoais. Anne era muito reforçada positivamente, e/ou negativamente, quando atingia certos níveis de competência determinados pelos pais. Quando não os atingia era punida positivamente, por meio de humilhações, e negativamente, pela retirada de estímulos reforçadores para ela, tais como: atenção dos pais, acesso a carro e dinheiro. Sempre era

comparada com seu irmão mais velho, bem sucedido profissionalmente. Apesar da relação ser coercitiva, os pais demonstravam “topograficamente” preocupações e afetividade pela filha, usavam os padrões de carinho para conseguir a colaboração dela para determinadas coisas, como empréstimo de dinheiro, tais contingências levaram Anne a desenvolver um repertório comportamental baseado em bom desempenho, porém, não foram desenvolvidos sentimentos de auto-estima e seu repertório comportamental de afeto era deficitário. O objetivo do presente trabalho foi levar Anne a discriminar as contingências de reforçamento em vigor em sua vida, por meio de instrução verbal, modelagem, dro, e apresentação de modelos; desenvolver repertório social que produzisse mais reforçadores positivos (relações sociais “menos poluídas” por exigências de bom desempenho e mais baseadas em sentimentos de satisfação e prazer); e repertório de contracontrole. Anne conseguiu se desligar de Renan (contracontrolando, não cedendo às pressões e chantagens dele); passou a identificar suas falhas em relação à falta de afetividade e a desenvolver vínculos mais fortes com amigos (relações baseadas em reforçamento positivo); no trabalho conseguiu identificar o controle exagerado que sua chefe tinha sobre sua vida pessoal e a melhorar sua relação com ela; começou a buscar uma profissão em que se sentisse mais realizada; passou a contracontrolar mais seus pais. Conheceu um novo namorado e começou a se “arriscar” mais em termos de um novo modo, mais afetivo de comportar-se. Passou a relatar mais sentimentos de segurança, de maior controle sobre sua vida e de felicidade.

Simpósio: “Correlação entre História Experimental e Pré-Experimental sobre o Comportamento de Seguir Regra Discrepante”

Ana Rachel Pinto - UFPA, Carla Cristina Paiva Paracampo - UFPA, Livia Melo – UFPA

Coordenador: Ana Rachel Pinto – UFPA

Debatedor: Carla Cristina Paiva Paracampo – UFPA

Estudos que têm investigado o controle por regras têm freqüentemente procurado avaliar os efeitos de histórias construídas experimentalmente sobre o comportamento de seguir regras. As diferenças encontradas nos resultados de participantes expostos a uma mesma condição experimental muitas das vezes não são explicadas prontamente através da análise das manipulações experimentais. Deste modo, a variabilidade intra- condição tem sido explicada pelos possíveis efeitos das histórias pré-experimentais. No entanto, poucos trabalhos têm procurado investigar a correlação dos resultados obtidos através do manejo experimental e as diferenças individuais produto de histórias pré-experimentais sobre o seguir regras discrepantes das contingências de reforço programadas. Um dos trabalhos encontrados na literatura apontou para a correlação sistemática entre histórias pré-experimentais (inferidas de um questionário sobre inflexibilidade, que permite a pré-classificação dos participantes em flexíveis e inflexíveis), e o comportamento de seguir ou não as regras fornecidas em ambiente experimental. Portanto, os trabalhos que serão apresentados investigaram a correlação entre os efeitos de experimentais e histórias pré-experimentais sobre o comportamento de seguir

regras discrepantes. Os resultados obtidos pelo primeiro trabalho mostraram que as diferenças sistemáticas observadas entre os desempenhos dos participantes flexíveis e inflexíveis apóiam a sugestão de que diferenças individuais geradas por diferentes histórias pré-experimentais são variáveis que podem estar relacionadas a manutenção, ou não, do seguimento de regras discrepantes das contingências. Os resultados do estudo dois permitem concluir que a manutenção do comportamento de seguir regras discrepantes não depende somente da história experimental ou da história pré-experimental do ouvinte, mas sim da combinação de um número de condições favoráveis ou desfavoráveis a manutenção do comportamento de seguir regra discrepante.

Apresentação 1:

O presente estudo teve como objetivo investigar se o comportamento de seguir regras discrepantes das contingências de reforço depende mais da história experimental do ouvinte ou da sua história pré-experimental, inferida das respostas do ouvinte a um questionário sobre inflexibilidade. Dezesesseis universitários, previamente classificados como flexíveis ou como inflexíveis, foram expostos a um procedimento de escolha segundo o modelo; a tarefa era apontar cada um dos três estímulos de comparação. A Sessão 1 era de linha de base. As contingências eram alteradas na Sessão 3, e mantidas inalteradas na Sessão 4, iniciada com a regra discrepante das contingências. Na Sessão 2, o apontar era estabelecido por contingências na Condição I e por regra na Condição II. Independentemente da condição experimental, seis dos oito participantes flexíveis deixaram de seguir a regra discrepante na Sessão 4; e sete dos oito participantes inflexíveis mantiveram o seguimento da regra discrepante na Sessão 4. Os resultados sugerem que as diferenças sistemáticas observadas entre os desempenhos dos participantes flexíveis e inflexíveis apóiam a sugestão de que diferenças individuais geradas por diferentes histórias pré-experimentais são variáveis que podem estar relacionadas a manutenção, ou não, do seguimento de regras discrepantes das contingências.

Apresentação 2:

O presente estudo investigou se a manutenção, ou não, do comportamento de seguir regras discrepantes das contingências de reforço programadas em situação experimental depende mais da história experimental do ouvinte ou da sua história pré-experimental, inferida das respostas destes a um questionário sobre inflexibilidade. Dezesesseis estudantes universitários selecionados previamente com base em suas respostas a um questionário sobre inflexibilidade, foram expostos a um procedimento de escolha segundo o modelo. Em cada tentativa, um estímulo modelo e três de comparação eram apresentados ao participante, que deveria apontar para os três de comparação, em uma determinada seqüência. Os participantes foram atribuídos a duas condições e cada condição continha quatro fases. As condições diferiram somente quanto ao esquema de reforço utilizado. Na Condição 1 o esquema de reforço era contínuo (CRF) e na Condição 2 era de razão fixa (FR4). Nas duas condições a Fase 1 era iniciada com a apresentação de instruções mínimas e uma seqüência de

respostas era estabelecida por reforço diferencial; a Fase 2 era iniciada com a apresentação de uma regra discrepante; a Fase 3 era iniciada com a apresentação de uma regra correspondente e a Fase 4 com a reapresentação da regra discrepante. Oito participantes (quatro classificados de flexíveis e quatro classificados de inflexíveis) foram expostos à Condição 1 (CRF) e oito participantes (quatro classificados de flexíveis e quatro classificados de inflexíveis) foram expostos à Condição 2 (FR4). Os resultados mostraram que independente da classificação, os oito participantes da Condição 1 abandonaram o seguimento da regra discrepante das contingências, indicando que o controle exercido pela história experimental construída, impediu a observação dos efeitos de variáveis pré-experimentais sobre o comportamento de seguir regras discrepantes dos participantes. Já os resultados da Condição 2 mostraram que os quatro participantes classificados de flexíveis abandonaram o seguimento da regra discrepante e os quatro participantes classificados de inflexíveis mantiveram o seguimento da regra discrepante das contingências, indicando que sob estas condições o controle por diferentes histórias pré-experimentais, prevaleceu. Comparativamente os resultados das duas condições permitem concluir que a manutenção do comportamento de seguir regras discrepantes não depende somente da história experimental ou da história pré-experimental do ouvinte, mas sim da combinação de um número de condições favoráveis ou desfavoráveis a manutenção do comportamento de seguir regra discrepante.

Mesa Redonda: “Da Clínica Comportamental para a Atuação em Saúde Coletiva”

Suzane Schmidlin Löhr - Universidade Positivo/UFPR, Dione Menz - UFPR/ FEPAR, Fernanda Gutierrez Magalhães

Coordenador: Suzane Schmidlin Löhr - Universidade Positivo/UFPR

A presente mesa discutirá algumas possibilidades de aplicação do arcabouço teórico da análise do comportamento e da terapia cognitivo comportamental no campo da saúde coletiva. A inserção do psicólogo em projetos visando à saúde coletiva está em franco crescimento, conforme evidenciam os diversos editais de concursos públicos para a contratação de psicólogos. Percebe-se que na graduação o modelo clínico predominante durante muitos anos, fortaleceu ações voltadas ao intrapsíquico. Como utilizar os conhecimentos adquiridos na clínica para a intervenção em saúde coletiva? Que compreensão o behaviorismo nos fornece para entender o processo saúde-doença e estruturar o tipo de intervenção psicológica adequada a projetos de saúde coletiva?

Apresentação 1:

Desde 2006 são acompanhadas, no centro psicológico de uma Universidade de Curitiba, pessoas encaminhadas pela Unidade de Saúde próxima, as quais foram diagnosticadas como hipertensas em nível grave. Estas pessoas, após passarem por um processo de triagem/avaliação psicológica breve, são convidadas a participar de atendimento grupal, estruturado em 12 a 15 encontros, com o objetivo

de desenvolver melhores estratégias para manejo de fatores relacionados com a elevação da pressão arterial, adesão ao tratamento e qualidade de vida. Os conhecimentos da clínica comportamental constituem um dos fundamentos para as intervenções propostas. Pacientes hipertensos que participaram da atividade apresentaram maior controle da pressão arterial no decorrer dos encontros, além de diminuírem a busca dos serviços emergenciais públicos de saúde por questões relacionadas à hipertensão. Analisar funcionalmente o programa de intervenção pode oferecer importantes pistas sobre o processo, possibilitando replicação do mesmo com outras pessoas, ao mesmo tempo em que apresenta uma forma diferente de atuação psicológica, com potencial para implementação em unidades básicas de saúde.

Apresentação 2:

Com a implantação da Estratégia da Saúde da Família em Curitiba, a partir de 1994, fez-se necessária uma reorganização dos processos de trabalho das equipes, com o desencadeamento de ações referentes a “territorialização” do espaço físico, e mapeamento dos problemas prevalentes no território de abrangência. Um dos grandes problemas levantados pelas equipes, dizia respeito aos transtornos mentais, especialmente aos relacionados à dependência química, principalmente ao alcoolismo. Neste sentido, organizaram-se diferentes ações para o enfrentamento deste agravo, dentre as quais a Desintoxicação Ambulatorial e o Programa de Prevenção de Recaída, que buscou orientar o alcoólico para o auto-manejo das situações de risco, que percebia estarem relacionadas ao seu processo de recaída, bem como diferenciá-lo das situações de “lapso”, compreendendo as eventuais recaídas como possibilidades de aprendizagem. Estas ações, de desintoxicação e prevenção da recaída, permitiram, à comunidade, equipe e dependente químico um novo olhar sobre este fenômeno, já que o manejo deste problema passou a se dar no âmbito da US, deixando de ter um cuidado exclusivamente hospitalar.

Apresentação 3:

A partir da década de 70, sobretudo na América Latina, inicia-se um profundo debate sobre as explicações e ações normalmente utilizadas em saúde pública. O modelo unicausal e focado no indivíduo era insuficiente para explicar as doenças mais prevalentes no século XX. É nesse momento que se reconhece a necessidade de explicar a desigualdade na distribuição das doenças nos diferentes segmentos sociais. A saúde coletiva, desde então, tem buscado uma compreensão do processo saúde-doença como um processo que ocorre na sociedade e é dependente da forma como essa sociedade se estrutura. Desde a década de oitenta, o paradigma norteador da saúde coletiva tem sido o da Promoção de Saúde, de acordo com o qual a compreensão e a proposição de soluções em saúde devem incluir os fatores sociais que a afetam, abordando os caminhos pelos quais diferentes estados de saúde e bem-estar são construídos socialmente. A idéia de promover saúde não diz respeito apenas a ações voltadas a doenças específicas, mas estratégias que visam aumentar a saúde e o bem

estar, envolvendo diversos setores da sociedade a partir da análise de uma certa população. O presente trabalho tem como objetivo mostrar que a análise do comportamento tem em sua teoria e em seus métodos, recursos adequados para a análise do processo saúde-doença em consonância com os atuais modelos utilizados em saúde-coletiva.

Mesa Redonda: “O Psicólogo Comportamental e o Desenvolvimento da Competência Social Infantil”

Suzane Schmidlin Löhr - Universidade Positivo / UFPR, Gabriela Sapienza - UNIFESP, Edwiges F.M.

Silvares - USP, , Caroline Guisantes de Savo – USP

Coordenador: Edwiges F.M. Silvares – USP

Historicamente o tratamento de problemas infantis e adultos relacionados à incapacidade de se dar bem socialmente com outras pessoas não tem ocupado um lugar elevado na literatura psiquiátrica e psicológica brasileira e internacional. Em contraste com outros problemas mais estudados, a incompetência social só mais recentemente tem sido vista como objeto legítimo de estudo pela Psicologia. O reconhecimento da legitimidade dessa área psicológica não é surpreendente em vista da evidência abundante indicando que um relacionamento social positivo especialmente com os pares é importante e requisito para saúde mental e sucesso educacional e que os relacionamentos negativos com os pares, pais e outros estão associados com resultados negativos de longo termo, inclusive o uso de drogas , violência interpessoal, etc..O propósito da mesa é colocar em foco o desenvolvimento da competência social como atribuição não só do psicólogo mas também de vários agentes sociais que interagem com a criança.

Apresentação 1:

As habilidades sociais são facilitadoras do relacionamento interpessoal, o que lhes confere um papel especial na qualidade de vida das pessoas. Assim, participar de atividades que promovam o desenvolvimento de habilidades sociais significa engajar-se em ações de prevenção primária em saúde. As ações primárias deveriam, por sua vez, ser disponibilizadas a todos e serem viabilizadas por estratégias governamentais. Uma das atribuições do psicólogo comportamental consiste em utilizar seu arcabouço teórico para analisar funcionalmente o contexto social e as práticas por ele adotadas com o objetivo de propor alternativas que contribuam para o bem estar da população. Descreveremos o uso do workshop para a comunidade como um recurso encontrado para disseminar o conhecimento sobre habilidades sociais e estimular o desenvolvimento e utilização das mesmas em diferentes contextos. Consideramos que ações desta natureza possam constituir passos intermediários de conscientização da sociedade, instrumentalizando a população para que reivindique, junto aos governantes, estratégias efetivas para a construção de uma cultura da paz.

Apresentação 2:

A competência social e um bom desempenho acadêmico contribuem para o desenvolvimento de comportamentos ajustados em adolescentes. A competência social envolve as habilidades sociais, as habilidades para autovalorização (auto-eficácia, autoconceito, autoconhecimento e auto-estima) e outros fatores que contribuem para um desempenho social ajustado ao contexto, como valorização de adultos e relacionamento com pares. O processo de ensino e aprendizagem envolve freqüentemente situações de interação entre professores e estudantes e entre pares. Ser socialmente competente no ambiente acadêmico é fundamental para um bom desempenho. Este trabalho investigou as relações entre competência social e rendimento acadêmico em adolescentes analisando se: 1) a competência social se correlaciona positivamente com o alto rendimento acadêmico, e 2) o funcionamento adaptativo em sala de aula se correlaciona positivamente com o alto rendimento acadêmico. Participaram deste estudo 66 adolescentes de ambos os sexos, seus pais (n=66) e 11 professores. Os adolescentes cursavam entre a sexta e a oitava série do ensino fundamental de uma escola pública localizada na cidade de Curitiba, Paraná e foram classificados de acordo com a média de suas notas em português e matemática em dois grupos: adolescentes de alto rendimento acadêmico (n=33) e adolescentes de baixo rendimento acadêmico (n=33). Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram: para a avaliação da competência social, o CBCL (Achenbach, 1991) e o YSR (Achenbach, 1991) preenchidos pelos pais e pelos adolescentes respectivamente, e para avaliação do funcionamento adaptativo, o TRF (Achenbach, 1991) preenchido pelos professores. A análise de diferenças entre as médias dos grupos de adolescentes de alto e baixo rendimento acadêmico para cada variável de competência social e de funcionamento adaptativo e de práticas educativas parentais foi analisada pelo teste T de Student para amostras independentes por intermédio do software SPSS versão 10,0. Os resultados mostraram que os adolescentes de alto rendimento acadêmico se percebem e são percebidos pelos pais e pelos professores como mais ajustados em todas as variáveis que avaliam a competência social e o funcionamento adaptativo quando comparados aos adolescentes de baixo rendimento acadêmico. Esses dados foram significativos apenas para as variáveis avaliadas pelo CBCL e pelo TRF. Os dados obtidos permitiram confirmar as hipóteses levantadas: 1) a competência social se correlaciona positivamente com o alto rendimento acadêmico; e 2) o funcionamento adaptativo em sala de aula se correlaciona positivamente com o alto rendimento acadêmico. Este trabalho contribuiu para mostrar que outros aspectos além da capacidade cognitiva devem ser considerados quando se trata de desempenho acadêmico. A influência de características pessoais, como a competência social, e de aspectos ambientais, como as dicas dos agentes sociais a respeito do modo como o adolescente deve se comportar no contexto escolar, são evidentes. Trabalhos futuros que envolvam esses temas devem considerar a necessidade de atuar não só com os adolescentes, mas também com seus professores e mesmo os pais para promover o desenvolvimento de comportamentos ajustados ao contexto escolar.

Apresentação 3:

A adolescência é um período do desenvolvimento humano, no qual o indivíduo passa gradativamente a se comportar em função de variáveis do ambiente externo a família. Enquanto a criança tem em seus cuidadores e professores os principais estímulos reforçadores, a literatura sugere que para o adolescente são os pares o principal reforçador. Estudos recentes têm buscado avaliar o grau em que os modelos parentais permanecem reforçadores aos adolescentes. Esses modelos ocorrem através das práticas educativas. Estas são definidas como as estratégias utilizadas pelos pais para contingenciar o comportamento dos filhos, podendo colaborar ou não para o desenvolvimento de competência social. Competência social refere-se à capacidade de articular sentimentos, pensamentos e comportamentos em padrões sociais adequados de desempenho em diferentes situações e demandas interpessoais. A competência social é referida como uma classe de comportamentos protetivos na adolescência. Frente a isso, o presente trabalho buscou avaliar em que grau as práticas educativas parentais podem ser preditoras de Competência social entre adolescentes. Participaram desta pesquisa 485 adolescentes, com idades entre 11 e 17 anos de duas capitais brasileiras. A amostra foi composta por 53% de meninas, brancas, residentes em áreas de classe média-baixa. Os participantes responderam em sala de aula ao Inventário de Estilos Parentais e ao YSR- Inventário de auto-relato para adolescentes, que avalia competência social e problemas de comportamento. Os dados foram tabulados e analisados a partir do software SPSS 15.0, através de Teste t e regressão múltipla. Comparando-se os adolescentes das duas capitais quanto às práticas parentais, observou-se que entre os mais jovens, existem diferenças significativas em função da região, o que praticamente não ocorre com o aumento da idade. Porém, de forma geral, a qualidade das práticas percebidas decai com o aumento da idade dos participantes. O mesmo ocorre com competência social: os mais jovens se diferenciam em função da capital, e com o aumento da idade comportam-se de forma similar, porém, percebendo-se como menos competentes. Buscou-se ainda, a partir de todas as práticas educativas, avaliar quais seriam preditoras de competência social. Observou-se que entre os mais jovens, as práticas educativas monitoria positiva e comportamento moral apresentaram-se como fortes preditores. Já entre adolescentes com 13 anos ou mais, foi o comportamento moral, a prática preditora de competência social. Os resultados sugerem que apesar de na adolescência, os jovens unirem-se aos pares, as práticas educativas utilizadas pelos pais continuam a exercer controle, colaborando para o desenvolvimento da competência social.

Mesa Redonda: "Tricotilomania, Compras Compulsivas e Transtorno Explosivo Intermitente: conceitualização e tratamento"

Edson Luiz Toledo - Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso-AMITI-IPq-FMUSP, Tatiana Zambrano Filomensky - Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso-AMITI-Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas - FMUSP, Christina Lahr - Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso-AMITI-Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas-FMUSP

Coordenador: Cristiano Nabuco de Abreu - Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso-AMITI - Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP

Comunicação Oral: “Déficits de Repertório Comportamental Produzindo Relacionamentos Mantidos Principalmente pelo Primeiro Nível de Variação e Seleção: um estudo de caso segundo o modelo de terapia de contingências de reforçamento”

Joselma Tavares Frutuoso - Universidade Federal de Santa Catarina

Comunicação Oral: “Ampliando Repertório Comportamental pelo Manejo das Contingências de Reforçamento - uma análise clínica”

Alexandre Gomes de Brito - Consultório Particular

Comunicação Oral: “Estudo do Comportamento Religioso em Universitários”

Ana Cláudia Lançoni, Adriana Said Baptista

A religião é um dos pilares sociais que normatiza a ação dos indivíduos que se comportam para buscar reforçadores, evitando a punição divina, para isto ele se comporta seguindo as regras propostas. Objetiva-se demonstrar dados referentes aos comportamentos religiosos de 1775 universitários do interior do São Paulo. Realizou-se uma análise exploratória, para os dados descritivos em frequência. Os resultados foram: religião católica apresentou mais fiéis, 64,5%, dado encontrado na literatura visto que, metade dos católicos declara-se adepto desta religião, mas não exerce as doutrinas, pois o controle desta é menos punitivo e exigente. Em relação ao grau de satisfação com a religião, 81,7% declara estar “satisfeitos” e “muito satisfeitos” com sua religião, demonstrando que a opção religiosa atende suas necessidades, sendo reforçadora. Quando avaliado a variação da religiosidade no decorrer do curso, observa-se que 78,8% “não mudou” sua relação com a religiosidade, 13,6% ficou “menos religioso” e 7,5% ficou “mais religioso”. A não variação da religião demonstra que estar em uma universidade não altera sua relação com a religião, pois ela já vinha consolidada e traz reforçadores aos fiéis. Entretanto, 13,6% alteraram sua relação com a religião, ficando “menos religioso”. O curso de Psicologia destacou-se neste aspecto, o que pode ser entendido em função do contato com novas contingências, relações, contato com a ciência e explicações objetivas para os eventos da vida, logo a religião deixou de ser tão reforçadora, uma vez que o controle supersticioso deixou de ser uma contingência única. Dentre os 7,5% que declararam ficar “mais religiosos”, destacou-se o curso de Biologia, curso que não prevê reflexões associadas às contingências punitivas e sim conteúdos objetivos. Em relação ao tipo de prática religiosa, 32,3% “pratica indo ao templo religioso”; 28,4% “está afastado momentaneamente das atividades religiosas”; 15,5% “pratica e participa da religião”; 16,9% “não pratica nenhuma religião” e 6,8% “não tem religião”. É necessário ressaltar que os indivíduos que estão afastados e aqueles que não praticam nenhuma religião, somam cerca de 50%, vale destacar que a maioria dos participantes que se denomina católico não pratica sua religião, fato este que pode explicar o número de afastados e não praticantes. Portanto, conclui-se

que a religião católica é a mais declarada entre os universitários, que a grande maioria se sentem satisfeitos com a sua opção religiosa, que a prática mais comum ainda é ir ao templo, mas seria importante levar em consideração a história de reforçamento religioso de cada indivíduo.

Comunicação Oral: “Planejamento do Processo de Inclusão da Pessoa Deficiente no Mercado de Trabalho”

Rosária Maria Fernandes da Silva - UNIVALI

O Brasil possui um conjunto de princípios legais que garante à pessoa deficiente participar ativamente da sociedade. Porém, o desconhecimento, o preconceito, a concepção social de que deficiência denota incapacidade, os problemas presentes no sistema educacional e as dificuldades de interação da pessoa deficiente impedem que a mesma usufrua seu direito de cidadão: TRABALHAR. Assim, o processo de inclusão da pessoa deficiente no ambiente de trabalho precisa ser planejado. Mas como fazer isso? Como ensinar? O que ensinar? Quando e quanto ensinar? É necessário preparar o corpo funcional na recepção das pessoas deficientes? Como fazer isso? Estas questões podem ser respondidas a partir dos pressupostos teóricos da Análise do Comportamento. Os benefícios da aplicação da Análise do Comportamento referente ao planejamento dos processos de ensinar e aprender são notórios. Pesquisadores demonstram o quanto à utilização dos princípios da AEC facilita o planejamento e o manejo das condições do ensinar e aprender. Assim, este trabalho objetiva apresentar um modelo de planejamento do processo de inserção da pessoa deficiente no ambiente de trabalho. O mesmo apresenta também um relato do que está sendo feito em programas empresariais que apresentam sucesso na contratação de pessoas deficientes. O mesmo discute também as leis que garantem o ingresso da pessoa deficiente no mercado de trabalho e os ganhos relacionados à imagem da empresa, bem como o comportamento de responsabilidade social.

Sexta Feira, 29 de Agosto 19:00h às 20:00h – Painéis

“O Papel do Psicólogo na Equipe Interdisciplinar do Ambulatório de Manejo de Cólon do HCFMRP-USP”

Marta Pontes, Renata Gorayeb, Gustavo Orsi, Fábio Volpe, Ricardo Gorayeb, Yvone Vicenti - Afiliação do Grupo: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – USP

“Caracterização Sócio-Demográfica dos Pacientes do Ambulatório de Psicologia do HCFMRP-USP e Técnicas Comportamentais Utilizadas”

Giovana Facchini, Fernanda Bitondi, Flávia Gomes, Ricardo Gorayeb, Roberta Freitas - Afiliação do Grupo: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP

“Atendimento Psicológico de Crianças com Mielomeningocele no Ambulatório Interdisciplinar de Urologia Infantil do HCFMRP – USP”

Renata Panico Gorayeb, Flávia Andressa Farnocchi Marucci, Antônio A. Rodrigues Jr, Yuri Dantas, Haylton J. Suaid, Ricardo Gorayeb - Afiliação do Grupo: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP

“Assistência Domiciliar: levantamento de sintomas para a atuação do psicólogo comportamental da saúde ”

Alessandra Silva, Adriana Baptista, Marina Ribeirão, Cristiane Meneghetti, Valdirene Pinto - Afiliação do Grupo: Centro Universitário Hermínio Ometto – Uniararas

“População Atendida pelo Serviço de Aconselhamento Genético: a área de psicologia melhorando o atendimento”

Renata Grossi - UEL, Wagner José Martins Paiva - UEL, Patricia Motta Cordeiro - UEL, Paula Hlisa Paranaíba Goto - UEL, Luciana Helena da Silva – UEL

“Atuação da Psicologia no Serviço de Aconselhamento Genético: quando o resultado do cariótipo é normal”

Renata Grossi - UEL, Luciana Helena da Silva - UEL, Wagner José Martins Paiva - UEL, Patrícia Motta Cordeiro – UEL

“Contribuições da Psicologia em um Núcleo da Estratégia de Saúde da Família”

Cassiana Oliveira - USP, Carina Matheus - USP, Quitéria Lourosa – USP

“O Analista do Comportamento e sua Atuação no Contexto da Saúde Coletiva: aspectos éticos e políticos”

Flávia Baldan - UFPR, Alexandre Dittrich – UFPR

“Atuação do Psicólogo da Saúde no Ambulatório de Cirurgia Pediátrica”

Patrícia Angeloni, Poliana Lima, Kelly Grecca - Famerp/Funfarme

“Importância da Atuação do Psicólogo em Contextos Médicos-Hospitalares: experiência numa UTI neonatal”

Nathália Siqueira - PUC-Campinas, Diana Laloni - PUC-Campinas, Queila Fernandes - PUC-Campinas

“Proposta de Atuação do Psicólogo da Saúde em Ambulatório de Pé Diabético”

Camila Coelho - PUC-Campinas/ Unicamp, Denise Zantut-Wittmann - Unicamp, Cândida Parisi – Unicamp

“A Evolução do Conceito de Metacontingência: uma análise por meio da definição e dos exemplos empregados por Sigrid Glenn”

Maria Amalia Pie Abib Andery - PUC-SP, Mariana Cavalcante Vieira - PUC-SP, Paula Barcellos Bullerjhan - PUC-SP, Virginia Cordeiro Amorim - PUC-SP

“Violência e Esporte: relação entre as regras envolvidas na prática de uma modalidade esportiva e a ocorrência de episódios violentos durante a prática dessa modalidade”

Lais Yuri Ansai - PUC-SP

“Tatos sobre a Auto Confiança e Controle de Estímulos em Atletas Juvenis Praticantes de Handebol”

Luciano David, Sérgio Barbosa, Gélson Martins, Pedro Fernandes, Raphael Carvalho, Lucas Sá

“Um Estudo Empírico sobre a Relação entre Imaginação e Ação a Partir de uma Tarefa Controlada em Atletas e Sedentários”

Alexandre Montagnero, Augusto Samoura, Amanda Costa, Luciano David, Marco Silva, Juliana Baccelli, Paulo Martins

“Influência da Comunicação Verbal sobre o Desempenho de Sujeitos Durante a Prática de um Jogo de Bocha – um relato de experiência”

Sarah Muzi Cardoso, Filipe Moreira Vasconcelos, Renan Grilo de Almeida, Paola Porto Câmara de Freitas, Paula Nunes Lima, Luciano de Sousa Cunha
Afiliação do Grupo: Centro Universitário Vila Velha

“Identificando Comportamentos Problemáticos na Prática de Atividades da Modalidade Handebol”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Sarah Muzi Cardoso, Filipe Moreira Vasconcelos, Luiza Geaquinto Machado, Rosalina Barros Gomes, Priscila de Assis Nogueira, Luciano de Sousa Cunha
Afiliação do Grupo: Centro Universitário Vila Velha

“Identificação de Variáveis que Afetam a Escolha por Cooperação, Competição e Trabalho Individual em uma Equipe de Basquetebol”

Paola Porto Câmara de Freitas, Filipe Moreira Vasconcelos, Renan Grilo de Almeida, Paula Nunes Lima, Luiza Geaquinto Machado, Luciano de Sousa Cunha
Afiliação do Grupo: Centro Universitário Vila Velha

“Consultoria Comportamental para o Desenvolvimento de um Projeto de Marketing para uma Equipe de Basquetebol”

Paola Porto Câmara de Freitas, Filipe Moreira Vasconcelos, Renan Grilo de Almeida, Wagner Petri Travesani, Luiza Geaquinto Machado, Luciano de Sousa Cunha
Afiliação do grupo: Centro Universitário Vila Velha

“Efeitos da Influência da Torcida e da Comunicação Intergrupar no Desempenho de uma Equipe de Basquetebol”

Paula Nunes Lima, Filipe Moreira Vasconcelos, Renan Grilo de Vasconcelos, Paola Porto Câmara de Freitas, Thiago Corradi Costa, Luciano de Sousa Cunha
Afiliação do grupo: Centro Universitário Vila Velha

“Ouvindo com o Coração: relato de experiência sobre a intervenção junto a um grupo de pais de crianças surdas”

Wagner Petri Travesani, Elson Almeida Filho, Franco Calegari Aguiar , Junia Heriques de Brito, Michelle Lyrio Tabachi, Luciano de Sousa Cunha
Afiliação do grupo: Centro Universitário Vila Velha

“A Inserção do Psicólogo em uma Intervenção com um Grupo de Pais de Crianças Surdas: um relato de experiência”

Wagner Petri Travesani, Elson Almeida Filho, Franco Calegari Aguiar , Junia Heriques de Brito, Michelle Lyrio Tabachi, Luciano de Sousa Cunha
Afiliação do grupo: Centro Universitário Vila Velha

“Grupo de Orientação a Mães-Sociais de uma Instituição para Pessoas com Necessidades Especiais”

lasmin Boueri - UFSCar, Andréia Schmidt - Universidade Positivo

“Procedimentos de Ensino de Habilidades Básicas a uma Criança com Necessidades Especiais Institucionalizada”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

lasmin Boueri - UFSCar, Andréia Schmidt - Universidade Positivo

“Controle de Estímulos e Formação de Relações Simbólicas em Pré-Escolares e Indivíduos com Síndrome de Down”

Priscila Crespilho Grisante - UFSCar, Júlio César C. de Rose – UFSCar

“Descrição das Emoções em uma Situação de Conflito na Tarefa de Construção de Frases”

Lucas Hangai Signorini, Luciana Oushiro Ferreira, Vivian Nascimento Confessoro, Roberta Alice Lins Toqueiro, Eliana Isabel de Moraes Hamasaki, Gerson Yukio Tomanari
Afiliação do Grupo: USP

“Educação Infantil: levantamento das expectativas familiares”

Maraíze Dias, Oswaldo Longo Jr, Renata Lima
Afiliação do Grupo: Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF

“Educação Infantil: comparação entre as expectativas familiares e as reais funções da escola”

Maraíze Dias, Oswaldo Longo Jr, Renata Lima
Afiliação do Grupo: Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF

“Contingências Diferenciais e Sentimentos: uma análise experimental”

Mariana Silva Evangelista - USP, Tatiane de Cássia Alberto Pereira - USP, Luiza Gil Almeida Cioffi - USP, Amanda Fiorelini Pereira - USP, Elisana Isabel de Moraes Hamasaki - USP, Gerson Yukio Tomanari – USP

“Escolha de Pronomes na Construção de Frases: uma comparação entre efeitos de pontos e figuras como consequência diferencial”

Joyce Cristina de Oliveira Rezende - USP, Marina Carbonell de Franca Aranha - USP, Paulo Henrique Curi Dias - USP, Tamara Cavalcante Rei - USP, Elisana Isabel de Moraes Hamasaki - USP, Gerson Yukio Tomanari – USP

“Construindo e Melhorando Habilidades Sociais em um Caso de Autismo”

Aline Santii - Universidade Estadual de Maringá, Aline Maciel - Universidade Estadual de Maringá, Annamaria Castilho - Universidade Estadual de Maringá, Larissa Modesto - Universidade Estadual de Maringá, Vânia SantaAna - Universidade Estadual de Maringá

“Intervenção em Grupo de Pais e de Crianças com Síndrome de Tourette e/ou Hiperatividade”

Marcela Sarmiento - Associação Sitoc / NAC-Santos, Cláudia Pereira - Associação Sitoc/NAC-Santos, Ralph Stratz - NAC - Santos, Mario Balaban - NAC - Santos, Flávia Carvalho - NAC - Santos, Ricardo Brandão

“Um Procedimento Original de Emparelhamento para Ensinar Crianças com Autismo”

Mariana Simoes - Umass Medical School /Shriver Center, Harry Mackay - Umass Medical School/Shriver Center, William Mcilvane - Umass Medical School/Shriver Center

“A Questão do Gênero em Tarefas de Leitura e Escrita de Palavras”

Carolina Christovam - UNIMEP, Mariana Simoes - UFSCar/Umass Medical School - Shriver Center, Deisy De Souza – UFSCar

“Avaliação do Repertório de Leitura de Alunos com Síndrome de Down Utilizando Software Educativo MESTRE®”

Nelma Barros - PUC - SP, Melania Moroz - PUC - SP

“Avaliação de um Procedimento de Ensino de Leitura e Escrita, de Palavras com Sílabas Simples, para Alunos de E.J.A., Utilizando Software Educativo”

Rosana Llausas, Melania Moroz - PUC-SP

“Conceitos em Equivalência de Estímulos: análise de um livro de língua portuguesa usado em alfabetização”

Francisco Andeson Gonçalves Carneiro - UESPI, Júlia Marina Leite Carneiro - Faculdade Santo Agostinho, Izabel Cristina Vale de Carvalho, Brunna Stella da Silva Carvalho , Daniel Feitosa dos Santos

“Controle por Unidades Mínimas na Aquisição de Leitura: treinos e testes de discriminações condicionais entre palavras ditadas e palavras impressas”

Mariana Kerches da Silva Leite - USP, Maria Martha Costa Hübner – USP

“Funções de Contingências Descritas em Histórias sobre o Comportamento de Crianças Após Suas Leituras” Christiana Almeida - UNESP/Bauru, Ana Claudia Almeida-Verdu - UNESP/Bauru, Ludmila Souza - UNESP/Bauru, Maria Regina Cavalcante - UNESP/Bauru

“Terapia Comportamental Infantil com Intervenção Focal nos Repertórios de Leitura e Escrita”

Fabricia Diniz - Universidade FUMEC, Herika Sadi - Universidade FUMEC/USP

“Cópia com Construção da Resposta e Precisão em Tarefas de Ditado em um Escolar com Dificuldades de Aprendizagem” France Matos de Oliveira - UNESP/Bauru, Ana Claudia Moreira de Almeida-Verdu - UNESP/Bauru

“Análise dos Efeitos de uma Programação de Ensino Aplicada em uma Instituição de Ensino Superior”

Marcio Juliano - Anhanguera Educacional

“Identificando os Processos Comportamentais Envolvidos no Trabalho de uma Escola de Ballet Clássico de Fortaleza”

Mariana Simões - UFCE, Lílian Lima - UFCE, Ingrid Ribeiro - UFCE, Ingrid Ribeiro - UFCE, Maria Camila Moura - UFCE, Iago Cavalcante - UFCE

“Arranjando Contingências para o Ensino de Análise do Comportamento: avaliação do comportamento do professor”

Luiza Geaquinto Machado, Wagner Petri Travesani, Rosalina Barros Gomes, Priscila de Assis Nogueira, Sarah Muzzi Cardoso, Luciano de Sousa Cunha - Afiliação do grupo: Centro Universitário Vila Velha

“Estratégias de Estudo Adotadas por Estudantes de Ensino Superior para a Elaboração de Conceitos Científicos”

Ingrid Agassi - UnisulSC - Nádia Kienen – UnisulSC

“Pais como Agentes Favorecedores do Comportamento de Estudo dos Filhos – levantamento de dados através do relato dos pais”

Danila Secolim Coser - UFSCar, Naiara Minto Sousa – UFSCar

“Técnicas Comportamentais Diante de uma Intervenção Psicopedagógica”

Fabiano Cruz, Juliana Ribeiro

“A Importância da Percepção da Professora sobre o Comportamento Habilidade de Seus Alunos”

Suzane Schmidlin Löhr - Universidade Positivo, Leticia Degraf Rosas - Universidade Positivo

“Análise de um Sistema de Ensino Governamental: educação masculina espartana”

Izabel Cristina Vale de Carvalho, Francisco Andeson Gonçalves Carneiro - UESPI, Emanuely Silva Costa, Brunna Stella da Silva Carvalho, Daniel Feitosa dos Santos

“Grupo de Orientação a Cuidadores de Crianças com Distúrbio de Aprendizagem e Dificuldades Comportamentais”

Lígia Mara Gonçalves Cheruti - Famerp/Funfarme, Kelly Renata Risso Grecca - Famerp/Funfarme, Daniela Penachi Parollo Gusman - Famerp/Funfarme, Janaína Dias da Silveira

“Descrição de Práticas Pedagógicas de Professores do Ensino Superior”

David Polonio - UNESP, Maria Regina Cavalcante – UNESP

“Bulimia Nervosa: atendimentos na abordagem comportamental e Treinamento de Habilidades Sociais (THS)”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

David Polonio - UNESP, Mariana Giuzio - UNESP/ Bauru , Alessandra Bolsoni-Silva –UNESP

“Efeitos da Regra no Comprar Impulsivo: um modelo experimental”

Raquel Zacharias Duarte - UNIARARAS, Pedro Bordini Faleiros - UNIARARAS/UNIMEP/USP

“Análise Funcional do Jogar e Gastar Compulsivos: relato de caso”

Janaína de Oliveira - Psicolog, Andreza Cristiana Ribeiro - Psicolog/FAFIBE, Priscila Bedore - Psicolog, Juliana Setem – Psicolog

“Análise Funcional da Não Aceitação do Transtorno Obsessivo Compulsivo e seu Tratamento: relato de caso”

Andreza Cristiana Ribeiro - Psicolog/Fafibe, Alexandra De Grandi Zavatti - Consultório particular, Juliana Maria Gibertoni Pereira Marques - Consultório particular, Gislene Cristina Galati - Psicolog, Doracilda Santello - Consultório particular

“Investigação de Presença de Sintomas e de Transtorno Obsessivo Compulsivo em Universitários”

Flavia Toledo, Juliana De Lazari, Oswaldo Longo Jr, Jane Sigecazu, Heloisa Leocard - Afiliação do Grupo: Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF

“Sintomas Obsessivo-Compulsivos na Doença de Alzheimer e Caracterização de seus Respectivos Cuidadores”

Marina Ceres Silva Pena - HCFMRP-USP, Francisco de Assis Carvalho do Vale - HCFMRP-USP

“Análise das Variáveis que Afetam o Desamparo Aprendido”

Victor Romano, Olívia Kato

“Controle Aversivo: o que os bilhetes suicidas têm a dizer?”

Saulo de Andrade Figueiredo, Nicolau Kuckartz Pergher - Universidade Presbiteriana Mackenzie/Paradigma – Núcleo de Análise do Comportamento

“Reflexões Sobre o Controle Aversivo e seus Desdobramentos no Ensino Superior”

Valéria Truchlaeff - Universidade de Fortaleza

“Psicologia Comportamental Aplicada à Odontopediatria: relato de caso”

Juliana Zanatta - FOP/Unicamp, Ludmila da Silva Tavares Costa - FOP/Unicamp, Rosana de Fátima Possobon - FOP/Unicamp

“Discussão de Estudos Sobre o Uso de Controle Aversivo para o Enfrentamento de Situações Adversas em Odontologia”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Juliana Juliana Zanatta - FOP/Unicamp, Rayen Millanao Drugowick - FCM/Unicamp, Gustavo Satollo Rolim - FCM/Unicamp

“Terapia Analítico-Comportamental: análise e atuação acerca das contingências que operam sobre o comportamento de usar drogas”

Milena Carvalho de Godoy Geremias - ITECH, Giuliana Cesar – ITECH

“Efeito da Indatralina Sobre a Atividade Motora”

Marcia Kameyama - USP, Fernanda Amaral Siqueira - USP, Miriam Garcia-Mijares - USP, Luiz Fernando da Silva Júnior - USP, Maria Teresa Araújo Silva – USP

“Análise Comportamental de um Grupo de Mulheres com Diagnóstico de Fibromialgia Frente à Resposta da Escala de Assertividade de Rathus”

Simone Silvério Hintze - Uniararas, Priscila Zuliani Librelon - Uniararas, Cristiane L. Zambelli - Uniararas, Adriana Said Daher Baptista - Uniararas

“Relação entre Religiosidade, Suporte Familiar, Crenças Irracionais e Saúde Mental em um Grupo de Idosos”

Mônica Ferreira da Silva - Uniararas, Saulo Tadeu Valiero das Neves - Uniararas, Adriana Said Daher Baptista - Uniararas

“Pacientes em Hemodiálise: relação entre saúde mental e comportamento religioso”

Anieli Ceccarelli, Adriana Said Daher Baptista – Uniararas

“Resolução de Problemas Sociais e Habilidades Parentais em Mulheres Vítimas de Violência “

Tania Daoud Miranda - LAPREV/UFSCar, Daniela Patricia Ado Maldonado - LAPREV/UFSCar/UNESP-Marília, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - LAPREV/UFSCar

“LAPREV: uma década de atividades de ensino, pesquisa e extensão em prevenção da violência”

Ricardo da Costa Padovani - LAPREV/UFSCar, Eliane Aparecida Campanha Araújo - LAPREV/UFSCar, Daniela Patricia Ado Maldonado - LAPREVUFSCar/UNESP-Marília

“Mulheres Vítimas de Violência Conjugal: avaliação pré-intervenção de suas habilidades maternas”

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - LAPREV/UFSCar, Daniela Patricia Ado Maldonado - LAPREV/UFSCar/UNESP-Marília, Eliane Aparecida Campanha Araújo - LAPREV/UFSCar

“Avaliação de Intervenção com Pais que Tiveram seus Filhos na Adolescência”

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - LAPREV/UFSCar, Joviane Marcondelli Dias Maia, Cristiane Camargo Oliveira, Roselaine de Oliveira Giusto

“Caracterização das Mães Vítimas de Violência Conjugal, Participantes do Projeto Parceria”

Eliane Aparecida Campanha Araújo - LAPREV/UFSCar, Daniela Patricia Ado Maldonado - LAPREVUFSCar/UNESP, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - LAPREV/UFSCar

“Ensino à Distância na Prevenção do Abuso Sexual Infantil: uma proposta de capacitação de professores”

Gabriela Reyes Ormeño - LAPREV/UFSCar, Ricardo da Costa Padovani - LAPREV/UFSCAR, Eliane Aparecida Campanha Araújo - LAPREV/UFSCar, Érik Luca de Mello - LAPREV/UFSCar, Rachel de Faria Brino - LAPREV/UFSCar, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - LAPREV/UFSCar

“Projeto Parceria: metodologia utilizada no ensino de habilidades parentais a mulheres vítimas de violência conjugal”

Karyne de Souza Rios - LAPREV/UFSCar, Ana Carolina de Almeida Patrian - LAPREV/UFSCar, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - LAPREV/UFSCar

“As Dificuldades Enfrentadas na Identificação e Notificação de Casos de Maus-Tratos Contra Crianças e/ou Adolescentes sob a Óptica de Médicos Pediatras”

Thais Helena Bannwart - LAPREV/UFSCar, Rachel de Faria Brino - LAPREV/UFSCar

“O Desenvolvimento de ‘Consciência’ em Adolescentes em Situação de Risco”

Nisomara Rocha Silva - UNESP, Rita Melissa Leppre – UNESP

“Violência Intrafamiliar: mulheres vítimas e o atendimento em grupo. “

Andréa Cordeiro de Sousa Gabriel - UNIP - São José do Rio Preto, Silvia Renata Cavalini Azeredo -UNIP- São José do Rio Preto, Vânia Cataneo Gonçalves - UNIP - São José do Rio Preto

“Práticas Coercitivas e Violência Doméstica”

Mariana Vilela Abrantes - Universidade de Taubate, Cristiane Fernandes Squarcina - Universidade de Taubate, Carina Lemke - Universidade de Taubate, Maria Julia Ferreira Xavier Ribeiro - Universidade de Taubate

“As Implicações de um Repertório Social Limitado Aliado à Falta de Reforçamento Positivo com Função Afetiva: um estudo de caso clínico em terapia por contingências de reforçamento”

Ana Carolina Braz - Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, Camila da Silva Magnet - Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, Tatiane Magalhães Brilhante, Marília Cammarosano

“História de Contingências e suas Implicações em um Caso de Déficit de Repertório Profissional”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Marcela Almeida - ITCR-Campinas, Ana Carolina Guerios Felício (Orientadora) - ITCR-Campinas

“Contingências Perturbadoras na Determinação de Repertório Comportamental Caótico”

Flaviana Pereira - ITCR-Campinas, Ana Carolina Felício - ITCR-Campinas

“Déficit Generalizado de Repertório sob o Olhar da Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR)”

Ângela Roberta dos Santos - ITCR-Campinas, Ana Carolina Guerios Felício - ITCR-Campinas

“Desenvolvendo Repertório Através da Discriminação de Contingências. Exemplo de um Caso Clínico”

Nadya Pereira – ITECH

“História Comportamental com Humanos: o efeito do custo de diferentes magnitudes sobre a taxa de respostas”

João Paulo Pereira Souza, Thais Bianchini, Luiz Alexandre Barboza de Freitas, Tatiany Honório Porto, Carlos Eduardo Costa - Afiliação do Grupo: Universidade Estadual de Londrina – UEL

“O Papel da História de Aprendizado no Desempenho de Tarefas Familiares e Conflitivas”

Paulo Leandro Graça Martins, Alexandre Vianna Montagnero, Gélson Luiz Graça Martins, Leonardo Rosa Queiroz, Roselaine Arruda Saviolo - Afiliação do Grupo: Centro Universitário do Triângulo - UNITRI

“História Comportamental com Humanos: o efeito do custo da resposta”

Thais Bianchini - UEL, João Paulo Pereira Souza - UEL, Tatiany Honório Porto - UEL, Luiz Alexandre Barboza de Freitas - UEL, Carlos Eduardo Costa - UEL

“O Acesso à História como Determinante na Explicação do Comportamento”

Lílian Santos, Silvia Murari - UEL, Marcelo Henklain - UEL, Luciano Carneiro - UEL, Patrícia Brandão - UEL, Rauni Alves - UEL

“Psicoterapia Comportamental Infantil: estratégias de intervenção em criança com queixa de choro em excesso e não cumprimento de regras”

Ana Claudia Lançoni, Adriana Said Daher Baptista

“Intervenção em Sala de Aula de uma Criança com Transtorno Desafiador de Oposição: relato de caso”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Andreza Cristiana Ribeiro - FAFIBE/Psicolog, Elaine Rodrigues Martins Balceio - APAE/Bebedouro, Mari Angela Paiva de Almeida - APAE/Bebedouro, Danuza Marina Canevazi- APAE/Bebedouro, Ana Paula Fossaluzza- APAE/Bebedouro, Camila Campos Vizzotto - APAE/Bebedouro

“Repertório de Comportamento Agressivo Desenvolvido ao Longo de uma Historia de Privação Afetiva”

André Gimenez - PUC-Campinas/ITECH, Graziela Siebert - ITECH

“Quando o Pedido de Ajuda Machuca: a importância do trabalho em grupo para a modificação de comportamentos agressivos”

Milena Luiza Poletto, Viviane Santos dos Reis, Patrícia Guillon Ribeiro, Marcos Vinícius Kaminski

“Relações entre Comportamento de Bullying e Violência Intrafamiliar “

Isabela Zaine - UFSCar, Maria de Jesus Reis - UFSCar

“Comportamento de Bullying em uma População de Jovens em Conflito com a Lei”

Isabela Zaine - UFSCar, Ricardo Padovani - UFSCar, Maria de Jesus Reis - UFSCar

“Comportamento Agressivo na Clínica Comportamental: um relato de caso”

Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha, Paula Nunes Lima - Centro Universitário Vila Velha

“Obediência Infantil: conceituação e resultados de pesquisa”

Bruna Santos - UEL, Annie Wielewicki - UEL, Cynthia Moura - UEL

“Relações entre Bullying e Desamparo Aprendido no Contexto escolar: uma revisão de literatura”

Chrystiano Nogueira Santos - UFPR, Janaina Iara Ferreira Dallabrida - UFPR, Wanessa Marcante - UFPR

“Construção e Utilização de Jogos como Estratégia de Avaliação do Comportamento Infantil”

Maly Delitti - PUC-SP, Lais Yuri Ansai - PUC-SP, Victor Nicolino Faria - PUC-SP

“Impacto das Propagandas de Alimentos Anunciadas pela Televisão sobre as Escolhas Alimentares de Crianças”

Paula Carolina Barboni Dantas Nascimento, Sebastião de Sousa Almeida

“Análise de Práticas Culturais em um Grupo de Adolescentes do Programa PROJOVEM”

Samuel Gachet, Raquel Zacharias Duarte - Uniararas

“O Desenvolvimento de Bebês Relacionado ao Tipo da Alimentação Oferecida”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Sária Cristina Nogueira - UNESP/Bauru, Maithê Cristina Uliana - UNESP/Bauru, Maria Lídia de Aquino Yoshida - UNESP/Bauru

“Análise de Contingências Entrelaçadas em um Abrigo para Crianças e Adolescentes”

Raquel Deperon - Uniararas, Raquel Zacharias Duarte - Uniararas

“Grupo de Pais/Cuidadores de Crianças - uma intervenção analítico comportamental em uma clínica escola”

Rita de Cássia Miranda - Psicolog, Maira Cantarelli Baptistussi - Psicolog

“Utilização de Métodos Alternativos para o Tratamento de Depressão em Ratos Albinos Submetidos a um Procedimento de Desamparo”

Guilherme Bracarense Filgueiras - FAESA, Luciano de Sousa Cunha - FAESA, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha

“Efeitos da Estimulação Tátil e da Fluoxetina no Comportamento de Ratos Expostos a um Modelo Animal de Depressão”

Íria Stein Siena - UEL, Daniele Fioravante - UEL, Edneli Natália Costa - UEL

“Variabilidade Comportamental: explorando relações entre diferente níveis de variabilidade da duração de respostas de focinhar, em ratos”

Julia Corrêa

“Efeitos da Punição sobre Respostas Mantidas por Diferentes Sistemas Econômicos (Aberto e Fechado) em Rattus Norvegicus”

Bernardo Dutra Rodrigues - UFPA, Marcus Bentes de Carvalho Neto - UFPA

“Classes de Comportamentos Constituintes da Classe Geral Denominada ‘Avaliar a Confiabilidade de Informações’, Identificadas ou Derivadas de uma Fonte de Informação ‘não-comportamental’”

Gabriel Gomes de Luca - UFSC, Sílvio Paulo Botomé - UFSC

“Blocos de Tentativas: estratégia para aquisição de controle condicional arbitrário por Cebus apella”

Carlos Rafael Fernandes Picanço - UFPA, Ilara Nogueira da Cruz - UFPA, Romariz da Silva Barros - UFPA

“O Efeito de Diferentes Histórias de Fortalecimento Intermitente (Vr30 e Vi60”) sobre a Sensibilidade à Eventos Punitivos Contínuos”

Pedro Augusto Dias Baía - UFPA, Marcus Bentes de Carvalho Neto - UFPA

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

“Considerações sobre a Aplicação do Chronic Mild Stress em um experimento sobre Estresse e alterações de Desempenho de Ratos Wistar”

Carolina Costa da Silva - Universidade Positivo, Daniel Ribeiro Branco - Universidade Positivo, Dhayana Veiga - PUC-SP

“Produção de Discriminação e Generalização Através de Contingências Aversivas em Rattus Norvegicus”

Juliane Costa

“Efeitos da Privação de Sono Paradoxal sobre o Desempenho de Ratos numa Tarefa Espacial e o Responder em Esquema de DRL 10 s”

Rauni Alves - UEL, Anna Carolina Ramos - UEL, Célio Estanislau - UEL

“Diferenças Individuais num Modelo de Ansiedade (Labirinto em Cruz Elevado) e num Modelo de Depressão (Nado Forçado) em Ratos”

Rauni Alves - UEL, Anna Carolina Ramos - UEL, Paula Ferraresi - UEL

“Busca de “Insight” em Ratos Através do Ensino de Pré-Requisitos: uma replicação de Tobias (2006)”

Vanessa Morais Canavieira - UFPA, André Moura Cosmo - UFPA, Marcus Bentes Carvalho - UFPA

“Desempenho em FR com Humanos: o efeito da logística da sessão experimental”

Laís Sthefani da Cruz Silva- UEL, Heloiza Kruleske Silva - UEL, Íria Stein Siena - UEL

“Efeitos de uma História de FI com Custo sobre o Comportamento Posterior em CRF”

Victor Hugo Bassetto - Faculdade Pitágoras, Amanda Ribeiro de Moraes - Faculdade Pitágoras, Fábio Brinholli - Faculdade Pitágoras

“O Autocontrole como um Princípio Básico em Análise do Comportamento”

Natália Machado - Uniararas, Caroline Quadrado - Uniararas, Ellen Conceição - Uniararas

“Efeitos da Quantidade de Exposição ao Atraso Progressivo do Reforço no Responder de Adolescentes”

Audrey Soares - UFPA, Paula Hinvaitt - UFPA, Emmanuel Tourinho - UFPA

“Efeitos da Quantidade de Exposição à Variação do Atraso e da Magnitude do Reforço sobre o Comportamento de Escolha por Crianças”

Paula Hinvaitt - UFPA, Emmanuel Tourinho - UFPA

“Algumas Relações do Comportamento Cooperativo com as Variáveis Custo de Resposta e Magnitude do Reforço”

Sandirena Nery - PUC-SP

”Supressão Condicionada: efeito de diferentes quantidades de pareamentos aversivos”

Gabriela Souza do Nascimento - UFPA Marcus Bentes de Carvalho Neto - UFPA

“O estudo do Atraso de Reforço com Humanos: discutindo métodos”

Tiago Zortéa - UFES, Rosana Suemi Tokumaru - UFES

“Avaliação da Generalidade de um Modelo Matemático Complexo para Descrição da Desvalorização pelo Atraso em Situações Aversivas”

Yoanda Mazzaro - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fábio Gonçalves - Universidade Presbiteriana Mackenzie

“Variabilidade Comportamental em Humanos, Controlada por Reforçamento Negativo”

Mariana Samelo - Universidade São Paulo/Universidade Metodista de São Paulo, Maria Helena Hunziker - Universidade de São Paulo

“O Trabalho do Psicólogo na Política da Assistência Social no Município de Londrina sob a Perspectiva da Análise do Comportamento: um processo em construção”

Lisa Kuriki - Prefeitura do Município de Londrina, Paula Cunha - Prefeitura do Município de Londrina, Luciana Gusmão - Prefeitura do Município de Londrina

“Análise da Produção Científica da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva”

Denise Cristina Hardt Pires - USJT / UBC, Carla Witter - USJT / UBC

“As Pesquisas com os Idosos e a Análise do Comportamento: um levantamento a partir das publicações no Journal of Applied Behavior Analysis”

Camila Marchesini - PUC-SP, Maria de Lourdes Zanotto - PUC-SP

“Possibilidades da Utilização dos Princípios e Métodos da Análise do Comportamento em Assentamentos Rurais”

Luciane Avancini - Uniararas, Pedro Faleiros - Uniararas/Unimep/USP

“Método JT: uma alternativa para análise de dados de intervenções em diversos contextos”

Miriam Bratfisch Villa - UFSCar/PRODOC

“Treinamento de Juízes em Observação: procedimentos e fidedignidade”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Vivian Fumo - UFSCar, Livia Felipe - UFSCar, Isabella Morandi - UFSCar

“Estudo de Levantamento sobre Abuso Psicológico em População de Risco”

Adriano Watanabe-Faculdade Evangélica do Paraná

“Relação Analítico-Comportamental nos Desajustes Familiares”

Letícia Ioshida - ITECH

“Intervenção com Pais para o Desenvolvimento de Habilidades de Relacionamento e de Práticas Educativas com os Filhos”

Carmen Almeida - UEL, Renata Moraes - UNIFIL

“Reflexões sobre a Influência dos Estilos Parentais Educativos, a Partir de Trechos do Filme ‘ Delinquentes’ “

Cíntia Moraes Celestino - Universidade Cruzeiro do Sul, Renata Viviane Silva Sant’anna - Universidade Cruzeiro do Sul, Carla Danubia Slomp - Universidade Cruzeiro do Sul

“Contingências Parentais Atuantes na Manutenção do Comportamento Adequado Infantil”

Marina Prata Meirelles, Elis Prata, Patricia Azevedo

“Relação entre Práticas Educativas Parentais e Memórias de Cuidados Recebidos na Infância”

Francieli Hennig - Universidade Regional de Blumenau, Mauro Vieira - UFSC

“Estilo Parental Materno sob o Ponto de Vista do Adolescente”

Gabriela Mello Sabbag - UNESP Bauru, Alessandra Turini Bolsoni Silva - UNESP Bauru

“Identificação de Estilos Parentais de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação Segundo a sua Visão e a de seus Pais “

Paula Goto - UEL, Eliza Tanaka - UEL

“O Sentimento de Auto-Estima e sua Relação com as Práticas Educativas Parentais”

Fiamma Gallão Casagrande, Miriam Capacci Gasparoto

“Avaliação do Centro de Atividades Diárias como Recurso Tecnológico para Observação/Ensino das Habilidades Parentais”

Juliana Caseiro - LAPREV/UFSCar, Karyne de Souza Rios - LAPREV/UFSCar, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - LAPREV/UFSCar

“Desenvolvimento do Auto-Conhecimento Individual e Treino de Práticas Educativas para Melhoria do Relacionamento Familiar”

Renata Moraes

“Transtornos Depressivos No Filme As Horas: Uma Reflexão A Partir Da Teoria Do Desamparo Aprendido”

Marizilda Da Fonseca Lopes - Universidade Cruzeiro Do Sul

“Um estudo de caso do transtorno de humor: depressão”

Rosana Silvestrini - Clínica Particular, Claudia Oshiro - USP/Clínica Particular

“Investigação dos sintomas de depressão e ansiedade em universitários”

Oswaldo Longo Jr. - FEF, Talita Candido - FEF, Josiani Gimenes - FEF

“Depressão e Cardiopatia: há uma relação entre essas doenças?”

Nátali Santos - Universidade de Ribeirão Preto, Paula Mora - Universidade de Ribeirão Preto, Marta Pontes

“Efeitos Da Psicoterapia Analítico-Funcional Sobre Os Comportamentos Clinicamente Relevantes De Uma Cliente Depressiva”

Fernanda Augustini Pezzato - UNESP/Bauru, Maria Regina Cavalcante - UNESP/Bauru

“Depressão e ansiedade em mulheres obesas: implementando e avaliando uma intervenção multidisciplinar”

Heloísa Gonçalves Ferreira - UFSCar, Maria de Jesus Dutra Reis - UFSCar

“O Tratamento Cognitivo-Comportamental Da Depressão Infantil: Uma Breve Revisão De Estudos”

Monick Cristina Veloso, Priscila Gleice Santos, Adriana Guimarães Rodrigues

“Uma análise Analítico-Comportamental de um caso de depressão”

Josiane Lourenço - ITECH

Mesa Redonda: “Comportamento Social e Seleção Cultural: discussões metodológicas no estudo experimental de metacontingências”

Christian Vicchi - UFPA, Emmanuel Zagury Tourinho - UFPA, Felipe Lustosa Leite - UFPA, Eduardo Barbosa Lopes - UFPA, Aécio de Borba Vasconcelos Neto – UFPA

Coordenador: Emmanuel Zagury Tourinho - UFPA

A presente mesa redonda tem por objetivo abordar questões metodológicas no estudo da seleção cultural, da perspectiva da Análise do Comportamento. Os conceitos de metacontingências e macrocontingência têm desempenhado um papel importante na demarcação da unidade de análise da seleção cultural, porém apenas recentemente têm sido produzidas evidências empíricas dos processos sugeridos. Os trabalhos a serem apresentados oferecem uma discussão das pesquisas experimentais que produzem evidências empíricas no estudo da seleção e transmissão cultural. O primeiro trabalho aborda o estudo experimental de microculturas de laboratório. O segundo trabalho enfoca aspectos verbais da transmissão e seleção de uma prática cultural. Por fim, o último trabalho propõe o estudo experimental da transmissão de padrões de comportamento de autogerenciamento ético a partir de uma metodologia de pequenos grupos. Com esses trabalhos, pretende-se contribuir para uma discussão de metodologias de pesquisa adequadas para o estudo de pequenos grupos com os conceitos de metacontingência e macrocontingência.

Apresentação 1:

O estudo de questões sócio-culturais de uma perspectiva analítico-comportamental não é nada recente e remonta ao final da década de 40 com a publicação da novela utópica Walden II, de B. F. Skinner. Entretanto, só recentemente a comunidade acadêmica tem dedicado sistemáticos esforços na compreensão de tais fenômenos. Um passo importante nessa área foi dado por S. S. Glenn, ao propor conceitos como metacontingência e macrocontingência. Tais conceitos, embora representem ferramentas conceituais úteis, até recentemente careciam de contrapartidas empíricas, sobretudo numa perspectiva fundamentalmente experimental. Parte desta carência deve-se à ausência de metodologias que permitissem a abordagem de tais temas por uma perspectiva empírica. Todavia, tais metodologias já eram conhecidas fora do campo analítico-comportamental, e recentemente têm sido adaptadas e seus resultados interpretados de modo coerente com os pressupostos da Análise do Comportamento. Desde a década de 1960 a literatura sobre pesquisa com pequenos grupos tem empregado o termo “microculturas” para descrever o desenvolvimento de modelos de laboratório que replicam, em algum grau, contextos sócio-culturais e que permitem a manipulação de variáveis em situações controladas de laboratório, possibilitando assim a inferência de relações funcionais. O presente trabalho discute as metodologias empregadas em alguns dos estudos mais significativos com pequenos grupos e as implicações e possibilidades das extensões destas à análise do comportamento.

Apresentação 2:

A apresentação tem como objetivo assinalar a importância do estudo da seleção cultural para um maior entendimento do comportamento humano. A partir da noção do comportamento humano determinado em três níveis, o filogenético, o ontogenético e o cultural, aponta-se que os dois primeiros foram alvo de pesquisas sistemáticas, enquanto o terceiro ainda se encontra pouco explorado em um escopo analítico-comportamental. Um grande avanço para o estudo da seleção cultural surgiu quando Sigrid Glenn propôs o termo metacontingência. A partir de então, observou-se o aumento da literatura voltada ao tema, com maiores enfoques em trabalhos teóricos ou de caráter aplicado. Apenas nos últimos anos tem-se observado a ocorrência de estudos empíricos acerca da seleção cultural sob um enfoque analítico comportamental, embora estudos experimentais envolvendo essa temática sejam freqüentes em outros campos do conhecimento. Em decorrência do importante papel exercido por uma comunidade verbal para a questão da evolução de culturas, como apontado por diversos autores, a proposta apresentada enfoca o uso de instruções na transmissão e seleção de uma prática de escolha em uma microcultura de laboratório. Aponta-se como objetivos do estudo a investigação dos efeitos do uso de instruções funcionalmente diferentes e de uma história experimental prévia no problema proposto sobre a seleção de uma prática de um grupo.

Apresentação 3:

Os conceitos de metacontingências e macrocontingências têm sido utilizados para a análise de uma variedade crescente de questões culturais. Dentre essas questões incluem-se práticas relacionadas à emissão de respostas que privilegiem o grupo de forma atrasada em lugar de respostas que privilegiem o sujeito de forma imediata, prática que tem sido denominada de autogerenciamento ético, um tipo particular de autocontrole. De modo tão mais acentuado quanto mais complexa uma sociedade, selecionam-se práticas culturais específicas que visam o autogerenciamento ético. Leituras analítico-comportamentais acerca da produção do autogerenciamento ético enfatizam sanções éticas como práticas responsáveis pela modelagem desses repertórios. Evidências experimentais desses processos, porém, não têm sido produzidas por analistas do comportamento. Apresenta-se nesse trabalho, uma proposta de estudo da produção e transmissão de padrões de comportamento de autogerenciamento ético a partir de uma metodologia de pequenos grupos e lançando mão dos conceitos de metacontingência e macrocontingência.

Palestra: “Habilidades Maternas de Mulheres com Histórico de Violência Doméstica: a experiência do Projeto Parceria”

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - Universidade Federal de São Carlos/LAPREV – Laboratório de Análise e Prevenção da Violência

Será feita uma revisão da literatura sobre o que se conhece a respeito das habilidades parentais de mulheres com histórico de violência conjugal: qual a qualidade de tais habilidades e razões pelas quais certas práticas parentais problemáticas podem ou não aparecer. Em seguida será apresentado o Projeto Parceria, um projeto de pesquisa com o objetivo de desenvolver e avaliar um programa de intervenção a mães vítimas de violência pelo parceiro, de forma a prevenir problemas de comportamento (como por exemplo, a agressividade) em seus filhos. As participantes do projeto, em andamento, são mães vítimas de violência por parte do parceiro, da cidade de São Carlos, SP e seus respectivos filhos de 4 - 12 anos. Múltiplas medidas avaliativas são coletadas com as mães (Entrevista, Inventário de Estilo Parental - IEP, Child Abuse Potential Inventory - CAP, o Strength and Difficulties Questionnaire - SDQ, e Inventário de Depressão de Beck - BDI) e com as crianças (Entrevista, IEP e SDQ - versão crianças). Adicionalmente, a observação da interação mãe-criança é registrada e filmada em quatro situações diferentes no Centro de Atividade Diária na Unidade Saúde-Escola da UFSCar, laboratório que consiste em uma réplica de casa com diversos cômodos com câmaras digitais e espelho unidirecional. O projeto de intervenção envolve um componente psicoterapêutico com o objetivo de analisar, em conjunto com a mulher vitimizada, o impacto que a violência possa ter causado em seu repertório e um componente educacional, em que ela aprende sobre manejo não coercitivo do comportamento dos filhos, por meio de diversas atividades, como discussão, role-playing, modelação e vídeo feedback. Acredita-se que não seria suficiente propor um programa de natureza exclusivamente educacional, voltado para o ensino de habilidades parentais, pois se pressupõe que seria necessária à mãe vítima de violência lidar com os aspectos emocionais associados ao seu histórico de violência e outras experiências traumáticas que possa ter experienciado. A intervenção dura cerca de quatro meses, com sessões semanais, seguidas por um Follow-up de três meses. Espera-se com a intervenção obter um aumento nas interações positivas mãe-criança., bem como a diminuição das interações aversivas. Espera-se, ainda, que o desempenho da criança apresente um contraste marcante após a intervenção, de forma a apresentar um aumento expressivo de comportamentos pró-sociais e diminuição de comportamentos agressivos. Dados da implementação do projeto serão apresentados e discutidos, bem como as dificuldades apresentadas ao intervir com tal população de risco.

Palestra: “Desafios Metodológicos para o Estudo da Interação Terapêutica”

Denis Roberto Zamignani - USP/Universidade São Judas Tadeu/Núcleo Paradigma

O presente trabalho tem como objetivo a discussão sobre aspectos metodológicos envolvidos na pesquisa em psicoterapia, especialmente aquela denominada pesquisa de processo, que tem como meta identificar os processos de mudança que ocorrem ao longo da interação entre cliente e terapeuta. Questões relativas à categorização de comportamentos na interação clínica, tais como a natureza dos eventos que devem compor um conjunto de categorias, critérios para fidedignidade e validade, delimitação da unidade de ocorrência e de registro em interações sociais e o tipo de medida apropriado são discutidos. Por último, serão apresentadas diferentes estratégias para a

sistematização dos dados categorizados, bem como algumas das limitações e vantagens que cada uma delas proporciona.

Palestra: “Atuação do Psicólogo em Equipe Multidisciplinar no Atendimento de Crianças Autistas em Regime de Hospital Dia”

Viviane Rosalie Duarte - Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental da Irmandade de Misericórdia da Santa Casa de São Paulo, Valdinéia Alves de Mira - Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental da Irmandade de Misericórdia da Santa Casa de São Paulo

O trabalho do analista do comportamento com crianças com desenvolvimento atípico é muito reconhecido por sua eficácia. A maioria dos trabalhos ocorrem nos consultórios e nas residências da criança. Esta conferência visa apresentar a experiência do trabalho com esta população em uma instituição hospitalar, Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo no Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental. O Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental se caracteriza por ser um hospital escola psiquiátrico, o qual forma médicos psiquiatras e atende uma população que utiliza o Sistema Único de Saúde (SUS) desde crianças a idosos. O objetivo da apresentação será o de focar a prática do analista do comportamento dentro dessa instituição, caracterizando seu trabalho como supervisor assistente dos residentes em psiquiatria, mais especificamente no atendimento de crianças e adolescentes, a intervenção comportamental no regime de hospital dia em equipe interdisciplinar, cuja população atendida são crianças diagnosticadas com transtorno invasivo do desenvolvimento e as possibilidades e limites da intervenção dentro de uma instituição que assiste o Sistema Único de Saúde (SUS).

Palestra: “Princípios Básicos do Comportamento no Ensino Fundamental”

Hélio José Guilhardi - ITCR-Campinas, Alfredo Manuel Saidneuy Junior - ITCR-Campinas

No curso intitulado Vivência Humana, disciplina regular da grade curricular, os alunos do Ensino Fundamental (6º a 9º anos) de uma escola particular estão aprendendo um conteúdo com conceitos e procedimentos inéditos para tal faixa etária e nível acadêmico: Princípios Básicos do Comportamento (a partir do livro Princípios de Modificação de Comportamento, de Martin e Pear, 2007) e temas psicológicos (tais como ansiedade, depressão, agressividade, solidão, auto-estima, autoconfiança etc.) abordados do ponto de vista da Análise do Comportamento. Entre os vários objetivos do Curso estão: instalar e manter um repertório mais adequado ao contexto da vida do aluno; dar possibilidades para que o aluno discrimine e descreva as contingências de reforçamento em operação; tornar-se mais sensível aos reforçadores positivos disponíveis no seu contexto social; discriminar e nomear sentimentos e associá-los às contingências de reforçamento etc. O Curso faz parte de um projeto mais abrangente desenvolvido pelo Colégio Educare de Itápolis-SP, que objetiva um trabalho preventivo de combate ao uso de drogas por parte dos jovens. Os alunos adquiriram os conceitos básicos do

comportamento, expressos nas avaliações escritas a que foram submetidos e, de acordo com relatos dos pais, generalizados para situações da rotina cotidiana da família adquiridos sobre as leis do comportamento e suas aplicações na compreensão de comportamentos e sentimentos humanos.

Mesa Redonda: “Reflexões Necessárias Sobre o Fazer Terapêutico”

Yara K. Ingberman - IEPAC - FEPAR - Universidade Positivo, Vera Regina Lignelli Otero - Clínica ORTEC/PSICOLOG, Miriam Marinotti - Núcleo Paradigma

Coordenador: Regina Christina Wielenska - Consultório Particular

Em discussões clínicas e supervisões certos temas são recorrentes: a questão da relação com o cliente, os valores que norteiam o viver do cliente e sua congruência com a auto-descrição, a modulação da emoção, e o efeito de diferentes formas de comunicação sobre a efetividade da terapia. O processo terapêutico requer um envolvimento emocional na sessão, que precisa ser modulado em termos de dimensões como intensidade, frequência e teor. Desacertos nesses parâmetros colocam em risco o processo de mudança, gerando esquivas desnecessárias. É tarefa do terapeuta comparar as autodescrições do cliente com as amostras de comportamento disponíveis na sessão, seja por relato ou observação direta. Neste sentido, a proposta do terapeuta é dar início, ou prosseguir na revisão, de valores de vida que poderão ser catalisadores relevantes do processo de mudança. O riso genuíno, partilhado por cliente e terapeuta, pode se revelar um versátil instrumento, com distintas funções no processo terapêutico. Por exemplo, facilitar a discriminação de uma variável de controle num contexto menos aversivo e diminuir tensões emocionais indesejáveis no processo. A história de vida pode modelar e manter repertórios verbais bastante discrepantes dos participantes da sessão. Uma habilidade essencial é que o terapeuta consiga ajustar suas palavras ao contexto e estilo verbal do cliente, o que se constitui numa rica oportunidade de mudança contextual favorável ao sucesso terapêutico.

Palestra: “ As Escolhas e Decisões do Terapeuta e Seus Efeitos nas Mudanças Comportamentais”

Jaíde Regra – USP

A tomada de decisão do terapeuta e suas escolhas sobre as classes de respostas que devem ser alteradas no processo terapêutico, são importantes na terapia comportamental cognitiva. Tais decisões e escolhas podem favorecer ou dificultar o processo terapêutico. As escolhas das classes de respostas selecionadas devem acompanhar a identificação do conjunto de variáveis ambientais que podem manter a classe de respostas nomeada. Considerar que uma classe de respostas geralmente pode ser determinada ou mantida por multifatores é tão importante quanto a decisão sobre quais classes de respostas são relevantes. O objetivo do presente trabalho é analisar a relevância dos critérios de decisão sobre a seleção das classes de respostas que necessitam mudança e descrever as

formas de identificação de variáveis múltiplas que devem fazer parte das intervenções. Por que iniciar o processo terapêutico com intervenções em uma determinada classe de respostas pode favorecer o processo terapêutico enquanto iniciar por outras classes de respostas pode dificultá-lo? Para procurar respostas a questões relevantes no processo terapêutico, serão analisados casos clínicos com crianças, envolvendo as escolhas e tomada de decisão do terapeuta bem como a identificação de variáveis relevantes ao trabalho. É discutido no caso 1, como a escolha de um treino de escrita pode favorecer a mudança de alguns dos comportamentos estereotipados num pré-adolescente diagnosticado com Síndrome de Asperger. São discutidos procedimentos de escrita formal e construção de texto, utilizando o conteúdo de fantasias que faziam parte dos comportamentos estereotipados. Os resultados foram discutidos em termos da mudança de função dessas fantasias. No caso de “fobia escolar” é analisado como a classe de comportamentos de enfrentamento na situação escolar pode ser uma classe restrita e pouco abrangente quando comparada a escolhas de outras classes de respostas. Os resultados são discutidos considerando as escolhas do terapeuta que abrangem uma classe de resposta de enfrentamento mais ampla e em termos do aumento da variabilidade comportamental. No trabalho com crianças em grupo são analisados os critérios de escolhas do terapeuta durante o processo grupal. Os resultados são discutidos em termos das variáveis que controlam os comportamentos de interação social durante a sessão e outras prováveis variáveis em outros ambientes. A seleção dos comportamentos a serem trabalhados foi analisada e discutida de acordo com os critérios de relevância social e como facilitador do processo terapêutico.

Palestra: “Análise do Comportamento, Sentimentos e Terapia: a descoberta de comportamentos e contingências como etapa para investigar e intervir”

Olga Mitsue Kubo - UFSC, Silvio Paulo Botomé – UFSC

A literatura da Análise do Comportamento, em especial aquela relacionada a produção de conhecimento sobre o processo de intervir profissionalmente em contexto clínico, tem possibilitado avaliar com mais acurácia os vários aspectos relacionados a esse campo de atuação do analista de comportamento. Um desses aspectos fundamentais no desenvolvimento da intervenção clínica diz respeito ao que é denominado de sentimentos. A Análise Experimental do Comportamento, desde as contribuições de B.F. Skinner sobre a noção de comportamento operante, ofereceu à Ciência e à Psicologia uma grande quantidade de evidências, procedimentos e conceitos a respeito de como identificar, caracterizar, e explicar a ocorrência de processos psicológicos de muitos tipos. Assim como também produziu o mesmo tipo de contribuição sobre os processos de intervir sobre tais tipos de processos, examinando, investigando e avaliando os processos de intervenção também como fenômenos psicológicos passíveis de investigação e avaliação. Tais contribuições podem ser estendidas, então, para classes ou tipos de comportamentos como sentimentos, ou emoções. Os exames já existentes propõem um entendimento desses tipos de fenômenos como comportamentos, embora nem todas as suas características sejam diretamente observáveis. Caracteriza-los como

comportamentos ou classe de comportamentos, identificando seus componentes e as contingências configuradas pelas relações entre seus componentes é uma das tarefas que possibilitará aumentar o conhecimento sobre esses processos. Contudo, para que esse conhecimento de fato qualifique a intervenção do analista de comportamento é necessário que a fidedignidade das relações descobertas, identificadas e caracterizadas seja experimentalmente demonstrada. Somente após a demonstração experimental da fidedignidade das relações que constituem ou determinam os fenômenos psicológicos em estudo é que esse conhecimento é considerado confiável e pode assim subsidiar a intervenção direta do profissional e poderá ser relacionado ao conhecimento sobre outros processos psicológicos ou generalizados para outros contextos de trabalho do analista de comportamento. Estudos sobre um desses sentimentos denominado invejar possibilitou descobrir dezenas de classes de comportamentos que o constituem e as relações de dependências entre elas (cadeias comportamentais), caracterizando diferentes contingências de reforço. O procedimento de análise comportamental possibilitou explicitar, como elos da cadeia, comportamentos que envolveram desde respostas motoras, até fisiológicas, possibilitando avaliar as relações entre fenômeno psicológico e o fisiológico. Tac conhecimento produzido possibilitará, como segundo passo, a experimentação para demonstrar a fidedignidade do que foi identificado e proposto como sistema comportamental que configura o sentimento denominado invejar.

Mesa Redonda: “Ontogênese do Comportamento Criativo: ‘insight’ em ratos e macacos”

Marcus Bentes de Carvalho Neto - UFPA, Vanessa Morais Canavieira - UFPA, Juliana de Souza Ferreira - PUC-SP, Nilza Micheletto - PUC-SP, Thiago Dias Costa – UFPA

Coordenador: Nilza Micheletto - PUC-SP

A análise do comportamento seria capaz de explicar a origem dos comportamentos novos ou criativos? O objetivo desse evento será apresentar alguns dados de pesquisa, com animais não-humanos, que mostram como o comportamento criativo, especialmente o “insight”, pode ser construído através de uma história ontogenética de exposição a certos arranjos de contingências.

Apresentação 1:

Tobias (2006), a partir do modelo de Epstein (1990), produziu dados positivos preliminares de insight com ratos. Contudo, o fenômeno observado era localizado e não generalizado: a resolução súbita do problema só ocorria em certas configurações. Duas variáveis poderiam explicar o desempenho: uma topografia rígida estabelecida no treino e as dimensões amplas do equipamento, permitindo muitos controles espúrios. O objetivo do estudo foi replicar o trabalho de Tobias (2006) corrigindo os dois problemas indicados. Os dados esclarecem que história seria necessária para que a aprendizagem súbita fosse mais provável de ocorrer em um contexto de resolução de problemas.

Apresentação 2:

Comportamentos novos podem originar-se entre outras formas a partir da interconexão de dois ou mais repertórios treinados previamente. O estudo procurou investigar se, em uma situação de resolução de problema, dois repertórios previamente treinados com 3 ratos se interconectam e se mudanças na ordem do treino desses dois repertórios alteram o desempenho do sujeito na situação de teste. Observou-se que ocorreu a interconexão dos dois repertórios com dois sujeitos, no entanto, de formas diferentes.

Apresentação 3:

O fenômeno da aprendizagem denominado “Learning Set” pode ser definido como uma capacidade de “aprender a aprender”, observada no desempenho de sujeitos expostos a diferentes e repetidas situações-problema. O presente trabalho descreve o desempenho de um macaco-prego de encaixar varetas de alumínio para explorar vasilhas com alimento após ter sido submetido a um treino de encaixe de varetas de bambu para alcançar um petisco distante.

Mesa Redonda: “Prática Avaliativa e Aprendizagem: formação ou coerção?”

Martina Rillo Otero - Instituto Fonte-SP, Pedro Bordini Faleiros - USP/UNIARARAS/UNIMEP

Coordenador: André Luís Freitas Dias - Instituto de Pesquisas René Rachou/Fundação Oswaldo Cruz – MINAS/UFMG

A Avaliação não é um conceito, nem uma prática nova, tendo suas raízes na história da cultura humana. Como componente indispensável do processo de planejamento contingencial nos mais diversos contextos, a prática cultural da avaliação vem sendo marcada por uma variedade de conceitos e procedimentos tanto investigativos quanto de intervenção, dentre os quais destaca-se como foco do presente trabalho o tipo de avaliação entendida como participativa. O objetivo da presente proposta é apresentar e discutir a avaliação participativa, dando ênfase ao seu processo contingencial de constituição, a partir da consideração de suas várias funções e das relações de entrelaçamento entre os sujeitos envolvidos em tal prática cultural.

Palestra: “Quando o Corpo Reclama: a terapia cognitivo-comportamental de distúrbios psicofisiológicos”

Marilda Emmanuel Novaes Lipp - Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do Stress

O vínculo saúde emocional-bem estar físico recebe constante validação científica em que inúmeros estudos mostram essa correspondência com grande clareza. Porém, na sociedade pós-moderna, na

qual a tecnologia e o sucesso assumem o papel de liderança, o silêncio corporal é auto-imposto por pessoas com altos níveis de realização profissional na busca constante da transcendência de limites pessoais, sejam eles físicos ou emocionais. A falta de contacto com os sentimentos indesejados e com os sinais corporais de desconforto emocional pode ser vista como uma tentativa de silenciar os sinais de que o stress do dia a dia ameaça transpassar os limites sadios do viver com qualidade. Frequentemente, a fim de que a percepção do desconforto de conflitos, excessos ou carências ocorra, o corpo necessita reclamar com a ferocidade dos momentos emergenciais, seja na forma de hipertensão arterial, de úlceras, doenças dermatológicas, diabetes etc. É o corpo que fala quando a tensão ultrapassa o limite do suportável e o órgão de choque, determinado pela herança genética ou pelos eventos da vida, é afetado. A terapia cognitivo-comportamental oferece uma excelente opção de tratamento para distúrbios psicofisiológicos, pois permite que o ser humano entre em contacto com os pensamentos disfuncionais e os temas de vida modeladores de estilos de vida desajustados e estressantes. O tratamento de hipertensão arterial, psoríase, diabetes e distúrbios gástricos envolve, dentro deste referencial teórico, a mudança do estilo de vida, do padrão da atividade cognitiva e das estratégias de enfrentamento dos estressores da vida. Os resultados da psicoterapia intitulada treino psicológico de controle do stress, de aproximadamente 15 sessões individuais ou em grupo, baseada na TCC, tem sido pesquisados e os resultados apontam para sucesso em grande parte dos pacientes. A motivação para mudar é um elemento essencial a afim de que a pessoa se beneficie desta modalidade de psicoterapia.

Mesa Redonda: “Análise de Procedimentos para Gerar Leitura com Base na Recombinação de Sílabas de Palavras Treinadas: o papel de respostas de observação e dos operantes verbais”

Marcelo Frota Lobato Benvenuti - PUC-SP/UnB, Elenice Seixas Hanna - UnB, Maria Martha Costa Hübner – USP

Coordenador: Gerson Yukio Tomanari – USP

A presente mesa-redonda pretende discutir procedimentos que facilitam a leitura com base em recombinação de sílabas de palavras treinadas. A análise do comportamento de ler tem avançado muito na elaboração de procedimentos baseados nas descrições dos operantes verbais e nos paradigmas de equivalência de estímulos. É na produção de leitura de palavras novas, com base em sílabas de palavras treinadas, que os pesquisadores têm encontrado maiores dificuldades em obter resultados positivos. A partir de resultados em procedimentos desenvolvidos recentemente, os participantes da mesa têm como objetivo: a) apresentar análises de topografias de controle de estímulos que podem ser estabelecidas inadvertidamente no treino e que atrapalham o desempenho esperado nos testes; b) descrever e analisar procedimentos que têm facilitado leitura com base na recombinação de sílabas de palavras treinadas; c) discutir os processos comportamentais básicos subjacentes a esses procedimentos. No debate, serão discutidos os conceitos de resposta de observação e de operantes verbais, buscado explorar como a articulação desses conceitos contribui para o avanço da compreensão do comportamento de ler.

Comunicação Oral: “Avaliação de um Programa de Capacitação de Treinadores no Uso do Estabelecimento de Metas no Esporte”

Camila Harumi Sudo - UEL, Silvia Regina de Souza - UEL, Thalita Canato – UEL

O estudo avaliou os efeitos de um programa de capacitação sobre comportamentos de um treinador de tênis no estabelecimento de metas para seus atletas durante os treinos. Participaram da pesquisa um treinador de tênis com 21 anos de idade e 3 de experiência, e dois atletas, com idade entre 15 e 16 anos, que treinavam e competiam regularmente. O estudo foi dividido em três fases. Na fase de linha de base, filmaram-se 11 sessões de treino e calculou-se a porcentagem de ocorrência de instruções, encorajamentos, críticas/sarcamos, correções e elogios, fornecidos aos atletas, pelo treinador. Registrou-se, também, os tipos de exercícios aplicados pelo treinador e em quais destes ele registrou o desempenho dos atletas e/ou participou do exercício aplicado. Todos os registros foram submetidos à análise de concordância e somente após 80% de concordância entre os registros da experimentadora e dos observadores se iniciou a intervenção (Fase 2). Esta foi composta por 10 sessões divididas em quatro passos. No Passo 1 (3 sessões), treinou-se a observação e registro dos desempenhos dos atletas; no Passo 2 (3 sessões), treinou-se o estabelecimento de prazos e critérios de evolução destes desempenhos; no Passo 3 (3 sessões), treinou-se a identificação de reforçadores; e no Passo 4 (1 sessão), treinou-se o monitoramento dos progressos. Cada sessão consistiu no treino destas habilidades, antes do treino com os atletas, e no acompanhamento subsequente deste. A experimentadora providenciou feedback para o treinador, durante os treinos e ao final destes. Na pós-intervenção (Fase 3), procedeu-se como na Linha de Base. Os resultados mostraram que, após a intervenção, o treinador foi capaz de registrar a linha de base do desempenho inicial dos atletas e elaborar etapas de evolução deste; de fornecer instruções mais completas e descrever os erros e acertos dos atletas; de reduzir a frequência de correções parciais e críticas e/ou sarcasmos dirigidas aos atletas; de fornecer feedback dos comportamentos-alvo dos atletas e registrar outros comportamentos dos atletas e, ainda, os de outros alunos que não os do estudo. O treinador também passou a utilizar recompensas arbitrárias em várias situações do treino e não, apenas, naquelas nas quais ele foi orientado a fazê-lo. Por fim, observou-se melhora no desempenho dos atletas – que atingiram as metas estabelecidas. Os resultados sugerem, portanto, a efetividade da intervenção na capacitação de treinadores no uso do estabelecimento de metas, bem como a necessidade de mais investigações com um maior número de treinadores, de diferentes modalidades.

Comunicação Oral: “Variáveis Institucionais Intervenientes no Desempenho Esportivo: relato de caso”

Augusto Amato Neto – USP

A Análise do Comportamento Aplicada na Psicologia do Esporte procura as variáveis intervenientes no desempenho esportivo de atletas no ambiente de treino e competição. Entretanto, outras variáveis relacionadas à instituição esportiva podem controlar comportamentos que interferem diretamente do desempenho do atleta. Desta forma, uma compreensão da funcionalidade dos comportamentos dos

indivíduos que compõem toda a estrutura hierárquica envolvida na prática do esporte faz-se necessária. O objetivo do presente trabalho é relatar como esta análise proporciona uma atuação mais efetiva, baseando-se em um caso de consultoria em Psicologia do Esporte realizada em um clube do interior do Estado de São Paulo. A equipe-alvo foi composta por 19 nadadores e 3 técnicos. Para atingir os objetivos, foi necessária atuação múltipla com diretores, técnicos e atletas, em atividades individuais e grupais. Com os técnicos, promoveu-se a ampliação de repertórios comportamentais, o reforçamento diferencial das instruções emitidas pelos técnicos durante os treinos e a estruturação de encontros grupais de técnicos e psicólogo para a avaliação da equipe. Com os atletas a ampliação dos repertórios comportamentais, reuniões grupais informativas, sessões individuais periódicas e treino de relaxamento para uso em competição. Tais atividades foram desenvolvidas no decorrer do tempo considerando variáveis críticas mantenedoras de comportamentos inadequados provenientes da estrutura de organização do clube. Os resultados obtidos demonstram que a análise ampla deve nortear a organização das atividades para a atuação múltipla do analista de comportamento no esporte.

Comunicação Oral: “Atividade Física e Qualidade de Vida: a importância do arranjo de contingências”

Guilherme Carreira - UFSCar, Maira Baptistussi - USP-SP/Psicolog

Entende-se por qualidade de vida o comportamento perceptivo do indivíduo com relação a uma diversidade de contingências, como a percepção de sua posição na vida, no contexto da cultura e nos sistemas de valores nos quais se insere, e também em relação aos seus objetivos, expectativas e padrões. É um amplo conceito de classificação, afetado de modo complexo pela saúde física do indivíduo, pelo seu estado psicológico, por suas relações sociais, por seu nível de independência e pelas suas relações com as características mais relevantes do seu ambiente. Uma boa qualidade de vida é produzida por um arranjo de contingências e por comportamentos específicos, como por exemplo, o comportamento de realizar atividade física regularmente. A literatura indica que este comportamento é fundamental na promoção e desenvolvimento de aspectos físicos, psicológicos e sociais na vida do indivíduo. Neste contexto, este estudo teve por objetivo investigar os principais efeitos de um seguimento da atividade física - treinamento de força (musculação) sobre a alteração da frequência de comportamentos indicativos de uma boa qualidade de vida, em indivíduos com faixa etária entre trinta e quarenta anos. Os participantes do estudo foram vinte alunos de uma academia do interior de São Paulo, de ambos os sexos, que realizavam o treinamento de força há pelo menos três meses. Para tal investigação, foi aplicado um questionário composto por quinze questões de múltipla escolha com espaço para o participante dissertar sobre a resposta selecionada. Junto a isso foram avaliadas as avaliações físicas realizadas por estes alunos. Os principais resultados deste estudo revelaram uma importante alteração dos comportamentos dos participantes indicativos de uma melhor qualidade de vida, após a inserção do treinamento de força na vida cotidiana. Os principais comportamentos referentes a uma melhor qualidade de vida foram organizados em classes de respostas e obtidos via relato verbal e observação (medidas, peso, exames...). As classes indicam mudanças nos aspectos físicos: mudanças no corpo (força muscular, resistência, mudanças estéticas), alteração positiva nos exames de sangue (colesterol, glicemia...); aspectos psicológicos: mudanças nos sentimentos sobre si

(melhor auto-estima, mais prazer, menos ansiedade), mudanças em comportamentos (disposição para outras atividades, melhor controle alimentar, alteração no humor) e aspectos sociais (aumento da rede de relacionamentos interpessoais).

Simpósio: “Análise do Comportamento e o Tempo: como as atividades intermediárias ocorridas durante um intervalo de tempo afetam a efetividade de um comportamento operante”

Livia Aureliano - PUC-SP/Universidade São Judas Tadeu/Núcleo Paradigma Roberto Banaco - PUC-SP/Núcleo Paradigma, Maria Amália Pereira - PUC-SP/Núcleo Paradigma, Maria Amalia Andery - PUC-SP

Coordenador: Maria Amália Pereira - PUC-SP/Núcleo Paradigma

Debatedor: Roberto Alves Banaco - PUC-SP/Núcleo Paradigma

A questão da passagem do tempo e seus efeitos sobre o comportamento vêm sendo estudados na Análise do Comportamento por diversas linhas de pesquisas. Skinner, já em 1938, investigou se a simples passagem do tempo poderia explicar o enfraquecimento de uma resposta já fortalecida do repertório de um sujeito. Ainda em 1938, Skinner apontou para alguns questionamentos sobre a possível função discriminativa da passagem do tempo sobre o responder, assim como qual seria o mecanismo responsável pela distinção entre o controle exercido pelo tempo no início e no término de um intervalo. A proposta deste simpósio é apresentar duas pesquisas básicas desenvolvidas em diferentes linhas que partem deste interesse já exposto por Skinner, em 1938 e que continua a ser um tema investigado por outros autores. Uma das pesquisas está alocada em uma linha de pesquisa sobre esquemas de reforçamento, mais especificamente sobre esquemas temporais e foi realizada com sujeitos infra-humanos (ratos). Já o outro estudo foi desenvolvido com humanos, no campo do comportamento verbal. Os aspectos comuns desses dois estudos recaem sobre o arranjo experimental e, a partir dele, o favorecimento da compreensão de um dado comportamento e sua relação com a passagem do tempo no que se refere à possibilidade de emissão de respostas intermediárias entre dois eventos temporalmente distantes e seus efeitos sobre a efetividade do desempenho.

Apresentação 1:

Este estudo pretendeu investigar os efeitos do tempo de exposição dos sujeitos às atividades sem reforço programado sobre a efetividade do desempenho submetido a um esquema temporal de reforçamento. Duas outras perguntas nortearam o trabalho: ocorreria alguma mudança nos padrões das atividades sem reforço programado em função do tempo de exposição a estas atividades? Qual o efeito do tempo de exposição aos diferentes valores do esquema DRL sobre o desempenho dos sujeitos na caixa padrão? Foram sujeitos 4 ratos, privados de alimento, que trabalharam em duas caixas experimentais, uma com 7 compartimentos onde havia a possibilidade de engajamento em atividades (pressionar a barra, comer, beber, roer madeira, correr na roda de atividades) e uma caixa operante padrão. As respostas de pressão à barra dos 4 sujeitos foram submetidas aos esquemas DRL5s, 10 e 21s : 2 sujeitos foram expostos aos esquemas na caixa padrão e os outros dois na outra caixa. As sessões

experimentais tiveram duração de 2 horas. Foram registradas as pressões à barra, os reforços obtidos e o tempo de permanência nos compartimentos. Os resultados indicaram que as maiores diferenças entre os desempenhos nos dois ambientes ocorreram a partir do DRL 10s, quando as taxas de respostas, de reforços e as porcentagens de respostas reforçadas foram maiores, e o tempo entre reforços foi menor para os sujeitos na caixa padrão. Em DRL 21s, no entanto, a situação se inverteu, sugerindo que a disponibilidade de outras atividades poderia facilitar a aquisição e adaptação do desempenho em valores mais altos do DRL. A análise dos efeitos do tempo de exposição à contingência em cada sessão sobre a efetividade da resposta de pressão à barra indicou que as porcentagens de respostas reforçadas aumentaram em função do tempo da sessão para os 4 sujeitos e não houve diferenças expressivas entre as porcentagens de respostas reforçadas ao longo das sessões experimentais. No entanto, para os sujeitos na caixa padrão, os percentuais alcançados no início das primeiras sessões em cada fase foram mais baixos do que para os sujeitos em ambiente aberto. Em relação ao padrão das atividades, uma seqüência de visita a compartimentos foi identificada e o início deste padrão coincidiu com o aumento da efetividade das respostas de pressão à barra. A discussão dos resultados leva em consideração as diferenças entre os critérios utilizados nos estudos relatados, além dos possíveis papéis das atividades sobre o desempenho submetido ao esquema de DRL.

Apresentação 2:

Segundo Skinner (1953), seria possível inferir a probabilidade de uma resposta e prever sua ocorrência futura conhecendo-se variáveis como, por exemplo, frequência de emissão de uma resposta, condição em que a resposta emitida produz estímulos reforçadores e as operações estabelecidas em vigor. No entanto, há situações em que, após a passagem de um intervalo de tempo, o comportamento esperado sob condições específicas não ocorre. Este fenômeno tem sido chamado de esquecimento e a Análise do Comportamento depara-se com dificuldades para explicá-lo (Millenson, 1975). Segundo Millenson (1975) “sempre que uma resposta especial é fortalecida num novo ambiente, diferente de qualquer um encontrado na situação cotidiana, o esquecimento é reduzido” (p.111). O presente trabalho pretendeu investigar o relato verbal “atrasado” de um comportamento do próprio falante (tarefa de delay matching to sample) e os efeitos da passagem do tempo sobre o relato a depender dos eventos que ocorreram durante tal intervalo. Para tanto, foram elaboradas atividades intermediárias semelhantes (tarefa de matching to sample) e distintas (tarefa de anagrama) topograficamente da resposta a ser relatada entre a realização do comportamento-alvo do relato e a solicitação do relato verbal, tendo como objetivo responder às seguintes perguntas: 1) As tarefas intermediárias afetarão a precisão do relato? Se sim, que efeito será observado? ; 2) Existe algum efeito sobre a precisão do relato que se deva ao tipo de tarefa intermediária? Se sim, que alterações são observadas relativas a cada tipo de tarefa? ; e 3) O número de tarefas intermediárias exerce algum controle sobre o relato verbal? Se sim, de que maneira a precisão do relato é afetada? As condições experimentais variaram em relação ao número e tipo de atividade intermediária e os dez estudantes de graduação que participaram do estudo foram submetidos a todas as condições. De acordo com os resultados, as atividades intermediárias semelhantes ao comportamento-alvo tornaram o relato mais impreciso em relação aos efeitos produzidos pelas atividades mais distintas, apesar dos participantes terem produzido mais pontos nas tarefas

semelhantes. Isso sugere que a dificuldade na tarefa de anagrama não parece ser uma variável significativa para explicar tal resultado para o relato “Qual você escolheu?”. Além disso, os resultados para o relato “Você acertou?” convergem com os resultados de Crithfield (1993b), no qual o autor descreve o estabelecimento de uma situação de super-confiança, ou seja, um aumento dos relatos de sucesso diante de fracasso na tarefa.

Mesa Redonda: “Causalidade, Personalidade e Preconceito: análise comportamental de conceitos abordados em filmes”

Márcio Borges Moreira - UnB, Carlos Augusto de Medeiros - UnB, Ana Karina Curado Rangel - UnB/Centro Universitário de Brasília

Coordenador: Ana Karina Curado Rangel - UnB/Centro Universitário de Brasília

Tem-se observado, infelizmente, pouca aceitação da Análise do Comportamento (AC) nos mais diversos contextos de aplicação do conhecimento psicológico. Dentre os possíveis determinantes deste fato estão as críticas equivocadas/simplistas à sua filosofia – Behaviorismo Radical –, aliadas à ineficiente divulgação de análises comportamentais ao público mais geral. A aplicação de análises funcionais a filmes e outras obras de arte, algo já defendido por Skinner, em 1957, pode consistir em um importante meio de divulgar a área, demonstrar a aplicabilidade dos conceitos, discutir importantes questões da Psicologia individual e social, e, desse modo, minimizar críticas errôneas à prática analítico-comportamental. O objetivo da presente discussão é apresentar conceitos e temas tais como comportamento social, preconceito, causalidade, personalidade, comportamento governado por regras, relações entre mestre-aprendiz e pai-filho, reforçadores para o "bem comum" versus reforçadores individuais. Para tanto, serão brevemente descritos os filmes: "Crash – no limite", "Curtindo a Vida Adoidado" e "Guerra nas Estrelas", a fim de ilustrar de forma didática e prática os conceitos em questão. As análises funcionais apresentadas neste trabalho têm como função principal demonstrar que os princípios comportamentais, embora concebidos em sua maior parte em pesquisas realizadas sob rígido controle experimental no laboratório, sobretudo com sujeitos não humanos, são perfeitamente, e facilmente, aplicáveis ao comportamento humano – principal objeto de interesse dos analistas do comportamento. Pretende-se, com isso, contribuir para a mudança de visão dentre os demais psicólogos, e de alunos de Psicologia, de que a Análise do Comportamento dedica-se apenas ao mundo restrito e artificial do laboratório e das caixas de Skinner.

Apresentação 1:

O clássico filme “Curtindo a vida adoidado” (no original Ferris Bueller's Day Off, dirigido por John Hughes), além de ter marcado uma geração, apresenta personagens com personalidades bastante diferentes, o que o torna um ótimo pano de fundo para se discutir um dos mais importantes e controversos conceitos utilizados na Psicologia: causalidade do comportamento. O objetivo da presente palestra consistirá em discutir brevemente a visão de causalidade para o Behaviorismo Radical, aprofundando-se na análise da “personalidade” e seu desenvolvimento. O Behaviorismo Radical é uma atividade filosófica que se ocupa, principalmente, de questões acerca da natureza do comportamento

humano e quais meios são adequados para estudá-lo. O que somos, o que sabemos (incluindo o conhecimento sobre nós mesmos), o que fazemos e o que deixamos de fazer são, em grande parte, frutos de nossas interações com nosso ambiente (principalmente as pessoas com as quais convivemos) ao longo de nossas vidas. Portanto, as causas de nossos comportamentos, ou seja, as causas daquilo que fazemos, pensamos, sentimos, etc., devem ser buscadas nessas interações, ou melhor, na história dessas interações. Nesse sentido, o behaviorista rejeita a maioria das explicações que a Psicologia oferece para o comportamento, chamando essas explicações de mentalistas. Buscar explicações para o comportamento, portanto, é, em grande parte, fazer análise funcional: identificamos o comportamento que queremos explicar, buscamos identificar em quais situações ele ocorre e quais são as conseqüências produzidas por esse comportamento nessas situações. O Behaviorismo aborda a personalidade, assim como outros fenômenos que estuda, a partir de um ponto de vista funcionalista, em oposição à maioria das abordagens psicológicas que adotam uma visão estruturalista da personalidade. O trabalho visa apresentar alguns caminhos para se proceder a uma análise da personalidade (e de causalidade) baseada em eventos naturais, em interações indivíduo-mundo acessíveis de alguma maneira.

Apresentação 2:

As análises psicológicas de filmes, muito comuns em outras abordagens psicológicas, não têm ocupado um lugar de destaque na Análise do Comportamento. Além disso, os filmes geralmente discutidos psicologicamente são os considerados artísticos e não os populares. A presente apresentação pretendeu quebrar esse paradigma e discutir os filmes que provavelmente são os mais populares de todos os tempos: A saga de “Guerra nas Estrelas” (no original, Star Wars, dirigido por George Lucas). Os filmes, a despeito da maior preocupação com os efeitos especiais do que com a profundidade dos personagens ou da riqueza das histórias, apresentam conflitos tipicamente humanos que servem muito bem para a aplicação dos conceitos da Análise do Comportamento. Neste sentido, foram discutidas contingências conflitantes, reforçadores condicionados generalizados, comportamento governado por regras, respostas de autoconhecimento e de autocontrole, agressividade, assertividade e submissão, entre outros. De fato, o filme se mostrou pertinente a uma análise comportamental, de modo que os termos dessa ciência serviram para abordar alguns tópicos relevantes dos comportamentos de suas personagens. Ao mesmo tempo, foi defendida a utilidade de se analisar filmes de caráter popular, uma vez que possuem um impacto muito mais amplo sobre a sociedade do que os herméticos filmes considerados artísticos.

Apresentação 3:

O filme “Crash – No Limite” (no original, Crash, dirigido por Paul Haggis) apresenta uma série de interações sociais marcadas por comportamentos denominados preconceituosos ou discriminatórios. O objetivo da presente palestra consiste em apresentar uma alternativa comportamental ao estudo de comportamentos sociais, com ênfase no preconceito racial. A limitação de abordagens tradicionais, que explicam o preconceito por meio de variáveis internalistas (i.e., que tratam o preconceito como fruto de

razões individuais, mentais ou cognitivas), será brevemente discutida. A multideterminação dos comportamentos preconceituosos será apresentada, apontando-se argumentos favoráveis à necessidade de uma ampla análise da história de relações entre os indivíduos e seu ambiente como um todo (físico, sócio-cultural, econômico, etc.).

Mesa Redonda: “Terapia por Contingências de Reforçamento com Crianças: dificuldades acadêmicas, agressividade, birra, contingências de luto e perdas de reforçadores positivos”

Priscila Maria de Lima Ribeiro - ITCR-Campinas, Tatiana Chagas Correia - ITCR-Campinas, Georgea Sartori Rosa - ITCR-Campinas

Coordenador: Priscila Maria de Lima Ribeiro - ITCR-Campinas

Mesa Redonda: “Tenho Medos Diversos, que Prejudicam Minha Vida: como posso controlá-los?”

Angeluci R. Branquinho - UCG, Gina Nolêto Bueno - UCG, Jéssica C. Alves - UCG, Roberta M. Marcon – UCG

Coordenador: Gina Nolêto Bueno – UCG

O medo é uma resposta de apreensão aprendida pelo indivíduo, através de suas relações ambientais. Grande parte dos medos experimentados pelo ser humano é fruto apenas de informação de terceiros sobre suas experiências aversivas, portanto, nem foram vividos diretamente. Outros medos foram experimentados pela própria pessoa. Porém, independente da forma aprendida, o medo provoca sensações corporais muito desconfortáveis, levando a pessoa a acreditar que esteja sofrendo dos mais diversos tipos de doenças. É uma resposta física tão intensa, que pode levar o indivíduo a evitar não apenas o estímulo temido, mas inclusive suas próprias respostas corporais. Esquivar-se do medo torna-se a grande meta de quem o sente. Assim, todos os recursos que forem possíveis à pessoa que dele sofre, e que estejam ao seu alcance, serão usados na tentativa do controle dessa resposta emocional desagradável: lavar-se compulsivamente; beliscar-se; arrancar fios de cabelo; conferir repetidamente ações realizadas; fazer uso de medicações diversas e de outras substâncias químicas, evitar e/ou fugir das situações temidas, enfim. E quando tudo isso não resolve, a pessoa que dele sofre, isola-se de suas relações, de seu ambiente social, por sentir-se continuamente ameaçada pelo “medo”. Então, o medo ganha nomes, os mais diferentes possíveis: transtorno de ansiedade generalizada, pânico, fobia social, fobias específicas, agorafobia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno de estresse pós-traumático, dentre outros. Assim, a finalidade maior desta Mesa Redonda é ensinar às pessoas que sofrem do medo, independente de sua idade cronológica e de sua origem, técnicas da análise do comportamento que lhes favorecerão o manejo do medo, isto é, o autocontrole sobre essa resposta aterrorizante.

Apresentação 1:

O medo é uma emoção universal e necessária, mas quando exacerbado pode ser considerado um problema, visto que prejudica o indivíduo. Sua função é chamar nossa atenção para os perigos e nos permitir enfrentá-los da melhor maneira. A reação de defesa, desencadeada pela avaliação de um

evento como perigoso ou ameaçador, protege o organismo de sofrer prejuízos. Um medo caracterizado como ‘normal’ corresponde a um alarme que dispara somente diante de um perigo real, para nos alertar, e se desfaz rápida e facilmente quando o perigo passa ou quando discriminamos que não tratava-se de algo tão ameaçador. Por sua vez, a fobia é um medo persistente e excessivo frente a uma situação ou objeto que não representa um perigo de fato, resultando num intenso desejo de evitar as situações fóbicas, embora o indivíduo seja capaz de reconhecer que seu medo não é racional. Com o objetivo de viabilizar o autocontrole do medo, o terapeuta proporciona a seu cliente conhecimento sobre a função do medo que, uma vez cumprido seu papel de alertar, deve diminuir, senão se torna perigoso para o próprio indivíduo. Desta forma, este estudo objetivou levar às pessoas que apresentam respostas de medo intenso conhecer a linha tênue que separa os medos normais dos medos fóbicos, assim como, favorecer-lhes a auto-observação de seus medos e quando estes passam a ser desproporcionais, resultando-lhes em prejuízos diversos.

Apresentação 2:

Ao longo das relações ambientais, o indivíduo aprende respostas de apreensão, que são denominadas de medo. Essas respostas, por sua vez, podem ser adquiridas por meio do condicionamento direto, quando o medo é aprendido pessoalmente; ou pelo condicionamento indireto, quando o mesmo é aprendido ao se observar o medo de outras pessoas ou através da transmissão de informações, quando outras pessoas fornecem dados ao indivíduo que apontam para os perigos ligados aos mais variados tipos de situações. Diante disto, faz-se necessária a exemplificação de um famoso procedimento de condicionamento realizado com o ‘Pequeno Albert’, o qual demonstrou empiricamente o processo de aprendizagem dos medos. Assim, este estudo objetivou destacar que independente da forma aprendida, o medo provoca respostas físicas tão intensas, que podem levar o indivíduo a evitar não apenas o estímulo temido, mas inclusive, suas próprias respostas corporais. Assim, esquivar-se do medo torna-se a grande meta a quem o sente. Por não expor-se às contingências, a intensidade do estado emocional negativo e das respostas fisiológicas da pessoa que dele sofre agravam-se. O resultado é um sofrimento intenso, incapacitação no desempenho social, profissional e nas atividades como um todo. Desta forma, este estudo objetivou ainda proporcionar recursos que viabilizem às pessoas a compreensão de como são instalados e mantidos os medos que, se continuados, paralisam-nas, via a construção de classes de comportamentos complexos, que recebem nomes de transtornos que, por sua vez, envolvem as respostas de medo.

Apresentação 3:

Compreender como os medos excessivos funcionam é um dos passos necessários para se alcançar o controle dessa resposta emocional. Porém, outros passos são igualmente importantes, e devem se somar a este. Com o intuito de manejar o medo de seus clientes, o terapeuta utiliza técnicas que possibilitam a confrontação de auto-falas negativistas ativadas pelas diversas situações, assim como técnicas que os levem a se aproximar, gradualmente, do evento temido, porém estando relaxados. Assim, as técnicas disponibilizadas pela análise do comportamento têm por objetivo levar o cliente a ativar mais o Sistema

Nervoso Autônomo Parassimpático (S.N.A.P.), o que possibilita a ativação do Sistema Nervoso Autônomo Simpático (S.N.A.S.), apenas em níveis de proteção, e não de paralisação. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi viabilizar às pessoas que sofrem de medos intensos e variados o autocontrole de suas respostas emocionais negativas através da aplicação de técnicas comportamentais. Visando este fim, este trabalho buscou a diferenciação entre (a) medo normal e anormal, (b) forma de aprendizagem dos medos, assim como, (c) procedimentos eficazes para o favorecimento do controle dos medos. Finalmente, objetivou favorecer às pessoas e aos profissionais da saúde melhor compreensão sobre as operações estabelecidas das respostas de medos exacerbados e, conseqüentemente, favorecer-lhes a aprendizagem para o comportar-se de forma incompatível às respostas de medo. Os dados apontam que, independente do tempo de aprendizagem e manutenção dessas respostas, sua extinção pode ser resultado conquistado pelos fóbicos.

Palestra: “ Tabagismo”

Marília Montoya Boscolo – Unicamp

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2005) 30% da população adulta mundial é fumante e 4,9 milhões de pessoas morrem anualmente por causas relacionadas ao tabagismo. Isso corresponde a 11 mil mortes ao dia. O tabagismo é uma das principais causas de morte prematura no mundo e é considerada principal causa prevenível de morte nos países desenvolvidos. Embora a prevalência mundial de fumantes tenha diminuído nas últimas décadas, o número de jovens iniciantes tem aumentado e em idade mais precoce. Os efeitos farmacológicos da nicotina são diversos atingindo Sistema Nervoso Central, sistema endócrino e cardiovascular. Fatores ambientais, psicológicos, comportamentais e socioculturais estão associados ao desenvolvimento da dependência. O tratamento envolve vários fatores e o tratamento farmacológico tem se mostrado promissor. Inclui as terapias de reposição de nicotina e as medicações sem nicotina. Existem outras abordagens que completam o tratamento como entrevista motivacional e técnicas de intervenção breve.

Mesa Redonda: “Jogo Patológico”

Ivan Mario Braun - USP, Moema Galindo - USP, Carolina Perroni – USP

Coordenador: Hermano Tavares – USP

Mesa Redonda: “Aspectos Psicológicos da Cirurgia Plástica Estética”

Denise Cerqueira Leite Heller - UTP/CETECC, Talita Lopes Marques - UTP/CETECC, Roseli Hauer - FEPAR/CETECC

Coordenador: Denise Cerqueira Leite Heller - UTP/CETECC

Apresentação 1:

Os primórdios da cirurgia plástica estão relacionados àquela cirurgia com fins reparadores ou reconstrutores, que era destinada às pessoas que necessitavam de reparação em seu corpo em decorrência de doenças, traumas ou malformações. Com o tempo, as exigências estéticas da sociedade e a evolução das técnicas cirúrgicas, a cirurgia plástica estética ou cosmética ganhou força e popularidade, chegando atualmente a quase banalização. Neste procedimento existem aspectos positivos e negativos e é a exposição destes que se pretende neste trabalho. O procedimento estético, pela correção de insatisfações com algum(ns) detalhe(s) do corpo, visa promover benefícios estéticos e funcionais, podendo, conseqüentemente, implementar a auto-estima, autoconfiança e auto-imagem de quem se submete a ele. Entretanto, freqüentemente as pessoas depositam neste procedimento expectativas que não podem ser supridas pela correção do “defeito” físico. Isto geralmente ocorre por insatisfações não propriamente com o corpo, mas sim com algum(ns) aspecto(s) de sua vida, como trabalho, relacionamentos íntimos, filhos ou consigo mesma. Este, infelizmente, é um acontecimento comum na sociedade contemporânea, pois, além das pessoas serem constantemente pressionadas a ter o melhor desempenho em todas as esferas de suas vidas, ela atesta que só serão bem-sucedidos e aceitos aqueles que se enquadrarem ao padrão de beleza vigente, o qual, fisiologicamente, só pode ser alcançado por uma minoria da população. Optar por uma cirurgia plástica reflete a busca por melhorar a aparência do corpo em que se vive, mas pode também estar encobrendo diversos problemas emocionais. Para que esta intervenção seja satisfatória, deve-se atentar ao momento de vida do paciente e ao seu estado emocional. A intervenção cirúrgica deve ser realizada de forma consciente, ou seja, o paciente deve estar certo de sua decisão, sabendo dos prós e contras do procedimento escolhido, como serão as cicatrizes, que tipo de resultados poderá obter e quais são os cuidados pré, peri e pós-operatórios que deve tomar. As expectativas em relação aos resultados devem ser exequíveis, e o paciente deve estar com as auto-estima e auto-imagem positivas, desvinculadas da questão corporal. Quando a cirurgia é realizada atentando-se para estes fatores, seus resultados podem ir além da satisfação com o corpo, implementando a auto-estima, autoconfiança, imagem corporal e mesmo outras esferas da vida como os relacionamentos, lazer e trabalho, ou seja, pode proporcionar uma melhor qualidade de vida à pessoa.

Apresentação 2:

O presente trabalho discute a relação da cirurgia plástica, auto-estima e imagem corporal na sociedade contemporânea bem como sua evolução nas últimas décadas. A busca frenética por um corpo perfeito parece ser a tônica da sociedade atual e isto tem feito com que muitas mulheres confundam o que se pode esperar de efetivo de uma cirurgia. A frustração com os resultados e as intercorrências médicas são pontos pouco analisados quando se decide mudar de aparência. A cirurgia plástica obteve uma evolução significativa tanto na procura quanto nas tecnologias e procedimentos utilizados. Mesmo assim, trata-se de uma intervenção cirúrgica de risco e de resultados que, muitas vezes, não condizem com o esperado. Porém, isto não impede que mulheres continuem a buscar na cirurgia plástica a realização de diferentes desejos e a resolução de problemas nem sempre relacionados ao corpo (procuram sanar dificuldades sexuais, conjugais e sociais). O procedimento cirúrgico de uma plástica implica não apenas em uma escolha por um corpo ou rosto mais bonitos ou atraentes, mas também a

relação da mulher na sociedade, consigo mesma, sua auto-estima, imagem corporal e resiliência. Participaram deste estudo 130 mulheres, entre 30 e 45 anos, provenientes de clínicas de cirurgia plástica da cidade de Curitiba. Foram utilizados como instrumentos três testes e um questionário, a saber: Escala de Auto-Estima de Rosenberg, composta por 10 (dez) questões do tipo Likert; Questionário sobre a Imagem Corporal (BSQ – Body Shape Questionnaire), composta por 34 (trinta e quatro) questões; questionário de perguntas fechadas com 11 (onze) questões. Verificou-se que mesmo cientes dos riscos tanto da cirurgia quanto do resultado obtido, apenas 30% destas mulheres optam pela realização de acompanhamento psicológico, 69,23% não têm interesse na realização do acompanhamento e 30,77% desconhecem tal possibilidade. Os dados mostraram uma relação inversamente proporcional entre imagem corporal e auto-estima, ou seja, quanto maior a auto-estima da mulher, menor a distorção na imagem corporal. Parece que quanto mais a mulher se gosta melhor consegue perceber seu corpo como realmente é.

Apresentação 3:

Na atualidade, o culto de beleza, está relacionado a imagem de poder, sucesso, felicidade, bem estar, influenciado por uma hipervalorização cultural da beleza. As mudanças corporais decorrentes da idade, situações de evolução natural do ser humano promovem um questionamento sobre a imagem corporal, e muitas vezes vem acompanhada da necessidade de uma mudança, e em algumas situações por uma cirurgia plástica. A insatisfação, insegurança e ansiedade em relação a aparência corporal levam a uma busca de solução com o objetivo de mudar o sentimento em relação a si mesmo e a imagem corporal. As mudanças corporais provocam muitos questionamentos e insatisfações com a imagem corporal que é esta representação mental do próprio corpo, o modo como ele é percebido pelo individuo e dos sentimentos referentes ao próprio corpo. Alterações corporais provocam mudanças na imagem corporal. O individuo além da dificuldade intrínseca de lidar com a imagem de si mesmo, em nossa sociedade ocidental, precisa lidar com novos desafios, trazido pela globalização e forte influência dos meios de comunicação nos comportamentos humanos. Este culto marúsico do corpo, vendido como objeto de consumo onde, mais importante do que sentir, pensar e ter medidas perfeitas. Leva a uma busca, às vezes insana de mudanças corporais, com o objetivo de reformular a imagem corporal. O estudo da busca por cirurgias plásticas deve ser objeto de estudos científicos, pois em algumas situações pode, estar buscando padrões irreais de beleza, quando talvez o foco da abordagem deverá ser um acompanhamento da depressão pelo auto-conceito rebaixado.

Mesa Redonda: "A Importância e Viabilidade de Procedimentos de Observação na Avaliação de Habilidades Sociais"

Vivian Fumo - UFSCar, Almir Del Prette - UFSCar, Carina Manolio - UFSCar, Camila Pereira – UFSCar

Coordenador: Camila Pereira – UFSCar

A avaliação do repertório de habilidades sociais pode ter finalidades distintas como, por exemplo, estabelecer parâmetros de comportamento de um segmento da população, analisar déficits e recursos em habilidades sociais para planejamento de programas de intervenção, verificar a efetividade de um

programa de promoção de habilidades sociais. Na avaliação das classes de habilidades sociais, a especificidade situacional e cultural bem como os componentes, verbal, não-verbal e paralingüístico presentes na interação podem exigir, muitas vezes, procedimentos específicos, com instrumentos variados e diferentes informantes para abranger um conjunto mais amplo de indicadores e interpretações. Em geral, os métodos de avaliação disponíveis na literatura das habilidades sociais dividem-se em dois grupos: os indiretos (inventários, entrevistas) e os diretos (observação). Os instrumentos mais utilizados são de auto-relato, todavia percebe-se um interesse crescente pela observação. Ainda que os instrumentos de auto-relato sejam importantes por acessar as percepções dos indivíduos sobre si mesmo, os procedimentos observacionais complementam e ampliam os dados de avaliação, uma vez que permitem registrar as interações comportamento-ambiente, caracterizar os diferentes componentes, identificar possíveis vieses no ajustamento socioemocional, entre outros aspectos. Os procedimentos observacionais empregados em vários estudos demonstram a diversidade de ambientes e condições adaptadas para a coleta de dados, assim como revelam a validade de alguns instrumentos para determinados contextos e população. Os trabalhos apresentados nessa mesa redonda pretendem discutir a importância e viabilidade no uso da observação em diferentes classes de habilidades sociais e situações interpessoais. Fumo e Del Prette apresentam um método de observação em situação natural para identificação de classes de habilidades sociais acadêmicas de alunos com alto e baixo rendimento escolar, detalhando os cuidados necessários para utilização desse procedimento. Manolio e Del Prette descrevem, com base em um Sistema de Categorias de Habilidades Sociais Educativas, procedimentos de observação sistemática por meio de filmagens para análise da interação professor-aluno e do repertório do professor nessas habilidades. Pereira e Del Prette revelam um procedimento confiável de aplicação de situações estruturadas de entrevista de emprego e condições próprias do ambiente de trabalho e de elaboração de registros de observação na identificação de habilidades sociais profissionais de adolescentes à procura de emprego. Esses trabalhos mostram os cuidados especiais na elaboração de procedimentos observacionais e demonstram a relevância da observação como meio de avaliação de habilidades sociais em diversos contextos.

Apresentação 1:

Evidências empíricas demonstram que crianças com déficits em habilidades sociais apresentam baixo rendimento acadêmico enquanto que crianças com repertório socialmente habilidoso têm bom rendimento. Considerando a importância da relação entre desempenho social e rendimento acadêmico, pesquisadores propõem a concepção de um conjunto de habilidades sociais acadêmicas, as quais são definidas como diferentes classes de comportamentos sociais do repertório do indivíduo para lidar com as demandas inerentes do processo ensino-aprendizagem e que contribuem para a competência acadêmica e social. Identificar as classes de habilidades sociais acadêmicas apresentadas por alunos com baixo e alto rendimento escolar torna-se importante por auxiliar no processo de aprendizagem. A avaliação desse repertório de habilidades sociais pode ser realizada com base em diferentes métodos. Porém para realizar observações em situação natural, alguns cuidados precisam ser tomados para garantir a fidedignidade dos dados. O objetivo desse trabalho é apresentar como o método de observação em situação natural foi utilizado em uma pesquisa que buscava identificar as classes de

habilidades sociais acadêmicas de alunos com alto e baixo rendimento escolar. Foram realizadas filmagens em situações naturais de sala de aula, pois esta técnica fornece um registro permanente do comportamento observado, o qual pode ser categorizado posteriormente pelo pesquisador e/ou por terceiros. Para evitar que a presença do pesquisador e dos equipamentos de filmagem influenciasse no comportamento dos participantes foi feito um período de adaptação. As filmagens foram realizadas em 22 salas de aula. Para procurar garantir que nas diferentes salas, as atividades acadêmicas propostas pelos professores suscitasse padrões semelhantes de interação social foram formuladas demandas de atividades acadêmicas. Para análise das filmagens foi formulado um Protocolo de Observação de Habilidades Sociais Acadêmicas composto de duas partes: uma com as definições operacionais das classes de habilidades sociais acadêmicas e outra com um formulário para registro desses comportamentos. Todas as filmagens foram analisadas com a utilização do Protocolo de Observação e 20% foram submetidas à análise de três observadores externos para garantir a fidedignidade dos dados. Os resultados dessas análises obtiveram índices de concordância entre os observadores que variaram de 85 a 97,8%. Tais resultados sugerem que os cuidados tomados na elaboração do método de observação foram eficientes para garantir a objetividade dos dados, possibilitando que a categorização das habilidades sociais acadêmicas de crianças com baixo e alto rendimento acadêmico forneça um registro fidedigno dos padrões de comportamento apresentados. Apoio: CNPQ

Apresentação 2:

Para que um educador estabeleça interações sociais facilitadoras do desenvolvimento e da aprendizagem dos alunos é importante que ele apresente um amplo repertório de Habilidades Sociais Educativas (HSE). As HSE podem ser consideradas como um conjunto de comportamentos intencionalmente voltados para o desenvolvimento e aprendizagem do interlocutor. No Brasil ainda são poucos os estudos que avaliam e caracterizam as HSE do professor, podendo-se supor que eles possam produzir conhecimentos úteis tanto para a área da educação quanto para a área teórico-prática das Habilidades Sociais. Um método ainda pouco utilizado para avaliar as HSE do professor é a observação sistemática. Este trabalho enfatiza uma descrição de procedimentos de observação sistemática por meio de filmagens da interação professor-aluno, tendo como base um Sistema de Categorias de Habilidades Sociais Educativas (SCHSE), com 32 classes já definidas, proposto por Del Prette e Del Prette. Foram observados nove professores em interação com seus alunos em duas demandas de atividade didática de 30 minutos. A primeira demanda compreendeu uma atividade de leitura de texto e interpretação oral e na segunda, uma atividade de ensino com conteúdo de matemática. A coleta de dados foi realizada durante três dias: no primeiro foi feito um período de adaptação para evitar que a presença dos equipamentos e da observadora em sala influenciasse no comportamento dos participantes; no segundo e terceiro foram realizadas as filmagens. Em seguida as filmagens foram transcritas na íntegra e os comportamentos dos professores classificados a partir do SCHSE. Os registros foram feitos em um Protocolo de observação. Em seguida essas 32 classes foram subdivididas em três grupos de comportamentos e submetidas à avaliação de observadores externos sendo calculado o índice de concordância e fidedignidade. Nesse primeiro estudo foram analisadas apenas onze classes de comportamento do Sistema de Categorias. Os índices de concordância dessas

categorias foram considerados satisfatórios variando de 88,8% a 91,9%. As categorias registradas com maior frequência foram apresentar dicas e expressar discordância/reprovação, seguidas de pedir mudança de comportamento, elogiar e descrever/justificar comportamentos desejáveis. O índice de concordância entre observadores sugere, por um lado, que o procedimento utilizado é confiável na avaliação das HSE do professor e por outro, que o SCHSE é pertinente na avaliação desse repertório. Estudos dessa natureza podem fornecer subsídios para assessoria e programas de formação continuada para professores.

Apresentação 3:

As transformações do mundo do trabalho e o contexto essencialmente interativo das atividades profissionais têm gerado grandes expectativas sobre o comportamento social dos trabalhadores. A literatura especializada apresenta o conceito de habilidades sociais profissionais como um conjunto de desempenhos sociais, presentes no repertório comportamental do indivíduo, para atender as demandas interpessoais do contexto do trabalho. Diante da necessidade de planejar uma avaliação do repertório de habilidades sociais profissionais de adolescentes, por meio de procedimentos de observação, este estudo teve como objetivos: (1) Elaborar situações estruturadas de entrevista de emprego e ocorrências do ambiente de trabalho; (2) Testar Registros de Observação de Habilidades Sociais Profissionais (ROHSP). Participaram deste estudo 13 adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 14 e 16 anos. Foi realizado amplo levantamento bibliográfico de habilidades sociais profissionais importantes nas situações de entrevista de emprego e no ambiente de trabalho. Posteriormente, foram estruturadas algumas situações para criar demandas de tais habilidades e aplicadas nos participantes. A filmagem das situações estruturadas foi analisada posteriormente para: selecionar os componentes a serem avaliados; definir operacionalmente as habilidades e a escala de avaliação. Os desempenhos foram avaliados por dois pesquisadores independentes, com objetivo de verificar a concordância entre os mesmos na identificação e avaliação das categorias de habilidades sociais profissionais. O coeficiente de concordância entre avaliadores foi obtido usando-se a fórmula: concordância dividida pela somatória de concordâncias e discordâncias, multiplicado por cem. As três situações estruturadas elaboradas com as respectivas demandas de habilidades sociais profissionais foram: (1) Enfrentar entrevista de emprego: saudar, apresentar-se a outra pessoa, responder perguntas, revelar-se, fazer perguntas, despedir-se; (2) Oferecer ajuda ao colega de trabalho: iniciar conversação, expressar compreensão e sentimentos, expressar opinião; (3) Lidar com crítica justa do supervisor: desculpar-se, admitir erro, expressar intenção de mudança de comportamento, expressar opinião. Essas categorias de habilidades sociais profissionais compõem os ROHSP e caracterizam aspectos da topografia, mensuradas em uma escala tipo Likert de cinco pontos, de Totalmente insatisfatório a Totalmente satisfatório. O uso do ROHSP para as três situações produziu índices de concordância aceitáveis, revelados conforme seqüência anterior: 90,20%, 82,35% e 79,41%. Esses resultados sugerem que tais procedimentos são confiáveis para avaliação das categorias de habilidades sociais profissionais propostas, particularmente, em contextos de entrevista de seleção de emprego e condições específicas do ambiente de trabalho.

Mesa Redonda: " Conceituação Funcional de uma Intervenção Comportamental em Paciente com Queixa de Depressão e Dificuldades Conjugais"

Marcos Antonio Amaral Chequer - Universidade Vale do Rio Doce/Núcleo ACPC, João Carlos Muniz Martinelli - Universidade Vale do Rio Doce/Núcleo ACPC, Maria das Graças Silva - Universidade Vale do Rio Doce/Núcleo ACPC

Coordenador: Marcos Antonio Amaral Chequer - Universidade Vale do Rio Doce/Núcleo ACPC

Apresentação 1:

O termo "análise funcional do comportamento" vem sendo adotado como método analítico em terapia comportamental. Nessa perspectiva, vem sendo apresentado na literatura, análises funcionais de comportamentos tanto de terapeuta quanto de pacientes, em contexto clínico, referindo-se a esse modelo. A pretensão é fazer uma discussão teórica sobre o uso do termo "Análise funcional" tendo como pressuposto que tal tarefa implica em colocar em foco o comportamento do terapeuta de analisar os comportamentos emitidos pelo paciente e o seu próprio. A apresentação inclui a discussão dos limites do termo em contexto aplicado e sua adequabilidade.

Apresentação 2:

A apresentação descreverá o método de avaliação funcional conforme descrito por Follete et. al (1999), a saber, conceituação funcional do caso, consistindo na identificação e aplicação de procedimentos de análise de contingências baseados em princípios comportamentais. O método prevê o seguimento de 6 passos na condução do processo terapêutico: Passo 1: Identificar característica do cliente via investigação; Passo 2: Organizar as características dentro de uma análise dos problemas do cliente em termos de princípios comportamentais; Passo 3: Planejar uma intervenção baseada na avaliação funcional; Passo 4: Implementar a Intervenção; Passos 5 e 6: Levantar resultados e avaliar se obteve o resultado terapêutico desejado.

Apresentação 3:

Será apresentado um estudo de caso, sobre o atendimento de C., sexo feminino, 43a, casada há 23 anos, 2 filhos, do lar. Buscou o atendimento em maio de 2005 (triagem), com queixa de insatisfação com a vida em geral (relatos de tristeza, desânimo e desejo de separação do marido), e foi encaminhada à psicoterapia com hipótese diagnóstica de depressão. O objetivo consistiu em aplicar o modelo de conceituação funcional de caso à abordagem clínica, identificando variáveis e contingências relacionadas ao relato de depressão e dificuldades conjugais seguindo os seis passos como proposto no modelo, implicando ainda no uso procedimentos derivados das análises de contingências realizadas.

Mesa Redonda:"Investigações com Pacientes Psiquiátricos "

Silvia Sztamfater - Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Andrea Machado Vianna - Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Roseli Ferreira da Lage - IP-USP
Coordenador: Mariângela Gentil Savoia – FMUSP

Apresentação 1:

Grande parte das pessoas já vivenciou determinado nível de ansiedade em situações cotidianas. Contudo, há indivíduos para os quais a ansiedade social é intensa e persistente, o que gera esquivas da situação temida, tornando-se incapacitante. Nestas circunstâncias é diagnosticada como fobia social ou transtorno de ansiedade social. Atualmente, estudos mostram que existe uma tendência a considerar a fobia social como um dos transtornos mais frequentes, com porcentagens que variam de 3 a 13%. Pesquisas na área começaram a ser produzidas somente no final da década de 80 e há ainda possíveis portadores de fobia social não diagnosticados ou mal informados. Pelo fato de existir inúmeros estudos envolvendo familiares em diversas patologias psiquiátricas que demonstram a importância deste tipo de intervenção, o objetivo deste trabalho é discutir a implicação da participação da família no tratamento e recuperação do paciente com fobia social. Realizou-se uma busca sistemática na literatura via base de dados PubMed, Lilacs, PsycINFO, Google Acadêmico e Cochrane Library até Setembro de 2007, por meio do cruzamento das palavras “psychoedu* (psicoedu*)”, “social phobia (fobia social)”, “anxiety disorder (transtorno de ansiedade)” e “family (família)”. O critério de inclusão adotado foi estudos envolvendo familiares de fóbicos sociais adultos de ambos os sexos. Há muitos estudos na literatura sobre utilização de psicoeducação para portadores e familiares de diversas patologias psiquiátricas, envolvendo diferentes faixas etárias. Entretanto, não foi encontrada nenhuma referência sobre este tipo de intervenção com familiares de adultos fóbicos sociais. Com a evolução do tratamento psiquiátrico, grande parte da recuperação dos portadores passou a ocorrer em ambiente natural exigindo a participação direta dos familiares e comunidade. Embora a desinstitucionalização seja realidade, não é frequente que os familiares recebam informações ou treinamento para lidar com os portadores. No caso do fóbico social, a psicoeducação com familiares poderia ajudá-lo a desenvolver um repertório social que sozinho não conseguiria (facilitar a aquisição e treino de habilidades sociais), melhorando a sua qualidade de vida (reinserção no mercado de trabalho, independência financeira, aumento da rede social); maior aderência do portador ao tratamento farmacológico e psicoterápico; maior chance do diagnóstico precoce e formas de enfrentamento da patologia, uma vez que a fobia social aparece na adolescência; maior divulgação da patologia, já que as pesquisas neste campo são recentes e é fundamental que tanto os familiares quanto a comunidade sejam informados para a recuperação do portador.

Apresentação 2:

O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) se desenvolve após a vivência de um trauma e caracteriza-se pela presença de três grupos de sintomas distintos: revivência do trauma, esquivas / entorpecimento emocional e hiperestimulação autonômica. No entanto a simples exposição ao evento traumático não determina o desenvolvimento de TEPT, uma série de fatores interagem na aquisição dos

sintomas incluindo fatores individuais como traços de personalidade e fatores de resiliência. Dentro de uma população de policiais que permanecem expostos a eventos de risco constantes, a melhor compreensão destas características individuais, contribui para o desenvolvimento de técnicas preventivas, visando modificar o impacto de reações negativas e assim, promovendo uma melhor qualidade de vida. Nesta perspectiva o objetivo principal do presente estudo foi verificar se características de resiliência e personalidade em uma população específica de policiais influenciam o desenvolvimento de sintomas de TEPT. Estudamos 30 policiais militares do sexo masculino do Estado de São Paulo, encaminhados pelo Centro de Assistência Social e Jurídica da Polícia Militar do Estado de São Paulo (CASJ), participantes de um evento específico ocorrido em maio de 2006, quando uma facção do crime organizado atacou diversas unidades da polícia militar em São Paulo. Os policiais foram encaminhados para avaliação no Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental (CAISM), após dois meses do evento traumático. Foram aplicadas para diagnóstico as escalas SCID-CV (entrevista clínica estruturada para os transtornos do eixo I) e CAPS (escala de PTSD administrada pelo clínico). Uma vez os critérios de inclusão estabelecidos os sujeitos responderam ao Inventário de Temperamento e Caráter e o Questionário de Resiliência na mesma data. 26,7% da população estudada desenvolveu sintomas de TEPT. Na comparação dos grupos que desenvolveram ou não os sintomas verificou-se que os traços de personalidade apresentaram maiores índices de autodirecionamento e cooperatividade no grupo que não desenvolveu sintomas, e maiores índices de autotranscendência no grupo que desenvolveu sintomas. A aplicação da análise fatorial apresentou as diferenças na amostra estudada agrupando os sujeitos em quatro blocos; sendo que, em dois destes as diferenças se mostraram acentuadas: no bloco que não desenvolveu os sintomas e o bloco que obteve um maior número de sujeitos com sintomas de TEPT. Tais diferenças sugerem que traços de personalidade e comportamentos resilientes possam proteger o indivíduo do desenvolvimento dos sintomas.

Apresentação 3:

O Transtorno Afetivo Bipolar é um transtorno crônico e recorrente que interfere no funcionamento biopsicossocial. Associado à patologia acrescenta-se a variável do envelhecimento – acarretando sérios prejuízos ao funcionamento e à qualidade de vida dos pacientes. Segundo estimativas da Organização Mundial da Saúde o TAB tem sido considerado um dos transtornos psiquiátricos mais diagnosticados, ocupando o quarto lugar entre os principais problemas de saúde do Ocidente (Tung, 2007). O presente trabalho tem por objetivo apresentar resultados preliminares de pesquisa em instituição de saúde mental, avaliando a adição da TCC x Psicoeducação em idosos bipolares. Realizou-se um estudo controlado com 30 idosos que foram aleatoriamente randomizados em três grupos: Grupo I – medicação + TCC; Grupo II – medicação + Psicoeducação; Grupo III – medicação (controle). Para inclusão no estudo se considerou a idade de 60 anos ou mais, com diagnóstico de TAB – tipo I, que estavam eufímicos, sem comprometimento cognitivo importante ou em delirium. O acompanhamento dos grupos foi realizado em 21 semanas. No grupo I (TCC) e II (Psicoeducação) foi realizado atendimento grupal semanal, com 1h30 de duração. O grupo de TCC seguiu as orientações de Basco e Rush (2007). As sessões foram gravadas e transcritas, avaliadas por dois juízes. Para o grupo de Psicoeducação seguiu-se o protocolo de Barcelona (Colom, Vieta e Scott, 2006). Para estes autores o

papel principal da psicoeducação em pacientes bipolares é reduzir o número de episódios e, conseqüentemente, o risco de novas hospitalizações. Tendo em vista a escassez de literatura no tratamento de TAB nesta população, os dados deste estudo acrescentam possibilidades de intervenção nas instituições de saúde mental.

Palestra: “ Revisitando ‘Dor e Comportamento’ de H. Rachlin”

Antonio Bento Alves de Moraes - Universidade Estadual de Campinas

Segundo Rachlin, existem dois tipos de dor: a “sensorial”, cuja intensidade é função de vários estímulos eliciadores, e a “psicológica”, cuja intensidade é modificável por fatores como o contexto sócio-cultural. Teorias fisiológicas, cognitivas e comportamentais sobre dor têm visões específicas sobre a natureza dos dois tipos de dor. Para as teorias, fisiológica e cognitiva, a dor “psicológica” e a dor “sensorial” são processos internos sendo que a primeira influencia a última. De acordo Rachlin, para teoria comportamental a dor “sensorial” é um respondente enquanto que a dor “psicológica” é um operante e que nenhum tipo de dor é um processo interno - ambas são comportamentos considerados explícitos. Nesta exposição, pretende-se retomar as propostas de Rachlin, publicadas no *The Behavioral and Brain Sciences* em 1985, e discuti-las a luz dos conhecimentos recentes sobre a psicologia da saúde e da análise funcional do comportamento.

Mesa Redonda: “Dependência Química”

Renata Cruz Soares de Azevedo - UNICAMP, Marisa L.F.Mauro - UNICAMP, Karina Diniz Oliveira - UNICAMP/S.S.Dr. Cândido Ferreira

Coordenador: Marília Montoya Boscolo – Unicamp

Apresentação 1:

As dependências químicas representam na atualidade, um importante problema de saúde pública, além dos prejuízos sociais e familiares relacionados ao uso de drogas psicoativas. A abordagem destes quadros engloba medidas de diversas áreas, com o objetivo de propiciar ao paciente um tratamento global e efetivo. Dentre as alternativas terapêuticas, o uso de medicamentos ocupa um lugar importante no manejo tanto de quadros agudos, quanto na manutenção do tratamento. É importante que o profissional de saúde esteja familiarizado com esta alternativa terapêutica e reconheça as situações em que ela deve ser indicada.

Apresentação 2:

Resumo da história do grupo de prevenção de recaída, como era formado e avaliação do funcionamento, as mudanças para adaptação à realidade da nossa população e características do

funcionamento atual. Por ser um hospital escola, o grupo serve de base para alunos de medicina e profissionais que atuam na rede pública de saúde, é um modelo de atuação com dependentes.

Apresentação 3:

O uso abusivo de substâncias psico-ativas e os efeitos sobre o comportamento do indivíduo tem uma série de implicações na esfera social. Além de prejudicar a capacidade laborativa do indivíduo, o uso de substâncias também pode ser associado a problemas como a violência. Estudos estabelecem uma tríade de fatores que relacionam criminalidade e uso de drogas. A primeira delas é o contexto associado à distribuição de drogas ilícitas, que coloca o usuário em contato, direta ou indiretamente, com o narcotráfico. Os outros dois são o efeito da droga sobre o comportamento do indivíduo e as condições sócio-econômicas do usuário. Em dois serviços de referência no atendimento de usuários de substâncias psico-ativas de Campinas está sendo desenvolvido um estudo transversal quantitativo que procura estabelecer de forma mais detalhada essas relações entre uso de drogas e criminalidade, considerando também o papel do tratamento como fator de reabilitação de usuários que cometeram delitos. Foram entrevistados apenas pacientes maiores de 18 anos, que assinaram termo de consentimento informado para responder a um questionário que inclui aspectos sócio-demográficos, histórico e padrão de uso e dados relacionados à qualidade de vida pós tratamento e à criminalidade. Além disso, foram aplicadas três seções do M.I.N.I. (Mini International Neuropsychiatric Interview) que avaliam dependência de substâncias e presença de transtorno de personalidade anti-social. Os dados preliminares do estudo confirmam o prejuízo da capacidade laborativa dos usuários de substâncias e mostram que a substância usada e a presença de transtorno de personalidade anti-social podem influenciar na prática de delitos, assim como o tratamento exerce papel importante na reabilitação dos usuários que já praticaram delitos.

Mesa Redonda: “Metacontingências, Macrocontingências e Comportamento Verbal”

Tereza Maria Pires Sérgio - PUC-SP, Maria Amália Andery - PUC-SP, Emmanuel Tourinho – UFPA

Coordenador: Tereza Maria Pires Sérgio - PUC-SP

Muitas das análises recentes, em análise do comportamento, sobre práticas culturais têm utilizado o conceito de metacontingências como referencial teórico e metodológico. O conceito de macrocontingência, embora ainda pouco explorado, também veio para contribuir para o entendimento de contingências que envolvem um grande número de pessoas. As mediações verbais, características do comportamento social, são de fundamental importância para a propagação, através de várias gerações de indivíduos, de práticas culturais. Essa mesa tem a proposta de debater as formas pelas quais o comportamento verbal exerce controle sobre as práticas culturais.

Palestra: “ Depressão na Gestação: o que fazer?”

Vera Tess - Faculdade de Medicina da Universidade Estadual de São Paulo

Discutiremos na palestra as conseqüências da depressão não tratada para a gestante e para o feto e as alternativas de tratamentos. A literatura não sustenta a idéia de que a gravidez seja, de alguma forma, protetora no que se refere à doença mental. As evidências sugerem aumento da vulnerabilidade para algumas doenças psiquiátricas, especialmente as afetivas. Este quadro contraria o senso comum que associa gravidez a um período de bem-estar emocional da mulher. O transtorno mental mais freqüente na gestação é o transtorno depressivo - entre 10% a 20% das gestantes apresentam diagnóstico de depressão, com picos no primeiro e terceiro trimestres. Contudo, apenas uma em cada cinco gestantes deprimidas procura algum tratamento - medicamentoso, psicoterápico ou aconselhamento. O estigma da depressão na gravidez previne as gestantes de procurar ajuda.

Palestra: “Contribuições a Análise Experimental do Comportamento para a ‘Formação’ Profissional de Psicólogos: das diretrizes curriculares aos projetos de curso”

Silvio Paulo Botomé – UFSC

“Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Psicologia” é o nome de um documento normativo para orientar os projetos, os programas e os procedimentos de ensino dos professores dos cursos de graduação em Psicologia no Brasil. O desenvolvimento do conhecimento realizado no âmbito da Análise Experimental do Comportamento, como sub-campo de atuação profissional dos psicólogos e como um tipo específico de conhecimento sobre os processos e fenômenos psicológicos, tem contribuições a oferecer para auxiliar nos processos de trabalho com e a partir de tais “Diretrizes Curriculares”. Quais são algumas dessas contribuições? Um exame do texto da Resolução que explicita as “Diretrizes Curriculares”, explicitando a que os termos utilizados se referem e fazendo uma análise comportamental dos conceitos empregados no texto possibilitou derivar processos comportamentais que deixam mais claro o que fazer para concretizar as proposições da resolução normativa que orienta os projetos de cursos de graduação em Psicologia: (1) contextualização do conceito “competência” e sua relação com o conceito de comportamento; (2) a referência a princípios e compromissos são referências a aspectos de processos comportamentais do profissional de Psicologia; (3) o conceito de “perfis profissionais” é uma metáfora que se refere a “grandes classes de comportamentos do profissional” caracterizando modalidades de intervenção profissional a que o profissional pode se dedicar; (4) as “competências básicas” indicadas na resolução são uma parte das classes gerais de comportamentos que constituem a capacitação do profissional desse campo de atuação; (5) o conceito de “habilidade” parece ser equivalente a “comportamentos-competentes-pré-requisitos” de outros, obscurecendo três tipos de conceitos úteis para a capacitação de psicólogos: a) “dimensões” da capacitação profissional, b) os “âmbitos de atuação profissional” e c) os conceitos de mercado de trabalho, campo de atuação profissional, área de conhecimento, processos básicos de conhecer e tipos de conhecimento. As “competências” indicadas nas diretrizes são conceitualmente dispersas e não deixam claro o que constitui o conjunto de desempenhos que constituem a “capacitação profissional” do psicólogo de forma sistêmica. As contribuições da Análise do Comportamento aplicada ao texto dessas “diretrizes” parece auxiliar no aumento da probabilidade de consecução do que constitui a

contribuição das Diretrizes Curriculares para o ensino de Graduação no desenvolvimento da capacitação profissional de novos psicólogos para o País.

Mesa Redonda: “Terapia por Contingências de Reforçamento com Adultos: história de contingências de privação de afeto, de relacionamentos afetivos produzidos por contingências coercitivas e dificuldades de expressar sentimentos”

Najara Karime Salomão Pereira - ITCR-Campinas, Fernanda Ferreira Corrêa - ITCR-Campinas, Maria Izilda Campos Souza - ITCR-Campinas

Coordenador: Najara karime Salomão Pereira - ITCR-Campinas

Palestra: “Intersecção entre Prestação de Serviço e Pesquisa na Análise do Comportamento”

Verônica Bender Haydu – UEL

Uma questão relevante para os analistas do comportamento é se há possibilidade de intersecção entre prestação de serviços e pesquisa em Análise do Comportamento. Considerando que, de acordo com a filosofia pragmatista, o objetivo da ciência é produzir conhecimento para ação efetiva, essa questão torna-se ainda mais importante. O presente trabalho visa destacar as dimensões relevantes da análise experimental do comportamento, da análise aplicada do comportamento e da prestação de serviços, e mostrar como a produção científica da área da Análise do Comportamento pode contribuir para o desenvolvimento de tecnologia comportamental. Para isso, serão tomadas como exemplos, pesquisas empíricas, trabalhos conceituais e tecnologias derivadas dos estudos sobre equivalência de estímulos, comportamento governado por regras e do conjunto de temas organizado sob o rótulo controle, tomar decisão e resolução de problemas. Essa revisão bibliográfica permite concluir que, apesar de a pesquisa científica e a prestação de serviços terem dimensões distintas, elas estão interligadas pela necessidade de uma constante retoalimentação, de tal forma que, as pesquisas fornecem o conhecimento científico para o desenvolvimento da tecnologia e a prestação de serviços coloca em cheque esse conhecimento. Além disso, pode-se produzir conhecimento científico quando se presta serviço em determinados contextos, como, por exemplo, na clínica psicológica. Esse ambiente permite investigar o comportamento verbal de uma forma bastante natural, o que dificilmente pode ser feito no laboratório.

Mesa Redonda: “Controle de Variáveis do Comportamento Alimentar na Síndrome de Prader Willi e na Obesidade Infantil”

Maria Cristina Trigueiro Veloz Teixeira - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Maria Luiza Guedes de Mesquita - Fafem/Mackenzie, Yara Garzuzi - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenador: Maria Cristina Trigueiro Veloz Teixeira - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Apresentação 1:

A Síndrome de Prader Willi (SPW) é uma doença genética de origem paterna causada pela perda de expressão de genes na região cromossômica 15q11-q13. A doença apresenta três subtipos principais

que são a Dissomia parental paterna, Dissomia uniparental materna e Defeito de imprinting. Alguns sintomas patognomônicos da doença são a hiperfagia e a obesidade que, na maioria dos casos, ocorre antes dos seis anos e compromete severamente a qualidade de vida desses pacientes pelo resto da vida. Embora se trate de uma doença genética, o comportamento alimentar dessas pessoas não está exclusivamente sob o controle de uma privação causada por variáveis neurobiológicas na qual existem mecanismos genéticos patológicos de retroalimentação sobre o estado de saciação. Existem, nesses pacientes, severas dificuldades de controle inibitório frente a estímulos alimentares cuja gravidade se associa às comorbidades psiquiátricas. De um lado, existe o comprometimento biológico de tipo genético e neuro-hipofisário na resposta alimentar. De outro, as respostas hiperfágicas também se associam a mecanismos complexos de reforço operante sob condições de saciação e privação. O trabalho terá como objetivo apresentar um panorama atual das estratégias de avaliação e intervenção comportamental existentes para a diminuição das taxas de resposta alimentar em pessoas com a doença, assim como as linhas atuais de pesquisa direcionadas à investigação da atividade cerebral relacionada a eventos em tarefas de controle inibitório.

Apresentação 2:

O trabalho se concentra na área comportamental e tem como objetivos apresentar resultados de um registro de comportamentos alimentares e ingestão calórica de crianças com Síndrome de Prader Willi (SPW); - traçar um perfil comportamental e cognitivo dos sujeitos e mostrar variáveis ambientais controladoras da hiperfagia. A amostra do estudo foi composta por onze crianças e adolescentes com diagnóstico genético de SPW, na faixa etária de 7 a 16 anos e seus pais. Os instrumentos de coleta de dados foram um questionário para o registro de hábitos alimentares da criança, uma entrevista para identificar variáveis ambientais controladoras dos comportamentos alimentares, a versão brasileira do Child Behavior Checklist for ages 6-18 (CBCL/6-18) de Achenbach e o Teste WISC-III (Escala de Inteligência Wechsler para crianças, 3ª edição). Os dados passaram por uma análise funcional de comportamentos alimentares e de outros tipos de comportamentos desadaptativos das crianças e análise e comparação das distribuições de frequências desses comportamentos em relação aos perfis cognitivos dos sujeitos. O grupo foi caracterizado como obeso de acordo com o cálculo do IMC. Os principais resultados apontaram que 82% do total classificaram-se no teste WISC-III como débil mental, 100% da amostra pontuaram na faixa clínica em, pelo menos uma das escalas das síndromes, competências ou problemas do instrumento CBCL/6-18. Uma das classes comportamentais de alta frequência foram as negociações para obter alimentos dos pais. Há um quadro comportamental configurado como patológico em termos de respostas de birra, manipulação, agressividade, quebrar regras e oposicionismo. A comorbidade psiquiátrica também foi identificada, inclusive associada a um consumo elevado de psicotrópicos na amostra.

Apresentação 3:

A Obesidade Infantil é uma doença que provoca distúrbios físicos e psicológicos na criança e que, se não for tratada, pode prejudicá-la ao longo de toda a sua vida. Sua origem é multifatorial e

didaticamente os fatores desencadeantes da obesidade infantil são divididos em internos (biológicos) e externos (ambientais). A prevalência da obesidade tem aumentado nos últimos anos. Dois fatores parecem contribuir com esse aumento: maior consumo de alimentos ricos em carboidratos e gorduras, e o sedentarismo. Algumas das conseqüências que a obesidade produz na saúde física são aumento da pressão arterial, alterações ortopédicas, alterações no crescimento; alterações na pele, problemas respiratórios, fatores de risco para doenças do cardíacas e diabetes, dentre outras. Outros problemas são da ordem psicológica, por exemplo transtornos do humor. Existem algumas variáveis ambientais que agem sobre os operantes alimentares de crianças obesas e reforçam a hiperfagia. A amostra do estudo é composta por onze crianças com diagnóstico de obesidade infantil, na faixa etária de 7 a 16 anos e seus pais. Os instrumentos de coleta de dados são: um questionário para o registro de hábitos alimentares da criança, uma entrevista para identificar variáveis ambientais controladoras dos comportamentos alimentares, a versão brasileira do Child Behavior Checklist for ages 6-18 (CBCL/6-18) de Achenbach e o Teste WISC-III (Escala de Inteligência Wechsler para crianças, 3ª edição). Atualmente os dados encontram-se em fase de processamento. São realizadas análises funcionais com base nos registros topográficos de comportamentos alimentares e de outros tipos de comportamentos desadaptativos das crianças, assim como comparações das distribuições de frequências desses comportamentos em relação aos resultados da avaliação cognitiva das crianças. Apoio MackPesquisa

Mesa Redonda: “Doença de Alzheimer”

Maria Carmem de Luca Menezes - Amada – Associação Maior Apoio ao Doente de Alzheimer, Florindo Stella - Unicamp / UNESP, Lorna A. Gomes de Castro Petrilli - Instituto de Análise de Comportamento / Associação Maior Apoio ao Doente de Alzheimer

Coordenador: Maria Carmen de Luca Menezes - Instituto de Análise de Comportamento/Associação Maior Apoio ao Doente de Alzheimer

Palestra: “Sobre o Conceito de EU”

Isaias Pessotti – USP

O fragmento 101, do pouco que nos restou da obra filosófica de Heráclito (séc.VI a.C.) registra o que pode ter sido a primeira reflexão de um homem sobre si mesmo, enquanto homem no mundo, enquanto um “eu”. E nesse fragmento se inaugura uma concepção de eu que atravessará séculos: a noção de um eu existencial, significando muito mais um pleno “ser”, no mundo, do que um mero ato de auto-definição ou de consciência de sua relação (perceptiva ou intelectual) com os eventos do meio. Ainda na filosofia, no século XVIII aparece, na obra de Condillac (1754), a noção de eu como um sistema organizado de resposta aos eventos do meio, já com clara marca de conceito psicológico, como é de esperar-se num “Tratado das Sensações”, um modelo de análise dos processos perceptivos e da gênese da experiência consciente dos mesmos. Aspectos básicos dessa concepção reaparecem no século XX em diversos escritos psicanalíticos, de Freud e em textos de cunho behaviorista, de Skinner. Ainda no Século XX, a velha concepção heraclitiana, o conceito de um eu existencial, reaparece em textos lapidares de E. Minkowski (1927,1933) e, principalmente, de Binswanger (1971), influenciados pela fenomenologia e pela filosofia existencialista. E a neurociência deste nosso tempo, curiosamente, salvo

melhor juízo, apontará, com o suporte de resultados fisiológicos, um conceito de eu que muito mais se assemelha ao eu definido por Binswanger que à concepção psicanalítica ou à behaviorista. Um confronto entre essas noções, surgidas ao longo das épocas, mostra que as diferenças entre elas resultam mais que tudo do tratamento dado às funções do eu que presumem e à questão da gênese da percepção (conhecimento) e da auto-consciência.

Comunicação Oral: “Os Determinantes Sociais do Comportamento do Cientista: um estudo de caso a partir da história comportamental de B.F.Skinner”

Robson Nascimento da Cruz - UFMG/PUC Minas

O comportamento do cientista, em geral, é explicado pelo senso comum através do uso de expressões mentalistas, tais como: gênio, mente privilegiada, dentre outras. Já a comunidade científica recorre à metodologia científica (análise formal) para explicar o comportamento do cientista. Contudo, Skinner (1956) afirma que uma análise funcional do comportamento do cientista apresenta inúmeras vantagens em detrimento ao uso da metodologia tradicional como instrumento de análise desse comportamento. Isto porque, a metodologia tende a explicar o comportamento do cientista como produto apenas de regras metodológicas, deixa-se dessa forma de atentar para as contingências que são específicas de cada pesquisa. Nessa perspectiva o presente trabalho apresenta a descrição parcial de pesquisa que busca realizar uma interpretação comportamental da inserção de B.F. Skinner no contexto da psicologia em Harvard no final da década de 1920 e início da década de 1930. Com atenção especial para as contingências sociais em vigor naquele contexto. Tarefa essa que foi empreendida a partir dos três livros que compõem a autobiografia de B.F.Skinner (1976; 1979; 1984), de sua principal biografia (Bjork, 1993) e de autores da história e sociologia da ciência, como Thomas Kuhn (1962) e Bruno Latour (1978). O objetivo é apresentar uma interpretação capaz de demonstrar como determinadas contingências acadêmicas e institucionais aparentemente irrelevantes e supostamente sem relação com a prática científica podem ter afetado o comportamento B.F. Skinner e o desenvolvimento da análise experimental do comportamento. Assim, o objetivo é destacar uma parte importante da história do behaviorismo radical e ao mesmo tempo chamar atenção para determinantes do comportamento do cientista que muitas vezes além da situação experimental.

Comunicação Oral: “Behaviorismo Radical: aspectos metafísicos, epistemológicos, metodológicos, alguns problemas críticos e sugestões de soluções possíveis”

Gilberto Vieira, Marcelo Rodrigues, Elaine Caiado

Para o desenvolvimento desta Comunicação, partiu-se de um estudo que, particularmente, se considerou excelente, qual seja o apresentado em Carrara (2005). Nele, o citado autor faz, inicialmente, uma abordagem histórico-crítica do behaviorismo, desde as suas origens, até os dias atuais, mas demonstrando sempre uma preocupação em explorar, de forma mais enfática, os aspectos que o conduziram na direção final do behaviorismo radical. Depois, continuou-se seguindo os passos de Carrara (2005), quando empreende o que ele mesmo designou como sendo uma metacrítica daquelas críticas historicamente levantadas. Como, ao longo do tempo, até o momento atual, essas críticas

foram, e ainda são muitas, ele optou por se concentrar naquelas que, no seu modo de ver, apontaram problemas que considerou mais significativos. Na Comunicação Oral que se pretende apresentar, decidiu-se considerar, sob a designação de "críticas", óbvio que ao behaviorismo, e principalmente o radical, aquelas levantadas e selecionadas como significativas, em Carrara (2005). Por outro lado, entendeu-se "metacrítica" da mesma maneira que Carrara (2005) entendia, quando se referia às críticas feitas por ele a respeito das críticas feitas por outros, conforme levantadas e registradas, nessa sua obra à qual se vem fazendo alusão. Já, na Comunicação Oral da qual este texto é o seu resumo, o que se fez também foi empreender críticas. Só que, em princípio, críticas apenas a essas metacríticas feitas em Carrara (2005). E Isso, tão somente nas circunstâncias em que, empreendê-las, se julgou cabível, necessário e conveniente para o próprio behaviorismo radical. Assim, em termos lingüísticos, e rigorosamente falando, tal forma de proceder poderia e deveria ser caracterizada como realizadora de "(meta)metacríticas". Evidentemente que, devido às limitações impostas a esse tipo de trabalho, teve-se de eleger as metacríticas que se julgasse mais merecedoras de ser reexaminadas. Mesmo assim, isso somente foi possível, em relação àquelas situadas em apenas duas das quatro áreas de concentração das críticas, conforme as definidas em Carrara (2005). Então, terminou-se escolhendo as localizadas nas áreas: "conceitual-filosófica"; e a "científico-metodológica". Dentro das mesmas, optou-se por rever as metacríticas que "reconheceram" os problemas apontados pela crítica, mas que: essas metacríticas "admitiram" a dificuldade de acenar com soluções para os mesmos; ou, as soluções apresentadas pelas respectivas metacríticas foram tidas como passíveis de ser melhoradas, obviamente de forma suficientemente fundamentada. E foi o que se procurou fazer. Para tal, recorreu-se ao pensamento e posições assumidas pelos mais diversos e renomados filósofos, tanto da ciência como não.

Comunicação Oral: "Análise do Comportamento e o Terceiro Nível de Seleção: questões sobre a organização conceitual e o método de pesquisa em processos culturais"

Leandro Gama Moraes - UFES, Tiago Carlos Zortéa - UFES, Anna Beatriz Carnielli Howat Rodrigues – UFES

O presente trabalho fundamenta-se em uma tentativa de análise das transformações de práticas culturais de produção (Agroturismo) em uma cidade do Espírito Santo, investigadas por meio dos registros documentais e bibliográficos produzidos pelo SEBRAE e pelos próprios atores envolvidos em tais práticas, segundo propostas de analistas do comportamento para a organização conceitual de processos pertinentes ao terceiro nível de seleção, e a metodologia de seu estudo. Pretende-se discutir questões encontradas durante o processo de organização dos dados obtidos por meio das propostas conceituais utilizadas. A presente análise partirá de considerações de quatro propostas de estudo e compreensão de fenômenos culturais, levantadas por analistas do comportamento: (a) as noções de processos Tecnológicos versus Cerimoniais (Glenn, 1985; 1986), (b) o conceito de Metacontingência como proposto por Glenn (2006), (c) a proposta de compreensão de metacontingência de acordo com Homanfar & Rodrigues (2006) e (d) propostas metodológicas referentes à representação visual de processos em nível cultural, organização e coleta de dados (Mattaini, 1996; 2006). Acreditamos que a pesquisa a partir de fontes documentais e bibliográficas pode lançar luz sobre a tentativa de organização de dados na análise de um fenômeno cultural. Admite-se que os processos de produção

podem ser entendidos historicamente em dois momentos: a monocultura tradicional do café e o desenvolvimento de práticas do Agroturismo. No primeiro, a única fonte de recurso financeiro era a cafeicultura em que a produção era comercializada com atravessadores, rendendo lucros apenas uma vez ao ano. No segundo, as práticas de produção ocasionam como produto agregado os bens a serem comercializados com os consumidores característicos da região: os turistas. O recurso financeiro resultante desta transação retroage sobre as práticas de produção que são controladas por fatores econômicos, pelas informações e técnicas de produção disponíveis, dentre outros fatores, numa relação que confere a estas práticas maior variabilidade. O estudo e planejamento de práticas culturais constitui um alvo crescente de esforços de analistas do comportamento, não apenas em função de suas implicações para o entendimento de processos pertinentes às atividades sociais humanas, mas, principalmente, em função da preocupação com o desenvolvimento de ferramentas eficazes de intervenção nessas atividades. Desta maneira, questiona-se a pertinência da análise, as implicações dessas propostas para a compreensão de fenômenos culturais e o planejamento e avaliação de intervenções em processos nesse nível de complexidade.

Palestra: “Depressão Crônica e Eventos de Perda: o papel do terapeuta comportamental na prevenção secundária e redução de danos”

Maria das Graças Oliveira - USP/UNIFESP/UnB

O papel dos eventos de vida estressantes, principalmente de perda, no desencadeamento de episódios depressivos já está bem estabelecido e documentado na literatura científica internacional. Estudos mais recentes sugerem que pacientes deprimidos ou que já apresentaram algum episódio depressivo têm maiores chances de passar por eventos de perda que a população geral. Assim, é possível que o binômio depressão - eventos de perda se constitua em um círculo vicioso que contribua para a cronificação do transtorno depressivo. Do ponto de vista neuropsicológico, pacientes deprimidos costumam apresentar prejuízos em medidas de velocidade de processamento, flexibilidade mental e função executiva. Estas funções encontram-se intimamente relacionadas à capacidade de previsão, variabilidade comportamental e integração de comportamentos orientados para metas e objetivos. Assim, estes déficits cognitivos parecem estar, de alguma maneira, implicados nos achados epidemiológicos acerca da maior prevalência de eventos de perda entre os pacientes com depressão. Além do tratamento farmacológico, há hoje inúmeras técnicas comportamentais e cognitivas cujo principal objetivo é compensar funções cognitivas prejudicadas. O objetivo da presente palestra é apresentar estas técnicas, com o intuito de interromper o círculo vicioso que propicia a ocorrência de novos eventos de perda e assim minimizar as chances de novas recidivas e recaídas.

Mesa Redonda: “A Formação do Terapeuta”

Roseli Deolinda Hauer - CETECC - Centro de Estudos de Terapia Comportamental e Cognitiva, Denise Heller - CETECC - Centro de Estudos de Terapia Comportamental e Cognitiva, Maria da Graça Padilha - CETECC - Centro de Estudos de Terapia Comportamental e Cognitiva

Coordenador: Yara Kuperstein Ingbermam - CETECC - Centro de Estudos de Terapia Comportamental e Cognitiva

Mesa Redonda: “O Modelo de Ciência e a Ética no Behaviorismo Radical: críticas e controvérsias”

Carmen Bandini - UFSCar, Julio de Rose - UFSCar, Marina S. L. B. de Castro - UFSCar, Camila Muchon de Melo – UFSCar

Coordenador: Julio de Rose – UFSCar

A filosofia do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner apresenta compromissos ontológicos e epistemológicos que embasam uma Ciência do Comportamento. Esta ciência tem como característica principal se opor à tradição “mentalista” de estudo do homem, na tentativa de se firmar como uma ciência objetiva fundamentada em pressupostos equivalentes aos das ciências naturais. Ela define o comportamento como seu objeto de estudo e pretende explicá-lo na medida em que as variáveis das quais ele é uma função são descritas. Contudo, este modelo de ciência, foi fortemente criticado ao longo dos anos. Um de seus principais críticos, N. Chomsky, afirmou que a ciência skinneriana, apresentada nestes moldes, não seria capaz de explicar as complexidades inerentes ao ser humano. Para Chomsky, realizações tipicamente humanas como criatividade e ética, por exemplo, nunca poderiam ser explicadas via uma ciência do comportamento. Todavia, tais críticas podem ser discutidas. Skinner afirma que a ciência do comportamento também pode ser uma ciência dos valores, isto é, pode explicar o que significam os valores e o que é ser ético. O autor argumenta que todo comportamento descrito por sentenças “X deve ser assim” (sentenças prescritivas) pode ser analisado como fruto de contingências e descrito por sentenças “X é assim” (sentenças descritivas). Além disso, o autor acredita que é possível eleger um valor primordial que possa ser o guia para alguém que planeje práticas culturais de forma deliberada. Baseados nesta polêmica, os trabalhos a serem apresentados nesta mesa redonda têm três objetivos principais. O primeiro trabalho pretende analisar o modelo de ciência na visão skinneriana e apresentar as críticas de Chomsky a este modelo. Em seguida, o segundo trabalho pretende discutir se, de fato, é possível que a proposta de uma Ética possa ser derivada desta ciência e, por fim, o terceiro trabalho pretende discutir a relação entre a proposta de ciência skinneriana e a proposta de ética derivada do Behaviorismo Radical.

Apresentação 1:

A proposta de ciência de B. F. Skinner, denominada Análise Experimental do Comportamento é baseada na filosofia do Behaviorismo Radical. Tem como característica principal se opor à tradição “mentalista” de estudo do homem, na tentativa de se firmar como uma ciência objetiva fundamentada em pressupostos equivalentes aos das ciências naturais. Definiu o comportamento como objeto de estudo e se filiou a um modelo causal baseado em relações funcionais: o comportamento é explicado na medida em que as variáveis das quais ele é uma função são descritas. Além disso, utilizou o laboratório para descobrir seus princípios básicos e ousou “experimentar” também com animais inferiores, como ratos e pombos, enfatizando sua ligação com a teoria evolutiva de C. Darwin. Talvez por estas

características, a ciência skinneriana foi alvo de inúmeros debates ao longo do século XX. N. Chomsky, um dos críticos mais influentes da obra de Skinner, em sua revisão publicada em 1959 do livro *O Comportamento Verbal*, voltou-se, antes de tudo, para o modelo de ciência skinneriano. Neste trabalho, Chomsky, fez críticas tanto ao caráter objetivo da ciência skinneriana, quanto ao método baseado principalmente no estudo do comportamento de animais inferiores e em ambiente controlado de laboratório. A partir destas críticas argumentou que Skinner teria reduzido o comportamento humano a níveis incompatíveis com a complexidade que o caracteriza e que ignoraria as questões mais essenciais que definiriam o homem como diferente dos demais animais. Este trabalho teve por objetivo analisar os pressupostos da ciência skinneriana, bem como a crítica de Chomsky a eles. Verificou-se que o modelo skinneriano não negligencia as complexidades humanas. Trabalhos atuais corroboram esta verificação e vêm mostrando que a Ética e a criatividade são preocupações legítimas da análise skinneriana. Sendo assim, torna-se possível a apresentação de um caminho para o estudo destes fenômenos, considerados na história da filosofia como essencialmente humanos. Acreditamos que análises deste tipo podem contribuir para o esclarecimento de controvérsias tão comuns na história da Análise do Comportamento.

Apresentação 2:

A afirmação importante e em questão aqui é a possibilidade de uma ciência fundamentar uma ética. Skinner afirma que a ciência do comportamento também pode ser uma ciência dos valores, isto é, pode explicar o que significam os valores e o que é ser ético. Além disso, o autor argumenta que, a partir do Behaviorismo Radical e de seu modelo causal da seleção por consequência nos três níveis, é possível eleger um valor primordial que possa ser o guia para alguém que planeje práticas culturais de forma deliberada. Isso pode significar que, a partir da ciência do comportamento e de sua filosofia, Skinner defende que é possível derivar uma ética. Desse modo, nos perguntamos até que ponto é possível basear uma ética em uma ciência, esse é o objetivo do trabalho. A afirmação de Skinner de que juízos de fatos e juízos de valor não são ontologicamente diferentes leva à conclusão de que a ciência do comportamento pode analisar os valores. Skinner se preocupa com futuro da humanidade, que se encontra ameaçada por guerras, poluição etc. Ele argumenta que a ciência do comportamento está numa posição privilegiada para intervir e modificar esse futuro, pois possui a tecnologia necessária para isso. Um indivíduo que estivesse no papel de planejador de práticas culturais deveria ter um valor que guiasse seus comportamentos de planejar a cultura. Esse valor deveria ser o bem da cultura. Práticas que ajudam a cultura e a humanidade a sobreviver têm valor de sobrevivência por definição. Nesse sentido, o autor assume uma postura prescritiva, ao mesmo tempo em que tenta reduzi-la ao âmbito descritivo. Aí reside uma certa tensão no texto skinneriano, pois, ao mesmo tempo em que descreve o bem da cultura, o autor elege esse bem como o valor primordial. Tenta justificar essa eleição utilizando argumentos descritivos, mas, ao fim, não encontra nenhuma "boa razão". O resultado a que chegamos até o momento é que é possível derivar preceitos éticos a partir do Behaviorismo Radical, entretanto, essa filosofia não é suficiente para justificar a escolha de um ou outro preceito. Não podemos, a partir apenas de seus pressupostos, escolher o bem da cultura, ou o bem dos outros, ou os bens pessoais como o principal valor. Se quisermos explicar por que escolhemos este ou aquele

preceito, sob o ponto de vista da própria análise do comportamento, devemos olhar para a história de contingências de quem faz a escolha.

Apresentação 3:

A filosofia do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner apresenta compromissos ontológicos e epistemológicos que embasam uma Ciência do Comportamento, além disso, essa filosofia pode nos sugerir uma ética. A ciência estabeleceu o comportamento como seu objeto de estudo e, dentro disso, o comportamento humano, portanto, o comportamento do próprio cientista. Para Skinner a ciência é antes de tudo um conjunto de atitudes, ou seja, ela é também comportamento; seu principal objetivo é capacitar-nos a manejar um assunto de modo mais eficiente. Ou seja, a ciência é descrição e é explicação para uma ação efetiva no mundo. Baseada no Behaviorismo Radical, que assume o comportamento como um processo determinado, a Ciência do Comportamento busca a ordem no comportamento, ela descreve e explica como e porque os organismos se comportam e a partir disso realiza previsões. Como método privilegiado dessa ciência está a Análise Experimental do Comportamento. A ética, baseada na filosofia do Behaviorismo Radical, tem sua lógica fundamentada no modelo de seleção pelas conseqüências: o modo de causalidade assumido por essa filosofia. Skinner defendeu que o comportamento analisado através do modelo de seleção pelas conseqüências não reconhece um “mundo dos valores” distinto de um “mundo dos fatos”, ou seja, esse autor não defenderia a distinção ontológica entre declarações de fatos e declarações de valores. Há na proposta de Skinner uma defesa por uma “ciência dos valores” quando o autor argumenta que todo comportamento descrito por sentenças “X deve ser assim” (sentenças prescritivas) pode ser analisado como fruto de contingências e descrito por sentenças “X é assim” (sentenças descritivas). Sentenças prescritivas ao transformarem-se em sentenças descritivas tornam-se passíveis às atribuições de valores de verdade, e, sendo assim, teriam um lugar legítimo no discurso científico. Entretanto, da teoria skinneriana podemos inferir a prescrição do comportamento e de práticas culturais que fortaleçam uma cultura. Neste aspecto, podemos defender que Skinner apresenta um princípio moral inspirado na ciência do comportamento, mas que não pode ser apresentado como um princípio científico. Assim, podemos defender que existe uma ciência e uma ética no sistema skinneriano baseadas na filosofia do Behaviorismo Radical, pois, todo projeto científico, implica compromissos filosóficos. Portanto, este trabalho teve o objetivo de elucidar os aspectos conceituais da ciência e da ética skinneriana baseados no Behaviorismo Radical o que pode vir a contribuir com debates nesse âmbito.

Mesa Redonda: “Qual a Utilidade de Instrumentos de Avaliação para o Psicólogo Clínico Comportamental?”

Cynthia Borges de Moura -UEL, Maria Luiza Marinho-Casanova - UEL, Marina Monzani da Rocha - USP, Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras - USP, Fabiana Gauy - USP, Caroline Guisantes - USP, Luan Flávia Fernandes – USP

Coordenador: Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras – USP

O psicólogo clínico comportamental tem no comportamento de seus clientes o seu instrumento de avaliação, por excelência. No entanto, muitas vezes este(s) comportamento(s) não são facilmente acessíveis, o que acarreta a necessidade de instrumentos de avaliação como questionários e testes. Este trabalho tem por objetivo discutir como instrumentos de medida topográfica podem ter utilidade clínica e de pesquisa a partir da apresentação de três estudos com diferentes instrumentos do mesmo sistema ASEBA (CBCL /1 ½ -5, YSR e ASR). Estes instrumentos empiricamente baseados, de fácil aplicação e correção, que podem ser inseridos, com pouco esforço, na rotina da prática clínica. Os escores obtidos a partir deles informam o funcionamento global do avaliado e os perfis Internalizante e Externalizante nas faixas clínica, normal ou limítrofe, e os compara com as Escalas do DSM mais comuns de acordo com a faixa etária. O CBCL /1 ½ -5anos avalia questões específicas da faixa etária pré-escolar, permitindo a definição de taxas padronizadas de problemas comportamentais dessa faixa etária, a partir do relato dos pais e avalia em sete escalas individuais de problemas: reatividade emocional, ansiedade/depressão, queixas somáticas, problemas de atenção, comportamento agressivo e problemas de sono. O YSR e o ASR são instrumentos de auto-relato, para adolescentes de 11 a 18 anos e adultos de 18 a 59 anos, respectivamente. Em ambos, sete escalas individuais em comum são avaliadas: ansiedade e depressão, isolamento, queixas somáticas, problemas de pensamento, problemas de atenção, comportamento de quebra de regras e comportamento agressivo. No YSR também são avaliados problemas de pensamento e no ASR, comportamento intrusivo. Para discutir o CBCL /1 ½ -5anos será apresentada uma caracterização da população infantil pré-escolar que procurou a clínica-escola de psicologia da Universidade Estadual de Londrina no período de agosto de 2004 a maio de 2006. O YRS será discutido a partir da comparação do perfil comportamental de adolescentes de uma escola particular da cidade de São Paulo indicados e não indicados para atendimento psicológico. Enquanto o ASR será apresentado a partir de uma comparação da percepção das dificuldades do cliente com base no relato do terapeuta e dos dados obtidos a partir do instrumento aplicado no cliente. Os dados obtidos por estes estudos poderão ser utilizados para exploração clínica posterior e para formulação de estratégias clínicas. Pretende-se que os participantes da mesa possam, a partir de suas apresentações, discutir com a platéia a questão-chave que dá título à mesa.

Apresentação 1:

O objetivo do presente trabalho foi realizar uma caracterização da população infantil pré-escolar que procurou a clínica-escola de psicologia da Universidade Estadual de Londrina no período de agosto de 2004 a maio de 2006. Utilizou-se para coleta de dados uma ficha de identificação da criança, e o Child Behavior Checklist – Versão 1½ a 5 anos (para crianças com seis anos completos utilizou-se a versão 4 a 18 anos). A versão 1½ a 5 anos do CBCL é recente (Achenbach & Rescorla, 2000), e foi elaborada para avaliar questões específicas da faixa etária pré-escolar. Ela permite a obtenção de taxas padronizadas de problemas comportamentais de crianças 1½ a 5 anos de idade, a partir do relato dos pais. É composta por 99 itens destinados a avaliação dos problemas comportamentais da criança. O informante é orientado a quantificar os comportamentos apresentados pela criança nos últimos dois meses numa escala de 0-1-2 pontos que indicam, respectivamente: item falso ou comportamento ausente; item parcialmente verdadeiro ou comportamento às vezes presente, e item bastante verdadeiro

ou comportamento freqüentemente presente. Esta versão avalia as seguintes síndromes: reatividade emocional, ansiedade/ depressão, queixas somáticas, problemas de atenção, comportamento agressivo e problemas de sono. Através da análise dos itens destas síndromes, obtém-se também escores relativos ao Funcionamento Global e aos perfis Internalizante e Externalizante nas faixas clínica, normal ou limítrofe. Participaram da pesquisa 103 mães com filhos em idade pré-escolar, de 2 a 6 anos, que foram entrevistadas individualmente e solicitadas a responder a lista de verificação comportamental. Os resultados mostraram que com relação à média das síndromes apresentadas apenas a categoria “emocionalmente reativa” foi avaliada como, em média, não-clínica, estando todas as demais nas faixas limítrofe e clínica. A categoria “comportamento agressivo” destaca-se pelos escores médios mais altos, o que corrobora a hipótese de que tais problemas geram busca por ajuda profissional mais cedo do que os problemas internalizantes que podem ter suas conseqüências evidenciadas apenas mais tarde, com a entrada na fase escolar. Tais resultados corroboram os dados de literatura, uma vez que também foi encontrada maior prevalência de crianças do sexo masculino e predomínio de comportamentos externalizantes sobre internalizantes.

Apresentação 2:

O “Inventário de Auto-Avaliação para Jovens” (YSR) é um questionário norte-americano elaborado para o adolescente, na faixa etária dos 11 aos 18 anos, fornecer informações sobre seus próprios comportamentos, contribuindo tanto para a avaliação-diagnóstica de casos clínicos, quanto para estudos populacionais. Como instrumento de triagem, o YSR tem a função de distinguir os casos que precisam de atendimento psicológico daqueles que apresentam problemas dentro do que é esperado para a faixa etária na cultura em que estão inseridos. Atualmente, o inventário está passando por um processo de validação no Brasil. O presente estudo apresenta dados preliminares desse processo. Método: 234 (97 meninos e 137 meninas – Idade Média = 14,2; Desvio Padrão = 2,05) alunos do segundo ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de uma escola particular da cidade de São Paulo preencheram o YSR durante uma aula do período letivo. Foi solicitado, então, para que uma professora apontasse quais daqueles alunos ela indicaria para atendimento psicológico. No total, 53 alunos foram indicados, sendo 24 meninos e 29 meninas. Comparamos os perfis comportamentais obtidos através do YSR dos adolescentes não indicados com o dos indicados para verificar a capacidade discriminativa do instrumento. Nas escalas que avaliam competências (social, atividades e escola), não encontramos diferença significativa entre os dois grupos ($F(4, 207)=1,467$; $p=0,214$). No entanto, para as escalas de problemas de comportamento e para as escolas orientadas pelo DSM-IV os adolescentes dos dois grupos atingiram escores estatisticamente diferentes ($F(11, 221)=3,591$; $p<0,001$ e $F(6, 225)=4,61$; $p<0,001$), sendo que aqueles que foram indicados para atendimento psicológico atingem escores mais elevados, confirmando que o YSR é capaz de discriminar aqueles que precisam de atendimento psicológico. É interessante notar, no entanto, que os escores obtidos pelos adolescentes brasileiros não atingiram a faixa clínica estabelecida pela população norte-americana para o instrumento. Apesar do presente estudo apresentar indícios de que o uso do YSR é válido no Brasil, outros estudos, com número de participantes mais representativo da população e incluindo casos encaminhados para serviços de psicologia, devem ser realizados para se alcançar o objetivo.

Apresentação 3:

Um dos motivos da baixa adesão em psicoterapia se deve a falha na identificação dos comportamentos-alvos de intervenção. Este trabalho teve como objetivo avaliar a queixa inicial identificada pelo psicólogo, com a queixa identificada pelo questionário Adult Self-Report (ASR) em amostra coletada em Curitiba-PR, Goiânia-GO, São Paulo-SP e São José do Rio Preto-SP. Participaram deste estudo 30 psicólogos e 50 clientes em atendimento a no máximo quatro sessões. Foram utilizados: Ficha de identificação de queixa, com relato da queixa pela percepção do terapeuta; Adult Self-Report (ASR) para 18 a 59 anos, que avalia em 126 itens a competência social e problemas de comportamento em oito sub-escalas (Ansiedade/Depressão, Isolamento, Queixas Somáticas, Problemas de Pensamento, Problemas de Atenção, Comportamento Agressivo, Comportamento de Quebrar-Regras, e Comportamento Intrusivo) e duas síndromes (Internalizantes e Externalizantes), além de avaliar uso de substâncias e funcionamento social, laboral e acadêmico; e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aplicado no cliente e no terapeuta. Os dados foram comparados considerando a queixa identificada pelo clínico e pelo paciente no ASR por síndromes e por sub-escalas e por categorias em cada sub-escala. Observou-se que com exceção de dificuldades alimentares, estresse e procrastinação, o ASR identificou as dificuldades relatadas pelo clínico, mas o contrário não foi verdadeiro. Sugerindo que o ASR tem utilidade clínica e pode agilizar a identificação dos comportamentos-alvos de intervenção.

Palestra: “Relações Afetivas na Contemporaneidade e Intervenções”

Patrícia Piazzon Queiroz - IAAC-Campinas

As mudanças culturais nos padrões de comportamento de homens e mulheres nas décadas de 60 e 70 estabeleceram novas formas de relacionamentos afetivos. O conflito entre os modelos aprendidos (na família e nas histórias infantis etc.) e os relacionamentos estabelecidos hoje levam muitos clientes ao sofrimento e a procura por atendimento. Nesse novo contexto, as queixas trazidas a psicoterapia e as dificuldades dos clientes mudaram. O psicoterapeuta precisa ensinar o cliente a analisar as contingências em operação, a diferença entre os modelos aprendidos e os novos padrões e, ainda, ensinar o cliente a emitir comportamentos que produzam conseqüências reforçadoras positivas e negativas amenas em sua relação e em sua vida. A palestra ilustrará essa análise da cultura apresentando casos clínicos e as intervenções realizadas no processo.

Mesa Redonda: “Falsa Memória e suas Implicações na Terapia Analítico-Comportamental”

Maria Paula Foss - USP-RP/Psicolog, Cristiano Chaves - USP-RP/ Psicolog, Maira Baptistussi - USP-SP/Psicolog

Coordenador: Martha Hübner - USP-SP/Psicolog

Este trabalho tem por objetivo discutir à luz do Behaviorismo Radical o conceito de falsa memória e suas implicações para a Terapia Analítico Comportamental. Falsa memória pode ser entendido como

um fenômeno em que uma pessoa se lembra de maneira distorcida do que realmente houve ou se lembra de eventos, situações ou lugares que nunca existiram. Um dos experimentos clássicos é com fotografias “falseadas”, em que se apresentava uma foto da pessoa com um familiar em um balão e depois era solicitado que falasse tudo o que lhe viesse à mente. Após a entrevista, 50% dos participantes recordavam parcialmente ou claramente do passeio. É possível redimensionar a memória como algo que não é fixo e concreto, sendo que ela pode ser esquecida, modificada ou criada (Loftus, 2003). O Behaviorismo Radical não contempla o conceito de “memória” como algo que esteja guardado na mente. Skinner (1979) discute sobre uma metáfora cognitiva em que se diz estarem as experiências armazenadas na memória e que podem ser acessadas posteriormente. Skinner (1974) acrescenta que acessibilidade pode ser substituída por probabilidade e que rememoração não está relacionada com buscar no depósito da memória, mas com alteração da frequência de respostas. Skinner descreve ainda sobre “ver na ausência da coisa vista”, classificando-o como um comportamento perceptivo privado e que uma pessoa é modificada pelas contingências de reforço em que age em vez de armazenar contingências. As medidas especiais de reforço generalizado são mais obviamente eficazes quando levam a uma real distorção do controle de estímulos, ou seja, um tato distorcido (Skinner, 1957). Pode-se dizer que “falsas memórias” são uma metáfora cognitiva que se refere à distorção de controle de estímulos através de medidas especiais de reforçamento generalizado, e que seleciona certos comportamentos verbais e comportamentos perceptivos privados no indivíduo. Skinner (1957/1978), ao se referir sobre o comportamento verbal no contexto terapêutico, afirmou que as respostas verbais do terapeuta estão sob controle das respostas verbais do cliente e vice-versa, pressupondo que terapeuta e cliente estão se comportando um em função do outro. É fundamental questionar quais as implicações possíveis de “falsas memórias” em psicoterapia, entre as quais, pode-se destacar: produção de comportamentos operantes no cliente anteriormente não participantes de seu repertório; produção de comportamentos encobertos no cliente que não correspondem às contingências reais; seleção e produção de comportamentos “enviesados” no terapeuta; e seleção de intervenções ineficazes ou iatrogênicas.

Apresentação 1:

Falsa memória (FM) pode ser entendida como um fenômeno em que uma pessoa se lembra de maneira distorcida do que realmente houve ou se lembra de eventos, situações ou lugares que nunca existiram. Loftus (2003), em um dos seus experimentos fez com que as pessoas acreditassem, com a persuasão dos familiares que um evento irreal ocorreu na infância, como, por exemplo, perder-se em um shopping e ser resgatado por um guarda, ou ainda de ter sobrevivido ao ataque de um animal. Um dos exemplos mais clássicos é com fotografias “falseadas”, nos quais se apresentava uma foto da pessoa com um familiar dentro de um balão e depois era solicitado que falassem tudo o que lhe viesse à mente. Após a entrevista, 50% dos participantes recordavam parcialmente ou claramente do passeio. Portanto, o ato de se lembrar pode ser selecionado por variáveis intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo, o que leva a compreender a memória como algo que não é fixo e concreto, mas ao contrário, uma vez que a memória pode ser esquecida, modificada ou criada (Loftus, 2003).

Apresentação 2:

O Behaviorismo Radical não contempla o conceito de “memória” como algo que esteja guardado na mente. O comportamento de se lembrar refere-se a poder ver, ouvir, sentir cheiros, tocar e de sentir o gosto de estímulos que não estejam presentes (Kohlenberg & Tsai, 1991). Skinner (1979) fala sobre uma metáfora cognitiva em que se diz estarem as experiências armazenadas na memória e que podem ser acessadas posteriormente. Skinner (1974) ainda acrescenta que “todos os extensos experimentos realizados pelos psicólogos cognitivistas sobre a acessibilidade podem ser reinterpretados em termos de probabilidade” e que as técnicas de rememoração não estão relacionadas com buscar no depósito da memória, mas com aumentar a frequência de respostas. Skinner descreve sobre “ver na ausência da coisa vista”, classificando-o como um comportamento perceptivo privado e que uma pessoa é modificada pelas contingências de reforço em que age em vez de armazenar contingências. Outro ponto é que medidas especiais de reforço generalizado são mais obviamente eficazes quando levam a uma real distorção do controle de estímulos, ou seja, um tato distorcido (Skinner, 1957). Pode-se dizer assim que “falsas memórias” correspondem a uma metáfora cognitiva que se refere à distorção de controle de estímulos através de medidas especiais de reforçamento generalizado, e que seleciona certos comportamentos verbais e comportamentos perceptivos privados no indivíduo.

Apresentação 3:

Questiona-se então se as sugestões, questões ou qualquer tipo de intervenção do terapeuta podem criar detalhes ou eventos que nunca existiram para o nosso cliente, ou mesmo se essas “memórias inventadas” podem ter efeitos sobre as intervenções do terapeuta. Na Análise do Comportamento, Skinner (1957/1978), ao se referir sobre o comportamento verbal no contexto terapêutico, afirmou que as respostas verbais do terapeuta estão sob controle das respostas verbais do cliente, bem como as do cliente estão sob controle das respostas do terapeuta, pressupondo que terapeuta e cliente estão se comportando um em função do outro. Dessa forma, as respostas verbais do terapeuta podem selecionar (por reforçamento diferencial) comportamentos verbais e encobertos no cliente e levá-lo a emitir tatos distorcidos, assim como estes tatos podem gerar conseqüências reforçadoras para o terapeuta. Por fim, é importante questionar quais as implicações possíveis em psicoterapia, dentre as quais, pode-se destacar: produção de comportamentos operantes no cliente anteriormente não participantes de seu repertório; produção de comportamentos encobertos no cliente que não correspondem às contingências reais vividas; seleção e produção de comportamentos “enviesados” no terapeuta; e seleção de intervenções ineficazes ou iatrogênicas.

Mesa Redonda: “Terapia Molar e de Autoconhecimento: análises funcionais molares e procedimentos graduais para mudança terapêutica”

Andréa Dutra - IBAC-DF, Hellen Martins Ramos da Silva Tourino - IBAC-DF, Amanda Campina dos Santos - IBAC-DF

Coordenador: Andréa Dutra - IBAC-DF

Apresentação 1:

Será apresentado um caso clínico em que a cliente, Laís (nome fictício), 25 anos, chega à terapia queixando-se de pensamentos insistentes sobre morte e doença. A cliente relatou ter sintomas de pânico nesses momentos. Com a investigação da queixa, foram identificados padrões obsessivos – compulsivos relacionados à ocorrência de câncer e morte. O investimento em análises funcionais molares e autoconhecimento foram determinantes no estabelecimento dos objetivos e estratégias terapêuticas. Tal investimento, promoveu a identificação de padrões comportamentais relacionados a um controle excessivo por regras, dependência e esquiva. A história de reforçamento de Laís foi predo minada por contingências coercitivas incontroláveis (doenças e mortes na família) e tentativas de superproteção parental. Laís sofria bastante, mas não conseguia relacionar seu sofrimento às contingências de reforçamento em operação, bem como aos contextos históricos que produziram o repertório de enfrentamento limitado. A partir da aquisição do repertório de autoconhecimento, a validação emocional e operante ocorreu. Procedimentos graduais para mudança terapêutica foram aplicados, como modelagem, fading out e fading in, conseqüências naturais e contingências de reforçamento amenas, favorecendo a exposição a novos contextos e aquisição de variabilidade comportamental. A terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) contribuiu significativamente no enfraquecimento do padrão de esquiva experiencial e no aumento da tolerância emocional em Laís.

Apresentação 2:

Vangri (nome fictício), 63 anos, procurou auxílio psicológico por insistência de sua irmã e de alguns médicos. Há três anos, vinha tendo sintomas fisiológicos inexplicáveis. Por meio da Terapia Molar e de Autoconhecimento, alguns padrões de comportamento, contingências atuais e históricas foram identificados, trazendo elucidações acerca desses sintomas. A ACT contribuiu significativamente no bloqueio de um de seus padrões: uma forte esquiva experiencial. Dentro dessas linhas terapêuticas, técnicas de mudanças graduais, como: modelagem, fading out e fading in, conseqüências naturais e contingências de reforçamento amenas foram utilizadas, possibilitando avanços expressivos em apenas cinco sessões. O autoconhecimento alcançado e a exposição às contingências que traziam sofrimento à cliente permitiram: o aumento da tolerância emocional (redução dos comportamentos de fuga/esquiva ou contracontrole), enfraquecendo assim, a somatização; e, o desenvolvimento do repertório de autocontrole, ampliando o contato com novas contingências de reforçamento.

Apresentação 3:

A análise funcional molar se mostrou um instrumento crucial no processo de formulação e intervenção nesse caso clínico de TOC. Com o foco na funcionalidade dos comportamentos relacionados à queixa e na qualidade de vida de João (nome fictício), que se engaja em comportamentos públicos, como tentativa de evitar ou fugir de determinados eventos privados avaliados negativamente. As queixas principais se referiam à dificuldade na relação com a esposa, manutenção de pensamentos obsessivos e

rituais compulsivos com limpeza. O cliente apresenta inabilidades sociais e sexuais com a esposa. Foram identificados os padrões comportamentais atuais e contextos históricos marcados por promiscuidade dos pais e, por outro lado, experiências voltadas à santidade. João tem uma perspectiva de que as experiências privadas são causais de seus problemas, levando a uma indisposição a experienciá-las. Permanece sob controle de regras excessivo, ficando insensível às contingências relevantes, bem como mantendo déficits no repertório comportamental. O investimento em análises funcionais molares permitiu a identificação de padrões comportamentais atuais e de contextos históricos relacionados a seu sofrimento, o estabelecimento de objetivos terapêuticos e o desenvolvimento do repertório de autoconhecimento por parte do cliente.

Simpósio: “Investigações Experimentais e Filosóficas Acerca dos Movimentos dos Olhos, de Controle de Estímulos e do ‘Prestar Atenção’ “

Bruno Angelo Strapasson - UNESP-Bauru/Instituto de Ensino Superior Sant’Ana, Kester Carrara - UNESP-Bauru, Candido V. B. B. Pessôa, William F. Perez - USP, Peter Endemann, Edson M. Huziwarra e Gerson Y. Tomanari – USP

Coordenador: Gerson Yukio Tomanari – USP

Debatedor: Kester Carrara - UNESP - Bauru

Na obra de Skinner, com frequência, o “prestar atenção” é apresentado e discutido à luz do conceito de controle de estímulos. A Análise do Comportamento, por sua vez, desde a década de 50, tem estudado a relação entre a função dos antecedentes e os movimentos dos olhos. A presente proposta pretende apresentar um estudo experimental no qual os participantes, submetidos a uma tarefa de discriminação simples simultânea, tiveram seus movimentos dos olhos monitorados, bem como uma análise dos usos do termo “prestar atenção” na obra de Skinner e uma avaliação dos movimentos dos olhos como uma medida do prestar atenção/controlar de estímulos em termos pragmáticos e de acordo com os pressupostos do Behaviorismo Radical.

Apresentação 1:

A Análise do Comportamento tem estudado as variáveis ambientais que controlam os movimentos sacádicos dos olhos, especialmente o efeito das conseqüências sobre as sacadas. O presente estudo rastreou o movimento dos olhos de quatro adultos expostos a uma tarefa de escolha com quatro figuras monocromáticas de mesma luminância, sendo duas delas bidimensionais (quadrado e círculo) e duas tridimensionais (cubo e cilindro). Cada figura foi apresentada em um dos quatro cantos de um monitor. Para dois dos participantes, pressionar a tecla correspondente a escolha do cubo ou do quadrado foi seguido da palavra “correto” e três segundos de intervalo entre tentativas (IET); pressionar a tecla correspondente a escolha do cilindro ou do círculo foi seguido da palavra “incorreto” e 30 segundos de IET. Para os outros dois participantes, a contingência foi revertida. A posição das figuras na tela variou aleatoriamente ao longo das 80 tentativas que compunham o procedimento. Todos os participantes escolheram, quase de forma exclusiva, somente uma figura ao longo das tentativas. A figura

selecionada sempre foi tridimensional seguida da palavra “correto” e do IET mais curto. As fixações do olhar também ocorreram mais freqüentemente na figura escolhida. O tempo de fixação nas figuras cuja escolha era seguida da palavra “correto” e do IET mais curto, ao longo das tentativas, decresceu menos em relação ao tempo de fixação em todas as demais figuras. Os resultados indicam que o controle diferencial de conseqüências programadas na tarefa de escolha é uma variável relevante em experimentos envolvendo movimentos sacádicos dos olhos. Na medida em que as figuras escolhidas foram também as mais observadas, os movimentos sacádicos dos olhos e as fixações puderam ser tomados enquanto uma medida de controle de estímulos.

Apresentação 2:

O "prestar atenção" é um campo de investigação da psicologia muito pesquisada. As primeiras publicações remontam a Wundt e seguem numerosas até hoje. A Análise do Comportamento tem investigado esse fenômeno em três níveis diferentes: (a) como equivalente à noção de controle de estímulos de tal modo que se existe controle de estímulos existe atenção, (b) como equivalente à respostas de observação onde prestar atenção seria um comportamento que torna mais eficaz a emissão de outros comportamentos ou (c) como um comportamento precorrente encoberto que interfere no estabelecimento de relações de controle de estímulos como no caso de atentar apenas ao violoncelo num quarteto de cordas. Esses três níveis de análise podem ser dispostos num contínuo entre macro-análise e micro-análise ($a > b > c$). Em todos os casos estuda-se porque respondemos a apenas alguns estímulos presentes em nosso ambiente – o que caracteriza o campo específico da atenção –, mas há certa divergência na literatura sobre em qual nível de análise devemos nos concentrar. Avalia-se neste trabalho a necessidade e suficiência da avaliação do direcionamento do olhar como uma medida do prestar atenção em termos pragmáticos e de acordo com os pressupostos do Behaviorismo Radical de B. F. Skinner. Sugere-se que, até que se desenvolvam métodos mais seguros de análise dos comportamentos encobertos, a avaliação do direcionamento do olhar é uma das melhores estratégias de investigação da atenção visual e, ainda que não seja o último estágio na investigação desse tema, parece ser suficiente para a resolução de grande parte dos problemas de interesse na Análise do Comportamento.

Primeiros Passos: “Grupo de Apoio para Dependentes de Nicotina: diagnóstico, tratamento e prevenção”

Carolina Perroni - PUC-SP/HCFMUSP, Moema Galindo - PUC-SP/HCFMUSP, Ivan Braun - HC/FMUSP

Apresentação tem como objetivo mostrar o trabalho com dependentes de nicotina em grupo segundo a perspectiva da análise do comportamento. Temas como diagnóstico, aquisição e manutenção do fumar condicionamento, tolerância e sintomas de abstinência à nicotina e condutas para parar de fumar serão temas dessa apresentação.

Primeiros Passos: “Sistematização do Uso de Tarefas de Casa no Treinamento de Habilidades Sociais”

Carina Luiza Manolio - UFSCar, Vivian Maria Stabile Fumo - UFSCar, Almir Del Prette – UFSCar

Nos Programas de Treinamento de Habilidades Sociais (THS), é de fundamental importância o planejamento da generalização dos comportamentos aprendidos para o ambiente natural dos participantes. Para esse fim, as tarefas de casa se constituem como um recurso de excelente resultado e podem ser definidas como instruções que favorecem desempenhos interpessoais realizados entre as sessões de treinamento. A literatura nacional sobre tarefas de casa no THS é escassa. O objetivo desse trabalho é apresentar alguns aspectos metodológicos sobre tarefas de casa, ilustrando exemplos de atividades e as classes de Habilidades Sociais envolvidas. Sobre os aspectos metodológicos, pode-se ressaltar: (a) o planejamento das tarefas deve ser realizado de acordo com os objetivos da intervenção e das características do contexto natural dos participantes; (b) a apresentação das tarefas deve seguir uma ordem crescente de complexidade; (c) as instruções devem ser claras, descrevendo operacionalmente o que os participantes devem fazer; (d) as tarefas de casa podem ser apresentadas ao final de cada sessão, relacionando o conteúdo da tarefa com os comportamentos treinados; (e) as tarefas são verificadas no início da sessão seguinte, solicitando que os participantes relatem a situação, seus comportamentos e as dificuldades e/ou facilidades encontradas; (f) durante o relato da tarefa, utiliza-se procedimentos de reforçamento, modelação, feedback, entre outros, para favorecer o aprendizado dos comportamentos-alvos. Como exemplos de tarefas de casa e as habilidades envolvidas em cada uma delas, apresentam-se as atividades: (1) Utilizar algum acessório ou roupa diferente e observar os próprios comportamentos e dos outros – Habilidade de Automonitoria; (2) Manter distância/proximidade maior que a habitual na interação com desconhecidos – discriminar os limites de distância/proximidade e Habilidades de Automonitoria; (3) Modificar aspectos comportamentais e paralingüísticos do comportamento – discriminar conseqüências dos comportamentos modificados e Habilidade de Automonitoria; (4) Iniciar e manter conversação com desconhecidos – Habilidades de Civilidade e Comunicação; (5) Não responder a perguntas e encerrar conversação – Habilidades de Civilidade e Comunicação; (6) Expressar sentimento positivo e dar feedback - Habilidades de Comunicação, Empatia e Assertividade; (7) Fazer críticas - Habilidades de Comunicação e Assertividade. Uma vez que as tarefas de casa são importantes no THS por auxiliar na generalização dos comportamentos treinados, espera-se que o presente trabalho, sirva de subsídio para que as tarefas de casa sejam mais utilizadas e melhor planejadas.

Primeiros Passos: “Atuação do Psicólogo na Saúde da Família: relato de uma experiência com um grupo de apoio para mulheres”

Angela Dall’Oglio

Os profissionais da saúde pública têm cada vez mais se interessado pela prática de grupo, isto porque geralmente a procura pelo psicólogo é muito grande e o número de profissionais é escasso. Esse grupo caracteriza-se como aberto (novos participantes podem ingressar a qualquer momento) e de apoio, a população alvo são mulheres de idades e experiências variadas que residem em um bairro de classe

baixa. A realização do grupo ocorre na unidade de saúde do bairro, uma vez por semana, tendo a duração de uma hora e meia. O grupo permite com que as pessoas possam elaborar situações onde simulam mais aproximadamente a problemática do mundo real, elas tem a possibilidade e se sentem mais livres em experimentar novas formas de interação, onde os membros provêm feedback imediato e com ampla base para modelagem e modelação de repertório social. Os participantes observam situações que foram satisfatórias e eficientes para os outros integrantes do grupo, e com isso aprendem com a experiência um do outro; assim, o terapeuta não é o único modelo de ação durante o processo terapêutico. Além do mais os comportamentos adequados emitidos pelos pacientes e também pelo terapeuta são reforçados de maneira mais rápida. O grupo de apoio tem por objetivo oferecer um suporte social sobre as atuais dificuldades e problemáticas enfrentadas por elas no dia a dia; aumentar a qualidade de vida; aumentar fontes de reforçadores positivo e promover a aprendizagem de estratégias de enfrentamento perante as situações aversivas. A prática de grupo para ser bem sucedida, deve-se desenvolver num contexto de acolhimento, de uma interação afetuosa, um clima de respeito e de apoio, para assim, encorajar as pessoas a terem novas formas de sentir e de se comportar, ou seja, desenvolver novas habilidades. Percebe-se que a heterogeneidade das histórias de vida e os aspectos comuns, proporcionaram o surgimento de uma rede de apoio. O grupo já acontece há sete meses e com o passar do tempo e o fortalecimento do vínculo o relato verbal aumentou, bem como a expressão de seus medos, idéias, opiniões e sentimentos contribuindo para qualidade dos encontros.

Primeiros Passos: “Planejamento Básico para a Elaboração de Programas de Treinamento de Habilidades Sociais com Crianças”

Bárbara Ferreira - UFSCar, Daniele Lopes – UFSCar

O Treinamento de Habilidades Sociais (THS) é uma das técnicas de terapia comportamental mais utilizada atualmente, no entanto, para a população infantil ainda é pouco difundido no Brasil. A infância como uma importante fase do desenvolvimento social provê oportunidades para a aprendizagem de um repertório socialmente habilidoso. Às vezes, as condições naturais de diferentes contextos (familiar, escolar) não favorecem e/ou mantêm comportamentos socialmente competentes, requerendo, nesses casos, uma intervenção mais específica como a de um Treinamento de Habilidades Sociais. De acordo com a literatura da área, as habilidades sociais estão diretamente relacionadas com um bom rendimento acadêmico, com comportamentos de responsabilidade, independência, cooperação e auto-estima positiva. Já os déficits em habilidades sociais estão associados à baixa frequência de comportamentos sociais e cooperativos, rejeição por pares, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento acadêmico, problemas emocionais e comportamentais. Portanto, o THS pode ser fator de proteção do desenvolvimento infantil. No planejamento de um THS deve ser considerado: (a) Avaliação prévia do repertório de entrada da criança (pré-intervenção); (b) Objetivos do treinamento (prevenção primária, secundária e terciária) e de cada sessão; (c) Estrutura geral do programa (tamanho do grupo, duração, quantidade de sessões); (d) Procedimentos de ensino (tipos de atividades na sessão) e (e) Avaliação contínua (no decorrer da intervenção) e pós-intervenção. A avaliação prévia (pré-intervenção) e a final (pós-intervenção) pode ser realizada por métodos diretos como a observação e indiretos como escalas, inventários e questionários. A avaliação contínua é importante para verificar o

processo de aprendizagem das habilidades sociais para cada participante e, conseqüentemente, permite ajustes no planejamento do treinamento. Quanto aos objetivos de um THS, estes podem ter um caráter preventivo, direcionados para déficits já presentes no repertório ou para minimizar o impacto dos déficits em habilidades sociais. Para atender aos objetivos de um programa de treinamento, o ensino pode ser de um conjunto de classes de habilidades sociais ou de alguma classe ou subclasse específica (empatia, expressividade facial de emoções). A estrutura do programa varia de acordo com a população e quanto aos objetivos do THS. Por fim, os procedimentos para o ensino das habilidades sociais podem englobar diferentes estratégias como o uso de vivências, vídeos, recursos multimídia e atividades lúdicas. Assim, o planejamento, com o domínio de todas as suas variações, é imprescindível para a efetividade de um THS.

Primeiros Passos: “Comportamento Governado por Regras”

Elisa Tavares Sanabio Heck - Universidade Católica de Goiás

O comportamento governado por regras pode ser definido como aquele sob controle de descrições das contingências, enquanto o comportamento modelado por contingências é observado quando uma pessoa se comporta em função das conseqüências produzidas por este comportamento. Quando regras são apresentadas, observa-se que o comportamento é aprendido mais rapidamente. Além disso, regras são vantajosas especialmente quando as contingências são pouco claras ou complexas. Entretanto, regras podem trazer algumas desvantagens, e a principal delas é a insensibilidade às contingências em vigor. Quando as contingências mudam e o comportamento não se altera, uma vez que está sob controle da regra, diz-se que o comportamento é insensível às contingências. Embora esses dois comportamentos apresentem processos de aquisição e manutenção diferenciados, ambos são comportamentos operantes e, enquanto tais, são controlados por suas conseqüências ambientais.

Primeiros Passos: “Desamparo Aprendido: modelo animal de depressão”

Maria Cristina Zago Castelli - Faculdade de Psicologia Padre Anchieta /USP

Desde a década de 60, pesquisas têm mostrado que a exposição a eventos incontroláveis interfere numa posterior aprendizagem operante, prejudicando-a. Esse fenômeno foi denominado desamparo aprendido. Entretanto, pode ser verificado que, na maioria dos trabalhos, são programados eventos incontroláveis e também imprevisíveis. A imprevisibilidade sendo manipulada junto à incontrolabilidade poderia ser isoladamente ou combinada à incontrolabilidade a variável crítica do desamparo. Estudos relatados na literatura sobre a imprevisibilidade/previsibilidade apresentaram resultados conflitantes entre si, permanecendo até o momento indefinido o papel que essa variável desempenha na produção do fenômeno. Este presente trabalho tem o objetivo de apresentar alguns experimentos clássicos sobre o fenômeno do desamparo aprendido destacando em cada procedimento as variáveis envolvidas incontrolabilidade e/ou imprevisibilidade na construção da história do sujeito. Algumas alterações neuroquímicas relacionadas ao fenômeno do desamparo também serão relatadas. A hipótese que tem sido mais utilizada para explicar esse fenômeno, dos pesquisadores Seligman e Maier, é denominada hipótese do Desamparo Aprendido. Esses autores salientam ainda que o fenômeno do

desamparo seria na verdade uma síndrome constituída por três distúrbios: 1. Motivacional: que corresponderia à diminuição da probabilidade de iniciar uma resposta; 2. Associativo: identificado pela diminuição da probabilidade de ocorrer resposta, mesmo após esta ter sido conseqüenciada por reforço e 3. Emocional: que seria identificado por alterações fisiológicas como alteração de peso, aparecimento de úlceras etc. Devido à similaridade desses distúrbios com alguns sintomas da Depressão, esse delineamento experimental tem se destacado como um Modelo Animal para o estudo da Depressão.

Primeiros Passos: “Aspectos Cognitivo-Comportamentais Relacionados ao Atendimento Individual de Mulheres Acometidas com Câncer: relato de casos”

Vanessa Cristina de Souza - Universidade Federal de Uberlândia , Renata Ferrarez Fernandes Lopes - Universidade Federal de Uberlândia

O objetivo deste trabalho é relatar experiências terapêuticas com mulheres acometidas com câncer, experimentadas através de estágio curricular no fim da graduação, em Terapia Cognitivo-comportamental individual, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, com pacientes que já haviam passado pela intervenção cirúrgica de retirada de tumor e já tinham feito ou estavam fazendo tratamento adjuvante no hospital oncológico local. O presente trabalho trata de aspectos da terapia individual de duas pacientes, uma com carcinoma adenóide cístico que ao ser tratada com forte radioterapia, perdeu o paladar, e uma paciente que teve câncer de mama, foi mastectomizada e realizava hormoterapia com tamoxifeno durante a psicoterapia. O conteúdo das sessões terapêuticas eram ligados a problemas interpessoais exacerbados depois da doença, originários de contingências aversivas ambientais da paciente e não necessariamente a doença em si. Análises funcionais indicaram padrões de comportamentos disfuncionais já existentes, tanto das pacientes como de seus familiares, que continuaram a prejudicar o funcionamento geral e a auto-estima delas. Como as pacientes eram casadas, o foco da atenção foi a relação marital no sentido de ampliar as contingências reforçadoras e minimizar as contingências aversivas nestes contextos. As intervenções visavam basicamente ampliar a capacidade de discriminação de estímulos das pacientes em relação aos aspectos disfuncionais de seus relacionamentos e instrumentaliza-las para modificarem os comportamentos e as contingências aversivas, que poderiam ser alteradas ou apenas minimizadas (modificação do esquema de contingências vigente) em todos os aspectos relacionados a doença. Para isso, algumas técnicas utilizadas foram: treino em assertividade, discriminação das contingências que caracterizavam as relações maritais através de escolha de fichas sobre matrimônio, cartões de enfrentamento entre outras técnicas cognitivo-comportamentais. O follow up de 6 meses de ambas as pacientes indica que as ferramentas técnicas utilizadas foram eficientes, contudo a experiência clínica também indicou que o trabalho com pacientes acometidas por uma doença tão grave, gera desafios com relação aos limites impostos a terapia uma vez que algumas variáveis presentes no cotidiano do paciente (trabalho/casa) que podem ser manejadas com relativa facilidade, são obstáculos no tratamento de pacientes acometidos de doenças crônicas como por exemplo a perda do paladar ou da mama e efeitos colaterais dos tratamentos adjuvantes (quimioterapia, radioterapia e hormonoterapia com tamoxifeno). Estes casos exigem conhecimentos específicos e estratégias especiais a fim de se estabelecer um controle de

estímulos mais eficientes, exigindo deste profissional conhecimento de manejo de contingências mais complexas.

Primeiros Passos: “Estudos Experimentais sobre Seguimento de Regras: uma síntese de resultados”

Ronaldo Rodrigues Teixeira Júnior - Universidade Federal do Pará

Os primeiros estudos a utilizarem instruções datam da década de 50 e desde essa época vários outros têm investigado diferentes variáveis que afetam o seguimento de regras. Basicamente isso têm sido feito de 2 formas: observando se o comportamento especificado pela regra muda quando as contingências mudam ou observando se esse comportamento muda quando as regras mudam. Em geral nota-se que o comportamento se seguir regras é mais freqüente quando as regras correspondem às contingências de reforçamento programadas, entretanto há diversos casos em que o seguimento de regras discrepantes também pode ser observado. Por exemplo, há evidências apontando que o seguimento de regras discrepantes é mais provável quando o participante não entra em contato com a discrepância da regra ou quando o participante não é submetido a uma história de variação de instruções. Isso também é mais provável de ocorrer quando o participante é monitorado, ou quando o participante é exposto a um tipo de esquema intermitente ou com baixo controle discriminativo. Entretanto existem estudos que contradizem esses resultados e apresentam outras variáveis a serem investigadas. A proposta deste trabalho é apresentar os principais resultados encontrados por esses e outros estudos de forma sintética e didática, apontando sua relevância para o estudo do comportamento governado por regras. Novas hipóteses de explicação poderão ser discutidas para a realização de outros trabalhos.

Primeiros Passos: “Como um Analista de Comportamento Trabalha com Pacientes Candidatos à Cirurgia Bariátrica”

Augusto Amato Neto - Universidade de São Paulo

A obesidade e suas conseqüências estão presentes nas queixas de pacientes que procuram à psicoterapia comportamental. O insucesso em tentativas de redução e manutenção de peso é freqüente, principalmente em casos de obesidade mórbida, podendo levar o indivíduo a buscar intervenções cirúrgicas para o emagrecimento. Nesse momento, muitos pacientes procuram o trabalho do analista de comportamento, já que uma avaliação psicológica é pré-requisito para o procedimento cirúrgico. Em geral, estudos e relatos de caso mostram uma consistente melhora da qualidade de vida dos pacientes pós-operação bariátrica e melhora de quadros depressivos, ansiosos, alimentares e de insatisfação com a imagem corporal. Entretanto, alguns casos de insucesso indicam a psicoterapia como preventiva no desenvolvimento de autoconhecimento e autocontrole, necessários neste procedimento. Este trabalho propõe uma análise funcional das contingências pré e pós-cirúrgicas das cirurgias da obesidade, utilizando-se do relato de experiência clínica individual e grupal para caracterizar as variáveis controladoras do comportamento do paciente, sugerindo intervenções analítico-comportamentais a partir da avaliação da exequibilidade da cirurgia até a manutenção do peso atingido após a cirurgia. É possível afirmar que o trabalho do psicólogo não deve restringir-se a um levantamento de transtornos

mentais pré-existentes, mas promover conhecimento acerca da funcionalidade do comportamento alimentar do indivíduo e desenvolvendo com o paciente a tolerância a estimulação aversiva característica da cirurgia.

Primeiros Passos: “Estímulos Discriminativos de Bruxismo e Outros Distúrbios Temporomandibulares (DTMs)”

Neyfsom Carlos Fernandes Matias - Consultório Particular

O Bruxismo, que é o hábito de apertar e ranger os dentes, é um problema que atinge inúmeras pessoas e é muito conhecido. No entanto, o que não é tão popular quanto ao Bruxismo é que este comportamento é um tipo de Distúrbio Temporomandibular, que não se restringe a estes hábitos. A onicofagia, mascar objetos, chupar dedo, morder a bochecha e língua, dentre outros, são tipos de DTMs. Ou seja, há outras “possibilidades” de se ter um DTM e sofrer suas conseqüências como, mobilidade e desgaste dental, quebra de dentes, pulpíte, dentre outros. A má oclusão não é predominante na origem dos DTMs. Estudos destacam que eventos estressantes e de ansiedade desencadeiam DTMs. É importante destacar que quando há problemas com DTMs não é somente médicos e dentistas que possuem “ferramentas” para lidar com a questão. Observa-se na literatura da odontologia e Psicologia que tais distúrbios estão ligados diretamente a problemas comportamentais, o que destaca a importância de atenção do psicólogo sobre a questão. A partir disso, esta apresentação de “primeiros passos” tem o intuito de fazer uma introdução no campo dos principais conceitos relacionados à DTMs como: Bruxismo, DTMs, oclusão, placa oclusal e comportamentos parafuncionais da Articulação Temporomandibular. A iniciação a estes termos pode ser útil para que os Analistas do Comportamento possam estar atentos a Estímulos Discriminativos (SDs) que indicam a presença de DTMs, contribuir para a solução destes problemas e no trabalho do Cirurgião Dentista. O diagnóstico preciso da presença ou não de DTMs é de competência de odontólogos. No entanto, é possível que Analistas do Comportamento possam detectar SDs ligados aos DTMs a partir do relato de terapeutas no consultório. Isto se torna importante tendo em vista a necessidade de chamar a atenção do terapeuta, caso não esteja em tratamento odontológico, e propor a busca da ajuda de um dentista para medidas como, por exemplo, a confecção de uma placa oclusal para evitar o desenvolvimento de problemas mais graves e crônicos. Detectado o problema, o Analista do Comportamento pode elaborar um plano de terapia com intuito a identificar as causas dos DTMs e buscar soluções para os mesmos. É importante lembrar que a atuação interdisciplinar é de extrema necessidade para o tratamento dos DTMs. O que destaca a importância dos Analistas do Comportamento conhecerem alguns termos utilizados na atuação clínica dos DTMs.

Primeiros Passos: “Respostas de Esquiva Emitidas Durante o Estudo”

Nicolau Kuckartz Pergher - Universidade Presbiteriana Mackenzie

Diversas pessoas, tanto nas escolas quanto nas universidades, têm apresentado desempenho acadêmico insuficiente para a obtenção das notas mínimas exigidas pelas instituições que frequentam. Algumas conseqüências do mau desempenho são: a própria nota abaixo da média, a decepção dos pais e professores, a comparação com colegas mais bem-sucedidos, etc. Tais eventos geram a sensação de

incompetência, incapacidade, insegurança e ansiedade. Alguns indivíduos que vivenciaram esse tipo de experiência passam a emitir respostas de esquiva do material acadêmico e das próprias avaliações. As respostas de esquiva têm como consequência postergar ou minimizar a exposição às situações de estudo. Esta apresentação pretende fazer uma análise do controle aversivo existente no ambiente escolar/universitário, destacando seu efeito sobre as respostas dos indivíduos. Serão relacionadas algumas respostas observadas na prática de atendimento a pessoas com mau desempenho acadêmico que podem ser consideradas esquivas, tais como pular parágrafos, olhar o gabarito antes de tentar resolver um exercício, conversar sobre temas não relacionados ao conteúdo estudado, levantar da cadeira, cantar, esquecer o livro didático, derrubar objetos e assobiar.

Primeiros Passos: “O Comportamento Verbal na Compreensão do Lembrar”

Verônica Bender Haydu – UEL

Expressões como recuperar, armazenar, imagina e codificar estão relacionadas a uma forma de conceituar memória como sendo um lugar, um espaço ou uma parte do cérebro onde as informações são armazenadas. A memória é ainda, com frequência, considerada como sendo um construto que mantém um status físico, assumindo status causal. Essas formas de conceituar memória diferem da que é adotada pelos analistas do comportamento, pois, em princípio, o sujeito nesta visão é o locus onde variáveis independentes manipuláveis têm seus efeitos e não o locus de onde o comportamento emerge. Considerar memória como um comportamento permite analisá-la funcionalmente e permite, portanto, controle e predição. Para estudar o comportamento de lembrar deve-se questionar o que controla a resposta quando há um intervalo entre um estímulo e a oportunidade para responder. Ao descrever o que se fez, o que se disse, o que se viu, o que se ouviu e até o que se pensou, responde-se a estímulos atuais, incluindo estímulos encobertos gerados pela pergunta. Portanto, de forma geral, o problema do que é lembrar consiste no campo do estudo do controle de estímulos. A análise dos operantes verbais dá uma direção para esses estudos, permitindo explicar por que é possível ler ou repetir palavras há muito tempo não vistas ou ouvidas, e descrever como se pode aumentar a probabilidade de lembrar nomes ou outros estímulos verbais. A expressão “buscar na memória” passa a fazer sentido quando se considera esse comportamento como sendo um operante verbal precorrente. Esses operantes verbais, geralmente encobertos, geram estímulos suplementares, os quais aumentam a probabilidade de se contatar SDs relevantes ou de um operante vir a cair dentro dos limites da classe de respostas a ser reforçada. A questão fundamental a ser destacada é que as experiências não são armazenadas no organismo, elas modificam o organismo. Assim sendo, a questão a ser considerada não é de acessibilidade, mas de probabilidade de ocorrência.

Primeiros Passos: “Comportamento Verbal: princípios básicos e relações de controle”

Marcio Alleoni Marcos - Núcleo Paradigma, PUC-SP, Maria Amália Moraes Pereira - Núcleo Paradigma, PUC-SP

Ao conceituar o Comportamento Verbal como operante, sensível às consequências que produz no ambiente e passível de ser descrito por meio de contingências de reforçamento, Skinner (1957)

estendeu o escopo da Análise do Comportamento ao fenômeno da linguagem, parte importante do comportamento humano. O objetivo desta exposição é apresentar a proposta de Skinner para o Comportamento Verbal, incluindo a definição completa, considerações a respeito do que caracterizaria comportamentos verbais e não-verbais e a distinção entre verbais vocais e verbais não-vocais. A apresentação enfatizará as seis principais relações de controle (operantes verbais) tal como descritas por Skinner: mando, tacto, ecóico, textual, intraverbal e o controle pela audiência, destacando as diferenças entre os estímulos controladores antecedentes e as respostas verbais e o papel das relações verbais de segunda ordem: os autoclíticos.

Primeiros Passos: “Identificação de Conseqüências Reforçadoras e Interface com o Processo de Ensino-Aprendizagem”

Jonas Gamba - UFSCar, Giovana Escobal - UFSCar, Marileide Oliveira - UFSCar, Antonio Goyos - UFSCar

A identificação de conseqüências reforçadoras é uma das áreas crescentes na literatura comportamental analítica aplicada. Identificar tais conseqüências é um elemento essencial de terapias comportamentais, ensino e intervenções efetivas, além de ser um aspecto importante tanto para programas de aquisição, como para programas de redução de comportamentos. Quanto maior o conhecimento sobre as preferências de uma pessoa, mais efetivo torna-se o procedimento para instalar repertórios comportamentais programados nessas situações. Para identificar se uma conseqüência é reforçadora são necessárias três condições: se uma resposta produz uma conseqüência, se essa resposta ocorre com mais freqüência que quando não produz conseqüência e se o aumento das respostas ocorre porque a resposta tem essa conseqüência. Ao se considerar as conseqüências reforçadoras como uma variável ambiental, pode-se alterar o ambiente em que as pessoas vivem e aprendem, de modo a criar melhores condições para o processo de aprendizagem, instalar comportamentos adequados e aumentar a qualidade de vida. A tecnologia para a identificação de conseqüências reforçadoras tem alcançado um estado em que tais conseqüências podem ser identificadas rapidamente, facilmente e acuradamente. Não obstante o conhecimento produzido pela análise comportamental, suas aplicações práticas em programas educacionais ainda são incipientes, relativamente ao seu potencial. Dessa maneira, professores, pais e profissionais da área de saúde poderiam programar procedimentos, tomando como base essa tecnologia, para avaliar e identificar conseqüências reforçadoras regularmente a fim de utilizá-las no processo de ensino-aprendizagem das mais diversas habilidades.

Comunicação Oral: “A Produção de Conhecimento Sobre o Envelhecimento na Psicologia: uma análise à luz das metacontingências”

Marianna Braga de Oliveira Borges - IBAC, Ana Karina Curado Rangel de Farias - Centro Universitário de Brasília/UnB, Eileen Pfeiffer Flores - Centro Universitário de Brasília

O Brasil está envelhecendo. O fenômeno da inversão da pirâmide etária vem sendo, nas últimas décadas, alardeado pela mídia e pelos responsáveis pela produção de conhecimento sobre o envelhecimento humano. Apenas quando o envelhecimento populacional passou a representar uma ameaça ao desenvolvimento social, sinalizando uma possível sobrecarga aos recursos do Estado, a

produção de conhecimento acerca da velhice teve destaque no meio científico. Uma análise de metacontingências envolvidas no processo de produção da Geriatria e Gerontologia aponta para o fato de que tais cientistas parecem estar sob controle de uma demanda do Estado, projetando assim contingências cerimoniais que formam o receituário passado aos idosos, ditando como devem comportar-se individualmente no sentido de retardar o envelhecimento e promover a própria adequação às novas contingências socialmente determinadas que tomam lugar na velhice. Qual é o papel do analista do comportamento diante de tal cenário e o que foi produzido e apresentado nos Encontros da ABPMC? Por que a Análise do Comportamento produziu mais a respeito da infância na investigação do desenvolvimento humano? A apresentação proposta procura dar conta de tais questionamentos e levanta a questão da responsabilidade do analista do comportamento na avaliação de políticas públicas planejadas pelos estudiosos da velhice.

Primeiros Passos: “Pedofilia: o que tem a ver o psicólogo com isso?”

Érik Melo - LAPREV-UFSCar / UFMS

Complementar a outra seção de Primeiros Passos exposta neste XVII Encontro da ABPMC, intitulada: “Abuso sexual infantil, pedofilia e falsa memória sob a ótica da Análise do Comportamento”, a presente seção tem como objetivo aprofundar na análise do termo pedofilia. Este é um fenômeno de longa data na história do homem. Com o atual advento da internet como mediador verbal de comportamentos, o que é explorado em situação privada como a apreciação erótica, torna-se um problema público: as redes de pedofilia. Elas sempre funcionaram antes da internet, contudo a nova ferramenta de interação entre pessoas é caso de polícia uma vez que potencializou a exploração sexual de crianças. A troca de informações entre agentes envolvidos na trama eletrônica e não eletrônica de informações tem relação direta com seqüestro, maus tratos, abuso sexual e morte de crianças. O que tem sido feito para conter este problema? Como estão as autoridades jurídicas preparadas para tal fenômeno no mundo? Que rumo tomará a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da pedofilia em exercício no Senado brasileiro? Qual é a relação deste problema com os agentes da educação e da saúde, a exemplo de professores, conselheiros tutelares e psicólogos? Esta seção de Primeiros Passos tem como objetivo apresentar dados recentes da literatura pertinente a assuntos correlatos à pedofilia, como: Ciclo de continuidade da violência sexual; Conseqüências do abuso para a criança; Revitimização e Responsabilidade criminal.

Comunicação Oral: “Determinantes das Relações Ordinais: revisitando estudos empíricos”

Mariana Miccione - UFPA, Grauben Assis – UFPA

Estudos de análise conceitual visam a aplicação correta de um conceito já existente, quais casos esse conceito pode ser aplicado e quais os termos que não fazem parte de um conceito. Busca a discriminação entre classes de eventos e a generalização intra classe. O conceito de ordenação ou ordenar se caracteriza pela existência de relações ordinais, um elemento precede ou sucede a outro. Entretanto, a ação seletiva das conseqüências do comportamento ao longo do tempo não requer a contigüidade dos eventos, eles contíguos entre um acontecimento e outro. As propriedades definidoras

de uma relação de ordem são a irreflexividade, a assimetria, a transitividade e a conectividade. Outras definições de ordem são pautadas na natureza (pública ou privada) dos estímulos de ligação entre as respostas ou na dupla função exercida por estes estímulos (reforçador condicionado e estímulo discriminativo) como no ensino por encadeamento, sequenciação, aprendizagem serial ou aquisição repetida. Alguns comportamentos seguem uma ordem fixa, estereotipada. Outros variam sistematicamente quanto à ordem ou a topografia das respostas: homogênea ou heterogênea. Trabalhos empíricos têm empregado diferentes termos para se referir a procedimentos de controle experimental na instalação de repertórios seqüenciais em humanos e não humanos. Esta pesquisa teve por objetivo examinar o comportamento lógico de alguns conceitos que vem sendo utilizados na literatura operante para se referir às relações ordinais, avaliando o uso dos termos. Identificou-se o nível de concordância entre os autores através da especificação das variáveis controladoras dessas diferentes respostas verbais a partir na análise das variáveis manipuladas nos procedimentos aplicados. Foram explorados os trabalhos publicados em periódicos científicos representativos da área. As fontes de obtenção dos artigos foram via alguns bancos de dados disponíveis na internet a partir de algumas palavras chave bem como as seções de referências. Selecionou-se aqueles que continham em seus títulos ou resumos pelo menos uma dessas palavras. Em seguida, agrupou-se em quatro grupos experimentais com termos afins. Resultados mostraram que a posição que um estímulo ocupa nas relações ordinais é a variável de controle mais relevante. Observa-se na literatura que novos termos são introduzidos sem que explicitações adequadas acerca das propriedades definidoras dos conceitos sejam determinadas/operacionalizadas. Conclui-se que termos distintos têm sido utilizados para a ordenação de estímulos.

Comunicação Oral: “Uma Reflexão Sobre as Variáveis Independentes”

Caio Soares de Souza - Universidade Federal do Paraná, Alexandre Lopes - Universidade Federal do Paraná

Esta comunicação tem como objetivo problematizar uma questão conceitual específica dentro do Behaviorismo Radical, muito embora acabe suscitando algumas reflexões mais amplas. O conceito em questão é o de Comportamento Supersticioso. Percorrendo a literatura vinculada a Análise do Comportamento, é possível identificar importantes ramificações no que se refere ao entendimento do termo “Superstição”, sendo correto apontar, por exemplo, aqueles comportamentos mantidos por reforçamento acidental, por regras nos casos das falsas instruções e também naqueles casos em que há transição de uma situação de reforçamento dependente para uma apresentação independente de reforços, como coloca Benvenuti (2001). Há uma série de experimentos capazes de exemplificar tais contingências entre outras, contudo, como citei no início, o presente trabalho se vê interessado em uma discussão teórica, no caso, agora esclareço, estudar as implicações envolvidas na identificação daquilo que diferencia um chamado comportamento supersticioso de um comportamento não supersticioso, levando em conta em conta os princípios filosóficos que sustentam a ciência do comportamento.

Palestra: “Resposta de Observação: um modelo comportamental de atenção seletiva”

Gerson Yukio Tomanari – USP

Serão analisadas as principais questões que têm norteado historicamente as pesquisas na área de resposta de observação como modelo comportamental de atenção seletiva, isto é, (a) as funções possivelmente reforçadoras do estímulo discriminativo de baixa ou nula probabilidade de reforçamento (S-), (b) as eventuais diferenças entre primatas e não primatas sobre o possível reforçamento por S- e (c) a capacidade preditiva de teorias de reforçamento condicionado, em particular os modelos da redução do atraso e da redução da incerteza. Para isso, será apresentada inicialmente uma revisão da literatura na qual os trabalhos serão organizados e sumarizados em função da metodologia empregada e da espécie estudada. Na seqüência, serão descritos experimentos cujos resultados subsidiam a análise do estado atual da área. De modo geral, será discutida a impertinência da hipótese de diferenças entre espécies ante a manutenção de respostas de observação por S- em organismos não primatas. Uma avaliação crítica possibilitará revelar o equívoco de se resumir as funções de S- categoricamente como reforçadoras ou punidoras das respostas de observação. Em suma, concluir-se-á que as contingências que envolvem essas respostas são complexas e múltiplas, de modo que a polarização do tema, representada teoricamente pelos modelos de reforçamento condicionado, tem levado a área a analisar as respostas de observação isoladamente de comportamentos adjuntos, porém que as afetam diretamente. Nesse sentido, procurar-se-á demonstrar que descontextualizar a análise tem gerado resultados insuficientes, na medida em que seria preciso, sobretudo, considerar as interações entre contingências que estabelecem as possíveis e diversificadas funções dos estímulos.

Mesa Redonda: “Análises de Práticas Culturais na Família, no Sistema de Saúde e em Microssociedades no Laboratório”

Ana Rita Coutinho Xavier Naves - UnB, Laércia Abreu Vasconcelos - UnB, Fábio Henrique Baia - UnB, Clarissa Nogueira - UnB, Tais Cruz Andreozzi - UnB, André Luiz de Almeida Martins – UnB

Coordenador: Laércia Abreu Vasconcelos – UnB

Os conceitos de metacontingência e macrocontingência serão discutidos em três diferentes contextos: (1) no grupo familiar, (2) no Sistema de Saúde, especificamente a matriz de contingências que envolve o atendimento a criança pelo Sistema Único de Saúde (SUS), e (3) no laboratório, a transmissão de contingências comportamentais entrelaçadas em microssociedades de três membros, com diferentes gerações. Assim, práticas culturais serão discutidas a partir da Análise do Comportamento, utilizando-se de pesquisas descritivas e experimentais. No ambiente natural, os dados serão interpretados a partir da unidade de análise cultural, o que ocorrerá também no laboratório, com a participação de duas famílias. Ademais, neste contexto de maior controle será abordada também a evolução de tradições culturais em diferentes gerações.

Apresentação 1:

O processo de socialização da criança se inicia dentro do grupo familiar, onde as práticas culturais, rotinas e padrões de interação são apresentados às novas gerações Na Análise do Comportamento, as

contingências comportamentais entrelaçadas de indivíduos de uma mesma família podem ser consideradas a partir do conceito de metacontingência, ampliando, desta forma, as análises acerca da evolução e manutenção de determinadas práticas culturais familiares. Apresentar-se-á os dados obtidos a partir da observação e registro das interações de duas famílias brasileiras em tarefas análogas àquelas presentes no cotidiano familiar (Lanche, Cartaz, Brincadeira e Organização da Sala), de entrevistas com os pais e da discussão sobre diferentes modelos familiares brasileiros, buscado relacionar estes dados com o contexto social mais amplo, incluindo as mudanças sociais ocorridas no Brasil. Foi possível observar que a evolução da família brasileira, analisada pelo modelo de seleção por consequência, apresenta uma complexa matriz de contingências que podem envolver a participação de outros grupos sociais, tais como outras famílias, o Estado, a economia, as religiões, as escolas e a mídia. Assim, uma análise mais completa da família brasileira pode se beneficiar da utilização desse conceito ao possibilitar intervenções e planejamentos culturais, além de uma maior compreensão das interações familiares.

Apresentação 2:

O conceito de metacontingências proposto por Glenn (1986) apresenta possibilidade teórica de interpretação dos processos pelos quais uma prática cultural altera-se ou mantém-se. Este estudo investigou em situação experimental a tradição de escolha por diferentes microssociedades a luz do conceito de metacontingências. Foi realizada uma replicação sistemática do trabalho de Baum et al.(2004). Neste trabalho utilizou-se a metodologia de sujeito único ao invés de delineamento de grupos do estudo original. Os reforçadores não eram entregues individualmente para cada membro do grupo e sim depositado em um copo, sendo o montante dividido pelos membros sem interferência dos experimentadores. Dois grupos foram utilizados em um delineamento ABAB para o Grupo 1 e BABA para o Grupo 2. A fim de reproduzir em laboratório diferentes sociedades, os grupos foram divididos em microssociedades de 3 membros. Após 30 minutos um membro era substituído por outro ingênuo nesta tarefa. Foram utilizados 24 participantes divididos em dois grupos de 12. Na condição A os membros escolhiam em consenso entre cartões azul e laranja. Escolhas em azul resultavam em ganhos de 25 centavos e Time out (TO) de 30 s e em laranja resultavam em ganhos de 10 centavos e nova escolha imediata. Na Condição B as cores eram alteradas para vermelho- 10 centavos e 180 s de TO, e amarelo com 5 centavos e oportunidade de escolha imediata. Ambas as condições exigiam a produção de 4 aviões de papel. Foi utilizado delineamento AB para o grupo 1 e BA para o grupo 2. As sessões foram registradas em vídeo e os dados foram submetidos a concordância entre observadores. Os resultados revelam preferência acima de 80% por azul e amarelo por diferentes gerações. Foram analisadas instruções de antigos membros ao novo membro acerca da atividade, essas foram importantes para manutenção da prática até a ocorrência do produto agregado (ganhos ao fim da geração). Outras declarações verbais somente controlavam comportamentos quando eram congruentes com a contingência. Estes dados demonstram que pressões ambientais são determinantes de práticas culturais.

Apresentação 3:

A análise de fenômenos culturais sempre esteve presente na agenda dos analistas do comportamento. B. F. Skinner discutiu o referido assunto ao longo de sua carreira acadêmica, como em *Walden Two* (1948) e no *Science and Human Behavior* (1953), no qual um terço do livro foi dedicado ao estudo da ação humana em grupo (comportamento social). Sigrid Glenn, em 1986, apresentou os parâmetros envolvidos no conceito de metacontingência, o qual fortalece a discussão do nível de seleção cultural, justificando que o conceito de contingência de reforço é indispensável, mas insuficiente para a compreensão integral da seleção e manutenção de práticas culturais. Um dos fenômenos socioculturais já considerados por analistas do comportamento refere-se à relação entre leis e o conceito de metacontingência. As leis são códigos de conduta socialmente estabelecidos, que enunciam metacontingências, e são redigidas para controlar comportamentos. Todorov e cols. desenvolveram uma metodologia para analisar as contingências e metacontingências presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Essa metodologia foi aplicada às Leis Orgânicas da Saúde – LOS – representadas pelas Leis 8.080, de 19 de setembro de 1990, e 8.142, de 28 de dezembro de 1990. O procedimento consistiu em analisar a totalidade de artigos das referidas leis, identificando os termos da contingência de reforço: antecedente, comportamento e consequência. A LOS foi pesquisada seguindo-se a ordem numérica dos artigos, como salientado por Todorov e cols. (2004). Os resultados do estudo aqui apresentado mostram três variações, a partir da descrição de contingências tríplexes presentes na LOS: 1) contingências completas, que descrevem a contingência de reforço com o antecedente, o comportamento e a consequência, ou apenas a descrição do comportamento e da consequência; 2) contingências incompletas, que descrevem o antecedente e o comportamento, mas não apresentam a consequência; 3) contingências inexistentes, que retratam a precária redação das Leis Orgânicas da Saúde – LOS, pois descrevem relações impossíveis de serem colocadas em prática. O item (1) representa 20% das contingências descritas no documento jurídico, as quais versam exclusivamente sobre o uso das verbas públicas destinadas à saúde. Ademais, é interessante notar que o item (2) está relacionado a diversos problemas sanitários que dificultam a implementação dessas leis e o fortalecimento de práticas culturais por elas controladas. Um total de 528 contingências de reforço foram descritas nas LOS, o que possibilita também uma interpretação das possíveis interdependências entre comportamentos de diferentes agentes sociais na construção do Sistema Único de Saúde – SUS.

Palestra: “Avaliando a Interação do Comportamento Verbal com o Comportamento Mantido por Relação Acidental com Reforço”

Marcelo Frota Lobato Benvenuti - PUC-SP/UnB

O objetivo da palestra é apresentar dados de linha de pesquisa cujo objetivo é avaliar a interação entre comportamento mantido por relação acidental com reforço (comportamento “supersticioso”) e comportamento verbal. Nos estudos, o comportamento “supersticioso” foi avaliado em esquemas simples ou complexos, em que apresentação de pontos foi independente ou dependente do responder. Na exposição às contingências não-verbais, foi avaliado o papel de instruções que sugeriam erroneamente que responder poderia produzir pontos (em situações em que não podiam). Os

participantes também eram questionados sobre o que deveriam fazer nas tarefas, de maneira a serem produzidos auto-relatos sobre situações em que eventos ambientais eram independentes do responder. Os resultados em diferentes situações mostram que nem sempre os participantes desenvolveram comportamentos “supersticiosos”, mesmo em situações favoráveis a isso. Aquisição e manutenção do comportamento “supersticioso” dependeram mais do quanto contingências programadas (verbais e não-verbais) produziram variabilidade no responder. Instruções que sugerem incorretamente dependência entre resposta e ambiente pode favorecer, mas não é garantia do surgimento do comportamento “supersticioso”. Relatos dos participantes do que acontece nas situações experimentais parecem estar sob controle de seus próprios desempenhos: quando há comportamentos “supersticiosos” os participantes falam de relações de dependência entre respostas e eventos ambientais; quando não há comportamento “supersticioso”, os participantes falam que respostas não são necessárias para a produção de mudanças ambientais. Tomados em conjunto, os resultados sugerem cuidado com expressões como “regras falsas” ou “regras supersticiosas”, utilizadas na literatura da análise do comportamento. De modo geral, os resultados produzidos mostram o potencial da análise do comportamento para discutir de modo inovador conceitos como ilusões, ilusões de controle e distorções cognitivas em que pensamentos, auto-descrições e regras parecem controlar comportamento funcional ou dito disfuncional. O que foi observado nos resultados produzidos pela linha de pesquisa foi exatamente o contrário: contingências e contigüidade entre respostas e mudanças ambientais foram responsáveis tanto pelo comportamento verbal como pelo não-verbal.

Palestra: “Formação de Terapeutas Comportamentais: o que a análise do comportamento tem a dizer”

Paola E.M. Almeida - PUC-SP, Maria Luiza Guedes - PUC-SP

O seguinte trabalho tem por objetivo discutir algumas possibilidades de ensino da Terapia Comportamental, fundamentadas nos pressupostos teóricos desta abordagem. Pretende-se relacionar algumas das contribuições de Skinner sobre clínica e educação, com os objetivos da formação de terapeutas iniciantes, em uma apresentação que possa tanto analisar as práticas vigentes, como apontar novas estratégias que cumpram com a finalidade proposta. Serão abordadas três questões principais: 1) O que deve ser ensinado ao terapeuta iniciante, 2) Como devem ser ensinadas as diferentes habilidades que irão compor seu repertório profissional, e 3) Por que tais habilidades precisam ser ensinadas desta forma. Assume-se aqui que a resposta a estas questões favorecerá o planejamento de estratégias que tornem mais eficiente e condizente com os pressupostos teóricos o aprendizado dos terapeutas iniciantes. Fundamentada pelas propostas de Skinner, esta apresentação pretende o questionamento do atual espaço da clínica e das supervisões, sendo um convite ao analista do comportamento a repensar sua atividade profissional. O seguinte trabalho tem por objetivo discutir os limites e possibilidades dos procedimentos de coleta de dados em situação clínica. Tradicionalmente tem-se recorrido ao relato verbal dos clientes como fonte de informações sobre as contingências que determinam seu comportamento. Uma dentre as diferentes formas para a coleta destas informações têm sido o uso de instrumentos padronizados. Em prévia análise, verificou-se que alguns desses instrumentos (Inventário Beck para Depressão e Ansiedade (BDI), Y-BOCS e Escala de Avaliação Social) apresentam

predominantemente questões acerca de eventos privados, tais como sentimentos e sensações físicas dos clientes. Discutiu-se, na ocasião, os limites apresentados por questões desta natureza e a dificuldade em compor, a partir deste material, hipóteses acerca das variáveis que determinam comportamentos de interesse. Este trabalho pretende, então, sugerir novos métodos para a coleta de dados no contexto clínico, baseados na literatura acerca do relato verbal. Dois pontos centrais serão analisados: a) As possibilidades sugeridas por diferentes autores a fim de favorecer a acuracidade do relato verbal, e b) A aplicabilidade de algumas dessas medidas no tratamento de pacientes ambulatoriais portadores de transtorno obsessivo compulsivo.

Mesa Redonda: “As Possíveis Relações entre Teoria dos Jogos e Análise do Comportamento, Utilizando como Modelo o Jogo Dilema do Prisioneiro”

Dyego Costa - UnB, Cristiano Coelho - UCG, Pedro Faleiros - USP/UNIMEP/UNIARARAS

Coordenador: Pedro Faleiros - USP/UNIMEP/UNIARARAS

O jogo DILEMA DO PRISIONEIRO, proposto pela teoria dos jogos, é um modelo utilizado em áreas do conhecimento como economia, biologia, ciencias sociais e relações internacionais. A amplitude de análise deste jogo na área das ciências humanas pela possibilidade de analisar relações sociais, pois os resultados deste jogo dependem da escolha não apenas de um dos jogadores mas também do outro. O objetivo da apresentação é apresentar as possibilidades de relacionar o jogo Dilema do Prisioneiro com os princípios da análise do comportamento. Esta relação pode ser feita tanto com base em modelos teóricos, pesquisa experimentais e aplicadas e análise de problemas cotidianos, principalmente no âmbito da cultura.

Apresentação 1:

A teoria dos jogos é uma proposta de se interpretar fenômenos sociais a partir de preceitos matemáticos, no relativo às consequências que os comportamentos dos indivíduos terão dependendo da interação entre o responder dos organismos. Para tanto é necessário mais de um organismo para agirem de forma social segundo essa proposta. O dilema do prisioneiro (PDG) é o mais representativo dos jogos dessa teoria. Esse paradigma já captura a imaginação dos cientistas sociais por mais de três décadas em parte porque parece que ele ilumina aspectos sociais fundamentais do comportamento humano e o potencial interesse social ao invés do puro interesse individual. Da década de 80 para a atualidade os analistas do comportamento têm encontrado suporte nas asserções teóricas da teoria dos jogos, em especial o PDG, para realizar pesquisas em diversas áreas. Alguns estudos mais atuais propõem esse modelo como forma de analisar fenômenos sociais cotidianos e vão refinando a proposta segundo a análise do comportamento cada vez mais inserindo outras variáveis. Dentre essas variáveis, estão a introdução de punição para uma das alternativas, e a formulação de uma nova ferramenta o trilemma. Esse refinamento se deve ao fato de assim conseguir captar cada vez de forma mais apurada, dados de comportamentos sociais diversos e complexos. Esse trabalho então versa sobre como alguns fenômenos sociais

podem ser visualizados através da interface teoria dos jogos e análise do comportamento, através do PDG, do trilemma, e da introdução de punição em contingências específicas, como tráfego urbano, comportamentos agressivos, comportamentos acadêmico.

Apresentação 2:

O objetivo do trabalho é relacionar a teoria dos jogos, representada pelo Dilema do Prisioneiro e a tragédia dos comuns com o modelo de seleção pelas conseqüências do comportamento humano proposto pelo Behaviorismo Radical. O jogo Dilema do Prisioneiro, proposto pela teoria dos jogos, envolve um conflito entre escolhas e ganhos individuais ou em conjunto. Na teoria dos Jogos, especialmente no “equilíbrio de Nash”, a melhor escolha de um jogador para obter o melhor resultado, em um número finito de jogadas, deve ser igual a do outro jogador e não uma escolha alternativa ou unilateral. O jogo Dilema do Prisioneiro Repetido é considerado um dos exemplos aplicáveis ao “Equilíbrio de Nash”, pois a possibilidade de obter o melhor resultado, ao final do jogo para um número de dois jogadores ou mais, é a escolha pela cooperação mútua. Especificamente na estratégia Tit-For-Tat (olho por olho, dente por dente), a mesma escolha cooperativa feita pelos participantes é a que promove a maior possibilidade de ganhos. A tragédia dos comuns, proposta por Hardin (1968), também defende que a melhor escolha para a sobrevivência humana, em função dos recursos no mundo serem finitos, seria também a cooperativa, pois se uma escolha alternativa e competitiva for seguida por todos, os recursos podem se esgotar. Tanto o dilema do prisioneiro, como a tragédia dos comuns podem ser modelos de análise empregados por analistas do comportamento para investigar variáveis relacionadas ao autocontrole e as relações sociais.

Apresentação 3:

Em uma situação de escolha no ambiente social, os reforços liberados para um indivíduo podem depender de sua escolha em relação à escolha realizada por outro indivíduo. Diversas versões da Teoria dos Jogos, uma área da matemática aplicada que estuda estratégias de escolhas de jogadores, têm sido aplicadas à compreensão do comportamento econômico. O presente trabalho tem como objetivo discutir as previsões de uma versão do Dilema do Prisioneiro em relação a modelos de igualação, maximização e equilíbrio em situações de escolha quando: (1) um jogo envolve dois indivíduos; (2) um jogo envolve grupos e a cada tentativa a resposta da maioria define a escolha do grupo; e, (3) um jogo envolve grupos que negociam a cada tentativa. Com base nestes estudos o presente trabalho visa analisar então condições mais propícias a cooperação e competição intra e entre-grupos através da aplicação de um modelo de desconto proposto por Raineri e Rachlin (1993).

Palestra: “Ensinando Análise do Comportamento no Oriente Médio: relato de uma experiência recente”

Maria Martha Hübner – USP

Mesa Redonda: “Tópicos Contemporâneos em Terapia Analítico-Comportamental: o Transtorno de Personalidade Borderline”

Roosevelt R. Starling - UFMG, Hérika de Mesquita Sadi - Universidade FUMEC/USP, Claudia Oshiro – USP

Coordenador: Sonia Meyer – USP

Apresentação 1:

A Análise do Comportamento Aplicada habitualmente não apresenta maior interesse nas classificações e caracterizações psiquiátricas pelos seus aspectos formistas e reificadores e por sua pouca utilidade prática para o manejo clínico dos quadros comportamentais problemáticos dentro deste modelo explicativo. Contudo, estas classificações e caracterizações são utilizadas mundialmente para uma delimitação do quadro sobre o qual se pronunciará e também como indexadores da literatura nas diversas bases de dados disponíveis. Este fato está tacitamente aceito no próprio título desta mesa bem como em inúmeras outras discussões da área. Assim, esta primeira parte tratará de assentar o entorno deste quadro clínico e de apresentar suas principais características. O quadro comportamental problemático designado na psiquiatria como Transtorno da Personalidade Borderline (TPB) tem a prevalência de 2% na população em geral, mas é comum nos ambientes clínicos, presente em 10% dos clientes de clínicas ambulatoriais, entre 15% a 20% dos pacientes hospitalizados em unidades de saúde mental e entre um a dois terços da população diagnosticada com “transtornos da personalidade”. Reconhecidamente de difícil manejo farmacológico, tendo a virtual totalidade destes tratamentos efeitos suspensivos em oposição a curativos, o TPB tem sido tratado com relativo sucesso através de modalidades terapêuticas comportamentais, de maneira geral as únicas que têm apresentado resultados públicos da sua eficácia. Os importantes efeitos vistos no comprometimento emocional, no repertório marcadamente insuficiente de autocontrole, na presença de importantes OE (Operações Estabelecedoras) que acarretam uma frequência aumentada de respostas hipercinéticas, auto e hetero lesivas e nas perturbações do comportamento verbal (tatos distorcidos, manipulação do comportamento verbal, auto-edição insuficiente) fazem do TPB um problema severo para a pessoa e, sobretudo, para o seu ambiente social. Tipicamente apresentam também um repertório relativamente insensível às contingências de reforçamento social prevalentes e problemas na auto-estima e identidade pessoal. De maneira geral, apresentam um repertório empobrecido e problemático, tanto para a obtenção de reforçamento positivo como para lidar eficazmente com os estressores ambientais. O resultado comum é o de um repertório frágil, com o concomitante sofrimento emocional que o acompanha.

Apresentação 2:

A terapia analítico-comportamental tem o Behaviorismo Radical como sua base epistemológica, orientando sua concepção de homem e a constituição e gênese dos fenômenos comportamentais. Apesar da noção de personalidade estar intimamente relacionada a uma perspectiva estruturalista e internalista, Skinner faz menção ao termo personalidade e apresenta uma noção comportamental que

seria correspondente ao termo. Assim como as demais abordagens terapêuticas, o terapeuta analítico-comportamental depara-se freqüentemente com casos clínicos classificados pela literatura psiquiátrica como Transtorno de Personalidade Borderline (TPB). Para uma boa compreensão e adequada condução destes casos torna-se necessário ir além do levantamento das topografias de comportamentos característicos do paciente borderline, buscando seus determinantes nas histórias genética e ambientais. O objetivo deste trabalho é apresentar algumas das prováveis variáveis envolvidas na determinação do TPB, a partir do modelo de seleção por conseqüências proposto por B.F.Skinner, considerando os processos de variação e seleção nos três níveis, filogenético, ontogenético e cultural.

Apresentação 3:

Terapeutas vêm observando na prática clínica que determinados clientes apresentam-se colaborativos e receptivos às intervenções propostas, obtendo sucesso no tratamento, e que outros clientes não respondem satisfatoriamente, mostrando-se pouco colaborativos e com tendência a abandonar o tratamento. Estes últimos, quando permanecem, a resposta à intervenção é lenta e o processo é difícil. Os terapeutas observaram que alguns clientes que chegavam ao consultório com queixas de ansiedade e depressão, também apresentavam outros padrões comportamentais que dificultavam o andamento da terapia. Com o objetivo de discutir questões sobre a comorbidade dos transtornos clínicos com os transtornos de personalidade, apresenta-se um estudo de caso de transtorno de personalidade borderline, anteriormente diagnosticado como um caso de depressão. No caso apresentado, embora as queixas da cliente adolescente M. fossem de depressão (tristeza intensa, falta de motivação para ir à escola e realizar as atividades cotidianas, pensamentos recorrentes de suicídio), as análises funcionais indicaram a relação desses problemas com suas dificuldades de relacionamento interpessoal, observadas inclusive na interação com a terapeuta. Desta forma, ao longo do processo terapêutico, alguns comportamentos emitidos na relação terapeuta-cliente forneceram dicas importantes sobre um padrão de comportamento que se mostrou duradouro e rígido. Uma vez estabelecida uma relação de intimidade com a terapeuta, questões relevantes puderam ser reveladas: dúvidas sobre a identidade sexual, comportamentos auto-lesivos e comportamentos sofisticados de manipulação. As intervenções terapêuticas baseadas nos princípios da Psicoterapia Analítica Funcional foram decisivas para o estabelecimento e manutenção de uma boa relação terapêutica. A literatura aponta esta relação como um instrumento eficaz para promover mudanças no repertório do cliente, uma vez que, se o indivíduo se comporta em relação ao terapeuta da mesma forma que o faz no seu cotidiano com outras pessoas, esses ambientes são funcionalmente idênticos e que, portanto, se um deles for alterado, essa mudança também se generalizará para os demais ambientes, produzindo resultados psicoterápicos satisfatórios. Neste caso, houve uma diminuição significativa da freqüência dos comportamentos depressivos, auto-lesivos e de manipulação, além de um aumento na freqüência de comportamentos capazes de produzir reforços positivos no relacionamento interpessoal.

Mesa Redonda: “Recursos Multimídia no Treinamento de Habilidades Sociais”

Frank M. Gresham - Universidade de Louisiana(EUA), Zilda Del Prette - UFSCar, Daniele Carolina Lopez - UFSCar, Almir Del Prette - UFSCar, Camila Negreiros Cômado – UFSCar

Coordenador: Zilda Del Prette – UFSCar

Nesta mesa, os autores irão apresentar propostas de estratégias e procedimentos para o uso de recursos multimídia (especialmente de vídeo e informática) no treinamento de habilidades sociais de crianças. O Prof. Dr. Gresham irá apresentar um sistema de promoção de habilidades sociais, para uso em procedimentos universais e seletivos na escola, utilizando recursos de vídeo e informática nos procedimentos de intervenção e na avaliação dos resultados. A Profa. Zilda e a mestranda Daniele irão apresentar as possibilidades e a efetividade do uso do Sistema Multimídia de Habilidades Sociais para Crianças como recurso de procedimentos de promoção de habilidades sociais em pequenos grupos de crianças. Nesse caso, o estudo foi realizado sob um delineamento de linha de base múltipla e a avaliação de resultados baseou-se tanto em dados de relato como de observação direta, obtidos na pré e na pós-intervenção. O Prof. Almir e a aluna Camila irão apresentar um vídeo elaborado como recurso educativo de habilidades sociais para crianças pré-escolares, cuja efetividade encontra-se ainda sob estudo.

Mesa Redonda: “Cirurgia Bariátrica - a análise do comportamento no pré e pós-operatórios”

Suely Guimarães - UnB, Cristina Di Benedetto - CESUMAR , Daniela Daleffe - Centro de Psicologia e Fonoaudiologia/NAPSI/Instituto Pró-Gastro

Coordenador: Daniela Daleffe - Centro de Psicologia e Fonoaudiologia/NAPSI/Instituto Pró-Gastro

A obesidade mórbida é doença grave, crônica, multideterminada por fatores genéticos, nutricionais, hormonais, comportamentais, emocionais, sociais e culturais. O método diagnóstico mais utilizado na prática clínica é o cálculo do Índice de Massa Corporal – IMC. São obesos mórbidos indivíduos com IMC maior ou igual a 40, para os quais há disponíveis tratamentos clínicos e cirúrgicos. Estes últimos, reunidos sob a denominação de Cirurgia Bariátrica, vêm sendo utilizados cada vez mais, com menos problemas, para a redução e manutenção do peso, mas ainda são insuficientes como tratamento definitivo da obesidade. As técnicas cirúrgicas podem ser restritivas, desabsortivas ou mistas. Para a realização de qualquer procedimento, é exigido pelo Conselho Federal de Medicina um laudo, psicológico ou psiquiátrico, mas não há especificações sobre a forma de avaliação ou o conteúdo do laudo. Quando do laudo positivo, sob o enfoque analítico comportamental, o psicólogo é responsável pela preparação para a cirurgia, que por sua vez implica na informação sobre o funcionamento do procedimento e a necessidade de mudança de hábitos de vida; e também na análise funcional do comportamento alimentar, para que seja identificado seu repertório inicial, e a partir daí, instalados comportamentos adaptativos às necessidades pós-operatórias, diferentes em cada técnica cirúrgica. Nesta mesa, é apresentado estudo sobre a compatibilidade entre as técnicas cirúrgicas e o repertório comportamental exigido do paciente no pós-operatório, através da comparação entre as características clínicas e comportamentais de candidatos à cirurgia bariátrica e os resultados obtidos após o procedimento. As avaliações pré-operatórias, intervenções e seguimentos pós-operatórios mostram que cada técnica é mais apropriada a um repertório comportamental e requer um padrão de comportamento alimentar pós-operatório específico, cujo alcance depende do repertório pré-existente, de características pessoais do obeso e da aquisição de novo repertório alimentar. O acompanhamento psicológico pós-

operatório visa, a princípio, o fortalecimento deste novo repertório alimentar, governado por regras, cujo treino deve ser realizado ainda antes da cirurgia. Mas ao longo do tempo, o analista do comportamento intervém, continuamente, de modo a proporcionar ao paciente discriminação das contingências que controlam seu comportamento de não seguir as instruções. À medida em que discrimina, o paciente modela o comportamento de comer prioritariamente sob controle de regra, mantendo-se suficientemente nutrido, socialmente adequado, e emocional e fisicamente mais saudável do que era, quando obeso.

Apresentação 1:

A obesidade mórbida é uma doença crônica e grave, que aumenta 10 vezes o risco de morte e reduz em 20% a expectativa de vida do paciente, comparado a pessoas de peso normal. A obesidade decorre do consumo de alimentos industrializados e da ingestão de grande quantidade de açúcar e gordura, além de uma complexa interação entre fatores genéticos, nutricionais, hormonais, comportamentais, emocionais, sociais e culturais. Por ser um reforçador positivo, incondicionado, imediato e muito forte para o obeso, o alimento pode controlar a resposta alimentar mesmo quando a saúde está comprometida, a auto-estima baixa e a qualidade de vida ruim. Os tratamentos, geralmente, implicam restrição alimentar com limitação e adiamento desse reforçador, enquanto o sucesso almejado vem como um reforço atrasado que pode custar sucessivas abstenções do reforço positivo, por extenso período de tempo, antes que aconteça uma perda de peso grande o bastante para ser reforçadora. Quando o emagrecimento ocorre, a manutenção fica na dependência do controle e do grau de abstinência do reforçador primário, o que geralmente define o abandono do tratamento porque o poder reforçador de certos alimentos é maior do que o poder reforçador do emagrecimento alcançado. Nesse contexto, o tratamento cirúrgico da obesidade surgiu como recurso extremo para situações de vários insucessos com tratamentos tradicionais. As técnicas cirúrgicas podem ser restritivas, desabsortivas ou mistas. Considerando o alto custo da resposta adaptativa à rotina alimentar pós-operatória, este estudo investigou a compatibilidade entre as técnicas cirúrgicas e o repertório comportamental exigido do paciente no pós-operatório. Foram comparadas as características clínicas e comportamentais de candidatos à cirurgia bariátrica e os resultados obtidos após a cirurgia de 30 pacientes assistidos em um hospital-escola. Os resultados das avaliações pré-operatórias, intervenções e seguimentos pós-operatórios mostraram que cada técnica é mais apropriada a um repertório comportamental e requer um padrão de comportamento alimentar pós-operatório específico, cujo alcance depende do repertório pré-existente, de características pessoais do obeso e da aquisição de novo repertório alimentar. O controle aversivo exercido pelo dumping, pela rejeição alimentar e pelo reganho de peso são importantes variáveis norteadoras dos critérios para a indicação cirúrgica e seguimento pós-operatório. Assim, o trabalho do psicólogo na equipe cirúrgica implica, pelo menos, a avaliação do paciente, desenvolvimento de comportamentos compatíveis com o procedimento cirúrgico, assessoria à equipe multidisciplinar quanto à técnica mais adequada, monitoramento da estabilidade do repertório adquirido, seguimento e avaliação continuada do paciente a longo prazo.

Apresentação 2:

A cirurgia bariátrica é uma realidade quando se fala em tratamento de redução de peso para obesos mórbidos. Os critérios médicos para indicação cirúrgica seguem regras precisas sendo as mais importantes: IMC acima de 40; ausência de problemas endócrinos para a obesidade; fracasso em outros métodos de tratamento; co-morbidades físicas associadas; ausência de psicopatologia grave. O procedimento cirúrgico consequenciará muitas mudanças significativas no aspecto psicológico, que devem ser alvo de análise dos psicólogos. Na avaliação, verificam-se no repertório comportamental do cliente as condições para lidar com a cirurgia em si e com as mudanças pós-cirúrgicas. Após a realização do processo, o psicólogo é solicitado a elaborar um laudo que descreva as condições atuais do cliente, a fim de propiciar diagnóstico e prognóstico para decidir sobre seu encaminhamento à cirurgia, ou mesmo à psicoterapia. Segue-se a etapa devolutiva, que tem como característica uma entrevista informativa e preparatória com relação aos aspectos do pré e pós-cirúrgicos. Cumpridas estas etapas percebe-se que a avaliação psicológica na cirurgia bariátrica tem demonstrado ser um valioso trabalho da psicologia no campo da obesidade. Este procedimento assume mais de um propósito quando de sua realização: avaliar e realizar esclarecimentos (preparar o cliente para a realidade do pós-operatório).

Apresentação 3:

O objetivo desta apresentação é relatar um modelo de acompanhamento pós-operatório em clínica particular. A cirurgia bariátrica impõe severas alterações anatômicas e fisiológicas ao organismo operado. Após o procedimento, a classe de respostas “comer”, tal qual foi modelada e mantida ao longo da vida do indivíduo, passa a produzir conseqüências aversivas, como dor, vômito e sensação de entalo. O comportamento de comer diminui em freqüência, e novas respostas vão sendo modeladas. Porém, tais respostas não necessariamente são adequadas para a manutenção da perda de peso ou do peso conquistado com o emagrecimento. Como conseqüências, surgem a perda ponderal insuficiente ou demasiada, o reganho de peso e/ou a subnutrição. É necessário, portanto, que seja desenvolvido um repertório alimentar compatível com o pós-cirúrgico, que contemple alterações na mastigação, no fracionamento, no tempo dedicado à refeição, e nas escolhas dos alimentos a serem consumidos. O acompanhamento psicológico pós-operatório visa, a princípio, o fortalecimento do treino destes comportamentos alimentares que deve ser realizado ainda antes da cirurgia. Muitas variáveis interferem no seguimento destas regras. O comportamento de comer pode ter função de reforço positivo ou negativo em momentos diferentes, mas cada indivíduo estabelece uma relação prioritária, mais freqüente, e cabe ao analista de comportamento identificá-la durante a avaliação pré-operatória. Após o procedimento cirúrgico, de acordo com a análise funcional prévia, o analista de comportamento intervém, de modo a proporcionar ao paciente discriminação das contingências que controlam seu comportamento de não seguir as regras alimentares. À medida em que discrimina, o paciente vai sendo modelado, adquire novo repertório, e tende a emitir o comportamento de comer prioritariamente sob controle de regra, mantendo-se suficientemente nutrido, socialmente adequado, e emocional e fisicamente mais saudável do que quando era obeso.

Mesa Redonda: “O Trabalho do Psicólogo Clínico em Conjunto com o Atendente Terapêutico (AT) na Residência”

Jaíde Regra - USP, Ana Carolina B. Furquim - PUC-SP, Thaís Albernaz Guimarães - PUC-SP

Coordenador: Jaíde Regra – USP

Mesa Redonda: “Fatores Psicossociais nos Transtornos de Ansiedade”

Márcio Bernik - AMBAN-IPq-HC-FMUSP, Mariângela Gentil Savoia - AMBAN-IPq-HC-FMUSP, Andréa Machado Vianna AMBAN-IPq-HC-FMUSP

Coordenador: Mariângela Gentil Savoia AMBAN-IPq-HC-FMUSP

Apresentação 1:

Fatores predisponentes individuais e eventos ambientais no desenvolvimento do transtorno de estresse pós-traumático. Diversas linhas de evidência apontam para o fato de o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) ser uma forma diferenciada de ajustamento biológico cerebral frente à eventos estressores traumáticos. Do ponto de vista clínico o aspecto mais marcante é a intrusão no campo da consciência, sob forma de pesadelos ou flash-backs de lembranças ligadas ao trauma. Do ponto de vista neurobiológico, a resposta com atenuação da secreção de hormônios de estresse como ACTH e cortisol frente à exposição à estressores cotidianos difere de todos os outros transtornos de ansiedade e pode até ser um marcador de traço, que antecede ao diagnóstico. O TEPT pode ser uma área rica onde pode-se compreender as relações temporais exatas e as relações causais entre fatores predisponentes biológicos, estressores psicológicos ou ambientais e o surgimento de sintomas mentais.

Apresentação 2:

Aspectos psicossociais e implicações para o tratamento da fobia social O transtorno de fobia social pode ser caracterizado como uma ansiedade intensa a estímulos sociais percebidos como aversivos, que podem ser explicados pelo modelo de variabilidade e seleção de Skinner. Podemos encontrar na filogênese do comportamento essa resposta de ansiedade social, provavelmente selecionada como uma resposta adaptativa da espécie humana. Os comportamentos selecionados pelo ambiente podem levar a que essa resposta passe a ser patológica devido a história de vida das pessoas, por meio de condicionamento traumático, modelação vicária, socialização dos papéis sociais e condicionamento operante e geralmente não incluem habilidades sociais. Fatores de personalidade estariam associados ao desenvolvimento deste transtorno na medida em que a personalidade se desenvolve neste processo de adaptação social. As implicações para o tratamento dizem respeito a adesão e modificações nas contingências ambientais.

Apresentação 3:

Desencadeantes Psicossociais de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) O Transtorno de Estresse Pós Traumático ocorre depois da exposição a um evento traumático e é definido por três classes de sintomas: revivência do evento traumático, evitação e excitabilidade aumentada. O indivíduo acometido pelo transtorno apresenta prejuízos funcionais importantes em seu cotidiano. Diante deste fato torna-se relevante discriminar e compreender melhor os desencadeantes do transtorno, que no TEPT apresentam-se de forma não linear e em momentos distintos: antes, durante e após o evento. Os fatores pré-traumáticos são: gênero, idade, exposição a traumas anteriores, traços de personalidade, fatores de resiliência e comorbidade com outros transtornos. No momento do trauma é importante avaliar: o controle que o indivíduo apresenta em relação ao evento, sensação de horror e medo, uso de álcool ou outras substâncias, presença de sintomas de dissociação e sensação de ameaça a integridade física. Os fatores pós-traumáticos também influenciam o desenvolvimento de TEPT como: suporte social, a presença de seqüelas pós-evento e a presença de transtorno de estresse agudo. Além de conhecer os fatores de desenvolvimento deste transtorno que apresenta uma importante prevalência, também estudá-los permite a criação de melhores programas de prevenção e tratamento.

Mesa Redonda: “Intervenções Clínicas Baseadas no Modelo de Terapia por Contingências de Reforçamento”

Ligia Valadares Oda Kurokawa - Unianhanguera-Campinas/IAAC, Ana Paula Basqueira - Unianhanguera-Campinas/Politécnica de Jundiaí/IAAC/ ITCR, Marisa Isabel dos Santos de Brito - IAAC-Campinas, Patricia Piazzon Queiroz - IAAC-Campinas

Coordenador: Patrícia Piazzon Queiroz - IAAC Campinas

Apresentação 3:

Paulo, 26, procurou terapia com diagnóstico de TOC. Os comportamentos compulsivos eram de ordem sexual (“download” de material pornográfico e masturbação em alta frequência) e as idéias obsessivas eram relacionadas à possibilidade de pobreza no futuro. Com o uso da medicação (anafranil), as compulsões diminuíram; as obsessões, porém, não. A avaliação de seu repertório comportamental e da história de contingências mostrou que Paulo: 1. passou por história de contingências punitivas, contingentes e não contingentes, aplicadas pelo pai; 2. ficou sob controle generalizado de estímulos com função pré-aversiva; 3. relatava sentimentos intensos de ansiedade; 4. apresentava repertório abrangente de comportamentos de fuga-esquiva; 5. ficava sob controle de auto regras que descrevem e prevêm dificuldade financeira, o que gerava muita ansiedade e fazia com que emitisse comportamento de fuga-esquiva na forma de: a. fazer previsões (incorretas) sobre formas de obter dinheiro; b. engajar-se em atividades que produzam dinheiro imediato; c. desfazer-se de bens pessoais; 6. teve os comportamentos do item anterior temporariamente enfraquecidos pelas conseqüências aversivas ou de extinção produzidas pelos mesmos, originando sentimentos de desânimo, baixa auto-confiança; 7. passou a viver novas contingências coercitivas produzidas pelas dificuldades financeiras, especialmente com a namorada, que fazia uso de punições positiva (críticas) e negativa (removendo atenção), e extinção; 8. apresentava repertório limitado para produzir reforçadores positivos advindos da namorada

e para se esquivar das punições fornecidas por ela. A terapeuta passou a ser uma comunidade verbal com as seguintes funções: 1. dar consciência ao cliente de que ele responde a contingências de reforçamento negativo, emitindo comportamentos de obsessão-compulsão com função de fuga-esquiva; 2. mostrar a ele que o excesso de comportamentos de fuga-esquiva é produto de sua história de vida aversiva; 3. levar o cliente a discriminar as reais contingências em operação, prevenindo a emissão de respostas de fuga-esquiva e testando as reais conseqüências de seus comportamentos; 4. modelar comportamentos de fuga adequados, produzindo a alteração da condição aversiva e, não simplesmente, a esquiva dela; 5. produzir reforço positivo contingente e não contingente a desempenhos do cliente, para elevar sentimentos de auto-confiança e auto-estima; 6. reforçar positivamente quaisquer comportamentos de engajamento em atividades de trabalho. Os resultados observados pela terapeuta demonstraram que o cliente passou a descrever as contingências das quais seu comportamento é função; reduziu comportamentos de fuga-esquiva inadequados; tem conseguido produzir reforço positivo e evitar estímulo aversivo advindos da namorada; e tem se envolvido em trabalhos que sejam positivamente reforçadores para ele.

Comunicação Oral: “Análise Funcional de Ataques de Pânico em uma Menina de Oito Anos”

Mariana Sarro Pereira - Clínica de Psicologia Mariana Sarro Pereira

Clara (nome fictício) era uma menina de oito anos, que estudava na segunda série de uma escola particular, e morava com os pais e a irmã de dois anos. A mãe procurou terapia psicológica para a filha, após a mesma ter apresentado um Ataque de Pânico, ter sido levada ao pronto atendimento médico e ter tido a orientação de seu pediatra para fazer acompanhamento psicológico. Apesar de ter apresentado apenas um Ataque de Pânico quando procurou terapia, Clara já vinha tendo alguns sintomas há três semanas, como pensamentos sobre morte, medo de morrer, dores no peito e na cabeça. No total, Clara teve três Ataques de Pânico (apresentando 10 dos 13 sintomas indicados pelo DSM-IV), dentro de menos de um mês, (o que não caracteriza um Transtorno de Pânico). Investigando a história de vida de Clara, averiguou-se que a mãe a culpava por não ter realização profissional, já que quando se formou, não pôde trabalhar para cuidar da filha. Relatou fazer as coisas (oferecer cuidados, ajuda, carinho, atenção, etc.) para Clara por obrigação, ao contrário da outra filha, para quem fazia por prazer. Mãe achava que Clara sentia que os pais gostavam mais da irmã. Além disso, o pai de Clara tinha Transtorno de Pânico com Agorafobia desde os nove anos de idade, e a mãe reforçava positivamente os ataques dele (assim como os de Clara) com atenção e carinho. Fazendo uma análise funcional, a terapeuta supôs que Clara podia estar apresentando os Ataques de Pânico com a função de obter a atenção e o carinho da mãe, já que era a única forma de obtê-los de maneira sincera. Com base no suposto, teceram-se os seguintes objetivos para a terapia: 1) Fazer com que a mãe desse mais atenção, carinho, etc. à filha; 2) Mudar esquema de reforçamento da mãe diante dos Ataques de Pânico de Clara e do pai; e 3) Através disso, extinguir os Ataques de Pânico de Clara. Na oitava sessão de psicoterapia os ataques já haviam se extinguido, ou seja, os objetivos foram atingidos e a análise funcional estava correta. Ainda precisaria de mais tempo de terapia para a generalização dos comportamentos adequados adquiridos, e havia outras queixas para serem trabalhadas, mas a mãe abandonou a terapia. Entretanto, a terapeuta mantém contato com a criança, e os Ataques de Pânico nunca mais aconteceram.

Comunicação Oral: "Análise do Comportamento na Equoterapia"

Nancy Kazumi Ishikawa - Centro de Equoterapia - EquoLivre, João Juliani - Centro Universitário Filadélfia – UniFil

Os analistas do comportamento têm expandido seu trabalho para diferentes campos de atuação. Nas últimas décadas, vem se destacando o envolvimento deste profissional junto a equipes multidisciplinares em especial, a equipe de Equoterapia. O objetivo da pesquisa relatada aqui foi o de avaliar a intervenção do psicólogo em uma equipe multiprofissional (Psicólogo, Fisioterapeuta e Fonoaudiólogo) no processo equoterápico. Foi submetida ao atendimento uma criança com cinco anos de idade, do sexo feminino e com diagnóstico médico de "Encefalopatia Crônica Sequêlar por Anóxia" (comumente chamada de Paralisia Cerebral - PC). O atendimento foi realizado em um centro de Equoterapia durante 10 meses, com sessões semanais. A criança apresentava dificuldades motoras, na fala e visual, eram comuns comportamentos de enrijecimento físico, verbalização da palavra "não", em situações em que se sentia ameaçada. Na presença do cavalo, inicialmente desviava o olhar, entre outros comportamentos rotulados de "resistência" ao tratamento. Foi feita uma análise funcional dos comportamentos apresentados pela criança e posteriormente empregadas técnicas comportamentais para alterar a relação destes comportamentos com o cavalo (técnicas envolvendo comportamentos reflexos e operantes). O procedimento de dessensibilização sistemática foi empregado para reduzir a intensidade das respostas reflexas. O cavalo possivelmente, também, funcionava como estímulo discriminativo que ocasionava respostas de esquiva. Para alterar este controle discriminativo, foram condicionadas, com a apresentação de reforçadores positivos (sociais, elogios, etc.), respostas de aproximação do animal. Após estes procedimentos, observou-se alteração no repertório comportamental da criança. Esta passou a apresentar comportamentos de aproximar-se do animal com expressões de alegria (risos). Além da melhora nos aspectos emocionais apresentados, foram observados também avanços substanciais no equilíbrio estático e dinâmico, no controle da saliva e no relacionamento social. Considerando os avanços obtidos por esta criança ao longo do tratamento, pode-se afirmar que a equoterapia constitui-se em um importante campo para a atuação do psicólogo com orientação analítico comportamental.

Comunicação Oral: "O Ensino da Análise de Contingências como Prática Cultural para Terapeutas Analítico-Comportamentais em Clínica-Escola"

Ana Lúcia Ulian - Universidade Federal da Bahia

O terapeuta analítico-comportamental é aquele que promove condições para que a análise de contingências do seu cliente seja feita por ele e pelo próprio cliente. Embora o espaço de atuação social do terapeuta seja bastante delimitado (geralmente uma díade) é o local para ensinar o cliente a identificar suas ações e os contextos em que elas ocorrem e levá-lo a planejar contingências de reforço, tomando decisões que melhorem sua qualidade de vida. Este não é só um objetivo terapêutico, mas também um ideal ético. Formas de ações efetivas para concretização desse ideal devem ser desenvolvidas. Ensinar a fazer análise de contingências é uma prática cultural que pode ser aprendida

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

como qualquer outra: por modelação e por modelagem. Assim, usando tais procedimentos e com a preocupação de promover um comportamento ético do estagiário foi desenvolvido um programa de ensino de análise de contingências, baseado na literatura, o que deu condições para que fossem feitas observações diretas de 64 sessões de atendimento clínico realizadas por oito estagiários, o que possibilitou identificar treze categorias de falas do terapeuta que indicam uma forma sistemática de ensinar a fazer análise de contingências.

Mesa Redonda: “Pais e Filhos: relações delicadas”

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber - UFPR, Josafá Moreira da Cunha - UFPR, Ana Paula Viezzer Salvador – UFPR

Coordenador: Lidia Natalia Dobrianskyj Weber - UFPR

Educar os filhos tem sido tarefa crucial para a humanidade. Discute-se há milênios a melhor forma de fazer esta tarefa. Esta mesa-redonda discutirá a influência das práticas educativas parentais sobre o desenvolvimento dos filhos, especialmente de adolescentes. Durante as últimas décadas têm sido extensas as pesquisas que examinam cuidadosamente as relações entre pais e filhos. Os objetivos têm sido descrever, categorizar comportamentos e compreender funcionalmente quais comportamentos parentais estão associados com padrões comportamentais durante o desenvolvimento dos filhos. A tarefa de criar e tornar os filhos independentes engloba uma série de tarefas associadas a contingências coercitivas, entre elas, o controle e a culpa. Pesquisas recentes revelam correlações importantes a respeito de comportamentos dos pais e comportamentos (abertos e encobertos) os filhos. Serão apresentadas pesquisas sobre relacionamento as práticas de criação com bullying escolar, depressão, desempenho escolar e os dados serão discutidos à luz da análise do comportamento.

Mesa Redonda: “Supervisão Pública de Casos Clínicos (1)”

Vera Regina Lignelli Otero - Clínica ORTEC – PSICOLOG, Yara K. Ingberman - IEPAC - FEPAR - Universidade Positivo, Francisca Medeiros Vasconcelos – IPAC

Coordenador: Vera Regina Lignelli Otero - Clínica ORTEC – PSICOLOG

No encontro da ABPMC de 2007 realizou-se uma supervisão pública de alguns casos clínicos avaliados como bastante produtiva pelos apresentadores, supervisores e demais participantes. Por tratar-se de uma sessão pública a supervisão foi bastante enriquecida com as contribuições teóricas e práticas de todos os presentes. Para dar continuidade àquela atividade propomos, em virtude do tempo necessário para a realização, duas Mesas Redondas com os seguintes objetivos: Mesa Redonda I: Relato do atendimento de casos clínicos que foram apresentados na supervisão pública de 2007, com ênfase na avaliação dos procedimentos sugeridos na ocasião da supervisão que deverá ter continuidade na presente mesa redonda.

Simpósio: “Aplicações do Paradigma de Equivalência de Estímulos no Ensino de Operantes Verbais”

Nassim Elias - UFSCar, Antonio Goyos - UFSCar, Daniela Ribeiro - UFSCar, Rebeca Cavaletti – UFSCar

Coordenador: Nassim Elias – UFSCar

Debatedor: Verônica Bender Haydu – UEL

O comportamento verbal, proposto por Skinner, é definido como um tipo específico de comportamento operante que atua sobre o meio ambiente através da mediação de outros indivíduos especificamente ensinados pela comunidade verbal para fornecer conseqüências. Essas conseqüências e os estímulos que antecedem o comportamento são importantes no controle do comportamento verbal por fazerem parte da relação de tríplice contingência que implica, na presença de um dado estímulo, um dado comportamento é seguido por uma dada conseqüência. Skinner identificou sete tipos de relações funcionais entre variáveis controladoras e comportamentos verbais, os operantes verbais, que são classes de comportamentos que diferem entre si por terem variáveis determinantes específicas, referentes ao contexto ambiental, tanto antecedente quanto conseqüente e constituem as unidades funcionais comportamentais mínimas. Os sete operantes verbais primários são: mando, tato, intraverbal, textual, ecóico, cópia e ditado. Considerando os operantes verbais como unidades de análise, o ensino de cada um dos operantes deve ocorrer separadamente, constituindo a base para a construção de um repertório de linguagem mais avançado. Pesquisas que investiguem a aquisição dos operantes verbais são fundamentais para o desenvolvimento e a implementação de intervenções eficientes no comportamento verbal de crianças e de deficientes mentais. Uma estratégia promissora no ensino dos operantes verbais poderia incorporar os elementos da análise do comportamento verbal de Skinner (1957) e os conceitos do paradigma de equivalência de estímulos.

Apresentação 1:

Esse estudo faz parte de uma série de estudos que pretendiam investigar se, a partir do ensino da seleção de uma figura ou palavra impressa na presença do sinal correspondente, em tarefas de escolha de acordo com o modelo (MTS), haveria a emergência da sinalização expressiva na presença de uma dada figura ou palavra impressa para participantes com surdez e deficiência mental. Os resultados dos estudos anteriores indicaram a emergência da sinalização expressiva na presença de figuras e de palavras impressas a partir do ensino através de tarefas de MTS. Entretanto, notou-se que os participantes emitiram mais sinais corretos na presença das figuras que na presença das palavras impressas. Considerando que, nos estudos anteriores, nenhuma tentativa de sinalização na presença de figuras ou de palavras impressas havia sido reforçada, o objetivo do presente estudo foi investigar se a introdução de conseqüências para tentativas de sinalização na presença das figuras influenciaria o desempenho na sinalização na presença das palavras impressas. Foram ensinadas as relações entre sinais e palavras impressas e entre sinais e figuras através de tarefas de MTS e as respostas de sinalizar na presença das figuras e foi verificada a emergência da sinalização na presença das palavras impressas para dois adolescentes com surdez e deficiência mental. De maneira geral, foi observada a emergência da sinalização expressiva na presença de palavras impressas a partir do ensino proposto.

Apresentação 2:

As condições sob as quais novos comportamentos ocorrem não estão claramente identificadas pelas pesquisas na área de comportamento verbal. O presente estudo teve por objetivo ensinar sinais de tato baseado na seleção para dois jovens com deficiência mental associada ao atraso de linguagem e verificar a emergência do tato e do mando baseados na topografia. Os estímulos experimentais foram agrupados em três conjuntos, A, B e C, sendo que cada conjunto foi composto por seis estímulos. O conjunto A consistiu em sinais da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), apresentados através de vídeo como modelo. O conjunto B consistiu nas figuras correspondentes aos sinais e o conjunto C nos objetos correspondentes às figuras do conjunto B. Primeiramente, os objetos do conjunto C foram apresentados em pares, cofre e chave, garrafa e abridor e caixa e canudo. Na presença de cada par, o participante era instruído a utilizar os objetos para obter o conteúdo. Em seguida, foi ensinado o tato baseado na seleção (relações AB), através de tarefas de escolha de acordo com o modelo. Após alcance de critério nessa condição, foi testada a emergência do tato baseado na topografia (relações BA') e a generalização dos sinais para objetos (relações CA'), sendo A' o conjunto de sinais da LIBRAS correspondentes ao conjunto A, executados pelo participante. Finalmente, foi introduzido o teste de emergência do mando, no qual foi apresentado um objeto de cada par do conjunto C, contendo um item de preferência. Os dois participantes aprenderam rapidamente as relações entre sinais da LIBRAS e figuras. Eles também mostraram a emergência de, pelo menos, três sinais de tato baseado na topografia e a generalização desses sinais para objetos. No teste para verificar a emergência dos sinais de mando, os dois participantes mostraram resultados positivos para dois objetos. Os resultados sugerem que a aquisição de sinais de tato baseado na seleção, através de discriminações condicionais, pode facilitar a emissão de sinais de tato e de mando baseados na topografia. Desta forma, esses resultados, em si mesmo, evidenciam a possibilidade de economia de ensino e mostram o potencial do procedimento para ser utilizado em programas de ensino de LIBRAS para deficientes mentais com atraso de linguagem. Apoio: Capes, CNPq.

Palestra: “A Moral e Emoções Compartilham de Decisões Clínicas?”

Rachel Rodrigues Kerbauy – USP

Analisando seu trabalho, o terapeuta se depara com casos antigos e novos que apresentaram desafios peculiares. Estão inseridos em uma área de conflito entre os princípios científicos aprendidos e os valores pessoais ou da cultura. A ciência, nesses casos, não é suficiente para auxiliar na resolução de problemas conflitantes que tem repercussões na vida da pessoa e seus familiares. As emoções provocadas esbarram: no cliente, no terapeuta, na condução do caso, na teoria, na possibilidade de prognóstico a longo prazo e na moral, ou seja, nos valores. Além da experiência pessoal do autor, quatro terapeutas foram entrevistados. Solicitou-se relatos de suas decisões em casos específicos e embasamento teórico, valores discutidos na sessão e como foram pontuados, bem como, se conheciam a vida dos clientes a longo prazo, pós terapia. Esperava-se conhecer o sistema ético e a repercussão dessas discussões no comportamento do ex cliente e seus familiares e se existente, a reincidência dos problemas ou aparecimento de outros funcionalmente equivalentes. Examinamos esses relatos, parte dos dados deste estudo, e destacamos o diálogo, a volta a terapia em casos de indícios de reincidência,

o conhecimento de padrões para decisões, e a dificuldade em manter o conceito de que é reforçador o que é bom para a sobrevivência da cultura. Foi possível também identificar maneiras brasileiras de resolver problemas que precisam ser salientadas como estímulos discriminativos, e portanto antecipadamente previstos e considerados. Como valores discutidos alteram a colocação do conflito e as decisões do terapeuta e clientes, a mudança de comportamento pode tornar-se um problema com novas dimensões por destacar a ética.

Palestra: “Construindo e Reconstruindo uma Relação a Dois: habilidades pessoais do casal”

Nione Torres – IACEP

Este tema tem como objetivo demonstrar que, numa relação a dois faz-se necessário a aprendizagem e exercício diário de habilidades específicas, tais como empatia, assertividade, flexibilidade, dar suporte ao outro, aceitação da imperfeição e disponibilidade interna, até porque todo relacionamento precisa se adaptar a ciclos, tempos e contextos, e, em cada fase existirão, naturalmente, conflitos e o desencadeamento constante desses mal-entendidos poderão gerar mágoas, ressentimentos, e frustrações exacerbadas, às quais, a médio e longo prazo, levarão a um desgaste na relação. Por outro lado, a aprendizagem das chamadas habilidades pessoais poderá levar o casal a transformar o vínculo amoroso numa construção diária. Nesse sentido, o lidar com expectativas realísticas, por exemplo, poderá ser uma forma de flexibilizar e enriquecer a relação. Na terapia de casal, implementa-se exercícios vivenciais que ao serem realizados no contexto clínico, auxiliarão o casal na aprendizagem dessas habilidades, e eles poderão observar, que ao praticá-las terão ganhos dessa construção, tais como a manutenção de vínculo com mais serenidade, tolerância e afeto.

Simpósio: “A Utilização de Software Educativo para Avaliação e Ensino de Leitura”

Lílian Machado - UFSC, José Gonçalves Medeiros - UFSC, Rosana Valinas Llausas - PUC-SP
Melânia Moroz - PUC-SP

Coordenador: José Gonçalves Medeiros – UFSC

Debatedor: Rosana Valinas Llausas - PUC-SP

A Análise do Comportamento tem obtido progressos consideráveis em relação ao ensino de repertórios acadêmicos, principalmente através da aplicação de procedimentos e métodos de ensino baseados na aplicação dos procedimentos baseados no paradigma da equivalência de estímulos, realizados por meio de ensino informatizado. Os trabalhos relatam possibilidades de aquisição de repertórios acadêmicos, argumentando que o ensino destes deve ocorrer através de métodos de ensino sistematizados e apropriados, que contribuam para a prevenção do fracasso escolar, para o auxílio a alunos que apresentem baixo desempenho acadêmico, bem como para o ensino que garanta um repertório comportamental compatível com as exigências da comunidade. Tais procedimentos poderiam favorecer o desenvolvimento e extensão de programas de ensino de repertórios acadêmicos a diversas

populações, como pessoas com dificuldades de aprendizagem e deficiência mental, cumprindo o papel de uma ciência do comportamento comprometida com a transformação social.

Apresentação 1:

Há pouco conhecimento produzido sobre o ensino de discriminações condicionais para a formação de equivalência e aquisição de leitura de palavras em situações coletivas. Uma das características importante do ensino nessa condição são as interações ocorridas entre os aprendizes durante o processo de ensino. A presença de outros organismos aprendendo pode ter efeito importante no desempenho das tarefas propostas em um programa de ensino e, por conseqüência, na aprendizagem (e generalização). O estudo apresentado teve por objetivo descrever as características dos comportamentos de crianças ao realizarem, em situação coletiva, a tarefa de selecionar cartões a partir de palavra falada pelo experimentador e compor com sílabas palavras impressas e os nomes das figuras correspondentes. Essas tarefas foram propostas em um programa para o ensino de discriminações condicionais de palavra e formação de equivalência entre estímulos. Participaram do estudo 11 crianças com idades entre 5 e 6 anos. A elas foram ensinadas, em situação de grupo, a) relações entre palavra falada e palavra impressa, b) relações entre palavra impressa e composição de palavras com sílabas e c) relações entre figura e o nome das figuras, também em tarefa de composição. Os materiais de ensino foram cartões de palavras impressas, figuras e sílabas. As sessões de ensino do programa foram filmadas e, a partir da observação do vídeo, os comportamentos dos participantes foram categorizados. Ao denominar essas categorias, considerou-se as características específicas das situações que antecederam as respostas de selecionar cartões ou compor com sílabas, a topografia das respostas apresentadas pelos participantes e as conseqüências resultantes das respostas. Algumas das categorias descritas são: selecionar cartões, compor palavras com sílabas, alterar ou conferir sua resposta tendo como modelo resposta apresentada pelo colega; fazer tarefa pelo outro quando esse responde incorretamente ou não responde; auxiliar colega, indicando a resposta correta ou completar tarefa iniciada pelo colega; conseqüenciar o responder de colega, dizendo que a resposta está incorreta, responder pelo outro correta ou incorretamente, indicando a resposta correta; solicitar feedback/avaliação (receber feedback/avaliação oral de colega, não receber resposta, ter sua tarefa refeita por colega). O trabalho de definir e categorizar serão ampliados enfocando outras categorias, como tarefa de um colega realizada por outro, assim como o comportamento daquele que realiza a tarefa, auxilia ou conseqüência a resposta do colega. Por fim, será avaliada a natureza das variáveis que resultam dessas interações sobre a efetividade do procedimento de discriminação condicional em produzir leitura e escrita com compreensão.

Apresentação 2:

Reduzir o analfabetismo continua sendo um desafio que exige constantes estudos e investimentos. Estudos fundamentados no paradigma da equivalência de estímulos (Sidman, 1984) vêm se destacando por permitir propostas promissoras em diferentes áreas, inclusive no ensino da leitura e escrita, quer seja pela alta probabilidade de aprendizagem sem erro, quer seja pela economia de tempo que

proporciona. Parte dos estudos realizados em nosso país utiliza o software Mestre ® (Goyos & Almeida, 1996) como recurso na programação do ensino. Considerando que a avaliação do repertório prévio do aluno é condição necessária para o planejamento das propostas de ensino, o presente estudo teve por objetivo identificar o repertório de leitura de alunos de EJA. Para tanto, utilizou-se o Instrumento de Avaliação de Leitura - Repertório Inicial (Moroz & Rubano, 2006). O IAL-I , apoiando-se nas relações entre as diferentes modalidades de estímulos (som – texto – figura), permite identificar: o conhecimento que os alunos possuem das letras do alfabeto; a leitura e compreensão de palavras compostas por sílabas simples e complexas; a leitura e compreensão de textos (carta e anúncio); a reprodução de palavras (cópia) e a construção de palavras ditadas (ditado). Participaram 10 alunos do curso de E.J.A. Foi aplicado o IAL-I, usando-se o software Mestre®, em sessão individual, com duração de 40 minutos aproximadamente, ocorrida em um laboratório de informática. Os resultados indicaram quais as relações entre as diferentes modalidades de estímulos que os alunos não dominavam, bem como em que tipo de complexidades, presentes em palavras da língua portuguesa, as dificuldades na leitura e construção de palavras se revelavam. A identificação do repertório prévio permite direcionar o planejamento do ensino pelo professor, que pode propor atividades que facilitem a aprendizagem e possibilitem que sejam superadas as dificuldades de cada aluno.

Mesa Redonda: “TCR: Procedimentos para Colocar Clientes Psiquiátricos sob Controle de Contingências de Reforçamento que Alteram seus Déficits Comportamentais”

Laiz Helena de Souza Ferreira - Clínica Particular/ITCR-Campinas, Lilian Daltro Michelin - Clínica Particular/ITCR-Campinas, Camila de Almeida Manrich - ITCR-Campinas

Coordenador: Laiz Helena de Souza Ferreira - Clínica Particular/ITCR-Campinas

Apresentação 1:

Guilhardi, 2004, denominou de Terapia por Contingências de Reforçamento seu modelo de trabalho em clínica, em substituição à Terapia Comportamental, por ser este um termo muito mais descritivo do envolvimento conceitual, experimental e aplicado dos terapeutas, justamente, para explicitar o comprometimento essencial de sua proposta com os pressupostos do Behaviorismo Radical de Skinner e da Ciência do Comportamento. Isto determina dentre outros aspectos, uma forma específica de definir tanto o papel do terapeuta no processo e os procedimentos que ele utiliza, quanto uma concepção distinta do que é denominado em medicina como “Transtornos Psiquiátricos”. Também, implica que o processo envolve a aplicação de técnicas comportamentais específicas utilizadas com o objetivo de alterar exemplos particulares de comportamentos da queixa apresentada pelo cliente, mas principalmente, não se limita a ela, ou seja, um procedimento descrito, não poderá ser tomado como uma maneira de lidar com uma queixa. Para a Análise do Comportamento tanto um comportamento dito “patológico”, quanto o dito “normal”, são igualmente objeto de investigação e de intervenção, por serem sujeitos às mesmas leis. Não adotamos esta diferenciação, portanto, para o analista do comportamento não importa o diagnóstico médico, mas isto não representa uma oposição à intervenção médica ou tratamento medicamentoso, pois estes procedimentos não são de nossa área e de nossa

competência, devendo ser considerados por nós, simplesmente, como mais uma contingência na vida daquela pessoa específica, que é o nosso cliente. O behaviorista radical lida com explicações funcionais do comportamento, portanto, seu enfoque é a experiência de um sujeito em particular, por isso é importante a coleta de dados ao longo do tempo, informações repetidas de um mesmo evento, usando-se como linha de base sua história passada, para se realizar uma análise histórica e contextual.. Para certas variáveis, no entanto, em determinados contextos, é possível descrever funções semelhantes para diferentes indivíduos, pois “os indivíduos da mesma espécie partilham de um mesmo conjunto de contingências filogenéticas, e indivíduos com histórias passadas semelhantes podem estar partilhando de contingências ontogenéticas semelhantes, pois, como membros de uma mesma comunidade partilham das mesmas contingências culturais” (Matos,1995,p.33). Em nossa cultura o uso de procedimentos coercitivos para o controle dos indivíduos é uma contingência que todos nós partilhamos, em menor ou maior escala. Estudos demonstram o quanto a coerção e seus efeitos colaterais podem produzir restrições severas no repertório geral dos indivíduos, como também estados corporais extremamente aversivos, responsáveis pelo encaminhamento de pessoas para tratamento psicoterapêutico e/ ou psiquiátrico. Para o analista do comportamento, não são os ditos “Transtornos Psiquiátricos” que causam as reduções na frequência dos operantes, nem os respondentes, que passam a exercer maior controle sobre as pessoas, sendo referidos como sintomas. São as contingências de reforçamento em que houve redução importante na quantidade e qualidade dos reforçadores positivos ou, aumento exagerado na razão de respostas por reforço ou, indução de controle coercitivo, que determinam estas condições numa pessoa. Identificar e descrever as relações funcionais entre comportamentos e variáveis ambientais, das quais o comportamento de nossos clientes é função é o objetivo do processo terapêutico, assim como, capacitá-los a alterar estas relações, na direção mais apropriada para melhoria de sua qualidade de vida.

Apresentação 2:

Fundamentada nos princípios do Behaviorismo Radical de Skinner e nos conhecimentos da Análise Aplicada do Comportamento, a Terapia por Contingências de Reforçamento (Guilhardi, 2004) é uma proposta de atendimento clínico que objetiva, através da identificação e manejo das contingências de reforçamento em operação na vida do cliente, produzir alterações nos seus comportamentos e sentimentos, a fim de promover melhorias em sua qualidade de vida e alívio de seu sofrimento. O presente estudo de caso descreve os procedimentos da TCR no atendimento de um cliente com diagnóstico de depressão submetido a tratamento medicamentoso, há dez anos, sem apresentar resultados. O cliente foi encaminhado à psicoterapia por sua médica psiquiatra, como último recurso antes da utilização da ECT (eletroconvulsoterapia). Ele apresentava sintomas emocionais, cognitivos e motivacionais, descritos por Seligman (1977) como Desamparo Aprendido: fortes estados corporais aversivos e muito sofrimento; comprometimentos em seu raciocínio e linguagem, dificuldades em responder aos estímulos mais evidentes do seu dia a dia; e insensibilidade a quaisquer estímulos reforçadores positivos de sua vida, embora reconhecesse que estes existissem. Encontrava-se afastado de suas atividades profissionais há dois anos, não realizava mais quaisquer atividades de lazer ou interação social e, recorrentemente, apresentava ideação suicida. A partir das intervenções, o cliente,

após nove meses de processo, apresentou resultados significativos: extinção das respostas de ideação suicida, relatos de sentimentos descritos como esperança e felicidade, e desenvolvimento de repertórios de comportamentos operantes, como voltar a trabalhar, interagir socialmente, e participar da resolução de problemas familiares.

Apresentação 3:

Conforme Guilhardi e Martins (2006), como uma herança histórica e cultural, a punição é utilizada em nossa sociedade, ainda hoje, como procedimento para controlar ou suprimir comportamentos indesejáveis dos indivíduos. Muitos autores, mesmo de outras abordagens, focalizam a coerção e suas implicações na história de vida dos indivíduos como fatores determinantes para o encaminhamento de pessoas para tratamento clínico e, ou, psiquiátrico. Este trabalho apresenta um estudo de caso conduzido de acordo com os pressupostos da Terapia por Contingências de Reforçamento–TCR (Guilhardi,2004), que se baseiam no Behaviorismo Radical de Skinner e na Ciência do Comportamento. O cliente, 51anos, foi encaminhado à psicoterapia com queixa de perdas significativas em seu repertório de comportamentos de independência e autonomia, já tendo sido diagnosticado por profissionais da área médica como portador de “Síndrome do Pânico e Agorofobia”, há vinte anos. Ele apresentava inúmeros estados corporais descritos na literatura como sintomas físicos, relatava ter sentimentos denominados como ansiedade e, uma história de contingências coercitivas severas, com implicações que afetaram todas as áreas de sua vida: afetiva, sexual, conjugal e profissional, de tal ordem que ele manteve-se dependente de seus pais, até sua vida adulta. A partir das intervenções realizadas, após nove meses de processo, o cliente apresentou resultados significativos: extinção de respostas de supervalorização dos eventos internos e desenvolvimento de repertórios de comportamentos operantes mais adequados para conquista de reforçadores positivos e, esquiva de aversivos, como voltar a trabalhar, interagir socialmente, tendo conseguido até engajar-se num relacionamento amoroso e sexual de compromisso com uma pessoa.

Palestra: “Antropologia Comportamental”

Christian Vichi - UFPA / Universidade Federal do Vale do São Francisco

A partir de uma perspectiva analítico-comportamental as ações humanas não são vistas como coisas, mas sim como relações entre um organismo e seu ambiente; no caso do comportamento humano, especificamente, uma parte significativa deste ambiente é composto por outras pessoas, formando os chamados “ambientes sociais”. Embora o comportamento social não seja específico dos seres humanos, assume nestes organismos características chamadas de culturais e que os distinguiriam dos demais. Tais características só são possíveis de serem entendidas as luz da compreensão dos comportamentos verbais envolvidos e que constituem o cerne das próprias práticas culturais nos diversos grupos humanos. Tradicionalmente o estudo das culturas tem sido campo da ciência chamada antropologia, entretanto, tal ciência com sua ênfase fundamentalmente estruturalista tem tido dificuldades em dialogar com a análise do comportamento; algumas possibilidades promissoras de diálogo residem em

propostas como o materialismo cultural e a antropologia comportamental. Desde a primeira metade do Séc. XX Skinner tem sugerido as possibilidades de a análise do comportamento interpretar e intervir em prol da sobrevivência da cultura e sua proposta de “seleção por conseqüências” abre as portas para o desenvolvimento do que poderia ser considerada uma “ciência da cultura”, cujos passos iniciais podem estar sendo dados, principalmente com o desenvolvimento dos conceitos de metacontingência, macrocontingência e macrocomportamento. Tal ciência da cultura pretende “dar conta” dos fenômenos sociais, em seu terceiro nível de variação e seleção, empregando os pressupostos analítico-comportamentais e adotando como filosofia da ciência o behaviorismo radical. Dentro da análise do comportamento tal proposta tem sido referida como “questões sociais”, sugere-se que o termo antropologia comportamental possa ser uma terminologia melhor e facilitar o diálogo com as demais ciências sociais.

Palestra: “Contribuições da Economia Comportamental à Análise do Comportamento do Consumidor”

Cristiano Coelho – UCG

A Economia Comportamental é uma área de interface que incorpora termos da Economia, notadamente da Microeconomia, para lidar com aspectos do comportamento individual e, ao mesmo tempo, se utiliza de descrições comportamentais para compreender aspectos tradicionalmente tratados pela Economia. Sua justificativa baseia-se na concepção de que ao nos comportarmos estamos “realizando trocas” entre respostas disponíveis e suas conseqüências analogamente a um indivíduo que “troca” seu dinheiro por um determinado produto. A compreensão do comportamento do consumidor é enriquecida pela Economia Comportamental ao considerar efeitos diferentes de sistema econômico, demanda e o grau de substituição/complementariedade de reforçadores sobre o consumo. A partir dessas considerações o presente trabalho visa apresentar como esses conceitos podem subsidiar a compreensão dos efeitos de diferentes contextos, da taxa de privação e da interação dos reforçadores sobre o comportamento do consumidor.

Mesa Redonda: “Certezas e Dúvidas do Terapeuta sobre os Resultados com o Cliente : implicações de suas objeções”

Sônia Regina Fiorim Eunumo - UFES/CNPq, Maria José Carli Gomes - USP/UNIP, Cristiana Tieppo Scala - USP/UniFIEO

Coordenador: Rachel Rodrigues Kerbauy – USP

Investir nos comportamentos do cliente, relatados na sessão ou nela observados, implica em certezas e algumas vezes em dúvidas. O relato e a observação dos comportamentos não verbais dão pistas para investigações ,mas também implicam em cuidados para que o trabalho iniciado seja produtivo. A identificação das objeções que os clientes fazem às propostas ou reflexões do terapeuta ao analisar suas ações , facilitam ou dificultam esse processo terapêutico .São também objeto de investigação do terapeuta que avalia continuamente seu trabalho.Parece existir argumentos do cliente que dificultam seu desempenho e que argumentos ou ações do terapeuta produzem poucos resultados em momentos

específicos. Talvez faltem razões suficientes, material coletado que permita uma leitura de impacto ou então, maneiras de com pequenos registros exemplificar claramente o que acontece na situação ou interações. Falamos aqui de clínica praticada e não de trabalho científico. Do conhecimento adquirido que mostra como o comportamento humano apresenta surpresas e refina procedimentos. Três participantes desta mesa discutirão esses problemas de acordo com os resultados que obtém. Maria José Carli Gomes com pais e adolescentes e as informações que deram sobre mudanças observadas no ambiente em que o cliente vive. Sonia Regina Fiorim Enumo trabalhando com famílias de crianças com problemas de desenvolvimento mostrará as variáveis que observa e as dificuldades de participação ativa das famílias durante a intervenção e avaliação das crianças. Rachel Rodrigues Kerbauy apresentará as objeções a programas de autocontrole especialmente quanto a registro e dificuldade de manutenção dos objetivos pretendidos a longo prazo.

Apresentação 1:

A adesão no contexto de pesquisa com crianças com problemas de desenvolvimento A preocupação com a família da criança com problemas de desenvolvimento remonta a Séguin, em 1886, quando o portador de deficiência passou ser considerado “educável”, contrapondo-se à visão tradicional organicista, que o considerava como tendo uma “doença incurável”, recebendo um atendimento mínimo, para sobrevivência. A intervenção deveria, contudo, ir além do atendimento das necessidades educativas e emocionais da criança, abrangendo toda a família, ajudando-os na adaptação aos papéis de pai, mãe e irmãos dessa criança com problemas. Foram desenvolvidas, assim, propostas de intervenção junto à família, mais tipicamente relacionadas ao atendimento clínico, como o aconselhamento parental, com estudos sobre os efeitos da deficiência sobre os membros da família, quanto à integração marital, relacionamento mãe-criança, influências sobre irmãos, as formas de rejeição ao problema, época e modo de dar o diagnóstico, entre outros. Complementando esse enfoque nos aspectos emocionais e afetivos da família, surgiu, com a Análise do Comportamento, outra proposta de cunho mais educacional - o treinamento de pais e paraprofissionais. Esta intervenção se apóia no “modelo triádico” de atendimento, realizado inclusive na casa do cliente. Nessa abordagem comportamental da deficiência, os membros da família funcionam como mediadores entre o profissional e o cliente, com grandes vantagens. Contudo, há algumas variáveis que influenciam positiva ou negativamente os resultados desse trabalho: (a) a situação de vida do cliente e os fatores demográficos, nível sócio-econômico; isolamento de sistemas sociais de apoio, nível educacional, ausência de um dos cônjuges, a incompatibilidade de valores entre clientes e terapeutas por diferenças raciais e culturais; (b) o comportamento prévio do cliente – procrastinação, desculpas e história prévia de desmarcar consultas e complementação das tarefas de casa; (c) conhecimento, atitudes e crenças - pressupostos dos pais sobre mudanças no comportamento da criança, o senso de auto-eficácia e a confiança nos profissionais; (d) padrões comportamentais relacionados ao grau de autocontrole e controle da situação, nível de energia, stress e de irritabilidade em resposta ao problema da criança; (e) problemas psicológicos na família - depressão, psicose e problemas conjugais, entre outros. Assim, mesmo sendo uma proposta interessante, muitas são as dificuldades para a participação ativa e constante dos familiares nos programas de atendimento. Nesta apresentação, pretende-se descrever e analisar aspectos da avaliação

e intervenção com crianças com problemas de desenvolvimento e de comportamento, decorrentes de condições adversas no nascimento, e seus familiares, destacando aspectos que dificultam a coleta de dados em situação de pesquisa em Psicologia. Apoio: CNPq.

Apresentação 2:

Mudanças que o cliente relata na terapia são percebidas pelo ambiente? Produzir mudanças na relação do cliente com o ambiente faz parte do processo terapêutico bem sucedido. Na maioria das vezes, o terapeuta tem conhecimento das mudanças, através do relato verbal de seu cliente, quando expressa, por exemplo, maior satisfação com a vida e experimenta menos frustração em situações anteriormente evitadas. Ou até mesmo nos relatos verbais que especificam novos repertórios comportamentais sendo emitidos em diferentes contextos. Entretanto, qual o controle que o terapeuta tem sobre se essas mudanças realmente estão acontecendo? Há validação social dessas mudanças? Em alguns casos é mais fácil comprovar, como no atendimento ao pai de um adolescente, que confirma, pelo seu relato, a percepção das mudanças na mesma direção que seu filho. Com a preocupação de verificar se as mudanças relatadas e observadas pelo terapeuta também o são no meio em que o cliente vive, foram investigados familiares de oito clientes, que atenderam convite para comparecer a uma sessão para prestar informações. Serão analisadas as informações fornecidas pelos familiares e as mudanças observadas por eles serão comparadas àquelas relatadas pelos clientes.

Apresentação 3:

O trabalho em psicologia do esporte propõe programas que empregam diferentes técnicas para a melhora de desempenho. Nota-se porém, que alguns atletas, não percebem efeito ao utilizá-las. Fica a questão: as técnicas são de fato eficientes? A partir do relato dos atletas, no entanto, é possível verificar que o problema não está na eficiência da técnica, mas na maneira como está sendo empregada, na aceitação do paciente ao uso da técnica, na espera por resultados imediatos, quando na verdade implicações importantes só aparecerão à médio prazo. As contestações dos clientes são dados importantes que permitem ao psicólogo do esporte adaptar as técnicas em função das necessidades e habilidades de cada um. Adicionalmente é necessário treino e aprimoramento para utilização adequada.

Simpósio: “Pesquisa Histórica e Pesquisa Aplicada em Análise do Comportamento na Área de Educação no Brasil”

Maria Eliza Mazzilli Pereira - PUC-SP, Maria de Lourdes Bara Zanotto - PUC-SP, Jair Lopes Jr. - Unesp-Bauru

Coordenador: Maria Eliza Mazzilli Pereira - PUC-SP

Debatedor: Sergio Luna - PUC-SP

Morris, Todd, Midgley, Schneider e Johnson (1995) destacam algumas evidências de que a análise do comportamento se tornou um programa ativo de pesquisa básica em meados do século XX; de que, depois, estabeleceu-se como um programa ativo de pesquisa aplicada; de que na década de 1970, estudos dedicados à análise conceitual do comportamento atestavam a maturidade da disciplina; e de que, à medida que a disciplina continuou a crescer, surgiu a preocupação com a organização e o exame de informações históricas sobre suas práticas e produtos, e a emergência de historiografia relacionada ao desenvolvimento da disciplina. Iniciada no Brasil com a vinda de Fred Keller, na década de 1960, a análise do comportamento também se desenvolveu, desde então, em programas de pesquisa básica, aplicada, conceitual e histórica. Programas de investigação em diversas áreas e diversos centros se firmaram, produzindo conhecimento que tem contribuído para o desenvolvimento da disciplina entre nós. Um dos campos que tem se beneficiado dessas investigações é o da Educação, em que temos desenvolvido ampla produção. O objetivo do Simpósio é resgatar extratos da pesquisa desenvolvida em análise do comportamento na área da educação no Brasil. Esse resgate abrangerá pesquisas que buscaram recuperar partes da história da análise do comportamento em Educação e pesquisas cujo objetivo foi a investigação das possibilidades de aplicação do conhecimento básico à prática educacional.

Apresentação 1:

Segundo Coleman (1995), algumas razões para a historiografia (a escrita da história) de uma disciplina são: contribuir para a solução de problemas correntes, com base na análise de suas origens e desenvolvimento; favorecer a compreensão de “desvios de rota” e das possibilidades futuras para a disciplina; analisar a influência do contexto socio-político-econômico-cultural sobre o seu desenvolvimento e as características que assumiu em diferentes momentos; evitar a repetição dos erros cometidos. Estudos visando a escrita da história da análise do comportamento têm sido desenvolvidos com base em publicações, em teses e dissertações, em anais de encontros científicos, entre outras fontes. Exemplos desses estudos são os de Northup (1993) e Saville, (2002) e, em relação à análise do comportamento no Brasil, os de Guedes et al. (2005, 2006 e 2007) e César (2002). Outros desses estudos buscaram resgatar a história da análise do comportamento especificamente na área de educação, como os de Sulzer-Azaroff (1990), Fernandes e (2007) e Lee, Hamlin, Hildebrand, Carranza, Wannarka e Hua (2007). E, no que diz respeito à análise do comportamento em educação no Brasil, os estudos de Freitas (1987), Vermes (1998), Faria (2007) e Lacerda (2008). Pretende-se, neste simpósio, apresentar o panorama que estes últimos estudos permitem traçar sobre o desenvolvimento da análise do comportamento na área de educação no Brasil.

Apresentação 2:

Os programas de pesquisas que documentam a aplicação dos recursos conceituais e metodológicos da Análise do Comportamento na área da Educação sustentam, ao menos, três relevantes características. A primeira característica reside na constatação da variedade de temas contemplados nas diferentes subáreas da Educação. Como segunda característica, destaca-se o importante papel que a pesquisa

aplicada exerce como indutora de aproximações entre diferentes perspectivas na investigação de processos que definem o ensino e a aprendizagem no âmbito educacional. A terceira característica salienta os desafios que as investigações aplicadas impõem para as atividades de revisão dos recursos conceituais e metodológicos professados pelas outras modalidades de produção de conhecimento em Análise do Comportamento. Com o propósito de ilustrar a manifestação destas três características, pretende-se apresentar e discutir no simpósio um conjunto de dados derivados de investigações que objetivam verificar se repertórios que definem a execução de avaliações funcionais descritivas pelo professor poderiam favorecer o ensino e a aprendizagem de conteúdos curriculares no ensino fundamental. As estratégias de avaliação funcional comportamental constituem-se em instrumentos com finalidade diagnóstica que cumprem relevante papel na obtenção de dados para a fundamentação de procedimentos de intervenção em variados contextos. A literatura em Análise do Comportamento subdivide as estratégias de avaliação funcional em experimental e não-experimental (descritiva). Publicações sobre a utilização destas estratégias aponta resultados positivos obtidos com a utilização da modalidade experimental, como também, dificuldades na implementação bem sucedida da modalidade descritiva. Todavia, a característica definidora da modalidade experimental, a saber, a manipulação de eventos ambientais sob condições de estimulações controladas e restritas, mostra-se inviável em parcela significativa de contextos nos quais a utilização dos procedimentos de avaliação funcional se constituiria em pertinente instrumento diagnóstico, como em situações institucionais, no estudo de interações professor-aluno. No simpósio serão apresentados e discutidos dados derivados da exposição de professores aos registros em vídeo de suas próprias aulas, bem como de discussões planejadas entre o pesquisador e os professores para elaboração de avaliações funcionais descritivas sobre propriedades dos desempenhos dos alunos em interação com as condições de ensino e de avaliação dispostas pelos professores. A independência entre propriedades do relato dos professores e a atuação destes em sala de aula, após as interações com os pesquisadores, ilustram a necessidade de revisões conceituais e metodológicas quando o analista do comportamento investiga o ensino e a aprendizagem de conteúdos curriculares em domínios que exigem o diálogo com mediações teóricas distintas da linguagem operante.

Palestra: “Comportamento Cultural e Seleção”

Maria Amália Andery - PUC-SP

Palestra: “Considerações sobre as Dificuldades e Limitações no Tratamento da Complicação mais Comum do Transtorno de Pânico: a agorafobia”

Tito Paes de Barros Neto

O transtorno de pânico ocorre com frequência elevada na população. Por se tratar de um problema que causa limitações em diversas áreas da vida, a busca por tratamento é grande, e geralmente a resposta é boa. Entretanto, na maior parte dos pacientes que se tratam, permanece algum grau de esquiva fóbica - a agorafobia. Nestes casos a resposta ao tratamento medicamentoso é pobre e, muitas vezes, o paciente fica confinado em sua casa, deixando de lado sua vida profissional e relações sociais. O objetivo desta conferência é examinar algumas razões para a grande dificuldade que estes pacientes têm para se

submeter às técnicas de terapia cognitivo-comportamental usadas no tratamento da agorafobia, e discutir algumas alternativas terapêuticas.

Mesa Redonda: “Recursos Lúdico-Terapêuticos para Intervenção com Crianças”

Cynthia Borges de Moura - UEL, Maria Rita Zoéga Soares - UEL, Fabiana Gauy – USP

Coordenador: Cynthia Borges de Moura – UEL

O brincar é um comportamento típico da infância. Através do brinquedo e da brincadeira a criança revela como percebe seu ambiente e como interage com ele. O uso do brinquedo e do brincar não é algo novo na psicoterapia de crianças e no contexto educativo. Alguns novos recursos lúdicos, assim como a readequação de antigas estratégias, têm se mostrado importantes instrumentos no processo da terapia infantil, por se adaptar ao contexto e à linguagem da criança e por facilitar a ocorrência das mudanças esperadas. Este mesa redonda tem como objetivo apresentar alguns recursos lúdicos para uso na avaliação das dificuldades infantis, e na prevenção e/ou modificação dos problemas apresentados. Serão apresentadas atividades e jogos para sessões de psicoterapia infantil e histórias infantis para uso clínico e em contexto hospitalar, mostrando como tais estratégias podem fornecer dados para análise do problema e intervenção junto ao cliente infantil.

Apresentação 1:

Quando a psicoterapia tem início, uma dificuldade muito freqüente que o terapeuta encontra, é que a criança muitas vezes não consegue relatar os eventos aversivos ou reforçadores de seu ambiente. Uma ocorrência muito comum é que a criança saiba, ou relatar apenas o que “gosta”, as coisas que acha “legais” e lhe são agradáveis, ou o contrário, apenas as coisas que “não gosta”, os eventos problemáticos ou desagradáveis. Nos dois casos, o terapeuta precisa ensinar seu pequeno cliente a discriminar o “outro lado”, o que o ajudará a selecionar as alternativas mais adequadas de comportamento que podem levar aos reforçadores selecionados ou a evitar os aversivos listados. Neste sentido, a atividade “Carteira de Identidade” pode ser proposta. Consiste em explicar à criança o que é uma carteira de identidade e confeccionar com ela uma carteira gigante. De um lado, coloca-se as informações de uma carteira de verdade, e do outro, separa-se duas partes para colar coisas (figuras/palavras) que gosta e não gosta. O terapeuta auxilia a criança a executar a atividade, porém deixa-a o mais livre possível para poder observar qual lado do cartaz ela preenche com mais figuras. Feito o diagnóstico, uma variação é o próprio terapeuta selecionar figuras e palavras e numa outra sessão propor que ela faça a seleção daquelas figuras nos dois lados do cartaz, completando-o. Esta atividade facilita a discussão com a criança sobre a importância de saber o que gosta e não gosta para poder aprender a solicitar aos outros que façam ou não façam coisas que a agradam ou aborrecem. É uma atividade que pode fazer parte de um processo de modelagem do comportamento de expressividade emocional e assertividade.

Apresentação 2:

A Psicologia Pediátrica é uma subárea da Psicologia da Saúde que integra o atendimento, o ensino e a pesquisa de questões relativas à saúde e de desenvolvimento de crianças e de seus familiares. Abrange as relações entre o bem-estar de crianças e de adolescentes, incluindo a avaliação e o tratamento de problemas comportamentais concomitantes à doença. A enfermidade infantil abrange diversos estressores, os quais, para a criança hospitalizada, encontram-se ainda mais intensificados. Nesse caso, a hospitalização geralmente determina certos padrões comportamentais que podem provocar problemas a curto, médio e longo prazo. A família também pode ser atingida pelo impacto e implicações da doença e do tratamento. Igualmente para os pais, a hospitalização pode ser uma experiência difícil porque podem se sentir inúteis, incertos e excluídos da discussão e da informação sobre a condição de seus filhos. O presente trabalho pretende apresentar o livro de histórias como uma estratégia de intervenção com crianças e pais no hospital. As atividades foram desenvolvidas em um hospital público da cidade de Londrina - PR. Participaram do projeto, duas estagiárias do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. Constatou-se que tal recurso possibilitou o desenvolvimento de habilidades, tanto em pais como em crianças, que auxiliaram no enfrentamento da doença e da hospitalização, reduzindo o medo e a ansiedade, contribuindo para uma melhor adaptação ao contexto hospitalar.

Apresentação 3:

O brincar é um comportamento inato que pode ser utilizado no processo psicoterápico por vários motivos. Entre eles cita-se que usar o brincar: (a) ajuda o terapeuta tanto a avaliar o repertório e o grau de desenvolvimento da criança, como a treinar habilidades específicas identificadas como deficitárias; e (b) aumenta a compreensão da criança no processo da terapia por usar um repertório natural da criança, tendo como consequência uma maior adesão ao tratamento. Aguillar e Del Valle (2005) citam que o brincar terapêutico pode ser abordado como um tipo de relação interpessoal, como jogo estruturado ou não estruturado ou como contos. Infelizmente quase não há no Brasil recursos como estes citados para uso terapêuticos. Este trabalho tem como objetivo apresentar dois jogos construídos para este fim: (a) o jogo "Conte para mim" tem como objetivo diminuir a resistência ou favorecer o rapport entre terapeutas e paciente. Contém 100 cartas com perguntas - como qual é sua fruta preferida?-, com tarefas - como pule como um sapo-, ou com comandos – como jogue de novo; e (b) o jogo "Tô por uma" tem como objetivo favorecer a discriminação entre respostas comportamentais, emocionais e fisiológicas. Estes jogos têm uso tanto no atendimento individual, como grupal.

Mesa Redonda: “Pesquisa em Clínica: uma análise dos sistemas de categorização para o estudo da interação terapêutica”

Thais Cristine Martins - Paradigma, Moema Galindo de Almeida Pinto - HC-Ipq GREA-FMUSP - HC-Ipq AMJO-FMUSP - HC-Ipq AMITI-FMUSP, Giovana Del Prette - USP/Paradigma

Coordenador: André Luís Jonas - Universidade Anhembi Morumbi

O estudo da interação verbal entre terapeuta e cliente há muito vem sendo estudado pela análise aplicada do comportamento, dado a sua natureza de reforçamento social, ou seja, a situação clínica proporciona um ambiente no qual as verbalizações de terapeuta e cliente atuam como antecedentes e conseqüentes para o comportamento verbal do outro. Segundo a literatura, a interação verbal, dentre outros eventos, entre o terapeuta e o cliente desenvolve-se através do manejo de comportamentos clinicamente relevantes que são importantes para a promoção de mudanças comportamentais de interesse clínico. Pesquisar e conhecer as variáveis que controlam o comportamento verbal na sessão permite uma melhor compreensão do processo terapêutico e possibilita analisar a relação entre o terapeuta e o cliente de maneira mais controlada e sistemática. Adicionalmente, possibilita ao terapeuta planejar a emissão de conseqüências adequadas às respostas do cliente, de forma que a terapia seja conduzida para além das técnicas voltadas para a modificação do comportamento do cliente. O presente trabalho pretende expor pesquisas recentes em clínica que utilizaram sistemas de categorização para o estudo da interação terapêutica.

Simpósio: “O Conceito de ‘ Behavioral Cusps ‘ e a Promoção do Desenvolvimento de Bebês por Pais e Cuidadores”

Naiara Minto de Sousa - UFSCar, Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil - UFSCar, Thais Porlan de Oliveira - UFSCar / UFMG

Coordenador: Maria Stella Coutinho de Alcantara Gil - UFSCar **Debatedor:** Aline Roberta Aceituno Costa – UFSCar

No campo do Desenvolvimento Infantil, desenvolvimento é geralmente descrito em termos de estruturas mentais, ao invés de comportamentos observáveis e ensináveis, e as estruturas são identificadas pelo seu aumento em complexidade, a exemplo das estruturas cognitivas identificadas por Piaget. Uma análise comportamental do desenvolvimento não pode deixar de considerar seu processo básico de análise: o comportamento modelado pelas conseqüências e o caráter idiossincrático, ontogenético de ambos. Considerando a importância das contingências na modificação do repertório comportamental dos indivíduos, Rosales-Ruiz e Baer (1997) propuseram o conceito de behavioral cusp (cunha comportamental): uma mudança comportamental que tem conseqüências para o organismo para além da própria mudança, resultando em modificações substanciais nas interações entre o organismo e seu ambiente. O que define uma “cunha comportamental” relaciona-se fundamentalmente à função que novas aquisições adquirem para o organismo ao expor o repertório individual a novos ambientes, especialmente novos reforçadores e punidores, novas contingências de manutenção ou de extinção de novas respostas, novos controles de estímulos. As cusps são analisadas pelos seus efeitos: sua importância para a expansão do repertório do indivíduo, podendo inclusive gerar novas cusps. Tendem a ser relativamente amplas como a imitação generalizada, ler, engatinhar, mas também podem incluir repertórios considerados simples e destacados, como abrir uma maçaneta, apertar um botão. A literatura mostra que algumas cusps, como aprender por exclusão, podem ser ensinadas, ou seja, contingências planejadas podem potencializar o papel de contingências naturais responsáveis pela aquisição do comportamento. Considerando os pais e cuidadores dos bebês como os

planejadores/mantenedores das contingências às quais as crianças são expostas, derivam-se a esses o papel de estimuladores do desenvolvimento dos pequenos, da expansão de seus repertórios comportamentais. O conceito de behavioral cusps pode ser útil no planejamento do ensino de novas habilidades, tanto no contexto natural de interação entre pais e filhos, como em contextos estruturados de cuidadores em instituições. Ao planejar um comportamento alvo de ensino, que expõe o indivíduo a novas contingências, aumenta-se exponencialmente o repertório individual sem necessidade de ensino direto de cada habilidade. Dada a utilidade do conceito de behavioral cusps para a análise e planejamento de contingências de aquisição de novos comportamentos e o papel fundamental de planejadores destas contingências de ensino, exercido por pais e cuidadores, o presente simpósio tem por objetivo elucidar o significado do conceito e suas aplicações no contexto do planejamento do ensino a bebês, da estimulação do desenvolvimento infantil baseado na análise comportamental deste processo.

Apresentação 1:

A visão tradicional do desenvolvimento humano remete à visão de estágios, ou seja, seqüências invariantes que explicariam a complexidade crescente do comportamento do indivíduo em função da idade. A visão mentalista do desenvolvimento infantil, através de explicações que remetem a estruturas mentais, como as estruturas cognitivas de Piaget, desconsideram o caráter comportamental e ontogenético do desenvolvimento, além de dificultar o planejamento do ensino. Esta apresentação visa elucidar o conceito de behavioral cusps e propor um enfoque do desenvolvimento infantil como um processo que pode ser favorecido e estimulado se analisado sob a perspectiva comportamental, principalmente no que tange à programação de ensino. Uma análise comportamental do desenvolvimento deve considerar seu processo básico de análise: o comportamento modelado pelas conseqüências. Ao ponderar a importância das contingências na modificação do repertório comportamental dos indivíduos, Rosales-Ruiz e Baer (1997) propuseram o conceito de behavioral cusp (cunha comportamental): uma mudança comportamental que tem conseqüências para o organismo para além da própria mudança, resultando em modificações nas interações entre o organismo e seu ambiente. O que define uma “cunha comportamental” relaciona-se fundamentalmente à função que novas aquisições adquirem para o organismo ao expor o repertório individual a novos ambientes, especialmente novos reforçadores e punidores, novas contingências, novas respostas, novos controles de estímulos e novas comunidades de contingências de manutenção ou de extinção. Assim como o reforçamento, cusps são analisadas pelos seus efeitos: sua importância para a expansão do repertório do indivíduo, podendo inclusive gerar novas cusps. Bosh e Fuqua (2001) propõem alguns critérios para a análise de mudanças comportamentais importantes: a) acesso a novos reforçadores, contingências e ambientes; b) validade social; c) potencial gerativo; d) competição com respostas inapropriadas; e) número e importância relativa das pessoas afetadas. De acordo com tais critérios, cusps tendem a ser relativamente amplas como a imitação generalizada, ler, engatinhar, mas também podem incluir repertórios considerados simples e destacados, como abrir uma maçaneta, apertar um botão, que podem também satisfazer os critérios anteriores de definição do conceito. As contribuições deste conceito para a área da Análise do Comportamento incluem o embasamento de uma visão mais complexa dos

processos de aprendizagem, ao considerar seu efeito cumulativo, além do aspecto pragmático quanto ao planejamento das contingências favorecedoras do desenvolvimento infantil.

Apresentação 2:

O estudo comportamental de aspectos do desenvolvimento pressupõe considerar as contingências operantes para a aquisição dos repertórios específicos de responder à relação entre estímulos específicos para cada repertório focalizado (por exemplo: verbal, motor, social, entre outros). Rosales-Ruiz e Baer (1997) propuseram o conceito de behavioral cusp, traduzido como cunha comportamental, que se relaciona fundamentalmente à função que novas aquisições adquirem para o organismo ao expor o repertório individual a novos ambientes, especialmente a novas contingências de reforçamento ou punição, novas respostas e novos controles de estímulos. A literatura mostra que contingências planejadas adequadamente podem potencializar o papel de contingências naturais responsáveis pela aquisição de comportamentos pelas crianças, ou seja, contingências podem ser programadas para que algumas cunhas sejam adquiridas e mantidas no repertório de um organismo. Os pais e cuidadores das crianças pequenas podem ser considerados os principais planejadores e mantenedores das contingências às quais as crianças são expostas e deriva-se a eles o papel de agentes “estimuladores do desenvolvimento”. A linguagem pode ser considerada um dos aspectos do desenvolvimento que mais suscita debates entre as abordagens do desenvolvimento e que desafia os estudiosos da Análise do Comportamento. Dada a importância do aspecto verbal no estudo do desenvolvimento, pretende-se utilizar como exemplo de cunha comportamental componentes operantes da aquisição do repertório verbal pelos pequenos e o papel da comunidade verbal (os pais e cuidadores) na criação e manutenção de contingências que contribuam para a expansão do repertório verbal das crianças. O presente trabalho pressupõe, portanto, que uma análise operante da “atenção compartilhada” desempenha papel fundamental para a aquisição de operantes verbais pelas crianças e tem por objetivo relacionar tal análise ao conceito de cunha comportamental, estendendo-se, fundamentalmente, ao papel do adulto enquanto agente propiciador de novas aquisições verbais pelas crianças.

Mesa Redonda: “A Mudança Clínica: processos, procedimentos de intervenção e questões conceituais”

Jocelaine Martins da Silveira - UFPR, Maura Alves Nunes Gongora - UEL, Alexandre Dittrich – UFPR

Coordenador: Jocelaine Martins da Silveira – UFPR

O objetivo da mesa é debater a mudança clínica sob três perspectivas: o treino de terapeutas, os procedimentos de intervenção clínica e as questões conceituais sobre a mudança comportamental. Silveira apresentará dados de um estudo sobre o efeito de um treino em FAP no relato feito por terapeutas sobre o Comportamento Clinicamente Relevante do cliente serão apresentados. Será apresentada também uma descrição de um processo de mudança clínica que focou dimensões do responder de uma cliente, as quais foram sofrendo diferenciação por meio de modelagem direta feita pelo terapeuta ao longo de quinze sessões. Gongora abordará questões relativas ao treino de terapeutas na formulação de casos clínicos em duas dimensões relevantes à análise operante: a distinção e inter-

relação entre processos operantes e respondentes e a escolha de unidades comportamentais de análise. Então, Dittrich tratará de questões conceituais que auxiliam no debate sobre a mudança clínica, a saber: a natureza do comportamento, admitido-o como um processo de estabilidade apenas aparente, a causalidade e as implicações para as decisões do clínico quanto à seleção da unidade de análise “relevante” ou “correta”. Espera-se que a mesa instigue o debate sobre a mudança clínica e sobre os procedimentos para identificá-la e promovê-la.

Apresentação 1:

O presente trabalho pretende apresentar dados de um estudo que investigou o efeito no relato de terapeutas submetidos a um treino em FAP, sobre comportamentos clinicamente relevantes do cliente. Dois terapeutas receberam treinamento em FAP e cada um conduziu quinze sessões de terapia, as quais foram registradas em videotape. Após a quinta sessão, a FAP foi explicada aos terapeutas, que responderam a uma parte de um questionário que avalia aspectos de seu repertório de comportamento interpessoal, o Formato de Avaliação Idiográfica Funcional (FIAT - Callaghan, 2006). O FIAT foi aplicado com o objetivo de aumentar a consciência dos terapeutas sobre aspectos de seu repertório comportamental que tinha implicação na interação com o cliente. As quinze sessões foram observadas através de um espelho unidirecional, por um observador treinado em FAP ou pela própria supervisora que ofereceu o treino em FAP, a qual realizou os registros na qualidade de observadora em algumas sessões. Terapeutas e observadores preencheram um protocolo de registro, indicando a ocorrência de comportamentos de melhora do cliente, o comportamento clinicamente relevante 1 (CRB2) ou de comportamentos relacionados ao problema clínico, o comportamento clinicamente relevante 1 (CRB1). As respostas dos terapeutas ao protocolo foram categorizadas de modo que a frequência de indicação daqueles comportamentos ao longo das quinze sessões pudesse ser examinada. Os dados sugerem um aumento no relato de comportamentos de melhora do cliente. O aumento no relato foi observado em ambos os terapeutas em relação aos processos terapêuticos que conduziram. O registro das quinze sessões de um dos processos terapêuticos, foi usado, então, por Perón (2007) a fim de identificar e categorizar as dimensões da classe de respostas de melhora que sofreram diferenciação na interação com o terapeuta. A frequência das categorias foi mensurada ao longo das quinze sessões, o que permitiu identificar um aumento sensível em algumas dimensões menos frequentes observadas no CRB1 até que, uma nova classe, o CRB2, contivesse uma frequência mais alta daquelas dimensões. Os resultados foram discutidos em termos do processo de mudança observado no comportamento do cliente e da sensibilidade do terapeuta para essa mudança durante o tratamento.

Apresentação 2:

A idéia de apresentar esse tema surgiu da constatação, pela autora, de dificuldades sistematicamente apresentadas por estagiários de graduação quando lhes era solicitado elaborar avaliação e formulação de casos clínicos. Pretende-se relatar e analisar brevemente aqui, duas dificuldades dos alunos, em conduzir de modo adequado a análise operante de problemas clínicos. Com isso espera-se demonstrar a pertinência de duas dimensões relevantes à análise operante: a distinção e inter-relação entre processos

operantes e respondentes e, em segundo lugar, a escolha de unidades comportamentais de análise. A primeira dificuldade dos alunos refere-se à especificação do problema clínico em termos de tríplice contingência, ou seja, em geral eles não conseguem descrever os eventos ambientais antecedentes e conseqüentes das respostas. Isto tem ocorrido especialmente com eventos e respostas mais complexas e sutis. Neste caso, um equívoco comum é colocar como conseqüente uma resposta reflexa, emocional, ou um sentimento. A solução para tais equívocos tem sido construir diagramas ou quadros de análise que já incluam, ao lado da demonstração de processos operantes, a demonstração, concomitante, de processos respondentes e de sentimentos. Esses recursos servem de apoio para as análises e formulação de hipóteses explicativas dos problemas clínicos. Cabe ressaltar que a maior dificuldade do aluno é assumir que, no modelo operante, os antecedentes e conseqüentes devem constituir-se de eventos ambientais, diretamente observáveis e que se apresentem em dimensões fisicamente mensuráveis. Após o treinamento e superada essa dificuldade, estagiários e clientes se beneficiam com a facilidade adquirida em identificar e analisar as variáveis ambientais mantenedoras de comportamentos clinicamente relevantes. A segunda dificuldade do estagiário é encontrar as unidades apropriadas de análise. Em geral eles se perguntam: como ou em quantas classes o comportamento problema poderá ou deverá ser dividido? Seria adequado colocar uma divisão maior e outras subdivisões menores? Afinal, como encontrar a divisão “correta”? Neste caso, não há como orientar o aluno sem retomar um mínimo do caráter pragmático e instrumental da análise funcional do comportamento. Eles são estimulados a elaborar algumas classes e cadeias comportamentais, tratá-las como hipóteses, e testar sua utilidade. Essa orientação tem estimulado os estagiários na produção e teste de diferentes hipóteses, resultando na produção de interpretações variadas para um mesmo caso. Com o relato desses dois problemas comumente enfrentados em supervisão, parece ficar patente a relevância da formação do supervisor de estágio nos fundamentos teóricos da análise comportamental. Os problemas aqui relatados são típicos de uma linha de atuação clínica cujo enfoque predominante é o da análise comportamental e não o da aplicação de técnicas comportamentais.

Apresentação 3:

Dada a definição de comportamento apoiada no modelo de tríplice contingência, a mudança comportamental não é apenas um acontecimento pontual: é uma característica inerente ao próprio comportamento – que é processo, e, enquanto tal, historicamente mutável. As relações entre respostas, antecedentes e conseqüentes estão sob constante reconstrução, mesmo que este processo seja sutil. Esta sutileza justifica a aparente estabilidade de certos operantes em repertórios comportamentais, e exige ainda mais da habilidade do terapeuta para que seja possível identificar mudanças comportamentais relevantes. “Mudança” refere-se, via de regra, ao surgimento, desaparecimento ou mudança de frequência de certas classes de respostas. Assim, o primeiro passo para a constatação da mudança é a identificação de classes de respostas relevantes. “Relevância”, por sua vez, deve ser entendida como utilidade, tendo como horizonte os objetivos estabelecidos no processo terapêutico. As classes relevantes, portanto, podem variar, dependendo das características dos diferentes casos. Não se trata, porém, de identificar as classes “corretas” (de um ponto de vista realista), mas as classes úteis, ou relevantes (de um ponto de vista pragmatista), no caso em questão. Pode-se optar por chamar tais

classes de “corretas” ou mesmo “verdadeiras”, mas isso apenas evidencia a natureza pragmatista da atividade do analista do comportamento: são as conseqüências úteis desta atividade que servem de parâmetro à sua correção, e não sua suposta capacidade de descrever fenômenos comportamentais de forma absoluta. A determinação do comportamento por variáveis ambientais deve ser assumida como pressuposto, como sugere Skinner. Isso não apenas não contraria a concepção de comportamento como fenômeno complexo (com múltiplas “causas”), como estimula o terapeuta a investigá-las. Nesta medida, o determinismo surge, novamente, como um pressuposto útil – porque produtivo – para a atividade científica.

Mesa Redonda: “Terapia por Contingências de Reforçamento com Adultos: falta de sensibilidade aos outros, discriminação do déficit de repertório social e medo de dirigir”

Conceição Aparecida dos Santos Covre Batista - ITCR-Campinas, Eliana Leite Bastos - ITCR-Campinas, Noreen Campbell de Aguiar - ITCR-CAMPINAS, Hélio José Guilhardi - ITCR-CAMPINAS, Michele Cassiano da Silva - ITCR-Campinas, Silvana Nucci - ITCR-CAMPINAS

Coordenador: Conceição Aparecida dos Santos Covre Batista - ITCR-Campinas

Apresentação 2:

O presente trabalho teve como objetivo analisar e alterar algumas contingências de reforçamento que produziram e mantinham comportamentos ditos “psicóticos” em uma adolescente. Aline (15) filha única de Rosa (38) e Hugo (48), separados há dez anos. Morava com a mãe e, no início da terapia, cursava a oitava série do ensino fundamental numa escola particular (havia repetido a série no ano anterior). Na sessão com Rosa, ela relatou: “A Aline só usa roupa preta, pinta os olhos de preto, não conversa, não tem luz, não tem vida. Anda agressiva, grita, não estuda, está muito arredia... Ela parece um bicho: abraça as pernas e fica com o cabelo na cara. Ela parece louca!!!... Parece que é só ela no mundo dela... A diretora da escola já percebeu e ligou para mim para perguntar o que está acontecendo.” Nas sessões com Aline, ela relatava: “Meu problema é minha mãe. Eu queria que ela me deixasse fazer as coisas... E tem outra coisa... Eu vejo o Kurt... O Kurt Cobain, do Nirvana. Ele aparece pra mim quando eu tô triste. Ele conversa comigo... Tem dia que eu tô na cozinha, sozinha e eu ouço meu violão tocar... Não tenho medo... Começo a chorar e daí ele aparece pra mim e a gente fica conversando...”. Os procedimentos adotados no processo psicoterapêutico foram: estabelecer um bom vínculo entre cliente-psicoterapeuta ao fornecer conseqüências com possível função de Sr+ não contingentes a comportamentos de Aline, visando a criar uma operação estabelecida para que ela emitisse operantes para produzir Sr+; conseqüenciar com possível função de reforço positivo: a) respostas de aproximação ao outro e b) a emissão de tatos verbais sobre seus comportamentos operantes e respondentes; c) emissão de tatos verbais de interações sociais adequadas; e) relatos de comportamentos que produziram Sr+ para si e/ou para o outro; levar Aline a ficar sob controle das variáveis que controlam seu comportamento (Sds da mãe) via descrição das contingências em operação; alterar o controle de estímulos sob os quais Aline se comportava visando a tornar a terapeuta Sd para os comportamentos da cliente e a mãe S?; criar, na sessão, contingências de reforçamento

positivo amenas, para que a terapeuta passasse a ser uma agência de controle não coercitiva e fonte de Sds e de conseqüências mais reforçadoras que a agência de controle atual (mãe); instalar e ampliar repertório visando a aumentar a freqüência de comportamentos potencialmente produtores de Sr+ naturais e sociais e que evitem Sr-; desenvolver repertório de contracontrole mais adequado diante de punição, via utilização de modelos fornecidos pela terapeuta e ensaios comportamentais; reforço diferencial de outras respostas (dro) diante de verbalizações de ‘visões’, conversas sobre fantasmas, vultos, morte, suicídio, etc. Os Resultados obtidos foram: um bom vínculo psicoterapêutico; Aline passou a emitir, em menor freqüência, respostas opositoras e, em maior freqüência, respostas reforçadoras; visões deixaram de ocorrer durante o processo psicoterapêutico

Apresentação 3:

Fabiana (20), solteira, morava com a mãe (54) e o irmão (24). cursava Administração de Empresas e trabalhava como vendedora. Namorava Willian (21) há quatro anos. A cliente queixou-se das dificuldades no relacionamento com o namorado e no ambiente de trabalho. Relatou ainda, que se sentia muito triste. Ao longo da vida de Fabiana, a mãe e o irmão impediram que a cliente entrasse em contato com as contingências em operação, o que acarretou um déficit de repertório para alterar contingências aversivas (relação com o noivo e trabalho). Em função da história de contingências, Fabiana aprendeu a ficar sob controle do que era reforçador para si e a não discriminar as conseqüências dos comportamentos emitidos por ela. A cliente também aprendeu a ficar sob controle de reforçadores a curto prazo. Visando ensinar a cliente discriminar as conseqüências dos comportamentos na relação com o namorado e amigos, a psicoterapeuta utilizou os procedimentos de descrição de contingências e instrução verbal. Utilizou os mesmos procedimentos visando ampliar o repertório de resolução de problemas em situações que eram aversivas para Fabiana (diante destas situações, a cliente emitia comportamentos inadequados, como: gritar, chorar e reclamar). Quando Fabiana relatou que pretendia sair do emprego para cuidar da avó que estava doente, a psicoterapeuta descreveu as contingências em operação com o objetivo de fazer com que a cliente ficasse sob controle de conseqüências a médio e longo prazo. Como resultado do processo psicoterapêutico, houve uma ampliação do repertório social da cliente; Fabiana passou a ficar sob controle de contingências que produziam reforçadores positivos na relação com o namorado e a colocar em extinção os comportamentos de ciúme emitidos por Willian. No trabalho, Fabiana continuava com dificuldades, emitia comportamentos de esquiva diante das tentativas de intervenções feitas pela psicoterapeuta. O processo psicoterapêutico continua.

Palestra: “Autismo e Inclusão Escolar sob a Perspectiva da Análise do Comportamento”

Juliana de Palma Godoi - Gradual/PUC, Claudia Romano - Gradual, Cíntia Guilhardi - Gradual/USP

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento que compromete a socialização, a comunicação e afeta o comportamento da criança de modo a restringir suas possibilidades de interação. Essa síndrome acomete o início do desenvolvimento infantil; o que pode afetar todo o desenvolvimento subsequente

quando não há uma proposta de intervenção efetiva. Pensar em inclusão escolar dessas crianças é, no mínimo, desafiante. O objetivo dessa palestra é apresentar uma proposta de inclusão escolar de uma criança diagnosticada com autismo, de 3 anos de idade, em intervenção comportamental individualizada. A intervenção teve como objeto maximizar comportamentos pré-requisitos à inclusão em contexto individualizado, utilizando-se para tanto o procedimento de ensino de tentativas discretas, ensino incidental e análise de tarefas. À partir de então, planejou-se a inclusão escolar ampliando o controle de estímulos sob os quais a criança respondia, bem como maximizando as possibilidades de generalização de repertórios previamente adquiridos.

Comunicação Oral: “Equivalência de Estímulos Seqüenciais após o Ensino por Sobreposição em Pré-Ecolares”

Luciana Pontes - UFPA, Ana Leticia Nunes - UFPA, Grauben Assis – UFPA

Estudos sugerem a análise de relações ordinais emergentes derivadas de contingências que estabelecem a produção de seqüências. O procedimento de sobreposição de estímulos tem se demonstrado útil nesse contexto. A pesquisa foi programada em dois estudos. O objetivo do estudo 1 foi investigar se o ensino de seqüências através de sobreposição de pares de estímulos numéricos poderia servir de base para a emergência de relações ordinais. Participaram três pré-escolares vinculados a uma instituição de atendimento social. As sessões experimentais foram realizadas em uma sala da Instituição. Usou-se um software para controle e registro dos dados comportamentais. A tela era dividida em “área de escolha” (parte inferior), onde os estímulos eram apresentados aos pares e “área de construção” (parte superior), onde os estímulos eram dispostos lado a lado. Foram utilizados dois conjuntos de cinco estímulos: o conjunto “A” de numerais cardinais (de 1 a 5) e o conjunto “B” de formas abstratas de quantidades. O procedimento de ensino era por pares sobrepostos: o participante deveria responder ordinalmente. Cada resposta correta era seguida de um reforço verbal fornecido pela experimentadora e um desenho animado de 5s; caso o participante respondesse diferentemente do programado, a tela escurecia por 2s e a mesma configuração de estímulos era rerepresentada (procedimento de correção). Sondas eram aplicadas entre as seqüências de ensino, sem reforçamento diferencial. Em seguida eram conduzidos testes de transitividade, conectividade e produção de seqüências. Após esta fase experimental, eram conduzidos testes de generalização com estímulos do ambiente escolar do participante. A emergência de relações ordinais foi documentada nos três participantes com desempenho acima do acaso. O estudo 2 foi conduzido com um mesmo participante, consistindo do mesmo procedimento de ensino e testes, adicionando estímulos condicionais: cores verde e vermelha. O participante deveria ordenar os pares de estímulos em ordem crescente na presença do verde e em ordem decrescente na presença do vermelho. O participante apresentou resultados consistentes com a linha de base, obtendo resultados mais estáveis na presença do verde. Conclui-se que o procedimento adotado no estudo 1 foi um pré-requisito necessário para os resultados obtidos no estudo 2. Sugere-se estudos com dois grupos experimentais, cada um programado em ordem diferente (crescente e decrescente) sem estímulo condicional, seguido de um segundo no qual se avaliaria o efeito de cada ordem de ensino na introdução do controle condicional.

Comunicação Oral: “Treino de Leitura por Controle de Estímulos”

Gleiton de Azevedo - UnB, Flávio Borges - UCG

A presente apresentação refere-se ao treino de duas crianças, de 9 anos cada, alunas da 2ª série do ensino fundamental da rede particular, que buscaram sanar a dificuldade de leitura na Clínica-Escola de psicologia da UCG. Foram realizadas 5 avaliações de leitura, 4 utilizando a FAL (Folha de Avaliação de Leitura) e uma a FAL-Ampliada, ferramentas desenvolvidas pelo pesquisador. Baseado nos princípios da Análise do Comportamento realizou-se 7 treinos para o ensino individualizado do comportamento de ler. No decorrer dos treinos verificou-se um aumento na porcentagem de acertos das leituras nas avaliações, crescendo de 0% à 43% na leitura de palavras, em média em um período de aproximadamente 24 horas de treino, além da generalização do comportamento de ler para outros ambientes, tais como escola e casa.

Comunicação Oral: “Equivalência de Estímulos sob a Abordagem de Teoria de Grafos: o operador MTS como gerador de árvores”

Celso Oliveira – UNESP

Este é um trabalho teórico sobre Equivalência de Estímulos, visto sob a ótica da Teoria de Grafos, diferentemente da abordagem de Teoria dos Conjuntos apresentado por Sidman e Tailby (1982). A equivalência permite o surgimento de um “comportamento novo”, que consiste na emissão de uma resposta específica não ensinada anteriormente. Desta forma, o ensino a partir de Matching-To-Sample (MTS) permite a emergência de novas discriminações condicionais que não foram diretamente ensinadas. A Equivalência, da forma que é geralmente descrita na literatura, envolve três conjuntos de estímulos (A, B e C) e baseia-se nas três propriedades (reflexividade, simetria e transitividade) da Teoria de Conjuntos. O procedimento de MTS permite a construção de uma relação biunívoca entre esses conjuntos e lembra o processo de “construção de árvores”, onde “árvores” é uma estrutura especial da Teoria de Grafos, estabelecida por Euler (1736), e que define uma estrutura abstrata (o Grafo) como uma entidade composta de nós, arcos e relações que associam arcos aos nós. Algumas classes de grafos receberam nomes especiais por possuírem características próprias: o grafo Trivial é um deles, consiste de apenas um nó. A árvore é outra, pois representa minimamente as relações entre todos os nós do grafo. Uma observação mais cuidadosa indicou que problemas que utilizam MTS poderiam ser tratados como problemas de grafos. Nesse sentido, a pesquisa procurou encontrar uma aplicação que pudesse fazer investigações preliminares sobre o uso dessa abordagem. A escolha foi o ensino de LIBRAS. A operação que o procedimento MTS realiza é ligar um conjunto ao outro através de um treino. Então a leitura que se pode fazer, considerando a Teoria de Grafos, é que o MTS é uma operação que parte de um grafo trivial, com apenas um nó, e acrescenta um nó e um arco, mantendo a estrutura de árvore ao grafo resultante. A quantidade de operações MTS necessárias à Equivalência seria sempre a quantidade de conjuntos menos um. Concluindo, este estudo teórico apresenta algumas perspectivas interessantes para os problemas que são abordados com a “operação MTS” sob a ótica da Teoria de Grafos, uma delas é a possibilidade de estudar o processo de ensino-aprendizagem eventualmente ampliando resultados na ciência que não estejam perfeitamente esclarecidos.

Palestra: “O Altruísmo como Padrão de Comportamento Selecionado pelas Contingências de Reforçamento”

Pedro Bordini Faleiros - USP-SP/Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP/Centro Universitário Hermínio Ometto – UNIARARAS

O adjetivo altruísta é atribuído ao indivíduo que freqüentemente age em favorecimento do outro sem obter qualquer benefício próprio. Porém, para Sociobiologia e Análise do Comportamento, o verdadeiro altruísmo sem a possibilidade de ganho não pode existir. Na Sociobiologia fenômenos sociais, como o altruísmo, são derivados da genética. Duas teorias biológicas enfocam o altruísmo como um processo que promove vantagens evolutivas às espécies, A primeira (teoria do parentesco) afirma que o altruísmo só pode ocorrer entre membros da mesma família, que possuem genes em comum. Para a segunda (teoria da reciprocidade), há a possibilidade de indivíduos serem altruístas entre espécies diferentes, sem necessariamente sofrerem danos, neste caso, um organismo geneticamente propenso ser altruísta, poderia ter ganhos maiores se o ambiente fosse propenso a isso. Enquanto os sociobiologistas analisam o altruísmo como um processo evolutivo para a espécie, a Análise do Comportamento enfoca tal fenômeno nas relações comportamentais, não reduzindo a sua causalidade aos genes, mas considerando o comportamento altruísta a partir das contingências de reforçamento. Rachlin (2002), mesmo considerando que o altruísmo pode ocorrer em ações particulares, em que o valor do reforçamento a longo prazo é maior do que o custo da ação no momento, enfatiza em sua análise do comportamento altruísta nos padrões de comportamento. Tais padrões são repetições de ações particulares no decorrer do tempo em que o reforçamento é obtido quando as mesmas são agrupadas e passam a ter valor para o indivíduo. O modelo que tem sido utilizado para identificar este tipo de relação é o Jogo Dilema do Prisioneiro Repetido, que promove um conflito entre reforços imediatos e atrasados em tentativas repetidas do jogo. Para a análise do comportamento, o comportamento altruísta é relativo e tem sido demonstrado a partir de uma relação de contingência, não sendo considerado como algo que o indivíduo porta ou parte da sua estrutura, como na concepção mentalista e nem somente determinado pelos genes, como na Sociobiologia, mas sim um comportamento selecionado pelas contingências de reforçamento.

Mesa Redonda: “Supervisão Pública de Casos Clínicos (2)”

Vera Regina Lignelli Otero - Clínica ORTEC-PSICOLOG, Yara K. Ingberman - IEPAC - FEPAR - Universidade Positivo, Francisca Medeiros Vasconcelos – IPAC

Coordenador: Vera Regina Lignelli Otero - Clínica ORTEC-PSICOLOG

No encontro da ABPMC de 2007 realizou-se uma supervisão pública de alguns casos clínicos avaliados como bastante produtiva pelos apresentadores, supervisores e demais participantes. Por tratar-se de uma sessão pública a supervisão foi bastante enriquecida com as contribuições teóricas e práticas de todos os presentes Para dar continuidade àquela atividade propomos, em virtude do tempo necessário para a realização, duas Mesas Redondas com os seguintes objetivos:

Apresentação e supervisão pública de novos casos clínicos. A exemplo da experiência anterior, as inscrições para a apresentação deverão ser feitas no início da sessão, com as professoras. Serão selecionados para a supervisão os casos de maior complexidade, dado que o objetivo primeiro dessa atividade é partilhar a experiência dos profissionais e contribuir com a formação de alunos e profissionais com menor vivência clínica.

Mesa Redonda: “Habilidades Sociais no Trabalho: algumas questões referentes ao diagnóstico, à intervenção e à saúde mental”

Elvira Aparecida Simões de Araújo - Universidade de Taubaté, Marilsa de Sá Rodrigues Tadeucci - Universidade de Taubaté, Marcos Rogério de Sousa Costa – UNIPÊ

Coordenador: Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro - Universidade de Taubaté

Esta mesa redonda foca o estudo das HS no contexto organizacional, pela perspectiva behaviorista radical e, reconhecendo a multiplicidade teórica, propõe o diálogo com a perspectiva comportamental-cognitiva. O campo de estudos e intervenções sobre as Habilidades Sociais (HS) compõe uma parte do amplo conjunto de análises sobre o Comportamento Social. HS são uma classe de respostas controladas pela busca, manutenção ou aumento de reforçamento em situação interpessoal. A literatura científica acerca das HS apresenta uma diversidade de correntes teóricas que abordam este aspecto do comportamento, identificado sempre como uma habilidade necessária ao desenvolvimento humano em suas diversas etapas e em diversos contextos. O que se quer é apontar o desenvolvimento das HS como elemento que, por promover repertórios socialmente desejados, está contido no desenvolvimento da conduta adaptativa do sujeito e articulado à promoção de saúde e a qualidade de vida. Assim, neste trabalho colocamos o objeto de estudo (HS) e por decorrência o estudo conceitual, como parte das preocupações em garantir aos sujeitos o aprendizado de relações interpessoais fundamentais para o seu desenvolvimento profissional.

Apresentação 1:

É objetivo desta apresentação a descrição de técnicas de avaliação e intervenção no repertório de habilidades sociais passíveis de utilização em contextos organizacionais. Serão enfatizados aspectos referentes aos indicadores de desempenho dessas técnicas, relevantes neste contexto. Atividades gerenciais demandam um repertório socialmente habilidoso, e portanto o diagnóstico e a intervenção nas habilidades sociais em interações entre líderes e liderados são recursos para melhora da performance profissional, que repercute na melhora da qualidade de vida dos envolvidos. A aplicação da Análise do Comportamento à performance do indivíduo na organização (Gerenciamento Comportamental de Organizações) ocupa-se também das performances sociais, na medida em que essas são necessárias ao trabalho e seus resultados são necessários à sobrevivência da organização. Discutem-se também as questões éticas de seu emprego em atividades de treinamento gerencial, relativas à necessária crítica ao planejamento de contingências que, ao visarem a sobrevivência da organização, podem gerar como subprodutos formas de controle aversivo.

Apresentação 2:

Esta apresentação objetiva discutir a prática de diagnóstico de ambiente organizacional como indicador de necessidades de treino em habilidades sociais como consequência secundária. As pesquisas de clima organizacional detectam falhas nas ações da área de gestão de pessoas: sistema de remuneração, benefícios, critérios de promoção, avaliação de desempenho, qualidade de vida e medo de perder o emprego por falta de conhecimento dos critérios. Como resultado secundário, porém não menos importante, destaca-se o repertório de habilidades sociais da chefia imediata ou até mesmo do nível gerencial e de direção: a ausência de saudações, falta de assertividade, de empatia, e de feedback dentre outros comportamentos pertinentes às habilidades sociais. A posição da chefia imediata a torna o agente reforçador. Se os líderes de primeiro escalão não aplicarem as práticas e políticas da empresa, os funcionários terão um ambiente de aprendizagem onde estímulos discriminativos e reforçadores não serão suficientes para desenvolver o repertório adequado para uma atuação dentro dos parâmetros exigidos. As pesquisas de clima, apesar de não objetivarem o levantamento das necessidades de treinamento em habilidades sociais, acabam por fornecer este tipo de informação apontando a necessidade de desenvolvimento destes comportamentos. Os critérios de promoção e seleção de profissionais para exercerem posições de chefia estão mais voltados às competências técnicas e à compreensão do negócio do que ao repertório necessário para agir como modelo e reforçador de comportamentos adequados para a eficiência organizacional. Apesar das deficiências intrínsecas dos modelos de levantamento de dados que ao buscar respostas de grupo negligenciam comportamento individual, a popularidade das pesquisas de clima organizacional na comunidade dos psicólogos organizacionais pode ser o ponto de partida para a proposição de modelos mais apropriados de entendimento e transformação da cultura organizacional, oferecidos pela Análise do Comportamento. Relacionamentos vistos como agradáveis para a equipe podem ser também eficazes do ponto de vista dos interesses corporativos, e uma cultura de competência social na organização pode ser obtida pelos instrumentos de análise e intervenção comportamentais.

Apresentação 3:

Esta apresentação tem como objetivo debater as principais intervenções clínicas relacionadas às Habilidades Sociais quando estas participam de alguns transtornos referentes às relações de trabalho, abordadas em psicoterapia. Habilidades Sociais na saúde têm recebido atenção dos investigadores da área clínica e do desenvolvimento humano, com a constatação de sua importância para o ajustamento social e psicológico. Estudos mostram que os déficits nas diferentes classes de comportamentos sociais no repertório de um indivíduo estão presentes em uma variedade de problemas clínicos, como nos transtornos de Ansiedade, do Humor, de Ajustamento. Tais transtornos são particularmente sensíveis às influências das relações no trabalho. Além de evidenciar que os déficits participam da configuração da psicopatologia, estudos concluíram que o desenvolvimento de repertório socialmente competente contribui para melhorar as relações indivíduos portadores de psicopatologias com as outras pessoas relevantes de seu ambiente social, inclusive o do trabalho. Deste modo, o ambiente natural do paciente

passa a manter esse repertório, permitindo-lhe enfrentar situações interpessoais de modo saudável e procurando solucionar problemas de forma socialmente habilidosa. As intervenções aqui debatidas serão justificadas na perspectiva da Terapia Comportamental Cognitiva.

Palestra: “Flerte, Amor e Ciúme: ligações perigosas”

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber – UFPR

Diferentes teorias afirmam que o modo como adultos comportam-se em relações de amor romântico está intimamente ligado às suas relações na infância, bem como à valoração que têm de si próprios, à sua capacidade de expressar-se assertivamente com o parceiro, de controlar o comportamento de ciúme, entre outros. O ser humano aprende sobre padrões de relacionamento diádico e sobre expectativas acerca do outro a partir de suas interações familiares mais precoces e, conseqüentemente, das suas vinculações afetivas. Há importantes questões a serem discutidas: por que amamos, como selecionamos nossos parceiros amorosos, como manter uma relação, entre outras. Do ponto de vista da seleção de parceiros, a Etologia enfatiza a existência de um sistema de sinais não-verbais universais para o cortejamento humano. Os gestos do flerte seriam, por um lado, uma maneira de ficar próximo à pessoa cortejada, e por outro lado, sinalizar que o paquerado pode aproximar-se e minimizar uma resposta de fuga. Este fato tem sido facilitado por uma postura e comportamento infantilizado por parte tanto do “paquerador” como do “paquerado”, significando algo como uma submissão que seria oposta o perigo. Parece que este tipo de comportamento ajuda a criar e manter vínculos de apego. Como se sabe, o comportamento de apego, portanto, é caracterizado pela finalidade de propiciar e manter proximidade com a figura de apego, já que na presença deste existe uma sensação de segurança. Embora as pessoas gostem de acreditar no amor como “mágico” e especial, existem uma série de determinantes, que fazem parte da nossa história, que levam ao encontro amoroso e novamente a Etologia revela diferenças interessantes entre homens e mulheres. Nem tudo são flores em uma relação romântica. Há “monstros de olhos verdes” rondando os parceiros. Parece que o ciúme evoluiu na história da humanidade como uma forma de deter a infidelidade e fortalecer os laços do casal, pois o equilíbrio entre ciúme e confiança permitiria ao casal ficar realmente comprometido com a relação. De qualquer maneira, explicações à parte, o amor romântico continua sendo um aspecto fundamental para o ser humano, mesmo quando esclarecemos alguns de seus determinantes.

Palestra: “Psicopatologia e Tratamento dos Transtornos do Impulso”

Hermano Tavares – USP

A Organização Mundial de Saúde define assim Transtornos dos Hábitos e dos Impulsos: “Esta categoria compreende certos transtornos do comportamento que não podem ser classificadas sob outras rubricas... Caracterizados por atos repetidos, sem motivação racional clara, incontrolláveis, e que vão em geral contra os interesses do próprio sujeito e aqueles de outras pessoas... A causa para estes transtornos não é conhecida. Estão aqui reagrupados em razão de certas semelhanças grandes nas suas descrições e não em função de outras características comuns importantes conhecidas.” O conjunto inclui o Jogo Patológico, Piromania, Cleptomania e Tricotilomania. Infelizmente, está classificação é

muito insatisfatória por não definir adequadamente impulsividade e não contemplar transtornos freqüentes com provável impacto populacional como as Compras Compulsivas (Oniomania) e o Sexo Compulsivo (classificado na CID-10 na sessão de transtornos da sexualidade sob a rubrica F52.7). A impulsividade é um fenômeno dinâmico, resultado de um desequilíbrio entre as forças propelentes e os freios do comportamento. Os freios são organizados didaticamente em um modelo hierarquizado de complexidade crescente em paralelo com a estrutura do Sistema Nervoso Central, sendo eles: afetos básicos negativos (nojo e medo), funções cognitivas (atenção e planejamento) e freio sócio-moral (empatia e compaixão). Os instintos e impulsos condicionados por aprendizagem são as forças motrizes do comportamento, agrupados em impulsos de aproximação/incorporação (apetite, desejo e curiosidade) e de rechaço/destruição (agressividade). Nesta aula apresentaremos uma classificação alternativa das condutas impulsivas baseada no modelo descrito acima. Novamente para efeito didático, organizamos esta proposta em torno do acrônimo ACEDA: Afeto: reúne os quadros de impulsividade resultantes de perturbações da afetividade e fatores de personalidade relacionados, os modelos clínicos são os Transtornos do Espectro Bipolar e o Transtorno de Personalidade Borderline. Cognição: são as condutas impulsivas ditadas por deficiências na integração das contingências, o modelo clínico paradigmático é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Empatia: compreende o comportamento desinibido anti-social, caracterizado por compaixão reduzida (Transtorno Anti-social de Personalidade) ou incapacidade de corrigir-se mediante sinalização negativa interpessoal (modelo do marcador somático de Damásio e Bechara). Desejo: são as perturbações dos comportamentos motivados caracterizadas por apetite intenso e exagerado, engloba dependências químicas e comportamentais como o Jogo Patológico (dependência de jogos de azar), sexo, comida e compras compulsivas. Agressão: engloba condutas auto e hetero-agressivas como auto-mutilação, o comportamento suicida e o Transtorno Explosivo Intermitente (popularmente descrita como “pavio curto”). Nesta palestra trataremos dos aspectos diagnósticos e tratamento das variantes impulsivas delineadas acima.

Mesa Redonda: “O Relato Verbal como Fonte de Dados: podemos aplicar o que sabemos?”

Fernanda Libardi - PRODAF-UNIFESP, Thaís Guimarães - PRODAF-UNIFESP, Maria Luiza Guedes - PUC-SP, Paola Almeida - PUC-SP

Coordenador: Paola Almeida - PUC-SP

O seguinte trabalho tem por objetivo discutir os limites e possibilidades dos procedimentos de coleta de dados em situação clínica. Tradicionalmente tem-se recorrido ao relato verbal dos clientes como fonte de informações sobre as contingências que determinam seu comportamento. Uma dentre as diferentes formas para a coleta destas informações têm sido o uso de instrumentos padronizados. Em prévia análise, verificou-se que alguns desses instrumentos (Inventário Beck para Depressão e Ansiedade (BDI), Y-BOCS e Escala de Avaliação Social) apresentam predominantemente questões acerca de eventos privados, tais como sentimentos e sensações físicas dos clientes. Discutiu-se, na ocasião, os limites apresentados por questões desta natureza e a dificuldade em compor, a partir deste material, hipóteses acerca das variáveis que determinam comportamentos de interesse. Este trabalho pretende, então, sugerir novos métodos para a coleta de dados no contexto clínico, baseados na literatura acerca

do relato verbal. Dois pontos centrais serão analisados: a) As possibilidades sugeridas por diferentes autores a fim de favorecer a acuracidade do relato verbal, e b) A aplicabilidade de algumas dessas medidas no tratamento de pacientes ambulatoriais portadores de transtorno obsessivo compulsivo.

Apresentação 2:

O seguinte trabalho tem por objetivo discutir algumas possibilidades de ensino da Terapia Comportamental, fundamentadas nos pressupostos teóricos desta abordagem. Pretende-se relacionar algumas das contribuições de Skinner sobre clínica e educação, com os objetivos da formação de terapeutas iniciantes, em uma apresentação que possa tanto analisar as práticas vigentes, como apontar novas estratégias que cumpram com a finalidade proposta. Serão abordadas três questões principais: 1) O que deve ser ensinado ao terapeuta iniciante, 2) Como devem ser ensinadas as diferentes habilidades que irão compor seu repertório profissional, e 3) Por que tais habilidades precisam ser ensinadas desta forma. Assume-se aqui que a resposta a estas questões favorecerá o planejamento de estratégias que tornem mais eficiente e condizente com os pressupostos teóricos o aprendizado dos terapeutas iniciantes. Fundamentada pelas propostas de Skinner, esta apresentação pretende o questionamento do atual espaço da clínica e das supervisões, sendo um convite ao analista do comportamento a repensar sua atividade profissional.

Mesa Redonda: “Comparação de Análise Descritiva de Contingências de um Caso Clínico com Categorização da Interação Terapêutica”

Claudia Oshiro - USP, Alessandra Villas-Boas - USP, Sonia Beatriz Meyer - USP, Márcia Kameyama - USP, Sibely Barros-Aidar, Patrícia Rossi-USP, Paola Bisaccioni-USP, William Perez-USP, Beatriz Campos-USP

Coordenador: Sonia Beatriz Meyer – USP

A análise descritiva de contingências de um caso clínico foi realizada identificando as relações entre os eventos ambientais e as ações do organismo, ou seja, especificando a ocasião em que a resposta ocorre, a própria resposta e as conseqüências reforçadoras. Um dos resultados dessa análise foi a identificação de uma classe de respostas agressivas da cliente que incluíam comportamentos de intimidar, xingar e discutir. Essas respostas eram mantidas pela conseqüência de afastar pessoas e a hipótese levantada era de que as relações interpessoais poderiam ser fonte de sofrimento emocional. A cliente também teorizava sobre diferentes assuntos durante a sessão e, provavelmente, essas respostas se mantinham por se constituírem em uma maneira de esquivar-se de falar sobre assuntos mais aversivos e/ou controlar o assunto conversado na sessão. Em seguida foi realizada categorização da transcrição de uma sessão de terapia através de um sistema multidimensional para categorização de comportamentos na interação terapêutica, em que foram categorizados os comportamentos verbais vocais da terapeuta e da cliente. Em relação aos comportamentos da terapeuta, a categoria de maior freqüência foi Empatia (ações ou verbalizações do terapeuta que sugerem acolhimento, aceitação, cuidado, entendimento, validação da experiência ou sentimento do cliente) e em relação à cliente, a categoria de maior freqüência foi Relato (verbalizações nas quais o cliente descreve ou informa ao terapeuta a ocorrência

de eventos, ou aspectos relativos a eventos, respostas emocionais suas ou de terceiros, seus estados motivacionais e/ou tendências a ações). No segundo momento, buscou-se verificar se havia concordância entre os resultados da análise de contingências e os resultados da categorização através do sistema multidimensional. Os dados obtidos pelo sistema indicaram alta frequência de comportamentos empáticos emitidos pela terapeuta (38%), sugerindo que a cliente poderia estar emitindo comportamentos agressivos em sessão (dado coletado através da análise de contingências). A provável função das respostas empáticas da terapeuta era a de diminuir a probabilidade de emissão de respostas agressivas da cliente. A alta frequência de relatos emitidos pela cliente (55,6%) apontou o comportamento de teorizar sobre diferentes assuntos para evitar aqueles mais aversivos e/ou controlar a sessão (dado coletado através da análise de contingências). Apesar da categoria Oposição corresponder a 4,39% das falas emitidas em sessão, os determinantes puderam ser identificados corroborando com os dados obtidos pela análise descritiva de contingências. Concluiu-se que há concordância entre os dados da análise de contingências e os dados da categorização do sistema multidimensional.

Apresentação 2:

O objetivo do presente trabalho é apresentar a análise funcional de um caso de atendimento clínico de uma cliente diagnosticada com Transtorno de Personalidade Borderline. A cliente em questão encontra-se em terapia há cerca de cinco anos e sua queixa inicial era de dificuldades de relacionamento em seu ambiente de trabalho. Através de seu relato em terapia, foi possível observar que os problemas de relacionamento se estendiam, ocupando praticamente todos os relacionamentos que a circundavam. Além disso, observou-se que a cliente sentia-se rejeitada pela mãe desde muito cedo e sempre competiu com seu irmão mais novo pela atenção da mesma. Diante dessa situação a cliente encontrava-se conformada, porém insatisfeita, com a percepção que tinha de que seu irmão sempre levaria vantagem sobre ela em se tratando da atenção e carinho de sua mãe. O fato de mostrar-se conformada com a rejeição de sua mãe mostrou-se como sendo um padrão de comportamento da cliente em diversas situações. Como frequentemente observado no Transtorno de Personalidade Borderline, a cliente apresentava grande medo de ser abandonada e para se esquivar de possíveis abandonos, ela provocava a separação do relacionamento, sendo ela, portanto, quem abandonava. Além disso, comumente convencia-se da falta de afeto do outro por ela para não sofrer nunca a perda desse afeto, privando-se assim, daquilo que mais desejava. A cliente apresentava ainda, com relativa frequência, outros comportamentos considerados como Critérios Diagnósticos para o transtorno segundo o DSM-IV. Seus problemas de relacionamento apresentavam momentos de melhora acentuada e outros de quase estagnação, durante o percurso terapêutico. No entanto, no último ano, depois de ter passado por muitas perdas, foi morar com sua mãe. De início, foi observada grande dificuldade de convivência entre mãe e filha, mas através de análises feitas em terapia e de um amadurecimento recente da cliente, foi possível uma convivência harmoniosa e respeitosa. É interessante observar que nessa época a cliente apresentou grande melhora em seus relacionamentos interpessoais, diminuindo grandemente a frequência e intensidade dos comportamentos característicos do Transtorno de Personalidade Borderline. Ao que tudo indica, o fato de ter vivido uma nova oportunidade de entendimento e troca de afeto com sua mãe, ao mesmo tempo em que já estava vivendo um bom relacionamento terapêutico, permitiu à cliente

resolver muitas das situações que geravam os comportamentos apresentados acima, suscitando até mesmo o questionamento se a cliente continuaria a ser considerada como uma paciente com Transtorno de Personalidade Borderline

Apresentação 3:

O cliente, aos quatro anos, foi trazido à terapia por encaminhamento da escola. A queixa era de constantes “crises de nervosismo” em diversos ambientes, ocorrendo frente a uma recusa, impedimento ou repreensão. A criança desde os anos anteriores ao ingresso na escola era criada pela mãe que, para compensar a ausência do pai, comprava-lhe presentes caros e deixava de estabelecer limites. Não lhe dava a atenção apropriada, como momentos agradáveis de brincadeira e carinho. Além disso, o pai era um assunto proibido e o cliente não podia expressar a falta que sentia dele. Quando ingressou em um ambiente mais estruturado, como a escola, encontrou dificuldades de adaptação. Frente o estabelecimento de regras, chegava até mesmo a bater na professora e nos colegas. Foi rotulado como um aluno-problema, sendo constantemente repreendido pelos educadores e pela mãe. Chegou a ser convidado a se retirar da escola, que considerou que ele poderia precisar de medicamentos. O único local que não apresentava queixas dele era o circo-escola, que freqüentava após a escola. Neste ambiente, as educadoras conversavam com ele nos momentos em que estava mais exaltado, faziam combinações e reforçavam seus comportamentos adequados. No início dos atendimentos terapêuticos relacionava-se de forma impositiva e atacava verbalmente a terapeuta. Uma das hipóteses levantadas foi que o cliente não tinha repertório adequado para expressar sentimentos relacionados a estímulos aversivos, emitindo respostas que não produziam nas pessoas empatia e orientações. Assim, as “crises de nervosismo” acabaram sendo eficazes para obter o que queria (reforço positivo) ou afastar repreensões (reforço negativo). Com isso, trabalhou-se em terapia o responder diferencialmente diante de estímulos aversivos, podendo aceitar e expressar adequadamente seus sentimentos ao perceber que outras pessoas também os sentiam. Ainda, trabalhou-se seguimento de regras e realizaram-se orientações com a mãe e com a escola. Após um ano de atendimento, a freqüência de ataques verbais diminuiu e passou a ser substituídos por argumentações. Mostrava-se bastante receptivo a orientações e solicitações. Apesar de ainda necessitar certo grau de incentivo, começou a expressar, por meio de relato, descontentamento e explicitar as razões para tal. Diante da mudança de comportamento do cliente e das orientações, a escola mudou a percepção que tinha dele e passou a valorizar seus comportamentos adequados. Por sua vez, a mãe passou a relatar que aprendera a lidar com o filho, se sentindo mais próxima dele. Ela também conseguiu fazer o pai se tornar uma figura presente na vida dele.

Comunicação Oral: “Formação de Classes Funcionais de Estímulos Musicais”

Alex Machado - UFES, Elizeu Borloti – UFES

Uma abordagem comportamental da música considera a ação musical como comportamento e a música como estímulo, produto dessa ação. O objetivo geral aqui proposto foi o de verificar o efeito do treino discriminativo sobre a formação de classes funcionais de melodias em andamentos e modos diferentes.

Participantes: 9 estudantes do segundo período da Graduação em Psicologia da Unilinhares (Linhares – ES), divididos em três grupos. Cada grupo foi submetido a uma das condições experimentais (modo, andamento ou mista). Para a coleta de dados foi utilizado um software, produzido especialmente para este estudo - “SomPsi” - que executou todo o treinamento dos participantes e gerou relatórios com informações sobre o desempenho dos mesmos, fase a fase. Fase1: linha de base, apresentados 6 estímulos sonoros por 2 vezes; Fase 2, treinou-se a relação AB; Fase 3, a relação BC (nestas duas fases foram apresentados 4 estímulos 5 vezes cada); Fase 4: teste da formação de classes funcionais de estímulos musicais, organizada de forma similar à Fase 1. Os dados demonstram que os objetivos da pesquisa foram alcançados, pois o treino proposto mostrou-se eficiente para a formação das classes funcionais de estímulos musicais. Houve diferenças nos desempenhos dos participantes nas condições experimentais, corroborando os achados em pesquisas levantadas na revisão do tema, a saber: agrupamentos de estímulos pela propriedade andamento foram mais fáceis de discriminar do que aqueles agrupados pela melodia. Além disso, a manipulação combinada das duas propriedades, em condição convergente, permitiu desempenho ainda superior dos participantes, como demonstrado na condição “Mista”.

Comunicação Oral: “Uma Análise do Modelo de Explicação do Comportamento no Behaviorismo Radical”

Monalisa Leão - UFMS, Carolina Laurenti – UFSCar

A Psicologia apresenta uma grande diversidade nos seus modelos de explicação. Considerando a relação entre explicação e causalidade, tradicionalmente mencionada na filosofia da ciência, é possível encontrar diferentes tipos de explicações psicológicas a depender do tipo de causalidade envolvida. O presente trabalho tem por objetivo elucidar algumas características do modelo de explicação do comportamento proposto pelo Behaviorismo Radical. Para tanto, esse assunto será abordado a partir de dois aspectos: (1) a delimitação do campo explicativo, isto é, o objeto de estudo adotado, e (2) o modelo explicativo propriamente dito. Com relação ao primeiro ponto, examinar-se-á o estatuto do comportamento no modelo de explicação behaviorista radical contrastando-o com duas explicações tradicionais do comportamento: a mentalista e a fisiologista. Apesar de haver pronunciamentos diferentes quanto à natureza da causa do comportamento, pode-se dizer que as explicações mentalistas e fisiologistas têm algo em comum: o comportamento é um subproduto de causas internas, sejam elas mentais ou fisiológicas. Nesse caso, o comportamento é mero sintoma ou manifestação de processos interiores subjacentes. Já no Behaviorismo Radical, o comportamento não assume um estatuto secundário. Skinner se vale de conceitos, como o de contingências de reforço, que explica o comportamento sem apelar para variáveis de outra natureza. Talvez aí resida a radicalidade do behaviorismo skinneriano: adotar o comportamento como objeto de estudo autônomo. Para discutir o modelo de explicação propriamente dito, serão examinadas, primeiramente, as influências do conceito de relação funcional – proposto inicialmente pelo físico Ernst Mach – na explicação skinneriana das relações de dependência entre eventos ambientais e comportamentais. Em seguida, apresentar-se-á como a noção de causação múltipla e seleção pelas conseqüências de Skinner parecem ser incompatíveis com a noção de cadeia causal. A idéia de redes de relações, característica da causação

múltipla, opõe-se à noção de linearidade da metáfora da cadeia. Já a noção de seleção do comportamento ao longo do tempo ressalta a importância da história no modelo de explicação skinneriano, contrapondo-se ao caráter contíguo da cadeia causal. Tendo em vista essa discussão, pode-se dizer que o Behaviorismo Radical explica o comportamento sem ferir o campo comportamental, buscando redes de relações funcionais entre o indivíduo e o ambiente, levando em consideração a importância da história nesse processo.

Comunicação Oral: “Sentimentos e Emoções: articulações entre definições tradicionais e definições behavioristas radicais”

Ariella Brandão - Faculdade Pitágoras, Herica Berge - Faculdade Pitágoras, Luanne Armani - Faculdade Pitágoras, Pauliane Mantovani - Faculdade Pitágoras, Alex Machado - Faculdade Pitágoras

“O amor é uma flor roxa que nasce nos corações dos trouxas”. Esse dito popular tem sido utilizado com a função de conceituar o sentimento amor. Este uso metafórico parece justificar-se por duas hipóteses: a) “Intenção” artística do autor/ falante, que configuraria-se como operante verbal autoclítico; e b) Pela dificuldade da descrição conceitual de sentimentos/ emoções. O presente trabalho insere-se em ambas hipóteses, referenciando-se para tal em algumas obras de Skinner (tais como *Ciência e Comportamento Humano*; *Sobre o Behaviorismo*; *Questões recentes na Análise Comportamental*, *Comportamento Verbal*, por exemplo), em que fica sinalizada a idéia de que o problema em discriminar o que se “sente” repousa na impossibilidade do acesso direto do observador/ falante em relação a eventos que ocorrem “dentro” de outros sujeitos. Por esta razão, este próprio observador/ falante não foi ensinado adequadamente a nomear seus eventos internos relacionados a sentimentos/ emoções. Provavelmente, diante desta dificuldade, a comunidade verbal a que pertence há tempos lança mão de metáforas para o treino discriminativo de eventos privados. Assim, o objetivo do presente trabalho foi articular conceitos de dicionários etimológicos, da Língua Portuguesa, de Psicologia e a formulação Behaviorista Radical para os conceitos dos termos “sentimentos”, “emoções”, e exemplos de termos componentes destas duas categorias. Os termos foram analisados enquanto verbetes (separadamente) e aplicados a ditos populares, em forma de sentenças, que também foram analisadas enquanto operantes verbais (contemplando a primeira hipótese, de “Intenção” - autoclítico - do autor). Os resultados apontaram para descrições mentalistas, cíclicas (um termo é definido como sinônimo de outro, e assim por diante) e pouco claras, além de, frequentemente, encararem os sentimentos/ emoções como causas de comportamentos. As formulações behavioristas primam pela análise das relações funcionais entre os eventos comportamentais do tipo “sentir” e os eventos ambientais a eles contingentes. Além disso, a análise da aplicação dos termos em ditos populares norteou-se pela proposta Skinneriana acerca do controle múltiplo de estímulos e uso de autoclíticos no comportamento verbal.

Comunicação Oral: “Déficit em Habilidades Sociais: um estudo de caso”

Ana Paula de Andrade Sardinha - Universidade Federal do Pará, Silvia Canaan - Universidade Federal do Pará

O termo Habilidades Sociais geralmente é usado para designar um conjunto de capacidades comportamentais aprendidas que envolvem interações sociais. Tais habilidades incluem a assertividade e habilidades de comunicação, de resolução de problemas interpessoais, de cooperação, de desempenhos interpessoais nas atividades profissionais, além de expressão de sentimentos negativos e defesa dos próprios direitos. O objetivo deste trabalho é relatar o estudo de caso clínico de uma mulher com déficit em habilidades sociais atendida na clínica de psicologia da Universidade Federal do Pará. A cliente tem 36 anos, é solteira, mora com os pais. Foram realizadas 14 sessões individuais de Terapia Comportamental com a cliente, incluindo-se a valorização do que ocorre na sessão (FAP) e ênfase na construção de repertórios (abordagem construcional). Os comportamentos problemas identificados foram: déficit em habilidades sociais, sentimento de culpa, sentimento de medo, sentimento de baixa auto-estima, comportamento de dependência em relação a outras pessoas, déficit em discriminar e relatar/expressar eventos privados, déficit do comportamento de cuidar de si, déficit em assumir responsabilidade pela própria vida e déficit de se relacionar com o padrasto, que considera seu pai. A partir da identificação destes comportamentos foram traçados os seguintes objetivos terapêuticos: a) desenvolver habilidades sociais relacionadas à assertividade; b) auxiliar na aquisição de consciência e na evocação de eventos privados; c) reforçar positivamente comportamentos de enfrentamento de problemas; d) fazer levantamento de reforçadores; e) desenvolvimento de repertório de auto-estima e f) fortalecer repertório de cuidar de si mesma. Como resultados destacam-se a aquisição de comportamentos-progressos e interpretações por parte da cliente tais como: comportamento de enfrentamento e solução de problema em relação ao seu sentimento de medo, comportamento assertivo, comportamento de cuidar de si, discriminação de eventos privados, aquisição de consciência com relação a sua dificuldade em expressar eventos privados e aquisição de consciência com relação à preocupação da sua família com o seu jeito de não dizer o sente. Os resultados foram discutidos considerando-se o entendimento das contingências envolvidas no padrão comportamental da cliente referente ao seu déficit em habilidade social. Acredita-se que a relação de confiança estabelecida entre a cliente e a terapeuta-estagiária tenha favorecido os ganhos terapêuticos apresentados pela cliente, destacando-se a construção de novos repertórios comportamentais pela cliente. Apesar dos ganhos terapêuticos apresentados pela cliente, recomenda-se a continuidade do processo terapêutico.

Comunicação Oral: "Déficits em Habilidades Sociais e Outros Problemas Correlacionados a uma História Prévia de Exposição à Contingências Aversivas: um estudo de caso clínico"

Shirley Carmona - Universidade Federal do Pará, Silvia Canaan - Universidade Federal do Pará

A expressão "habilidades sociais" se refere à existência de diferentes classes de comportamentos sociais, no repertório do indivíduo, para lidar de maneira adequada com as diversas demandas das situações inter-pessoais. O déficit em habilidades sociais, quando crítico, pode tornar as relações sociais restritas e conflituosas e interferir de modo negativo na saúde psicológica do próprio indivíduo e do grupo em que ele está inserido. Déficits em habilidades sociais costumam ser resultantes de uma história prévia de exposição às contingências aversivas e costumam ocorrer associados eventos privados tais como o medo de errar, medo de ser julgado. Este trabalho teve como objetivo apresentar um estudo de caso clínico realizado com uma mulher adulta que apresentou queixas iniciais

relacionadas a problemas de relacionamento familiar (principalmente com a mãe) e déficits no repertório de autoconfiança. Foram realizadas 10 sessões, em geral semanalmente, como duração aproximada de 50 minutos. Verificou-se que as dificuldades da cliente estavam relacionadas a déficits em habilidades sociais no que diz respeito à resolução de problemas bem como dificuldades de assumir responsabilidade pela própria vida, medo de errar e ser julgada pelos outros. Os resultados da avaliação demonstraram ainda que o déficit no repertório de habilidades sociais da cliente e suas demais dificuldades pareciam estar relacionados a uma história prévia de exposição a contingências aversivas durante a infância, contribuindo para o desenvolvimento de um repertório comportamental de fuga/esquiva. Alguns objetivos terapêuticos foram: (1) auxiliar a cliente a ampliar o repertório de discriminação de seus eventos privados, (2) auxiliar a cliente a desenvolver habilidades sociais de resolução de problemas e assunção de responsabilidades pela própria vida e (3) estimular cliente a expressar e trabalhar sentimentos de insegurança e frustração decorrentes da relação familiar. Durante a intervenção terapêutica utilizou-se o modelo clínico da Terapia Analítico-Comportamental incluindo a valorização do que ocorre na sessão terapêutica (FAP), a ênfase na construção de repertórios saudáveis (abordagem construcional) e no auto-conhecimento. A Psicoterapia permitiu à cliente discriminar e relatar alguns de seus eventos privados, ampliando seu auto-conhecimento, assim como favoreceu o aumento da frequência de respostas socialmente habilidosas (empatia e resolução de problemas). Os resultados foram analisados à luz da literatura sobre habilidades sociais e considerando-se as contingências envolvidas no repertório comportamental da cliente.

Comunicação Oral: “Déficit de Habilidades Sociais sob Controle do Choque entre Culturas: estudo de caso do processo de socialização”

Renata Leme - PUC SP/Instituto Sinapse

O campo das habilidades sociais estuda os diferentes comportamentos necessários para uma relação de qualidade entre o indivíduo e seus pares. Dentro deste encontramos a competência social, que é vista como a capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações, associando-os com as conseqüências positivas recebidas para si e para o outro. Del Prette (2005) classifica as seguintes competências: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amigos, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas. As competências sociais são controladas por diferentes meios, sendo o ambiente cultural um fator de grande relevância. A cultura é formada pelo grupo de pessoas que avalia determinados comportamentos de um indivíduo como certo e errado e seleciona-os direcionando as conseqüências adequadas a essa avaliação. Reforça-se o indivíduo com aprovação quando esse apresenta o comportamento esperado para certa situação. O ambiente social é resultado dessa cultura, que difere em seus ambientes. Diferentes instituições, religiões, cidades e países adotam valores diferentes para conseqüenciar o comportamento do indivíduo. Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir os conceitos teóricos apresentados acima a partir do estudo do caso de uma criança de 6 anos, descendente de orientais, que apresentou dificuldade nas interações sociais com membros de fora do contexto familiar, durante o processo de mudança de escola. A queixa comportamental foi de isolamento social, fuga e esquiva das situações de grupo e baixa frequência de verbalização no ambiente escolar. Realizou-se uma avaliação da aquisição e qualidade de suas

habilidades sociais a partir de entrevista com a escola e a família montadas a partir dos roteiros apresentados por Barkley (1997). Com a mãe também foi utilizado a Escala de Maturidade Social de Vineland (1947). A observação da criança consistiu em 5 sessões onde foram utilizadas atividades lúdicas e questionários para a avaliação das competências sociais. Identificou-se déficit nas seguintes habilidades: expressividade emocional, empatia, assertividade, fazer amizades e solução de problemas interpessoais. Tais habilidades são reforçadas pela cultura familiar e oriental em que o indivíduo está inserido. Também eram valorizados pela antiga escola. Esses comportamentos ficaram evidentes quando foi realizada a troca de escola, pois existiu o choque entre os valores do ambiente familiar e da antiga escola, com os valores da escola atual.

Comunicação Oral: “Resiliência: qual é a contribuição da Psicologia?”

Rosana Angst - PUC-PR

No contexto que estamos inseridos, é impossível não passarmos por algum tipo de adversidade. Porém, determinados eventos podem ser traumáticos para uma pessoa, e para outra esse mesmo processo é difícil, mas é elaborado, possibilitando continuar a viver apesar disso. Uma das razões para que um mesmo evento gere conseqüências diferentes a determinadas pessoas relaciona-se ao conceito de resiliência. A resiliência caracteriza-se pela capacidade de um determinado sujeito ou grupo passar por uma situação adversa, conseguir superá-la e sair fortalecido da mesma. Esta é uma pesquisa de estado da arte, utilizou-se de revisão de literatura por meio de consultas à base de dados: Medline, Lilacs, Pubmed e Scielo. As palavras-chave utilizadas foram resiliência, resiliência e psicologia e coping. Foram encontrados 12.291 artigos na base de dados Medline, 276 na base de dados Lilacs, 10.390 no Pubmed e 60 no Scielo. Pode-se afirmar que à resiliência estão relacionados os conceitos de fatores de risco, fatores de proteção e coping. Os fatores de proteção são as influências que modificam ou melhoram a resposta de uma pessoa a algum perigo que predispõe a um resultado não adaptativo, e que parecem mudar ou reverter circunstâncias potencialmente negativas. Já os fatores de risco são variáveis que aumentam a probabilidade de desadaptação do sujeito diante de uma situação de perigo. O coping é um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizados para lidar da melhor forma possível com situações estressantes. Pessoas resilientes apresentam características como: auto-estima positiva, habilidades de dar e receber em relações humanas, disciplina, responsabilidade, receptividade, interesse, tolerância ao sofrimento e muitas outras. Ao passar por uma situação traumática, muitas pessoas tendem a procurar ajuda profissional para orientá-las nesse contexto adverso. O psicólogo é um desses profissionais que possuem formação adequada para fornecer ajuda. Os estudos sobre a resiliência são de grande contribuição para o trabalho do psicólogo. Ao conhecer a resiliência, pode-se começar a ver um indivíduo como capaz de procurar recursos para superar as adversidades, não sendo apenas mais um observador passivo de sua história, e sim como alguém que pode buscar recursos em si mesmo e no ambiente que o rodeia para a resolução de conflitos.

Comunicação Oral: “A Guerra de Carências nas Relações Via Internet”

Edson do Carmo Reis, Sara Campagnaro, Zainab Hamaoui

O presente relato trata-se de um estudo teórico-referencial acerca de pessoas que estão procurando a Internet para iniciar um relacionamento que, dependendo do interesse dos envolvidos, poderá passar do on-line para o off-line, uma vez que as redes informacionais aceitam ampliar a capacidade de pensar e sentir de modo inimaginável. No relacionamento virtual a materialidade se dá no texto, na linguagem virtual. Não se conhece a voz, o corpo tampouco, nem os gestos do amigo on-line, caso se queira reencontrá-lo, isto somente se dará dentro da rede, através do endereço virtual. O número ampliado de pessoas com as quais podem relacionar via Internet, se oculta à verdade, as fragilidades destas, nesse caso, os contatos irão manter-se apenas se as pessoas estiverem tendo algum proveito, caso algo desagrade, deixa-se de “teclar” com o indivíduo. Constitui, assim, um meio que permite mais facilmente a fuga, em face das próprias contradições ou das críticas vindas do contato com quem se está teclando. Por não estar no mesmo tempo e espaço, é possível não responder a estas investidas, pode-se construir, na relação on-line, identidades que são mais aceitas pelo off-line, na qual o sujeito tanto é construtor do seu universo quanto é moldado pelo mesmo. A relação on-line permite, também, testar determinadas situações no intuito de ter uma maior experimentação, comparativamente com o off-line. Existem indicativos de quão importante é a emoção na vida humana. Através dela interagimos em nosso meio, reforçando ou mantendo o que nos proporciona sensações positivas, e eliminando o que produz sentimentos negativos. São as emoções positivas que dão brilho à vida das pessoas e é este sentimento que mobiliza o comportamento do ser humano no intuito de manter uma constância nas sensações. Elas não podem ser diretamente observadas ou medidas e também não podem simplesmente ser desligadas, aparecem subitamente, sendo de difícil controle (Ades, 1996; Davidoff, 1983; Harré e Gillet, 1999). Em suma, as pessoas vivem em constante busca da felicidade e eventos que as reforcem positivamente. Uma busca pela satisfação máxima, sem freios nem restrições. Esses momentos de satisfação facilitam episódios íntimos que são vividos e que podem culminar numa relação potencialmente curativa, porém, não organizam a existência, nem o futuro. Ou seja, a existência é feita de uma sucessão de momentos sem nenhuma perspectiva em longo prazo, de momentos que podem desaparecer porque não terão continuidade.

Comunicação Oral: “Dependência Afetiva sob Enfoque Analítico Comportamental: um estudo de caso”

Karine Tavares - Universidade Federal do Pará, Silvia Canaan - Universidade Federal do Pará

É cada vez maior a demanda de mulheres que chegam aos consultórios psicológicos com um quadro característico do padrão de dependência afetiva, incluindo a presença de repertórios de excessivo cuidado e atenção direcionados às outras pessoas, em especial a parceiros amorosos. O objetivo deste estudo é descrever o atendimento psicoterápico individual de uma cliente adulta, com problema de dependência afetiva, que procurou a Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal do Pará. Foram realizadas 19 sessões de terapia analítico-comportamental que incluíram a valorização do que ocorre na própria sessão por meio do uso da FAP e a ênfase na construção de repertórios com base na Abordagem Construcional. A análise funcional do repertório comportamental da cliente revelou que o desenvolvimento do seu padrão da dependência afetiva estava relacionado à exposição a uma história

prévia de contingências aversivas (rejeição, abandono e negligência) provenientes principalmente da sua família de origem. Os principais objetivos planejados incluíram a construção e fortalecimento da auto-estima e auto-confiança; construção de repertórios de auto-cuidados, auto-proteção, escolha, assunção de responsabilidades pela própria vida, habilidades sociais e autocontrole. Os resultados evidenciaram progressos relacionados ao alcance dos objetivos citados, envolvendo ainda a aquisição de consciência com relação ao seu repertório de dependência afetiva. Corroborando os dados da literatura levantada, o padrão de dependência da cliente parece ser função de sua longa história de exposição a contingências familiares aversivas, repercutindo negativamente em outros âmbitos de sua vida.

Comunicação Oral: “Transtorno de Ansiedade de Separação: intervenção psicológica”

Marcela Fileti, Karina Brásio - PUC-Campinas

O Transtorno de Ansiedade de Separação (TAS) segundo o DSM IV – R caracteriza-se pela ansiedade excessiva em relação ao nível de desenvolvimento, envolvendo o afastamento do lar ou de figuras de vinculação. Este Estudo de Caso teve como objetivo apresentar os resultados da Psicoterapia Analítico-Comportamental aplicada a uma menina de 9 anos, com diagnóstico de TAS evidenciado pelos seguintes critérios: sofrimento excessivo e recorrente frente à ocorrência ou previsão de afastamento de casa, perda ou perigo envolvendo figuras importantes de vinculação; temor excessivo e persistente ou relutância em ficar sozinho; relutância ou recusa persistente a se recolher sem estar próximo a uma figura importante de vinculação ou a pernoitar longe de casa; pesadelos repetidos envolvendo o tema da separação e repetidas queixas de sintomas somáticos (cefaléias, dores abdominais, náusea ou vômitos), com ênfase na desistência de freqüentar a escola e relutância em afastar-se da mãe. A avaliação/intervenção ocorreu entre agosto e fevereiro de 2008 e contou com 16 sessões com a criança, 4 de orientação à mãe e 2 visitas à escola. As principais técnicas utilizadas para a intervenção psicológica foram: flooding e dessensibilização para freqüentar a escola, modelagem para o afastamento da mãe, desenvolvimento de repertório comportamental para aceitação dos próprios erros e limites, reforçamento diferencial para comportamentos de enfrentamento à escola e de outros contatos sociais. Os resultados obtidos foram: volta às aulas regularmente desde o início do ano após três bimestres de ausência. Dificuldades para dormir, ânsia, dores abdominais e diarreia cessaram por volta do 12º dia de aula; término dos comportamentos de birra e choro pela ausência da mãe e diminuição significativa da companhia desta; aumento da interação social com os colegas e conseqüente melhora do relacionamento entre a criança e a família. Conclui-se que a Psicoterapia Analítico-Comportamental revelou-se eficaz para o TAS.

Comunicação Oral: “Avaliação de Estresse, Depressão e Ansiedade em Mães de Recém-Nascidos Internados em UTIN”

Fabiana Pinheiro Ramos -UFES, Sonia Regina Fiorim Enumo - UFES, Rafael Rubens de Queiroz Balbi Neto - UFES/IC/CNPq , Patrícia Braga dos Santos -UFES, Thalita Novaes de Amorim - UFES, Schwanny Roberta Costa Rambalducci Mofat - Faculdade Salesiana de Vitória

Recém-nascidos (RN) com problemas ao nascimento são internados em Unidades de Tratamento Intensivo Neonatal (UTIN), geralmente por prematuridade (PT) (gestação >37) semanas; e baixo peso (BP) (>2.500 g), vistos como fatores de risco biológico para o desenvolvimento infantil. Essas crianças podem também estar sujeitas a fatores de risco ambientais, pois essas condições adversas de nascimento, geralmente, são percebidas pela família como um evento estressor e ansiogênico, desencadeando inclusive quadros de ansiedade e depressão materna, associados a níveis elevados de estresse. Considerando que as condições emocionais das mães podem atuar como fator de risco ambiental proximal ou como fator de proteção ao desenvolvimento do bebê, este estudo analisou os níveis de estresse, ansiedade e depressão de 31 mães de RN internados em UTIN de um hospital público da Serra/ES. Após a explicação dos procedimentos e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as mães participantes respondiam: o Inventário de Ansiedade Beck (BAI) e o Inventário de Depressão Beck (BDI), ambos com normas e padronização brasileira; a Escala de Stress ISSL; o Critério de Classificação Econômica Brasil 2008, para estimar a renda familiar; e um questionário sócio-demográfico. As mães tinham entre 14-38 anos (média = 24,1 anos), a maioria (32,3%) tem o Ensino Médio incompleto, e 1,83 filhos em média; sendo a maioria casada ou em união estável (64,5%). A renda familiar média estimada foi menor que 2 salários-mínimos (R\$ 726,20), variando de R\$ 484,97 a R\$ 3.479,36. A maioria das mães estava em fase de resistência do estresse (54,8 %), enquanto que 16,1% estavam na fase de exaustão (quando o esperado é de 1 a 2%). 22,6 % apresentaram depressão moderada e 9,7% depressão grave, 19,4% ansiedade moderada e 9,7% ansiedade grave. Indica-se intervenção para as fases de exaustão do estresse, de depressão e de ansiedade moderadas ou graves, concluindo-se que essas mães estão em situação de vulnerabilidade para problemas emocionais. Sugere-se, então, a realização de intervenção comportamental, na modalidade de grupo, durante o período em que a mãe fica internada com a criança. Essa intervenção visaria a minimizar os impactos da hospitalização da criança no bem-estar emocional das mães, com possíveis reflexos na interação mãe-criança e no desenvolvimento infantil e familiar, uma vez que a qualidade da interação inicial é um importante fator mediador dos eventos biológicos do nascimento e do desenvolvimento da criança, particularmente nas áreas da linguagem, cognição e socialização. (Apoio: CNPq).

Comunicação Oral: “Separação Mãe-Bebê: o impacto do retorno ao trabalho sobre a interação e os sentimentos das mães”

Thaise Löhr - Universidade Positivo, Claudia Lúcia Menegatti - Universidade Positivo

Para muitas mães, separar-se de seus filhos gera ansiedade, caracterizada por um estado emocional desagradável, preocupação, tristeza ou culpa e sentimentos de aflição ao deixar seu filho sob cuidado de outrem. Algumas mães também pensam que o retorno ao trabalho poderá afetar a qualidade da sua interação com seu filho, a intimidade entre eles e a qualidade da vinculação. Tendo em vista que há pouca literatura sobre essa temática, o presente projeto teve como objetivo verificar se, após o período de licença maternidade, os comportamentos de interação mãe-bebê permaneceram os mesmos ou se apresentaram alterações. Para isso, foram observadas 8 díades mãe-bebê que se encontravam em período de afastamento do trabalho pela licença-maternidade. As mães tinham idade média de 31,5

anos, pertencendo à classe social B, (média-alta), sendo que 6 participantes tinham terceiro grau completo e 2 tinham terceiro grau incompleto. Os bebês tinham idade entre 3 meses e 10 dias e 4 meses e 15 dias no início da coleta. A jornada diária de trabalho das mães, após o retorno da licença, foi de 6 a 8 horas. Após autorização (consentimento) dos participantes, a pesquisa foi realizada na residência dos mesmos. Cada díade foi visitada quatro vezes, nas quais foram realizadas duas entrevistas e quatro sessões de filmagem da interação mãe-bebê na hora do banho. Os dados foram analisados de forma quantitativa e qualitativa. No que se refere à interação mãe-bebê houve aumento em dois comportamentos: o sorriso com forte tendência à significação e o contato visual estatisticamente significativo. De um modo geral, o volta ao trabalho não prejudica a interação mãe-bebê das díades observadas, mas deve-se levar em consideração os sentimentos das mães, pois surge a hipótese de que eles podem alterar a maneira como as mães interagem com seus filhos.

Simpósio: “Estudos Comportamentais da Aquisição de Nomes e de Significados”

Aline Costa - UFSCar, Deisy de Souza - UFSCar, Renato Bortoloti - UFSCar, Julio Cesar de Rose – UFSCar

Coordenador: Julio Cesar de Rose – UFSCar

Debatedor: William McIlvane

Esta proposta de simpósio compreende dois estudos experimentais que exploram modelos comportamentais da aquisição de nomes (Estudo 1) e de significados (Estudo 2). O primeiro estudo investigou o efeito de “dicas morfossintáticas” sobre a atribuição de nomes a estímulos desconhecidos no contexto de um procedimento de exclusão. O segundo estudo avaliou a influência da estrutura de treino sobre a indução de significado entre estímulos equivalentes por meio de um procedimento de dica semântica e de um instrumento de diferencial semântico. Os dois trabalhos contribuem com resultados inéditos e que podem ser relevantes em processos de análise comportamental da função simbólica. Além disso, divulgam novas metodologias de provável utilidade em outras investigações.

Apresentação 1:

Esse trabalho investigou o possível efeito da interferência de “pistas” contextuais na atribuição de nomes a coisas por crianças pequenas em situação experimental. Para tanto foi realizada a alteração em uma variável em um procedimento experimental denominado exclusão o qual vem sendo extensivamente descrito pela literatura como regular quanto aos seus resultados com diferentes populações de participantes. Esses resultados dizem respeito à escolha de estímulos (figura ou objeto) novos, que participantes de pesquisa fazem quando se deparam com um arranjo de escolhas (figuras ou objetos) no qual apenas um dos estímulos ainda não foi relacionado a um nome falado e um modelo novo indefinido é ditado. O presente trabalho, realizado com 8 participantes com atraso no desenvolvimento, constou de três situações de teste, na primeira situação, alguns modelos auditivos (palavras desconhecidas) eram acrescidos de pistas contextuais para verbo de ação, o que significou o acréscimo da terminação de gerúndio (ex.: pafeando), na segunda situação um s (dica de plural, ex.: mopades) foi acrescentado a algumas palavras indefinidas e na terceira situação adicionou-se terminação de grau a algumas das palavras faladas indefinidas (diminutivo, ex.: xipitinho). Os arranjos

de estímulos de comparação eram compostos por combinações de figuras desconhecidas sem a pista contextual, figuras desconhecidas com a pista contextual, figuras conhecidas e pela máscara. Esperava-se que, se as pistas do contexto interferissem com o responder (gerúndio, plural e diminutivo) uma palavra indefinida com essa terminação seria atribuída a qualquer item (conhecido ou não), desde que o mesmo apresentasse a pista contextual relativa. Todos os participantes demonstraram influência das pistas contextuais em suas respostas e assim pode-se afirmar que houve uma alteração na regularidade do padrão de responder descrito até então pela literatura. Novas investigações e análises para melhor compreender as variáveis que interferem com esse controle de estímulos serão de imenso valor para a área.

Apresentação 2:

Este estudo avaliou a aquisição de significado via relações de equivalência e o nível de interferência da estrutura de treino nesse processo utilizando um procedimento de dica semântica e um instrumento de diferencial semântico. Dois grupos de estudantes universitários foram submetidos a estruturas de treino distintas para o estabelecimento de classes de equivalência compreendendo um conjunto de estímulos significativos (fotografias de faces expressando emoções) e quatro conjuntos de figuras abstratas. Um dos grupos aprendia a relacionar alguns conjuntos de figuras numa estrutura “um para muitos” (UPM): um conjunto de estímulos modelo era relacionado a dois conjuntos de estímulos de comparação; o outro grupo relacionava os mesmos conjuntos de figuras numa estrutura “muitos para um” (MPU): dois conjuntos de modelos eram relacionados a um conjunto de comparações. Conduzia-se, então, uma série de “tentativas de dica semântica” envolvendo as figuras abstratas já vistas e algumas figuras novas. Em cada tentativa, duas figuras eram apresentadas em seqüência, a primeira como “dica” e a segunda como “alvo”. O participante era instruído a responder, pressionando teclas específicas no menor tempo possível, se ele conhecia ou não a figura apresentada como alvo. As respostas eram, em geral, mais rápidas quando dica e alvo eram estímulos da mesma classe, achado que reproduz com estímulos abstratos equivalentes o efeito muitas vezes verificado com palavras semanticamente relacionadas. Terminada essa etapa, foi utilizado um instrumento de diferencial semântico na avaliação dos significados atribuídos a algumas figuras abstratas pelos dois grupos experimentais. O mesmo instrumento foi usado na avaliação dos significados atribuídos às faces por um grupo controle. A estrutura do treino parece ter produzido efeito relevante sobre as avaliações das figuras abstratas: as avaliações do Grupo UPM foram mais similares às avaliações das faces do que as avaliações do Grupo MPU. Considerados em conjunto, esses resultados contribuem para a validação da equivalência de estímulos como modelo de significado e sugerem estratégias experimentais para avaliar efeitos de diferentes parâmetros de procedimento sobre o nível de transferência de significado que pode ocorrer entre estímulos de uma mesma classe.

Palestra: “Avaliação e Treinamento de Habilidades Sociais”

Frank M. Gresham - Louisiana State University/FAPESP/SBP

O campo teórico-prático das habilidades sociais apresenta muitos desafios aos pesquisadores de Psicologia e aos profissionais de diferentes setores como Educação, Trabalho, Clínica, Saúde etc. Os programas de habilidades sociais são geralmente constituídos por um conjunto de procedimentos, recursos e técnicas que devem ser articulados em função de objetivos claramente definidos. A definição de objetivos, por sua vez, deve estar baseada em uma cuidadosa avaliação multimodal, ou seja, baseada em diferentes instrumentos, contextos e avaliadores. Esta apresentação focalizará questões conceituais, metodológicas e práticas ligadas ao aperfeiçoamento de instrumentos e procedimentos de avaliação bem como ao uso de procedimentos, recursos e técnicas para a condução de intervenções bem sucedidas de programas de Treinamento de Habilidades Sociais. Além disso, o conferencista deverá apresentar o estado da arte dessa área nos EUA e em outros países, com exposição de sua experiência em pesquisa e prática nessa área, apontando novos rumos para a investigação e suas implicações na atuação do psicólogo.

Comunicação Oral: “A Eficácia dos Testes Neuropsicológicos de Memória em Illetrados”

Andréa Goldani, Hellena Jacone, Mateus Curio, Renata Azevedo, Maryellen Portilho, Arely Silva

A população de idosos no nosso contexto social aumenta vertiginosamente a cada dia, o que fazer com eles? Junto com a velhice vêm os declínios associados a esta etapa da vida, para poderem ser trabalhados no sentido de garantir melhor qualidade de vida a esta população é preciso inicialmente que sejam identificados de forma precisa, os testes neuropsicológicos são responsáveis por esta tarefa. Sendo a perda de memória o primeiro sintoma a surgir nas doenças associadas a esta faixa etária, se faz necessário a garantia de que os testes responsáveis pela medição desta função sejam eficazes principalmente em casos atípicos como os sujeitos analfabetos. **OBJETIVOS:** • Verificar a eficácia (sensibilidade) dos testes neuropsicológicos de memória na avaliação de adultos iletrados e não demenciados; • Verificar se o iletramento é uma variável que interfere nos resultados dos referidos testes; • Verificar se os sujeitos iletrados apresentam maior propensão aos problemas de memória. **HIPÓTESES:** O iletramento não interfere no desempenho dos sujeitos adultos nos testes neuropsicológicos de memória, os testes é que não são suficientemente sensíveis para detectar as diferenças de funcionamento entre sujeitos letrados e iletrados. **MÉTODO:** Serão organizados dois grupos: experimental e controle. O grupo experimental será subdividido em sujeitos adultos de ambos os sexos, da área rural e área urbana. Selecionar adultos de ambos os sexos, iletrados e residentes na zona urbana e zona rural (grupo experimental) e letrados (grupo controle) para entrevista inicial, a fim de investigar aspectos orgânicos, psicológicos e sociais relacionados à leitura e escrita. Aplicar o Mini Exame do Estado Mental para verificar se há indicadores de demência segundo o DSM IV. Posteriormente aplicar os seguintes testes (somente naqueles que forem selecionados após a entrevista e o mini exame do estado mental): Figura Complexa de Rey, RAVLT (lista de Rey, memória auditiva) e dígitos da Escala Weschler (ordem direta e inversa). **RESULTADOS:** A pesquisa está em desenvolvimento, posteriormente os resultados serão analisados a partir de modelo estatístico não paramétrico.

Comunicação Oral: “Categorias Comportamentais Observadas Durante a Aplicação do Universal Nonverbal Intelligence Test (Unit) em Surdos - FAPEMIG (processo SHA 1940/06)”

Cláudia Furtado Borges - UFU, Renata Ferrarez - UFU, Ana Carolina França Pacheco - UFU, Carolina de Resende Dias Cardoso - UFU, Flávia Miranda Oliveira - UFU, Ana Paula de Oliveira Almeida – UFU

Um teste psicológico pressupõe que através de sua aplicação é possível obter dados sobre o comportamento de uma pessoa através da análise de um conjunto de itens que são situações-estímulo (questões do teste ou itens de observação). Estes itens avaliam a emissão de uma resposta que o examinando considera adequada para aquela contingência proposta através do teste. Na área da testagem psicológica as contradições das ciências do comportamento apontam para variáveis ligadas ao entendimento das instruções, ao ambiente em que a testagem é realizada ou há outras variáveis ligadas a testagem que podem influenciar na performance final do examinando (distrações e contingências de reforçamento ou punitivas presentes durante a avaliação). Estes aspectos não podem ser detectados a não ser via comportamento explícito ou outro meio avaliativo que capte os vários comportamentos que podem ser expressos durante a sessão de testagem. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é relatar as categorias comportamentais que foram observadas durante a aplicação do Universal Nonverbal Intelligence Test – (UNIT) aplicados em crianças e adolescentes surdos. O UNIT é um instrumento que avalia inteligência fluida e sua aplicação é completamente não-verbal, sendo que as instruções que são dadas aos sujeitos são realizadas através de gestos universais. Foram observadas 28 crianças e adolescentes surdos de escolas públicas da cidade de Uberlândia, MG, na faixa etária de 10 a 17 anos, todos cursando 1º e 2º grau do ensino médio, enquanto realizavam o UNIT. Elaborou-se um protocolo de observação do comportamento dos participantes que avaliou número de distrações (mover o olhar da área de execução do teste) ao longo dos subtestes do UNIT e avaliou também o número de comunicações em LIBRAS, quando a instrução dada ao sujeito era para que não houvesse comunicação durante a execução dos subtestes. O número de itens assinalados como distração não foi estatisticamente diferente do número de comunicação em LIBRAS, $t(27) = 1,67$; $p > 0,05$. Estes resultados indicam que as comunicações em LIBRAS são provavelmente uma subcategoria comportamental da categoria distração e que possivelmente ambas interfiram igualmente nos escores obtidos pelos participantes.

Comunicação Oral: “O Atendimento Domiciliar como Fonte de Dados no Atendimento de Paciente com Quadro Neurológico”

Luiz Antonio Bernardes - Clínica Particular

Este trabalho apresenta dados referentes ao atendimento domiciliar de um homem portador de quadro neurológico compatível com ataxia cerebelar e coreo-atetose. Trata-se de um homem atualmente com setenta e um anos de idade, militar reformado, nível escolar superior, casado, dois filhos, católico, morador em cidade de médio porte no interior de Minas Gerias. O cliente faz uso de medicação antidepressiva, vasodilatadores e neurotônicos. Inicialmente o cliente apresentava incapacidade de deambular sozinho, cuidar de sua higiene e alimentação, mímica facial mobilizada, bem como apresentava fala incompreensível, necessitando da interlocução da esposa. Os atendimentos

aconteceram três vezes por semana em regime domiciliar. Uma vantagem encontrada nos atendimentos domiciliares foi o engajamento da esposa. Os atendimentos permitiram observar quais as contingências atuavam no dia-a-dia do cliente favorecendo assim as intervenções. Possibilitou ainda alterações de variáveis que pudessem exercer controle negativo na melhora do cliente como no caso da atuação da esposa que não só cuidava do marido como também o privava de executar atividades para as quais estava apto. A condição limitadora do cliente funcionava como contingência aversiva para a família que relatava preocupação com a evolução do caso e conseqüentemente cobrava do cliente empenho em sua recuperação. Estas cobranças geravam CERs aversivas, principalmente medo e ansiedade. As alterações de ambiente muitas vezes funcionava como estimulação aversiva para a esposa e para o cliente. Posteriormente mudou de função devido aos reforçadores naturais do próprio sucesso do cliente em fazer o que lhe era solicitado. As propostas de mudança comportamental da esposa muitas vezes eram postergadas funcionando como respostas de fuga/esquiva. O cliente conforme sugere os dados melhorou na deambulação, cuidados com sua higiene, alimentação, além de apresentar várias respostas que já faziam parte de seu repertório comportamental e que foram suprimidas devido ao quadro. Quanto a socialização, a partir do momento que o cliente iniciou suas caminhadas diárias próximo de sua residência, aumentou a probabilidade de emitir respostas de conversação. A concluir, é interessante perceber como este tipo de intervenção apresenta vantagens diferenciadas do atendimento de consultório. A principal delas trata-se da possibilidade de observar e intervir no ambiente natural do cliente. É nesse ambiente que entendemos o porquê do cliente se comportar de tal maneira. Podemos propor modificações ambientais que sejam capazes de provocar um aumento das respostas com conseqüências reforçadoras para o cliente.

Comunicação Oral: “A Análise dos Sonhos Como Estratégia de Promoção de Autoconhecimento”

Juliana Tramontini Marcatto - UEL, Barbara Sérvulo Herthel – UEL

A busca pelo significado dos sonhos é uma questão latente que acompanha a história da humanidade. As várias formas de reflexão envolvidas na compreensão dos mesmos se referiam inicialmente a explicações místicas. Atualmente, as explicações são remetidas a causas inconscientes; neurofisiológicas ou ainda, a que cabe a este estudo: investigar os sonhos segundo as premissas do behaviorismo radical e sua utilização como instrumento de intervenção psicoterápica. A comunidade acadêmica não oferece subsídios necessários para que o estudante de Psicologia se torne capacitado a analisar os sonhos a partir de um enfoque analítico comportamental. Este fato, em conjunto com a carência de literatura referente ao tema e de centros de treinamento para terapeutas comportamentais, acarretam dificuldades conceituais e, conseqüentemente, práticas. Frente a essa problemática, o terapeuta, muitas vezes, vê-se inclinado a buscar alternativas em outras abordagens. A partir de análise e reflexão bibliográficas, é possível valer-se do behaviorismo radical para compreender a subjetividade do indivíduo dentro de um contexto terapêutico. Conclui-se, a partir dos resultados obtidos, que sonhos são comportamentos e estão sujeitos às mesmas leis que qualquer outro comportamento, ou seja, são produzidos a partir de condicionamento operante e respondente, sendo que esses esquemas estão sob controle de três níveis de seleção: filogênese, ontogênese e cultura. Mais especificamente, sonhos são

comportamentos encobertos, fazem parte da subjetividade do indivíduo, e são construídos a partir da comunidade verbal que nos ensina a denominar os nossos sentimentos e agir discriminativamente em relação ao ambiente. Assim, passamos a agir também discriminativamente em relação a estímulos internos, e estes, ao entrar em relação com a comunidade verbal, se tornam elos de uma cadeia causal. Os sonhos pertencem a uma classe comportamental perceptual, a do ver. Nesse sentido, os sonhos são respostas dadas pelo organismo na ausência de estímulos aparentes. O conteúdo dos sonhos está diretamente relacionado com a história de reforçamento do indivíduo. Deste modo, sua análise é possível a partir do conhecimento da história individual de condicionamento e das contingências de reforçamento às quais os comportamentos presentes são função. O terapeuta comportamental, ao utilizar-se dos sonhos como um recurso terapêutico, contribui para o desenvolvimento do autoconhecimento do cliente ao ajudá-lo a fazer uma descrição de seus sonhos, ou seja, descrever as contingências das quais seu comportamento é função. Este recurso adicional, aliado a outros fatores, compõem o processo global da terapia e contribuem para o progresso do tratamento.

Comunicação Oral: “Terapia Comportamental Infantil para Crianças com Surdez “

Cláudia Furtado Borges - UFU, Renata Ferrarez - UFU, Simone Aparecida dos Santos –UFU

A Terapia Comportamental Infantil baseia-se no modelo triádico de atendimento; visando a compreensão das variáveis que geram e mantêm o comportamento da criança, assim como os comportamentos dos pais contingenciam estas variáveis. Desta forma, o terapeuta tem o objetivo de intervir na mudança de contingências que possam posteriormente ser generalizadas para os ambientes naturais da criança e da família. Analisando estas contingências, percebe-se que pessoas com necessidades especiais, no caso a população surda, é frequentemente negligenciada neste tipo de atendimento, principalmente as crianças. São poucos os trabalhos clínicos com crianças, e a maioria dos psicólogos não são aptos para atender portadores de deficiência auditiva, pois esta área exige do psicoterapeuta uma formação que transcende seu conhecimento acerca de teorias e técnicas psicoterápicas em geral. As técnicas precisam ser adaptadas, por exemplo, às peculiaridades da linguagem compreensiva e expressiva desta população, afinal são tantas as diferenças individuais dentro do grupo de surdos que podemos falar em subgrupos diferenciados a partir das seguintes variáveis: o nível de perda auditiva, a idade do início surdez, sua etiologia, fatores educacionais e comunicativos, inserção em famílias de pais ouvintes ou de pais surdos. Este trabalho visa mostrar como ajustar a estrutura da terapia comportamental tradicional para a realidade de uma criança com deficiência, e como precisa haver uma adaptação ao processo de orientação de pais, independentemente se estes possuem deficiência ou não. Num setting terapêutico para a criança com surdez, é necessário construir um ambiente cheio de estímulos visuais concretos, de acordo com o repertório de aprendizagens da criança. Inicialmente é primordial ensinar a criança, de forma concreta, os elementos básicos da terapia e como estes regem os comportamentos problemas. O reforço explícito é fundamental para o engajamento, a motivação e empatia, principalmente para manter a criança envolvida nas tarefas terapêuticas. Outro elemento fundamental no processo terapêutico é a orientação de pais, que visa orientar a família a desenvolver crescimento pessoal e o funcionamento independente do comportamento da criança em relação aos cuidadores. O ponto principal no atendimento com

criança surda é a adaptação da linguagem, o que não significa que ela tenha déficits em raciocínio e/ou na capacidade intelectual. Desta forma, este trabalho introdutório apresentará formas de manejar e controlar variáveis em um setting terapêutico específico para crianças surdas, através da exploração das noções enumeradas acima.

Comunicação Oral: “O Homem que Queria ser Culpado: como a ‘culpa’ pode controlar o comportamento?”

Nayra Cristine Alves De Carvalho - Universidade Estadual do Piauí – UESPI

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise do “sentimento de culpa” a partir da proposta de Skinner e avaliar a relação destes com o controle do comportamento. Aborda-se a noção de controle para a análise do comportamento, enfatizando a relação entre eventos privados e comportamento aberto a partir da perspectiva de Anderson, C. M e cols (1997) e Tourinho (1997). Para fins didáticos utilizam-se recortes do livro “O homem que queria ser culpado” de Henrik Stangerup, no qual o personagem principal, Torben, vive em “uma nova sociedade” onde são as circunstâncias que nos condicionam... Todavia em discussão com Edith, sua mulher, acaba perdendo o senso das proporções e a mata, iniciando com isso uma busca em ser culpado e responsabilizado pelo assassinato da mulher, mesmo a “nova sociedade” negando a sua culpa. Entretanto, apesar das novas regras da sociedade, há uma extrema retirada de reforçadores para Torben, desde o afastamento de seu filho a retirada de todas as lembranças da esposa em sua casa. Situação que se configurou muito aversiva, estabelecendo a procura pela culpa e pela conseqüente punição, uma forma de fugir da situação, pois, para ele, com a pena por seu crime cumprida, as punições cessariam.

Comunicação Oral: “Pai Presente X Pai Ausente: envolvimento paterno e repertório de habilidades sociais de escolares”

Fabiana Cia - UFSCar, Elizabeth Joan Barham – UFSCar

Pesquisas apontam que a qualidade do relacionamento com o pai (segurança, envolvimento, participação nas atividades escolares, práticas parentais não punitivas/autoritárias) é preditora do desenvolvimento social dos filhos. As habilidades paternas tornam-se fundamentais para o desenvolvimento infantil, considerando que as características interpessoais negativas são tidas como fatores de risco, podendo levar a criança a apresentar dificuldades de aprendizagem, problemas comportamentais ou emocionais, entre outros desajustes psicossociais. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi o de relacionar indicadores do envolvimento paterno com o repertório de habilidades sociais de crianças. Participaram deste estudo 97 pais (homens), com média de idade de 35 anos, sendo a maioria de classe socioeconômica baixa e média baixa. Também foram participantes 99 crianças (média de idade de oito anos, 78,8% estavam na 2ª série e 21,2% na 1ª série do Ensino Fundamental), sendo 49 do sexo feminino e 50 do sexo masculino. A coleta de dados ocorreu em três instituições públicas, localizadas em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Para avaliar o envolvimento paterno, os pais preencheram ao questionário Avaliação do bem-estar pessoal e familiar e do relacionamento pai-filho – Versão Paterna (composto por três escalas: Comunicação entre pai e filho,

Participação do pai nos cuidados com o filho e Participação do pai nas atividades escolares, culturais e de lazer do filho) e para avaliar o repertório de habilidades sociais das crianças, as mesmas preencheram o Social Skills Rating System–SSRS–Auto-avaliação (composto por 34 itens, em que a criança assinala a frequência que emite cada uma das situações de interação social). Foram efetuadas análises estatísticas descritivas e inferenciais, incluindo-se consistência interna dos questionários. Para estabelecer correlações entre o envolvimento paterno e o repertório de habilidades sociais das crianças foi utilizado o teste de correlação de Pearson/SPSS for Windows. Verificou-se que a frequência de comunicação entre pai e filho ($r= 0,333$; $p<0,01$), a participação do pai nos cuidados com o filho ($r= 0,287$; $p<0,01$) e a participação do pai nas atividades escolares, culturais e de lazer do filho ($r= 0,335$; $p<0,01$) estavam positivamente correlacionadas com o repertório de habilidades sociais das crianças. Pode-se inferir que programas planejados para promoverem o envolvimento paterno deveriam ser vistos como necessários, quando um pai apresenta uma baixa frequência/qualidade de envolvimento, visando melhorar a qualidade de seu relacionamento com os filhos e, conseqüentemente, maximizar o desenvolvimento social das crianças. Novas pesquisas e delineamentos experimentais mais complexos são sugeridos. Apoio financeiro: Fapesp.

Comunicação Oral: “Programa de Intervenção para os Pais: como melhorar o envolvimento paterno?”

Fabiana Cia - UFSCar, Elizabeth Joan Barham – UFSCar

No contexto cultural atual brasileiro, as práticas educativas de ambos os pais para com seus filhos estão num processo de transformação, passando de uma postura de rigidez para uma de maior permissividade. Esta mudança reflete a redefinição mais ampla no papel da figura paterna, uma vez que uma porcentagem cada vez maior de mulheres está entrando no mercado de trabalho, e os homens estão tendo que assumir um envolvimento maior no âmbito familiar. Assim, torna-se importante realizar programas de intervenção com os pais, para maximizar a qualidade do relacionamento entre pai e filho e, conseqüentemente, propiciar melhores condições para o desenvolvimento infantil. Este estudo teve por objetivo avaliar a eficácia de um programa de intervenção para pais sobre o envolvimento paterno. Realizou-se a intervenção em 12 sessões (objetivo principal: melhorar as práticas parentais paternas), com encontros semanais de 90 a 120 minutos. Para avaliar o impacto da intervenção, formaram-se três grupos: GE1 (Grupo experimental 1: 29 pais/mães, sendo que os pais participaram da intervenção), GE2 (Grupo experimental 2, 36 pais/mães, sendo que as mães participaram da intervenção) e GC (Grupo controle, 34 pais/mães, sendo que ambos os pais não participaram da intervenção). A frequência do envolvimento paterno foi avaliada por ambos os pais, pelo questionário Avaliação do bem-estar pessoal e familiar e do relacionamento pai-filho/Versão Paterna (tendo duas escalas: Comunicação entre pai e filho e Participação do pai nas atividades escolares, culturais e de lazer do filho). A coleta de dados ocorreu em três escolas públicas. Para comparar os dados obtidos em cada grupo, foram utilizados testes estatísticos de MANOVA/SPSS for Windows. Em comparação com o pré-teste, no pós-teste, os pais do grupo GE1 e GE2 apresentaram uma frequência de comunicação com os filhos ($F(2;56) = 8,35$, $p<0,01$ – pai/GE1, $F(2;56) = 7,09$, $p<0,01$ – mãe/GE1 e $F(2;70) = 4,95$, $p<0,05$ – pai/GE2, $F(2;70) = 4,16$, $p<0,05$ – mãe/GE2) e de participação nas atividades escolares,

culturais e de lazer do filho estatisticamente maior ($F(2;56) = 11,9$, $p < 0,01$ – pai/GE1, $F(2;56) = 13,4$, $p < 0,01$ – mãe/GE1 e $F(2;70) = 7,76$, $p < 0,01$ – pai/GE2, $F(2;70) = 24,9$, $p < 0,001$ – mãe/GE2). Esses dados são indicativos: (a) da importância de realizar uma intervenção, com pais e/ou mães, para aumentar a frequência de envolvimento paterno e, conseqüentemente, maximizar diferentes áreas do desenvolvimento infantil e (b) de que os pais desta amostra estão tendo alta participação nos cuidados e na educação dos filhos, se comportando como é esperado pela nova paternidade. Apoio financeiro: Fapesp.

Comunicação Oral: “Programa para Capacitação de Pais como Agentes Favorecedores de Comportamentos de Estudos: dados preliminares de uma experiência”

Danila Secolim Coser - UFSCar, Ana Lúcia Cortegoso – UFSCar

A literatura aponta que o envolvimento dos pais pode ser determinante para o sucesso escolar de seus filhos. Apesar do conhecimento disponível, muito frequentemente, os pais não possuem repertórios necessários para lidar com demandas de dificuldades escolares ou promoverem comportamentos de estudo autônomos e eficazes em suas crianças. O presente estudo teve por objetivo promover e avaliar um programa de intervenção (criado a partir dos princípios da programação de ensino) junto a pais de crianças, particularmente aquelas que apresentem história de baixo desempenho escolar. Participaram da investigação 3 responsáveis de alunos, indicados por professores como apresentando dificuldades de aprendizagem, de uma escola do interior de São Paulo. Foram coletadas medidas de pré-teste para avaliar repertório de entrada dos participantes em relação ao acompanhamento de estudo de seus filhos, treino e pós-teste por meio de dados coletados a partir de entrevistas com pais, alunos e professores e exame de documentos indicativos de desempenho escolar. Ao participarem dos encontros de treino os pais receberam uma apostila preparada para o programa de ensino e responderam a avaliação de eficácia a cada 2 sessões das 8 sessões previstas. Foram discutidos nos encontros: local de estudo, regras e consequências para o estudar, como ajudar na tarefa de casa, entre outros. Dados relativos à eficácia de procedimentos de intervenção sobre o desempenho de pais como agentes favorecedores de comportamentos de estudo em crianças que apresentam história de baixo desempenho escolar, bem como do eventual impacto do papel destes pais no comportamento de estudo de seus filhos foram analisados. Os resultados demonstram que o programa possibilitou identificar algumas mudanças no repertório dos pais ao lidar com o estudo dos filhos e/ou na rotina diária de interação no ambiente familiar, principalmente para dois dos três participantes. A criação do programa a partir dos princípios da programação de ensino também colaborou para avaliação do treinamento. É esperada, como contribuição desse estudo, que histórias de fracasso escolar sejam superadas mais rapidamente em um sentido favorável à inclusão escolar.

Comunicação Oral: “Brincando de Caça ao Tesouro: uma análise experimental do controle por instruções”

Dhayana Veiga - PUC-SP, Andréia Schmidt - Universidade Positivo

O controle por instruções tem recebido atenção especial na Análise Experimental do Comportamento. Diversos estudos têm sido realizados para verificar quais são os fatores determinantes do seguimento de instruções. Além disso, diversas discussões vêm sendo conduzidas sobre as possíveis funções exercidas pelas instruções. O objetivo da presente pesquisa foi verificar quais funções exerceram as instruções correspondentes e não correspondentes às contingências presentes em uma brincadeira de “caça ao tesouro” e se a coerência ou discrepância das instruções definiram a função exercida por elas. Participaram da pesquisa 16 crianças (oito meninos e oito meninas) com idades entre 8 e 10 anos que cursavam ensino fundamental em uma escola estadual da cidade de Curitiba. As crianças foram divididas em dois grupos submetidos a delineamentos experimentais diferentes: o delineamento 1 era predominantemente composto por instruções correspondentes (pistas verdadeiras) e o 2 composto predominantemente por instruções não correspondentes (pistas falsas). As pistas verdadeiras continham descrições que indicavam locais com novas pistas e as pistas falsas descreviam locais onde não havia pistas. As crianças participaram individualmente e a todas elas era apresentada uma mesma instrução inicial. Em seguida, a primeira pista era lida e a partir da pista 2 os participantes foram expostos a condições ambientais diferentes. Os desempenhos dos participantes de cada grupo foram significativamente diferentes diante de quase todas as pistas. No entanto, os participantes do delineamento 2 apresentaram comportamentos seguidores de instruções não correspondentes durante todo o experimento, o que foi atribuído principalmente ao monitoramento da experimentadora no local e à ausência de perda de reforçadores nas conseqüências programadas. Todas as instruções presentes no experimento parecem ter alterado a função de estímulos do ambiente, entretanto, as alterações ocorridas produziram efeitos diferentes. A instrução inicial alterou o valor reforçador das pistas (tornando-as reforçadores condicionados para comportamentos de busca) e contribuiu para que o monitoramento da experimentadora possivelmente tenha controlado o comportamento dos participantes do delineamento 2. Já as pistas individuais (verdadeiras e falsas), alteraram a função dos estímulos do ambiente (objetos), tornando-os estímulos discriminativos, que passaram a evocar comportamentos a partir da leitura das pistas que os descreviam. Por meio deste estudo observou-se que as instruções correspondentes e não correspondentes às contingências programadas no ambiente exerceram função alteradora da função de estímulos e que o fato da pista ser correspondente ou não, apesar de ter determinado o grau de controle exercido pelas instruções, não determinou a função exercida por elas.

Comunicação Oral: “Terapia Comportamental e Música”

Diego Bezerra, Denise Villas Boas

O presente trabalho tem como objetivo, por meio de um estudo de caso, demonstrar que a música pode ser utilizada como ferramenta terapêutica dentro da terapia analítico-comportamental, como os recursos lúdicos e a análise de sonhos. O cliente com idade de 33 anos é músico e relata como queixas principais medo de brigas e ansiedade diante do público, além disso, relatava que não conseguia administrar a vida pessoal e vida profissional, descrevendo medo de que a esposa não aprovasse a sua profissão e relata problemas de relacionamento conjugal. Através de uma carta escrita para o terapeuta e transcrita nesse trabalho é realizada avaliação funcional de trechos da carta, que conta a história da sua vida desde a infância até o presente momento. Após realizar a avaliação funcional dos trechos da

carta, foram realizadas avaliações funcionais das letras das músicas do Roberto Carlos, Divã, e de sua própria autoria, Terapia do Amor, que serviram também no processo terapêutico como recursos para intervenção. As queixas foram trabalhadas nas sessões pedindo que o paciente trouxesse o violão para a clínica e se expusesse diante do terapeuta, o que facilitou seu contato posterior com o público. Dentre outras intervenções o cliente foi levado a tocar suas músicas próprias nos seus shows e a tocá-las para sua esposa. O cliente aprendeu a negociar melhor seus contratos e a diminuir a ansiedade diante de situações de negociação com atividades de Rolling-play. Atualmente, está gravando mais um cd que faz parte de um projeto de um curso de músico em que se escreveu.

Comunicação Oral: “Modelagem e Esquemas de Reforçamento Intermitentes: vídeos engraçados enquanto recurso metodológico”

Celio Araujo - Rede Pitagoras, Elayne Fracalossi - Rede Pitagoras, Estevão Pignaton - Rede Pitagoras, Denise Marchiori - Rede Pitagoras, Alex Machado - Rede Pitagoras, Jones Cavaglieri - Rede Pitagoras

A Análise Funcional configura-se como a principal ferramenta do Analista do Comportamento, sendo indispensável para a explicação de relações funcionais entre eventos comportamentais e eventos ambientais. Entretanto, se faz necessário que Analistas do Comportamento em formação ampliem suas habilidades analíticas através de diferentes contextos de aplicação (casos clínicos, exemplos práticos, análises de filmes, etc.). Neste contexto, o presente trabalho é parte integrante de um grupo de estudos com o objetivo da aplicação de conceitos básicos da Análise Experimental do Comportamento em vídeos engraçados da internet de curta duração. Desta forma, acredita-se que possíveis estímulos aversivos, muitas vezes associados à linguagem da Análise do Comportamento (descrita como “fria” por parte dos alunos), possam ser emparelhados com estímulos reforçadores (cenas cômicas), com o objetivo de tornar o processo de aprendizagem mais agradável. No caso deste trabalho, foram analisados os conceitos de Modelagem, Reforço Diferencial e Esquemas de reforçamento intermitentes (FI, VI, FR e VR), a partir da obra “Ciência e Comportamento Humano”, de Skinner e outras bibliografias afins, aplicados a três vídeos: Vídeo 1 (Modelagem e Reforço diferencial); Vídeo 2 (Esquemas de intervalo); Vídeo 3 (Esquemas de razão). Os vídeos foram ilustrativos dos conceitos, o que configura este trabalho na categoria Primeiros Passos.

Mesa Redonda: “Psicologia da Saúde – o trabalho com câncer de mama, cirurgia bariátrica e transplante de fígado”

Maria Cristina Miyazaki - FAMERP, Hellen de Felício - FAMERP, Neide A. Micelli Domingos - FAMERP, Maria Rita Zoéga Soares – UEL

Coordenador: Maria Cristina Miyazaki - FAMERP

Apresentação 1:

Os resultados positivos dos transplantes de órgãos levaram ao aumento na demanda por este tipo de procedimento. Conseqüentemente, a demanda é muito superior à oferta, o que acarreta longas filas de espera para a cirurgia e uma seleção criteriosa dos candidatos. Esta seleção inclui critérios biológicos e

psicossociais, justificando, portanto o trabalho do psicólogo na área. Uma apresentação do funcionamento da Equipe de Transplante de Fígado do Hospital de Base / Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto será realizada, enfocando o trabalho do psicólogo no grupo. Como se trata de uma equipe interdisciplinar, as tarefas envolvem extensão de serviços à comunidade (atendimento a pacientes e familiares), ensino (graduação e pós-graduação) e pesquisa. O atendimento inclui: avaliação de pacientes candidatos ao transplante, orientação para pacientes e familiares, psicoterapia individual quando necessário e grupo de sala de espera. Ensino inclui o treinamento de alunos de pós-graduação Lato Sensu (Aprimoramento em Psicologia da Saúde) e Stricto Sensu (mestrado e doutorado). As pesquisas respondem a questões enfrentadas pelo psicólogo e outros membros da equipe no trabalho diário com os pacientes e seus familiares.

Apresentação 2:

Cirurgia bariátrica é uma opção eficaz de tratamento para a redução de peso, com um impacto positivo em relação a comorbidade física e psicológica de pacientes obesos. Entretanto 20% dos pacientes submetidos à cirurgia não atingem o peso ideal em função de recaídas e do comer compulsivo. É preciso ressaltar que esta cirurgia não é a solução para a obesidade. Existem problemas de saúde, como pneumopatias graves, cirrose hepática, insuficiência renal e problemas psicológicos como depressão, bulimia, e transtornos de personalidade, que contra-indicam a cirurgia. Obesos com desajuste psicológico têm grande chance de desenvolver compulsão alimentar, depressão e risco de suicídio. A avaliação psicológica é fundamental para evitar complicações no pós-operatório e contribuir diretamente no desenvolvimento de habilidades de restrição alimentar. Auxilia ainda o paciente a adaptar-se ao novo padrão de comportamento alimentar e a desenvolver habilidades em resolução de problemas.

Apresentação 3:

A psico-oncologia é uma interface entre a oncologia e a psicologia que investiga fatores de natureza psicológica envolvidos em ações de prevenção, tratamento e reabilitação do paciente de câncer. Considera-se que a pessoa acometida por esta enfermidade apresenta uma demanda psicológica específica que precisa ser atendida. O papel do analista do comportamento num contexto deste tipo deve ser de programar as contingências para que os pacientes se desenvolvam adequadamente do ponto de vista emocional, cognitivo e social, tanto dentro, como fora do ambiente hospitalar. O presente trabalho apresenta uma estratégia de intervenção em grupo, dirigido a mulheres com câncer de mama. O programa teve como objetivo avaliar estratégias de enfrentamento que promovam melhor ajustamento à doença e maior adesão ao tratamento. As atividades foram desenvolvidas na Universidade de Valencia – Espanha, e envolveram estratégias comportamentais que incluíram o role-play, feed-back positivo, tarefas entre sessões, auto-observação, treino comportamental e treino em relaxamento. Os resultados demonstraram que a intervenção psicológica pode auxiliar na prevenção e, ao mesmo tempo, na redução de dificuldades de adaptação ao contexto de tratamento ainda em fases iniciais da enfermidade. A intervenção psicológica em grupo em hospitais, direcionada a mulheres com

câncer de mama, também pode produzir redução significativa nos distúrbios de humor, depressão, fobias, tensão, fadiga, confusão, contribuindo para um maior vigor e qualidade de vida. Considera-se que pesquisas devem ser desenvolvidas com o intuito de avaliar a efetividade desse tipo de trabalho em relação a uma melhor adesão terapêutica e melhora de padrões comportamentais para promoção da saúde.

Palestra : “Reflexões Acerca da Avaliação do Trabalho Clínico Extra Consultório e do Acompanhamento Terapêutico: como podemos avaliar se esta intervenção tem sido suficiente para alterar as dificuldades comportamentais de nossos clientes?”

Fabiana Guerrelhas - Psicolog/Inbio – Instituto de Neuropsicologia e Biofeedback, Andreza Cristiana Ribeiro - Psicolog/FAFIBE

No começo da década de 1990 os analistas do comportamento que trabalhavam em consultório começaram a questionar se a prática exclusivamente verbal era satisfatória para a solução dos problemas graves que incapacitavam as pessoas para sua vida cotidiana. Percebeu-se que o confinamento do consultório seria insuficiente para o sucesso terapêutico desses casos, devendo nós terapeutas apresentarmos alternativas que aprimorassem a prática clínica, principalmente para os casos com déficits acentuados no repertório comportamental. Baseados nos princípios da análise do comportamento partimos, então, para o atendimento extra consultório, desenvolvendo a prática do acompanhante terapêutico. Após alguns anos de discussão, ainda estamos diante da necessidade de avaliarmos a nossa intervenção. Continuamos nos questionamos a respeito da diferença entre o que é feito no consultório e a prática fora deste ambiente. Refletimos também se a saída do consultório e a inclusão de acompanhantes terapêuticos nos atendimentos tem sido suficientes para solucionar os problemas que exigem uma atuação diretamente nas contingências. Poucos estudos sistemáticos vêm sendo realizados no âmbito acadêmico, contamos somente com uma avaliação baseada na eficácia clínica que tem como principais indicadores os relatos do paciente, de seus familiares, de seus psiquiatras e da observação dos próprios terapeutas. Como nós clínicos, sem um rigor científico, podemos afirmar que a saída do consultório possibilitou a melhora clínica dos pacientes? Para discutirmos estas questões, apresentaremos uma reflexão a respeito de formas de avaliar esta modalidade de intervenção clínica com a apresentação de casos que envolvem atendimento em consultório, no ambiente natural do cliente e com a inclusão do acompanhante terapêutico.

Comunicação Oral: “Terapia Cognitivo Comportamental para Enxaqueca”

Juliane Mercante

A comorbidade entre enxaqueca e transtornos psiquiátricos vem sendo enfatizada como um dos aspectos mais importantes no manejo dos pacientes com cefaléias. Os transtornos de ansiedade, além dos de humor, são um dos diagnósticos de maior importância neste contexto. A dor é uma “experiência sensitiva e emocional desagradável, que é associada ou descrita em termos de lesões teciduais” (Merskey, 1979). A dor aguda envolve emoções e estados como ansiedade, alerta e estresse, e a dor

crônica, sofrimento e incapacidade (Melzack et al., 2001), que invariavelmente agravam a condição dolorosa. A percepção e o significado da dor são modulados por aspectos cognitivos, emocionais e culturais, podendo alterar a experiência dolorosa. A intensidade e caráter da dor são também influenciados pelas experiências anteriores. A atenção é um fator cognitivo importante, a concentração em uma situação potencialmente dolorosa pode levar o indivíduo a sentir dores mais intensas. E a distração pode diminuir ou abolir a dor. A ansiedade e preocupação com saúde, e em especial a dor, podem ser discutidas conforme algumas estratégias cognitivo-comportamentais. Beck (1985) refere-se à catastrofização, como distorção cognitiva presente no indivíduo com transtornos de ansiedade. Os indivíduos ansiosos podem interpretar sensações somáticas normais como distorções catastróficas. A catastrofização tem sido estudada como o processo de pensamento que mais influencia a percepção da dor (Thorn, 2004). Os indivíduos apresentam uma tendência a exagerar o valor da ameaça ou a gravidade das sensações de dor. Sua atenção seletiva nas sensações corporais, como a cefaléia da crise de enxaqueca, conduz a pensamentos automáticos de ameaça iminente (“E se eu tiver um tumor cerebral”, “E se eu morrer?”). São pensamentos ameaçadores que influenciam a ansiedade em relação à saúde e suas correspondentes manifestações fisiológicas (por exemplo, tensão muscular e dor), cognitivas (por exemplo, preocupações), afetivas (por exemplo, ansiedade) e comportamentais (por exemplo, busca de informação médica tranquilizadora). Esta cadeia de elementos provê mais combustível para os pensamentos de ameaça, conduzindo a um círculo vicioso, culminando em piora do quadro da ansiedade e da cefaléia. Em resumo, a ansiedade antecipatória pode criar um viés de atenção na iminência de ameaça (crise de enxaqueca), este foco em sensações corporais leva a hipervigilância, aumenta a percepção, que pode ser crucial para o desenvolvimento e manutenção da ansiedade e cefaléia. A expectativa excessiva de ter crise de enxaqueca pode exacerbar ou potencializar a próxima crise. A terapia cognitivo-comportamental pode trazer benefícios no controle da crise de enxaqueca e comorbidades psiquiátricas associadas.

Comunicação Oral: “Contribuições da Análise do Comportamento no tratamento do Bruxismo e de Outras Disfunções Temporomandibulares (DTMs)”

Neyfsom Carlos Fernandes Matias - Consultório Particular

É possível observar na literatura da odontologia que tem debatido sobre as Disfunções Temporomandibulares (DTMs) o crescimento de estudos que investigam questões relativas à Alteração Comportamental Cognitiva para o tratamento do Bruxismo e de outras DTMs. Tais pesquisas apresentam técnicas de automonitoramento e mudanças comportamentais que contribuem para o resultado profícuo na cura de tais disfunções. O que estes trabalhos não destacam é a importância de se buscar as causas destes problemas. Nota-se, não só na bibliografia da odontologia, mas, também na Psicologia, que fatores como estresse, ansiedade e depressão têm sido apontados como causas do bruxismo e de outras DTMs. É comum encontrar afirmações que apontam como sendo a causa de DTMs qualquer um dos três fatores. Contrapondo a isto, este trabalho destaca que a proposição de que a ansiedade, estresse e depressão causam bruxismo, por exemplo, não explica a causa do problema. Isto apenas faz uma afirmação a partir de outra. Skinner (1970) destaca o quanto isso pode ser perigoso. Assim, este trabalho destaca a importância de uma Análise Funcional do Comportamento parafuncional

do paciente com o objetivo de elaborar estratégias que visem à melhora ou eliminação das DTMs. Odontólogos destacam que, um dos principais, se não o principal, causador de tais Disfunções são os fatores psicológicos. Neste sentido, este trabalho apresenta como o Terapeuta Comportamental, a partir da literatura, pode contribuir na investigação de possíveis eventos que desenvolvem estes problemas e colaborar com o Cirurgião Dentista nestas e outras questões. Destaca-se que, apesar dos bons resultados das técnicas de Alteração Comportamental Cognitiva nota-se que é preciso a realização de intervenções que ultrapassem a modificação comportamental. O que pode ser alcançado a partir do atendimento psicológico de pacientes que estão com DTMs. No entanto, é preciso destacar que é imprescindível a participação também do cirurgião dentista neste campo de atuação a fim de que ambos, psicólogos e dentistas, discutam questões importantes para o paciente. O terapeuta comportamental pode, por exemplo, apresentar um treino de autocontrole para que o paciente mude seus hábitos parafuncionais e até mesmo de melhora da sua higienização bucal. Ou seja, este trabalho apresenta questões que dizem respeito ao trabalho interdisciplinar no tratamento de problemas que, aparentemente, dizem respeito somente à odontologia.

Comunicação Oral: “Intimidade no Relacionamento Terapeuta-Cliente: alcances e limites”

Angelica Marden Coppede - Clínica Particular

Na literatura concernente ao relacionamento terapêutico há considerações importantes sobre o papel central da intimidade, apesar de não serem investigados os determinantes dos comportamentos íntimos dos terapeutas. Buscou-se investigar nessa pesquisa a ocorrência, na sessão, de perguntas ou colocações dos clientes que levam o terapeuta a falar de particularidades de sua vida, o efeito que elas têm sobre o terapeuta e a relação terapêutica, o que controla o comportamento do terapeuta de responder a essas questões (se é considerada a relevância clínica), possíveis reações (espontâneas ou planejadas) que podem reforçar ou enfraquecer esses comportamentos, enfim, possibilidades de manejo e atuação clínica diante do fenômeno intimidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e de caráter exploratório cuja coleta de dados se deu através de entrevistas semi-estruturadas, feitas com oito terapeutas comportamentais. Para efeito de análise, as entrevistas foram gravadas e depois transcritas. Os dados foram analisados segundo os princípios da Grounded Theory. Os resultados encontrados demonstraram que os terapeutas comportamentais têm seus estilos próprios de prevenir, manejar e aproveitar situações que envolvem intimidade no relacionamento com o cliente e, no geral, os terapeutas que falam sobre aspectos da sua vida (emitem comportamentos íntimos) o fazem com intenção terapêutica. Verificou-se que a intimidade pode tornar a relação mais intensa, mas é a consciência do terapeuta das variáveis envolvidas no processo que converte o que ocorre entre ele e o cliente numa intervenção. Observa-se coerência entre o que é proposto pelos modelos de terapia apresentados - Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) e Terapia por Contingências de Reforçamento (TCR) - e o que os terapeutas entrevistados na sua prática clínica fazem. Porém, não se pode negar a influência direta de outras variáveis, como "características pessoais" do terapeuta. A atuação do profissional está estreitamente ligada com seu estilo. Estes resultados apontam para a importância de se analisar repertórios pessoais e profissionais do clínico no estudo do relacionamento terapêutico.

Mesa Redonda: “A Análise Funcional é Necessária no Tratamento da Enurese Noturna?”

Rodrigo Fernando Pereira - USP, Edwiges Silveiras - USP, Lucirley Araújo - USP, Marina Rocha - USP, Carolina Sousa – USP

Coordenador: Sonia Meyer – USP

O tratamento da enurese noturna através de condicionamento com o aparelho de alarme é um dos exemplos clássicos da efetividade da terapia comportamental no trabalho com uma condição clínica. Apesar disso, é possível discutir sobre até que ponto a análise funcional, um dos recursos mais utilizados pelos analistas do comportamento no contexto clínico, é necessária na avaliação e tratamento da enurese noturna. Há poucos relatos na literatura sobre a identificação de contingências atuando sobre a resposta de molhar a cama durante a noite, bem como de tratamentos baseados nesse tipo de formulação de caso. A maior parte dos relatos se refere ao tratamento padronizado com o alarme, aplicado de forma relativamente indiscriminada e com índices de sucesso entre 65% e 75%. Uma das posições em relação a estes dados é a de que a análise funcional não é necessária, pois a resposta em questão não é mantida por contingências; é um comportamento involuntário associado a questões fisiológicas como um atraso na maturação de núcleos do tronco cerebral responsáveis pela inibição da micção e do excesso de produção de urina durante a noite. Segundo este ponto de vista, o controle urinário pode ser adquirido através de pressões ambientais, mas não a falta dele. Por outro lado, o tratamento com alarme não alcança todas as crianças. Cerca de 30% não obtêm sucesso com o procedimento e continuam molhando a cama. Para esses casos, a análise funcional talvez possa ser um instrumento valioso na identificação de aspectos que levaram o tratamento a fracassar ou até mesmo verificando se não há de fato nenhuma contingência atuando sobre a resposta. Esse recurso pode também ter um papel importante nos casos de enurese secundária: aqueles em que a criança adquiriu controle total por pelo menos seis meses e em seguida voltou a molhar. Outra perspectiva se baseia em estudos mostrando que diversos fatores psicossociais aumentam a prevalência da enurese. Sendo assim, é importante compreender como esses fatores se relacionam com o problema, já que, além de hipoteticamente haver uma possibilidade de causalidade entre esses riscos e a enurese, aspectos como problemas de comportamento podem diminuir a chance de o tratamento ser efetivo. Mesmo se entendermos que o tratamento com alarme funciona bem, é claro pelos estudos que sua eficácia depende da adesão ao tratamento, e as respostas envolvidas na adesão podem ser avaliadas e modificadas, sendo para isso fundamental lançar mão da análise funcional.

Apresentação 1:

Muitos modelos de avaliação em terapia comportamental adotam como base a análise funcional do comportamento dos clientes, tendo como foco principal a identificação dos fatores ambientais que os mantêm. No entanto, em diversos tipos de distúrbios comportamentais, é questionável a concepção de que de fato existam contingências atuando sobre as respostas, notadamente nos quadros de fundo claramente fisiológico e com características hereditárias. A enurese noturna primária monossintomática é um desses quadros. A literatura sobre enurese é consensual em relação ao seu caráter hereditário — a probabilidade de uma criança molhar a cama à noite quando um de seus pais o fez na infância é de

44%; quando os dois pais foram enuréticos, a chance aumenta para 77% — ainda que, devido ao caráter variado de seu fenótipo, ainda não tenham sido determinados precisamente os marcadores genéticos que podem estar associados ao problema. A etiologia descrita na literatura é baseada essencialmente em aspectos fisiológicos: produção anormal de urina durante a noite, contrações involuntárias da bexiga e incapacidade de responder aos sinais da bexiga cheia. Nas crianças enuréticas, há uma falha na maturação do tronco cerebral, no núcleo responsável pela resposta aos sinais da bexiga cheia, fazendo a criança acordar ou contrair o esfíncter e a musculatura pélvica. Essa falha maturacional parece impedir que as crianças adquiram o controle no momento esperado, pois são incapazes de responder a demandas ambientais que poderiam levar às respostas necessárias para evitar as molhadas durante a noite. Ou seja, os episódios de enurese não são mantidos por contingências; o que é mantido por contingências é o controle da urina, uma vez em que há uma contingência tríplice evidente atuando: a bexiga cheia é um estímulo discriminativo para a resposta de despertar ou contrair a musculatura pélvica, resposta esta que é negativamente reforçada pelo fato de se permanecer seco. Portanto, parece um contra-senso buscar, na avaliação de casos de enurese, mantenedores ambientais dos comportamentos envolvidos nesse quadro. Outro ponto que confirma essa posição é o alto índice de sucesso de tratamentos padronizados, como o condicionamento com aparelho de alarme, que obtém entre 65% e 80% de sucesso nos casos em que é utilizado.

Apresentação 2:

Na maioria dos casos de enurese noturna, o uso do aparelho de alarme de urina é suficiente para o tratamento do transtorno. Entretanto, em alguns casos para os quais não se obtém sucesso com a utilização deste recurso, a análise funcional pode ajudar a encontrar a resposta para o tratamento da enurese, permitindo a devida identificação, avaliação e planejamento para alterações de contingências mantenedoras do comportamento de molhar a cama. Tal situação parece ainda mais coerente em casos de enurese noturna secundária, quando a criança ou adolescente já obteve o controle da urina (tanto durante o dia quanto à noite, por pelo menos seis meses consecutivos), mas, coincidentemente, após o aparecimento de algum novo evento na rotina familiar, ocorre um retrocesso neste controle, e a pessoa volta a molhar a cama durante à noite (ao menos três vezes por semana, por no mínimo três meses consecutivos). Neste sentido, parece haver uma questão central na utilização da análise funcional durante o atendimento a clientes enuréticos (crianças ou adolescentes): ela deve ser realizada apenas se o cliente não obtiver sucesso no tratamento com o aparelho de alarme (após a identificação de resultados), ou deve ser realizada antes da utilização do aparelho (se os dados de entrevista inicial e instrumentos de auto-relato revelarem outras questões pertinentes envolvidas no comportamento enurético do cliente)? O que devemos levar em consideração para que a análise funcional do comportamento enurético seja essencial para o sucesso em terapia comportamental com aparelho de alarme? Assumindo a premissa de que a análise funcional proporciona ao terapeuta uma teoria sobre os comportamento-alvo do cliente, permitindo avaliação, planejamento e intervenções adequadas, este trabalho apresenta trechos decisivos de caso(s) clínico(s) onde se formulou o questionamento e a decisão pelo uso ou não da análise funcional.

Apresentação 3:

Comumente a enurese noturna é compreendida como um problema de causa multifatorial, envolvendo aspectos psicossociais, genéticos e fisiopatológicos. São sobre esses últimos que a literatura tem apontado dados mais consistentes, identificando a dificuldade no sono e despertar, poliúria noturna e pequena capacidade funcional como fatores “chave” na compreensão do problema. Uma vez que a gênese da enurese envolve aspectos biológicos comuns, a proposta de tratamento mais usual é o uso do aparelho de alarme de urina, sob um modelo de intervenção padronizado que dispensa análise funcional. A influencia dos aspectos psicossociais, neste sentido, parece mais associada à manutenção do quadro e não propriamente à sua etiologia, atuando como moderadores, ou seja, aumentando ou diminuindo a probabilidade de ocorrência das molhadas, sem, no entanto, deflagrar o distúrbio. Sob esta perspectiva diversos estudos focalizaram a influencia dos problemas de comportamento no tratamento de enurese e, embora não haja resultados conclusivos, a principal indicação é que crianças com problemas de comportamento externalizante são mais propensas a desistir do tratamento e crianças com problemas de comportamento internalizante apresentam maiores dificuldades em apresentar progressos no tratamento. A explicação é que comportamentos externalizantes prejudicam o seguimento de regras e dado que o tratamento com uso do alarme requer uma série de procedimentos, exigindo alto nível de motivação e dedicação por parte da criança e dos pais, a adesão ao tratamento pode ficar comprometida. Quanto ao efeito de comportamentos internalizantes, pode-se especular que a enurese torna-se mais vulnerável ao ambiente e presente, portanto, resultados mais irregulares e maiores dificuldades em apresentar progressos no tratamento, estando o número de “molhadas” regulado por eventos situacionais. Colocada essas questões, podemos nos perguntar se o tratamento para enurese noturna, de fato, prescinde de uma análise funcional. A justificativa de um tratamento padronizado para um problema de causas comuns é bastante razoável, amparado, inclusive pela alta taxa de eficácia e efetividade a longo prazo. Contudo, uma vez que se tem nas mãos um tratamento altamente satisfatório a atenção do clínico deve ser dirigida para a adesão do cliente ao tratamento, já que o sucesso ou o fracasso da intervenção depende do seguimento dos procedimentos que tratamento requer. E é sobre este comportamento que se faz necessário uma análise funcional, no caso dele se apresentar deficiente. A busca de relação entre eventos antecedentes, a resposta emitida e os eventos consequentes torna-se, assim, não apenas necessária, mas imprescindível para o sucesso do tratamento.

Comunicação Oral: “Adesão ao Tratamento: análise de contingências de indivíduos portadores de diabetes”

Camila Coelho - PUC-Campinas, Vera Lúcia Adami Raposo Amaral - PUC-Campinas

O diabetes mellitus é uma doença crônica, caracterizada por um tratamento complexo. O presente estudo teve como objetivo analisar as contingências a que portadores de diabetes tipo 2 estariam submetidos frente as condições impostas pelo tratamento da doença. Participaram da pesquisa 8 adultos com o diagnóstico da doença e que realizavam acompanhamento médico em um centro de saúde da

cidade de Campinas. Para a avaliação foi utilizada ficha de identificação, ficha de avaliação clínica e o roteiro de entrevista semi-estruturada. A partir do resultado do exame de hemoglobina glicada (critério que determina o controle do diabetes), os participantes foram divididos em 2 grupos: Grupo A (com controle) e o Grupo B (sem controle). Os resultados obtidos, com relação à mensuração da glicemia, mostraram que houve um melhor seguimento das orientações passadas pela equipe, comportamentos de autocontrole e contingências de reforçamento positivo, do Grupo A em relação ao Grupo B. Na administração da insulina, o Grupo A apresentou uma melhor discriminação de eventos privados do que o Grupo B. No controle da dieta houve a prevalência de comportamentos governados por regras e de comportamentos autocontrolados no Grupo A do que no B. A prática de exercício físico revelou a presença de reforço positivo e discriminação de eventos privados no Grupo A. Os resultados apresentados podem favorecer o direcionamento de possíveis programas de intervenção que tenham como foco a promoção de comportamentos de adesão ao tratamento. É importante salientar que este estudo foi realizado com poucos participantes e, portanto, os dados aqui obtidos têm sua generalização limitada. Isso quer dizer que há a necessidade de que se façam novos estudos com amostras maiores a fim de que se avaliem as contingências presentes para a ocorrência dos comportamentos de adesão ao tratamento.

Comunicação Oral: “Análise da Ansiedade em Acompanhantes de Crianças Submetidas a Adenoamigdalectomias”

Suellen Martins Nobre - UFPA, Darlene Cardoso Ferreira - UFPA, Mayara Barbosa Sindeaux Lima - UFPA, Eleonora Arnaud Pereira Ferreira – UFPA

Considera-se que a ansiedade é um produto de contingências ambientais que possui componentes respondentes e operantes, manifestando-se a partir do contato com um estímulo pré-aversivo, do qual há uma impossibilidade de respostas de fuga/esquiva por parte do indivíduo. Situações de hospitalização e cirurgia são culturalmente interpretadas por pacientes e familiares como estímulos pré-aversivos e aversivos, sendo, portanto, potencialmente geradoras de ansiedade. Estudos recentes têm abordado questões relacionadas à preparação de indivíduos submetidos a cirurgias e às estratégias utilizadas para reduzir a ansiedade nos pacientes. Consideram-se igualmente importantes estudos que enfatizem as variáveis relacionadas à ansiedade do acompanhante de pacientes pediátricos, já que a criança sofre influência direta do estado emocional de seus pais e/ou acompanhantes com quem mantém vínculo afetivo. Deste modo, o objetivo deste estudo foi identificar as variáveis relacionadas à ansiedade de acompanhantes de crianças submetidas a adenoamigdalectomias, visando sugerir propostas de intervenção que aumentem a probabilidade de recuperação pós-cirúrgica. Participaram deste estudo 25 pacientes de um hospital universitário e 26 acompanhantes, sendo 11 crianças e 11 acompanhantes do Grupo de Sondagem e 14 crianças e 15 acompanhantes do Grupo de Intervenção. Os acompanhantes de cada grupo eram atendidos em três momentos: antes, durante e após a cirurgia da criança, quando era avaliado seu nível de ansiedade. Foram utilizados instrumentos como roteiro de entrevista, escala de avaliação do serviço, inventário de ansiedade de Beck, escala de faces e manual de orientação sobre a cirurgia. Investigou-se a história prévia em situações de hospitalização e cirurgia e

variáveis instaladoras e mantenedoras da resposta de ansiedade dos acompanhantes. Como resultado, a amostra caracterizou-se como pouco ansiosa, principalmente nos períodos anterior e posterior à cirurgia do paciente. Verificou-se que a variável dúvidas sobre a cirurgia pode estar relacionada à ansiedade do acompanhante. No geral, não foram observadas diferenças quanto aos níveis de ansiedade entre os Grupos de Sondagem e de Intervenção, supostamente devido à variável escuta do profissional de saúde, presente em ambos os grupos. Discute-se sobre a necessidade de estudos com amostras maiores e instrumentos mais fidedignos de avaliação da ansiedade pré-cirúrgica, entre outras questões.

Comunicação Oral: “Análise Comportamental da Adesão à Dieta em Tratamento Crônico “

Nayra Carvalho - Universidade Estadual do Piauí -UESPI, Lara Araújo e Silva - Universidade Estadual do Piauí – UESPI

O trabalho propõe uma revisão bibliográfica acerca da doença crônica e das contribuições da análise do comportamento para melhor gerenciar e facilitar a adesão ao tratamento. A doença crônica é característica por ser permanente, deixar incapacidade residual, requerer um treinamento do paciente para sua reabilitação, além de exigir longo período de observação e cuidado. O diagnóstico marca o início de mudanças na rotina familiar e individual do paciente. Os tratamentos requerem muitos cuidados particulares, como dietas especializadas, e a não adesão provoca efeitos colaterais graves e que impõem riscos à vida do paciente. No caso da dieta, aderir às recomendações significaria a emissão de comportamentos alimentares do paciente que coincidem com as prescrições dos profissionais de saúde. Todavia esses comportamentos coincidentes nem sempre fazem parte do repertório comportamental do indivíduo, além de muitas vezes contrastarem fortemente com o mesmo, requerendo inúmeras estratégias para sua aquisição e substituição. De um modo geral, os pacientes têm que fazer grandes mudanças no seu padrão de comportamento e abandonar muitas de suas fontes diárias de prazer, limitando forma severa a ingestão de muitos de seus alimentos favoritos e freqüentemente comer alimentos que não são agradáveis. Assim, aquisição de um novo repertório, neste caso alimentar, envolve comportamentos governados por regras, já que os profissionais de saúde utilizam de instruções verbais que pretendem alterar os hábitos desses indivíduos, pois as conseqüências aversivas que o tratamento quer remediar ou prevenir é a longo prazo favorecendo uma pobre adesão. Estudos recentes têm focado o modelo construcional proposto por goldiamond, como atuação terapêutica preferencial, principalmente por este modelo seguir o padrão da análise aplicada do comportamento, destacando a utilização da análise funcional como instrumento que irá auxiliar na construção de repertório mais adaptado e não somente, preocupar-se com a eliminação de comportamentos problemas. Com isso, é possível a realização de um planejamento de intervenção que aumente a probabilidade de sucesso no controle da doença. Pesquisas apontam que pacientes que recebem as novas regras e participam de programas de treino aderem mais ao tratamento. As principais estratégias comportamentais envolvidas são técnicas de autocontrole, automonitoração e avaliação.

Comunicação Oral: “Degustação: efeitos sobre o tempo de procura e compra do produto biscoito doce”

Michela Rodrigues Ribeiro - UCG, Elizabeth Lamartine Couto - UCG, Daiane Soares Silva - UCG

Em um contexto de consumo em supermercado, uma das maneiras de promover um produto é realizar a degustação dele. Em geral, a degustação ocorre com uma promotora vestida com um uniforme da marca que oferece o produto aos consumidores para experimentá-lo. O presente estudo teve como objetivo avaliar o efeito da presença e ausência da degustação de biscoito doce sobre o tempo de procura pelo produto e a compra do produto. O tempo de procura foi medido a partir do momento em que o consumidor direcionou o olhar para a prateleira de biscoitos até o momento em que ele colocou o produto no carrinho. Foram realizadas 124 observações e aplicados 56 questionários, sobre conhecimento e qualidade de marcas, em um hipermercado de Goiânia-GO. Os resultados indicaram que o tempo de procura não foi influenciado pela presença e ausência da degustação e que houve um aumento no número de itens comprados das marcas que foram degustadas, mesmo quando essas marcas apresentavam um índice baixo de MCQ ou um preço mais alto. Os resultados observados no presente estudo estendem o conhecimento a respeito do tempo de procura por produto na área de comportamento do consumidor em situação quase-experimental e corroboram dados da área de marketing a respeito do efeito da degustação sobre a compra de produtos.

Comunicação Oral: “A Influência do Esquema de Intervalo Variável no Consumo e na Preferência de Líquidos Apresentados por Ratos Submetidos ao Chronic Mild Stress”

Luciana Roberta Donola Cardoso - PUC-SP, Roberto Alves Banaco - PUC-SP

O Chronic Mild Stress é um modelo animal experimental de depressão. Este estudo investigou a relação entre desempenho em esquema de intervalo variável e exposição ao protocolo de estresse (CMS). Foram analisados o consumo diário de ração e água, peso corporal, consumo e preferência de líquidos, frequência de respostas emitidas em cada barra e frequência de reforços obtidos nas mesmas quando submetidos ao esquema concorrente. As condições experimentais foram: teste de consumo e de preferência de líquidos; sessões operantes em esquema concorrente VI 10 (água) VI 10 (sacarose) e CMS. Foram utilizados seis ratos. Um sujeito foi utilizado para controle de peso e cinco sujeitos foram submetidos ao CMS e aos testes de consumo e preferência de líquidos. Dois sujeitos foram submetidos às sessões operantes (concorrente VI VI) antes e depois do CMS e os outros dois sujeitos, antes, durante e depois do CMS. Os resultados obtidos foram: 1) todos os sujeitos apresentaram perda de peso corporal durante a exposição aos estressores. 2) Os quatro sujeitos submetidos às sessões operantes apresentaram recuperação do peso corporal após a suspensão do protocolo; 3) todos os sujeitos apresentaram aumento no consumo diário de água e ração durante o CMS, apesar da perda de peso neste período; 4) consumo total de líquidos e a porcentagem de sacarose ingerida foi maior durante o CMS para os quatro sujeitos submetidos as sessões operantes, apresentando uma redução na última semana de exposição ao protocolo de estresse; 5) todos os sujeitos emitiram um maior número de respostas na barra correspondente a sacarose antes da exposição ao CMS. Entretanto, durante e depois do CMS a preferência por água se tornou sobressalente; 6) os sujeitos obtiveram a quase totalidade de reforços programados de ambas as magnitudes (solução de sacarose ou água pura) nos três períodos de avaliação. Conclui-se que: 1) a perda de peso corporal durante o CMS parece estar relacionada à

combinação dos estímulos aversivos compostos pelo protocolo de estresse e à privação de água e ração intermitente que compõem este protocolo 2) o aumento no consumo total de líquidos durante o CMS parecem estar relacionados à submissão às sessões operantes em intervalo variável antes da submissão ao protocolo 3) a exposição dos sujeitos a um esquema de intervalo variável, antes do CMS, não só teria um efeito de retardar a diminuição no consumo de líquidos, como aumentar o consumo de líquidos durante o CMS.

Comunicação Oral: “Análise Experimental do Comportamento do Consumidor”

Luciano de Sousa Cunha - UFES, José César Cruz Júnior - UNESP, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha, Anna Maria de Souza Marques Cunha - UFES, Elizeu Batista Borloti – UFES

A análise do comportamento tem sido associada à economia experimental dando origem a uma nova área de conhecimento chamada de economia comportamental, à medida que os elementos do espaço experimental comportamental clássico casaram-se perfeitamente bem com as características do espaço do mercado aberto. Nesse contexto, uma abordagem ao comportamento do consumidor o relaciona com suas influências situacionais, determinantes ambientais e o contexto. Isso possibilita uma Análise do Comportamento do Consumidor a partir de um referencial de análise amplo que congrega a Psicologia Econômica, a Economia Comportamental, o Marketing e as áreas que estudam experimentalmente a escolha do consumidor, explicando-a a partir dos seus determinantes situacionais. O presente trabalho teve por objetivo promover um melhor entendimento sobre as variáveis que afetam o comportamento do consumidor. Para essa tarefa, cem (100) participantes foram expostos a uma situação cotidiana simulada, na qual receberam um valor específico (100 reais) sem comprometer seus gastos fixos e foram solicitados a escolher uma opção de pagamento em uma operação na qual eles deveriam comprar 5 produtos, no valor de 100 reais cada um. Nas situações, foram variadas as características dos produtos (indefinidos, indispensáveis ou supérfluos) assim como as taxas de desconto para a aquisição dos mesmos. As opções disponibilizadas para os participantes eram: a. comprar 1 produto por mês, no preço à vista, com X% de desconto; b. comprar 5 produtos de uma vez, parcelados em 5x de 20 reais cada; c. comprar 5 produtos de uma vez, parcelados em 18x de 10 reais cada; d. esperar 4 meses para economizar o dinheiro e comprar os 5 produtos de uma vez, no preço à vista, com desconto de X%. Os participantes também eram solicitados a classificarem hierarquicamente as variáveis que mais afetavam seu comportamento de escolha, a partir de opções pré-definidas no questionário. Foi feita uma Análise Estatística de Correlação entre variáveis identificadas no questionário e dados sobre o participante, como idade, sexo, estado civil, situação familiar, situação financeira. utilizando o software SPSS. Os resultados mostram que embora a quantidade de estudos empíricos seja escassa, é possível afirmar que a escolha do consumidor tem a ver com conseqüências da escolha, e que a soma dos conhecimentos da Análise do Comportamento e da Economia produzem resultados práticos para a área do Marketing e fornecem explicações sobre variáveis que afetam o comportamento do consumidor.

Palestra: “Psicopatologia e Histórias em Quadrinhos Brasileiras”

Francisco Lotufo Neto – USP

Como ao longo dos últimos cem anos as histórias em quadrinhos feitas no Brasil retrataram as pessoas com transtornos mentais.

Mesa Redonda: “O Modelo da Equivalência de Estímulos Combinado à Jogos e Brincadeiras no Ensino de Leitura e Escrita”

Silvia Regina de Souza - UEL, Camila Harumi Sudo - UEL, Paulo Guerra Soares - UEL, Ligia Viana Andrade - Universidade Luterana do Brasil, Verônica Bender Haydu - UEL, Ednéli Natália Ferreira da Costa - UEL, Joana Segatin Esteves - UEL, Vanessa Signorini - UEL

Coordenador: Verônica Bender Haydu – UEL

No contexto da educação, geralmente, a responsabilidade pelo fracasso escolar é atribuída à criança. Para os analistas do comportamento, contudo, os eventuais fracassos da criança devem ser atribuídos à inadequação dos procedimentos utilizados para o ensino. Dessa forma, o desenvolvimento de procedimentos de ensino, pautados em dados de pesquisas que possibilitam uma compreensão maior dos aspectos básicos envolvidos no processo de aquisição de repertórios comportamentais, como os de leitura e escrita, por exemplo, é uma contribuição importante. Uma dessas contribuições é a formulação de que os comportamentos de ler e escrever envolvem diversas habilidades que se apresentam integradas formando uma rede de relações, sendo algumas dessas relações emergentes. Esse modelo de análise, denominado paradigma de equivalência de estímulos, integrado com: o princípio de aprendizagem sem erro; o procedimento de escolha de acordo com o modelo (MTS); o procedimento de escolha de acordo com o modelo com respostas construídas (CRMTS); e jogos e brincadeiras, foi investigado em três estudos. O primeiro estudo investigou se crianças aprenderiam a escrever dissílabos simples por meio de jogos (tabuleiro e memória) que ensina as relações entre palavra impressa e CRMTS, palavra impressa e figura, figura e CRMTS, palavra impressa e escrita manuscrita, palavra falada e figura, palavra impressa e palavra falada pelas crianças. O segundo estudo visou aplicar um programa coletivo de ensino de leitura de palavras por meio do modelo de equivalência de estímulos a adultos da EJA e avaliar a se jogos de mesa podem ser usados para reforças as relações condicionais aumentando a probabilidade da leitura e da escrita correta das palavras de ensino e das palavras de generalização. No terceiro estudo, foi aplicado um programa individual de ensino de leitura de palavras a crianças de 7 e 9 anos, com dificuldades de aprendizagem, por meio do modelo de equivalência de estímulos e avaliado se as relações emergentes poderiam ser testadas por meio de jogos de mesa – dominó, forca e loto – adaptados para este propósito. Os resultados dos três estudos sugerem que o modelo de ensino baseado no paradigma de equivalência de estímulos é bastante eficaz para ensinar crianças e adultos tanto em situação de coletiva quanto individual, e que os jogos foram eficazes para ensinar relações condicionais. No entanto, houve restrições quanto ao uso dos jogos como procedimento de teste das relações condicionais.

Apresentação 1:

O estudo investigou se crianças que apresentam dificuldades para escrever dissílabos simples aprenderiam a fazê-lo por meio de um jogo de tabuleiro com atividades de relacionar estímulos, de construir palavras com letras e de copiar palavras impressas. Participaram três crianças com idade entre 6 e 8 anos do Ensino fundamental. Inicialmente realizou-se um ditado e a partir do resultado desse ditado oito palavras de treino foram selecionadas entre as que foram escritas de forma incorreta pelas crianças. Posteriormente realizou-se uma sessão de ditado de palavras de generalização. Para as sessões de treino usou-se um jogo em forma de tabuleiro (Memória e Cópia), por meio do qual foram ensinadas: relações entre palavra impressa e construção de palavras de acordo com o modelo (CRMTS), palavra impressa e figura, figura e CRMTS, palavra impressa e escrita manuscrita, palavra falada e figura, palavra impressa e palavra falada pela criança. Finalmente, as palavras de treino e de generalização foram novamente ditadas em um teste. O resultado do teste final mostra que todas as crianças apresentaram aumento no número de palavras e de sílabas de treino corretamente escritas, exceto uma delas que não escreveu corretamente as palavras de generalização e as sílabas que as compunham. Estes resultados sugerem que o jogo pode ser usado como procedimentos de treino para estabelecer a leitura e a escrita de palavras, mas que existe a necessidade de se investigar o que poderia ser acrescentado ao jogo para garantir que todos os participantes aprendam tanto a leitura e a escrita de palavras de treino quanto a leitura e a escrita de palavras de generalização.

Apresentação 2:

Estudos sobre Relações de Equivalência têm fundamentado o desenvolvimento de estratégias de ensino de leitura e escrita, sendo o procedimento de escolha de acordo com o modelo geralmente utilizado nos treinos e testes dos programas de ensino. Para investigar se jogos educativos são adequados para avaliar a leitura com compreensão, foram desenvolvidos dois estudos. O primeiro visou: a) aplicar um programa individual de ensino de leitura de palavras por meio do modelo de equivalência de estímulos e avaliar a leitura de palavras ensinadas e de palavras de generalização, e b) investigar se as relações emergentes do ensino de discriminações condicionais, na aprendizagem de leitura, poderiam ser testadas por meio de jogos de mesa – dominó, forca e loto – adaptados para este propósito. Participaram do Estudo 1, cinco crianças com dificuldades de aprendizagem. Inicialmente, foi realizado um Pré-teste de leitura e, em seguida, foi aplicado o programa de ensino, que incluía as relações entre palavra ditada e palavra impressa, e a construção de anagrama diante da palavra impressa. Ao final das sessões de ensino, os jogos adaptados eram utilizados para testar as relações emergentes. No final do programa, foi aplicado um Pós-teste com as palavras de ensino e as de generalização. Os jogos, utilizados como testes, podem ter levado os participantes a ficar mais sob controle das condições de vencer ou de finalizar o jogo do que das regras apresentadas e dos estímulos específicos de cada jogo. Esse aspecto contribuiu para que fossem apresentados escores abaixo do critério de acertos nas tentativas de leitura. Por isso, foi programado o Estudo 2 com os mesmos participantes, no qual o teste das relações emergentes era realizado com a utilização de tentativas de escolha de acordo com o modelo. O objetivo deste segundo estudo foi tentar aprimorar o repertório de leitura das crianças. Após o segundo estudo, os participantes apresentaram índices finais de acertos variando entre 69% e 92%

para as palavras de ensino e 46% e 69% para as palavras de generalização, demonstrando a eficácia do modelo para o desenvolvimento de técnicas que propiciem economia no ensino de leitura. Sobre os jogos educativos, concluiu-se que são importantes recursos no processo de ensino, que devem ser adaptados à condição de teste para evitar que fatores como a complexidade das regras ou o número de estímulos envolvidos interfiram no desempenho dos participantes.

Apresentação 3:

As pesquisas básicas e aplicadas desenvolvidas por analistas do comportamento permitiram desenvolver e aperfeiçoar um modelo de ensino baseado no paradigma da equivalência de estímulos que demonstrou ser um recurso eficaz de ensino para os mais diversos conteúdos escolares. Esse modelo de ensino, de forma geral, é aplicado em situação de ensino individualizada, mas não coletiva. Este estudo visou avaliar um programa coletivo de ensino de leitura de palavras e investigar se os jogos loto, gincana e dominó são recursos adequados para reduzir o número de erros em um Teste Generalização (teste de leitura e montagem de todas as palavras até então ensinadas e com palavras de generalização formadas pela recombinação das sílabas das palavras de ensino). Participaram do estudo 11 estudantes da Educação de Jovens e Adultos com idades variando de 17 a 60 anos. Inicialmente, foi realizado um Pré-teste de leitura individualizado que permitiu selecionar os participantes e estabelecer a linha de base. Em seguida, foi aplicado o programa de ensino, com sessões coletivas de ensino das relações entre palavra ditada e palavra impressa, e a construção de anagrama diante da palavra impressa. Após o ensino de cada palavra nova, eram testadas a relações emergentes. Ao completar uma fase que envolvia o ensino de 9 a 10 palavras, era aplicado o Teste Generalização. Em seguida, os participantes jogavam loto (palavra ditada - figura), gincana de ditado e dominó (palavra impressa-figura). Após o jogo, era aplicado um novo Teste Generalização. Todos os participantes aprenderam a relacionar as palavras ditadas com as impressas e a montar as palavras com letras diante das palavras impressas sem erros. Nos testes, eles apresentaram leitura com compreensão e montagem de palavras diante de palavras ditadas e de figuras. Uma participante requereu treino adicional para discriminar a posição das letras. Os jogos melhoraram o desempenho dos participantes no Teste de Generalização. Conclui-se o modelo de ensino baseado no paradigma da equivalência de estímulos pode ser aplicado em situação coletiva no ensino de jovens e adultos e que os jogos são importantes para reduzir os erros no teste de generalização.

Mesa Redonda: “Um Roteiro para Ensinar Terapeutas Analítico-Comportamentais: supostos teóricos e alguns resultados”

Wilton De Oliveira - ITECH-Campinas, Giuliana Cesar - ITECH-Campinas, Graziela Siebert - ITECH-Campinas

Coordenador: Graziela Siebert - ITECH-Campinas

O presente trabalho tem como objetivo o desenvolvimento de um roteiro para ensino de terapeutas analítico-comportamentais em ambiente de supervisão. Serão discutidos os principais supostos teóricos

que embasam a construção do roteiro, as possibilidades e as dificuldades para sua utilização e os resultados obtidos em uma primeira experiência de aplicação.

Comunicação Oral: “Fundamentos Analíticos Comportamentais em Aprendizagem Organizacional”

Lázaro Almeida - iApex - Gestão do Conhecimento

Em psicologia o fenômeno da aprendizagem apresenta uma pluralidade de definições, o que torna difícil sua operacionalização ou transformação em tecnologia. No campo da aprendizagem organizacional pode-se constatar uma imprecisão conceitual ainda maior. Em virtude disso este trabalho tem como proposta apresentar a partir do referencial teórico do comportamentalismo proposto por B. F. Skinner algumas diretrizes de interpretação para o fenômeno da aprendizagem organizacional. Para tanto é necessário traduzir conceitos usualmente empregados na literatura de gestão do conhecimento para a análise do comportamento. Espera-se com isso uma certa sistematização do tema para facilitação do desenvolvimento de tecnologias e práticas de intervenção pautadas na análise comportamental aplicadas às organizações.

Comunicação Oral: “Cognições, Estresse e Qualidade de Vida de Alguns Portadores de Cefaléia Crônica Diária”

Regina Fernandes - Universidade Católica de Santos, Andréia Nacarato - Universidade Católica de Santos

A cefaléia crônica diária é uma dor de cabeça primária, ou seja, não decorre de outras desordens. Afeta mais de 4% da população geral, sendo a responsável por 28,5% das consultas em ambulatórios de neurologia. Seu tratamento é considerado um desafio para os neurologistas. A dor traz prejuízos de ordem pessoal, profissional e social em graus variados. A experiência dolorosa é influenciada por fatores biológicos, ambientais, psicológicos e sociais. A literatura científica relata que, nesses casos, é importante identificar os padrões cognitivos de seus portadores, as causas ambientais e os eventos estressores que antecedem os episódios dolorosos. Ainda, a Psicologia Cognitivo-Comportamental é considerada eficaz para o tratamento da dor crônica. Portanto, o objetivo dessa pesquisa foi investigar as cognições e os estímulos ambientais encontrados como antecedentes às crises de cefaléia, os quais possam atuar como desencadeadores ou intensificadores desse quadro, assim como o padrão de pensamentos automáticos eliciados a seguir. Realizou-se uma análise quantitativa e qualitativa das distorções cognitivas e o seu impacto na vida dos pacientes. Para a realização dessa pesquisa, foram investigados três sujeitos do sexo feminino, com idade entre 25 e 50 anos, de classes C e D, atendidos em um ambulatório de cefaléia terciário na cidade de Santos. Os procedimentos envolveram entrevista semi-dirigida, Questionário de Crenças Irracionais de Ellis (NEWMARK, NEWMARK, FRERKING E COOK, 1973 apud YOSHIDA E COLUGNATI, 2002), Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (ISSL, 2005), Escala de Avaliação de Readaptação Social (HOLMES E RAHE, 1967 apud LIPP, 1998), Inventário de Qualidade de Vida (LIPP E ROCHA, 1996) e Registro dos pensamentos, sentimentos e acontecimentos relacionados à Cefaléia (ELLIS, 1962; BECK ET AL., 1979; J. BECK, 1995; LEATHY, 1996; NEENAN E DRYDEN, 2000; FREEMAN ET AL., 1990 apud KNAPP, 2004).

Pode-se constatar, nos indivíduos pesquisados, os seguintes resultados: 61% de crenças irracionais; distorções cognitivas de catastrofização, emocionalização, filtro negativo, rotulação, personalização, hipergeneralização e vitimização; 67% dos sujeitos com estresse na fase de quase-exaustão com 100% de sintomas psicológicos; 67% dos sujeitos com exposição a eventos estressantes excessivos no último ano e 100% deles com comprometimento da qualidade de vida. Assim, é possível aferir que os padrões cognitivos desses indivíduos, associados aos estímulos ambientais, podem atuar como desencadeadores ou potencializadores de sua patologia. Sugere-se novos estudos visando a uma ampliação do repertório comportamental e cognitivo dos portadores desse tipo de dor crônica, fortalecendo sua resiliência e gerando maior autocontrole sobre suas crises.

Comunicação Oral: “Evidência de Identidade Generalizada em Bebês”

Oriana Comesanha - UFPa

O desenvolvimento da linguagem parece ter como pré-requisito básico repertórios discriminativos como a discriminação condicional por identidade (DCI). Este repertório já se mostra bem estabelecido em crianças com idade entre 3 e 4 anos. No entanto, poucos estudos têm analisado o processo de aquisição deste repertório pré-requisito em crianças menores de 2 anos de idade. Estudos recentes têm mostrado que o treino com múltiplos-exemplares (TME) pode ser eficaz para ensinar determinadas relações entre estímulos. Este estudo avaliou a aquisição de DCI em crianças menores de dois anos, utilizando o procedimento de TME em uma tarefa de pareamento ao modelo por identidade realizada em um computador com uma tela sensível toque. Participaram do estudo três crianças entre 11 e 14 meses de idade no início do experimento. Após algumas sessões de habituação teve início o treino no qual era requerido que a criança tocasse em um estímulo discriminativo (figura animada-GIF) apresentado na tela do computador. Em uma tentativa era apresentado primeiro um GIF na tela e após a criança tocar nele, esse estímulo desaparecia e era reapresentado (em outra posição na tela) junto com outra figura (S-). Caso a criança tocasse no estímulo idêntico ao apresentado antes (S+) era apresentado um filme ou desenho animado por 10 segundos e a experimentadora interagia com a criança sobre o filme. Caso ocorresse o toque na figura S- era apresentada uma tela preta por cinco segundos e a experimentadora procurava não interagir com a criança. Eram realizadas três tentativas por sessão. Inicialmente era apresentado o mesmo S+ em duas tentativas seguidas (as figuras S- eram mudadas a cada tentativa). Após o alcance de um dos critérios de aprendizagem (três respostas corretas consecutivas ou seis corretas em cinco respostas) passava-se a realizar tentativas com novas figuras S+ e S- a cada tentativa. Duas crianças atingiram os critérios de aprendizagem diversas vezes nessa última etapa do procedimento. Esses resultados mostram que o repertório de DCI pode ser aprendido por crianças menores de dois anos, e sugerem que o uso do TME pode induzir a generalização desse tipo de repertório nessa população. O andamento da pesquisa procurará avaliar a aquisição de DCI em crianças a partir dos seis meses e a possibilidade de ampliar o número de tentativas por sessão utilizando diferentes tarefas (figuras apresentadas na tela do computador e jogos de achar brinquedos dentro de caixas) para realizar o treino de DCI.

Sábado, 30 de Agosto 19:00h às 20:00h – Painéis

“Equivalência de Estímulos e a Teoria de Grafos: formação de um grafo utilizando matching-to-sample”

Celso Oliveira - UNESP, Liazid Benarab – UNESP

“Aprendizagem de Símbolos e Sons do Código Morse Através do Treino com Matching-to-Sample com Estímulos Compostos”

Luiza Chagas Brandão - USP, Silvia Beier Hasse - USP, Mayra Santos Temperine – USP

“Ensino de História Através de Treino de Matching to Sample de Identidade com Estímulos Compostos”

Lorena Araujo Lorena - USP, Lúcia Kaori Masumoto - USP, Suellen Maria Vieira Dantas – USP

“Mudando Preferências por Estímulos por Meio de um Procedimento de Matching de Identidade com Estímulos Compostos”

Mariana Fagundes de Almeida Rivera - USP, Isabela Richter - USP, Fernanda Suzuki – USP

“Reorganização de Classes de Estímulos Equivalentes a Partir da Recombinação de uma das Relações Condicionais”

João Henrique de Almeida - UEL, Verônica Bender Haydu – UEL

“Efeitos do Aumento de Partes da Face em Retratos sobre os Movimentos dos Olhos”

Ariela Santos - Jussara Andréa Dias Lima, Eduardo Berlofa, Karina Kikuti

“Efeito da Instrução de Classificar faces em Bonitas ou Feias sobre o Comportamento de Olhar”

Carolina Yabase - USP, Julia Silva - USP, Jennifer Gallagher – USP

“Reconhecimento de Expressões Faciais de Emoção de Modelos Masculinos e Femininos pela Observação dos Olhos”

Ana Paula Garcia - Universidade Regional de Blumenau, Carlos Roberto de Oliveira Nunes - Universidade Regional de Blumenau, Gabriela Frischknecht - Universidade Regional de Blumenau

“Intervenção Psicológica sobre a Coesão Grupal em Equipes de Voleibol Feminino do Blumenau Voleibol Clube”

Ana Paula Garcia - Universidade Regional de Blumenau, Carlos Roberto de Oliveira Nunes - Universidade Regional de Blumenau, Gabriela Frischknecht - Universidade Regional de Blumenau

“Autocontrole Aplicado em Treinamento de Voleibol Feminino como Meio de Desenvolvimento de Habilidades Técnicas”

Ana Paula Garcia - Universidade Regional de Blumenau, Carlos Roberto de Oliveira Nunes - Universidade Regional de Blumenau, Gabriela Frischknecht - Universidade Regional de Blumenau

“Intervenção Psicológica sobre Respostas Indicadoras de Frustração Competitiva Pós-Erro em Atletas de Voleibol Feminino”

Ana Paula Garcia - Universidade Regional de Blumenau, Carlos Roberto de Oliveira Nunes - Universidade Regional de Blumenau, Gabriela Frischknecht - Universidade Regional de Blumenau

“Análise do Comportamento no Contexto Esportivo: intervenções em uma equipe de basquetebol”

Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha, Paula Nunes Lima - Centro Universitário Vila Velha

“A inserção do Analista do Comportamento no Campo da Psicologia do Esporte: um relato de experiência.”

Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Maria Silvana Barbosa dos Santos - Centro Universitário Vila Velha

“Análise Comportamental das Interações Verbais entre Treinador e Atletas: caracterização do comportamento de fornecer instruções”

Cintia Jensen - UNESP/Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem- Bauru, Jair Lopes Jr. - UNESP/Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem-Bauru

“Avaliação do Comportamento do Treinador de uma Equipe de Basquete pela Visão do Atleta”

Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Maria Silvana Barbosa dos Santos - Centro Universitário Vila Velha

“Aplicação de Biofeedback, EMG e Análise Comportamental ao Monitoramento e Desempenho Esportivo”

Euphly Jalles-Filho - Instituto de Neuropsicologia & Biofeedback, Luciana Campaner F. Jalles - Instituto de Neuropsicologia & Biofeedback

“Motivação e Persistência em um Treinamento de Futsal – um relato de experiência”

Rosalina Barros Gomes - Centro Universitário Vila Velha, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha

“Utilizando o Sistema de Economia de Fichas no Ensino Infantil: um relato de experiência.”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Rosalina Barros Gomes - Centro Universitário Vila Velha, Angélica Bohrer Ferreira - Centro Universitário Vila Velha, Claudemi dos Santos - Centro Universitário Vila Velha

“Educação Infantil: comparação entre as expectativas familiares e as reais funções da escola”

Maraíze Dias - FEF, Oswaldo Longo Jr. - FEF, Renata Lima – FEF

“Análise do Comportamento na Prática Clínica Institucional: estimulando habilidades cognitivas em pacientes idosos”

Sofia Helena Porto Di Nucci, Sidnara Pechoto, Daiane Manoel, Gláucia Sanchez, Paula Polizeli, Oswaldo Longo Jr. – FEF

“Ampliação de Repertório Social e Verbal em Criança com Queixa Escolar de ‘hiperatividade’ “

Talita Dias - Instituto de Terapia por Contingência de Reforçamento, César Mendonça - Instituto de Terapia por Contingência de Reforçamento, Najara Pereira - Instituto de Terapia por Contingência de Reforçamento

“Desenvolvimento de Repertórios Acadêmicos em Criança com Dificuldades Escolares: estudo de caso baseado na terapia por contingências de reforçamento (TCR)”

Daniela de Souza Canovas - Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento/UFSCar, César Mendonça - Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento, Najara Pereira - Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento

“Efeitos Seletivos de Eventos não Contingentes sobre a Aprendizagem de Repertórios Acadêmicos”

Raquel Mazo - Universidade Estadual Paulista - UNESP, David Marconi Polônio - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Jurandyr de Oliveira - Universidade Estadual Paulista - UNESP

“Análise Comportamental de Repertórios Acadêmicos Diante de Eventos não Contingentes.”

Luciana Esgalha, Luciana Carnier, Elleina Bonfante, Jair Lopes Jr, Maria Cavalcante

“Efeitos do Uso da Pontuação de Categorias de Comportamentos Apropriados em um Ambiente Escolar”

Germano Henning - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Fernanda Tomchinsky - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Fátima Pires - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

“O Uso do Instrumento ‘Diário de Classe’ no Favorecimento da Relação Ensino-Aprendizagem”

Marluce Carvalho - Instituto Psicolog, Maira Baptistussi - Instituto Psicolog

“Indisciplina em Sala de Aula: posicionamento dos professores e avaliação de uma proposta de formação”

Ketney Bocchi

“Superando Dificuldades Escolares - estudo de caso com base na TCR”

Francine Mayumi Miura - ITCR - Campinas, Silvana Nucci - Instituto de Análise do Comportamento - IAC - Campinas, Priscila Maria de Lima Ribeiro - ITCR - Campinas

“As Dificuldades de Aprendizagem e os Aspectos Psicológicos sob o Enfoque Cognitivo Comportamental: estudo de caso”

Paula Mora - Universidade de Ribeirão Preto, Mariana Carvalho - Universidade de Ribeirão Preto

“Funcionamento Adaptativo em Alunos com Alto e Baixo Rendimento Acadêmico”

Graziela Sapienza - Universidade Federal de São Paulo, Maria Aznar-Farias - UniSantos, Edwiges Silvaes - USP

“O Papel das Emoções no Desenvolvimento Cognitivo e na Aprendizagem”

Karina Oliveira, Maria de Lourdes Tabaquim – Unicamp

“Integração do Treinamento de Habilidades Sociais e Análise Funcional: construção de repertório interpessoal em grupo”

Edmarcia Manfredin Vila- UEL Norma Sant’Ana Zaquir -UEL ALine Camacho-UEL Ana Carolina dos Santos Felipe - UEL Lidia Megume Okuno – UEL

“Aspectos da Relação Professor e Aluno no Processo da Aprendizagem”

Marilda Aparecida Dantas - Unifenas, Carmem Lucia Paiva - Unifenas, Daniele Elias Carvalho - Unifenas

“A descrição de Termos Mentalistas sob o Enfoque do Behaviorismo Radical por Alunos de Psicologia”

Yara Ingbermann - Universidade Positivo, Simone Bortolato - Universidade Positivo, Letícia Rosas - Universidade Positivo

“Caracterização Funcional de Eventos não Contingentes sobre o Relato Verbal de Casos Clínicos”

Gabriela Mello Sabbag - UNESP Bauru, Valéria Zane - UNESP Bauru, Felipe Lucchesi - UNESP Bauru

“Correspondência no Auto-Relato da Criança: modificações nas relações entre fazer-dizer-fazer sob diferentes contingências”

Natália Matheus - PUC-SP, Dhayana Veiga - PUC-SP, Felipe Bertolo - PUC-SP

“Superando Dificuldades Escolares - estudo de caso com base na TCR” Francine Mayumi Miura - ITCR - Campinas, Silvana Nucci - Instituto de Análise do Comportamento - IAC - Campinas, Priscila Maria de Lima Ribeiro - ITCR - Campinas

“Análise Comportamental da Mentira” Rafaela Belo - UFPA , Thayse Sopper Boti - UFPA

“Efeitos da Intermitência de Reforçamento e do Fracasso Escolar na Correspondência entre Fazer e Dizer” Mariéle de Cássia Diniz Cortez - UFSCar, Julio Cesar Coelho de Rose - UFSCar

“Aquisição do Comportamento de Nomear: os efeitos do procedimento de reforçamento automático e reforçamento direto” Renata Guedes - Universidade Católica de Goiás, Sônia Neves - Universidade Católica de Goiás, Camila Bittar - Universidade Católica de Goiás

“Para Sempre Cinderela: comportamento verbal e relações sociais “ Patrícia Resende Santiago - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Esther de Matos Ireno - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

“Comportamento Verbal: aquisição e análise funcional de mandos” Kátia Saldanha Marques, Débora dos Santos Soares , Marcia Maria da Costa, Lucas Ferraz Córdova

“O Fenômeno Linguagem nos Diferentes Behaviorismos” Sara Casado - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Ana Gomes - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Fernanda Calixto – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

“Falas Inapropriadas Investigada em Quatro Condições Funcionais”
Talva Quinta - Universidade Católica de Goiás

“Estudo Histórico dos Artigos Teóricos e Empíricos sobre o Comportamento Verbal Publicados no Jeab e Jaba “
Priscilla Borges, Fernanda Calixto, Renata Souza, Lucas Córdova, Cíntia Raulino, Carlos Oliveira -
Afiliação do Grupo: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

“Fobia a Sangue: um relato de intervenção”
Francieli Hennig - Universidade Regional de Blumenau-FURB

“Análise Funcional de um Caso de Transtorno de Pânico: contribuições da terapia comportamental”
Wilma Santesso

“Desenvolvimento de Repertório de Contra-Controle como Estratégia para Tratamento de Sintomas de Ansiedade “
Pablo Gimenez – ITECH

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

“Dessensibilização Sistemática no Ambulatório de Cirurgia Pediátrica do HCFMRP-USP”

Renata Panico Gorayeb, Samuel Lopes, Gustavo P. Castro, Flávio O. Pileggi, Yvone A.M.V.A. Vicenti, Ricardo Gorayeb - Afiliação do Grupo: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP

“A Dessensibilização Sistemática como Técnica Utilizada para Tratamento de Fobia Específica “

Caroline da Cruz Pavan - HCFMRP-USP, Giovana Bovo Facchini - HCFMRP-USP

“Análise Funcional de um Caso de Fobia Específica pelo Modelo de Terapia por Contingências de Reforçamento”

Anna Maria de Souza Marques Cunha - Universidade Federal do Espírito Santo, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha

“Treinamento de Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia”

Noel Costa - UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, HELDeR OLIVEIRA - UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, Kátia Amaral - UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo

“Programa de Capacitação de Multiplicadores no Treinamento de Habilidades Sociais”

Noel Costa - UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, Helder OLIVEIRA - UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, Fátima Rozado - UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo

“Treinamento de Habilidades Sociais a Dois Adolescentes Referidos por Disfluência Verbal”

Paula Nunes Lima - Centro Universitário Vila Velha, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha

“Descrição das Habilidades Sociais de um Grupo de Universitários sob o Foco da Análise do Comportamento”

Denize Campos Ribeiro - Unesp-Bauru, Alessandra Turini Bolsoni-Silva - Unesp- Bauru

“Habilidades Sociais: mudanças ao longo do curso de Psicologia”

Mariana Nunes da Costa Marco - Universidade de Taubaté, Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro - Universidade de Taubaté

“Desenvolvimento de Habilidades Sociais em um Grupo de Jovens Estudantes na Cidade de Londrina”

Silvia Margarido - Unifil, Renata Moraes - Unifil, Patricia Lessa - Unifil

“Habilidades Sociais em Estudantes de Psicologia”

Maria José Carli Gomes - UNIP-São José do Rio Preto-SP, Natalia Aparecida Seron - UNIP-São José do Rio Preto-SP, Cláudia Augusta Hidalgo - UNIP-São José do Rio Preto-SP

“Treinamento de Habilidades Sociais em Grupo de Adolescentes”

Giovana Facchini - HCFMRP-USP, Fernanda Bitondi - HCFMRP-USP, Flávia Gomes - HCFMRP-USP, Roberta Freitas - HCFMRP-USP, Ricardo Gorayeb - HCFMRP-USP

“Carreiras: estudo das relações entre habilidades sociais e escolhas profissionais”

Cristiane Squarcina - Universidade de Taubaté, Mariana Abrantes - Universidade de Taubaté, Marilsa Tadeucci - Universidade de Taubaté

“Como Eu me Vejo x Como os Outros me Vêm: utilização de um questionário de assertividade para promover autoconhecimento”

Amanda Wechsler - Consultório particular

“Habilidades Sociais em Crianças com Diabetes”

Lígia Mara Gonçalves Cheruti - Famerp/Funfarme, Kelly Renata Riso Grecca - Famerp/Funfarme, Daniela Penachi Parollo Gusman - Famerp/Funfarme

“Déficit Em Habilidades Sociais: atendimento clínico comportamental”

Mônica Ferreira da Silva - Uniararas, Aline Ferracini - Uniararas

“Habilidades Sociais, Estatuto do Idoso e Reconhecimento de Direitos na Terceira Idade”

Ana Carolina Braz - Universidade Federal de São Carlos - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Zilda Aparecida Pereira Del Prette - Universidade Federal de São Carlos

“Contribuições do Treinamento de Habilidade Sociais para a Promoção de Mudanças no Relacionamento Conjugal”

France Matos de Oliveira - Discente do curso de psicologia - UNESP - Bauru, Nathalia Oliveira Pinheiro da Silveira - Discente do curso de psicologia - UNESP - Bauru, Fabiane Ferraz Silveira - Docente do Dpto de Psicologia da Unesp - Bauru

“Habilidades Sociais de Crianças com Síndrome de Down Incluídas”

Mariana Sarro Pereira - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, Almir Del Prette - UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

“Habilidades Sociais e Surdez: descrição do comportamento social de surdos em contextos sociais e interpessoais”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Cátia Regina Fassin - Universidade Nove de Julho-UNINOVE / Apreendhere Formação e Atendimento em Psicologia, Juliana Rosa Honório Maziero - Universidade Nove de Julho-UNINOVE / Apreendhere Formação e Atendimento em Psicologia, Andréia Aparecida Barbosa - Universidade Nove de Julho-UNINOVE / Apreendhere Formação e Atendimento em Psicologia

“Nível de Habilidades Sociais de Crianças Residentes na Cidade de Curitiba”

Maria Cristina Antunes - Universidade Tuiuti do Paraná, maria da graça saldanha padilha - Universidade Tuiuti do Paraná, Salete Volski - Universidade Tuiuti do Paraná

“Estudo de Caso: análise das habilidades sociais educativas de uma professora do ensino fundamental”

Carina Luiza Manolio - Universidade Federal de São Carlos, Paula Almeida de Oliveira - Programa de Pós Graduação em Psicologia - UFSCar, Renata de Freitas Branco - Universidade Federal de São Carlos

“Desenvolvimento de Habilidades Sociais em Pré-Escolares

”Luziane Kirchner - Universidade Positivo, Suzane Schmidlin Löhr- Universidade Positivo /UFPR

“Manual Para Pais: atividades lúdicas para o ensino de habilidades sociais a pré-escolares”

Ana Paula Casagrande Silva - Universidade Federal de São Carlos, Carina Luiza Manolio - Universidade Federal de São Carlos, Vivian Maria Stabile Fumo - Universidade Federal de São Carlos

“Análise Comportamental do Amor: principais contingências relacionadas”

Kelly Cristina Scatena Guedes, Juliana Bissoli, Maira Cantareli Baptistussi

“Relato de Experiência de Atendimento em Grupo a Mulheres com dificuldade de Relacionamento Amoroso”

Eugênia Melo - Paradigma - Núcleo de Análise do Comportamento, Mariana Vieira - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

“Levantamento de Regras Relativas à Sexualidade em Universitários”

Yara K. Ingberman – Universidade Positivo, Letícia Rosas - Universidade Positivo, Simone Bortolato - Universidade Positivo

“O Valor Reforçador no Comportamento de Presentear no Relacionamento Amoroso”.

Paulo Leandro Graça Martins - Centro Universitario do Triangulo - UNITRI, Alexandre Vianna Montagnero - Centro Universitario do Triangulo - UNITRI, Gelson Luiz Graça Martins - Centro Universitario do Triangulo - UNITRI

“Desatando os Nós: a eficácia do plantão psicológico em um caso de crise conjugal”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Tatiana de Cássia Ramos Netto - Universidade do Sagrado Coração, Regina C. Paganini Furigo - Universidade do Sagrado Coração

“Análise Funcional de Contingências Aversivas Presentes em um Caso de Disfunção Erétil e Ejaculação Precoce”

Luiza Geaquinto Machado - Centro Universitário Vila Velha, Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha

“Um Exemplo de Controle Aversivo dos Pais na Produção de Déficit de Repertório para Iniciar e Manter Relações Afetivas”

Ana Luiza Cassiani, Graziela Siebert - ITECH-Campinas

“Contexto Afetivo em Salas de Bate-Papo: ansiedade, fuga e esquiva de usuários”

Juliana Rosa Honório Maziero - Universidade Nove de Julho-UNINOVE / Aprendhere Formação e Atendimento em Psicologia, Andréia Cristina Correa - Universidade Nove de Julho-UNINOVE / Aprendhere Formação e Atendimento em Psicologia, Julio Cezar Frare Magalhães - Universidade Nove de Julho-UNINOVE / Aprendhere Formação e Atendimento em Psicologia

“Controle Pessoal: uma proposta de descrição e compreensão das relações interpessoais”

Stélios Sdoukos - Universidade Federal do Paraná, Alexandre Dittrich - Universidade Federal do Paraná

“Avaliação de Mitos Românticos em Acadêmicos de Pedagogia: uma análise do comportamento”

Tiara Corradi - PUCPR, Márcia Takahata Wakamatsu - PUCPR, Cloves Amorim - PUCPR

“Ser ou Não Ser Infiel”

Rafaela Roman de Faria, Lídia Natalia Dobrianskyj Weber, Cristina Lopes Pereira, Fernanda Brunkow, Sílvia Letícia Corrêa dos Santos

“Estilos de Amor, Auto-Estima e Ciúme em Namorados e Casados”

Rafaela Roman de Faria, Lídia Natalia Dobrianskyj Weber, Cristina Lopes Pereira, Fernanda Brunkow, Sílvia Letícia Corrêa dos Santos

“Análise Funcional do Filme: ‘O Fabuloso Destino de Amélie Poulan’ ”

Sílvia Letícia Corrêa dos Santos, Lídia Natalia Dobrianskyj Weber, Caroline Gasparetto, Rosecler Cunha

“Significado: a importância da relação indivíduo-ambiente para as teorias Behaviorista radical e sócio-histórica”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Cíntia Grazielle de Souza Raulino - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Carlos Heber de Oliveira - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Renata Hans Apolinário de Souza - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

“Altruísmo: uma análise sob a perspectiva etológica”

Danielly Lopes - Universidade Federal do Pará, Hildenora Santos - Universidade Federal do Pará, Mani Simões - Universidade Federal do Pará

“Os sofrimentos do jovem Werther: uma leitura à luz da análise comportamental”

Emanuely Silva Costa - UESPI, Izabel Cristina Vale de Carvalho - UESPI, Brunna Stella Silva Carvalho - UESPI, Francisco Andeson Golçalves Carneiro - UESPI, Daniel Feitosa dos Santos - UESPI

“Ensaio sobre Esperança: uma visão analítico-comportamental”

Hildenora Santos - Universidade Federal do Pará, Tainá Almeida - Universidade Federal do Pará, Thaciana Silva - Universidade Federal do Pará

“Então... Nada é o que Parece! Arranjar Contingências e Saber de Análise do Comportamento é um caminho”

Angélica Aparecida Dutra Medeiros

“Utilização de Filmes como Recurso Didático para Ilustrar Conceitos: agências controladoras”

Amanda Ribeiro de Moraes - Faculdade Pitágoras - Campus Metropolitana, Fábio Brinholti - Faculdade Pitágoras - Campus Metropolitana, Íria Stein Siena - Universidade Estadual de Londrina

“A Escola do Futuro Skinneriana à Partir de Três Canções”

Felipe Souza - IEGRAN, Sandra Armôa – UNIGRAN

“Análise da Crônica ‘O Verdadeiro José’: possíveis relações de controle de estímulos determinantes dos comportamentos dos personagens”

Ariene Coelho - Universidade de São Paulo, Cássia da Hora - Universidade de São Paulo, Maria Eugênia de Mathis - Paradigma - Núcleo de Análise do Comportamento

“Análise Funcional: uma visão behaviorista radical para a parábola do filho pródigo”

Brunna Stella da Silva Carvalho - UESPI, Izabel Cristina Vale de Carvalho - UESPI, Emanuely Silva Costa - UESPI Francisco Andeson Golçalves Carneiro – UESPI

“O Caçador de Pipas: uma reflexão a partir da ótica da análise experimental do comportamento”

Renan de Almeida Sargiani - Universidade Cruzeiro do Sul, Rosa Maria Galvão Furtado - Universidade Cruzeiro do Sul

“Inveja: um ensaio analítico comportamental”

Jeisiane Lima, Alciane Silva

“Práticas Educativas: um estudo exploratório com cuidadores de crianças vítimas de queimaduras”

Jeisiane Lima, Fabiana Oliveira

“Disfunção Têmporo Mandibular: avaliação e intervenção neuropsicológica para controle da dor crônica”

Ana Paula Afonso Camargo - Universidade do Sagrado Coração - Bauru/SP, Tatiana de Cássia Ramos Netto - Universidade do Sagrado Coração - Bauru/SP, Luiz Carlos de Oliveira - Universidade do Sagrado Coração - Bauru/SP

“Intervenção Comportamental Junto a um Jovem com Diagnóstico de Trauma Raqui-Medular”

Vanessa Polidoro - Centro Universitário Hermínio Ometto - UNIARARAS , Adriana Baptista - Centro Universitário Hermínio Ometto - UNIARARAS , Laila Ribeiro - Centro Universitário Hermínio Ometto – UNIARARAS

“Atendimento Psicológico para Pacientes Diagnosticadas com Doença Trofoblástica Gestacional”

Flávia A. F. Marucci - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - USP, Heloísa T. Zucca Matthes - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - USP, Ricardo Gorayeb - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo - USP

“Terapia Comportamental de Grupo com Portadores de Dislipidemia” Joselma Frutuoso - Universidade Federal de Santa Catarina

“Procedimento com Fading no Treino de Discriminação de Cores em um Sujeito com Síndrome do X-frágil”

Michaele Saban - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Livia Faggian - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Samira Wegbecher - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

“Antecedentes e Consequentes do Comportamento de Dor em Pacientes com Disfunção Temporomandibular”

Marina Monteiro - UNIARARAS, Marina Merlin - UNIARARAS/UNIFESP

“Análise da Dor como Estímulo Discriminativo para Respostas Solícitas de Familiares”

Paula Scarpelli - PUC-Campinas/UNIFESP, Dra. Vera Lúcia Adami Raposo do Amaral - PUC-Campinas/SOBRAPAR

“Estratégias Psicológicas para o Manejo da Cefaléia Crônica diária: análise de dois casos clínicos”.

Marta Pontes - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP, Fernanda Bitondi - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP, Ricardo Gorayeb - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP

“Psicoterapia Analítico-Comportamental: relato de caso de síndrome do intestino irritável”

Felipe Zabeu Bertolo - PED - Psicologia Especializada em Doenças Crônicas e Funcionais, Karina Magalhães Brasio - PED - Psicologia Especializada em Doenças Crônicas e Funcionais

“Modelação, Modelagem e Instrução Oral no Ensino de Relaxamento Muscular Progressivo para Residentes de Psicologia”

Fernanda Rizzi Bitondi - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ricardo Gorayeb - Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

“Enfrentamentos de Pais de Crianças com Presença de Sintomas de Medo”

Mariana Papa - Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF, Luciana Teixeira - Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF, Ieda Rodrigues - Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF

“Depressão e Estresse: uma análise de artigos publicados em duas revistas de grande circulação no Brasil”Tânia Cristina Rocha

“Orientação Psicológica aos Pacientes com Diagnóstico de Câncer Atendidos pela Urologia: grupo de sala de espera”

Rodrigo Boscolo - Hospital de Base - FAMERP, Carmen Silvia Costa Elias Fernandes - Hospital de Base - FAMERP, Liziane Souza Leite - Hospital de Base - FAMERP

“O Câncer de Próstata e o Aconselhamento Psicológico”

Nisomara Rocha Silva - UNESP, Caroline Zilinski da Cruz - UNESP, Lucia Tais Carrossini - UNESP

“Câncer de Mama e Qualidade de Vida: eficácia de um grupo psicoeducacional”

Denise Cristina Hardt Pires - USJT/UBC, Ginaldo Sousa - Hospital Santana

“Crianças Portadoras de Doenças Onco-Hematológicas: a compreensão da criança e do cuidador sobre a doença e o tratamento.”

Luziane Kirchner - Universidade Positivo, Suzane Schmidlin Löhr- Universidade Positivo /UFPR

“Reações, Sentimentos e Variáveis que Contribuem para a Adesão e Participação dos Pacientes no Tratamento de Câncer”

Renata Moraes, Carmen Almeida

“Descrição da Atuação do Psicólogo no Transplante Renal Inter-Vivos em um Hospital Escola do Interior de São Paulo”

Liziane Souza Leite - Hospital de Base-FAMERP, Talita Medeiros Yarak - Hospital de Base-FAMERP, Rodrigo Boscolo - Hospital de Base – FAMERP

“Mulheres com Câncer de Mama - análise de produção científica a partir de resumos publicados entre 2000 e 2008”

Maria Soares - UEL, Maria Marinho - UEL, Tayana Orlandini - UEL

“Análise de Produção Científica - mulheres com câncer de mama e distúrbios de sono”

Maria Soares - UEL, Tayana Orlandini - UEL, Leilah Sabião – UEL

“Variáveis que Regulam a Auto-Imagem de Mulheres Mastectomizadas ou Lumpectomizadas do Hospital Oncológico de Uberlândia-MG”

Vanessa Cristina de Souza - Universidade Federal de Uberlândia, Ederaldo José Lopes - Universidade Federal de Uberlândia

“Comparação Entre a Queixa Inicial e as Escalas Individuais e Soma de Escalas do Questionário Adult Self-Report (ASR) em Clientes de uma Clínica-Escola”

Caroline Salvo - USP/ Faculdade Dom Bosco/ Unibrasil, Bruna Aguiar - USP/Paradigma, Luan Flávia Fernandes - USP, Fabiana Gauy - USP, Edwiges Silveiras – USP

“Percepção Clínica da Queixa: comparação dos dados obtidos pelo clínico e pelo Adult Self-Report “

Fabiana Gauy - USP, Caroline Guisantes Salvo - USP, Luan Flávia Fernandes - USP, Bruna Aguiar - USP/Paradigma, Edwiges Silveiras – USP

“Belief 1.0 – apresentação de software para o delineamento experimental de estudos sobre crenças”

Luciano de Sousa Cunha - Universidade Federal do Espírito Santo, Elizeu Borloti - Universidade Federal do Espírito Santo, José Geraldo Lima Cunha - Bartofil

“PsychoTacto 2.0 – apresentação de software para o delineamento experimental de estudos sobre eventos privados”

Luciano de Sousa Cunha - Universidade Federal do Espírito Santo, Elizeu Borloti - Universidade Federal do Espírito Santo, José Geraldo Lima Cunha - Bartofil

“O Uso do Inventário de Auto-Avaliação de Adultos (ASR) no Planejamento da Intervenção Terapêutica Comportamental”

Bruna de Moraes Aguiar - USP, Caroline Guisantes Salvo - USP, Fabiana Gauy - USP, Luan Flávia Barufi Fernandes - USP, Marina Monzani da Rocha - USP, Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras - USP

“Questionário de Situações Domésticas: comparação dos dados de crianças pré-escolares clínicas e não clínicas”

Leidiany Cristina da Silva - Universidade Estadual de Londrina, Cynthia Borges de Moura - Universidade Estadual de Londrina, Ana Claudia Paranzini Sampaio - Universidade Estadual de Londrina, Thaís Fernanda Roberto Oliveira - Universidade Estadual de Londrina

“Comparação entre Queixas Iniciais Registradas pelo Clínico e Perfis Obtidos pelo Instrumento Adult Self-Report (ASR)”

Luan Flávia Barufi Fernandes - Instituto de Psicologia - USP, Bruna de Moraes Aguiar - Instituto Paradigma, Caroline Guisantes de Salvo Toni - Instituto de Psicologia - USP, Fabiana Gauy - Instituto de Psicologia - USP, Edwiges Ferreira de Mattos Silveiras - Instituto de Psicologia - USP

“Avaliação Psicométrica do Inventário de Empatia (I.E.). Validades Convergente e Discriminante”

Conceição Santos Fernandes - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Eliane Falcone - UERJ, Maria Cristina Ferreira - UERJ, Juliana Furtado D’Augustin - UERJ, Renato Curty - UERJ, Vanessa Dordron de Pinho – UERJ

“Análise das Variáveis Relacionadas com o Índice de Rotatividade em uma Confeitaria”

Natalia Souza, Natalia Fornarolli, Elen Moreira

“A Sinalização de Consequências a Curto Prazo, Longo Prazo, Curto e Longo Prazo na Propaganda Governamental”

Cibele Baston - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fábio Gonçalves - Universidade Presbiteriana Mackenzie

“Catálogos Inteligentes com Lógica Nebulosa para Comércio Eletrônico”

Weber Martins, Lauro Nalini, Caroline Rodrigues

“Conflitos entre Jornalistas: uma contribuição para a Psicologia Organizacional”

Maithê Cristina Uliana - Unesp-Bauru, Sária Cristina Nogueira - Unesp-Bauru, Luiz Carlos Canêo - Unesp-Bauru

“Investigação dos Hábitos Relacionados a Estudantes de República”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Oswaldo Longo Jr - Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF, Alexandro dos Santos - Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF, Meda Klauck - Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF

“Avaliação Psicológica para Obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (C.N.H.)”

José Pedro Duarte - FEF, Oswaldo Longo Jr - FEF, Renata Cristina Lima - FEF, Josi Maria Bervian - FEF, Patrícia Tondato Marcondes - FEF, Pollyana Alcoba Torres – FEF

“Mudança de Comportamento no Processo de Orientação Profissional de um Supervisor da Produção”

Mariana Santos - Unimep, Maria Elizabeth Caetano – UNIMEP

“Análise Comportamental da Variável ‘Insatisfação’ de Afastados do Trabalho para a Melhora da Qualidade de Vida”

Ada Rúbia Pereira - Centro Universitário Hermínio Ometto, Murilo A. Martinelli - Centro Universitário Hermínio Ometto, Adriana S. D. Baptista - Centro Universitário Hermínio Ometto

“Um Estudo Exploratório sobre a Maturidade das Escolhas Profissionais de Homens e Mulheres nas Áreas de Ciências Exatas e Humanas”

Alexandre Montagnero, Daniela Sanches, Luciano David

“Diabetes Mellitus: as atribuições do emocional sob enfoque cognitivo comportamental”

Lígia Mara Gonçalves Cheruti

“Percepção do Paciente na Doença de Parkinson”

Sônia Monteiro - FCM/UNICAMP, Sibeles Cristina de Sá - FCM/UNICAMP, Érika Sproesser - FCM/UNICAMP

“Avaliação do Desenvolvimento de Bebês de Risco nos Primeiros Meses de Vida e o Tipo de Parto”

Talita Carla Luiz Corrêa - Unesp-Bauru, Denize Campos Ribeiro - Unesp- Bauru, Maria Carolina Fontana Antunes - Unesp Bauru

“Dependência Química: características psicossociais relacionadas ao início e manutenção”

Fernando Magalhães, Oswaldo Longo Jr, Zalmir Diogo Jr - Afiliação do Grupo: Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF

“Disfunção Temporomandibular (Dtm), Ansiedade e Estresse: efeito do relaxamento progressivo”

Luciana Esgalha - UNESP, Sandra Calais – UNESP

“Efeitos do Estresse Crônico Moderado sobre a Preferência por uma Dieta Hiperlipídica Palatável em Ratos Machos e Fêmeas”

Lucilla Camargo, Marcelo Henklain, Luciano Carneiro, Joara Adão, Gabriela Catai, Patrícia Brandão -
Afiliação do Grupo: Universidade Estadual de Londrina - UEL

“Estresse Ocupacional em Enfermeiros que Trabalham na U. T. I. do Hospital Presbiteriano Dr. Gordon na Cidade de Rio Verde-Go”

Marília Ribeiro Pereira - Universidade de Rio Verde - FESURV, Arlete Cristina Dantas Ruiz -
Universidade de Rio Verde - FESURV

“Revisão Bibliográfica dos Trabalhos Científicos Publicados no Brasil em Terapia de Grupo na Abordagem Comportamental Cognitiva”

Cláudia Furtado Borges - Faculdade Patos de Minas, Diva Lúcia de Oliveira - Faculdade Patos de Minas,
Valdênia Costa Souza - Faculdade Patos de Minas

“O Trabalho sob Contingências Reforçadoras: um antídoto para a Síndrome de Burnout”

Mariana da Cruz Diana - PUCPR, Rosana Angst - PUCPR, Cloves Antonio de Amissis Amorim - PUCPR

“Intervenção em Psicologia Organizacional através de Treinamentos”

Taísa Barros Alcântara Gonçalves - FAP- Faculdade da Alta Paulista, Cibele de Almeida - FAP-
Faculdade da Alta Paulista, Ruth Vieira Nunes - FAP- Faculdade da Alta Paulista

“Aspectos Psicossociais Associados a Sintomas de Stress em Professores Universitários”

Fernando Magalhães, Layla Sardinha, Jeane Pereira, Daniele Ferreira, Oswaldo Longo Jr, Vilma Oliveira
-
Afiliação do Grupo: Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF

“Análise de Contingências na Determinação das Estratégias de Treinamento e Desenvolvimento Organizacional – relato de experiência”

Erika Patricia Scandalo Baleeiro - Departamento de Treinamento e Desenvolvimento-Entreminas-São
Paulo-SP

“Caracterização de um Método para Identificar Comportamentos a Serem Avaliados em Processos de Seleção Profissional a Partir da Noção de Comportamento”

Hélder Gusso – UFSC

“Estudo de Caso: aspectos do referencial teórico, limitações e interações do analista do comportamento em organizações na prática de treinamento e desenvolvimento de pessoas”

Eduardo Tadeu da Silva Alencar, Paulo Panetta, Alcimar Nunes Fraga

“O Comportamento de Escolha na Compra de uma Urna Funerária”

Gelson Luiz Graça Martins, Alexandre Vianna Montagnero, Paulo Leandro Graça Martins, Monica Pontes Carvalho - Afiliação do Grupo: Centro Universitário do Triângulo-UNITRI

“Um Estudo Preliminar do Comportamento do Consumidor de Frequentadores de Espetáculos Eróticos ao Vivo”

Alexandre Montagnero, Marco Silva, Amanda Mendes, Ana Crosara, Diogo Gomes, Roselaine Savolo

“Análise Comportamental do Nível de Qualidade e Conhecimento de Bolsas: comparação entre apresentação de marca e logomarca”

Ellis Buranelo Pascoal, Janaina De Souza Borges, Monica Bandeira Correa, Cristiano Coelho, Vinícius Pereira Pinto Xavier - Afiliação do Grupo: Universidade Católica de Goiás

“Esquizofrenia – um modelo de orientação familiar”

Nathália Siqueira, Diana Laloni, Sofia Di Nucci - Afiliação do Grupo: PUC-Campinas

“Intervenção em Diagnóstico de Esquizofrenia em Instituição Pública de Saúde”

Naiara Lima Costa - UNESP-Bauru, Sandra Leal Calais - UNESP-Bauru

“O Comportamento Psicótico sob a Perspectiva da Análise do Comportamento”

Simone Silvério Hintze - Uniararas, Jailton Lima da Silveira - Uniararas, Maria Rita de Cássia Vetucci R. Perine - Uniararas, Pedro Bordini Faleiros - Uniararas/Unimep/USP

“Uma Proposição para a Interpretação do Conceito de Loucura na Análise do Comportamento “

Mozer Farias - Universidade Federal do Pará, Paula Hinvaite - Universidade Federal do Pará, Audrey Soares - Universidade Federal do Pará

“O Estagiário de Psicologia no Hospital Escola da FMRP-USP”

Renata Gorayeb, Marina Arruda, Nátali Santos, Maria Tazima, Yvone Vicenti, Ricardo Gorayeb - Afiliação do Grupo: Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

“Estratégias Didáticas para Aprender a Lidar com os Sentimentos do Cliente”

Mariana Nunes da Costa Marco, Tiago Roberto Florêncio, Mariana Rodrigues Fantinato, Maria Júlia Ferreira Xavier Ribeiro, Carina Lemke - Afiliação do Grupo: Unitau

“Grupo de Crianças e Análise do Comportamento: um relato de experiências lúdicas”

Raquel Zacharias Duarte, Samuel Gachet

“Enurese Infantil: um enfoque cognitivo-comportamental”

Giovana Villas Boas, Karina Brasio

“A Entrevista Clínica Comportamental do Luto (ECC do Luto) “

Flavia Leite, Alessandra Lopes, Maria Isabel Hamud - Afiliação do Grupo: UNESP-Bauru

“Terapia Comportamental: como o terapeuta trabalha com o seu cliente? discussões de sua prática”

Felipe Colombini - Universidade Presbiteriana Mackenzie

“Um Caso Clínico de Acompanhamento Terapêutico: interações no ambiente natural”

Filipe Colombini - AMBAN-HCFMUSP, Luciana Coltri - AMBAN-HCFMUSP

“A Prática do Acompanhamento Terapêutico: uma discussão a luz das abordagens psicanalítica, social e comportamental”

Marina Duarte - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Paulo Afrânio Sant`Anna - Universidade Presbiteriana Mackenzie

“Há Indicadores de Abandono de Psicoterapia em Sessões Transcritas Conduzidas por Terapeutas-Estagiários?”

Yuristella Yano - UniPaulistana/UNIP/USP, Ana Cristina de Almeida - UniPaulistana, Sonia Beatriz Meyer - USP

“Utilização de Técnicas Comportamentais no Controle de Comportamentos em Excesso de um Paciente”

Irina Ikemori, Rafaela Martinez, Adriana Baptista - Uniararas

“Estudo de um Caso com Queixas Múltiplas Atendido em Ambiente Extra-Consultório: o caso A”

Ana Paula Franco Mayer - IEPAC, Yara Kuperstein Ingberman - IEPAC/UNICENP/FEPAR

“O Efeito da Instrução na Modificação do Comportamento de Adesão ao Uso de Terapias Alternativas”

Aline Carolina Freitas - UNITRI , Adeilson Batista Alves Junior - UNITRI, Alexandre Vianna Montagnero – UNITRI

“Estresse: compreender para administrar”

Marcelo J. M. Silva - Petrobrás

“Stress em uma Amostra de Adultos de Campinas: avaliação realizada em evento municipal”

Micheli Aparecida Gomes dos Santos - Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do Stress, Marilda Emmanuel Novaes Lipp - Laboratório de Estudos Psicofisiológicos do Stress

Mesa Redonda: “Contingências Presentes na Situação de Realização da Tarefa de Casa”

Ana Carolina Camargo Christovam, Leila M^a do Amaral Campos Almeida, Ana Paula Vedovato Maestrello

Coordenador: Leila M^a do Amaral Campos Almeida

A literatura brasileira demonstra que poucos são os programas preventivos de dificuldades comportamentais em crianças, manifestos na escola e que têm sido sistematicamente desenvolvidos sobre bases teóricas e empíricas ou avaliados com rigor. Para a aprendizagem no contexto escolar destacam-se o comportamento do professor e o do aluno, dentre as outras condições críticas; e no contexto familiar, têm destaque os comportamentos dos pais e a sua compreensão sobre a escolaridade do filho. O comportamento do professor, na escola, porque é (ele próprio) uma condição privilegiada para construir condições de ensino de comportamentos acadêmicos e sociais, pela possibilidade de modificar aspectos do ambiente em função do lugar de autoridade formal que ocupa na relação com os alunos; e o comportamento do aluno porque é a resultante de inúmeras condições presentes na sala de aula e escola, da rede de relações que ultrapassa a instituição escola e inclui a família, que pode dar a esses comportamentos a qualidade de adequado/oportuno ou inadequado/inoportuno. Os resultados destas relações podem ser dramáticos para alguns alunos que têm famílias não convencionais, ou rendimento pedagógico abaixo do esperado, ou pelos inconvenientes que causam em sala de aula. Esses alunos podem ser encarados como portadores de distúrbios comportamentais, caracterizar uma queixa escolar e um encaminhamento ao psicólogo. Neste cenário se coloca a análise da “tarefa de casa”, entendida nestes Estudos como uma condição de ensino privilegiada como ocasião de atenção à criança- pela Família, ao acompanhar sua consecução, em casa, e pela Escola, ao receber a tarefa e corrigi-la. Além disso, porque pode constituir-se numa condição favorecedora da comunicação entre a Escola e a Família, com todas as vantagens advindas dessa relação. A análise das contingências presentes na situação de realização da Tarefa de Casa com crianças na educação infantil, no aprendizado de uma segunda língua e no ensino fundamental, indica a possibilidade de pensar em prevenção e imprimir outra direção para as práticas, focalizando-as em grupos onde os problemas escolares, de não aprendizagem, estão apenas começando, ou antes que ocorram.

Apresentação 1:

Quando o comportamento do professor é gratificante, favorece a construção de relações comportamentais gratificantes do aluno na escola, a obtenção de ganhos acadêmicos e elogios da família; e é possível esperar que se foi reforçado positivamente, continue aprendendo porque novas situações de aprendizagem tornariam os mesmos reforçadores disponíveis a ele. Já quando usa procedimentos coercitivos, pode gerar interações comportamentais pouco ou não gratificantes com os alunos, aumenta a probabilidade de que a escola adquira propriedades aversivas, o assunto pode

tornar-se fonte de ansiedade e de dificuldade, e podem aparecer comportamentos de fuga e esquivia. Assumindo os princípios da análise experimental do comportamento este estudo objetivou a análise das contingências do comportamento Estudar em casa. Foram sujeitos 211 alunos de seis classes do quarto ano de uma escola pública do interior de São Paulo envolvidos num projeto da escola de incentivo à Tarefa de Casa, com premiação proporcional pelo cumprimento: kit papelaria- 100% das tarefas feitas; um lápis- 80%; e nenhum prêmio para menos de 80% das tarefas. Os dados foram obtidos individualmente com os alunos, quando desenhou o ambiente de realização da tarefa de casa, e respondeu perguntas sobre seu interesse, ou desinteresse, em realizá-la. Foram também analisados os registros da premiação e da qualidade da tarefa, feitos pela escola, identificando-se que em uma classe a maioria (88%) dos alunos foram premiados; em duas (59% e 57%) pouco mais da metade; e nas demais classes (18%;11%;5%) poucos alunos se interessaram pela premiação, não executando as tarefas. Examinando esses resultados e as falas dos alunos relativas à situação e interesse pela tarefa de casa, identificou-se como contingências para o Estudar: 1) condições adversas relacionadas a aspectos físicos do local, regras, complexidade da tarefa, monitoramento dos pais, estímulos concorrentes, em casa, colocando os professores e os pais, nem sempre como condições favorecedoras; 2) seleção inapropriada das conseqüências ao comportamento de fazer tarefa de casa, que não assumiu valor de contingência reforçadora para todos os alunos, desfavorecendo sua manutenção. O comportamento Estudar é uma classe geral de comportamento que precisa ser descrita em termos de classes de respostas, condições diante das quais estas classes são esperadas, e resultados, efeitos e produtos desejáveis destas ações, bem como feitas a análise e a decomposição desse comportamento geral em comportamentos mais específicos para permitir que professores e pais criem condições favorecedoras do comportamento Estudar nos dois contexto em que aparece- escola e família.

Apresentação 2:

A escola enfrenta a evasão focalizando os casos de comprometimento, e a psicologia tem reafirmado esta característica. Para alterar esta forma de atuar os programas de intervenção preventiva junto à escola e às famílias devem ocorrer no momento em que as dificuldades começam a emergir ou junto à população de risco antes que ocorram. Neste cenário se coloca o estudo da "tarefa de casa", condição de ensino privilegiada como ocasião de atenção à criança pela Família, ao acompanhar sua consecução, e pela Escola, ao receber a tarefa e corrigi-la. Foi objetivo deste estudo identificar e analisar as conseqüências liberadas pelos pais aos filhos no momento da tarefa de casa. Participantes: vinte pais de alunos em início de alfabetização (pré III) de uma escola municipal do interior de São Paulo. Para a coleta das informações foi enviado um questionário aos pais constando das perguntas: "Quem fica com a criança no momento em que faz a tarefa?; Esta pessoa tem condições de ajudá-la?; Como é o momento em que a tarefa é feita?; A criança faz a tarefa? Se faz, ou não faz, o que acontece?" Foram também analisados os registros da realização das tarefas de casa, e da sua qualidade. As variáveis determinantes do comportamento de realizar a tarefa de casa examinadas

foram: presença/ausência de um adulto auxiliando; presença/ausência do comando para realizar a tarefa; existência/inexistência de rotina de estudo; ambiente apropriado/inapropriado. Mesmo sendo crianças em início de alfabetização as que fizeram todas ou grande parte das tarefas já a têm como rotina e quase sempre têm alguém que as lembre de fazer ou as ajude. Já aquelas que fizeram poucas tarefas passam grande parte do tempo que estão em casa sem monitoramento. As primeiras mostram melhor desempenho, têm local adequado de estudo e pais participando da sua vida escolar. Quanto à natureza das contingências liberadas pelos pais no momento da realização da tarefa, identificou-se que se caracterizam ora como uma combinação de estímulos aversivos para o não cumprimento, e estímulos de apoio, para o cumprimento; ora punição, na forma de ameaças, ou ausência de consequência, sugerindo que a manutenção do comportamento Estudar se dá também por outras consequências, provavelmente liberadas pelas professoras. Mudar o olhar da família dos problemas para objetivos em que a saúde mental passe a ter relevância, supõe atuar já na educação infantil, quando os pais iniciam sua participação na construção da história escolar do filho.

Apresentação 3:

A escola é a instituição que tem como função a educação formal. Para ser bem sucedida, entretanto, precisa relacionar-se funcionalmente a outra instituição, a família do aluno. E, há muito se constata o abismo entre elas; ora uma responsabiliza a outra pelo fracasso dos alunos, ora se unem responsabilizando o próprio aluno pelo seu fracasso. O desafio proposto aos profissionais da educação hoje se encontra em restaurar o crédito da escola frente às famílias e transformá-las em agentes auxiliares na aquisição e manutenção de comportamentos acadêmicos relevantes pelos alunos. Com esta perspectiva está em implantação um projeto de ensino de uma segunda língua (inglês) a crianças não alfabetizadas de três a seis anos, e uma cidade do interior de São Paulo. E nesse contexto este Estudo teve por objetivo descrever e analisar a experiência com a Tarefa de Casa, compreendida também como uma oportunidade de aproximar os pais à escola. Essa experiência propõe uma Tarefa de Casa que estende o ensino de inglês para a casa através de um CD de músicas estudadas dentro da sala de aula, para que o aluno possa interagir com os pais ensinando-os a cantá-las. E ao fazer isso estará realizando sua tarefa de casa. O procedimento utilizado para propor essa tarefa consiste na instrução tanto dos pais quanto do aluno. Os pais são comunicados da atividade desde o momento da matrícula, quando recebe instruções de como atuar. Orienta-se que ouvir o CD é efetivamente a lição de casa e o responsável deve pedir à criança que o ensine a cantar como a professora o ensinou em sala de aula. E, ao mesmo tempo, o professor em sala de aula instrui os alunos a fazer gestos e mímicas como forma de compreensão do sentido da música, para ensinar aos pais. Identifica-se que esta situação é uma condição favorecedora: da realização da tarefa, pela criança, e do monitoramento da tarefa de casa, pelos pais, porque indica os comportamentos a serem assumidos (pai=aluno; aluno=professor) e porque se compõe de uma atividade reforçadora (cantar, e em outra língua); da valorização da escolaridade do filho e da restauração da confiança na escola como agência de ensino efetiva; e da instalação do comportamento Estudar. O planejamento desta

condição de ensino é uma possibilidade de reverter a situação discutida em estudos que demonstram que dificuldades na comunicação Família-Escola influenciam negativamente na aquisição de comportamentos acadêmicos relevantes.

Mesa Redonda: “Tratamentos Multidisciplinares: uma aplicação na obesidade infanto-juvenil”

Otácilia Mendonça - UCG, Sônia Neves - UCG, Priscilla Barbosa - UCG, Maria Goreth Ribeiro - UCG, Luís Gonzalo Barreto - Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia, Myriam Rodrigues - Hospital Santa Casa de Misericórdia de Goiânia

Coordenador: Sônia Neves – UCG

O conceito de saúde não pode ser definido somente com base ao nosso bem-estar físico. É bastante possível, e até comum que uma pessoa esteja livre de doenças, mas ainda não desfrute de uma vida vigorosa e satisfatória. Partindo então de uma nova maneira de pensar sobre saúde e doença, que implica uma complexidade maior dos conhecimentos, essa nova conceituação, exigiu um processo de especialização; com definição de novas áreas de atuação e o aparecimento de vários grupos de profissionais e a criação de um modelo biopsicossocial. Surgem então os trabalhos de equipes multidisciplinares que são definidas como uma associação de pessoal da saúde, de formação diversa, justificada por possuir um fim último, a saber, responsabilizar-se pela saúde global de um indivíduo e de sua comunidade. Diante da etiologia marcada por diversos fatores, a obesidade requer tratamento multidisciplinar. Quando esse tipo de intervenção multidisciplinar não é empregado o que se tem são resultados insatisfatórios, com dificuldades de adesão ao tratamento e raríssimos casos de manutenção do peso perdido. Essa mesa debaterá sobre o trabalho de equipes multidisciplinares, com apresentação de um projeto ilustrativo de atuação multidisciplinar no tratamento da obesidade infanto-juvenil e uma proposta de extensão do tratamento ao domicílio de alguns pacientes.

Apresentação 1:

A Organização Mundial de Saúde definiu saúde como estado de completo bem estar físico, mental e social sugerindo atuação de equipes multidisciplinares em hospitais. Através de entrevistas com profissionais de equipes multidisciplinares de dois hospitais de Goiânia investigou-se a atuação destas, o papel do psicólogo e a visão do paciente. Os coordenadores destas equipes relataram que o objetivo primeiro é mostrar aos pacientes o aspecto multifatorial da doença e que há apoio da administração superior. Os dados obtidos com as psicólogas revelaram que elas acham necessário o acesso às informações do paciente e sua doença e que essas são acessíveis, mas que a frequência de reuniões e troca de informações é precária. Os clientes relataram estarem satisfeitos com o atendimento

Apresentação 2:

Dentre as variáveis genéticas, psicológicas, nutricionais e sociais, a família exerce papel determinante no comportamento da criança. Ter o pai e mãe obesos significa até 80% de risco de obesidade infantil. Neste estudo foram entrevistadas duas famílias de pré-adolescentes obesos buscando identificar através de visitas domiciliares variáveis socioeconômicas, emocionais/comportamentais/cognitivas, genéticas, nutricionais e relações interpessoais/familiares que poderiam atuar como determinantes da obesidade. Os dados obtidos mostraram que em ambos os casos os pré-adolescentes passam a maior parte do tempo longe dos pais, os pais são obesos ou estão acima do peso, a família não faz as principais refeições junta e os alimentos não são preparados em casa. Esses indicadores confirmam as variáveis contextuais relevantes na obesidade em crianças e adolescentes.

Apresentação 3:

O Grupo de Estudos e Assistência a Obesidade na Infância e Adolescência da Santa Casa de Misericórdia de Goiânia tem como objetivo oferecer tratamento multiprofissional a crianças e adolescentes com sobrepeso ou obesidade e seus cuidadores. A avaliação inicial é feita pelo pediatra que classifica o grau de sobrepeso ou grau de obesidade e solicita exames laboratoriais. Em seguida a nutricionista e a psicóloga fazem uma entrevista visando identificar o histórico e os comportamentos familiares. Em reuniões semanais é acompanhada a evolução do peso e do tratamento nutricional individualmente. Psicoterapia de apoio e palestras educativas ocorrem em grupo. atendimentos psicoterápicos individuais, acompanhamento domiciliar, fisioterapia, tratamento fonoaudiológico e acupuntura são oferecidos aos pacientes onde tais necessidades são identificadas.

Mesa Redonda: “Os Novos Campos de Atuação para o Analista do Comportamento a partir da Promulgação da Lei Maria da Pena”

Eveny Teixeira - Tribunal de Justiça do Estado do Pará, Adriana Reis - Centro de Referência Maria do Pará / SESP, Ricardo Padovani - UFSCar, Lúcia Williams - UFSCar

Coordenador: Karyne Rios - UFSCar

O presente trabalho tem por objetivo caracterizar as possíveis atuações do psicólogo analista do comportamento nos serviços de atendimento às mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, propostos a partir da Lei Maria da Pena (Lei 11.340/2006), elaborada para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Esta lei apresenta uma série de inovações no que diz respeito à garantia dos direitos da mulher vítima de violência. Dentre estas, destaca-se o incentivo à criação de Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, de centros de atendimento integral e multidisciplinar para mulheres em situação de violência doméstica e familiar, assim como de centros de educação e de reabilitação para os agressores. Toda esta rede de serviços, que vem sendo implantada desde a promulgação da lei, exige a atuação de uma equipe multidisciplinar capacitada

para atuar diante do fenômeno da violência doméstica e nesta equipe a presença de psicólogos é imprescindível. A Análise do Comportamento mostra-se como um referencial teórico útil na identificação das variáveis que controlam o comportamento tanto da mulher agredida como de seu agressor, em uma situação de violência doméstica e familiar. A quem este conhecimento será direcionado dependerá em qual dos serviços da rede de assistência o psicólogo está inserido. Nos atendimentos realizados nos juizados, o psicólogo tem por objetivo coletar informações sobre a situação de violência, tanto com a mulher quanto com o agressor, para elaboração de estudo de caso que descreva minimamente as variáveis envolvidas na situação de violência e assim possa auxiliar na decisão judicial. Nos Centros de Atendimento à mulher em situação de violência, o atendimento psicológico é um processo mais longo, tendo como objetivo propiciar à mulher a tomada de consciência sobre as variáveis que lhe mantinham no relacionamento com o agressor, bem como a aquisição de repertório comportamental que possa prevenir a inserção em nova situação de violência: resgate da auto-estima, treino assertivo, técnicas de relaxamento e de controle do estresse, assim como o incentivo à construção da autonomia. O atendimento aos agressores ainda é um serviço escasso na rede de assistência, as ações dos psicólogos analistas do comportamento nesta área estão voltadas para o treino de comportamentos que podem ajudar a reduzir a emissão de comportamentos violentos, tais como: responsabilização pela emissão do comportamento agressivo, auto-observação e autoconhecimento, treinos de relaxamento, de assertividade e resolução de problemas.

Apresentação 1:

O presente trabalho consiste em um relato de experiência de uma analista do comportamento junto ao Juizado das Varas de Crimes de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher do Tribunal de Justiça do Estado do Pará. Esta profissional está inserida em uma equipe multidisciplinar composta por psicóloga, pedagoga e assistente social, conforme prevê a lei Maria da Penha. A esta equipe podem ser solicitados pelo juízo: 1) estudo de caso; ou 2) desenvolvimento de trabalhos de orientação e encaminhamento para mulheres e homens envolvidos em situação de violência doméstica. Em ambos os casos são realizadas entrevistas nas quais é proporcionado um ambiente de escuta ativa, o que possibilita que cada usuário da justiça expresse seus sentimentos acerca do relacionamento afetivo e dos fatos que originaram o processo. Nestes relatos busca-se a compreensão de cada um dos entrevistados sobre o uso de violência na relação afetiva, a caracterização dos tipos de violência e a perspectiva do homem e da mulher quanto ao futuro do relacionamento. Apesar de reconhecer a função terapêutica desta escuta e das orientações realizadas, avalia-se que esta atuação é bastante limitada. Quando se observam demandas para um atendimento de continuidade, as mulheres envolvidas em situações de violência são encaminhadas para um dos centros que prestam este tipo de atendimento no Estado do Pará. Apesar de não estarem disponíveis, neste Estado, centros de educação e reabilitação para homens autores de violência, como previsto na Lei 11.340/2006, freqüentemente estes são encaminhados aos Centros de

Referência em Assistência Social ou a unidades de atendimento a usuários de álcool e drogas, o que, entretanto, não garante a sua adesão. Para exemplificar o tipo de atendimento prestado, serão apresentados dois estudos de caso conduzidos neste contexto.

Apresentação 2:

A violência nas relações domésticas e/ou familiares não depende da classe social, do nível de escolaridade e da raça ou etnia das pessoas envolvidas, mas sim de suas histórias ontogenéticas e culturais. Neste contexto, a Análise do Comportamento mostra-se como um referencial teórico útil na identificação das variáveis que controlam o comportamento tanto do homem que agride quanto da mulher que é agredida. Para os homens, são frequentemente identificadas como variáveis desencadeadoras da agressão contra a mulher: desemprego, problemas financeiros e abuso de substâncias; outros fatores envolvidos são ciúme excessivo, baixa auto-estima, visões estereotipadas sobre papéis de gênero e histórico de violência na infância. Em relação à mulher, identificam-se como fatores para manutenção do relacionamento, apesar das contingências aversivas envolvidas, a falta de recursos financeiros próprios, de autoconfiança para iniciar novo relacionamento afetivo, promessas de mudança de comportamento do companheiro, medo de retaliação por parte do companheiro ou do grupo social, além de auto-regras relativas ao compromisso com o relacionamento e ao seu papel social. Neste sentido, entende-se que tanto homens quanto mulheres envolvidos em situações de violência devem ser alvos de intervenção comportamental. No caso específico do Centro de Referência Maria do Pará, que atende mulheres agredidas na região metropolitana de Belém, a atuação da equipe multidisciplinar está voltada ao favorecimento da autonomia de suas usuárias, à aquisição de habilidades assertivas (aprender a dizer não, colocar limites no comportamento do outro), ao desenvolvimento de autoconhecimento e análise das variáveis que mantinham a relação afetiva. Outras ações estão voltadas para facilitar o acesso a recursos (programas de geração de renda, inclusão no mercado de trabalho e na rede regular de ensino) e obtenção de suporte social (ampliação da rede de apoio). Tal intervenção, através de atendimentos individuais e atividades em grupos, tenta mostrar a estas mulheres a possibilidade de mudar suas contingências de vida e, conseqüentemente, suas auto-regras.

Apresentação 3:

A violência contra a mulher é um fenômeno complexo que desconhece qualquer fronteira de classe social, cultura, nível de desenvolvimento econômico e que pode ocorrer tanto no domínio íntimo do lar como no domínio público, podendo ocorrer em qualquer etapa da vida. Tal violência envolve as modalidades psicológica/emocional, física e sexual. Dificuldades financeiras, desemprego, problemas com a justiça, abuso de álcool e drogas, apresentam-se como fatores de risco, e não devem ser vistos como causas unilaterais de tal comportamento. A violência contra a mulher pode ser definida como a intenção do parceiro de intimidar, seja por meio da ameaça ou uso da força física direcionada à

parceira ou sua propriedade. O propósito da violência é controlar o comportamento da parceira pela indução do medo. A relação desigual de controle entre a vítima constitui a característica central deste tipo de abuso. O objetivo do trabalho consiste no relato de experiência de um terapeuta cognitivo-comportamental no atendimento do homem que agride sua parceira. Serão apresentados dois estudos de caso conduzidos individualmente na Unidade Saúde Escola no Programa da Saúde da Mulher. Foram trabalhadas as seguintes estratégias: responsabilização pela violência, discussão dos Direitos Humanos, discussão do fenômeno da violência contra mulher, ciclo da violência, características de um relacionamento violento, estratégias de time-out, análise de crenças, papéis de gênero, manejo da raiva, manejo da ansiedade e da depressão, relaxamento, estratégias de resolução de problemas, estabelecimento de rede de apoio e tarefas de casa. Os participantes indicaram um histórico de maus-tratos infantis, dificuldade de manejo da raiva, histórico de agressão à parceira. O participante 1 afirmou que nunca agrediu fisicamente sua parceira, dado confirmado pela mesma que, também, encontrava-se em atendimento psicológico. O participante 2, por sua vez, afirmou agredir emocionalmente e fisicamente sua parceira, sendo os episódios de agressões físicas classificadas como graves. Ambos os participantes relataram dificuldades em manejar a raiva em contextos sociais, sendo que o participante 2 havia agredido fisicamente outras pessoas. Ao final do atendimento ambos indicaram melhoria do autocontrole e manejo da raiva.

Mesa Redonda: "Terapia por Contingências de Reforçamento com Adultos: história de contingências de privação de afeto, de relacionamentos afetivos produzidos por contingências coercitivas e dificuldades de expressar sentimentos."

Fernanda Ferreira Correia, Valéria B. Peres, Ana Carolina C. G. Felício, Maria Izilda Campos Sousa, Noreen Campbell de Aguirre, Vitor Pedro Calixto dos Santos, Camila Magnet - Afiliação do Grupo: ITCR-Campinas

Coordenador: Maria Izilda Campos Sousa - ITCR-Campinas

Apresentação 1:

O objetivo deste estudo foi diminuir comportamentos de fuga-esquiva da cliente, levando-a a se tornar mais sensível ao outro e aos sinais do ambiente, bem como emitir respostas de solicitação de auxílio, de modo que as relações sociais se tornassem mais reforçadoras. Mônica, solteira, 33 anos, morava sozinha. Pai (80) tinha morrido vítima de um derrame. A mãe (64) estava com câncer em fase terminal e dependia dos cuidados da filha. Chegou à clínica dizendo que vinha tendo crises de choro sem motivo e que pensava muito na morte do seu pai, pois acreditava que tinha culpa pelo fato de ele ter falecido. Mônica não tinha uma visão crítica sobre o controle aversivo (pai coercitivo e mãe punitiva) do qual era vítima e acabava admitindo que o seu comportamento ("inadequado") tinha gerado a morte do pai. Outra grande dificuldade dela era expressar sentimentos, tanto para demonstrar o que sentia pela pessoa, quanto em tornar o outro sensível aos seus próprios

sentimentos e problemas. Esquivava-se fingindo estar bem para que ninguém soubesse das suas aflições. Mônica era homossexual, e além de todas as dificuldades mencionadas, seu sofrimento foi fortemente agravado pela perda de um importante reforçador, o amor da pessoa amada. A intervenção ocorreu através de instruções de como ela poderia agir diante de algumas situações, modelos de comportamentos sociais e reforçamento diferencial, levando-a a ficar mais sob controle das orientações da terapeuta e experimentando novas conseqüências na sua rotina. O estudo foi interrompido por iniciativa da cliente.

Apresentação 2:

O objetivo do presente trabalho foi desenvolver repertório discriminativo para que a cliente ficasse sob controle das contingências de reforçamento em operação, principalmente nos relacionamentos afetivos. Carla, divorciada, 36 anos, morava com os filhos Daiane (16) e Caíque (12) e com a companheira Rebeca. Procurou a terapia “Por causa dos problemas que eu tô tendo nervoso demais, dor de cabeça. Meu relacionamento também tá difícil, né?”. Carla tinha dificuldade em aceitar-se como mulher e em assumir sua preferência sexual; tinha repertório limitado para produzir reforçadores positivos para si mesma e para esquivar-se de situações aversivas, apresentava dificuldade para emitir respostas de contracontrole diante de situações aversivas. Entretanto, Carla apresentava variabilidade comportamental e repertório adequado de tomada de decisão diante de situações aversivas, desde que não relacionadas a interações afetivas. Os procedimentos utilizados no processo psicoterapêutico envolveram instruções verbais sobre a forma de se comportar para produzir reforçadores positivos e para eliminar a estimulação aversiva; instruções e modelos sobre a maneira de conseqüenciar adequadamente os comportamentos das pessoas a sua volta, principalmente os de seus filhos; descrição das contingências de reforçamento em operação para que a cliente discriminasse o que controlava seus comportamentos. Os resultados mostram um aumento na freqüência de respostas de Carla com possível função reforçadora para si própria e para o outro e uma redução na freqüência de respostas agressivas com o filho; aumentou a freqüência das interações com seus familiares e a cliente relatou que tais encontros estavam mais reforçadores; passou a emitir respostas mais adequadas de fuga-esquiva e de contracontrole na relação com os pais; passou a conseqüenciar contingentemente os comportamentos da companheira; e, após o fim do relacionamento, Carla passou a sair de casa com mais freqüência para programas que lhe era reforçadores. A cliente continua em processo psicoterapêutico.

Apresentação 3:

O presente estudo de caso apresenta uma situação de orientação vocacional, na verdade, reorientação vocacional de uma jovem freira que estava em processo de discernimento para deixar a vida religiosa. Esta jovem chegou à clínica por indicação de sua superiora, que parecia nutrir esperanças que ela resolvesse sua situação de “crise vocacional” e permanecesse na vida religiosa.

Durante o processo terapêutico, no primeiro momento, foram trabalhadas as dificuldades que esta jovem tinha para viver na vida religiosa e comunitária, pois havia a hipótese que a “crise vocacional” tivesse sua origem em dificuldades de comunicação e relacionamento. No segundo momento, pode-se perceber que tratava-se de um processo de re-orientação vocacional, hipótese esta que se confirmou com a história de contingências que motivaram a cliente a ingressar na vida religiosa, motivos estes, que atualmente não lhe traziam conseqüências reforçadoras e lhe traziam grandes dificuldades em continuar a viver em um ambiente no qual predomina o controle do comportamento por regras e menos pelas contingências. A cliente pode durante o processo terapêutico realizar seu discernimento e opção pela vida leiga, deixando a comunidade religiosa.

Palestra: “Pós Graduação em Análise do Comportamento no Brasil”

Emmanuel Zagury Tourinho - UFPA

Mesa Redonda: “A Prática da Análise Funcional no Contexto Hospitalar”

Amanda Menon Pelissoni, Ana Lucia Ivatiuk, Dra. Vera Lucia Adami Raposo do Amaral - PUC-Campinas / SOBRAPAR, Valéria Cristina Santos

Coordenador: Dra. Vera Lucia Adami Raposo do Amaral -PUC-Campinas / SOBRAPAR

A Psicologia no âmbito hospitalar tem o objetivo de ampliar o repertório comportamental de seus pacientes, a fim de instalar comportamentos de adesão ao tratamento, desenvolver estratégias adequadas de enfrentamento, comportamentos colaborativos e estimular a participação nas tomadas de decisão. A Sociedade Brasileira de Pesquisa e Assistência para a Reabilitação Craniofacial (SOBRAPAR) atende crianças e adultos com deformidades craniofaciais podendo ser elas adquiridas ou congênitas. Portadores de má formação na face, com freqüência permanecem em tratamento por um longo período de suas vidas e necessitam de uma equipe interdisciplinar que atue com o objetivo de favorecer e estimular seu desenvolvimento biopsicosocial. A prática do serviço de psicologia desta Instituição é feita através da análise funcional, e o psicólogo precisa perceber, em cada momento, as interações entre eventos e/ ou relações observadas no contexto de saúde (ambiente- paciente- profissionais) a fim de determinar o elemento que será o foco terapêutico prioritário para delinear estratégias para abordá-lo. Frente as diferentes necessidades que foram sendo detectadas, a psicologia foi se aperfeiçoando e planejando outras formas de intervenção visando a reabilitação global do paciente, ou seja, dentro e fora do hospital. Para atingir essa meta o serviço é estruturado em três programas: Preparação para Procedimentos Invasivos; Avaliação e Acompanhamento do Desenvolvimento Infantil e Atendimentos Psicopedagógicos; que oferecem suporte psicológico para enfrentamento de contingências hospitalares, familiares e sociais. Portanto as intervenções se fundamentam na investigação das contingências que operam nessas três dimensões para então manejá-las de forma que criança e / ou familiares instalem outros padrões comportamentais ou classes de respostas a determinados eventos.

Apresentação 1:

A preparação para procedimentos invasivos necessita considerar diferentes variáveis do paciente para garantir uma atuação eficaz: 1) desenvolvimento cognitivo da criança (grau de compreensão que o paciente tem da realidade) 2) condições sócio-econômicos dos cuidadores 3) capacidade de enfrentamento de situações estressantes (levantamento de contingências aversivas no ambiente de saúde) 4) nível de interação e comunicação entre os membros da família e equipe 5) história pessoal e familiar do paciente. Para que então seja possível construir uma linha de base sobre os comportamentos da criança, objetivando uma análise funcional para delinear o foco terapêutico. Neste programa encontram-se diferentes tipos de intervenções: fornecimento prévio de informações ao paciente e familiares, execução de um programa de modificação de comportamentos operantes e respondentes que impedem ou dificultam a realização do procedimento invasivo, aumento do repertório comportamental de colaboração e adesão ao tratamento e por fim identificação de comportamentos de riscos que podem interferir nos resultados.

Apresentação 2:

O programa de avaliação e acompanhamento do desenvolvimento infantil avalia a criança por meio de instrumentos formais de avaliação cognitiva, psicomotora, e social afetiva, além de uma anamnese com a mãe que busca levantar os comportamentos da criança em outros contextos e suas relações. Partindo desta, discrimina-se quais dimensões devem ser melhor trabalhadas e estimuladas. Elaborase, então, estratégias de intervenção que são passadas para os pais exercerem em casa, visando desenvolvimento destas habilidades na criança. As deformidades craniofaciais podem acarretar prejuízos cognitivos, porém, sabe-se que esta população opera sobre as contingências sociais que não colaboram para uma interação de qualidade entre pais e filhos, e para uma estimulação adequada. O impacto da face atípica faz com que a criança enfrente situações aversivas e acarrete o retraimento social ou a instalar uma classe de respostas inadequadas. Portanto, a orientação de pais se faz importante para que a criança elabore estratégias de enfrentamento adequadas.

Apresentação 3:

O programa de psicopedagogia criado frente as constantes queixas escolares de crianças portadoras de deformidades craniofaciais, tem o objetivo de auxiliar a criança a desenvolver seu potencial de aprendizagem que pode estar sendo impedido pelas contingências aversivas envolvidos nos comportamento de estudar. Para tal realiza-se uma avaliação psicopedagógica inicial afim de discriminar e planejar um tratamento eficaz, além de investigar as contingências de aprendizagem, e estabelecer estratégias adequadas para com o paciente, fazendo com que o comportamento de aprender seja mais reforçador. A grande maioria das criança atendidas operam em contingências

inadequadas de ensino e manutenção de repertórios tanto na escola como na família. Para intervenção ser eficaz é necessário que haja uma rede de apoio baseada no pai-cnte-escola e família. Neste programa orientamos pais sobre estratégias eficazes de auxílio escolar, e os professores na compreensão das deformidades das crianças e em como ajuda-la a enfrentar os eventos aversivos.

Mesa Redonda”Habilidades Matemáticas e Tecnologias de Controle de Estímulos: avanços recentes”

Verônica Haydu - UEL, Ana Luisa Léguas - UEL, Elsa Maria Pullin - UEL, Paulo Prado - UNESP , João Carmo - UFSCar, Júlio De Rose - UFSCar, Olavo Galvão – UFPA

Coordenador: João Carmo – UFSCar

A Mesa Redonda oportunizará a apresentação, discussão e avaliação dos últimos avanços nos estudos sobre habilidades matemáticas fundamentais. Na primeira apresentação, intitulada "Software educativo de aritmética: contribuições de pesquisas sobre resolução de problemas e o responder relacional", serão apresentados os estudos com utilização de um software designado AritFácil, cuja aplicação aponta promissoramente para o auxílio a professores de matemática, quanto a programação de ensino, e a estudantes que apresentam dificuldades específicas de aritmética. Trata-se de tecnologia assistiva baseada nos princípios da Análise do Comportamento. No segundo trabalho, "Equivalência e a pesquisa sobre comportamento matemático no Brasil", será apresentado um balanço dos estudos sobre equivalência e habilidades numéricas a partir de um ponto de vista crítico. No terceiro trabalho, "Aquisição de comportamento conceitual numérico em pré-escolares e em adolescentes com atraso no desenvolvimento cognitivo: uma ampliação da rede de relações numéricas equivalentes", serão relatados dois estudos complementares, com base no paradigma de equivalência, cujos resultados abrem perspectivas para novos delineamentos experimentais. As apresentações terão como eixo de discussão a avliação da produção na área e os novos rumos a serem tomados naa pesquisas.

Apresentação 1:

As pesquisas desenvolvidas na área da Análise do Comportamento podem contribuir para o desenvolvimento de softwares educativos de Aritmética? Considerando que, de forma geral, há diferenças no desempenho de alunos do Ensino Fundamental diante das diversas formas de apresentação de problemas aritméticos simples e diante das três posições que a incógnita pode ocupar (posição a, b ou c), foram desenvolvidos dois estudos. Esses estudos visaram investigar a aplicação do paradigma da equivalência de estímulos a esse contexto. No primeiro estudo foi desenvolvido e testado um software (AritFácil), que permite resolver problemas aritméticos de adição e subtração nas formas de sentença, operação e de uma balança, sendo que a balança se equilibra quando o resultado é correto. Avaliou-se o efeito do ensino de resolução de problemas com a

balança, sobre o desempenho diante de problemas nas formas de operação e sentença verbal, tendo-se verificado que um número significativo de participantes (alunos da 1ª série) melhorou o desempenho de resolução destes problemas, considerando as diferentes posições da incógnita. O segundo estudo visou estabelecer relações de equivalência entre as três formas de apresentação dos problemas, considerando as diferentes formas como sendo estímulos arbitrários a serem relacionados. Nove participantes (alunos de 1ª série) foram submetidos a um procedimento de discriminação condicional e formaram relações de equivalência entre as diferentes formas de apresentação dos problemas, sendo que seis deles melhoraram o desempenho no pós-teste em comparação ao pré-teste, nos quais eles solucionaram problemas em forma de equação e de sentença com incógnitas nas três diferentes posições. Os dados destes estudos mostraram a relevância dos procedimentos testados e sugerem a possibilidade do desenvolvimento de um software de resolução de problemas aritméticos de adição, que permite a programação de tarefas pelo instrutor/professor, o que o software AritFácil não permite fazer. As tarefas podem ser programadas na forma de exercícios ou de testes. Os problemas aritméticos devem ser apresentados nas formas de sentença verbal fraseada, operação e de uma balança que se equilibra ou um outro tipo de representação do problema. As três formas de apresentação dos problemas devem permitir que a posição da incógnita seja apresentada nas três possíveis posições. Estes estudos demonstram a relevância das pesquisas em Análise do Comportamento aplicada à produção de tecnologia de ensino, e a possibilidade de com estes dados desenvolver um software educativo.

Apreensão 2:

O conhecido artigo de Murray Sidman, publicado em 1971, provocou forte impacto na Análise do Comportamento, ampliando definitivamente seus horizontes teórico-metodológicos. Um dos campos em que esse impacto se fez sentir foi no da pesquisa sobre a aprendizagem da leitura, com importantes repercussões também sobre o ensino dessa habilidade. Esta passou a ser compreendida como uma rede de relações estímulo-estímulo e estímulo-resposta, na qual desempenhos ensinados diretamente produzem a emergência de novos desempenhos. No que tange o comportamento matemático, o referido impacto parece ter sido menor, porém, não inexistente. Em meados da década de 1990, este autor conduziu um estudo de caráter exploratório, sondando o repertório de habilidades numéricas, presumivelmente pré-requisitos para o aprendizado da aritmética, em crianças de quatro a oito anos. Fez-se um “diagnóstico” do repertório de cada uma delas individualmente, detectando-se as relações bem estabelecidas, as completamente ausentes e aquelas, digamos, a meio caminho no sentido de consolidar-se. Conjeturou-se que o ensino estratégico de algumas relações poderia produzir a emergência de outras, completando a rede. Tal suposição viria ser confirmada em estudo posterior, embora replicações ulteriores ainda sejam necessárias. Naquele primeiro estudo lê-se: “esperamos contribuir no sentido de informar e estimular pesquisadores que (e para que) eventualmente se interessem sobre esse tema tão excitante e de inegável relevância quer no campo da ciência, quer no da pedagogia”. Entre outros, ele tem sido

citado em vários trabalhos, tanto em nível de graduação como de pós-graduação, assim como em artigos e capítulos de livro. Ele foi replicado e tem-se buscado, em dados empíricos, respostas a questões por ele suscitadas direta ou indiretamente. Estas são evidências do impacto do paradigma de equivalência na pesquisa sobre comportamento matemático no Brasil. A produção na área aguarda por avaliações sistemáticas – tanto internamente como em confronto com a produção em outras perspectivas teóricas – para que seus rumos sejam claramente definidos, ela possa crescer e repercutir na educação.

Apresentação 3:

O presente trabalho objetiva descrever dois estudos complementares que envolveram a aquisição de comportamento conceitual numérico. No estudo 1 participaram três pré-escolares com idade entre quatro e cinco anos. Os estímulos foram algarismos impressos (A) nos valores de 1 a 6; quantidades impressas distribuídas irregularmente (B); nome impresso dos números (C); nome ditado dos números (D); estímulos de generalização (E) e nomeação oral dos números (F). Foram pré-testadas as relações AF, BF, CF, DA, DB, DC, AA, BB, CC, AB, AC, BA, CA, BC, CB. Em seguida treinaram-se as relações AC aos sujeitos 1 e 2 e AA, AB, BA, AC, CA, DA e AF ao sujeito 3. Nos pós-testes os sujeitos 1 e 2 apresentaram as novas relações CA, BC, CB, DB, AC, AE, BE, CE, DE e EF. O sujeito 3 apresentou as novas relações DB, DC, BF, CF, DF, BC e CB. No estudo 2 participaram dois adolescentes com atraso no desenvolvimento cognitivo, com idade entre 13 e 16 anos. Os estímulos utilizados algarismos impressos nos valores de 1 a 10 (A), quantidades impressas (B); nome impresso dos números (C); tampinhas de cortiça (D). Foram pré-testadas as relações AA, BB, CC, AB, AC, BA, CA, BC e CB e nomeação de algarismos; nomeação de nomes escritos dos números; ordenação de algarismos em ordem crescente; contagem; comparação entre conjuntos, estes dois últimos testes utilizando os estímulos D. Para o sujeito 1 foram treinadas as relações AB e AC enquanto para o sujeito 2 treinaram-se as relações AB, AC, contagem e ordenação crescente de numerais através de matching de resposta construída. Nos pós-testes os sujeitos apresentaram melhora significativa nos desempenhos de nomeação oral dos estímulos A, B e C. O sujeito 2 apresentou 100% de acerto na ordenação crescente, porém na contagem seu desempenho sofreu deterioração em relação ao pré-teste. Quanto às relações BA, CA, BC e CB, o sujeito 1 apresentou 100% de acertos, enquanto o sujeito 2 apresentou 100% de acerto para BA, 85% para CA e BC e 90% para CB. Os dados dos estudos são discutidos quanto ao papel da contagem e complexificação da rede de relações numéricas. A contagem pareceu facilitadora, porém não necessária na aquisição da rede de relações numéricas em ambos os estudos. A literatura na área tem apontado controvérsias quanto a essa questão e novos estudos precisam ser conduzidos.

Comunicação Oral: "A Satisfação Sexual em Mulheres com Diagnóstico de Câncer de Colo de Útero e Submetidas a Histerectomia e/ou Radioterapia"

Cloves Antonio Amorim - PUC-PR, Maria da Penha Kato

Resumo Este estudo exploratório teve por finalidade investigar a satisfação sexual em um grupo de 62 pacientes portadoras de câncer de colo de útero, submetidas à Histerectomia e/ou Radioterapia por ser um tratamento que envolve diretamente a sexualidade feminina. Para tanto, foi aplicada a Escala de Griss, Inventário de Satisfação Sexual, escala tipo likert, composta por 28 questões com frequência de comportamentos variando de Nunca a Sempre. Participaram deste estudo 62 pacientes do Ambulatório de Ginecologia e Mama do Hospital Erasto Gaertner em Curitiba-PR na faixa etária compreendida dos 20 aos 49 anos, em tratamento há no mínimo 60 (sessenta) dias, não acamadas e com estadiamento de câncer de colo de útero entre I e III. A aplicação do instrumento, individualmente, teve a duração média de quinze minutos e análise dos dados feita através do sistema estatístico SPSS, versão 13.0 e percentual de respostas. Os resultados mostram que embora em ambos os grupos apareça a desmotivação para a prática sexual e dificuldade para ter uma vida sexual satisfatória (prevalência de vaginismo para pacientes de radioterapia e de desconfortos do climatério para pacientes de histerectomia), 61% das entrevistadas mantém vida sexual ativa (mais que uma vez por semana). Apontam ainda que, 60% das participantes têm dificuldades em comunicar ao parceiro as dificuldades e/ou preferências sexuais. Tais resultados apontam para a necessidade de estudos mais amplos sobre o tema visto ser a sexualidade fator de grande importância para a qualidade de vida.

Pesquisa realizada em Curitiba, ano 2007 pelos Psicólogos Maria da Penha Kato e Cloves Amorim, protocolada junto ao CONEP e aprovada pelo Conselho de Ética em Pesquisa do Hospital Erasto Gaertner – Curitiba – PR.

Comunicação Oral “Efeito da Exposição de um Desenho Animado nas Crianças em Procedimento de Preparação para Cirurgia”

Talita Borges - Sobrapar, Ana Theresa Pascoal - Sobrapar, Ana Lucia Ivatiuk - Sobrapar, Dra. Vera Lúcia Adami Raposo do Amaral -PUC-Campinas/Sobrapar

Hospitalização e cirurgia são fatores que normalmente não fazem parte da rotina de crianças e, assim, podem despertar medo e ansiedade por conta de ameaças reais ou imaginárias, que são discriminadas diferentemente por cada uma delas. O preparo para cirurgia e hospitalização permite que as crianças respondam de forma mais adequada e colaborativa a esses eventos. Os pacientes de uma instituição especializada são submetidos a inúmeros procedimentos invasivos, por serem, na sua maioria, crianças com deformidades craniofaciais congênitas. Para que estas crianças enfrentem esses procedimentos com o comportamento que expressa medo e ansiedade reduzidos ou inexistentes, o serviço de psicologia deste hospital realiza um atendimento voltado para a preparação para os procedimentos invasivos. Esta preparação é feita por meio de dessensibilização sistemática e ensaio comportamental, técnicas que utilizam uma caixa lúdica especializada, e instrução verbal. O presente estudo visou utilizar um novo recurso para dessensibilização com pacientes com idades entre cinco e

treze anos, portadores de deformidades craniofaciais. Para isso foram organizados dois grupos, experimental e controle, de crianças que apresentavam comportamentos de medo e ansiedade diante de procedimentos cirúrgicos. O Grupo Experimental era composto por participantes que assistiam a um episódio do desenho “Smurfs”, que tem como tema central o cuidado a saúde de um filhote de dragão e participavam do protocolo tradicional de preparação, com 5 sessões; já o Grupo Controle serviu para comparação dos resultados, uma vez que seus integrantes não foram expostos ao desenho mas foram igualmente preparados. Após a seleção para a pesquisa, a participação em cada um dos grupos foi feita através de escolha randômica. Participaram 3 no experimental e 4 no controle, sendo 100% do sexo masculino no primeiro, enquanto no segundo, 25% era do sexo feminino e 75% do sexo masculino. Os resultados da pesquisa mostraram que o desenho não teve muita influência na preparação para a cirurgia, já que os dois grupos tiveram resultados muito similares. Talvez a idade dos participantes possa ser um dado significativo nesse sentido, pois a média de idade do grupo experimental foi de 10,7 anos e no grupo controle de 10,5 anos, sendo uma idade que já se interesse menos por desenhos. Funcionalmente, os pacientes que assistiram ao desenho, compreenderam que o mesmo falava e mostrava estratégias para superar o medo. Pretende-se aplicar o mesmo instrumento em crianças mais novas para obter novos resultados e observar o que acontece em outra faixa etária.

Comunicação Oral: “Formulários de Auto-Monitoramento para Avaliação Comportamental de Portadores da Síndrome do Intestino Irritável”

Carlos Henrique Bohm - Universidade de Brasília, Lincoln da Silva Gimenes - Universidade de Brasília

A técnica de auto-monitoramento é utilizada amplamente por terapeutas e pesquisadores para a avaliação comportamental e condução de análises funcionais de diversos comportamentos. Essa ferramenta também pode ter função terapêutica devido ao efeito de reatividade, no qual a frequência do comportamento é alterada para níveis desejáveis à medida que o indivíduo registra suas respostas. Será apresentada uma breve definição de auto-monitoramento, suas vantagens metodológicas para a coleta de dados em pesquisas e atuações clínicas, e algumas variáveis que afetam a precisão dos registros. Será relatado o procedimento de confecção dos formulários de auto-monitoramento para uma pesquisa de avaliação comportamental de portadores da Síndrome do Intestino Irritável. Esse problema de saúde se caracteriza por um quadro de desconforto ou dor abdominal recorrente, associada com: alívio após a evacuação, início associado com alteração na frequência das evacuações e início associado com modificação na aparência das fezes. Para a confirmação do diagnóstico é necessária a ausência problemas orgânicos e estruturais que expliquem melhor os sintomas. A criação dos formulários se baseia em: a) revisões da literatura sobre avaliação comportamental e sobre Síndrome do Intestino Irritável; b) revisão de estudos que fizeram uma intersecção entre essas duas áreas; c) entrevistas clínicas com portadores da síndrome; e d) avaliação constante dos dados coletados e diversas reformulações na estrutura dos formulários, baseadas

nessas avaliações. Utilizam-se dois tipos de formulários, um sobre atividades diárias e outro sobre o funcionamento intestinal. No primeiro coletam-se dados sobre atividades como refeições, exercícios, trabalho, estudo, lazer, repouso, dias e horários, duração, o que aconteceu depois e ainda, sensações e sentimentos envolvidos. No segundo registram-se os dias e horários das evacuações intestinais, consistência das fezes e quais sintomas da síndrome ocorreram. Serão mostrados excertos desses dados para ilustrar a aplicabilidade do instrumento. A comparação entre os dados coletados nos dois formulários possibilita descrever relações funcionais entre as atividades diárias e os sintomas da síndrome.

Mesa Redonda: “Treino de Habilidade Sociais em Casos de Fobia na Terapia Cognitivo-Comportamental”

Maria Amélia Penido - UFRJ
Carla Giglio - UFRJ
Larissa Lessa - UFRJ
Bernard Rangé - UFRJ
Paula Ventura - UFRJ
Patrícia Maria de Azevedo Pacheco - UNESA
Raphael Fisher – UFRJ

Coordenador: Patricia Maria de Azevedo Pacheco – UNESA

Apresentação 1:

No início da década de 70, muitos artigos de pesquisa e de casos clínicos surgiram atestando os efeitos positivos do vídeo em psicoterapia. Desde essa época vem se aprimorando a pesquisa nessa área. A literatura crescente sugere que, quando o vídeo é usado como uma técnica complementar ao tratamento, os clientes tendem a aumentar a produção de comportamentos desejados e tendem a aprender novas estratégias de enfrentamento com rapidez maior do que somente com a psicoterapia. Indivíduos com fobia social tendem a subestimar seu desempenho em situações sociais, alguns modelos propostos para ansiedade social têm pontuado a importância da diferença entre a imagem/desempenho que o indivíduo gostaria de representar e a imagem/desempenho que ele se sente capaz de representar diante da ansiedade. Muitas vezes esses indivíduos subestimam seu desempenho nas situações sociais porque utilizam os sinais internos como indicadores para sua auto-avaliação, uma vez que os sinais internos na situação de ansiedade estão fortemente ativados, cria-se uma representação mental negativa do desempenho. O vídeofeedback vem sendo uma técnica utilizada para a modificação da autopercepção negativa do desempenho que ocorre em indivíduos com fobia social. Essas impressões distorcidas estão fortemente ligadas aos sintomas ansiosos, cognitivos, somáticos e comportamentais da fobia social, sendo assim, se o vídeofeedback pode apontar informações corretas e reais, por extensão, deverá diminuir os sintomas ansiosos citados. É objetivo desse trabalho descrever os resultados de uma pesquisa que investigou o uso do vídeofeedback no tratamento cognitivo-comportamental em grupo para fobia social, especificamente na habilidade social de falar em público. Foram avaliados 25 sujeitos que estavam participando de um tratamento cognitivo comportamental em grupo para fobia social com 18 sessões. Duas sessões desse tratamento foram dedicadas á habilidade de falar em público, cada sujeito preparou uma

apresentação de 5 minutos para ser filmada. O videofeedback foi realizado em seguida às apresentações. Instrumentos de avaliação foram aplicados no início da sessão e após o videofeedback. Dois avaliadores externos e os colegas de grupo também preencheram avaliações do desempenho de cada sujeito. Para a análise dos dados foi utilizado o pacote estatístico SPSS. O estudo comparou a avaliação dos sujeitos antes e após o videofeedback e as avaliações de cada sujeito com o feedback de cada membro do grupo e de dois avaliadores externos.

Apoio: CNPQ

Mesa Redonda: “Escolha, Preferência e Contingências em Vigor na Tomada de Decisões”

Antonio Goyos - Programa de Pós-Graduação em Psicologia e em Educação Especial/ Universidade Federal de São Carlos, Patrícia Carreiro - Universidade de Brasília, Elenice Hanna - Universidade de Brasília, Giovana Escobal - Programa de Pós-Graduação em Educação Especial/Universidade Federal de São Carlos, Gisele Straatmann - Universidade de São Paulo, Júlio de Rose - Laboratório de Estudos do Comportamento Humano/Universidade Federal de São Carlos, Sebastião Almeida - Laboratório de Nutrição e Comportamento/Universidade de São Paulo

Coordenador: Antonio Goyos - Programa de Pós-Graduação em Psicologia e em Educação Especial/Universidade Federal de São Carlos

Fornecer escolhas e acessar preferências são respostas importantes para o contexto de qualquer organismo, principalmente no contexto de apoio a pessoas com deficiência mental que enfrentam déficits na comunicação, aprendizagem e outras áreas. A escolha, freqüentemente vista como uma importante dimensão de qualidade de vida é, geralmente, rara para aqueles que não podem pedir coisas ou obtê-las por si mesmos, e que estão limitados em sua gama de atividades. Oferecer oportunidades de escolha é sempre uma maneira rápida para identificar reforçadores positivos. Mais extensamente, preferência e escolha são importantes conceitos na análise experimental do comportamento. Muitos indivíduos possuem vastos repertórios de operantes discriminados. Quando dois ou mais estímulos que são correlacionados com instâncias reforçadoras de dois ou mais comportamentos são apresentados simultaneamente, o que faz com que um organismo se comporte de uma maneira e não de outra em um momento específico? Esta questão fundamental está muito proximamente relacionada com nossos conceitos cotidianos de escolha e preferência e tem sido foco de um número considerável de pesquisa.

Apresentação 1:

O efeito sunk cost é estudado em economia como a tendência de persistir em um dado curso de ação após terem sido feitos investimentos de esforço, tempo ou dinheiro. Neste estudo, foi desenvolvida metodologia para estudar as contingências que estão em vigor na tomada de decisão e que produzem tal efeito. Em um jogo de cartas no computador, os participantes deveriam encontrar o maior número

de figuras premiadas, que ocorriam de acordo com um dado esquema de razão fixa. A qualquer momento, o participante poderia desistir do esquema em vigor, dando início a um novo esquema. Foram realizados dois experimentos com servidores públicos. O primeiro buscava identificar a persistência em função da probabilidade da ocorrência de esquemas de razão fixa curto e longo. O segundo experimento teve como objetivo analisar a persistência a partir do custo de responder e de completar os esquemas de razão fixa. Os resultados mostram que a persistência ocorre em função da sensibilidade à contingência. No entanto, é possível perceber que nos estágios iniciais dos experimentos a desistência ocorre com maior frequência, enquanto que ao longo das sessões, com a estabilidade do comportamento, os participantes tenderam a persistir nos cursos de ação já iniciados.

Apresentação 2:

Avaliar preferências é um elemento essencial de terapias comportamentais, ensino e intervenções efetivas, pois quanto maior o conhecimento sobre o assunto, maiores as condições de motivar uma pessoa com sucesso para realizar uma tarefa. Esse estudo investigou a escolha de pessoas com deficiência mental por itens de preferência e avaliou se a preferência se mantinha ao longo do tempo. Quatro pessoas com deficiência mental participaram. Para estabelecimento da hierarquia de itens de preferência, realizou-se um teste de escolha forçada. Uma entrevista com os pais e profissionais para levantar quais itens, comestíveis ou não, eram de preferência para cada participante foi realizada, seguida da apresentação em pares de cada item desta lista com cada um dos demais itens, com instrução para o participante escolher o de sua preferência. Os itens foram classificados de acordo com o número de escolhas, em níveis altos, médios e baixos de preferência, segundo o critério: cinco ou mais escolhas, nível alto de preferência; três ou quatro escolhas, nível médio de preferência e uma ou duas escolhas, nível baixo de preferência. Na fase seguinte, escolha livre, os mesmos oito itens apresentados aos pares anteriormente foram disponibilizados em conjunto sobre uma mesa com instrução para o participante escolher o de sua preferência. Uma nova hierarquia dos itens de preferência foi estabelecida com base no critério já mencionado. Os resultados revelaram que a preferência foi bastante variada. A combinação de itens escolhidos pelos participantes foi diferente, embora alguns itens estivessem presentes para mais de um participante, dentro de suas combinações, em cada um dos diversos níveis de preferência. Os itens comestíveis, em geral, foram os mais escolhidos sendo classificados como itens de nível alto de preferência. Apenas um participante escolheu desenho mais frequentemente. Os quatro participantes escolheram menos frequentemente o item de lazer figurinha, classificado como item de nível baixo de preferência. Os resultados são importantes ao reforçarem a noção de que controle inadequado do acesso aos itens de preferência pode aumentar ou diminuir a eficácia dos itens como estímulos reforçadores e também reforçam a idéia de que itens de menor preferência podem atuar como reforçadores poderosos, e os de maior preferência podem ter sua eficácia prejudicada, se as condições anteriores à sessão experimental não forem devidamente conhecidas e controladas. Faz-se necessário, portanto, identificar e analisar as relações entre o comportamento e os eventos ambientais para, assim, programar contingências de reforçamento efetivas em sua prática em qualquer contexto.

Apresentação 3:

Estudos experimentais que empregam o modelo de equivalência de estímulos permitem a simulação da aquisição de comportamentos simbólicos com indivíduos humanos. O presente trabalho teve como objetivo verificar a aquisição de função simbólica de expressões emocionais por nomes de alimentos verdadeiros e fictícios em adolescentes, por meio do paradigma de equivalência de estímulos. No Estudo I foram ensinadas relações entre as faces humanas expressando alegria e neutralidade com nomes de alimentos saudáveis pelo procedimento de matching-to-sample simultâneo, diferindo a quantidade de treino em três grupos experimentais (segundo e terceiro grupo com supertreino). Para avaliação inicial e final dos alimentos, foi utilizada uma escala de cinco pontos composta de expressões faciais e um teste de escolha forçada de preferência alimentar. Cinquenta e cinco adolescentes concluíram o estudo, sendo que trinta e cinco apresentaram desempenhos consistentes no estabelecimento de equivalência de estímulos. De maneira geral, os resultados mostraram uma tendência de maior agradabilidade pelos alimentos treinados com a face alegre e neutra feminina, principalmente nos Grupos 1 e 2, e uma pequena redução nas avaliações dos alimentos treinados com a face neutra masculina nos Grupos 2 e 3. Um segundo estudo foi proposto para verificar se a transferência de função ocorreria se fossem utilizados nomes fictícios de alimentos (capira, fulito e piteba) relacionados com expressões esquemáticas de alegria, neutralidade e tristeza pelo procedimento de matching-to-sample com atraso. Um escala de cinco pontos composta por expressões esquemáticas foi utilizada para avaliação inicial e final dos alimentos fictícios. Trinta e seis adolescentes concluíram o Estudo II, dos quais vinte e cinco apresentaram desempenhos consistentes no teste de equivalência. Nesse estudo, tanto os participantes que formaram classes de equivalência quanto os que não formaram, avaliaram o alimento fictício relacionado com a face alegre de forma mais positiva e o alimento relacionado com a face triste de maneira mais negativa. A transferência de função das propriedades das faces para os nomes de alimentos fictícios parece ter ocorrido de maneira mais consistente neste estudo.

Mesa Redonda: “Anomalias da Diferenciação Sexual: relato de casos atendidos em um hospital universitário”

Inaê Benchaya Duarte - UFPA, Ana Paula de Andrade Sardinha - UFPA, Eleonora Arnaud

Pereira Ferreira - UFPA, Hernando Borges Neves Filho - UFPA

Coordenador: Eleonora Arnaud Pereira Ferreira – UFPA

Nas últimas décadas, cresceu significativamente a atuação de psicólogos em diferentes serviços de saúde. Um dos campos de atuação em que o psicólogo vem sendo gradativamente solicitado a contribuir é a Genética Clínica, especificamente em atividades relacionadas a aconselhamento, tratamento e acompanhamento de indivíduos afetados por anomalias genéticas. Cerca de 5% dos

recém-nascidos são portadores de uma ou mais anomalias genéticas, dentre elas, as Anomalias da Diferenciação Sexual (ADS), as quais requerem a atuação de uma equipe multiprofissional, que inclui o Psicólogo. As ADS são caracterizadas pela presença de uma genitália externa e/ou interna sem definição clara, com severos déficits de síntese hormonal. Em geral, o tratamento é cirúrgico e medicamentoso, requerendo acompanhamento por longo tempo, até mesmo por todo o ciclo de vida. A administração de hormônios é prescrição comum nestes casos, já que os déficits de hormônios gonadais têm conseqüências diretas na manifestação dos caracteres sexuais do cariótipo. Nesta mesa redonda serão apresentados três trabalhos realizados no Serviço de Psicologia do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, na cidade de Belém-PA, com indivíduos com ADS encaminhados pelo Serviço de Genética. O primeiro apresentará a caracterização de dezenove pacientes atendidos no período de novembro de 2003 a dezembro de 2007. O segundo e o terceiro trabalhos apresentarão, cada um, um estudo de caso descrevendo os procedimentos utilizados por estagiários de Psicologia em treinamento na avaliação, intervenção e acompanhamento de indivíduos com ADS. O primeiro descreverá o caso de uma mulher com diagnóstico de Hiperplasia Adrenal Congênita e o segundo descreverá o caso de um homem com deficiência na produção de testosterona com identidade de gênero feminina. Um dos objetivos do serviço de Psicologia ao atender pacientes com doenças crônicas é possibilitar uma melhor qualidade de vida, assim como promover a adesão ao tratamento. Quando são casos de Anomalias da Diferenciação Sexual, inúmeros problemas psicossociais ocorrem concomitantemente às dificuldades do tratamento. A má formação na genitália, as características sexuais secundárias que não são condizentes com o sexo de criação na puberdade, dentre outros fatores, tornam o indivíduo portador de ADS vulnerável a situações constrangedoras em seu meio social. A literatura a respeito de dificuldades de relacionamento e enfrentamento de situações conflitantes em indivíduos com ADS é rara. Os resultados indicam grande dificuldade de habilidades sociais desses pacientes. Todos esses fatores interferem diretamente na qualidade de vida, tornando-os mais depressivos, com baixa auto-estima, o que será discutido por meio dos estudos de caso. A escassa publicação de artigos científicos na área de Psicologia relacionada às ADS sugere que esta área ainda é um campo a ser explorado.

Apresentação 1:

O presente trabalho tem como objetivo descrever as principais características de indivíduos portadores de Anomalias da Diferenciação Sexual (ADS) atendidos pelo serviço de Psicologia do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza, na cidade de Belém-Pará, durante o período de novembro de 2003 a dezembro de 2007. O procedimento utilizado para coleta de dados foi a análise de prontuários, por meio da qual foi possível ter acesso às informações registradas por todos os profissionais que atenderam o paciente durante o período estabelecido. Foram obtidas informações sobre cariótipo, gênero de criação e identidade de gênero. Também foram coletadas informações sobre o contexto social (família, escola e atividade profissional), a origem dos encaminhamentos, as hipóteses diagnósticas e as principais queixas apresentadas pelos participantes. Por fim, obteve-se

uma síntese do procedimento realizado pelo serviço de psicologia, como número de sessões, instrumentos utilizados e acompanhamento multidisciplinar. Nesse período foram atendidos dezenove (N=19) pacientes, dos quais 10 eram adultos, 5 adolescentes e 4 crianças. A maioria (n=11) dos participantes era procedente de outras cidades do interior do Estado. Os resultados obtidos correspondem ao que é apontado pela literatura médica como os problemas mais frequentemente encontrados em indivíduos com ADS: hiperplasia congênita da supra renal (n=5), deficiência na síntese de hormônio (n=5), pseudo-hermafroditismo masculino (n=3), genitália ambígua (n=2), micropênis (n=1), disgenesia gonadal pura (n=1), disforia de gênero (n=1) e hermafroditismo verdadeiro (n=1). Os resultados apontaram que a maioria dos participantes iniciou o tratamento na adolescência ou idade adulta, sendo que 11 sob orientações médicas. Tais resultados corroboram com o que vem sendo apontado pela literatura, a qual sugere que indivíduos com ADS procuram atendimento tardiamente. Outro resultado importante obtido neste estudo diz respeito à grande incidência de insatisfação com o próprio corpo identificada entre os participantes, o que também corresponde à literatura. Ao se comparar a correspondência entre cariótipo, gênero de criação e identidade de gênero, observou-se que a maioria dos participantes (n= 12) apresentava correspondência entre gênero de criação e identidade de gênero. Entre as principais queixas relatadas pelos participantes, destacam-se: descontentamento com a aparência, dificuldades de relacionamento social e interrupção na vida acadêmica. Os resultados demonstram os prejuízos psicossociais que a ADS traz para seu portador, interferindo diretamente em sua qualidade de vida.

Apresentação 2:

A Hiperplasia Adrenal Congênita (HAC) é um erro inato de metabolismo dos esteróides adrenais, transmitido geneticamente e de caráter autossômico recessivo. Sua incidência é de 1:12 000 a 15 000 nascidos vivos. O tratamento envolve plástica corretiva de genitália externa e reposição de hidrocortisona desde a infância. O presente trabalho tem por objetivo apresentar o acompanhamento psicoterápico de uma mulher adulta com diagnóstico de HAC. Ao iniciar o acompanhamento, a cliente tinha 33 anos e era solteira. Cursava o 1º e 2º ano do Ensino Médio, trabalhava como empregada doméstica e compareceu ao serviço de psicologia apresentando queixa de disforia de gênero. Relatou que gostaria de ter uma aparência mais feminina, de mudar o corpo e de ser uma “mulher bonita”, pois, mesmo com aparência masculina, se considerava uma mulher (identidade de gênero feminina) e não aceitava ser referida pelas pessoas como “ele”. Realizaram-se 14 sessões de atendimento psicoterápico individual, incluindo avaliação, estabelecimento de objetivos terapêuticos e intervenção sob o enfoque analítico-comportamental. A avaliação inicial apontou: descontentamento com a aparência masculina, história de violência sexual, dúvidas quanto a sua orientação sexual, sentimento de baixa auto-estima, dúvidas quanto à patologia e ao tratamento, déficits em habilidades sociais e boa motivação para o tratamento. Estabeleceram-se os seguintes objetivos terapêuticos: (a) instalar e fortalecer comportamentos de adesão ao tratamento, por meio de análises funcionais sobre custos e benefícios do uso dos medicamentos e sobre a possibilidade de cirurgia; (b) instalar e fortalecer

repertório comportamental de autocuidado e de responsabilidade pelo gerenciamento da própria vida; (c) treino em habilidades sociais para lidar com contingências sociais adversas. Observaram-se como resultados: (a) boa adesão ao tratamento, tanto hormonal quanto cirúrgico (por meio de análises funcionais sobre custos e benefícios do tratamento); (b) melhor entendimento sobre o diagnóstico; (c) mudanças no modo de trajar-se, com uso de roupas e acessórios típicos do gênero feminino. Sugere-se que o caso permaneça em acompanhamento pela equipe multidisciplinar, já que os ganhos terapêuticos apresentados pela cliente não são suficientes para indicar o término da terapia, visto que a HAC se trata de uma doença crônica.

Apresentação 3:

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o acompanhamento psicoterápico de um cliente adulto (30 anos de idade) com diagnóstico de deficiência de síntese hormonal da testosterona. Apesar de o cliente ter cariótipo correspondente ao sexo masculino (46,XY), e ter sido criado como tal (gênero de criação masculino), apresenta identidade de gênero feminina, de acordo com seu fenótipo. Foram realizadas sessões de atendimento individual pelo Serviço de Psicologia de um hospital universitário, incluindo avaliação, estabelecimento de objetivos terapêuticos e intervenção sob o enfoque analítico-comportamental. As principais queixas apresentadas pelo paciente foram: descontentamento com a aparência masculina, baixa auto-estima, dúvidas quanto a seu diagnóstico, déficits em habilidades sociais e falta de apoio da família para o tratamento. Os objetivos terapêuticos foram: (a) instalar e fortalecer comportamentos de adesão ao tratamento, por meio de análises funcionais sobre custos e benefícios do uso dos medicamentos e possibilidade de cirurgia; (b) instalar e fortalecer repertório comportamental de autocuidado e de responsabilidade pelo gerenciamento da própria vida; (c) treino em habilidades sociais para lidar com contingências sociais adversas, focalizando o ambiente de trabalho e as relações familiares. Observaram-se como resultados: (a) boa adesão ao tratamento, tanto hormonal, quanto cirúrgico; (b) melhor entendimento quanto ao diagnóstico; (c) mudanças na aparência, no que se refere ao modo de trajar-se, com uso de roupas (inclusive íntimas) e acessórios típicos do gênero feminino. Atualmente, a equipe multiprofissional está avaliando a possibilidade de submeter o cliente a uma cirurgia para mudança de sexo (vaginoplastia), visto que trata-se de um procedimento inédito no Estado do Pará, sendo então necessário estabelecer contatos para o apoio de outros centros especializados para a realização da mesma. O cliente permanece em acompanhamento pela equipe multidisciplinar, assumindo a identidade de gênero feminina, com mudança de seu prenome e no modo de trajar-se.

Mesa Redonda: "Tratamento Analítico-Comportamental e Farmacoterápico do Tabagismo em Comorbidade com Depressão: uma proposta interdisciplinar"

Verena Castellani - Instituto de Psiquiatria da USP, Luciana Cardoso - Instituto de Psiquiatria da USP, Paulo Abreu - Instituto de Psiquiatria da USP

Coordenador: Luciana Cardoso - Instituto de Psiquiatria da USP

O tabagismo é um dos maiores problemas mundiais de Saúde Pública. O tratamento do tabagismo é composto por farmacoterapia (repositores de nicotina, e medicações como bupropiona e vareneclina) e psicoterapia. A terapia comportamental vem mostrando resultados eficientes em relação ao parar de fumar e ao se manter abstinente. No tabagismo, a terapia é baseada na identificação de estímulos associados ao comportamento de fumar, no treinamento de comportamentos incompatíveis e na modelagem de auto-regras. Um aspecto importante a ser levado em consideração no tratamento de tabagismo é a depressão. Sabe-se que pessoas com depressão têm maior prevalência de dependência de nicotina, menor chance de aderir ao tratamento, além de apresentam um número maior de recaídas. Durante o tratamento de nicotina, o paciente pode desenvolver comportamentos depressivos. Dentro desse problema bastante freqüente, vê-se a necessidade de se promover uma análise de contingências que leve em conta os contextos instaladores e mantenedores dos comportamentos depressivos, dentre os quais o fumar pode ser um representante da classe mais ampla. Nesse sentido, a Ativação Comportamental, tida hoje como o tratamento psicossocial de excelência na depressão, pode servir como uma diretriz sólida para o tratamento do tabagismo associado à depressão. O trabalho pretende discutir a possibilidade de integração de protocolos farmacoterápicos e analítico-comportamentais no contexto clínico.

Apresentação 1:

O tabagismo deve ser abordado de diversas maneiras, da prevenção até o tratamento do indivíduo que já apresenta o quadro de dependência de nicotina. Cerca de 80,5% dos fumantes em quatro capitais brasileiras declaram desejo de parar de fumar e as chances de sucesso aumentam significativamente quando envolvemos a farmacoterapia e psicoterapia comportamental. A farmacoterapia pode ser composta de diversas linhas, com medicações para a reposição de nicotina e redução de fissura. Ela é indicada para pessoas que apresentem dependência de nicotina e fumem pelo menos 10 cigarros ao dia e sempre deve ser associada à psicoterapia. Os repositores de nicotina têm como objetivo reduzir os sintomas de abstinência pela administração de nicotina. Essa substituição traz menos prejuízos que o uso de tabaco e permite uma retirada gradual dessa substância. Encontramos os repositores na forma de adesivos, goma de mascar, sprays nasais. No Brasil, encontramos apenas as duas primeiras formas. O adesivo é a forma mais utilizada por sua comodidade e menor freqüência de efeitos colaterais, a quantidade prescrita depende do número de cigarros fumados e ele é utilizado por ao menos oito semanas. As medicações utilizadas para a redução de fissura são a vareniclina, bupropiona e nortriptilina e clonidina. A vareniclina é a mais nova das medicações, ela é um agonista parcial dos receptores acetilcolina-nicotínicos responsáveis pela inibição da atividade dopaminérgica. Esta medicação tem mostrado resultados superiores as outras medicações. Estudos mostram índices de cessação de 50%, comparados a bupropiona (30%). A bupropiona ainda é a medicação mais utilizada pelos menores custos, ela pode ser associada ao uso

de repositores de nicotina. Ela é inibidor seletivo da recaptação da norepinefrina, dopamina e serotonina, especialmente expressiva no Núcleo Acumbens. A nortriptilina é um antidepressivo tricíclico, sendo considerado um tratamento de segunda linha, assim como a clonidina. Estas medicações são utilizadas em locais onde não há acesso (pelo custo) as outras medicações ou na falência dos mesmos. O objetivo deste trabalho é discutir a farmacoterapia do tratamento da dependência de nicotina, possibilitando uma maior interação entre as diversas áreas envolvidas. Ressaltamos a importância do trabalho multidisciplinar, que mostra ser o mais efetivo no tratamento do tabagismo.

Apresentação 2:

A terapia comportamental no tratamento do tabagismo vem apresentando resultados eficientes em relação ao parar de fumar e ao se manter abstinente. No tratamento do tabagismo, entende-se o fumar como um comportamento multideterminado. Existem múltiplos reforçadores (positivos e negativos) que contribuem na instalação e manutenção deste comportamento. Eventos contextuais geralmente estão associados com reforçadores sociais positivos e negativos na manutenção do comportamento de fumar, como por exemplo, reconhecimento social e esquiva de brigas familiares, respectivamente. Já os eventos internos, como a fissura e a abstinência causadas pelos efeitos da nicotina, estão relacionados, sobretudo aos reforçadores negativos. Deste modo, em muitas circunstâncias, pode-se entender o comportamento de fumar como aquele mantido por esquiva de estímulos aversivos produzidos, tanto por estímulos contextuais pareados ao comportamento operante de fumar (hábito de fumar) quanto, pelos comportamentos respondentes eliciados com a ausência da nicotina. Assim, o tratamento psicoterápico do tabagismo é baseado em ensinar o paciente a identificar os estímulos antecedentes e consequentes associados ao comportamento de fumar, bem como treinar comportamentos incompatíveis utilizando reforçamento diferencial de outros comportamentos (DRO), modelar auto-regras, treinar habilidades sociais e resolução de problemas, dentre outras. O presente trabalho propõe discutir o tratamento do tabaco, especificamente os aspectos relacionados aos comportamentos de esquiva.

Apresentação 3:

A Ativação Comportamental é uma terapia comportamental contemporânea para a depressão focada primordialmente no contexto ao invés dos eventos internos, como as cognições freqüentemente abordadas pelas terapias cognitivo-comportamentais. O modelo da BA propõe que eventos na vida do indivíduo, que podem incluir traumas específicos, perdas, suscetibilidade genética para a depressão ou problemas cotidianos, levam a pessoa a experimentar baixos níveis de reforçamento positivo. Dados eventos instalam e mantêm comportamentos depressivos de fuga e/ou esquiva que suspendem a curto prazo os problemas, mas que a longo prazo mantêm ou aumentam os sentimentos de disforia e de falta de motivação característico do quadro. A BA procura quebrar esse

ciclo ajudando os pacientes a entenderem a influência do ambiente, procurando selecionar os comportamentos negativamente reforçados de esquiva para análise funcional e modificação. Somado às análises funcionais, o terapeuta utilizaria ainda técnicas como o acesso de progresso, registros de domínio e prazer, manejo de contingências situacionais, ensaio comportamental, modelagem de estratégias de ativação, ensaio verbal das tarefas propostas, dentre outras. Entendendo o tabagismo na depressão enquanto um comportamento de esquiva sob forte controle contextual, além de controles internos relacionados à fissura e abstinência, o presente trabalho propõe-se a discutir o emprego da BA como tratamento para depressão em comorbidade com dependência química.

Comunicação Oral: “Relações entre Tatos e Mandos Durante a Aquisição”

Cristiane Alves - Universidade Católica de Goiás/Universidade de Brasília, Antonio de Freitas Ribeiro - Universidade de Brasília

O presente estudo investigou as relações funcionais entre os operantes verbais, tato e mando, já que os dados da literatura são inconclusivos. Foram verificadas relações entre os operantes verbais "Let" e "Zut", arbitrariamente relacionados às posições, esquerda e direita, cada um com função ora de tato, ora de mando. Foi verificada a ocorrência de respostas de mando após o treino direto das respostas de tato, a partir do procedimento de treinos múltiplos. Participaram da pesquisa, seis crianças entre dois anos e cinco meses e quatro anos e um mês, que freqüentavam uma escola, na qual o estudo foi realizado. Cinco de seis participantes emitiram respostas de mando não-treinadas diretamente após o treino do tato, ou seja, apresentaram dependência funcional. Este resultado foi relacionado a algumas variáveis facilitadoras, como o procedimento de treinos múltiplos, a exigência da comunidade verbal a qual as crianças estavam expostas, a idade dos participantes, dentre outras.

Comunicação Oral: “Dizer e Fazer: correspondência verbal de mães e filhos em uma situação de exame médico”

Amanda Wechsler - PUC-Campinas, Dra .Vera Lúcia Adami Raposo Amaral - PUC-Campinas

Correspondência verbal pode ser definida como a relação entre o comportamento verbal e o comportamento não-verbal de um indivíduo. As pesquisas encontradas na literatura sobre correspondência verbal utilizaram-se de treinos de correspondência, sem se preocupar em observar se a correspondência já existe naturalmente, sem necessidade de treino. Este estudo teve como objetivo descrever os comportamentos de correspondência de mães e filhos em uma situação natural no contexto médico. Sete díades mães-criança (crianças com idades entre cinco a oito anos) e uma médica participaram da pesquisa. Com cada díade, houve três momentos: 1) entrevista com mãe e criança separadamente antes do exame médico, 2) filmagem do exame e 3) entrevista após o exame com mãe e criança, separadas. Os resultados mostraram que, dentre os comportamentos

categorizados, as crianças apresentaram em sua maioria correspondência verbal total, dizer-fazer-dizer (33,33%). Já as mães tiveram a maioria de seus comportamentos categorizados como não-correspondência (35,13%). A maior parte das mães também não instruiu seus filhos a como se comportar no contexto médico, e as mães que instruíram, apresentaram regras incompletas. Variáveis como idade, nível sócio-econômico, escolaridade, história de vida devem ser melhor investigadas quanto à influência na ocorrência da correspondência verbal natural. Conclui-se sobre a importância da emissão de correspondências verbais para o contexto da saúde, pois estas estão relacionadas a autocontrole e autoconhecimento.

Comunicação Oral: “ Relações Autoclíticas, Gramática e Sintaxe: o tratamento skinneriano e as propostas de Place e Stemmer”

Carlos Souza - UFPA, Mariana Miccione - UFPA, Grauben Assis – UFPA

Skinner desenvolveu umas das principais teorias empiristas para tratar de repertórios lingüísticos. Ele propôs uma interpretação do comportamento verbal em termos de repertórios operantes estabelecidos e mantidos via reforçamento mediado por outras pessoas com treino específico, classificando-o como de primeira ordem ou de segunda ordem. Entretanto, poucos estudos têm abordado o tratamento skinneriano dos repertórios verbais de segunda ordem (as relações autoclíticas). Isto é particularmente problemático porque é no contexto deste tratamento que Skinner desenvolve sua análise dos aspectos gramaticais e sintáticos do comportamento verbal, um dos principais pontos de crítica ao seu tratamento para os fenômenos lingüísticos. Este trabalho analisa inicialmente o tratamento skinneriano das relações autoclíticas, considerando os quatro tipos desse operante verbal (autoclíticos descritivos, qualificadores, quantificadores e relacionais) e a caracterização do comportamento gramatical e sintático como extensões autoclíticas. De acordo com Skinner, a gramática nada mais é que a descrição das regularidades verbais observadas dentro de uma comunidade verbal, e a sintaxe o estudo das variáveis de controle da relação de ordem, dada a partir de contingências sociais arbitrárias e não por uma propriedade formal intrínseca (inata) do cérebro humano. Em seguida são discutidas as propostas de Place e de Stemmer. O primeiro autor parte de uma análise crítica ao apontar que apesar do tratamento dado por Skinner aos repertórios autoclíticos recorrer a termos gramaticais tradicionais para caracterizar os diferentes tipos desse operante verbal, a análise não conseguiu incluir efetivamente as propriedades formais do comportamento verbal (e.g. ordem) que podem ser variáveis relevantes no controle do comportamento do ouvinte. Stemmer propõe que a aquisição do comportamento de ouvinte é uma condição imprescindível para que o indivíduo se torne um falante competente (a principal diferença da sua proposta para a de Skinner): somente após uma história de condicionamento verbal do papel de ouvinte é que o indivíduo pode se comportar como falante. Por fim, discute-se as implicações dessas propostas no estabelecimento de um tratamento funcional dos aspectos gramaticais e sintáticos do comportamento verbal.

Mesa Redonda: “Terapia por Contingências de Reforçamento com Adultos: dificuldade com relacionamento familiar, falta de repertório social e insensibilidade às contingências em operação”

Pedro Quaresma - ITCR-Campinas, Camila Teles - ITCR-Campinas, Érica Taciana dos Santos - ITCR-Campinas
Coordenador: Camila Teles - ITCR-Campinas

Comunicação Oral: “Análise do Comportamento de Dor em Disfunção Temporomandibular”

Paula Scarpelli - PUC-Campinas/UNIFESP, Vera Lúcia Adami Raposo do Amaral - PUC-Campinas/SOBRAPAR

A Disfunção Temporomandibular (DTM) é definida como um conjunto de distúrbios articulares e musculares na região orofacial e músculos da mastigação. A dor é a principal resposta e contingências operantes podem contribuir para o estabelecimento e manutenção da classe de respostas de “dor”. O objetivo do presente trabalho foi analisar o comportamento de dor de indivíduos com DTM e as contingências em operação no ambiente familiar. A pesquisa foi realizada em um serviço especializado no atendimento de DTM. Participaram seis pacientes, com queixa de dor facial há seis meses ou mais, com diagnóstico de dor miofascial e seus respectivos familiares: P1 (paciente e marido), P2 (paciente e irmã), P3 (paciente e esposa), P4 (paciente e filho), P5 (paciente e filha) e P6 (paciente e mãe). Foi realizada uma entrevista com paciente e familiar no mesmo dia e todos preencheram um diário por sete dias. As entrevistas e diários foram transcritos e as verbalizações categorizadas em 1- ‘características da dor’, 2- ‘comportamentos de dor’, 3- ‘realização de atividades com dor’, 4- ‘comportamentos do familiar’, 5- ‘contexto familiar’ e 6- ‘contexto trabalho’. A partir dos dados obtidos com as categorizações, foram realizadas análises estatísticas sobre a concordância das respostas entre paciente e familiar. Foram aplicados testes Qui-Quadrado de Aderência, comparando a frequência dos relatos do paciente e do familiar em cada categoria (as subcategorias foram agrupadas), para verificar a existência de diferença estatística significativa, os valores calculados do Qui-Quadrado foram comparados com o valor tabelado ($\chi^2=3,841$) com 1 grau de liberdade. Foram encontradas diferenças em P1 nas categorias 1, $\chi^2=13,3704$ e 2, $\chi^2=9,3077$, P2 nas categorias 1, $\chi^2=4,8286$ e 4, $\chi^2=3,8571$, P3 nas categorias 1, $\chi^2=17,0645$ e 2, $\chi^2=4,5675$ e P6 na categoria 2, $\chi^2=5,5538$. Nos diários a diferença foi significativa em P4 na categoria 2, $\chi^2=7,7586$. Os comportamentos mais frequentes foram ‘comportamentos de dor’ e ‘comportamentos do familiar em relação aos comportamentos de dor’. Além disso, foi realizada análise funcional dos comportamentos de dor de cada participante descrevendo a provável função da dor operante no ambiente familiar, em que provavelmente os comportamentos de dor são reforçados. O presente estudo contribuiu para analisar a função do terapeuta comportamental dentro da equipe de saúde, que além de realizar atendimentos, deve orientar a equipe sobre as contingências reforçadoras responsáveis pela manutenção de alguns comportamentos, que podem aumentar a incapacidade dos pacientes para funções de vida diária e diminuir a adesão ao tratamento.

Comunicação Oral: “A Análise do Comportamento vai à Educação Infantil: uma análise funcional”

Adriana Machado - Faculdade Pitágoras, Alex Machado - Faculdade Pitágoras

Na educação infantil a criança passa a absorver a cultura do seu grupo, como também produzi-la e transformá-la, de acordo com a bibliografia consultada. Nessa etapa, a primeira da educação básica, ela (criança) se desenvolve e aprende a partir de atividades significativas e com objetivos estabelecidos. As atividades neste contexto requerem a ampliação do repertório dos alunos, e compreendem desde a chegada na escola até a saída. Neste trabalho, o recorte da análise do contexto educação infantil restringiu-se a uma classe com alunos com idade entre 3 a 4 anos, cuja professora tem como atribuições o desenvolvimento da autonomia, da linguagem oral e escrita, da linguagem matemática. Além disso, deve ampliar o conhecimento da natureza, saúde, sociedade, desenvolver trabalhos com a arte, e possibilitar o desenvolvimento da motricidade. De fato, a realização destas atribuições pela professora necessita de um eficiente arranjo de contingências por esta, o que sinaliza que trabalhos interessados em analisar funcionalmente as relações entre o comportamento de planejamento/execução e as conseqüências oferecidas pela turma sejam relevantes para ampliar discussões acerca da aplicação prática dos conhecimentos da análise comportamental no contexto escolar. Assim, o presente estudo baseou-se na prática da professora (que é um dos autores), e se propôs a analisar funcionalmente a relação entre os eventos ambientais (comportamento das crianças) determinantes dos eventos comportamentais (intervenções) da educadora. Os resultados confirmaram a relação funcional eventos ambientais - eventos comportamentais proposta pela Análise do Comportamento. Além disso, vários exemplos reais ofereceram dados práticos acerca da prática de educadores no contexto especificado.

Comunicação Oral: “Ensinando/Aprendendo Avaliação Funcional”

Débora Lôbo - Universidade de Fortaleza, Denise Vilas Boas - Universidade de Fortaleza

Na educação infantil a criança passa a absorver a cultura do seu grupo, como também produzi-la e transformá-la, de acordo com a bibliografia consultada. Nessa etapa, a primeira da educação básica, ela (criança) se desenvolve e aprende a partir de atividades significativas e com objetivos estabelecidos. As atividades neste contexto requerem a ampliação do repertório dos alunos, e compreendem desde a chegada na escola até a saída. Neste trabalho, o recorte da análise do contexto educação infantil restringiu-se a uma classe com alunos com idade entre 3 a 4 anos, cuja professora tem como atribuições o desenvolvimento da autonomia, da linguagem oral e escrita, da linguagem matemática. Além disso, deve ampliar o conhecimento da natureza, saúde, sociedade, desenvolver trabalhos com a arte, e possibilitar o desenvolvimento da motricidade. De fato, a realização destas atribuições pela professora necessita de um eficiente arranjo de contingências por esta, o que sinaliza que trabalhos interessados em analisar funcionalmente as relações entre o

comportamento de planejamento/execução e as conseqüências oferecidas pela turma sejam relevantes para ampliar discussões acerca da aplicação prática dos conhecimentos da análise comportamental no contexto escolar. Assim, o presente estudo baseou-se na prática da professora (que é um dos autores), e se propôs a analisar funcionalmente a relação entre os eventos ambientais (comportamento das crianças) determinantes dos eventos comportamentais (intervenções) da educadora. Os resultados confirmaram a relação funcional eventos ambientais - eventos comportamentais proposta pela Análise do Comportamento. Além disso, vários exemplos reais ofereceram dados práticos acerca da prática de educadores no contexto especificado.

Simpósio: “Ampliando a Compreensão sobre o Consumo e suas Conseqüências para o Meio Ambiente”

Gabriel Careli - PUC-SP, Adélia Zuliani - PUC-SP

Coordenador: Livia Aureliano - Universidade São Judas Tadeu, Núcleo Paradigma

Debatedor: Pedro Boldini Faleiros - Uniararas/Unimep

Este trabalho tem como objetivo principal expor o quanto a análise do comportamento pode e deve contribuir para questões sociais importantes. As apresentações baseiam-se em trabalhos que têm como tema principal o comportamento do consumidor e seu impacto sobre o meio ambiente. Como introdução será apresentado um vídeo chamado “The Story of Stuff” de Annie Leonard, legendado, com o intuito de prover, para os participantes, informações sobre o problema central analisado. Esse vídeo apresenta um olhar mais abrangente sobre o comportamento de consumo, mais especificamente o detalhamento dos impactos causados pelos processos de extração, produção, distribuição, consumo e descarte. Essas informações dão um alerta sobre o estado ambiental gerado por uma cultura que mantém comportamentos de consumo exacerbado. O presente trabalho consiste de uma análise comportamental de algumas práticas culturais que nossa comunidade mantém e uma proposta de possíveis alterações dessas práticas. A abordagem ao problema será feita fundamentada por duas apresentações: a primeira é referente a uma análise metacontingencial no modelo proposto por Mattaini (1998) apresentando controles, práticas e conseqüências detalhadas interagindo com outras contingências. Essa primeira exposição tem o objetivo de aumentar o campo de informação sobre análises culturais e análises sociais específicas. A segunda exposição se refere a uma solução proposta por Foxall (2006), para a planejamento de um consumo menos impactante ao meio ambiente, analisando os controles, valores e conseqüências envolvidas em um comportamento de consumo específico.

Apresentação 1:

O consumo neste trabalho é visto como uma atividade cultural que se configura por repetição de comportamentos por indivíduos de uma comunidade de uma única geração e que se estendem por gerações futuras. O modelo utilizado para o estudo de práticas culturais é o de metacontingências

proposto por Mattaini. O objetivo desta apresentação é esclarecer algumas conseqüências que o comportamento de consumo produz. Entre estas conseqüências aparecem algumas que causam impacto negativo em comunidades e no meio ambiente. As conseqüências negativas do comportamento de consumo são dificilmente percebidas por quem consome. Este modelo nos ajuda a visualizar cada termo (controles, prática e conseqüências) que integra a contingência e como contingências interagem construindo a metacontingência. O vídeo a ser exibido na apresentação tem como intuito produzir informações que esclareçam as conseqüências envolvidas em todos os comportamentos que possibilitam o comportamento de consumo. Com base nestas informações foram elaborados grupos de comportamento ou seja práticas que geram problemas ambientais. O objetivo final deste trabalho é produzir descrições de metacontingências que possibilitem uma compreensão dos eventos envolvidos no consumo e possivelmente algum tipo de planejamento de intervenção com um referencial comportamental prático.

Apresentação 2:

A apresentação visa relatar propostas de intervenção comportamental no planejamento de campanhas de marketing, como sugeridas por Foxall, no texto “Consumer behavior analysis and social marketing: The case of environmental conservation”. Tais propostas visam produzir e sustentar comportamentos de consumo que causam menos impacto ao meio ambiente. A análise feita pelo autor tem como instrumento principal a classificação do comportamento de consumir, segundo suas conseqüências para o consumidor. Tal classificação leva em consideração que a aquisição de produtos gera conseqüências de dois tipos: sociais (e/ou verbais) e tecnológicas (mecânicas), sendo que a disposição e quantidade destes dois tipos de reforços variam. Com base nisso são sugeridas quatro classes de comportamentos de consumo: Conquista, Acumulação, Hedonismo e Manutenção. Intervenções, para o “de-marketing”, devem ser diferentes a cada uma dessas classes de comportamento, devendo promover a mesma disposição e intensidade de reforçadores oferecidos pelo “consumo problemático”, alvo de mudanças : essa é condição essencial para que sejam eficazes. O autor analisa também as características do “setting” e das regras a serem dirigidas para o consumidor. O controle exercido pelo ambiente de consumo e as regras também devem estar presentes como ponto essencial da intervenção. Esta exposição consistirá da apresentação de quatro propostas específicas de intervenção feitas por Foxall e da explicação da terminologia por ele criada, que é ligeiramente diferente da terminologia comumente utilizada pelo behaviorismo radical, pois ele, enquanto especialista em marketing, tem como objetivo o uso da análise do comportamento como um instrumento disponível para especialistas de diferentes áreas.

Simpósio: “Efeitos de Conseqüências Aversivas, Conseqüências Sociais Reforçadores e História Pré-Experimental sobre o Comportamento de Seguir Regras”

Ana Rachel Pinto - UFPA, Carla Cristina Paiva Paracampo - UFPA, Andréa Fonseca Farias – UFPA

Coordenador: Ana Rachel Pinto – UFPA

Debatedor: Carla Cristina Paiva Paracampo - UFPA

A literatura da área do comportamento governado por regras tem mostrado que a manutenção ou abandono do seguir regras depende em parte do tipo de consequência por ele produzida. Estudos nessa área têm apontado que quando o de seguir regras que não corresponde às contingências de reforço programadas produz perda de reforçadores, este comportamento tende a ser abandonado. No entanto, poucos estudos têm procurado investigar os efeitos da concorrência entre perda de reforçadores e outras variáveis. Os dois trabalhos que serão apresentados avaliaram no estudo um, os efeitos da concorrência entre consequências sociais reforçadoras e não sociais aversivas, e no estudo dois, história pré-experimental (classificação dos participantes em flexíveis e inflexíveis - inferida de um questionário sobre inflexibilidade) e perda de reforçadores. Quando correlacionado o efeito da concorrência entre consequências sociais reforçadoras e não sociais aversivas, os resultados mostraram que o comportamento de seguir regras se manteve durante todas as fases independentemente dos tipos de consequências produzidas por este comportamento. Adicionalmente, mostraram que o controle pelas consequências sociais reforçadoras prevaleceu sobre o controle pelas consequências não sociais aversivas. Entretanto, quando comparados os efeitos de perda de reforçadores correlacionando com histórias pré-experimentais, os resultados mostraram que independentemente da classificação dos participantes, a perda de reforçadores produziu abandono do comportamento de seguir regra discrepante.

Apresentação 1:

O presente estudo investigou o efeito da perda de reforçadores sobre o comportamento de seguir regra discrepante em participantes classificados como inflexíveis e flexíveis. Na primeira etapa 272 universitários foram solicitados a responder um questionário sobre inflexibilidade. Na segunda etapa, quatro participantes previamente classificados como flexíveis e quatro como inflexíveis, foram expostos a um procedimento informatizado de escolha segundo o modelo. Cada arranjo de estímulos era composto por um estímulo modelo e três de comparação. A tarefa consistia em apontar seqüencialmente para cada objeto de comparação, de acordo com a dimensão em comum ao modelo (forma, cor ou espessura). Inicialmente 160 pontos eram disponibilizados no contador visível na tela. Na Fase 1, o responder não produzia ganho nem perda de pontos. Na Fase 2, o seguir regra correspondente evitava a perda de pontos. Na Fase 3, o seguir regra discrepante produzia a perda de pontos. O esquema de reforço programado era CRF. Todos os participantes seguiram regra correspondente na Fase 2 e deixaram de seguir regra discrepante na Fase 3. Os resultados mostraram que independentemente da classificação dos participantes, a perda de reforçadores produziu abandono do comportamento de seguir regra discrepante.

Apresentação 2:

Objetivando investigar o efeito da competição entre conseqüências sociais reforçadoras e não sociais aversivas sobre o comportamento de seguir regras, o presente estudo expôs oito crianças a um procedimento de escolha segundo o modelo, cuja tarefa era tocar um dos estímulos de comparação na presença de um estímulo luminoso. Os participantes foram distribuídos em duas condições. Ambas as condições foram dividida em 5 fases. As Fases 1, 3 e 5 foram iniciadas com a apresentação de instruções correspondentes às contingências e o início das Fases 2 e 4 foi marcado apenas pela mudança, não sinalizada, nas contingências de reforço. Na Condição 1, nas Fases 1, 3 e 5 o seguimento de instrução produzia fichas, trocáveis por brinquedos, e o não seguimento não produzia. Na Fase 2, o abandono da instrução da Fase 1 produzia fichas e o seguimento da instrução não produzia, mas produzia a verbalização da palavra “Certo”. Na Fase 4, o abandono da instrução da Fase 3 produzia fichas e o seguimento produzia perda de fichas e a palavra “certo”. A Condição 2 era idêntica a Condição 1, exceto nas Fases 2 e 4. Na Condição 2, Fase 2, o abandono da instrução da Fase 1 produzia fichas e o seguimento produzia perda de fichas e a palavra “Certo” e na Fase 4 o abandono da instrução da Fase 3 produzia fichas e o seguimento da instrução não produzia, mas produzia a verbalização da palavra “Certo”. Os resultados de sete dos oito participantes mostraram que o comportamento de seguir regras se manteve durante todas as fases independentemente dos tipos de conseqüências produzidas por este comportamento. Adicionalmente, mostraram que o controle pelas conseqüências sociais reforçadoras prevaleceu sobre o controle pelas conseqüências não sociais aversivas.

Simpósio: “Comportamento e Arte: análise de produção de comportamento criativo”

Carmen Bandini - UFSCar, Júlio César de Rose - UFSCar, Elizeu Borloti –USP

Coordenador: Carmem Bandini – USP

Debatedor: Martha Hübner - USP

Comunicação Oral: “Habilidades Sociais Educativas, Insegurança e Apoio Percebido: um estudo com mães adotivas e biológicas”

Anna Beatriz Carnielli Howat Rodrigues - UFES /CNPQ, Rosana Suemi Tokumaru - UFES/CNPQ, Thalita Novaes Amorim - UFES /CNPQ

Inúmeras investigações mostram que o comportamento dos pais pode, por vezes, ter influências na aprendizagem e no desenvolvimento de habilidades pró-sociais dos filhos. Este estudo teve por objetivo comparar mães biológicas (n= 50) e adotivas (n= 36) quanto à expressão de habilidades sociais educativas (HSE) e de sentimentos de insegurança em relação à educação de seus filhos. Investigamos ainda o apoio do pai, da família extensa e de não parentes no oferecimento de cuidado à criança. As mães responderam à: 1) 28 questões sobre HSE (divididas em 5 categorias) e 9 questões

relacionadas à insegurança (divididas em 2 categorias). As respostas eram dadas em uma escala likert sobre a frequência do comportamento (0=nunca a 5=sempre); 2) 24 questões sobre os cuidados dados à criança, nas quais a mãe apontava quem dentre 26 potenciais cuidadores participava em cada cuidado e o quanto participava (escala likert, 1=pouco a 7=sempre). Não houve diferença entre mães adotivas e biológicas nas HSE (testes de Mann-Whitney, $p>0,05$ para todas as comparações), mas houve diferença no sentimento de insegurança: mães adotivas relataram maior insegurança para tomar atitudes diante dos filhos ($Z=-2,4$, $p=0,016$). Considerando as mães adotivas e biológicas em conjunto, houve diferença significativa nos escores para as diferentes HSE ($X^2=124,68$, $p=0,0005$) sendo relatada menor habilidade em “Estabelecer limites” e “Lidar com críticas” e maior habilidade em “Responder a Elogios”. “Responder a elogios” correlacionou-se negativamente com a idade da criança ($X^2=-0,229$; $p=0,033$) e positivamente com o apoio do pai nos cuidados com a criança. ($X^2=0,217$; $p=0,044$). O apoio do pai também se correlacionou positivamente com a habilidade materna de “Dialogar” com a criança ($X^2=0,219$; $p=0,041$). O apoio da família extensa materna correlacionou-se positivamente com a habilidade de “Expressar Agrado e Desagrado” ($X^2=0,29$; $p=0,012$). Tanto mães adotivas ($Z=-2,56$, $p=0,01$) quanto biológicas ($Z=-3,52$, $p<0,0004$) relataram maior insegurança diante dos outros que dos filhos. Não houve correlação significativa entre a idade materna e as HSE ou idade materna e inseguranças apesar das mães adotivas serem mais velhas que as biológicas ($p=,004$; $Z=-2,881$). Concluímos que a condição da adoção não se correlaciona com a expressão das HSE pelas mães, contudo, o apoio recebido parece correlacionar-se positivamente com a habilidade de expressão delas, além disso, a condição da adoção parece acompanhar maior sentimento de insegurança por atitudes tomadas diante dos filhos.

Comunicação Oral: “A importância do Seguimento de Regras para o Desempenho de Comportamentos Pró-Sociais”

Fabíola Garcia-Serpa -UNIP, Sonia Beatriz Meyer – USP

Comportamentos tais como oferecer ajuda, expressar apoio, consolar o outro podem ser entendidos como pró-sociais e são culturalmente valorizados pois têm como consequência o benefício do grupo como um todo. Em estudos realizados para a tese de doutoramento da primeira autora levantou-se alguns fatores relacionados ao desenvolvimento e manutenção de comportamentos pró-sociais na infância e observou-se que os pais que pretendem instalar esses comportamentos e o fazem por meio do controle por regras, conseguem mais eficientemente que estes comportamentos sejam desempenhados e mantidos no repertório dos filhos. O comportamento controlado por regras, ou controlado verbalmente, envolve a mediação do outro, aquele que emite a regra. Assim, seguir regras é um comportamento reforçado pelo falante, a princípio, embora possa até vir a ficar sob controle de outras consequências (consequências naturais) posteriormente. Este trabalho pretende discutir as implicações do uso de regras na educação dos filhos, especialmente no que tange à instalação e manutenção de comportamentos pró-sociais.

Comunicação Oral: “As Possíveis Influências da Utilização dos Jogos ‘online’ nas Habilidades Sociais de um Grupo de Estudantes de uma Escola Particular de Fortaleza”

Natália Marques, Daniel Oliveira, Rafael Fernandes, Daniely Tatmatsu

Esse estudo pretendeu analisar se o déficit em habilidades sociais pode ser apontado como um problema comportamental advindo da utilização de jogos online. Para tanto, foi aplicado um questionário e o Inventário de Habilidades Sociais, IHS-Del-Prette (2005), em uma amostra de 41 adolescentes com faixa etária entre 14 e 17 anos de uma escola em Fortaleza. A partir dos dados colhidos, foram realizados testes estatísticos de correlação e comparação de médias, a fim de, a partir da perspectiva analítico-comportamental, traçar possíveis relações entre a frequência de utilização de jogos online e o padrão de habilidades sociais dos indivíduos. Além do que foi exposto, este trabalho discute a adequabilidade do método e instrumentos utilizados, a fim de possibilitar o desenvolvimento e aprimoramento de métodos de estudo eficientes para a abordagem da influência das tecnologias em comportamentos socialmente habilidosos. Os resultados obtidos no estudo indicam que, de modo geral, não há correlação entre a frequência de utilização de jogos online e as habilidades sociais dos indivíduos da amostra estudada, à exceção da habilidade específica de conversação e desenvoltura social, a qual apresentou uma média estatisticamente maior para o grupo dos jogadores em relação ao grupo de não-jogadores. Por outro lado, considerando-se apenas o grupo cujos jogos mais utilizados são do tipo RPG/Estratégia, e cuja frequência e tempo de utilização de jogos era superior a 10 horas semanais e 3 meses de uso, parâmetro baseado estudo semelhante encontrado na literatura, foi encontrado um nível de habilidades sociais superior em relação ao grupo dos não jogadores, traduzido pela média do escore total estatisticamente maior para o primeiro grupo. Tal fato pode indicar a influência de tais jogos no que se refere à instalação e/ou manutenção de comportamentos socialmente habilidosos. Espera-se que os resultados encontrados e a discussão dos métodos empregados contribuam para o desenvolvimento de futuros estudos acerca da participação dos jogos “online” no desempenho social de jogadores. O conhecimento de tais variáveis, além de imprescindível para a previsão das conseqüências advindas do uso freqüente de tais tecnologias, favorece a probabilidade de controle de respostas mais adaptativas do indivíduo, tendo em vista sempre o bem-estar social do sujeito.

Comunicação Oral: “O uso do Inventário de Estilos Parentais (IEP – Gomide, 2006) em Pesquisas Aplicadas com Pais”

Natália Matheus - PUC-SP, Fátima Assis - PUC-SP

Instrumentos de medidas indiretas têm sido utilizados na psicologia para que se acessem fenômenos inalcançáveis pelo pesquisador. O presente trabalho considera que a relação pais e filhos é um fenômeno cuja medida é reativa à presença de um observador externo, e, portanto, justifica-se que se usem medidas indiretas – via relato verbal dos próprios participantes – dada a relevância social do

fenômeno. O Inventário de Estilos Parentais (IEP – Gomide, 2006) é um instrumento desenvolvido para aferir quais práticas educativas são utilizadas por pais. A apresentação discutirá sobre as sete práticas educativas do instrumento (Monitoria Positiva e Comportamento Moral, Punição Inconsistente, Abuso Físico, Negligência, Monitoria Negativa e Disciplina Relaxada). Serão apresentadas as 42 questões que se distribuem nessas sete práticas, a forma de atribuição da pontuação que compõe o cálculo do índice de estilo parental (EP) (risco, regular acima da média, regular abaixo da média, e ótimo) e as indicações da autora do instrumento para os diferentes modelos de intervenção, a depender do índice de estilo parental obtido por cada participante (para EP de risco há a recomendação para atendimento terapêutico individual; para EP regular abaixo da média, participação em grupos de treinamento, etc.). Os dados que serão utilizados nessa discussão foram obtidos em uma pesquisa aplicada em Análise do Comportamento com um grupo de treinamento com cinco pais sobre práticas educativas positivas. Na avaliação inicial, feita através do IEP no primeiro encontro do grupo, três EP foram identificados: EP de risco (3 participantes), EP regular abaixo da média (1 participante) e EP regular acima da média (1 participante). Os cinco participantes obtiveram melhoras nas pontuações do índice de estilo parental na avaliação final (feita no décimo e último encontro) em comparação à avaliação inicial; entretanto, em termos de classificação do EP, apenas dois participantes obtiveram mudanças: um participante com EP de risco passou para regular abaixo da média, e o outro, com EP regular abaixo da média, passou para regular acima da média. No follow up, realizado um mês após o término dos encontros, somente o participante cuja pontuação inicial indicava EP regular abaixo da média manteve a melhora obtida na pontuação, confirmando a adequação das sugestões da autora para intervenções a depender do EP. Ao final da apresentação, serão discutidos aspectos da sumarização dos resultados no que se refere à perda da visualização da melhora do participante quando não há mudanças na classificação de seu EP.

Comunicação Oral: “Orientação de Pais: avaliação de programas de treinamento em grupo”

Camila Menezes - UEL, Márcia Gon – UEL

Pais em geral vêm enfrentando dificuldades na educação das crianças e adolescentes ao buscar transmitir seus valores e regras de conduta, que possam garantir aos filhos uma vida em grupo saudável, integração social e desenvolvimento pessoal. Muitos profissionais, entre eles os psicólogos comportamentais, tentam solucionar esta dificuldade dos pais com propostas de grupos de orientação e treinamento. O treinamento de pais geralmente consiste em ensinar a estes interações que modificam o comportamento das crianças, e diminuem a chance do comportamento problema ocorrer novamente. Esta proposta vem crescendo cada vez mais por ser rápida, econômica e de resultado eficaz. No entanto, deve-se cuidar para que estes programas de orientação sejam hábeis em demonstrar os resultados positivos da intervenção e também que a mesma não causou prejuízos para a família. Para isso, estes programas devem ser melhor planejados e avaliados. O objetivo deste trabalho é apresentar algumas formas de avaliação para programas de orientação e treinamento de pais, a fim de buscar resultados mais consistentes e duradouros. A primeira forma a ser considerada

será a avaliação da validade social do programa, da integridade da intervenção, e das condições que permitirão melhor generalização e manutenção dos resultados. A validade social refere-se à aceitabilidade da importância social dos resultados da intervenção; a integridade da intervenção refere-se ao grau no qual os procedimentos de intervenção é implementado como foi pretendido; e a generalização e manutenção referem-se à ocorrência dos resultados em condições diferentes das de treinamento. A segunda forma a ser apresentada será a avaliação funcional da participação dos pais no tratamento através dos seguintes princípios comportamentais: operação estabelecadora; generalização de estímulos; aquisição de respostas; e eventos conseqüentes. Através destes princípios serão analisadas algumas dificuldades encontradas geralmente nos programas de treinamento, como: adesão dos pais ao tratamento, aprendizagem das respostas treinadas pelos pais, contingências concorrentes à participação dos pais e efetividade das respostas treinadas nas contingências naturais. Pretende-se com este trabalho fazer com que os psicólogos atentem para a avaliação de suas intervenções com pais. Contudo, é importante que, para isso, estes profissionais, principalmente os analistas do comportamento preocupados com a efetividade de sua intervenção, saibam como planejar e avaliar um programa de orientação de pais, a fim de melhorar cada vez mais suas intervenções e promover resultados eficazes e duradouros.

Comunicação Oral: “A influência do Gênero e da Ordem de Nascimento Sobre as Práticas Educativas Parentais”

Izabela Tissot Antunes Sampaio, Mauro Luís Vieira - UFSC

A presente pesquisa teve como objetivo levantar dados sobre a influência do gênero e da ordem de nascimento dos filhos sobre as práticas educativas parentais, investigando também a percepção da preferência parental. O modelo teórico utilizado para avaliar as práticas educativas inclui sete categorias: duas relativas a práticas denominadas positivas (monitoria positiva e comportamento moral); e cinco negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico). Participaram da pesquisa 322 adolescentes entre 13 e 17 anos, sendo 59% do sexo feminino. Os resultados indicaram que as filhas avaliaram a figura paterna de forma mais negativa do que os filhos, não havendo diferenças na avaliação materna geral. As filhas primogênicas alegaram sofrer mais as práticas de punição inconsistente e abuso físico por parte das mães e dos pais; enquanto os filhos mais velhos julgaram apanhar mais da figura paterna. As filhas primogênicas obtiveram maiores valores para monitoria negativa paterna. Primogênicos de ambos os sexos diferenciaram-se dos demais grupos por acreditarem que existe preferência parental por um dos filhos, atribuindo-a principalmente aos caçulas. Houve associação entre os índices de estilo parental e a percepção da preferência parental. Evidencia-se que o gênero e a ordem de nascimento modulam o modo como os pais tratam os filhos e como os próprios filhos avaliam os pais; esse último aspecto sofrendo influência dos irmãos dentro da relação fraternal.

Mesa Redonda: “Treino de Habilidades Sociais na Terapia Cognitiva com Casais”

Leonardo F. Fontenelle - UFRJ, Raphael Fisher – UFRJ

Coordenador: Leonardo F. Fontenelle – UFRJ

As habilidades sociais são apontadas como essenciais para o funcionamento social adequado de um indivíduo em qualquer contexto interativo. Os membros dos casais em conflito costumam apresentar déficits na sua capacidade de serem assertivos, empáticos e resolverem problemas em conjunto. A terapia cognitiva com casais tem por objetivo intervir nas cognições disfuncionais, na comunicação destrutiva, nas emoções negativas e na resolução inadequada de problemas do casal. Este trabalho visa apresentar uma das etapas de uma pesquisa de doutorado que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta pesquisa pretende avaliar se técnicas cognitivas e comportamentais específicas são eficazes para promover o aumento do nível de satisfação e/ou ajustamento conjugal. Dentre as técnicas está o treino de assertividade, empatia e resolução de problemas. Serão utilizados folhetos específicos para promover uma comunicação eficaz entre os membros da díade. Cada parceiro será treinado a expressar suas idéias e sentimentos de um modo funcional. Durante algumas sessões os casais vão aprender que o comportamento empático e assertivo leva a um resultado positivo na relação amorosa. Além disso, os cônjuges serão treinados a resolverem seus problemas de forma adequada. Muitos casais enfrentam problemas específicos como ter ou não filhos, divisão das tarefas domésticas, utilização do dinheiro, educação das crianças entre outros assuntos do cotidiano. Cada situação dessas pode levar a uma

crescente insatisfação com a vida conjugal, caso os parceiros não manejem a situação de apropriadamente. Considera-se assim de grande relevância o treino de habilidades sociais na terapia com casais dentro da abordagem cognitivo-comportamental.

Mesa Redonda: “Contribuições Conceituais a Partir de Novos Delineamentos Experimentais para o Estudo do Ciúme”

Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha, Renan Grilo de Almeida - Centro Universitário Vila Velha, Luciano de Sousa Cunha - Centro Universitário Vila Velha, Wagner Petri Travesani - Centro Universitário Vila Velha

Coordenador: Luciano de Sousa Cunha - Centro Universitário Vila Velha

Analistas do comportamento relatam que ao longo dos anos, estudos experimentais acerca de eventos privados habitualmente chamados de ciúme têm feito investimentos relativamente tímidos, em especial quando é considerada a importância do estudo desse conteúdo, por se configurar como um tema comum na terapia quando há dificuldade em um relacionamento e por se constituir como fator explicativo para episódios violentos (Leite, 2000). Alguns autores consideram que uma das razões para essa “timidez” é possivelmente metodológica, dada a dificuldade de se isolarem os fatores envolvidos em episódios verbais em condições experimentalmente controladas, o que pode produzir controvérsias na conceituação do ciúme, assim como uma dificuldade para uma análise funcional adequada em um trabalho clínico. Para suprir essa carência, serão apresentados três trabalhos com o objetivo de apresentar contribuições conceituais e apresentar novos delineamentos experimentais para o estudo do ciúme. O primeiro trabalho teve por objetivo fazer uma revisão teórica acerca dos conceitos e estudos experimentais relacionados ao ciúme. O segundo trabalho teve por objetivo delinear um método experimental para o estudo das contingências relacionadas a ao ciúme, empregando um procedimento que eliciou tais eventos e evocou o tacto dos mesmos (sentimentos), a partir da utilização do software PsychoTacto 2.0. O terceiro trabalho buscou avaliar como participantes inferiam sobre o que indivíduos sentiam fisiologicamente a partir dos comportamentos operantes observáveis e as contingências relacionadas à emissão daqueles comportamentos a partir da exibição de 5 vídeos de situações cotidianas, selecionados para a tarefa.

Apresentação 1:

Analistas do comportamento têm cada vez mais se preocupado em compreender como as pessoas se sentem e o que elas fazem quando experimentam eventos privados do tipo sentir, a partir da identificação de contingências específicas que possam vir a gerar sentimentos em comum e seus correlatos públicos. O presente trabalho teve por objetivo realizar uma revisão teórica sobre o sentimento nomeado como ciúme a partir de uma perspectiva analítico-comportamental, abordando diferentes conceituações e estudos experimentais sobre a ocorrência do mesmo. A revisão teórica

apresenta dados que revelam uma escassez no que diz respeito ao número de publicações, tanto teórico-conceituais, assim como estudos e delineamentos experimentais sobre o tema, sendo possível elencar alguns argumentos que justificam novos estudos, como: a importância para a comunidade verbal ter acesso também aos estímulos privados dos indivíduos, se essa comunidade quiser ter um controle mais refinado sobre o comportamento de seus membros; o conhecimento de certos eventos privados pode ser um fator determinante para a sobrevivência individual, particularmente quando eles se relacionam com eventos que agridem a saúde do indivíduo; estudos sobre eventos privados são inovadores e não se amparam em delineamentos já consagrados como produtivos; a possibilidade de novos estudos permitirem uma interpretação dos eventos privados pautada numa base empírica sólida, associada a mecanismos tecnológicos que permitam avaliar com alguma segurança a sua eficácia (Simonassi, Tourinho & Silva, 2001); a importância das conseqüências do comportamento verbal de tactear alguns desses eventos não disponíveis ao ouvinte, de modo a facilitar análises funcionais em contextos aplicados; o conhecimento da correspondência entre os relatos verbais sob controle de estímulos privados e as contingências que os determinam, de modo a aumentar a validade das inferências feitas a partir dos relatos, como ocorre na psicoterapia, por exemplo. Pode-se dizer então que novos estudos pretendem contribuir empírica e experimentalmente na compreensão das variáveis de controle do relato verbal de eventos privados do tipo sentir, nomeados como ciúme.

Apresentação 2:

Analistas do Comportamento têm apontado relações entre contingências de reforçamento, estados corporais (eventos privados) e eventos públicos. O ciúme é uma emoção experienciada quando uma pessoa é ameaçada pela perda de um relacionamento (parceiro), objetos particulares e outros bens reforçadores, para um rival (outra pessoa). Uma perda que não envolva um novo relacionamento ou utilização de um reforçador por um rival não produz ciúme. O presente trabalho teve por objetivo delinear um método experimental para o estudo das contingências relacionadas a eventos privados do tipo sentir, habitualmente classificados como ciúme, empregando um procedimento que eliciu tais eventos e evocou o tacto dos mesmos (sentimentos). Para a tarefa, utilizou-se o software PsychoTacto 2.0., em um ambiente experimental planejado para reproduzir a contingência que define a experiência vivida por um sujeito que tateia o sentimento ciúme. Participaram 10 estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 22 anos, que cursavam o ensino superior em uma instituição privada da Grande Vitória-ES. Os participantes deveriam executar as tarefas do software com o auxílio de um monitor A (ator 1), numa tarefa de competição com outro participante (ator 2), também auxiliado por um monitor B (ator 3). Após um período no qual os participantes eram reforçados positivamente, o monitor B (ator 3) era requisitado para realizar outra tarefa e o monitor A (ator 1) era deslocado para ajudar o outro participante (ator 2). Neste momento, o participante seria exposto a uma contingência de Punição Negativa ao realizar a tarefa sozinho, enquanto o outro participante (ator 2) continuava sendo reforçado. A frequência cardíaca e a latência das respostas foram

mensuradas; comportamentos motores e verbais foram registrados por observadores treinados. Dois observadores ingênuos eram solicitados a inferir o que o participante sentia fisiologicamente a partir dos comportamentos operantes observáveis ao ser exposto a contingência, tentando descrever uma razão para a emissão daqueles comportamentos (análise funcional da contingência). Resultados: Os dados indicam uma correspondência entre o relato sobre ciúme, os comportamentos observáveis e a contingência. As regras formuladas indicaram a não discriminação do desempenho como variável controlada. Os dados motores, verbais e cardíacos combinados, assim como as inferências dos observadores mostram que a exposição a contingências pode eliciar eventos privados do tipo sentir e produzir tactos dos mesmos. Outra observação importante é que o software se mostrou eficiente e adequado para novas pesquisas, possibilitando correções, alterações e planejamento de outros delineamentos experimentais.

Apresentação 3:

Apesar da importância, enfatizada por Skinner sobre os estudos experimentais de eventos privados, esses ainda são escassos na Análise do Comportamento. Analistas do Comportamento descrevem que ao invés de procurar atribuir causas de comportamentos a sentimentos, a melhor estratégia é observar o comportamento e os estados do corpo e as condições ambientais comuns dos quais ambos são função. Só assim encontram-se algumas das razões para fazer o que se faz e, portanto, para sentir o que se sente, ressaltando o papel do ambiente social, como responsável por nos ensinar a tatear os estados corporais, ao mesmo tempo em que cobra que devemos conhecer bem nossos corpos e o que sentimos introspectivamente. O presente trabalho buscou avaliar como 10 estudantes, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 22 anos, que cursavam o ensino superior em uma instituição privada da Grande Vitória-ES inferiam sobre o que indivíduos sentiam fisiologicamente a partir dos comportamentos operantes observáveis e as contingências relacionadas à emissão daqueles comportamentos (análise funcional) a partir da exibição de 5 vídeos de situações cotidianas, selecionados para a tarefa. Resultados: A análise funcional feita pelos participantes indicam uma relação entre a contingência exibida no vídeo, a inferência sobre os sentimentos dos indivíduos no vídeo e o conceito elaborado por analistas do comportamento para eventos privados do tipo sentir, habitualmente classificados como ciúme.

Mesa Redonda: “Os Efeitos de Histórias Infantis sobre o Comportamento de Doar em Crianças”

Bruna Nogueira Carvalló - UFPA, Carla Cristina Paiva Paracampo - UFPA, Andréa Fonseca Farias - UFPA, Wandria De Andrade Mescouto - UFPA, Cintia Caroline Prado Craveiro – UFPA

Coordenador: Ronaldo Teixeira Júnior – UFPA

Histórias infantis têm sido utilizadas como recurso lúdico-didático na instalação de comportamentos socialmente aceitos. Neste tipo de literatura, estes comportamentos geralmente estão descritos

explícita ou implicitamente na forma de regras de conduta. Quando expressos de forma explícita são denominados de regras prescritivas e quando expressos de forma implícita, são denominados de regras descritivas. Apesar da ampla utilização, poucos estudos têm sido realizados com o intuito de verificar a eficácia deste instrumento na instalação de repertórios. Serão apresentados três trabalhos que procuraram investigar se regras descritivas, presentes em histórias infantis, instalariam ou alterariam o comportamento de doar bombons em crianças. O primeiro trabalho investigou se uma regra descritiva, sobre o comportamento de doar e dividir, presente em uma história infantil, instalaria ou alteraria este comportamento numa situação posterior. O segundo trabalho verificou se o comportamento de doar se instalaria ou se alteraria após: a) ser lida uma história, que continha uma regra descritiva sobre o comportamento de doar bombons, ou b) serem lidas três histórias que continham regras descritivas sobre o comportamento de doar bombons, doar brinquedos e doar roupas e sapatos. Adicionalmente, objetivou averiguar se estes comportamentos se manteriam a médio prazo. O terceiro estudo averiguou os efeitos de perguntas acerca de regras descritivas presentes em uma história infantil sobre o comportamento de doar quando: a) são feitas perguntas ao final da leitura da história ou b) são feitas várias perguntas ao longo da leitura da história. Os três estudos eram compostos basicamente por três fases. Na Fase 1, linha de base, os participantes eram expostos a um jogo denominado “Parte-Reperte”, onde a tarefa era doar ou não doar bombons. Na Fase 2, era lida uma, ou mais histórias infantis, que continham regras descritivas sobre o comportamento de doar. Na Fase 3, o jogo do “Parte-Reperte” era reapresentado, com o objetivo de avaliar os efeitos da história apresentada. Sumariamente, os resultados encontrados mostraram que regras descritivas presentes em histórias infantis podem ser efetivas em produzir mudanças comportamentais no repertório de crianças, principalmente quando as crianças são expostas a várias histórias que descrevem diferentes respostas de um mesmo operante ou, são apresentadas perguntas durante, e ao final da leitura da história.

Apresentação 1:

O estudo investigou se uma regra descritiva sobre o comportamento de doar e dividir presente uma história infantil instalaria ou alteraria este comportamento numa situação posterior. Dez crianças, com idades variando entre seis e sete anos, foram expostas a uma tarefa denominada de jogo do “Parte-Reperte”, onde a tarefa era doar ou não doar bombons. O experimento foi constituído de duas condições (Condição I e II) e cada condição era composta por três fases (Fase 1, 2 e 3). Cada condição era realizada com cinco participantes. As duas condições diferiram apenas quanto ao tipo de história contada na Fase 2. Na Condição I, era contada uma história que continha uma regra descritiva sobre o comportamento de doar e dividir brinquedos. Na Condição II era contada uma história sobre o comportamento de ajudar e cuidar. O comportamento de doar e dividir foi medido computando-se a quantidade de bombons doados pelos participantes nas Fases 1 e 3. Os resultados mostraram que os desempenhos dos participantes expostos à Condição I foram similares aos dos participantes expostos à Condição II. Na Condição I, dois participantes (P4 e P5) não doaram bombons nas Fases 1 e 3; que

um participante (P3) não alterou, outro (P2) diminuiu e um terceiro (P1) aumentou, a quantidade de bombons doados da Fase 1 para Fase 3. Na Condição II, dois participantes (P7 e P8) não doaram bombons nas Fases 1 e 3; um participante (P9) não alterou a quantidade de bombons doados; um (P10) doou apenas na Fase 1 e outro (P6), aumentou a quantidade de bombons doados da Fase 1 para a Fase 3. Os resultados sugerem que a regra descritiva presente na história contada na Fase 2, da Condição I, não foi efetiva em produzir alterações no comportamento de doar e dividir. Adicionalmente a esse conclusão, algumas hipóteses são levantadas: 1) Regras descritivas podem ser menos efetivas em produzir alterações comportamentais do que regras prescritivas, 2) A história contada na Fase 2 da Condição I, estava relacionada com uma situação lúdica que envolvia o comportamento de doar e dividir brinquedos. Já a tarefa executada media o comportamento de doar alimentos (bombons) e 3) Trabalhar a história com as crianças, fazendo perguntas de entendimento, destacando as regras presentes na história, poderia aumentar a probabilidade destas regras controlarem os comportamentos ou relações descritas nas regras em situações futuras e em contextos diferentes.

Apresentação 2:

Este estudo objetivou verificar se o comportamento de doar se instalaria ou se alteraria em crianças após: a) ser lida uma história que continha uma regra descritiva sobre o comportamento de doar bombons, ou b) serem lidas três histórias que continham regras descritivas sobre o comportamento de doar bombons, doar brinquedos e doar roupas e sapatos. E ainda, objetivou averiguar se estes comportamentos se manteriam a médio prazo. Para tanto, nove crianças, com idades variando entre seis e sete anos, foram expostas a duas Condições (Condição I e II). Cada condição era constituída de quatro fases (Fase 1, 2, 3 e 4). Nas duas Condições, nas Fases 1, 3 e 4 as crianças participavam de um jogo denominado “Parte-Reperte”, onde a tarefa era doar ou não doar bombons. As Condições I e II diferiram apenas quanto ao número de histórias contadas na Fase 2. Na Condição I apenas uma história, que se referia ao comportamento de doar alimentos, foi contada. Na Condição II, três histórias foram contadas, uma que tratava do comportamento de doar bombons, a outra que tratava do comportamento de doar brinquedos e a terceira que tratava do comportamento de doar roupas e sapatos. O comportamento de doar foi medido computando-se a quantidade de bombons doados pelos participantes nas Fases 1, 3 e 4. A Fase 4 foi realizada após sete dias. Os resultados mostraram que dos quatro participantes expostos a Condição I, três (P11, P13 e P14) aumentaram a quantidade de bombons doados na Fase 3 em relação à Fase 1 e um participante (P12) manteve a mesma quantidade de bombons doados nas Fase 1 e 3. E mais, mostraram que dos cinco participantes expostos a Condição II, quatro destes (P21, P22, P24 e P25) aumentaram a quantidade de bombons doados de uma fase para a outra e um participante (P23) doou a mesma quantidade de bombons nas Fases 1 e 3. Os resultados da Fase 4 da Condição I, mostraram que dois participantes doaram bombons e dois não doaram, já da Condição II mostraram que todos os participantes doaram bombons. Os resultados sugerem que tanto a apresentação de uma história quanto a apresentação

de três histórias foram eficientes para aumentar a probabilidade de ocorrência do comportamento de doar. Os resultados da Fase 4 indicam que a exposição contínua a várias regras descritivas tem mais efeito a médio prazo, se comparado com a exposição à apenas uma regra descritiva.

Apresentação 3:

O presente estudo objetivou investigar os efeitos de perguntas acerca de regras descritivas presentes em uma história infantil, sobre o comportamento de doar de crianças, quando: a) são feitas perguntas ao final da leitura da história e b) são feitas várias perguntas ao longo da leitura da história. Para tanto, quinze crianças, com idades variando entre seis e sete anos, foram expostas a três condições (Condição I, II e III). Todas as três condições eram compostas por três fases (Fase 1, Fase 2 e Fase 3). Em todas as condições, na Fase 1 e na Fase 3 as crianças eram convidadas a participarem de um jogo chamado “Parte-Reperte”, onde a tarefa era doar ou não bombons. As três condições se diferenciavam apenas na Fase 2. Na Fase 2 da Condição I, não eram feitas perguntas. Na Fase 2 da Condição II, eram feitas perguntas durante a leitura da história. Na Fase 2 da Condição III, eram feitas perguntas ao final da leitura da história. A história contada na Fase 2, de todas as condições, descrevia o comportamento de doar alimentos. A regra descritiva da história era de que crianças que doam alimentos têm mais amigos para brincar. O comportamento de doar foi medido computando-se a quantidade de bombons doados pelos participantes nas Fases 1 e 3. Os resultados mostraram que, dos cinco participantes expostos a Condição I, três (P11, P12 e P14) doaram a mesma quantidade de bombons na Fase 1 e na Fase 3, um (P15) aumentou a quantidade de bombons doados na Fase 3 em relação à Fase 1 e outro, (P13) não doou bombons em nenhuma das fases. Mostraram também que dos cinco participantes expostos à Condição II três (P22, P24 e P25) aumentaram a quantidade de bombons da Fase 1 para a Fase 3 e que dois (P21 e P23) mantiveram a mesma quantidade de bombons doados nas duas fases. Além disso, mostraram que dos cinco participante expostos à Condição III, quatro (P31, P32, P34 e P35) aumentaram a quantidade de bombons doados da Fase 1 para a Fase 3 e um (P33) manteve a quantidade de bombons doados nas duas fases. Esses resultados sugerem que perguntas durante, e ao final da leitura de uma história infantil podem ser uma variável relevante para a instalação do comportamento de doar.

Simpósio: “Contribuições da Psicologia para a Humanização do Serviço de Aconselhamento Genético”

Renata Grossi - UEL, Wagner Paiva - UEL, Paula Goto - UEL, Luciana Silva – UEL

Coordenador: Renata Grossi – UEL

Debatedor: Neide A Micelli Domingos – FAMERP

O presente trabalho tem como objetivo explicitar de forma geral a função e as contribuições da Psicologia no SAG que acontece na Universidade Estadual de Londrina (UEL), além de caracterizar a

população atendida por este serviço e o trabalho desenvolvido com cada tipo de paciente e família. A caracterização foi realizada de acordo com a possibilidade e interesse em participar da entrevista, se a família sabia ou não o motivo do encaminhamento, preocupação com a realização do exame e interesse pelo diagnóstico e devolutiva. Baseada nessas características, a atuação da psicologia pode ocorrer de diferentes maneiras, dependendo das características de cada família. Basicamente, a função da psicologia neste serviço, é fornecer informações sobre o SAG, realizar entrevistas com os pacientes ou familiares que realizavam o agendamento, usualmente no mesmo dia deste, avaliar e preparar o paciente para a realização do exame, quando necessário, discutir cada caso e elaborar e fazer a devolutiva e encaminhamentos para a família com o auxílio do responsável pela área genética. No entanto, em alguns casos as entrevistas não são realizadas, especialmente quando os casos são agendados por telefone ou por pessoas que não sabem dar informações sobre o paciente, quando possível, as entrevistas são agendadas para o dia do exame. Nos casos em que a entrevista não é realizada, não há preparação para o exame, mas há uma proposta de devolutiva quando o resultado do exame aponta alguma alteração genética e a devolutiva ocorre quando há interesse da família. Nos casos em que a família demonstra interesse e preocupação com o diagnóstico, as devolutivas são preparadas e realizadas independentemente do resultado, podendo a devolutiva ser feita pessoalmente, com a equipe de psicologia e genética ou realizada por telefone. Embora ainda não seja possível acompanhar toda população atendida pelo SAG desde o início do processo até a realização da devolutiva com os devidos encaminhamentos, pode-se afirmar que a atuação da psicologia no SAG já trouxe muitas contribuições e a quantidade de famílias entrevistadas e interessadas pelo diagnóstico e devolutiva, com a intervenção da psicologia, tem aumentado no decorrer dos anos. Além da possibilidade da Psicologia fornecer um maior amparo para as famílias atendidas pelo SAG, as informações obtidas com as famílias também ajudam a avaliar o serviço fornecido e futuras reformulações necessárias para melhor atender esta população tão diversa.

Apresentação 1:

O presente trabalho tem como objetivo explicitar de forma geral a função e as contribuições da Psicologia no SAG que acontece na Universidade Estadual de Londrina (UEL), além de caracterizar a população atendida por este serviço e o trabalho desenvolvido com cada tipo de paciente e família. A caracterização foi realizada de acordo com a possibilidade e interesse em participar da entrevista, se a família sabia ou não o motivo do encaminhamento, preocupação com a realização do exame e interesse pelo diagnóstico e devolutiva. Baseada nessas características, a atuação da psicologia pode ocorrer de diferentes maneiras, dependendo das características de cada família. Basicamente, a função da psicologia neste serviço, é fornecer informações sobre o SAG, realizar entrevistas com os pacientes ou familiares que realizavam o agendamento, usualmente no mesmo dia deste, avaliar e preparar o paciente para a realização do exame, quando necessário, discutir cada caso e elaborar e fazer a devolutiva e encaminhamentos para a família com o auxílio do responsável pela área genética. No entanto, em alguns casos as entrevistas não são realizadas, especialmente quando os casos são

agendados por telefone ou por pessoas que não sabem dar informações sobre o paciente, quando possível, as entrevistas são agendadas para o dia do exame. Nos casos em que a entrevista não é realizada, não há preparação para o exame, mas há uma proposta de devolutiva quando o resultado do exame aponta alguma alteração genética e a devolutiva ocorre quando há interesse da família. Nos casos em que a família demonstra interesse e preocupação com o diagnóstico, as devolutivas são preparadas e realizadas independentemente do resultado, podendo a devolutiva ser feita pessoalmente, com a equipe de psicologia e genética ou realizada por telefone. Embora ainda não seja possível acompanhar toda população atendida pelo SAG desde o início do processo até a realização da devolutiva com os devidos encaminhamentos, pode-se afirmar que a atuação da psicologia no SAG já trouxe muitas contribuições e a quantidade de famílias entrevistadas e interessadas pelo diagnóstico e devolutiva, com a intervenção da psicologia, tem aumentado no decorrer dos anos. Além da possibilidade da Psicologia fornecer um maior amparo para as famílias atendidas pelo SAG, as informações obtidas com as famílias também ajudam a avaliar o serviço fornecido e futuras reformulações necessárias para melhor atender esta população tão diversa.

Apresentação 2:

Quando uma família procura o Serviço de Aconselhamento Genético -UEL (SAG), muitos aspectos estão envolvidos. Um deles é um provável diagnóstico de enfermidade, cuja orientação sobre o caso, atualmente, é absorvido pelos profissionais da área biológica. Mas existe um outro aspecto presente neste serviço, que é o apoio psicológico, e que vem sendo implantado, gradativamente, nos diferentes momentos do atendimento ao paciente e/ou família. Assim o objetivo do presente trabalho é mostrar os tipos de famílias que buscam os serviços de SAG-UEL e como a psicologia vem implementando os serviços de apoio para atender a demanda que vem surgindo naturalmente, a partir da realidade existente, de modo a promover estratégias futuras para maior envolvimento dos usuários, da comunidade, dos médicos e outros profissionais das áreas afins. Ao longo de três anos observou-se cinco tipos de pacientes e/ou famílias aqueles que chegavam ao SAG encaminhadas: a) que não sabiam o motivo do encaminhamento e não demonstravam preocupação com o exame e/ou com o possível diagnóstico; b) que sabiam o motivo do encaminhamento e não demonstravam preocupação com o exame e/ou com o possível diagnóstico; c) que conheciam o motivo, se preocupavam com o exame, diziam não se preocupar com o diagnóstico, mas gostariam de receber uma devolutiva; d) que conheciam o motivo, não se preocupavam com o exame, mas se preocupavam com o diagnóstico e gostariam de receber uma devolutiva. De modo geral, o processo constou em realizar a entrevista inicial, quando foi possível, coletar o sangue e emitir o resultado e disponibilizar contato futuro, quando havia preocupação com a coleta elaborava-se um Programa Psicoeducacional Individual e se havia interesse em esclarecimento quanto ao resultado houve reunião da equipe multidisciplinar para estudar o caso, independente se havia alteração genética ou não, elaborando assim, os possíveis encaminhamentos. Os números de casos acompanhados da entrevista até a devolutiva ao longo destes três anos: em 2006 foram 3 casos; em 2007 foram 5 casos e de fevereiro a

maio de 2008 foram 16 casos. Cabe aqui retomar que os tipos de pacientes e/ou famílias que chegam no SAG nos fornece as informações para delinear o atendimento e mudá-los e ajustá-los até alcançarmos uma estrutura que atenda a demanda. Apesar de crescente o aumento é muito tímido, o que põe em evidência a necessidade de que haja uma maior divulgação e conscientização do que é e de como funciona o Serviço de Aconselhamento da UEL .

Mesa Redonda: “Atuação do Psicólogo na Avaliação com Casais em Planos de Saúde: discutindo aspectos relacionados à busca por esterilização definitiva”

Fabíola Garcia-Serpa - Universidade Federal de São Carlos, Miriam Bratfisch-Villa - Universidade Federal de São Carlos, Maira Baptistussi - Universidade de São Paulo

Coordenador: Miriam Bratfisch-Villa - Universidade Federal de São Carlos

Propõe-se apresentar uma proposta de atuação do psicólogo em serviços de saúde dirigidos à orientação para o planejamento familiar e avaliação de casais que optam por métodos de esterilização cirúrgica (vasectomia ou laqueadura tubária). Pretende-se ainda discutir possíveis instrumentos de avaliação destes casais e levantar hipóteses, com base em relatos de casos clínicos sobre características da interação conjugal que poderiam se relacionar com a busca precoce de interrupção definitiva da fertilidade.

Apresentação 1:

A ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) recentemente publicou novas normas para o funcionamento dos planos de saúde (RN 0167), com base na Lei 9263 de 12 de janeiro de 1996, no que se refere à assistência para o Planejamento Familiar. De acordo com a resolução, o planejamento familiar orienta-se por ações preventivas e educativas e pela garantia de acesso igualitário a informações, meios, métodos e técnicas disponíveis para a regulação da fecundidade, incluindo a esterilização voluntária (vasectomia e laqueadura tubária). Estas ações deverão a partir de então ser exercidas pelos planos de saúde, a fim de propiciar à pessoa interessada acesso a utilização de métodos contraceptivos, incluindo aconselhamento por equipe multidisciplinar, visando desencorajar a esterilização precoce. Especialmente no que se refere aos métodos de esterilização cirúrgica, a ANS determina que os interessados sejam submetidos a avaliações suplementares por psicólogos ou enfermeiros, a fim de se assegurar de que a escolha esteja sendo feito sem influência de “estados emocionais alterados, incapacidade mental temporária” ou coerção por parte de outros. Cada prontuário de paciente que se submeterá à esterilização, deverá conter assinaturas da equipe multidisciplinar e ser enviado ao SUS. Diante desta resolução, abre-se uma nova possibilidade de atuação para os psicólogos, que demandará seleção ou elaboração de instrumentos para avaliação destes pacientes, além do uso da experiência clínica. Pretende-se discutir a atuação do psicólogo nesta questão, bem como levantar hipóteses sobre os possíveis desafios a serem enfrentados.

Apresentação 2:

As demandas da Saúde Pública com relação à prática da Psicologia Clínica têm sido crescentes em nosso país. As recentes resoluções da ANS com relação a novos procedimentos que devem ser incluídos nos planos de saúde requerem novas posturas e até a elaboração de procedimentos diferenciados por parte dos psicólogos clínicos. Como parte destas novas demandas, destaca-se neste trabalho a avaliação prévia (exigida por alguns planos de saúde), acompanhada de palestras informativas de pacientes interessados em submeter-se a cirurgia definitiva de esterilização (vasectomia para homens e laqueadura tubária para mulheres). Dentre outros critérios adotados nesta avaliação, este estudo propõe a utilização do Inventário de Habilidades Sociais Conjugais (IHSC). Este é um instrumento de auto-relato, que aborda diferentes aspectos envolvidos no desempenho socialmente competente e solicita que os respondentes avaliem a frequência com que se comportam da maneira descrita em cada item. Esta frequência deve ser um indicativo das características do repertório do respondente, produzindo um escore geral do repertório de habilidades sociais do indivíduo. Levanta-se a hipótese de que este inventário, ao verificar várias classes de habilidades sociais dos cônjuges, possa prever: a) maior ou menor incidência de “desistência” da cirurgia após a participação em palestras e entrevistas com a psicóloga e b) maior ou menor ocorrência e “arrependimento” após a cirurgia em longo prazo. O objetivo deste estudo é, inicialmente, verificar a primeira hipótese e especificar que classes de habilidades sociais especificamente poderiam estar influenciando tal relação.

Apresentação 3:

De acordo com as novas resoluções da ANS, os planos de saúde agora são obrigados a incluir em seus pacotes as cirurgias de esterilização. Diante deste quadro, surge um novo desafio para os psicólogos clínicos: a avaliação prévia dos casais para realização das cirurgias definitivas, de modo a minimizar possíveis “arrependimentos” futuros. A escolha do casal por determinados meios de controle da fecundidade sofre influência de fatores pessoais, referentes a cada um e fatores associados à dinâmica do relacionamento. A avaliação clínica comportamental destes fatores, através de análise funcional possibilita compreender as contingências relacionadas à tomada de decisão quanto a buscar métodos de esterilização cirúrgica. Pretende-se neste trabalho, discutir como se dá a avaliação funcional do relacionamento conjugal, através do relato de casos clínicos, levantando hipóteses acerca do que estaria controlando o comportamento de fazer opções por métodos definitivos, muitas vezes realizadas precipitadamente, resultando em conseqüências indesejáveis a longo prazo.

Mesa Redonda: “Pesquisa em Autismo no Brasil: ensino de comportamento verbal para crianças autistas”

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Claudia Romano - Gradual/PUC SP, Maria Amália Andery - PUC SP, Juliana Godoi - PUC SP/ Gradual, Paula Gioia - PUC SP, Flávia Azevedo - PUC SP/ Instituto Dom Barreto, Nilza Micheletto - PUC SP
Coordenador: Flavia Azevedo - PUC SP/ Instituto Dom Barreto

Muitas crianças autistas apresentam um repertório verbal escasso, o que dificulta a sua autonomia e o aumento de seu repertório social. Três diferentes pesquisas com participantes autistas foram realizadas recentemente no Brasil. Estas pesquisas tiveram o objetivo comum de avaliar procedimentos que visavam aumentar diferentes repertórios verbais dos participantes. Romano (2005) investigou a possibilidade de se instalar diferentes respostas verbais iniciadoras de uma interação verbal através do uso de dicas visuais e verbais, bem como o fading out dessas dicas. Godoi (2006) investigou a interferência de um procedimento de comunicação alternativa não-vocal - o PECS (Picture Exchange Communication System, Bondy, 1994) – na frequência de verbalizações adequadas, de comportamentos socialmente adequados e de comportamentos inadequados. Azevedo (2008) investigou a efetividade do reforçamento diferencial de respostas com a apresentação de modelos verbais e com fading out desses modelos na instalação e manutenção de respostas de descrição do próprio comportamento, respostas estas também chamadas de tatos autodescritivos. As três pesquisas tiveram êxito no aumento das respostas verbais alvo. Os resultados obtidos levantam novas questões, apontando sugestões para novas pesquisas.

Apresentação 1:

No presente estudo se investiga a possibilidade de se instalar, em duas crianças com desenvolvimento atípico e um repertório verbal restrito, respostas verbais: (a) iniciadora de uma intervenção verbal, definidas como respostas verbais sob controle de estímulos discriminativos não verbais e (b) caracterizadas por variação na sua topografia, definida como a emissão de respostas diferentes a cada tentativa e a emissão de respostas diferentes daquelas diretamente treinadas. Para tanto, foram treinadas três topografias de respostas diferentes em duas situações, em um delineamento de linha de base múltipla entre situações. Em sessões individualizadas de treino, com duração aproximadamente de 70 minutos, os participantes passavam seguidas vezes por três situações claramente distintas: aula (15 vezes), intervalo (15 vezes) e banheiro (3 vezes), permanecendo aproximadamente 2 minutos em cada uma. Durante a linha de base o experimentador registrava nos 10 segundos iniciais de uma tentativa/situação a emissão ou não, pelo participante de uma resposta verbal iniciadora de uma interação verbal. Durante a intervenção o experimentador treinou três diferentes topografias de respostas iniciadoras de interação em cada situação de treino: primeiro na situação de aula e, então, na situação de intervalo. Dicas visuais, dicas ecóicas e dicas intraverbais foram utilizadas durante o treino das respostas verbais. Os resultados mostraram que o procedimento foi efetivo em produzir respostas verbais iniciadoras de uma interação, independente da ajuda verbal, para ambos participantes nas duas situações em que houve a interação (aula e intervalo), e que respostas com topografias distintas daquelas treinadas (principalmente respostas

que recombinaavam elementos de topografias treinadas) e respostas com topografias diferentes daquelas emitidas anteriormente pelos participantes passaram a ocorrer no final do treino. Os resultados mostraram também que não ocorreu uma generalização clara entre situações. Discute-se os efeitos do treino simultâneo de mais de uma topografia de resposta, a necessidade de discutir procedimentos que aumentem a probabilidade de emissão de respostas verbais de topografia variada e generalização.

Apresentação 2:

Um dos mais freqüentes e mais preocupantes déficits das crianças e adolescentes com desenvolvimento atípico é o atraso de desenvolvimento da fala. Frente às dificuldades em ensinar comunicação funcional para esta população, foram desenvolvidos procedimentos de comunicação alternativa não vocal, que utilizam estímulos visuais. Entre estes procedimentos está o PECS (Picture Exchange Communication System, Bondy, 1994), que consiste numa forma de comunicação por troca de figuras. A presente pesquisa pretendeu investigar a eficácia do PECS, bem como seus efeitos colaterais, ou seja, a interferência do treino do PECS sobre a freqüência de verbalizações adequadas, comportamentos socialmente adequados e comportamentos inadequados, utilizados para pedir algo. O participante foi uma criança diagnosticada com Síndrome do X Frágil com características autistas. Os resultados mostraram que o participante, após passar pelo treino da Fase 1 do PECS, emitiu uma freqüência maior de verbalizações adequadas e de comportamentos sociais adequados, observou-se também uma interrupção na emissão de comportamentos inadequados. Durante o treino, a mãe do participante esteve presente e foi instruída para continuar utilizando o PECS após o término do estudo.

Apresentação 3:

O ensino de operantes verbais tem possibilitado o aumento do repertório verbal e social de crianças com desenvolvimento atípico (Sundberg e Michael, 2001). Este estudo investigou a efetividade do reforçamento diferencial de respostas, com a apresentação de modelos verbais e com fading out desses modelos na instalação e manutenção de oito tatos autodescritivos para duas crianças autistas que já emitiam operantes verbais básicos como mandos, ecóicos, intraverbais e tatos de objetos. Os tatos autodescritivos são úteis para a comunidade, que recebe informação extra a respeito do que se descreve e para o indivíduo, como base para a análise de contingências do próprio comportamento (Skinner, 1974). Os tatos ensinados foram descrições de ações executadas pelos próprios participantes após a apresentação da pergunta “O que você está fazendo?”. As ações incluíam a manipulação de materiais selecionados como reforçadores para cada participante em situações estruturadas em uma escola. As respostas de descrição envolviam a descrição da ação, da ação e do objeto manipulado ou da ação e do produto da ação. Algumas respostas eram semelhantes, pois descreviam a mesma ação, mas um produto diferente. O fading foi composto por três níveis em que

partes do modelo eram retiradas gradualmente até a sua retirada total. Um delineamento de linha de base múltipla entre respostas foi utilizado. Elogios e brinquedos selecionados em teste de preferência foram apresentados como reforço. Após o treino de cada resposta, foi feita uma sessão de alternância entre respostas treinadas para verificar se cada repertório instalado se mantinha em contexto mais complexo de discriminação simultânea. Testes foram realizados para verificar a ocorrência de respostas treinadas e de respostas novas. Fez-se também testes de generalização para novos ambientes e novas pessoas. Um follow-up foi realizado com um dos participantes. Como resultado, ambos os participantes passaram a emitir as oito respostas de descrição sob controle da mesma pergunta “O que você está fazendo?” e dos mesmos reforçadores, indicando a instalação dos tatos. Uma das oito respostas selecionadas para cada participante não necessitaram de treino, elas foram geradas durante treino de respostas semelhantes. Nos testes, ambos os participantes emitiram respostas treinadas e respostas novas com alguns novos estímulos. Foram observadas generalizações para outro ambiente e para outras pessoas. No follow-up realizado oitenta dias após o experimento com um participante, houve cem por cento de manutenção de seis de oito respostas.

Mesa Redonda: “Relações Amorosas e Autoconhecimento: análises funcionais de casos clínicos”

Leandra Nunes de Souza Ferreira - Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Ana Karina Curado Rangel de-Farias - Universidade de Brasília, Mônia Camilla da C. Arruda - Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento, Alessandra de Cássia Araújo Fonseca - Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

Coordenador: Leandra Nunes de Souza Ferreira - Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

A presente mesa discutirá três casos clínicos cujas queixas principais referiam-se a problemas de relacionamento amoroso. Os clientes (com nomes fictícios) chegaram à terapia expressando seus problemas com base em uma linguagem do senso-comum e, portanto, apresentando causas internas para os mesmos. O primeiro caso refere-se à Carla, 23 anos, solteira, estudante de Direito. Carla procurou terapia devido ao fato de morar com o namorado e sofrer violência física – a primeira intervenção realizada foi retirá-la desta casa. Durante 9 meses de terapia, apareceram relacionamentos extra-conjugais (pela primeira vez, ela traía um namorado, o que foi bastante reforçador), e, com isso, novas demandas para a terapia. Verificou-se que mantinha três dos seus quatro relacionamentos pelo conforto, bem-estar e oportunidades financeiras e sociais que estes podiam lhe oferecer. O segundo caso refere-se a Roberto, 42 anos, casado, duas filhas, vigia noturno. Procurou a terapia devido um problema de disfunção erétil em um relacionamento extraconjugal. Tinha brigas constantes com a esposa, devido às finanças e a problemas familiares dela. No decorrer da terapia, o nível de ansiedade que gerava a disfunção erétil foi controlado. Seu principal objetivo atualmente é separar-se da amante e ter uma vida estabilizada com a esposa. Outras demandas surgiram para a terapia (agressividade, intolerância, dificuldade em tomada de decisões e auto-estima baixa). O último caso trata-se de Kátia, 31 anos, solteira, nutricionista. A cliente procurou terapia

porque foi avaliada no trabalho como uma pessoa autoritária e "mandona", mas se percebia apenas como "sincera". No início, mantinha a interação com a terapeuta limitando-se a responder o que era questionado, o que possibilitava a esquiva de entrar em contato com seus sentimentos e emoções. Durante a terapia, relatou as seguintes dificuldades: manter um relacionamento amoroso, insegurança, timidez e se expressar com figuras de autoridade no trabalho, principalmente, homens. O evento social preferido de Kátia era participar de festas eletrônicas, nas quais fazia uso de drogas, aspecto que possibilitava "ficar" com vários homens numa mesma noite. A cliente possuía histórico familiar com mãe "dominadora" e pai omissivo, e os familiares reforçavam que a cliente mantivesse os comportamentos de sua mãe. As análises realizadas para os três casos demonstram a necessidade de uma visão global do histórico de vida e das contingências atuais, pautada na busca pelas variáveis ambientais controladoras das queixas, assim como dos avanços, de cada cliente.

Apresentação 1:

Nota-se que muitos clientes chegam à terapia com a queixa de dificuldade no relacionamento amoroso. Ao traçar um panorama referente a tal assunto, percebe-se que os conceitos de relacionamento, amor, casamento e sexualidade mudaram muito. Tanto homens quanto mulheres têm conquistado liberdade no que se refere às suas sexualidades, escolhas, decisões, etc. No contexto atual, aparecem novos padrões, que priorizam não só o relacionamento em si, mas algo que será prosseguido por outros tipos de "benefícios" que o outro possa oferecer. O caso a ser apresentado retrata o relacionamento de Carla (nome fictício), 23 anos, solteira, estudante de Direito. Carla procurou terapia devido às dificuldades que enfrentava em seu relacionamento com o namorado, mas apresentava também como queixas: baixa auto-estima, baixa tolerância à frustração, dificuldade em tomar decisões e pouco contato social (amigos e familiares). Vinha de uma família humilde do interior nordestino. Apresentava histórico de envolvimento com bebidas, punição, privação material e passividade. Em seu histórico afetivo, trazia constantes episódios de traições por parte dos namorados. Carla morava com o namorado e sofria violência física – a primeira intervenção realizada (com sucesso) foi retirá-la da casa desse namorado. Durante 9 meses de terapia, apareceram relacionamentos extra-conjugais (pela primeira vez, ela traía um namorado, o que foi bastante reforçador), e, com isso, novas demandas para a terapia. Carla era uma pessoa que valorizava muito o status que o dinheiro podia lhe oferecer, visto sua história de privação. Verificou-se que mantinha três dos seus quatro relacionamentos pelo conforto, bem-estar e oportunidades financeiras e sociais que estes podiam lhe oferecer. A terapia tem visado discutir com Carla os prós e contras da manutenção dessas relações, os riscos de ser descoberta e possíveis conseqüências para isso. A proposta não foi, e não é, fazer com que o cliente mude apenas com o intuito de atingir um padrão "aceitável" de relacionamento, mas sim tornar o relacionamento prazeroso, o que implica no reconhecimento das expectativas pessoais e na disponibilidade mútua de integrá-las para atingir um objetivo comum, apesar das diferenças. Isto requer, muitas vezes, a superação de medos e de

inseguranças, e, fundamentalmente, a disposição para comprometer-se e envolver-se abertamente com a escolha feita, o que permite que duas pessoas promovam a aproximação que pode conduzir a um clima de troca satisfatória entre elas.

Apresentação 2:

As relações amorosas propiciam aos indivíduos a obtenção de reforçadores incondicionados (e.g., sexo) e condicionados (alguns dos quais poderiam ser denominados como satisfação e autorealização). Quando o indivíduo não obtém “satisfação”, “domínio” ou “prazer”, seus padrões comportamentais se alteram, gerando assim sofrimento. Partindo do pressuposto de que o comportamento humano (o que envolve o comportamento sexual) é aprendido por condicionamento respondente e/ou operante, analisaremos o caso clínico de Roberto, 42 anos, casado, duas filhas, vigia noturno, que procurou a terapia devido a um problema de disfunção erétil no relacionamento extraconjugal. Relatou estar envolvido há quase 2 anos, sempre se encontrando escondido em ambientes inadequados como em escadas e guaritas, correndo o risco de ser flagrado. Roberto tem histórico de traição desde o início do casamento, tendo sido um desses casos revelados à esposa, o que ocasionou a separação durante um mês. Após reatarem o casamento, Roberto continuou traindo-a. Nas outras traições, não apresentava disfunção erétil, e relatou sentir prazer e satisfação sexual quando se relaciona com a esposa. No entanto, há brigas constantes com a esposa, devido às finanças e a problemas familiares dela. No decorrer da terapia, o nível de ansiedade que gerava disfunção erétil foi controlado. Roberto está há um ano em terapia e seu principal objetivo atualmente é se separar da amante e ter uma vida estabilizada com a esposa. Após o controle de seu nível de ansiedade, surgiram novas demandas para a terapia, tais como: não saber resolver seus problemas, agressividade, intolerância, dificuldade em tomada de decisões e baixa auto-estima.

Apresentação 3:

Diante de uma avaliação ou crítica, seja no trabalho ou no contexto pessoal, o indivíduo tem a possibilidade de reconhecer as conseqüências de seus comportamentos nos outros e no ambiente no qual está inserido. Oportuniza, ainda, entrar em contato com eventos privados que anteriormente se esquivava, viabilizando o melhor entendimento de aspectos importantes de sua vida. Kátia é uma cliente de 31 anos, solteira, nutricionista, que procurou a terapia porque foi exposta a uma avaliação no trabalho e considerada por seus superiores e subordinados como uma pessoa autoritária e "mandona", mas se percebia apenas como "sincera". Ao relatar tal constatação aos amigos e familiares, estes reafirmaram as mesmas considerações a respeito dela. No início, mantinha a interação com a terapeuta limitando-se a responder o que era questionado e apontava os seus erros como conseqüência dos comportamentos de outras pessoas, o que possibilitava a esquiva de entrar em contato com seus sentimentos e emoções. Durante a terapia, relatou as seguintes dificuldades: manter um relacionamento amoroso, insegurança, timidez e expressar-se com figuras de autoridade

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

no trabalho, principalmente, homens. O evento social preferido de Kátia era participar de festas eletrônicas, nas quais fazia uso de drogas, aspecto que possibilitava "ficar" com vários homens numa mesma noite. A cliente possuía histórico familiar com mãe "dominadora" e pai omissivo, e os familiares reforçavam que a cliente mantivesse os comportamentos de sua mãe. A terapia oportunizou o treino da cliente em análises funcionais de filmes e livros, com o objetivo de generalizar tais análises para os seus contextos/comportamentos, desenvolver e estabelecer repertórios de assertividade no relacionamento intra e interpessoal.

Mesa Redonda: “Efeitos de Diferentes Variáveis sobre Respostas Emocionais Relacionadas à Aprendizagem da Matemática II: novos estudos”

Leila Feio - Universidad de Oviedo, Júlio Gonzales-Pienda - Universidad de Oviedo, João Carmo - Universidade Federal de São Carlos, Lívia Cunha - Universidade da Amazônia, Evelyn Costa - Universidade da Amazônia, Carlos Nuñez - Universidad de Oviedo

Coordenador: Leila Feio - Universidad de Oviedo

A Mesa Redonda dará continuidade aos estudos apresentados em sessão coordenada na Reunião Anual da ABPMC de 2007, apresentando a continuação dos estudos desenvolvidos por pesquisadores do Brasil e da Espanha em relação a variáveis relevantes que afetam respostas emocionais durante a aprendizagem das matemáticas. O primeiro estudo, "efeitos de variáveis pessoais, familiares e instrucionais sobre o comportamento auto-regulatório na aprendizagem da matemática" enfocará a noção de comportamento auto-regulatório e os efeitos de variáveis intra-sujeitos e ambientais sobre aquele padrão comportamental. o segundo estudo, "Regras, auto-regras e respostas emocionais dadas à Matemática por alunos do Ensino Fundamental com dificuldades em Matemática" apresentará um procedimento facilitador do acesso aos componentes internos (regras, auto-regras e respostas emocionais) de alunos com dificuldades na disciplinas matemática, discutindo a necessidade de revisão metodológica do ensino da matemática escolar. Na terceira apresentação, "comportamento matemático em estudantes do ensino fundamental e médio: uma análise com base no gênero e na série" buscou-se investigar os efeitos dos componentes gênero e série sobre o desempenho na disciplina matemática. os estudos são complementares entre si e apontam para a necessidade de novas investigações em torno de variáveis presentes no e em torno do ensino e da aprendizagem da matemática. A Mesa Redonda será oportunidade de divulgação, discussão e avaliação dos estudos apresentados, bem como indicação dos novos rumos a serem tomados pelas pesquisas na área.

Apresentação 1:

Comportamento auto-regulatório refere-se à capacidade de envolvimento ativo na própria aprendizagem. Dada a relevância que hoje em dia tem as competências auto-regulatórias nos processos de aprendizagem escolar, em particular na área das Matemáticas, o presente estudo objetivou verificar o papel de variáveis pessoais, familiares e instrucionais no uso dessas competências auto-regulatórias. Especificamente, pretendeu-se estimar a capacidade preditiva das variáveis pessoais, atitudinais, motivacionais e comportamentais nos momentos de aprendizagem das Matemáticas sobre os processos auto-regulatórios. Dentre as variáveis pessoais, investigou-se o planejamento e o gerenciamento do tempo de estudo. Em relação às variáveis familiares buscou-se conhecer como e em que medida, do ponto de vista do aluno, a família influencia o uso de competências de auto-regulação de seus filhos em seus estudos. Do mesmo modo, investigou-se a importância de identificar o efeito que um determinado tipo de processo instrucional (que promove a construção pessoal do conhecimento ou que incita a processos de mera aquisição da informação mais ou menos estruturada) tem sobre o uso de comportamentos auto-regulatórios na hora de trabalhar nas aulas de Matemáticas. Participaram 656 estudantes de 6ª e 8ª série do ensino fundamental e 2º ano do ensino médio (395 mulheres e 261 homens) de escolas públicas pertencentes às cidades de Belém e Macapá. Utilizaram-se sete instrumentos de avaliação cujos dados foram submetidos a análises de regressão. Os resultados indicam que a auto-regulação dos processos de aprendizagem

incrementa-se à medida que o aluno a) planeja e regula o tempo de estudo tanto a curto como a longo prazo, b) está motivado intrinsecamente para as tarefas das matemáticas, c) escolhe uma concepção de ensino de tipo construtivo, d) identifica que dispõe de competências para este tipo de aprendizagem, e) identifica que seus pais acreditam em suas capacidades para obter sucesso nesta disciplina, f) apresenta um engajamento no trabalho escolar diário e não utilize estratégias de esquiva, g) procura comportar-se adequadamente em classe, h) identifica que seus pais sentem satisfação com seu trabalho diário e o supervisionem e, finalmente, i) confia mais no esforço que implementa ante uma tarefa, que na capacidade intelectual como responsável pelo êxito na aprendizagem das matemáticas. Os resultados são discutidos em termos da importância dos três conjuntos de variáveis sobre o comportamento auto-regulatório e a ampliação no entendimento acerca dos fatores envolvidos no ensino e na aprendizagem das matemáticas.

Apresentação 2:

No ambiente de ensino, regras, auto-regras e respostas emocionais são geradas a partir de contingências de reforçamento, de punição ou através de declarações, mandos e instruções dadas por professores. A literatura tem indicado que regras podem alterar contingências e passar a controlar comportamentos futuros. Torna-se, portanto, relevante acessar essas categorias presentes no repertório de alunos, particularmente aqueles que apresentam dificuldades na aprendizagem. Na matemática há relativamente poucos estudos que buscam identificar eventos internos relacionados a essa disciplina. O presente estudo (Estudo 2) objetivou identificar as regras, auto-regras e respostas emocionais presentes em alunos com dificuldades em matemática, bem como ampliar os dados de estudo anterior feito com alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de São Carlos/SP (Estudo 1). Participaram dez crianças do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular em Belém/Pa, com idade entre 7 e 10 anos. Solicitou-se a professoras que indicassem alunos que apresentavam dificuldades em matemática. Cada participante recebeu uma folha sulfite contendo a palavra escrita “matemática”. A tarefa consistiu em escrever na folha tudo o que a palavra evocava. Os dados foram agrupados em seis categorias: atribuições dadas à disciplina, sentimentos gerados pela disciplina, atitudes e características dos alunos que são esperadas pela escola, utilidade da Matemática, engajamento da família, conteúdos da disciplina. Os resultados indicam que a maioria dos alunos avalia a disciplina como fácil quando as atividades são de adição e subtração e compostas por menor quantidade de algarismos, e difícil quando as operações são de multiplicação e adição e compostas por maior quantidade de algarismos. Os sentimentos descritos foram predominantemente negativos, como medo e raiva. Percebeu-se que escola e família geralmente estabelecem contingências aversivas no processo de aprendizagem desses alunos. A escola espera que o aluno estude para saber os conteúdos e fazer as provas, com sanções previstas caso não haja cumprimento dessas contingências. A utilidade da matemática foi relacionada à habilidade de contar dinheiro para sucesso no ambiente social e os conteúdos são predominantemente ligados às operações algébricas. A ampliação dos dados mostra resultados

semelhantes ao estudo 1. Em ambos, há a indicação predominante de controle aversivo no ensino gerando predominantemente atribuições negativas referentes à matemática. Conclui-se que a identificação de regras, auto-regras e estados emocionais gerados neste ambiente podem dar importantes esclarecimentos acerca dos efeitos colaterais de métodos de ensino, bem como, possibilidade de diretrizes metodológicas menos aversivas.

Apresentação 3:

O presente estudo teve o interesse em investigar o efeito das variáveis gênero e série de estudantes, em quinze dimensões de um Inventário de Atitudes ante as Matemáticas - IAM (por exemplo, auto-eficácia, utilidade das Matemáticas, ansiedade, motivação, etc.). Desta maneira, objetivou-se conhecer em que medida mulheres e homens percebem de modo diferente as diversas dimensões do IAM; assim como em que medida os estudantes das três séries consideradas neste estudo, percebem de modo diferencial as referidas dimensões. Participaram 656 estudantes brasileiros (395 mulheres, 60.2%, e 261 homens, 39.8%) de duas cidades do norte do país, Macapá e Belém de 6ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio de escolas públicas (23%, 34.9%, e 42.1%, respectivamente), com idades compreendidas entre 11 e 18 anos. Utilizou-se como instrumento um Inventário de Atitudes ante as Matemáticas (IAM), validado para a população do Brasil. Com a finalidade de abordar os objetivos que perseguem com a realização desta investigação se utilizou Análises Multivariadas de Variância (MANOVAs) com o objetivo de contrastar o possível efeito de variáveis gênero e série sobre as dimensões avaliadas na escala IAM. O programa utilizado para analisar os dados foi o pacote estatístico SPSS 15.00. Os resultados indicam que a variável gênero explica significativamente oito das quinze dimensões do IAM (auto-eficácia, Matemáticas como um domínio masculino, utilidade das Matemáticas, percepção de competência para essa disciplina, motivação de logro, motivação intrínseca, ansiedade, esquiva de tarefas para manter a valoração de seus pares; e a variável curso explica significativamente sete das quinze dimensões do IAM (Matemáticas como um domínio masculino, falta de interesse, percepção de competência, atitude dos pais, ansiedade, esquiva de tarefas para manter a valoração de seus pares, atribuição do sucesso nas Matemáticas ao fator inteligência. Os resultados também mostram que os estudantes de 6ª série são os que percebem uma atitude mais positiva para as Matemáticas, seguida pelos estudantes de 2º ano do Ensino médio; e que o gênero, é uma variável importante que altera a percepção do alunado em relação a disciplina de Matemática; por fim, a série/idade é uma variável importante uma vez que os estudantes das três séries consideradas percebem de modo diferencial as atitudes para a aprendizagem das Matemáticas. Espera-se que o presente estudo possa contribuir de alguma maneira para o entendimento acerca dos fatores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem das Matemáticas.

Mesa Redonda: “Intervenções Analítico-Comportamentais: exemplos de atuação para o tratamento de transtornos psiquiátricos”

Milena Geremias - ITECH, Wilton Oliveira - ITECH, Nathali Sabino - ITECH, Giuliana César - ITECH, Ana Flávia Mac Knight – ITECH

Coordenador: Mariana Zoppi - ITECH

A análise do comportamento considera que toda resposta é produto de três níveis de seleção e variação: a seleção natural (filogênese), a história particular de reforço e punição de cada indivíduo (ontogênese) e a cultura em que o sujeito está inserido (sociogênese). À medida que um indivíduo responde à situações análogas, aprende quais são os comportamentos bem sucedidos para obter reforços e/ou evitar punições, de modo que estas experiências levam ao aprendizado de estratégias adaptativas que passam a caracterizar sua maneira de relacionar-se com os outros. Desta forma, todo comportamento pode ser considerado adaptado em seu meio e a distinção entre um comportamento “problema”/transtorno e um comportamento considerado “normal” torna-se algo bastante complexo. Em termos comportamentais, uma resposta pode ser considerada “problemática” quando: (1) há comprometimento de desempenho do indivíduo em sua ocupação profissional, social e/ou acadêmica, (2) o próprio cliente faz uma avaliação de grande sofrimento e muitas perdas em sua vida, (3) a emissão do comportamento “problema” passa a ocupar um tempo considerável em seu dia-a-dia. A terapia analítico-comportamental utiliza-se da análise funcional para realizar a avaliação clínica e a identifica o caminho mais efetivo para o planejamento de uma intervenção de mudança de contingências. Dentro desta perspectiva, analisa a função exercida pelo comportamento considerado “problema” no ambiente em que está inserido, não sendo obrigatoriamente relevante a obtenção de um diagnóstico concreto do quadro, visto que este é definido pelos sintomas e não por sua funcionalidade na contingência. Todavia, muitas vezes, é necessário associar uma intervenção medicamentosa ao tratamento psicoterápico e, para tanto, o diagnóstico do comportamento “problema” torna-se mais importante, uma vez que facilita a comunicação com a área médica e possibilita que uma medicação correta seja ministrada. Esta mesa redonda objetiva analisar e refletir, através da discussão de casos clínicos de diferentes transtornos, sobre a necessidade da intervenção junto ao psiquiatra e a importância da definição de um diagnóstico para o processo de intervenção psicoterapêutica.

Apresentação 1:

Sob a ótica do Behaviorismo Radical, a personalidade consiste no repertório comportamental de cada organismo, sendo multideterminada pelos três níveis de seleção do comportamento: a filogênese, a ontogênese e a sociogênese. Falar em personalidade, a partir deste ponto de vista, significa apontar uma tendência do organismo a se comportar de uma dada maneira em função de uma história passada de reforçamento, que é individual e única. O termo personalidade refere-se, portanto, a um conjunto de comportamentos que ocorrem em alta frequência, sendo resultante de um ambiente que

apresentou contingências consistentes ao longo do tempo. De acordo com DSM-IV-TR, o Transtorno de Personalidade Histriônica é caracterizado por um padrão invasivo de excessiva emocionalidade, com notável tendência à busca contínua por atenção e que está presente em uma variedade de contextos. A cliente (sexo feminino, 31 anos) foi encaminhada para o atendimento psicológico com a queixa de ser ansiosa e agressiva, principalmente com sua filha mais velha. Contudo, ao longo do processo terapêutico, observou-se que ela exibia mudanças rápidas e superficialidade na expressão de suas emoções; que apresentava um discurso excessivamente impressionista e carente de detalhes; que tinha uma tendência a autodramatização; além de ser facilmente sugestionável. A observação acurada, por parte da terapeuta, dos comportamentos apresentados pela cliente foi fundamental para a compreensão do quadro e para que atuasse com contra-controle da manipulação presente. O processo terapêutico trabalhou, dentre outros pontos, a dramaticidade dos relatos apresentados e os comportamentos agressivos, sugestionáveis e egocêntricos da cliente. Dessa forma, ela adquiriu novos repertórios, conseguindo obter reforçadores positivos mais efetivos para os seus comportamentos.

Apresentação 2:

O Transtorno Esquizoafetivo do tipo depressivo é caracterizado, segundo o DSM-IV-TR, como um período de doença ininterrupto durante o qual existe um episódio depressivo maior, concomitante com os sintomas que satisfazem critérios que também fazem parte do quadro esquizofrênico (delírios, alucinações, discurso desorganizado, comportamento catatônico e sintomas negativos). A importância da interação Psicólogo-Psiquiatra é fundamental no tratamento dos transtornos, já que o Psiquiatra fundamenta suas análises na sintomatologia do transtorno, ou seja, em sua topografia, e assim pode usar de psicofármacos para a contenção de tais sintomas, enquanto o psicólogo analisa a função do comportamento-problema. A Cliente (sexo feminino, 43 anos) foi encaminhada para atendimento psicoterapêutico por apresentar um quadro depressivo e estar afastada do trabalho há aproximadamente um ano. Durante este período estava medicada com anti-depressivo e ansiolítico e não apresentava melhoras. Durante os atendimentos psicoterapêuticos, ela relatou algumas alucinações (em sua maioria auditivas), delírios de referência e alguns períodos de abulia. O contato com o psiquiatra foi dificultado por ela devido aos seus delírios de referência; porém depois de esclarecida a importância deste contato, o diagnóstico do quadro depressivo foi alterado devido à presença de sintomas esquizoafetivos e então o tratamento farmacológico foi alterado, sendo introduzida uma medicação antipsicótica. Esta modificação colaborou com a psicoterapia, já que os sintomas psicóticos diminuíram em frequência e, desta maneira, foi facilitada a modelagem de comportamentos mais adequados na cliente.

Apresentação 3:

A ansiedade é definida por um estado que envolve respostas biológicas ou manifestações autonômicas e musculares, relato de estados internos desagradáveis, diminuição na eficiência comportamental e respostas de esquiva e/ou fuga. É uma condição que está relacionada com a presença de um estímulo ameaçador ou incômodo, diante do qual o indivíduo emite uma resposta que ameniza, elimina ou adia esse evento. De forma geral, o que diferencia cada um dos diferentes transtornos de ansiedade é o tipo de evento considerado ameaçador ou incômodo e/ou o tipo de resposta de fuga e/ou esquiva que o sujeito se engaja para tentar diminuir o seu contato com o estímulo aversivo. Especificamente no transtorno de ansiedade generalizada, os estímulos considerados ameaçadores e/ou incômodos são generalizados e as respostas de fuga/esquiva são de eliminação/evitação, verificação, entre outras que, além de produzirem alívio, muitas vezes também são reforçadas positivamente por cuidados e atenção. Estas consequências acabam por fortalecer a cadeia, restringir a variabilidade e constroem um repertório empobrecido. Em muitos casos, a medicação para a diminuição das respostas autonômicas é indicada para um alívio mais imediato e para ajudar o cliente no próprio andamento da terapia. Porém, em outros, o trabalho focado na construção de repertórios de auto-observação e de observação das contingências, de respostas de enfrentamento dos eventos pré-aversivos e aversivos, de busca de reforçadores positivos e esquiva de eventos aversivos, entre outros, pode ajudar o cliente a diminuir as respostas de fuga/esquiva, sem que estas sejam trabalhadas de forma direta. O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir o caso de um cliente de 51 anos, com a queixa de nervosismo e agitação, e presença de respostas de fuga/esquiva de evitação/eliminação, sendo algumas delas repetitivas e estereotipadas, e que está sendo tratado a partir de uma abordagem analítico-comportamental sem o uso da medicação.

Comunicação Oral: “Análise do Comportamento na Orientação Profissional de Pessoas que Buscam Alternativas de Trabalho Formal e Informal”

Maria Elisabeth S. Caetano - UNIMEP, Fernanda Aguilera – UNIMEP

Parte dos nossos reforçadores é obtida pelo trabalho e para que todos tenham acesso a eles, uma possibilidade seria a sociedade consumir cada vez mais, outra seria a resolução dos problemas a partir de soluções para pequenos grupos (SKINNER, 1978). O Serviço de Apoio ao Trabalhador – SAT é um serviço voltado à orientação profissional para pessoas de baixa renda que buscam sua inserção no mercado de trabalho. Existente há dez anos, é fruto da parceria entre a Universidade Metodista de Piracicaba e a comunidade. Por meio de encontros sistemáticos e semanais entre professores e alunos do curso de Psicologia/UNIMEP e os participantes cadastrados, foram possibilitadas atividades como: atendimento, orientação e encaminhamento dos indivíduos desempregados aos processos seletivos; capacitação profissional; caracterização da população constituída por jovens em situação de vulnerabilidade social e dos adultos/idosos, dentre outras. Seu funcionamento tem sido garantido pelo Estágio Supervisionado em Psicologia Organizacional e do Trabalho e pelo desenvolvimento de

projetos de extensão e de pesquisa, com auxílio do Fundo de Apoio à Extensão (FAE) e do Fundo de Apoio à Pesquisa (FAP), da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP. Tais atividades, desenvolvidas ao longo da existência do SAT, apesar da consecução dos objetivos propostos para cada uma delas, apresentaram em comum a necessidade de se encontrar alternativas de trabalho para essa população. Essas pessoas foram excluídas do mercado formal por ausência de escolaridade e de qualificação profissional, e pelo desemprego estrutural. Frente a esta constatação, fez-se necessário auxiliar os participantes na escolha de outras atividades laborais, ação comum em programas de Orientação Profissional (OP). No entanto, este procedimento mostrou-se tão árduo quanto a tentativa de re-inserção desses no mercado de trabalho formal. A dificuldade na escolha se dava porque essa população adentrou na vida profissional se dispondo a realizar o serviço que aparecia e a atender as demandas que se apresentavam, quando da procura por um emprego, sem que houvesse uma escolha ou uma opção pessoal. Assim, não tendo um repertório comportamental para a escolha, viam-se incapazes de identificar seus interesses profissionais e confrontá-los com a sua real condição para abarcá-los (perfil versus condições de vida). Dessa forma, posto que os atuais programas de OP, subsidiados pela Análise do Comportamento, são poucos e ainda menos aqueles voltados para uma população com as características apresentadas, concluiu-se que uma das prioridades do SAT deveria ser a proposição e validação de um Programa de Orientação Profissional que atenda a essas pessoas.

Comunicação Oral: “Comportamento Infantil Não-Colaborador em Odontopediatria: um estudo por meio de operações estabelecidas e autocontrole”

Olivia Justen Brandenburg - UEL, Maria Luiza Marinho-Casanova - UEL, Verônica Bender Haydu – UEL

Dentre as linhas de pesquisa da literatura de odontopediatria, encontra-se a investigação acerca do comportamento infantil de não colaborar em atendimento odontológico. Enquanto muitos estudiosos buscam explicações em causas internas para este comportamento, como o medo ou a ansiedade, os estudiosos da Análise do Comportamento descrevem as interações entre o indivíduo e seu ambiente. Com este embasamento teórico, o presente estudo de caso de uma criança não-colaboradora (JM) visou explorar os conceitos de operação estabelecida e de autocontrole para contribuir com o esclarecimento sobre tal padrão comportamental infantil em odontopediatria. JM tinha 2 anos de idade e teve cinco consultas filmadas, três delas ocorreram em seqüência e outras duas ocorreram após 5 meses. Foram feitas análises quantitativas e qualitativas dos dados. Os registros de respostas de movimentos do corpo, choro/reclamações e atrasar o procedimento, levaram ao cálculo de índices de não-colaboração por consulta que variaram de 38,3% a 71,8%. A criança dificultou o trabalho das dentistas tanto em procedimentos invasivos como em profilaxia, tendo sido usada restrição física para a condução do tratamento. A análise das contingências mostrou que a criança estava sob o controle de estimulação aversiva presente no procedimento odontológico e que ela não demonstrava ter repertório de autocontrole. Dados de pesquisas da bibliografia indicam que o comportamento não-colaborativo infantil fica sob o controle de estímulos aversivos nesse contexto, caracterizando-se como respostas de fuga e de esquiva. Os estímulos aversivos têm, portanto, função de operações

estabelecedoras, ao aumentar o valor reforçador de seu término e evocar respostas de fuga, como o choro, a agitação e os movimentos de virar a cabeça e partes do corpo. Além disso, os estímulos aversivos seguem imediatamente a ação do dentista e o reforço positivo (dente saudável e bonito) é atrasado. O conflito entre estimulações aversivas e reforçadoras poderia favorecer o estabelecimento de autocontrole, mas nos casos em que o valor do estímulo punidor é muito maior do que o valor reforçador que é incerto, o conflito não se estabelece, não contribuindo para o desenvolvimento do autocontrole. Este parece ser o caso de crianças com histórico de não-colaboração em atendimentos odontológicos, o que sugere a necessidade do manejo das contingências presentes no contexto odontológico para amenizar estimulações aversivas e incluir reforçadores positivos imediatos. Isso favoreceria a aquisição de autocontrole. Conclui-se que os conceitos de operações estabelecedoras e autocontrole possibilitam a compreensão do comportamento infantil no contexto odontológico e pensar alternativas para intervenção.

Comunicação Oral: "Seleção por Competências na Entrevista Comportamental"

Mariana Caldas Porto - UCG, Renato Campos Faustino - UCG, Nicolau Chaud de Castro Quinta – UCG

Um processo seletivo pode ser composto por diversas etapas. As mais utilizadas são: análise de currículo, verificação de interesse, entrevista, ensaio comportamental e avaliação psicológica. Nesse contexto, cada vez mais, a seleção por competências é usada, de forma complementar, na etapa da entrevista. A seleção por competências configura-se pela tentativa de avaliar o potencial do candidato, com base em padrões de comportamento e desempenho relatados. O entrevistador tem grande importância nesse processo, pois sobre ele recai a responsabilidade de elaborar as perguntas, de forma que as respostas sejam objetivas e tragam dados do comportamento passado do indivíduo. O relato deve conter um evento antecedente (contexto), o comportamento emitido e suas conseqüências. Cabe ao entrevistador, ao entrar em contato com esse relato, analisar se o padrão comportamental relatado e o esperado para o cargo em aberto são coerentes entre si, o que pode ser feito através da análise funcional. Sob o referencial teórico da Análise do Comportamento, a entrevista pode ser compreendida como um episódio verbal, no qual o mando, o tacto, o ecóico, o intraverbal e o autoclítico aparecem em alta frequência. E, saber diferenciar cada uma dessas categorias pode auxiliar o entrevistador a atingir seu objetivo com maior êxito. Esse trabalho visa discutir essas questões, a fim de que haja uma melhoria na utilização desse instrumento de avaliação.

Mesa Redonda: "A proposta da Análise do Comportamento para Intervenções em Contextos Organizacionais"

Fernanda Meirelles - PUC-SP/Núcleo Paradigma, Daniel Veiga - PUC-SP/Núcleo Paradigma, Renata Reali - PUC-SP/Núcleo Paradigma, Gabriel Careli - PUC-SP/Núcleo Paradigma, Ronivaldo Silva - Núcleo

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

Paradigma, Maria Izabel Campos - UNINOVE/Núcleo Paradigma, Cristina Arima - Universidade Presbiteriana Mackenzie/Núcleo Paradigma, Patrícia Mendes - Núcleo Paradigma

Coordenador: Livia Aureliano - Núcleo Paradigma, Universidade São Judas Tadeu

As questões relacionadas à interação entre os indivíduos e o ambiente organizacional vêm ganhando espaço entre estudiosos interessados na aplicação dos conceitos básicos da análise experimental do comportamento neste contexto. Desde 2007, um grupo de estudos foi constituído com o objetivo de discutir o conhecimento produzido pela OBM (Organizational Behavior Management) ao longo do tempo e como este vem sendo aplicado nas organizações. O objetivo desta mesa redonda é o de apresentar algumas discussões relevantes para esta área do conhecimento, assim como pesquisas que estão sendo realizadas por diferentes estudiosos da OBM. O primeiro trabalho refere-se à reflexão sobre como o controle aversivo está presente nas relações de trabalho e quais os efeitos de curto, médio e longo prazos para cada um dos indivíduos envolvidos e para os resultados obtidos pela organização. Já o segundo trabalho apresentará a proposta de um dos principais autores da OBM, Aubrey Daniels, a Performance Management (PM). Esta abordagem, considerada pelo autor como sistemática e orientada por resultados, tem como objetivo o gerenciamento de pessoas no trabalho baseado no reforçamento positivo. A terceira apresentação pretende expor algumas das pesquisas realizadas por autores da OBM e a relevância de cada uma delas para o aprimoramento da prática do analista do comportamento nos aspectos organizacionais que geralmente são o foco de intervenção dos psicólogos que atuam nesta área.

Apresentação 1:

Muitos dos problemas vividos por gestores e colaboradores em geral são produtos de um extensivo controle aversivo. Apesar disso, o que é possível observar, a partir da prática organizacional é que o reforçamento negativo e a punição continuam sendo os principais, se não os únicos, recursos utilizados no controle pessoal e dos grupos. Esta apresentação tem como foco analisar problemas como absenteísmo, acidentes de trabalho, comportamentos de sabotagem, “desmotivação”, “falta de comprometimento” com as atividades da empresa, como comportamentos de fuga, esquiva e contracontrole, efeitos diretos e indiretos do uso do controle aversivo.

Apresentação 2:

O objetivo desta apresentação é expor a proposta da Performance Management (PM), do Aubrey Daniels, que tem como foco principal a mudança de um ambiente baseado no controle aversivo para um ambiente controlado por reforçamento positivo. A partir dos conceitos da Análise Experimental do Comportamento, este autor propõe uma análise denominada ABC (Antecedentes, Behavior, Conseqüências) como uma ferramenta eficiente de avaliação e intervenção organizacional, com o foco direto no comportamento dos indivíduos envolvidos. Além disso, Daniels aponta para a

importância da observação direta dos comportamentos para a realização de intervenções, assim como o estabelecimento de pontos-chaves (pinpoints) como um primeiro passo para a intervenção. O conceito de esquemas de reforçamento apresenta-se como um aspecto fundamental na sua proposta, visto que muitos problemas de desempenho estão relacionados com os esquemas em vigor (exemplo, esquemas de remuneração fixa e variável). Por fim, a mensuração de comportamentos e resultados é apontada como o principal diferencial da PM enquanto uma abordagem sistemática de gestão de pessoas.

Apresentação 3:

Esta apresentação tem como objetivo discutir algumas pesquisas estudadas pelo grupo e expor algumas das reflexões realizadas ao longo dos encontros. Além disso, pretende-se discutir a extensão da aplicação dos conceitos e a sua relevância para a área organizacional. A apresentação de cada pesquisa focará, além da maneira como os conceitos são aplicados no meio organizacional, quais são seus principais objetivos, alvos de intervenção, seus procedimentos, assim como os resultados obtidos e os impactos de cada um no contexto geral da organização.

Mesa Redonda: “Aprendizagem Relacional e Aquisição de Habilidades de Leitura e Escrita por Portadores de Deficiência Mental”

Cristiana Ferrari - UNESP-Marília, Elisandra André Maranhe - UNESP-Bauru, Maria Clara de Freitas - UFSCar, Julio Cesar de Rose – UFSCar

Coordenador: Julio Cesar de Rose - UFSCar

Apresentamos aqui três estudos que tiveram como participantes pessoas com diferentes diagnósticos e níveis de deficiência mental, e obtiveram sucesso na aplicação de procedimentos de ensino de habilidades básicas de leitura com base em princípios da Análise do Comportamento. O primeiro estudo investigou a aquisição de pré-requisitos para leitura, as habilidades generalizadas de pareamento por identidade com construção de resposta em duas crianças com síndrome alcoólica fetal que apresentavam dificuldade no desempenho desta tarefa. O segundo estudo tentou verificar os efeitos da aplicação de um programa informatizado, que estabelece equivalência entre palavras impressas, palavras faladas e figuras para desenvolvimento de repertórios de leitura e escrita, em crianças com Síndrome de Williams-Beuren. O terceiro estudo, por fim, adaptou a versão informatizada deste mesmo programa de ensino para aplicação a três crianças com deficiência mental incluídas em escolas regulares. Construiu, para tanto, três procedimentos consecutivos introduzindo gradualmente modificações no programa de ensino. Estes três estudos, em resumo, lançam luz sobre a aprendizagem de pessoas com níveis de capacidade intelectual prejudicados e que não encontraram sucesso em outras tentativas de ensino. Mostram que estas pessoas são capazes de aprender habilidades componentes do repertório de leitura e escrita, frente a procedimentos de ensino

adequados e adaptados às suas potencialidades. Rebatem, assim, questionamentos sobre a possibilidade de ensino de repertórios complexos a tais indivíduos, e oferecem indicações de estratégias aconselháveis para tais empreendimentos.

Apresentação 1:

O transtorno do espectro álcool fetal (TEAF) designa o espectro de efeitos teratogênicos decorrentes da exposição pré-natal ao álcool. A gravidade dos efeitos adversos depende fatores, como a quantidade e frequência do consumo de álcool e o período da gestação em que houve ingestão de álcool. Em um dos extremos do espectro está a síndrome alcoólica fetal (SAF). Indivíduos com SAF apresentam anormalidades estruturais do sistema nervoso central, deficiências de crescimento (e.g. baixo peso e altura e anormalidades faciais. Uma das conseqüências mais graves da síndrome é a deficiência intelectual. Do outro lado do espectro estão indivíduos com déficits comportamentais e cognitivos, porém em menor grau. Elevada prevalência de déficits de atenção, em habilidades perceptuais e dificuldades de aprendizagem já foram relatadas em crianças com TEAF. A identificação e ensino de habilidades pré-requisitos para o aprendizado da leitura e escrita pode ser tarefa necessária na programação de condições de ensino mais eficazes para indivíduos com as características acima. Programas de ensino baseados em procedimentos de controle de estímulos podem exigir um repertório prévio de habilidades que podem estar pobremente desenvolvidas em alguns sujeitos. Uma destas habilidades é o emparelhamento por identidade com construção de resposta, frequentemente utilizada em programas de ensino baseados no paradigma de equivalência de estímulos. Neste estudo, investigou-se a aquisição de habilidades generalizadas de pareamento por identidade com construção de resposta em duas crianças com SAF que apresentavam dificuldade no desempenho desta tarefa. Os sujeitos foram ensinados, inicialmente, a emparelhar por identidade seqüências de duas figuras, com construção de resposta. Cada participante foi instruído a apontar o primeiro elemento da seqüência e nomeá-lo; em seguida, deveriam selecionar o estímulo de comparação correspondente; o mesmo procedimento era repetido para o segundo elemento da seqüência. Na etapa seguinte, utilizou-se seqüências de desenhos em preto e branco, símbolos e formas geométricas como modelos. O treino de emparelhamento com construção de resposta prosseguiu, então, para seqüências de letras com dois, três e quatro elementos. Blocos de seis tentativas eram apresentados por sessão, variando-se os modelos e o número de alternativas. Na primeira tentativa da sessão, dicas para resposta de observação ao primeiro componente do modelo eram fornecidas. Erros de ordenação subseqüentes eram seguidos por reapresentação da tentativa e o experimentador provia uma hierarquia de prompts para a resposta de observação e de escolha, caso os erros persistissem. A hierarquia de prompts em uma dada tentativa era apresentada sempre que erros de ordenação ou observação na tentativa precedente fossem observados e era retirada após o sucesso em uma ou duas tentativas consecutivas. Respostas corretas eram seguidas por efeitos sonoros, elogios e apresentação da tentativa seguinte. Um dos sujeitos concluiu o treino após 51 tentativas, sendo que nas últimas 11 sessões, dentre 16, o sujeito atingiu 100% de acertos sem

qualquer tipo de ajuda. O outro participante completou o treino após 117 tentativas, tendo requerido ajuda mais frequentemente para atingir o critério de acurácia. Erros ocasionais de ordenação foram ainda observados nas últimas sessões. Em relação ao desempenho deste último participante, sugere-se que o ensino de habilidades para a detecção e autocorreção de erros podem ser necessárias ao desempenho bem sucedido em tarefas com construção de respostas.

Apresentação 2:

O paradigma de equivalência de estímulos envolve o ensino de discriminações condicionais e a verificação de discriminações emergentes, não diretamente ensinadas, mas que podem ser exibidas pelos participantes com base nas propriedades de relações de equivalência. A análise comportamental tem utilizado este paradigma para abordagem do comportamento simbólico e para o desenvolvimento de intervenções visando estabelecer repertórios simbólicos. Assim, o presente estudo tentou verificar os efeitos da aplicação de um programa informatizado, que estabelece equivalência entre palavras impressas, palavras faladas e figuras para desenvolvimento de repertórios de leitura e escrita, em crianças com Síndrome de Williams-Beuren. Os resultados mostraram a leitura e escrita, principalmente, das palavras ensinadas por todos os participantes, e para alguns a emergência de palavras não diretamente ensinadas durante e após a aplicação do programa. Acredita-se que a maior contribuição do estudo tenha sido mostrar que crianças com esta síndrome têm capacidade de aprender a ler e escrever com todas as suas dificuldades escolares. Este dado mostra maior significância quando se está diante de tão escassa literatura a respeito do processo de ensino-aprendizagem desta população e diante de estudos contraditórios encontrados

Apresentação 3:

Ao inserir crianças com deficiência mental na rede regular de ensino, a dificuldade encontrada pela escola em empreender um treinamento eficaz de habilidades acadêmicas que explore suas potencialidades faz prejudicar tanto sua aprendizagem quanto sua própria tentativa de inclusão. Estudos em equivalência de estímulos têm demonstrado sistematicamente a aplicabilidade de procedimentos baseados neste paradigma em indivíduos com deficiência mental, bem como a eficácia de metodologias similares no ensino de habilidades rudimentares de leitura e escrita a outras populações, como pré-escolares e crianças com atraso na alfabetização. Os objetivos deste estudo foram: a. investigar condições necessárias para o ensino de crianças com deficiência mental como emprego de um programa computadorizado de ensino de habilidades de leitura e escrita, fundamentado no paradigma de Equivalência de Estímulos, e b. adaptar a versão informatizada deste programa de ensino para aplicação a esta população, na tentativa de obter resultados de leitura e escrita compatíveis com os obtidos com as crianças com história de fracasso escolar. Foram construídos três procedimentos consecutivos, tendo como fonte de dados para introdução de modificações no programa o próprio desempenho dos participantes, três crianças com deficiência

mental inseridas em escolas regulares. O Procedimento 1 realizou modificações formais no programa, como troca de estímulos (palavras e figuras) e exibição da fonte em letras maiúsculas. O desempenho alcançado por tal treino foi regular e, assim, o segundo procedimento introduziu modificações mais estruturais, como treino em blocos e tentativas de emparelhamento auditivo-visual com diferenças críticas entre as palavras, tendo alcançado grande sucesso para virtualmente todas as tarefas de habilidades de leitura e escrita testadas. Frente a estes dados, um último procedimento realizou refinamentos no programa, com um treino de menor duração e com palavras maiores, e conseguiu alcançar os mesmos altos índices de acertos para todas as tarefas, índices comparáveis aos obtidos por crianças sem deficiência com o programa de ensino original, evidenciando, assim, a possibilidade do uso de tal procedimento para auxílio na alfabetização de crianças com deficiência mental.

Comunicação Oral: “Dificuldades na Realização de Trabalho de Conclusão de Curso: análise de contingências”

Mariantonia Chippari - Universidade Metodista de São Paulo, Mariana Januário Samelo - USP / Universidade Metodista de São Paulo, Angélica Capelari - Universidade Metodista de São Paulo / USP, Regis Reis Guedes - Universidade Metodista de São Paulo

As Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Psicologia propõem que o futuro psicólogo deva, ao final do curso, demonstrar habilidades sobre uma determinada área de atuação ou conhecimento psicológico e para isso propõe o desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). No curso de Psicologia da UMESp, esta é uma experiência que ocorre há cinco anos e, ao longo desse processo, constatamos, de maneira assistemática, a ocorrência de diversas dificuldades para a realização deste trabalho. O TCC envolve atividades para os alunos como manter contatos sistemáticos com o professor/orientador; cumprir os prazos estabelecidos; grande quantidade de leitura, entre outros. Para o professor/orientador, as atribuições referem-se a orientar a elaboração do TCC em encontros periódicos e avaliar o desempenho acadêmico científico do orientando, entre outros. O tema e o orientador são escolhidos pelo aluno e o trabalho pode ser feito de forma individual ou até em trios. Buscando entender as dificuldades identificadas neste processo, o presente estudo procurou investigar as contingências envolvidas no desenvolvimento do TCC. Alunos que iniciaram seus TCC há pelo menos dois anos responderam a um questionário misto que, além de traçar seu perfil sócio demográfico, pedia que descrevessem as diversas etapas do desenvolvimento de seus trabalhos, bem como as dificuldades encontradas em cada uma delas. A análise das respostas mostrou que as dificuldades estavam relacionadas às atividades propostas para desenvolvimento do TCC (escolha do tema, acesso à bibliografia, coleta de dados, redação do trabalho, falta de tempo, etc.), ou as relações estabelecidas com o orientador. Os dados deste estudo apontam importantes indicadores que deverão ser avaliados pela coordenação do curso buscando estabelecer possíveis contingências que possam minimizar estas dificuldades.

Comunicação Oral: “Estratégias Metodológicas de Ensino-Aprendizagem para o Estágio Supervisionado em Terapia Analítico-Comportamental da UESPI.”

Cristiane Matos, Hadassa Pinheiro, Louise Uchôa

As contingências vigentes no estágio supervisionado em Psicologia Clínica da Universidade Estadual do Piauí se caracterizam por: diretrizes insuficientes para nortear as atividades de estágio; simultaneidade entre cinco estágios obrigatórios; escassez de professores; falta de estrutura própria para o Serviço de Psicologia, impondo ao supervisor ficar sob controle exclusivo do relato das sessões; possibilidade do aluno migrar ao final do semestre, tanto de atividade de estágio quanto de abordagem; déficits nos conteúdos relativos à teoria aplicada à prática. Tais contingências selecionaram a necessidade de implantar estratégias norteadas pelas seguintes preocupações: Quais as melhores estratégias metodológicas para treinar um analista do comportamento, dentro das condições de estágio oferecidas na UESPI? Como realizar um serviço de atendimento psicológico caracterizado por ética e profissionalismo, ainda que circunscrito às atividades de estágio? Como os clientes irão caracterizar o serviço utilizado, bem como, o profissional que o executou? O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência da construção das estratégias metodológicas aplicadas ao modelo de supervisão caracterizado pelo enfoque da Análise do Comportamento. Destacam-se como elementos estruturantes das estratégias: programa de ensino com ênfase nos conhecimentos sobre a epistemologia, sobre os princípios e sobre os procedimentos alusivos à Análise do Comportamento; adaptação de instrumentos para o acompanhamento das operações realizadas pelos estagiários, durante a etapa de coleta de dados até a construção das análises funcionais; atividades de co-terapia com a função de estabelecer um maior controle sobre a prática clínica. A aplicação das estratégias metodológicas possibilitou que os estagiários/psicoterapeutas ficassem sob controle da avaliação pontual dos estagiários/co-terapeutas. Os estagiários/co-terapeutas ao mesmo tempo em que aprendem sobre a epistemologia e os procedimentos da Análise do Comportamento, têm a possibilidade de discriminar as contingências que permeiam o processo psicoterápico. Os atendimentos psicológicos não sofreram interrupções. A atividade de supervisão ficou sob o controle do relato do caso e da avaliação dos co-terapeutas. As orientações do supervisor tornaram-se menos erráticas. Alcançou-se uma maior sistematização das atividades do programa de estágio.

Comunicação Oral: “Avaliação das habilidades terapêuticas em um Curso Especialização em Terapia Cognitiva e Comportamental”

Fernanda Rizzi Bitondi - Psicolog, Juliana Setem Carvalho Tucci - Psicolog, Andreza Cristiana Ribeiro – Psicolog

Com desenvolvimento da Análise do Comportamento surge à preocupação com a sistematização da formação do terapeuta comportamental, para isso é preciso definir operacionalmente qual o repertório necessário para esta atuação. Assim, com base na importância da aquisição deste

repertório, dentro do contexto clínico, e sua relação com o processo de aprendizado de tais habilidades, que ocorre na supervisão dos atendimentos, o objetivo principal deste estudo foi o de averiguar a avaliação que alunos no último e penúltimo semestre de um curso de especialização em Terapia Cognitiva e Comportamental e seus respectivos supervisores faziam acerca das habilidades terapêuticas de tais alunos. Para isso, os alunos de duas turmas e seus supervisores responderam a uma entrevista fechada elaborada pela pesquisadora. A entrevista abarcava dados demográficos dos alunos, avaliação sobre a realização da análise funcional e 48 frases retiradas do Roteiro para Verificação do Desempenho do Terapeuta que descrevem 10 classes de comportamentos ocorridos em sessão e que foram avaliados quanto à sua frequência. Foram coletadas 20 entrevistas com os alunos (10 por turma). Os supervisores avaliaram 27 alunos, 15 da turma 1 e 12 da turma 2. Da amostra, 80% é do sexo feminino e a idade média da turma 1 é de 28,7 anos e da turma 2 de 30,2 anos. O tempo de atuação em clínica correspondeu a até dois anos em 70% dos alunos. Sobre a análise funcional, os alunos se avaliam como muito ou completamente aptos, o que é corroborado pelos supervisores. De uma maneira geral, a avaliação das duas turmas é semelhante, sendo que apenas em alguns momentos a turma 2 se classifica como mais apta que a turma 1, tais como nos itens do Roteiro de Verificação do Desempenho do Terapeuta. Mas na avaliação dos supervisores, a turma 1 teve melhor desempenho nos itens análise funcional e domínio teórico. A supervisão em si foi avaliada por mais de 70% dos alunos como boa e excelente. Um dado importante foi o fato dos supervisores avaliarem melhor o desempenho dos alunos do que eles próprios. Hipotetiza-se que isto possa ter ocorrido devido às contingências que controlam o comportamento do aluno em supervisão, a uma dificuldade na discriminação de suas habilidades ou ainda os supervisores avaliaram o comportamento dos alunos, no início da especialização e o repertório adquirido ao longo do tempo, enquanto que para os alunos, seu repertório como terapeutas ainda não produz os reforçadores esperados.

Palestra: “A Interface entre a Psicoterapia Comportamental e a Prática Psiquiátrica.”

Maria Cecília Freitas Ferreira - Psicolog/USP, Andreza Cristiana Ribeiro - Psicolog/FAFIBE, Henrique Tucci - Psicolog/UNICOC

Considera-se, atualmente, que a Psiquiatria e a Psicologia ocupam espaços próprios de atuação, porém, na prática clínica há muita dificuldade na delimitação destas ciências. Isto pode ser explicado pelo conceito multifatorial da doença mental, envolvida em aspectos neurobiológicos, ambientais e psicológicos. A maioria dos estudos recentes demonstra uma tendência para o uso de tratamentos combinados, ou seja, o medicamentoso e o psicoterapêutico, frente aumento da probabilidade de melhora em relação ao uso isolado dessas abordagens. Poucos estudos, sobretudo por questões metodológicas, orientam o uso de um dos tratamentos em detrimento de outro. Sabe-se que alguns comportamentos são alterados pelo uso de medicamentos, facilitando o trabalho do terapeuta, além

de vários distúrbios psiquiátricos, já bem medicados, só alcançarem remissão com a instalação de repertórios alternativos, instrumentalizando o indivíduo para lidar com as novas contingências da sua vida. Por outro lado, há patologias em que a ênfase no diagnóstico psiquiátrico e conseqüente “medicalização” pode atrapalhar o processo psicoterápico no sentido de impedir que o paciente sinta-se agente de seus comportamentos, essencial para o processo terapêutico. Dessa forma, pretende-se discutir criticamente as delimitações e interrelações entre a farmacologia e a psicoterapia na prática clínica da análise do comportamento. O trabalho visa, sobretudo, discutir a realização de classificações dicotômicas que possam prejudicar o andamento de um processo terapêutico coerente e benéfico para o paciente e a utilização da avaliação comportamental como proposta da interrelação entre essas duas abordagens de trabalho.

Comunicação Oral: "Depressão e Câncer de Mama: um estudo correlacional"

Camila de Aragão Simionatto - PUC-Campinas, Diana Tosello Laloni - PUC-Campinas

O câncer de mama é o tipo de câncer mais temido pelas mulheres, devido às repercussões psicológicas que acarreta, como a distorção da sexualidade e da própria imagem corporal (Rossi e Santos, 2003). Objetivou-se identificar e analisar os sintomas psicopatológicos dessa população. O estudo foi realizado em 10 pacientes com câncer de mama e 10 pacientes com outros tipos de câncer, na faixa etária de 40 a 60 anos, no setor de Quimioterapia de um hospital-escola do interior do estado de São Paulo. Para a coleta de dados, foi utilizada a Escala de Avaliação dos Sintomas (EAS-40), (Laloni, 2001), que é composta por 40 itens distribuídos em quatro dimensões: psicoticismo (Ps), obsessividade-compulsividade (Oc), somatização (S) e ansiedade (An), aos quais o respondente indica um grau de intensidade numa escala Likert de 3 pontos: 0 (nenhum), 2 (um pouco) e 3 (muito). A partir da análise descritiva, verificou-se que o grupo de mulheres com CA de mama (GRM) apresentou 0,60 do índice global de sintomas (IGS) enquanto o grupo de mulheres com outro tipo de CA (GRC) apresentou 0,43 de IGS, o esperado para a população clínica é de 0,38. Os resultados apresentados nas dimensões foram: Para GRM: Ps = 0,49, OC = 0,64, S = 0,78, An = 0,44; para GRC: Ps = 0,23, OC = 0,55, S = 0,51, An = 0,38.) Os resultados sugerem que a população de mulheres com câncer de mama apresenta um índice maior de sintomas psicopatológicos que os outros grupos, e em especial um índice considerado alto na dimensão somatização, o que pode indicar alterações significativas na auto imagem e portanto na auto estima. Observou-se também que todos os índices de sintomas foram maiores para o GRM do que para o GRC, podendo sugerir que esse grupo apresenta maiores problemas na esfera psicológica que o outro grupo. Os resultados apontados foram significativos para os dois grupos, no entanto sugere-se que novos estudos sejam efetuados.

Comunicação Oral: "Caracterização da Clientela Pediátrica Vítima de Queimadura Atendida em um Hospital na Cidade de Belém-Pa"

Fabiana Pereira Sabino de Oliveira - UFPA, Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência, Shirley dos Santos Carmona - UFPA, Eleonora Arnaud Pereira Ferreira – UFPA

No Brasil acontece um milhão de casos de queimadura a cada ano, dos quais 200 mil são atendidos em serviços de emergência e 40 mil demandam hospitalização. Ainda que o prognóstico para o tratamento da queimadura tenha melhorado nos últimos anos, ela ainda configura importante causa de mortalidade, além de resultar em morbidade pela associação com contextos de violência e negligência. Este trabalho objetivou: (1) caracterizar a clientela infanto-juvenil vítima de queimadura, atendida no Hospital Metropolitano de Urgência e Emergência (HMUE) da região metropolitana de Belém-PA, no período de março de 2006 a março de 2007; (2) identificar variáveis contextuais que sirvam de base para proposta de um programa de intervenção em ambiente hospitalar; e (3) caracterizar os contextos em que os acidentes que ocasionaram as queimaduras ocorreram.

Participaram deste estudo 164 cuidadores acompanhantes de crianças/adolescentes vítimas de queimaduras internadas no HMUE. Foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturado com perguntas sobre dados sócio-demográficos e questões referentes ao contexto em que ocorreu o acidente que ocasionou a queimadura (incluindo descrição do ambiente, pessoas presentes e conseqüências imediatas ao acidente). Os resultados indicam que a maioria das crianças/adolescentes hospitalizadas por queimadura era do gênero masculino (68%), confirmando a literatura que aponta fatores culturais associados a acidentes com crianças. O agente causador que apresentou maior freqüência foi a categoria líquido quente (n=93), com faixa etária predominante de 1 a 4 anos (n=69). A maioria da clientela permaneceu hospitalizada por um período igual ou inferior a 10 dias (n=53), seguido por período de 10 a 20 dias (n=51). Os cuidadores relataram acidentes em contextos envolvendo líquido quente, líquido inflamável, eletricidade, cinza e incêndio, predominantemente em ambiente domiciliar, na ausência da supervisão de um adulto. Dentre os relatos sobre o acidente ficou evidente déficits no repertório dos cuidadores acerca de marcos do desenvolvimento da criança. Os resultados são discutidos considerando-se a possibilidade de um efetivo programa de prevenção, tanto em nível primário (educação de pais sobre prevenção de acidentes domésticos), quanto em nível secundário e terciário (minimização das seqüelas resultantes da queimadura em longo prazo).

Comunicação Oral: “Terapia Analítico-Funcional de Grupo para Depressão”

Lúcia Oliveira - Fundação UNIRG – TO

Resumo: A terapia de grupo com um enfoque FAP é uma experiência nova no tratamento da depressão. Valoriza-se a relação genuína entre participantes do grupo, permitindo-se a vulnerabilidade emocional, a expressão de sentimentos e a construção de intimidade na relação interpessoal. Este trabalho valoriza a coesão do grupo compreendendo que a valorização dos indivíduos como participantes ativos dentro do grupo oferece oportunidades de desenvolver novas maneiras de interagir, de trabalhar com outros e de estar juntos. Isto torna o grupo num ambiente interessante para o tratamento da depressão por oferecer contingências interpessoais que são fundamentalmente similares com aqueles com as quais a pessoa depressiva não consiga lidar no seu cotidiano. Assim é uma oportunidade excelente de aprendizagem ao vivo.

Comunicação Oral: “Análise da Relação Terapêutica através da Especificação dos Episódios Verbais”

Celso Aparecido Athayde Neto - UniFil, João Juliani - UniFil, Marcos Roberto Garcia - UniFil, Livia Gabriela Selletti Massabki - UniFil, Marina Carioba – UniFil

Nas últimas décadas vem crescendo o interesse pelo estudo das relações verbais que ocorrem no contexto terapêutico. A análise feita por Skinner (1957) pouco foi explorada experimentalmente pelos clínicos da Análise do Comportamento. O comportamento verbal, como qualquer operante, é modelado e mantido por suas conseqüências. Partindo deste pressuposto, identificar as variáveis que

estão envolvidas neste processo contribui para a compreensão das relações entre pessoas. O terapeuta, como parte desta relação, muitas vezes, pune, modela, mantém e extingue comportamentos verbais sem saber dos procedimentos utilizados. Esta pesquisa objetivou (a) verificar os operantes verbais que ocorrem na interação cliente-terapeuta, (b) identificar a unidade de comportamento, (c) delimitar o episódio verbal na relação terapêutica. Participaram da pesquisa um cliente e um terapeuta do curso de Psicologia da UniFil. As sessões (04) foram filmadas e transcritas de acordo com o tempo de cada fala incluindo as pausas. As respostas verbais foram alocadas em episódios verbais. O falante/cliente permaneceu aproximadamente 70% do tempo verbalizando durante as sessões. Estas verbalizações foram classificadas como tatos (95,6%), mandos (4,0%) e ecóicos (0,4%). Os tatos eram controlados por estímulos específicos da vida cotidiana do falante/cliente e se foram distribuídos em: (1) tatos distorcidos - não raro o falante/cliente fazia uma afirmação sobre algo e imediatamente após se contradizia, como enfatizou ao ouvinte/terapeuta ser uma pessoa que tem facilidades para fazer amizades, porém o que a trouxe para a terapia foi a queixa especificada acima. Outra variação do operante tato foi a ocorrência de (2) tatos impuros, estes operantes apareciam como descrições de situações em que especificavam a forma de como o terapeuta deveria se comportar. A baixa frequência de mandos em relação a alta frequência de tatos impuros pode estar relacionada com as conseqüências emitidas pelo terapeuta para as respostas de mando. Os episódios verbais classificados como mando constituíram-se de perguntas que o falante/cliente emitia para o ouvinte/terapeuta, para que este esclarecesse respostas verbais emitidas imediatamente antes. Este operante, na relação, apareceu fazendo com que o ouvinte/terapeuta repetisse a pergunta anterior de maneira menos ampla e restringindo, assim, o campo de discussão sobre o assunto e permitindo ao falante maior tempo para editar a resposta. O tratamento das verbalizações possibilitou descobrir os controles das respostas verbais e colocou o terapeuta em contato com variáveis importantes da relação terapêutica contribuindo para uma mudança no comportamento do cliente.

Comunicação Oral: “Sentimentos do Terapeuta num Atendimento de Casal”

Rafaela Silvestre

O presente trabalho discute a possibilidade do uso dos sentimentos do terapeuta para intensificar o processo terapêutico realizado a partir das concepções de Kohlenberg and Tsai. Quatro fragmentos de um estudo de caso envolvendo um casal foram usados como ilustrativo do material. Sentimentos da terapeuta, no caso, sinalizaram melhoras clínicas. Mas também advertiram para intervenções potencialmente contra-produtivas. Assim, em diferentes maneiras, os sentimentos da terapeuta são sinais de contingências importantes no relacionamento com o cliente que não devem ser ignoradas. Através disso o terapeuta pode atuar em função das contingências e não dos sentimentos.

Comunicação Oral: “Terapia Cognitivo-Comportamental com Crianças: um estudo de caso com ênfase na adaptação de técnicas”

Renata Ferrarez Fernandes Lopes - Universidade Federal de Uberlândia

A terapia cognitivo-comportamental tem se desenvolvido muito desde seus primórdios no que tange a sua abrangência em termos de quadros nosológicos e populações estudadas. Sua aplicabilidade, com resultados positivos, em vários tipos de transtornos psicológicos e em diferentes populações tem demonstrado um êxito significativo com relação ao tratamento psicoterapêutico. A aplicabilidade e a adaptação das técnicas cognitivo-comportamentais à população infantil tem sido foco de pesquisas nas últimas décadas. Assim, esse trabalho tem como finalidade apresentar técnicas adaptadas em um estudo de caso com criança sob o enfoque teórico da terapia cognitivo-comportamental. Essas técnicas foram adaptadas e utilizadas visando mudança de contingências, modificações de repertório comportamental e treinamento de habilidades específicas. Os atendimentos foram realizados com a criança e o cuidador na Clínica Escola de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, no período de março a setembro de 2007 totalizando 16 sessões com a criança e 16 sessões com o cuidador. A criança deste estudo tem cinco anos, faz o primeiro ano da pré-escola e foi conduzida a terapia pela avó paterna com queixas relacionadas à agitação, impulsividade e comportamentos inadequados, como desobediência, brigas e contar mentiras. As técnicas adaptadas levaram em consideração o desenvolvimento cognitivo, afetivo e comportamental da criança, contexto social, características pessoais e os problemas trazidos pelo cuidador e pela criança. As técnicas utilizadas foram: técnica da metáfora luz do coração (para discriminação de situações problemas), técnica da vela e da flor (relaxamento respiratório) livrinho dos sentimentos (discriminação de estados afetivos), técnica do papel pardo (discriminação do componente físico/fisiológico das emoções), técnica quadro de rotina (organização das contingências vigentes no ambiente), técnica jardim das virtudes (reconhecimento e modificação de crenças), técnica conhecendo o pequeno e o grande eu (para avaliação e modificação da auto-estima) e jogo do elogio (reforçamento positivo contingenciado). Os resultados alcançados no processo de intervenção, através da aplicação das técnicas, foram significativos. Ficou evidente que a criança teve uma compreensão clara acerca dos problemas apresentados e das metas estipuladas para a terapia e adquiriu uma capacidade de manejar a agitação e impulsividade após o treino do relaxamento. Outro ponto importante é que a criança foi capaz de discriminar contingências vigentes percebendo seus comportamentos inadequados e as conseqüências deles decorrentes, bem como capaz de ampliar seu repertório de fuga-esquiva a fim de evitar situações problemas. Conclui-se que as técnicas propostas contribuíram para uma maior compreensão das contingências tanto por parte do cuidador como da criança e forneceu dados suficientes para ambas sobre qual repertório comportamental teriam que adquirir para produzir a mudança de contingência.

Simpósio: “Propostas Alternativas para o Ensino de Leitura: das palavras isoladas aos livros de histórias”

Laura Rabelo - UFSCar, Jaylsan Castro - UFSCar, Renata Pamplin - UFSCar, Lívia Felipe - UFSCar, Julia Rocca - UFSCar, Camila Domeniconi – UFSCar

Coordenador: Lidia Postalli – UFSCar

Debatedor: Aline Roberta Aceituno Costa – UFSCar

A baixa frequência do comportamento de ler pode estar relacionada a fatores de diversas naturezas (nos âmbitos social, econômico, cultural). As dificuldades iniciais na aquisição desse repertório de natureza simbólica e a escassez de experiências individuais satisfatórias com a leitura podem estar relacionados a insuficiência de reforçadores naturais do ler. Procedimentos de ensino sem erro podem favorecer a aquisição e a manutenção de leitura correta. Esse simpósio apresentará dois estudos que utilizaram procedimentos de treino individualizado para o ensino de leitura por meio do computador, diferenciados pela utilização do uso de palavras isoladas ou palavras retiradas de livros de histórias infantis que também são apresentados aos aprendizes. O primeiro estudo pretendeu investigar a eficácia de um procedimento de treino baseado em discriminações simples incluindo o uso de reforçamento diferente e específico para cada classe no ensino de leitura de palavras isoladas. Esse procedimento visou um ensino rápido e econômico. O segundo estudo teve como objetivo facilitar a aprendizagem de palavras isoladas, por meio de um procedimento de exclusão, e verificar a generalização da leitura para o contexto das histórias dos livros, visando que o uso do livro, paralelo ao computador, poderia fornecer reforçamento natural para o comportamento de ler. Ambos os trabalhos apresentaram resultados promissores para o ensino de leitura e sugeriram continuidade para pesquisas futuras na área.

Apresentação 1:

Tradicionalmente os estudos que se baseiam no paradigma da equivalência de estímulos como uma proposta de operacionalização das funções simbólicas superiores utilizam treinos de discriminação condicional para estabelecer relações arbitrárias entre estímulos. Uma das propostas mais pertinentes de ampliação do potencial empírico e tecnológico desse paradigma é o uso de procedimentos de treino baseados em discriminações simples, podendo incluir o uso de reforçamento diferente e específico para cada classe treinada. O presente trabalho pretendeu investigar a eficácia de um procedimento não tradicional, baseado nas alterações citadas acima, para o ensino de leitura de palavras isoladas. Nove crianças entre seis a dez anos participaram de treinos de discriminações simples com reforçamento diferencial e específico para cada classe de estímulos. No pré-teste apenas um participante apresentou índice de leitura maior que zero (6,7% de leitura), os outros participantes não leram nenhuma das 15 palavras apresentadas. Foram utilizadas como estímulos doze palavras e as figuras correspondentes a elas, apresentadas aos pares em esquemas de discriminação simples simultânea (duas figuras ou duas palavras). Os resultados do pós-teste mostraram que oito crianças apresentaram melhora nos índices de leitura com porcentagens variando de 20 a 80%. Os resultados dos pós-testes das relações BC/CB (figura - palavra escrita palavra escrita - figura) foi, em média, 81,1%, evidenciando também uma melhora significativa quando comparado com a média dos dados dos pré-testes (56,6%). Discute-se que, provavelmente, um treino com menos palavras por bloco e, portanto, menor variedade de reforçadores, poderia ser

ainda mais eficaz e rápido para a emergência de classes entre palavras impressas e figuras. (Trabalho de Iniciação Científica financiado pelo FAPESP)

Apresentação 2:

O processo de alfabetização é complexo e exige o desenvolvimento de metodologias eficazes que cumpram a função de alfabetizar de fato. Esforços têm sido empreendidos como fonte complementar ao ensino regular, e englobam a utilização do computador como meio de aprendizado. Em estudo realizado anteriormente conjugou-se dois métodos, aliando ao ensino de palavras isoladas a leitura de livros de histórias infantis, por meio de procedimento de treino ecóico. Os resultados apontaram para a aquisição de níveis elevados de acertos na leitura dos livros; no entanto, foram necessárias várias sessões de treino para alguns participantes atingirem o critério de leitura exigido. O presente estudo teve como objetivo verificar se o procedimento de exclusão poderia potencializar o efeito do ensino informatizado de palavras isoladas, tendo como objetivos facilitar a aprendizagem de palavras isoladas e a generalização da leitura para o contexto das histórias dos livros e possibilitar o estabelecimento de reforçadores naturais por meio do incentivo à leitura dos livros de histórias infantis. Quatro crianças de sete a nove anos com dificuldade em leitura e escrita completaram as etapas do programa desenvolvido para esta finalidade. O procedimento consistiu em três fases: leitura do livro para a criança pela pesquisadora, ensino informatizado de um conjunto de nove palavras mais freqüentes retiradas do livro e leitura do livro pela criança, com o devido registro da leitura pela pesquisadora. Foram incluídas avaliações em delineamento de linha de base múltipla, cuja principal tarefa consistia na leitura de dezesseis palavras retiradas de todos os livros de histórias infantis. Os resultados revelaram altos índices de acerto na leitura dos livros, altos índices de retenção e aumento do desempenho em leitura de todos os participantes. Ainda assim, faz-se necessária a participação de mais alunos para verificar a eficácia do procedimento, uma vez que alguns participantes apresentavam um repertório de entrada elevado em leitura de palavras isoladas simples, tipo consoante-vogal. (Trabalho de Iniciação Científica financiado pelo CNPq - PIBIC)

Mesa Redonda: “Os Três Níveis de Variação e Seleção do Comportamento e a Prática Clínica Analítico-Comportamental: alguns exemplos de atuação”

Graziela Siebert - Instituto de Terapia e Estudo do Comportamento Humano, Rogério Gomes Neto - Instituto de Terapia e Estudo do Comportamento Humano, Cristina Moraes - Instituto de Terapia e Estudo do Comportamento Humano

Coordenador: Graziela Siebert - Instituto de Terapia e Estudo do Comportamento Humano

O Behaviorismo Radical de B.F. Skinner considera o amplo repertório comportamental de um indivíduo como produto de três níveis de variação e seleção: a seleção natural (filogênese), a história

individual de exposição às contingências (ontogênese) e a história da cultura. O presente trabalho tem como objetivo exemplificar como ocorre a influência de cada um destes níveis em algumas problemáticas trazidas pelos clientes, e como a Terapia Analítico-Comportamental pode contribuir para uma atuação mais eficiente para o tratamento de cada uma destas problemáticas.

Apresentação 1:

O Transtorno do Pânico é um dos mais freqüentes e incapacitantes problemas dentre os transtornos ansiosos, representando um dos motivos de maior procura dos serviços de saúde no Brasil e no mundo. Considerando o comportamento do organismo como produto de três níveis de variação e seleção (filogênese, ontogênese e cultura), a proposta de atuação da Terapia Analítico-Comportamental para este transtorno constitui: 1. no esclarecimento (promoção da consciência) da relação entre alguns aspectos dos sintomas (primeiro nível) e as contingências em operação (segundo e terceiro níveis) e 2. alteração destas contingências, com o devido desenvolvimento de repertório comportamental. Estas duas estratégias conjuntamente são responsáveis por uma remoção mais eficiente dos sintomas característicos do Transtorno do Pânico.

Apresentação 2:

A discussão sobre o papel da religião na vida moderna extrapola a análise dos mecanismos e processos comportamentais nela empregados, uma vez que as religiões constituem somente uma parte do amplo universo cultural. A análise dos níveis de variação e seleção do comportamento constitui um importante recurso para a compreensão de fenômenos observados frequentemente: o comportamento humano sob controle de regras e contingências relacionadas a essa agência controladora especificamente, bem como os subprodutos emocionais provenientes dessa relação. A proposta da Terapia Analítico-Comportamental busca, nesse sentido, alterar certos mecanismos de controle, promover consciência, auxiliar no desenvolvimento de novos repertórios comportamentais e alterar os subprodutos emocionais.

Apresentação 3:

Atualmente houve um aumento da repercussão dos Transtornos Alimentares em toda a sociedade, inclusive com maior divulgação nos meios de comunicação. Estes transtornos são considerados graves, multideterminados e caracterizam-se por severas perturbações no comportamento alimentar. Os principais Transtornos Alimentares encontrados no DSM IV (2000) são: Anorexia Nervosa, Bulimia Nervosa e a compulsão alimentar. Considerando o amplo repertório comportamental de um indivíduo como produto de três níveis de variação e seleção: filogênese, ontogênese e cultura, o desenvolvimento dos Transtornos Alimentares dá-se a partir destes três níveis. Embora a Terapia Analítico-Comportamental basicamente atue no nível da ontogênese, deve também considerar a

influência de cada um deles no desenvolvimento e na manutenção de repertórios comportamentais indicativos de Transtornos Alimentares, para que se compreenda o comportamento alimentar do cliente de forma mais completa e a intervenção/manipulação das contingências seja mais eficiente.

Comunicação Oral: “Intervenção Comportamental no Ambiente Escolar: relato de caso de uma criança diagnosticada como autista”

Fabiana Pinheiro Ramos -UFES e Núcleo de Análise Comportamental do Espírito Santo , Filipe Moreira Vasconcelos - Centro Universitário Vila Velha

A efetivação da inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais nos diversos âmbitos sociais depende, não apenas da existência de leis, mas também de profissionais capacitados para lidar com as especificidades desta população em diferentes contextos. Nesse sentido, os profissionais dessas instituições necessitam cada vez mais de alternativas eficazes de ensino e manejo de comportamentos para trabalhar com essa população. A análise do comportamento aplicada tem uma importante contribuição a dar no âmbito da inclusão, na medida em que fornece tecnologia comportamental que pode nortear as intervenções dos profissionais, melhorando e promovendo seu desempenho e, conseqüentemente, favorecendo sua inclusão. O presente trabalho relata uma intervenção comportamental em uma escola regular da Grande Vitória/ES, com uma criança de cinco anos com necessidades educativas especiais, diagnosticada pelo psiquiatra como autista. Além da intervenção na escola, a criança era atendida por fonoaudiólogo, psicólogo e pedagogo, semanalmente. A intervenção foi realizada por um aluno finalista do Curso de Psicologia e supervisionada por um profissional Psicólogo da área. Inicialmente, foram registrados os principais comportamentos emitidos pela criança nos diferentes locais da instituição (sala de aula, pátio, dentre outros). O período inicial de observação durou nove dias, com duração diária de 2 horas e 30 minutos cada. Em seguida, os comportamentos da criança foram classificados, juntamente com os coordenadores da escola, como adequados e inadequados. Os comportamentos considerados como adequados seriam aqueles que, após serem emitidos, produziram conseqüências benéficas tanto para a cliente quanto para aqueles ao seu redor, enquanto que os comportamentos inadequados seriam aqueles que produziram conseqüências prejudiciais para a cliente ou para os demais integrantes da instituição. Após as classificações, registrou-se a freqüência de cada comportamento antes de qualquer intervenção, para que servisse como linha de base e ferramenta comparativa às intervenções ulteriores. A atuação no contexto escolar consistiu em reuniões com os professores com o objetivo de instruí-los sobre como manejar os comportamentos da criança, como também, intervenções mais diretas com a mesma, para que servissem como modelo para os profissionais da escola. Pode-se observar, neste caso, o aumento na freqüência dos comportamentos classificados como adequados e a redução dos comportamentos classificados como inadequados. Evidencia-se assim, a contribuição que a análise do comportamento pode oferecer para melhor adaptação do

indivíduo portador de necessidades especiais à escola, bem como adaptar a escola para atender às especificidades deste aluno.

Comunicação Oral: “Ensinando Professores a Identificar e Manejar Contingências na Sala de Aula: o papel do psicólogo escolar”

Mariana Kanebley Tavares - PUC-SP, Paula Barcellos Bullerjhan - PUC-SP

O objetivo dessa apresentação é discutir o papel do professor e do psicólogo escolar na determinação dos problemas e no planejamento de soluções para eles no âmbito educacional. Um estudo realizado pelo Inep com dados do IBGE indicou que mais de 40% dos alunos com idades entre 15 e 17 que largaram os estudos, o fizeram por falta de motivação para estudar. Gatti et. al (1994) realizaram uma pesquisa com 304 professores e demonstraram que a maioria deles não considerava seu próprio comportamento como parte do problema relacionado ao aluno e culpavam os alunos e seus pais pelo baixo desempenho. Myers e Holland (2000) apresentaram a 209 professoras cenários de situações em sala de aula para que dissessem qual era a função do comportamento do aluno e como agiriam em tal situação. A maioria deles não soube identificar a função do comportamento do aluno e propôs intervenções inadequadas. Se os professores soubessem analisar as contingências em vigor na sala de aula e identificar quais são as condições que estão mantendo os diversos comportamentos dos alunos poderiam com mais facilidade traçar intervenções para fortalecer os comportamentos desejáveis de seus alunos e enfraquecer os indesejáveis. Em relação à indisciplina, Iwata et. al (1994) demonstraram que a maior parte dos comportamentos disruptivos têm função de esquiva de demanda ou de ganho e atenção, e em estudos posteriores, Iwata et. al (2000) e Moore et. al (2002) mostraram ser possível ensinar pessoas não familiarizadas com as técnicas da análise de contingências a aplicar procedimentos que facilitam a identificação da função do comportamento. Em relação à lição dada, lições muito fáceis ou muito difíceis, falta de correção ou correções muito exigentes podem ser aversivas para o aluno e fazer com que ele se esquive da tarefa. É importante que o professor programe o ensino de forma a colocar objetivos intermediários e terminais e programe contingências reforçadoras para que o aluno se mantenha trabalhando motivado. Programas e técnicas de ensino têm sido desenvolvidos nos EUA e em outros países com o objetivo de treinar professores e equipes de escolas e têm mostrado bons resultados. Entre eles estão o Positive Behavior Support, a Direct Instruction, o Precision Teaching e o PSI.

Comunicação Oral: “Enfoque Clínico, Pedagógico ou Institucional: qual o papel do analista do comportamento na escola?”

Natália Marques , Ariela Holanda, Elayne Nogueira

Esse trabalho realizou uma avaliação crítica do papel do analista do comportamento no âmbito da instituição escolar, a partir da confrontação entre os enfoques Clínico, Pedagógico e Institucional no campo de discursos e práticas da Psicologia Escolar. Embora a conceituação dos enfoques analisados

esteja alocada, originalmente, em outro sistema psicológico, possíveis interlocuções entre a Análise do Comportamento e outros sistemas podem ser interessantes para um maior desenvolvimento da proposta analítico-comportamental. Entende-se, aqui, por enfoque clínico o modelo de intervenção psicológico que se baseia na reestruturação de comportamentos tidos como prejudiciais no contexto escolar, os chamados “problemas de comportamento”. O enfoque pedagógico, por sua vez, pauta-se no processo de aprendizagem, enfatizando a introdução de novas tecnologias e métodos de ensino, enquanto o enfoque institucional alerta a prática psicológica para a necessidade de contextualizar as problemáticas educacionais em lugar de contribuir com a normatização destas. Desse modo, deslocando a fonte de atenção do psicólogo escolar do déficit apresentado pelo sujeito para as relações estabelecidas por este com o ambiente escolar, a proposta de análise institucional distancia-se do enfoque tradicional, que orienta sua ação para comportamentos particulares sem, contudo, analisar as condições pelas quais aquele padrão comportamental é mantido. Nesses termos, comportamentos socialmente designados como “indisciplina”, “hiperatividade”, “agressividade”, dentre outros, não podem ser analisados sem ponderarmos a relação entre as práticas escolares e os comportamentos dos sujeitos que estão aí inseridos. Assim, ainda que o enfoque clínico e/ou pedagógico, atualmente adotado por diversos profissionais da área da análise do comportamento, seja de fundamental importância prática, principalmente no acompanhamento de indivíduos portadores de deficiência, é necessário, ao analista do comportamento, o desenvolvimento de novos modelos de intervenção em contexto escolar, tendo em vista a multiplicidade de sujeitos e relações envolvidas nesta instituição. Não se trata de definir, a priori, um modelo de intervenção para o analista do comportamento na escola, visto que sua função deve estruturar-se de acordo com o contexto da instituição. Entretanto, tendo em vista que os chamados “problemas de aprendizagem pedagógica” relacionam-se não somente à instituição escolar, não é suficiente a abordagem de comportamentos individuais, em um contexto específico. Em outros termos, é mister que se reconfigure os métodos de intervenção do analista do comportamento em contexto escolar, a fim de se enfatizar análises coletivas em detrimento de atendimentos individuais enquanto foco de intervenção.

Comunicação Oral: “As deficiências em Habilidades Sociais e sua Relação com a Depressão”

Conceição Santos Fernandes - UERJ, Eliane M. de Oliveira Falcone - UERJ, Aline Sardinha

Definições de Habilidades Sociais (HS) oscilam, entretanto estudos demonstram que as habilidades assertiva e empática se complementam e o comprometimento destas está associado a diversos transtornos psicológicos, como a depressão. Alguns autores acreditam que o déficit de HS seria antecedente a depressão, outros que seria causado por ela, ou ainda um fator de vulnerabilidade. O objetivo deste estudo foi verificar relações entre deficiências em HS e depressão. A pesquisa contou com 46 participantes adultos, sendo 23 pacientes diagnosticados com depressão, e 23 provenientes de uma população não clínica, após aprovação pela Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade

do Estado do Rio de Janeiro (COEP/UERJ). Os grupos foram pareados por sexo, idade e escolaridade. As medidas utilizadas foram: Inventário de Habilidades Sociais (IHS- Del Prette), Inventário de Empatia (IE – Falcone), Inventário Beck de Depressão (BDI) e um questionário elaborado pelos pesquisadores a ser respondido pelos terapeutas (QT), a fim de identificar padrões de interação social, diagnóstico, tipo e gravidade da depressão. Os participantes do grupo não clínico responderam, ainda, ao Self Report Questionnaire (SRQ). A partir da análise de dados não se observou diferenças significativas entre os grupos para o escore total e das subescalas do IE. Entretanto, os grupos diferiram quanto ao escore global do IHS ($p= 0.003$), e em suas subescalas: 2 -auto-afirmação na expressão do afeto positivo- ($p=0.015$), 4 -auto-exposição a desconhecidos ou situações novas- ($p=0.028$) e 5- auto-controle da agressividade ($p=0.001$). Quando se compara indivíduos deprimidos graves e moderados, diferenças significativas foram encontradas para o escore total do IHS ($p=0,007$), assim como para subescala 1- Enfrentamento com risco ($p=0,014$), 2 auto-afirmação na expressão do afeto positivo ($p=0.000$), 4 -Auto-exposição a desconhecidos ou situações novas ($p=0,023$), e para o escore total do IE ($p=0,023$). Por fim, verificou-se através dados obtidos pelo QT, que a depressão, em sua maioria (39,1%), foi desencadeada por estresse interpessoal. Os resultados indicam que: indivíduos deprimidos manifestam mais deficiências em HS do que não deprimidos; indivíduos com depressão grave manifestam mais deficiências em HS do que aqueles com depressão leve ou moderada. Uma possível explicação seria que indivíduos com HS rebaixadas, particularmente assertivas, quando expostos a estressores interpessoais, tornam-se mais propensos a depressão do que os socialmente habilidosos. Uma vez deprimidos, as deficiências se agravariam afetando outras habilidades (empáticas) devido ao processamento cognitivo disfuncional. O estudo não estabelece relações causais, mas levanta essa questão e apresenta limitações como o tamanho reduzido da amostra.

Comunicação Oral: “Déficit em Habilidades Sociais e Comportamento Governado por Regras: um estudo de caso clínico sob o enfoque analítico-comportamental”

Silvia Canaan - UFPA, Vanessa Carvalho – UFPA

Estudos demonstram que a exposição a contingências aversivas pode gerar efeitos colaterais prejudiciais ao indivíduo, produzindo fuga, esquiva e diminuição da variabilidade comportamental, além de controle excessivo por regras e déficit em habilidades sociais. O presente estudo tem como objetivo relatar um caso clínico de uma mulher adulta com uma história prévia de controle coercitivo e que apresentava como queixas iniciais dificuldade em administrar o próprio tempo e necessidade de controlar os filhos. Ao longo do atendimento clínico foi observado que as dificuldades apresentadas pela cliente estavam relacionadas ao déficit de habilidades sociais e seguimento excessivo de regras, como mecanismos de fuga/esquiva e reforçamento negativo, subprodutos de controle coercitivo. No período do atendimento, a cliente era casada, possuía dois filhos, ambos do sexo masculino, e trabalhava como servidora pública. Foram realizadas 16 sessões semanais com duração aproximada de 50 minutos cada, sendo que a intervenção terapêutica foi baseada nos princípios da Terapia Analítico-Comportamental, incluindo a valorização do que ocorre na sessão

(FAP) e ênfase na construção de repertórios (Abordagem Construcional), aliada a uma audiência não-punitiva por parte da terapeuta-estagiária. O atendimento teve como principais objetivos: aquisição de autoconhecimento por parte da cliente, discriminação de seus eventos privados, ampliação seu repertório de autocuidados, treino em habilidades sociais, aquisição de comportamentos de aceitação e exposição às contingências. Os resultados apontaram uma maior expressão de eventos privados por parte da cliente, aumento na frequência de comportamentos de autocuidados, tentativa de se desapegar de regras e auto-regras, além de ampliação do repertório de exposição às contingências. Os resultados foram discutidos à luz da literatura considerando-se a forte influência do controle aversivo nas interações sociais e na expressão de sentimentos, além da influência do ambiente familiar e das contingências de reforçamento social no desenvolvimento das habilidades sociais e do comportamento governado por regras. Recomendou-se à cliente a continuidade do processo psicoterápico a fim de fortalecer os resultados já alcançados, bem como proporcionar-lhe uma melhor qualidade de vida.

Comunicação Oral: “Habilidades Sociais de Pessoas com Deficiência Física em Busca de Emprego: caracterização para planejamento de intervenção”

Camila Pereira - UFSCar, Almir Del Prette – UFSCar

Ainda que os resultados de alguns estudos apontem para a semelhança entre o repertório de habilidades sociais de indivíduos com e sem deficiência física, o investimento na promoção de comportamentos sociais entre essas pessoas com necessidades especiais continua sendo relevante, uma vez que tal aprimoramento favorece o processo de inserção e ajustamento no mercado de trabalho. O objetivo deste estudo foi caracterizar as habilidades sociais de uma amostra de pessoas com deficiência física em busca de emprego para planejamento de um treinamento para o trabalho. Essa fase inicial contou com a participação de 23 pessoas com deficiência física, sendo 13 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com idade média de 26,7 anos. A maioria dos participantes possuía o ensino médio completo e pertencia à classe econômica C. Os instrumentos utilizados foram Critério Brasil e Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette). Os resultados obtidos no IHS-Del-Prette foram analisados conforme o sexo e a amostra normativa do instrumento, podendo ser classificado em repertório deficitário, bom ou elaborado. Em relação aos participantes do sexo feminino, o repertório de habilidades sociais foi classificado como bom, situando-se abaixo da mediana o escore total e os fatores enfrentamento com risco e auto-afirmação na expressão de sentimento positivo; e acima da mediana os fatores desenvoltura social, auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas e autocontrole da agressividade. Quanto aos itens, as mulheres relataram médias inferiores em: devolver mercadoria defeituosa, discordar, lidar com críticas injustas, elogiar, participar e encerrar conversação, defender outrem em grupo, expressar sentimento positivo, pedir favores, recusar pedidos abusivos, fazer perguntas, lidar com chacotas, pedir mudança de conduta, expressar desagrado, pedir ajuda, interromper a fala do outro. Os participantes do sexo masculino também

XVII ENCONTRO DA ABPMC – 28 a 31 de Agosto de 2008 – Campinas – SP

relataram repertório bom de habilidades sociais, estando abaixo da mediana apenas o fator auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas. Os itens relatados pelos homens com média inferior foram: manter e encerrar conversação, agradecer elogios, abordar autoridade, fazer pergunta, pedir favores, falar em público, lidar com chacotas, recusar pedidos abusivos. A comparação das médias entre os sexos dos participantes indicou que houve diferença significativa no escore total ($p=0,041$) e no fator enfrentamento com risco ($p=0,003$), sendo que em ambos os homens relataram médias superiores que as mulheres. Com essa avaliação é possível planejar um treinamento de habilidades sociais profissionais, com o intuito de preparar esses participantes para entrevistas de emprego e para o relacionamento interpessoal no trabalho.